



ДЕСЯТЬ ДНЕЙ

P E N G U I N  C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

JOHN REED

Dez dias que abalaram o mundo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JOHN REED

Dez dias que abalaram
o mundo

Tradução de
BERNARDO AJZENBERG

Introdução de
A.J.P. TAYLOR

*Apresentação à edição
americana de*
V.I. LÊNIN

PENGUIN
COMPANHIA DAS LETRAS



Sumário

Introdução — A. J. P. Taylor

Apresentação à edição americana — V. I. Lênin

Prefácio

Notas e esclarecimentos do Autor

1. O pano de fundo
2. A tempestade se aproxima
3. A véspera
4. A queda do Governo Provisório
5. Seguindo em frente
6. O Comitê de Salvação
7. O front revolucionário
8. A contrarrevolução
9. A vitória
10. Moscou
11. A conquista do poder
12. O Congresso Camponês

Apêndices

Cronologia

Outras leituras

Introdução

A. J. P. TAYLOR

Em 1964, a Penguin Books decidiu publicar o clássico relato de John Reed sobre a revolução bolchevique, *Dez dias que abalaram o mundo*, e convidou-me a escrever uma introdução à obra. A viúva de John Reed doara os direitos do livro ao Partido Comunista da Grã-Bretanha. Minha introdução foi submetida a Lawrence & Wishart, seus editores, e voltou repleta de objeções. Supostamente, diziam respeito a aspectos de ordem factual, embora para mim parecessem, em sua maioria, questões de opinião. Mesmo assim, acatei diligentemente essas objeções, alterando algumas observações, ou suprimindo-as no caso em que as mudanças acabariam por induzir a erros. A segunda versão, revisada, também foi a eles submetida. Replicaram, então, que minha introdução ainda continha erros e que apenas uma pequena parte do texto seria aceitável por eles — atitude que eu já esperava desde o começo. Lawrence & Wishart sugeriram, então, que outra pessoa escrevesse uma introdução que lhes fosse aceitável. A Penguin Books optou, na ocasião, por editar o livro sem nenhuma introdução. Agora, quando os direitos autorais já

caducaram, minha introdução pode, afinal, ser publicada.* E o leitor poderá julgar, livremente, se ela é aceitável ou não.

O livro de John Reed é um antigo clássico da política. Seu tema é a revolução bolchevique de 7 de novembro de 1917, e, pela primeira vez, um grande tema encontrou um narrador à altura. George Kennan, diplomata e historiador norte-americano, escreveu que “o relato de Reed sobre os acontecimentos daquela época situa-se acima de todos os demais registros contemporâneos, graças a sua força literária, sua profundidade, sua riqueza de detalhes. Ele será lembrado para sempre, enquanto os outros acabarão no esquecimento”. A obra de Reed não só é o melhor relato da Revolução Bolchevique, como está muito perto de ser o melhor relato já realizado sobre qualquer revolução. Revoluções são eventos tumultuosos, difíceis de ser acompanhados a seu tempo. Os que delas participam estão ocupados demais para registrar as próprias experiências durante seu desenrolar, e os vitoriosos estão ocupados demais, nos momentos subsequentes. De todos os líderes bolcheviques, apenas Trótski escreveu uma história detalhada da revolução, e isso muitos anos mais tarde, quando já se encontrava no exílio. Os vencidos tinham todo o tempo do mundo para fazê-lo, e muitos deles escreveram memórias. Tais memórias, porém, são frequentemente marcadas pelo atordoamento e pelos ressentimentos que se seguem a uma derrota. Sukhanov, o menchevique relutante, foi um dos poucos que conseguiram recompor o espírito da época.

Os observadores estrangeiros situavam-se do lado de fora dos acontecimentos, mesmo quando procuravam ser simpáticos à revolução — e poucos o foram. Ninguém seria capaz de ler com entusiasmo os relatos da Revolução Bolchevique produzidos pelos embaixadores britânico e francês. Alguns jornalistas fizeram algo um

pouco melhor, sobretudo Philips Price, do *Manchester Guardian*. Mas era patente que mesmo o melhor deles escrevia sobre acontecimentos que lhe eram estranhos, em um país estranho. John Reed ocupava uma posição diferente. Não estava engajado diretamente na revolução, tendo, por isso, tempo suficiente para observar aquilo que se passava: tempo para reunir jornais e panfletos; tempo para ouvir as conversas nas ruas; oportunidades até mesmo de atravessar fronteiras e saber o que ocorria do outro lado. Mas Reed, embora não estivesse engajado fisicamente na Revolução Bolchevique, estava-o do ponto de vista moral. Aquela revolução era também dele, e não um acontecimento qualquer em um país estrangeiro. Reed era um norte-americano radical, formado em Harvard e, naquela ocasião, um socialista apaixonado. Estava na Rússia como representante do *The Masses*, que era, então, o principal jornal radical e socialista dos Estados Unidos. A seus olhos, a Revolução Bolchevique não era apenas uma grande sublevação na Rússia. Era o começo da revolução internacional que ele, tal como os bolcheviques, estava empenhado em realizar. Reed compreendia o ponto de vista bolchevique, entendia a necessidade de uma revolução ampla e desejava o sucesso dessa revolução. Era um jornalista bom demais para escrever mero proselitismo, mas tampouco ocultava para qual lado pendiam suas simpatias. Tinha, ainda, uma outra qualidade, que complementava as demais: era um grande escritor. Tornando a citar Kennan: “Reed era um poeta de primeira grandeza”. Este livro é uma prova de que ele era, também, um prosador de primeira grandeza.

De tão fascinados que ficamos diante do trabalho de Reed, podemos, por vezes, perder a exata noção do que esse trabalho realmente é. Não se trata da História redigida com imparcialidade, com ampla bibliografia e a maior compreensão possível dos eventos

que se podia ter à época. Este livro é uma contribuição para a história, não uma análise estruturada *a posteriori*. Quando escreve aquilo que vê e experimenta na prática, Reed dá um testemunho de primeira mão. Mas muito do que aqui se encontra não é de primeira mão. Muitas vezes, Reed está sentado no silêncio de seu quarto de hotel, um cigarro à boca, batendo à máquina o seu texto para o *The Masses*. Ele reúne fragmentos de conversas e detalhes imaginados daquilo que provavelmente teria ocorrido, coroando isso tudo com um texto brilhante.

Reed costuma afirmar, por exemplo, que o Smolny, que sediava o soviete de Petrogrado, estava sempre “agitado”, com as luzes acesas a noite inteira, mensageiros e Guardas Vermelhos lotando seus corredores. O Smolny aparece, assim, como uma espécie de colmeia, com poucos detalhes a respeito do que as abelhas faziam ali. Reed, na verdade, não sabia. Era um jornalista estrangeiro, ainda que simpatizante, e os bolcheviques lhe revelavam poucos segredos. Como todo bom repórter, transmite a sensação de uma agitação desenfreada, quando, na realidade, na maior parte do tempo simplesmente não estava acontecendo nada, e ele próprio estava apenas conversando com outros jornalistas norte-americanos. Os próprios bolcheviques se mostravam preocupados com o arrefecimento do ímpeto revolucionário, fator essencial para levá-los à ação antes que fosse tarde demais.

Cabe, ainda, outra observação. Em 1927, Eisenstein, o famoso diretor de cinema, fez um filme por ocasião do décimo aniversário da Revolução Bolchevique, dando-lhe o mesmo título do livro de Reed, *Dez dias que abalaram o mundo*, e usando a obra como roteiro. A tendência é vermos o filme como algo que vem confirmar de alguma forma aquilo que é contado no livro. Mas não se trata disso. O filme

de Eisenstein não se baseou em registros documentais cinematográficos ou em pesquisas que lhe dessem bases históricas concretas. Ele apenas adaptou o livro para a linguagem cinematográfica. A maior parte do filme é ficção, como é, aliás, boa parte do próprio livro de Reed.

Não se pode confiar na obra de Reed em todos os seus detalhes. Seu grande mérito foi ter captado o espírito daqueles dias tão arrebatadores. Como a maioria dos escritores, Reed exagerava na dramaticidade, e essa dramaticidade, por vezes, estava acima da realidade. Muitos bolcheviques, ao lembrar aqueles tempos, com frequência baseiam suas recordações muito mais no livro de Reed do que em sua própria memória. Isso é muito comum. Veteranos da Primeira Grande Guerra enxergam as trincheiras pelos olhos de Robert Graves, Edmund Blunden e Sigfried Sassoon, e suas próprias lembranças são nebulosas. Nesse sentido, o livro de Reed instituiu uma lenda, que se sobrepunha amplamente aos fatos. Não que essa lenda fosse mentirosa. A maior parte das lendas surge de fatos. Mas o clima e as emoções que acompanhavam a revolução bolchevique não teriam vindo à tona com tanta clareza se Reed não tivesse estado ali para registrá-los. O livro de Reed constitui uma lenda, também, sob outro aspecto. Reed acreditava que os líderes bolcheviques sabiam exatamente o que estavam fazendo, e a vitória da revolução confirmava essa crença. Os registros disponíveis, porém, sugerem outra coisa. Todos os dirigentes políticos se moviam em meio a uma neblina de revolução, que parecia, muito mais, a neblina de uma batalha. A revolução bolchevique não foi uma obra de todo orquestrada, com uma partitura prévia. Ela foi composta, como a maior parte dos acontecimentos, por muita confusão e mal-entendidos, por grandes realizações e grandes falhas humanas, cujo

desenlace surpreendeu os vitoriosos tanto quanto atordoou os vencidos.

O livro de Reed, como sugere o título, concentra-se nos acontecimentos do começo de novembro de 1917, quando os bolcheviques tomaram o poder em Petrogrado, tornando-se, então, dominantes em toda a Rússia. Esses acontecimentos constituíam o último ato de um drama e, ao mesmo tempo, o primeiro de um outro drama. O primeiro era a Revolução Russa, que se desenrolava desde março de 1917. O segundo drama deveria ser a vitória do comunismo internacional, mas tornou-se algo bem diferente disso. Ambos estão implícitos no livro de Reed.

Em agosto de 1914, a Rússia Imperial se envolveu na grande guerra europeia. A Rússia era uma autocracia, cujos destinos eram definidos pelo medíocre tsar Nicolau II. Havia um parlamento, a Duma, dotado de pouco poder. Havia partidos políticos. Havia até mesmo um Partido Social-Democrata. Sua ala esquerda, os bolcheviques, contava com alguns poucos milhares de membros. Era o único partido contrário à guerra. Sua voz era quase que ignorada. Seu jornal, o *Pravda*, estava proibido. A maior parte de seus líderes se encontrava no exílio — alguns na Sibéria, e Lênin, o mais antigo deles, na Suíça. A Rússia estava mergulhada no caos. Todo um sistema arcaico ruía diante das pressões oriundas daquela guerra moderna. As estradas de ferro estavam sobrecarregadas, levando suprimentos para tantas tropas. Nas cidades a comida era escassa, a não ser para os ricos. Os moradores de Petrogrado passavam fome. Muitos políticos pregavam uma mudança de regime. Mas ninguém fazia nada.

Em março de 1917, ocorreram levantes por comida em Petrogrado. A guarnição local, formada por reservistas de meia-idade que não queriam ser mandados para o front, juntou-se aos amotinados. Os

cossacos,** em geral responsáveis pela manutenção da ordem, mantiveram-se passivos. O tsar estava no quartel-general do exército. Integrantes da Duma instaram-no a abdicar. Os generais apoiaram a iniciativa. Nicolau II aquiesceu. E essa foi a Revolução Russa de março de 1917. Ela se realizou nas ruas de Petrogrado, sem líderes e sem qualquer programa. O tsar se foi. Quanto ao restante, nada mudou. As tropas continuavam a lutar toscamente no front. A máquina burocrática continuava a emitir ordens no vazio. Nas palavras de Trótski, o poder estava nas ruas.

Durante o levante, foi constituído em Petrogrado um Soviete ou Conselho de Deputados Operários e Soldados, nos moldes do que ocorrera na Revolução Russa de 1905. Seus dirigentes eram socialistas moderados, bastante desejosos de não fazer nada que fosse ilegal. Eles solicitaram aos integrantes da Duma que assumissem o poder, e estes logo formaram um governo provisório. Embora fosse chamado de democrático, esse governo não tinha nenhum mandato popular, e contava com pouco apoio entre os habitantes. Simplesmente levou adiante o velho sistema, da mesma forma como o corpo de uma galinha continua a se mover pelo quintal depois de ter a cabeça cortada. Ninguém sabia para onde ir. Ao voltarem da Sibéria, os primeiros bolcheviques, entre eles Stalin, também acataram o poder do governo provisório e deram apoio patriótico à guerra.

Longe, na Suíça, Lênin entrava em desespero. Em sua visão, uma grande oportunidade estava sendo perdida — oportunidade não apenas para uma revolução socialista na Rússia, mas para a eclosão de uma centelha capaz de detonar a revolução em toda a Europa. Se o povo russo pusesse fim à guerra, os trabalhadores de todos os demais países beligerantes seguiriam o exemplo; haveria uma revolução generalizada, e o socialismo internacional se instituiria. Este era o

ponto central da política de Lênin: revolução em toda a Europa, não apenas na Rússia. Seus seguidores bolcheviques não acompanhavam essa política, e ele não contava com nenhum tipo de apoio na Suíça. Por isso precisava, de alguma forma, voltar para a Rússia. O governo francês recusou-lhe autorização para cruzar seu território. Hesitante, Lênin fez um acordo com o Estado-Maior germânico e, acompanhado de outros trinta revolucionários russos, atravessou a Alemanha em um trem blindado. Em Petrogrado, não perdeu tempo. Encaminhou-se diretamente para o quartel-general dos bolcheviques e disse: “Defendo a realização de uma segunda revolução”. A proposta de Lênin foi derrotada por doze votos a um, sendo este último dele próprio. Ele simplesmente riu e afirmou: “O povo russo é mil vezes mais revolucionário do que nós”.

Esse fato ficou demonstrado pelos acontecimentos de julho, que marcaram o segundo ato da Revolução Russa. O I Congresso Pan-Russo de Sovietes reuniu-se em Petrogrado. Exatamente ao mesmo tempo, Kerenski, um socialista moderado que encabeçava o governo provisório, ordenou uma nova ofensiva contra os alemães. Essa ofensiva se revelou um erro catastrófico. Grandes manifestações se realizavam em Petrogrado, pedindo o fim da guerra e “todo poder aos soviets”. Os dirigentes dos soviets mandaram as pessoas voltarem para suas casas. Até mesmo Lênin reconhecia que a reivindicação era prematura. A população de Petrogrado se encontrava em clima de revolução, mas seu espírito ainda não ganhara o restante do país. Petrogrado estava isolada. Sem organização e sem uma liderança clara, as manifestações se esvaíram.

Kerenski avaliou, então, que chegara a hora de pôr um fim à revolução. Vários líderes bolcheviques foram presos. O mais proeminente deles era Trótski, que retornara dos Estados Unidos em

maio e tinha acabado de aderir ao partido bolchevique. Seu nome acabaria por predominar nos acontecimentos seguintes. Lênin também preferia ser preso e lançar o desafio de um julgamento público. Mas contra ele pesavam fortes acusações de que seria um agente germânico. Seus colegas bolcheviques temiam que ele fosse assassinado na prisão, e por isso insistiam que se mantivesse escondido. Lênin foi para um vilarejo próximo, onde nadava em um lago e ajudava a cuidar do feno. Quando a polícia começou a fazer buscas, ele se mudou para Helsinque, a capital da Finlândia, então uma província autônoma do Império Russo. Ali, alojou-se na casa do delegado de polícia local, que era também bolchevique — um arranjo bastante conveniente. Lênin estava seguro, mas Helsinque ficava a cinco horas de trem de Petrogrado. Ele era obrigado a acompanhar pelos jornais o que ocorria em Petrogrado e só podia exercer alguma influência sobre os bolcheviques por meio de cartas e panfletos que escrevia. Ficava cada vez mais impaciente, inquieto. O fulgor revolucionário diminuía cada vez mais. Poucas pessoas ainda se preocupavam em participar das reuniões dos sovietes. O Soviete de Petrogrado, que ocupava um prédio maravilhoso no centro da cidade, foi deslocado para o Instituto Smolny, antigo colégio suburbano para as filhas da nobreza. Kerenski acreditava que logo conseguiria pôr fim à existência do soviete.

Kerenski, porém, calculara mal. Encorajou o general reacionário Kornilov a marchar sobre Petrogrado e restabelecer a ordem. Mas foi surpreendido ao saber que Kornilov pretendia destruir não só os sovietes, como também o próprio governo provisório. Kerenski fez um apelo, então, aos trabalhadores de Petrogrado para que salvassem a revolução, ou seja, ele próprio. Os bolcheviques foram libertados das prisões. Trótski tornou-se o presidente do Soviete de Petrogrado, e um

comitê militar revolucionário sob sua direção organizou a Guarda Vermelha — equipada, ironicamente, à custa do governo. O avanço de Kornilov sobre Petrogrado foi suspenso. Houve pequenos conflitos. Os soldados de Kornilov simplesmente voltaram para suas casas ou passaram a integrar a Guarda Vermelha. Kornilov desapareceu na obscuridade e foi assassinado em março de 1918 durante a guerra civil.

É nesse momento, meados de setembro, que começa o livro de Reed. De um lado estavam Kerenski e seu governo provisório, ainda editando ordens, ainda falando em nome da Rússia, mas com pouca autoridade no país e sem forças para reverter essa situação. Do outro lado, os bolcheviques agora tinham a maioria no Soviete de Petrogrado e em vários outros, inclusive o de Moscou. Controlavam a Guarda Vermelha. Mas não faziam uso desse poder. Com Lênin afastado, não sabiam como proceder. Pronunciavam discursos intermináveis. Alertavam as massas contra os perigos da contrarrevolução, que acreditavam estar iminente. Aguardavam, assim, dentro de um clima de tensão que Reed soube descrever muito bem.

Em 28 de setembro, o comitê central do partido bolchevique se reuniu. Lênin, ainda na Finlândia, enviou uma “Carta de Afar”. Ele dizia: “Deveríamos de uma vez por todas começar a planejar os detalhes práticos de uma segunda revolução”. Os dirigentes bolcheviques, que tempos depois ostentariam sua intrepidez revolucionária — Trótski, Stalin, Zinoviev, Bukarin —, mostraram-se horrorizados com isso. Decidiram, por unanimidade, destruir todas as cópias da carta de Lênin. Por sorte, uma delas sobreviveu. Passavam-se as semanas. Lênin decidiu desafiar a orientação do comitê central de permanecer na Finlândia. Em 20 de outubro, ele volta para se instalar

em um subúrbio de Petrogrado, onde permaneceria escondido. Para disfarçar, raspou todo o rosto e, no dia decisivo da revolução, falou ao soviete sem a usual barbicha ruiva.

Em 23 de outubro, o comitê central voltou a se reunir no subúrbio onde Lênin estava — ironicamente, na casa de Sukhanov, um menchevique. A mulher de Sukhanov era uma bolchevique. Ela ligou para o marido e disse-lhe que, como estavam ambos muito cansados, ele deveria permanecer em Petrogrado e lá passar a noite. Lênin insistiu na necessidade de uma tomada imediata do poder; o comitê finalmente concordou, por dez votos contra dois, mas se deu conta de que não tinha nenhum papel para registrar a decisão. Lênin pegou um caderno escolar do filho de Sukhanov e redigiu a resolução a lápis em um pedaço de papel quadriculado. Já era madrugada. Alguém perguntou: “Bem, em qual dia será?”. Lênin, já se preparando para partir antes que as ruas começassem a clarear, respondeu, virando-se: “28 de outubro”.

Em 28 de outubro, nada aconteceu. O soviete se reuniu como de costume. Discursos foram pronunciados. O dia passou assim. Lênin ficou furioso. Convocou, então, uma nova reunião do Comitê Central, ampliada com os delegados das seções locais do partido. Mais uma vez, os bolcheviques votaram pela tomada do poder, agora para o dia 2 de novembro. Mais uma vez, nada aconteceu. Reed relata uma outra reunião no Smolny, em 3 de novembro, em que Lênin fixava o dia 7 de novembro para a ação, data em que estava marcada a realização do II Congresso Pan-Russo de Sovietes. Nesse caso, a imaginação de Reed levou-o longe demais. Essa reunião, de 3 de novembro, nunca existiu. Lênin não reapareceu no Smolny até o fim do dia 6 de novembro. É provável que ele tampouco houvesse definido a data de 7 de novembro. Ele pressionava, a todo tempo, pela tomada imediata do

poder em nome do partido bolchevique, e não dos soviets. Os demais bolcheviques tinham menos confiança na capacidade do partido para angariar apoio suficiente e procuravam se esconder por trás do nome dos soviets. Talvez Trótski, sendo presidente do Soviete de Petrogrado, voltasse um olhar mais favorável para os soviets. Alguns bolcheviques até mesmo esperavam que não fosse necessária uma revolução. O Congresso Pan-Russo teria uma maioria bolchevique. A maioria elegeria um novo comitê executivo, controlado pelos bolcheviques, e esse comitê se tornaria, por sua vez, o próprio governo, quase que imperceptivelmente.

Apesar da persistente incitação de Lênin, os bolcheviques não estavam, na verdade, preparados para assumir o poder. Os planos bolcheviques consistiam em estabelecer precauções defensivas para o caso de Kerenski tentar uma contrarrevolução e eram elaborados pelo comitê militar revolucionário, composto por três homens obscuros que não ocupavam posições de destaque no partido. Nenhum dos três tornou-se conhecido. Um deles morreu em um acidente automobilístico poucos dias após a tomada do poder; outro morreu durante a guerra civil; e o terceiro lutou na Espanha vinte anos depois e foi assassinado durante os expurgos promovidos por Stalin. Os líderes bolcheviques estavam muito ocupados fazendo discursos, em vez de planejar a revolução. Nenhum deles deu o empurrão definitivo. Nem mesmo o próprio Lênin.

O sinal para a revolução foi dado, de modo bastante estranho, pelo homem contra o qual o levante deveria ser dirigido: ninguém mais do que Kerenski, que encabeçava o governo provisório. Kerenski imaginava que conseguiria consolidar seu poder aparecendo como o guardião da ordem. Os eventos de julho ainda estavam vivos em sua memória. As massas, então, tinham se manifestado, sendo depois

dispersadas, e o prestígio de Kerenski aumentara. Agora, todas as forças significativas da Rússia certamente tornariam a se aliar a Kerenski caso ele enfrentasse de vez os bolcheviques.

Kerenski achava que os bolcheviques estavam prestes a desencadear a insurreição. As posições de Lênin haviam se tornado públicas. Zinoviev e Kamenev, os dois bolcheviques que tinham votado contra ele, não limitaram essa oposição ao debate interno: os dois publicaram um ataque a Lênin em um jornal não bolchevique. Lênin queria expulsá-los do partido. Stálin foi um dos que pregaram a tolerância. Os protestos de Zinoviev e de Kamenev foi um sinal de alarme para Kerenski. Ele estava então determinado a dar o primeiro golpe. Em 5 de novembro, o governo provisório decidiu vetar os jornais bolcheviques e prender os líderes do Soviete de Petrogrado. Naquela noite, um destacamento de cadetes ocupou as dependências do *Pravda*, parou as impressoras e lacrou as portas. Os gráficos voltaram para suas casas desconsolados. Um jovem linotipista correu para o Smolny, onde encontrou Trótski e contou-lhe o que havia acontecido. Trótski hesitou, e depois disse: “Quebre os lacres”. Chegara a hora do enfrentamento. Kerenski havia lançado o desafio. E Trótski — não Lênin, ausente — aceitou-o. Na tarde seguinte, os exemplares do *Pravda* estavam de novo nas ruas.

Às onze em ponto daquela manhã, o comitê central bolchevique, ainda raciocinando em termos defensivos, decidiu que a resistência armada deveria começar às duas horas da tarde do dia seguinte. Lênin, é claro, continuava em seu subúrbio distante. Ficou sabendo que o governo provisório decidira tomar a ação. O que ele não sabia era que o comitê central bolchevique resolvera revidar o golpe. Mais uma vez, achava ele, estavam perdendo uma oportunidade decisiva. O subúrbio de Lênin ficava do outro lado do rio Neva. Ele temia que as pontes

pudessem ser atacadas ou fechadas, como se costumava fazer em dias de tumulto. Nesse caso, ele ficaria de fora, isolado. Decidiu, então, ir a pé até o Smolny, apesar do risco de ser preso pelos soldados leais a Kerenski.

Lênin chegou ao Smolny em segurança no final da noite e, impaciente, encheu Trótski de perguntas. Trótski lhe informou que os planos logo seriam colocados em ação. Às duas da manhã do dia 7 de novembro, Trótski olhou o relógio e exclamou: “Começou”. Lênin disse: “Da clandestinidade para o poder supremo — isso é demais. Me deixa tonto”, e fez o sinal da cruz. Os dois homens se deitaram no chão frio da sala cobrindo-se com um tapete enquanto aguardavam as notícias que, acreditavam, mudariam a face do mundo. A grande parceria revolucionária entre Lênin e Trótski havia começado.

O dia 7 de novembro constitui o ponto central da narrativa de Reed. Demasiadamente agitado e tenso, ele talvez não tenha percebido o quão diminuta era a dimensão dos dramáticos eventos que relatava. Não se tratava, ali, de um levante das massas, como na revolução de março ou nas jornadas de julho. Tratava-se de um conflito entre dois pequenos grupos, nenhum deles com muita inclinação para a luta. Kerenski não contava com tropas regulares, mas apenas cerca de 2 mil cadetes — rapazes destreinados, ainda na adolescência — e um batalhão de amazonas, mulheres-soldados que constituíam um embaraço para ambos os lados. O soviete proclamava ter sob seu controle 10 mil Guardas Vermelhos, operários fabris de meia-idade, mas poucos deles se dispuseram a partir para o confronto. Cerca de mil marinheiros se deslocaram da base naval de Kronstadt. Um deles morreu quando uma espingarda explodiu em sua própria mão. Quatro Guardas Vermelhos e um marinheiro foram mortos por balas perdidas. Foi esse o total de mortes ocorridas naquele dia histórico. A

maioria das pessoas, em Petrogrado, nem sequer sabia que estava em curso uma revolução. Os bondes continuavam a trafegar, os restaurantes da moda estavam lotados, os teatros estavam lotados, e Chaliapin cantava na Ópera. Os Guardas Vermelhos mantinham-se afastados dos bairros elegantes, ou então caminhavam por ali modestamente, nas sarjetas.

O Comitê Militar Revolucionário havia planejado uma resistência violenta contra um feroz ataque por parte do governo provisório. Esse ataque não aconteceu. Kerenski fugiu logo cedo, sob a proteção dos “Stars and Stripes” [Estrelas e Listras], uma antecipação, talvez, da Guerra Fria, que viria muito depois. Os demais integrantes do governo provisório ficaram isolados dentro do Palácio de Inverno. Os Guardas Vermelhos tomaram a sede dos Correios e os principais edifícios do governo. Respeitando estritamente o planejado, não tomaram o Palácio Vermelho antes das seis da tarde. Mesmo depois disso, não o atacaram de verdade: entraram pela porta da cozinha e ocuparam o palácio sem nenhum confronto. Às 2h25 da manhã de 8 de novembro, Antonov, um dos membros do Comitê Militar Revolucionário, entrou na sala onde o governo provisório ainda se reunia e exclamou: “Em nome do Comitê Militar Revolucionário, declaro-os todos presos”. E assim foi o instante final da velha Rússia.

O atraso prolongado causou embaraços no Smolny. O Congresso Pan-Russo dos Sovietes deveria começar no início da tarde. O encontro foi adiado até que a conquista do poder pudesse ser anunciada. Enquanto isso, Lênin e Trótski discutiam seus planos para o futuro. Lênin disse que eles deveriam indicar ministros dos soviets. Trótski sugeriu que eles fossem chamados de comissários. Lênin afirmou: “Isso mesmo. Soa bem revolucionário”. Lênin então sugeriu que Trótski deveria ser o presidente do Conselho de Comissários do

Povo, enquanto ele se manteria apenas como líder do partido bolchevique. Trótski objetou que sua condição de judeu poderia ser um inconveniente para isso. E acrescentou: “Além disso, você ficará de fora, criticando”. Lênin, hesitante, acabou por concordar em ser o presidente. Fez, então, uma lista dos comissários, a que se acrescentaria, depois, o nome de Stalin, como comissário para as Nacionalidades. Esse é o único momento em que o nome de Stálin aparece no livro de Reed, tamanha a insignificância com que era visto, então, aquele que Sukhanov chamava de “a mancha cinza”.

Às dez da noite, já não havia como postergar o Congresso Pan-Russo. Lênin decidiu antecipar os acontecimentos no Palácio de Inverno. Apareceu então em público pela primeira vez desde as jornadas de julho e informou aos delegados, perplexos, que os soviets tinham tomado o poder. Mal chegara a suas mãos, esse mesmo poder lhes era novamente retirado: leu-se a lista de nomes dos comissários feita por Lênin, e os delegados foram informados de que aquele seria o governo soviético. Obedientemente, aplaudiram. Não podiam fazer outra coisa. Dessa forma, Lênin transferiu o poder para o partido bolchevique, mas não das mãos de Kerenski, e, sim, do Congresso de Sovietes.

O drama revolucionário chegava ao fim. Os bolcheviques ainda teriam pela frente uma longa batalha antes de consolidar seu poder. Tiveram de enfrentar uma guerra civil e uma guerra de intervenção capitaneada pela Grã-Bretanha e pela França, as duas potências vitoriosas na Primeira Guerra Mundial. Tiveram de enfrentar até mesmo um levante dos marinheiros de Kronstadt, antes devotados apoiadores. Perderam boa parte do território ocidental mais distante da Rússia Imperial. Mas, em 1921, firmou-se a vitória. Nenhuma revolução se dera na Rússia desde 7 de novembro de 1917, e os

bolcheviques, alterando seu nome para comunistas, até hoje governam o país.

Foi essa a conquista da revolução de Lênin, mas não era esse seu real anseio. A seus olhos, a Revolução Russa constituía apenas uma preliminar para a grande revolução que instituiria o socialismo internacional. Em sua primeira aparição pública antes do Congresso Pan-Russo dos Sovietes, Lênin leu em voz alta o Decreto de Paz, principal ponto de seu programa. A Rússia — ele anunciava — iria propor o fim imediato da guerra “sem anexações e sem indenizações”. Os trabalhadores de todos os demais países beligerantes adotariam essa plataforma. Eles se revoltariam contra os imperialistas dominantes em seus próprios países, e governos socialistas seriam instituídos em toda a Europa. A revolução internacional, assim parecia, estava começando.

Mas a esse primeiro ato nenhum outro se seguiu. E ele não levou a nenhum final vitorioso. Os trabalhadores dos demais países beligerantes não se revoltaram. O governo imperialista da Alemanha impôs à Rússia bolchevique a paz de Brest-Litovsk, que mal disfarçava suas anexações e indenizações. Mais tarde, em 1918, a guerra europeia se encerraria pelo velho método da vitória e derrota, não por uma revolução internacional. Mal havia sido digerida a exaustão do conflito, já se instalava uma nova guerra, a da intervenção, com a Grã-Bretanha e a França.

Anos mais tarde, estudiosos do bolchevismo identificaram nesse ato características russas muito específicas, e consideraram o 7 de novembro de 1917 o momento em que a Rússia deu as costas para a Europa. É justo o contrário. Lênin fez sua revolução por causa da Europa, não da Rússia. E esperava que a revolução preliminar russa fosse até mesmo eclipsada quando a revolução internacional eclodisse.

Lênin não inventou a “cortina de ferro”. Ao contrário, ela foi inventada contra ele pelos poderes antirrevolucionários da Europa. Era chamada, então, de *cordon sanitaire*.

Lênin e seus seguidores ficaram desconcertados diante desse desenlace. Em 8 de novembro, Trótski afirmava: “Ou a Revolução Russa gera um movimento revolucionário na Europa ou os poderes europeus acabarão por esmagar a Revolução Russa”. Nenhuma das duas coisas aconteceu. Lênin, como todos os demais bolcheviques, inclusive Stálin na época, acreditavam que era impossível a construção do socialismo em um só país. Em 1921, ele impõe uma pausa. A nova política econômica estabelecia um cauteloso recuo para o capitalismo enquanto os bolcheviques aguardavam o advento de uma segunda onda da revolução internacional, que certamente viria. Lênin adoeceu e morreu em 1924, temeroso quanto à capacidade do idealismo bolchevique para sobreviver a um período de espera muito longo. Trótski continuou a pregar a revolução internacional e foi posto no exílio. Stálin assumiu o poder supremo e, ao custo de enormes sofrimentos, implementou o “Socialismo em um Só País”, que ele e todos os bolcheviques julgavam impossível. Em 1940, Trótski foi assassinado, provavelmente por um agente de Stálin. O grande duunvirato revolucionário de Lênin e Trótski desaparecia de cena.

Também John Reed desaparecia. Em 1919, ele havia voltado para os Estados Unidos, onde publicou *Dez dias que abalaram o mundo*, endossado por Lênin como “um relato preciso e extraordinariamente vivo”. Reed retornou depois à Rússia e trabalhou como secretário da recém-fundada Terceira Internacional (Comunista). Em 1920, morreu de tifo e foi enterrado sob as muralhas do Kremlin, onde ainda se encontra, como herói da revolução. Seu livro conheceu um período de grande popularidade nos círculos soviéticos e entre os socialistas de

outros países. Veio, então, a ditadura stalinista. No livro de Reed, Stálin quase não aparece, enquanto Trótski é o herói. O livro é então banido, assim como seu herói. Nos anos posteriores à morte de Stálin, o livro de Reed passou a ser visto, pelos comunistas, com certa tolerância ressentida, e apenas isso. Desde então, algumas vítimas de Stálin foram reabilitadas, Trótski ainda não pode ser mencionado e, no entanto, nenhum relato da Revolução Bolchevique pode ser feito sem incluí-lo. Atualmente, o cidadão da União Soviética não pode dispor de nenhum livro — seja o de Reed, seja qualquer outro — que lhe possa contar em detalhes como surgiu seu Estado. O livro de Reed sobreviverá a essa interdição. Ele continua inigualável como um monumento em homenagem à Revolução Bolchevique e a seus dois líderes, Lênin e Trótski.

* Escrita em 1964, essa introdução foi publicada pela primeira vez em 1977, quando do lançamento da edição da Penguin Books do livro de John Reed.

** Cossacos eram povos guerreiros que habitavam o Sul da Rússia, a Sibéria e a Ucrânia. Muitos cossacos serviram ao exército russo tsarista como soldados.

Apresentação à edição americana *

V. I. LÊNIN

Com enorme interesse e absoluta atenção li o livro de John Reed, *Dez dias que abalaram o mundo*. Recomendo-o sem reservas aos trabalhadores de todo o mundo. Eis uma obra que eu gostaria de ver publicada em milhões de exemplares e traduzida para todas as línguas. Ele traz um relato preciso e extraordinariamente vivo de acontecimentos significativos para a compreensão do que são realmente a Revolução Proletária e a Ditadura do Proletariado. Essas questões conhecem hoje em dia uma ampla discussão, mas, antes de se acatar ou rejeitar suas ideias, é preciso entender toda a dimensão de uma decisão como essa. O livro de John Reed certamente contribuirá para iluminar o tema, que é a questão fundamental do movimento operário universal.

* Escrita em 1919, esta apresentação de Lênin foi publicada pela primeira vez na edição americana de 1926.

Prefácio

Este livro é um momento condensado da história — tal como a vi. Não pretende ser mais do que um relato detalhado da revolução de novembro, quando os bolcheviques, à frente dos trabalhadores e soldados, tomaram o poder na Rússia e o colocaram nas mãos dos soviets.

Naturalmente, grande parte dele se refere à “Petrogrado Vermelha”, capital do país e coração da insurreição. Mas o leitor deve levar em consideração que o que se passava em Petrogrado se reproduzia de modo quase idêntico, com maior ou menor intensidade, com diferentes intervalos de tempo, em toda a Rússia.

Neste livro, o primeiro de vários que estou escrevendo, devo ater-me à crônica dos acontecimentos que eu mesmo observei e de que participei ou que possuem testemunhos dignos de fé. Ele é precedido por dois capítulos que resumem brevemente as origens e as causas da revolução de novembro. Estou ciente de que esses dois capítulos são de leitura difícil, mas são essenciais para entender o que virá depois.

Muitas perguntas surgirão na mente do leitor. O que é bolchevismo? Que tipo de estrutura governamental os bolcheviques criaram? Se lutaram pela Assembleia Constituinte antes da revolução de novembro, por que a dissolveram depois, pela força das armas? E, se a burguesia se opunha à Assembleia Constituinte até que o perigo bolchevique se tornasse evidente, por que a defendeu depois?

Essas e muitas outras perguntas não podem ser respondidas aqui. Em outro volume, *De Kornilov a Brest-Litovsk*, retraço o curso da revolução até a paz com a Alemanha. Ali exponho a origem e as

funções das organizações revolucionárias, a evolução do sentimento popular, a dissolução da Assembleia Constituinte, a estrutura do Estado soviético, assim como o desenrolar e o cenário posterior às negociações de Brest-Litovsk...

Quando se pensa no avanço dos bolcheviques, é preciso entender que a vida econômica russa e o exército russo eram o resultado de um processo iniciado bem antes, em 1915. Os reacionários corruptos que controlavam a corte do tsar atuavam deliberadamente para arruinar a Rússia a fim de levá-la a fazer um acordo de paz em separado com a Alemanha. A falta de armas nas frentes, que provocara a grande retirada do verão de 1915, a falta de comida nos exércitos e nas grandes cidades, a desorganização da indústria e dos transportes em 1916 — tudo isso, sabemos agora, fazia parte de uma gigantesca campanha de sabotagem. A revolução de março pôs um fim a ela, a tempo.

Nos primeiros meses do novo regime, apesar da confusão inerente a qualquer grande revolução, quando 160 milhões de pessoas dentre as mais oprimidas do mundo obtiveram de uma hora para outra a liberdade, tanto a situação interna do país como o poder de combate de seu exército realmente melhoraram.

Mas a lua de mel durou pouco. As classes proprietárias almejavam uma revolução apenas política, que lhes transferisse o poder do tsar. Queriam a Rússia como uma república constitucional, como a França ou os Estados Unidos; ou uma monarquia constitucional, como a da Inglaterra. Do outro lado, as massas populares queriam uma autêntica democracia industrial e agrária.

William English Walling, em seu livro *Russia's message* [A mensagem da Rússia], um relato da revolução de 1905, descreve

muito bem o estado moral dos trabalhadores russos, que mais tarde apoiariam quase unanimemente os bolcheviques:

Eles [os trabalhadores] viram que era possível, mesmo com um governo livre, caso este caísse nas mãos de outras classes sociais, eles continuarem a passar privações...

O trabalhador russo é revolucionário, mas não violento, nem dogmático ou desinteligente. Está disposto a lutar nas barricadas, mas estudou-as e, fato único entre os trabalhadores do mundo inteiro, fez isso a partir de sua própria experiência concreta. Está preparado e quer enfrentar seu opressor, a classe capitalista, até o fim. Mas ele não ignora a existência das outras classes. Exige apenas que elas tomem a posição de um lado ou de outro no difícil conflito que se avizinha...

Eles [os trabalhadores] estavam todos de acordo quanto ao fato de que nossas instituições políticas [norte-americanas] eram preferíveis às suas, mas não ansiavam por trocar um déspota por outro (ou seja, a classe capitalista)...

Se os trabalhadores da Rússia foram fuzilados e executados às centenas em Moscou, Riga e Odessa, aprisionados aos milhares em todo país, exilados no deserto ou nas regiões árticas, não foi para trocar a sua situação pelos privilégios duvidosos dos trabalhadores de Goldfields ou Cripple Creek...

Eis por que na Rússia, em meio a uma guerra no exterior, a revolução política desembocou em revolução social, culminando com o triunfo do bolchevismo.

A. J. Sack — diretor, neste país [Estados Unidos], da Agência Russa de Informação, que faz oposição ao governo soviético — afirma, em

seu livro *The birth of the Russian democracy* [O nascimento da democracia russa], o seguinte:

Os bolcheviques organizaram o seu próprio gabinete, com Nicholas* Lênin como Premiê e Lev Trótski como ministro de Relações Exteriores. A inevitabilidade de sua ascensão ao poder tornou-se evidente quase de imediato após a revolução de março. A história dos bolcheviques, depois da Revolução, é a história de seu contínuo crescimento...

Os estrangeiros, em especial os norte-americanos, costumam dar ênfase à “ignorância” dos trabalhadores russos. É verdade que lhes falta a experiência política dos povos ocidentais, mas eles são muito preparados, por outro lado, em matéria de organização voluntária. Em 1917, as cooperativas de consumidores contavam com mais de 12 milhões de membros; os próprios sovietes constituem uma bela demonstração de seu talento organizativo. Mais do que isso, talvez não exista povo mais bem formado do que ele em termos de teoria socialista e sua aplicação prática.

William English Walling os caracteriza da seguinte forma:

A maioria dos trabalhadores russos sabe ler e escrever. O país se encontra há tanto tempo em estado de efervescência, que eles puderam contar não só com a liderança de personagens muito preparados de seu próprio meio, mas também de vários elementos revolucionários das camadas mais instruídas da sociedade que se voltaram para a classe trabalhadora com suas ideias de regeneração política e social da Rússia...

A hostilidade de muitos autores em relação ao governo soviético baseia-se no argumento de que a última etapa da Revolução Russa foi apenas uma luta dos elementos “respeitáveis” da sociedade contra as atrocidades do bolchevismo. Ora, foram as classes proprietárias que, ao se dar conta da tomada do poder das organizações revolucionárias, procuraram destruí-las para deter a revolução. Com esse objetivo, as classes proprietárias acabaram por adotar medidas desesperadas. Para derrubar o ministério de Kerenski e os soviets, promoveram a desorganização dos transportes e provocaram distúrbios internos; para esmagar os comitês de fábrica, edifícios inteiros foram destruídos, matéria-prima e combustível foram desviados; para desbaratar os Comitês do Exército no front, restaurou-se a pena de morte e fez-se vista grossa à derrota militar.

Tudo isso acabaria pondo ainda mais lenha na fogueira bolchevique. Os bolcheviques retrucaram, apregoando a luta de classes e proclamando a supremacia dos soviets.

Entre esses dois extremos, ao lado de outras facções que lhes aportavam mais ou menos apoio, situavam-se os chamados socialistas “moderados”, os mencheviques e socialistas revolucionários, além de vários partidos menores. Tais grupos também foram atacados pelas classes proprietárias, mas seu poder de resistência era solapado por suas próprias teorias.

De modo geral, os mencheviques e socialistas revolucionários consideravam que a Rússia não estava economicamente madura para a revolução social — seria possível apenas uma revolução *política*. Para eles, as massas não estavam preparadas para tomar o poder; qualquer tentativa nesse sentido, assim, provocaria inevitavelmente uma reação, que alguns oportunistas inescrupulosos utilizariam para

restaurar o velho regime. Por isso, quando se viram forçados a assumir o poder, os socialistas “moderados” ficaram com medo de utilizá-lo.

Eles acreditavam que a Rússia precisava antes passar pelas etapas de desenvolvimento econômico e político vividas pela Europa ocidental para só então, ao lado dos demais países, caminhar para o socialismo pleno. Naturalmente, em decorrência disso, concordavam com as classes proprietárias em que a Rússia deveria primeiro se tornar um Estado parlamentar — embora com melhorias em relação às democracias ocidentais. Por conseguinte, insistiam que era necessário que as classes proprietárias participassem do governo.

Daí a apoiá-las era um passo. Os socialistas “moderados” precisavam da burguesia. Mas a burguesia não precisava dos socialistas “moderados”. O resultado foi que os ministros socialistas foram, pouco a pouco, abrindo mão de seu programa, enquanto as classes proprietárias exerciam mais e mais pressão.

Ao final, quando os bolcheviques romperam com todos esses compromissos, os mencheviques e os socialistas revolucionários viram-se lutando ao lado das próprias classes proprietárias... O mesmo fenômeno pode ser visto hoje em quase todos os países do mundo.

Ao contrário de uma força destrutiva, os bolcheviques eram, a meu ver, o único partido, na Rússia, munido de um programa construtivo e com poder para aplicá-lo no país. Se não tivessem assumido o governo como fizeram, não tenho dúvida de que os exércitos da Alemanha imperial teriam invadido Petrogrado e Moscou em dezembro, e a Rússia voltaria a ficar sob o jugo de algum tsar...

Passado um ano de governo soviético, ainda é moda falar da insurreição bolchevique como uma “aventura”. Certamente foi uma aventura, e uma das mais maravilhosas em que a humanidade já embarcou, com essa erupção na história à frente das massas

trabalhadoras e essa aposta radical em suas simples e amplas aspirações. Já estava preparado todo o mecanismo capaz de efetuar a distribuição de terras para os camponeses. Os comitês de fábricas e os sindicatos já estavam a postos para efetivar o controle operário da indústria. Em todas as aldeias, vilarejos, cidades, distritos e províncias havia um Soviete de Deputados Operários, Soldados e Camponeses preparado para assumir as tarefas administrativas locais.

Qualquer que seja a opinião a respeito do bolchevismo, é inegável que a Revolução Russa constitui um dos grandes acontecimentos da história da humanidade, e a ascensão dos bolcheviques, um fenômeno de importância mundial. Assim como pesquisam os detalhes mais minuciosos da história da Comuna de Paris, os historiadores, no futuro, procurarão saber o que realmente aconteceu em Petrogrado em novembro de 1917, o estado de espírito das pessoas e como os líderes pensavam, o que diziam e como agiam. Foi tendo isso em vista que escrevi o presente livro.

Em meio à batalha, não fui um homem neutro. Ao relatar a história desses grandes dias, porém, procurei ver os acontecimentos com os olhos de um cronista consciencioso, interessado em estabelecer a verdade.

Nova York, 1º de janeiro de 1919.

J. R.

* Conforme original.

Notas e esclarecimentos do Autor

A multiplicidade das organizações russas — grupos políticos, comitês e comitês centrais, soviets, Dumas e sindicatos — suscita muita confusão para o leitor comum. Por esse motivo, exponho a seguir algumas definições breves e esclarecimentos.

PARTIDOS POLÍTICOS

Nas eleições para a Assembleia Constituinte, dezessete listas se apresentaram em Petrogrado, e em algumas cidades do interior esse total chegou a quarenta; o resumo que faço a seguir sobre os objetivos e a composição dos partidos políticos limita-se, porém, aos grupos e facções mencionados neste livro. Detenho-me apenas no essencial de seus programas e no caráter geral dos elementos que os compõem.

1. *Monarquistas* de vários matizes, *Outubristas* etc. Essas facções, antes poderosas, não atuavam mais abertamente; dedicavam-se a atividades de bastidores ou tinham alguns de seus integrantes aderindo ao *Cadete*, à medida que o *Cadete* passava, gradativamente, a adotar o programa político dessas facções. São representados, neste livro, por Rodzianko e Shulgin.

2. *Cadete*. Nome formado a partir das iniciais [em russo, “K. D.”] de Partido Constitucional Democrata. Seu nome oficial é Partido da Liberdade do Povo. Composto sob o tsarismo por capitalistas liberais,

o *Cadete* era o grande partido da reforma política, correspondente, *grosso modo*, ao Partido Progressista dos Estados Unidos. Quando a revolução eclodiu em março de 1917, o *Cadete* formou o primeiro Governo Provisório. Seu Ministério foi derrubado em abril depois de ter se declarado favorável aos objetivos dos aliados imperialistas, inclusive aos anseios imperialistas do governo do tsar. À medida que a revolução adquiria um caráter cada vez mais social e econômico, o *Cadete* se tornava, de seu lado, cada vez mais conservador. Seus representantes neste livro são Miliukov, Vinaver e Shatski.

(a) *Grupo dos Homens Públicos*. Depois que o *Cadete* se tornou impopular devido à sua ligação com a contrarrevolução de Kornilov, formou-se em Moscou o Grupo dos Homens Públicos. Representantes desse grupo obtiveram pastas no último gabinete ministerial de Kerenski. O grupo se declarava apartidário, embora seus mentores intelectuais fossem gente como Rodzianko e Shulgin. Era composto por banqueiros, comerciantes e industriais mais “modernos”, inteligentes o bastante para saber que o combate aos soviets exigia o uso da mesma arma que estes utilizavam — a organização econômica. Representantes típicos do grupo: Lianozov e Konovalov.

3. *Socialistas Populistas* ou *Trudoviques* (Grupo Trabalhista). Partido numericamente pequeno, composto por intelectuais cautelosos, dirigentes de cooperativas e camponeses conservadores. Embora proclamando-se socialistas, os populistas apoiavam, na verdade, os interesses da pequena burguesia — funcionários, lojistas etc. Herdeiros diretos da tradição conciliadora do Grupo Trabalhista na Quarta Duma Imperial, composto em grande parte por deputados camponeses. Quando a revolução de março de 1917 eclodiu, Kerenski era o líder dos *trudoviques* na Duma Imperial. Os Socialistas

Populistas são um partido nacionalista. São representados neste livro por Peshekanov e Tchaikovski.

4. *Partido Operário Social-Democrata Russo*. Originalmente, eram socialistas marxistas. Em congresso realizado em 1903, o partido se cindiu, por questões de tática, em duas facções: a maioria (*bolshinstvo*) e a minoria (*menshinstvo*). Daí os nomes bolcheviques e mencheviques — “membros da maioria” e “membros da minoria”. As duas alas tornaram-se dois partidos separados, ambos autointitulados Partido Operário Social-Democrata Russo e proclamando-se marxistas. A partir da revolução de 1905, os bolcheviques passaram a ser, na verdade, minoritários, voltando a ser majoritários em setembro de 1917.

(a) *Menchevique*. Esse partido inclui todas as matizes de socialistas que acreditam que a sociedade deve avançar para o socialismo por uma evolução natural e que a classe trabalhadora deve, primeiro, conquistar o poder político. É também nacionalista. Era o partido dos intelectuais socialistas, o que significa que, estando todas as possibilidades de educação nas mãos das classes proprietárias, os intelectuais reagiram instintivamente à sua própria formação e acabaram por se aliar às classes proprietárias. Entre seus representantes neste livro estão Dan, Lieber e Tseretelli.

(b) *Mencheviques Internacionalistas*. Ala radical dos mencheviques; internacionalistas opostos a qualquer coalizão com a burguesia, embora não desejem uma ruptura com os mencheviques conservadores, e à ditadura do proletariado propugnada pelos bolcheviques. Trótski foi por um tempo membro desse grupo. Entre seus dirigentes: Martov e Martinov.

(c) *Bolcheviques*. Agora autointitulado Partido Comunista, com o propósito de enfatizar sua total separação em relação à tradição de socialismo “moderado” ou “parlamentar” que ainda caracteriza os mencheviques e os assim chamados “socialistas majoritários” em todos os países. Os bolcheviques propunham a insurreição proletária imediata e a tomada das rédeas do governo, a fim de acelerar o advento do socialismo por meio da tomada à força da indústria, das terras, dos recursos naturais e das instituições financeiras. Esse partido expressa sobretudo os anseios dos operários fabris, mas também de boa parte dos camponeses pobres.

“Bolchevique” não pode ser traduzido como “maximalista”. Os “maximalistas” formam um outro grupo (veja o parágrafo 5b). Entre seus líderes: Lênin, Trótski e Lunatcharski.

(d) *Social-Democratas Internacionalistas Unificados*. Também chamado grupo da *Novaya Zhizn* (Vida Nova), referência ao nome de seu jornal, de grande influência. Pequeno grupo de intelectuais com poucos adeptos na classe trabalhadora, com exceção dos seguidores de Maksim Górkki, seu líder. Intelectuais, com basicamente o mesmo programa dos mencheviques internacionalistas, com a diferença de que o grupo *Novaya Zhizn* se recusava a se manter atrelado a uma ou outra das grandes facções. Opunham-se às táticas bolcheviques, mas permaneceram no governo soviético. Outros representantes seus neste livro: Avilov e Kramanov.

(e) *Yedinstvo*. Grupo bastante pequeno e cada vez menor, composto quase inteiramente por seguidores de Plekhanov, um dos pioneiros do movimento social-democrático russo nos anos 1880 e seu grande teórico; agora bastante idoso, Plekhanov era de um patriotismo radical, excessivamente conservador, até mesmo para os

mencheviques. Com o *coup d'État* bolchevique, o *Yedinstvo* desapareceu.

5. *Partido Socialista Revolucionário*. Chamados de “esseerres”, por causa das iniciais de seu nome [S. R.]. Originalmente, era o partido dos camponeses revolucionários, partido das organizações de combate: os terroristas. Depois da revolução de março, obteve a adesão de muitos militantes que nunca foram socialistas. Naquela época, os “esseerres” defendiam a abolição da propriedade privada apenas no campo, com indenização para os proprietários de uma forma ou de outra. Ao final, a radicalização do sentimento revolucionário entre os camponeses levou os “esseerres” a abandonarem a ideia da indenização, e os mais jovens e mais ardorosos de seus intelectuais a se desligarem de seu partido, no outono de 1917, para formar um novo partido, o Socialista-Revolucionário de Esquerda. Os “esseerres” — que mais tarde passaram a ser chamados, pelo grupo radical, de Social-Revolucionários de Direita — adotaram a postura política dos mencheviques e atuaram em conjunto com eles. Acabaram se tornando representantes dos camponeses abastados, dos intelectuais e das populações desprovidas de qualquer educação política dos rincões rurais mais distantes. Internamente, porém, havia maiores diferenças de opinião política e econômica do que entre os mencheviques. Dentre seus dirigentes mencionados nestas páginas estão: Avksentiev, Gotz, Kerenski, Tchernov e “Babushka” [“Vovó”] Breshkovskaia.

(a) *Socialistas Revolucionários de Esquerda*. Embora concordassem teoricamente com o programa bolchevique da ditadura do proletariado, hesitavam de início em acompanhar suas táticas impiedosas. Integraram, no entanto, o governo soviético, assumindo

algumas pastas no gabinete, em especial a da Agricultura. Deixaram o governo em várias oportunidades, mas sempre acabaram voltando. Ao se afastarem, em grande número, dos “esseerres”, os camponeses passaram a aderir ao Partido Socialista Revolucionário de Esquerda, que se tornou o maior partido camponês de apoio ao governo soviético, apregoando o confisco das grandes propriedades de terras sem indenização e sua distribuição pelos próprios camponeses. Entre seus dirigentes: Spiridonova, Karelin, Kamkov e Kalagaiev.

(b) *Maximalistas*. Grupo oriundo de uma cisão ocorrida no Partido Socialista Revolucionário durante a revolução de 1905, quando constituía um poderoso movimento camponês que exigia a imediata aplicação do programa máximo socialista. É, hoje, um grupo insignificante de camponeses anarquistas.

PROCESSO PARLAMENTAR

As reuniões e convenções russas são organizadas conforme o modelo europeu, mais do que o nosso. O primeiro ato, em geral, é a eleição de uma secretaria e do *presidium*.

O *presidium* é um comitê de direção composto proporcionalmente por representantes dos grupos e facções políticas representadas na assembleia. O *presidium* define a ordem do dia, e seus membros podem ser chamados pelo presidente para dirigir temporariamente os trabalhos.

Cada ponto de discussão (*vopros*) é estabelecido de forma genérica e então debatido; ao final dos debates, cada facção apresenta uma resolução, sendo cada uma delas votada em separado. Como ocorre com frequência, a ordem do dia pode ser totalmente alterada já na primeira meia hora dos trabalhos. Alegando uma “urgência”, que

costuma ser admitida pelos presentes, qualquer pessoa pode se levantar e dizer o que quiser sobre qualquer assunto. É a multidão presente quem controla o desenrolar da reunião, e a função do presidente se resume a manter a ordem agitando uma sineta e dando a palavra aos oradores. O verdadeiro trabalho se realiza quase inteiramente em reuniões prévias dos diferentes grupos e facções políticas, que, representados por um porta-voz, votam sempre em bloco. O resultado, porém, é que, a cada novo ponto importante, ou votação, a sessão é interrompida para um recesso, a fim de possibilitar que esses diferentes grupos e facções se reúnam.

A assembleia é extremamente ruidosa: aclama ou apupa os oradores, inviabilizando todo o planejamento do *presidium*. Entre os gritos mais comuns estão: “*Prosim!* Por favor, prossiga!”, “*Pravilno!*” ou “*Eto vierno!* É verdade! Isso mesmo!”, “*Do volno!* Basta!”, “*Doloi!* Fora!”, “*Posor!* Vergonha!” e “*Tiché!* Silêncio! Menos barulho!”.

ORGANIZAÇÕES POPULARES

1. *Soviete*. A palavra “soviete” significa “conselho”. Durante o tsarismo, o Conselho de Estado imperial era chamado de *Gosudarstvennyi Soviet*. Com a revolução, porém, o termo “soviete” passou a ser associado a um tipo de parlamento eleito por integrantes das organizações econômicas da classe operária: o Soviete de Deputados Operários, Soldados ou Camponeses. Limitei o emprego da palavra a essa acepção, utilizando, nos outros casos, a palavra “conselho”.

Além dos sovietes locais, eleitos por cidade, município ou vilarejo da Rússia — assim como por bairro, os chamados *raionny sovjets*, nas

idades maiores —, há também os *oblastny* ou *gubernsky* (distrital ou provincial) *soviets*, e, na capital, o Comitê Executivo Central do Soviete Pan-Russo, chamado de *Tsik*, devido a suas iniciais (veja mais adiante em “Comitês centrais”).

Em quase todos os lugares, após a revolução de março, os Sovietes de Deputados Operários e os de Soldados se fundiram. Nas questões especiais referentes a seus interesses específicos, porém, as seções de operários e as de soldados continuaram a se reunir separadamente. Os Sovietes de Deputados Camponeses só se uniram aos outros dois após o *coup d’État* bolchevique. Eles eram organizados como os demais, com um Comitê Executivo do Soviete Pan-Russo de Camponeses sediado na capital.

2. *Sindicatos classistas*. Embora organizados em sua maioria por empresa, os sindicatos trabalhistas russos ainda eram chamados de sindicatos classistas, e, no período da Revolução Bolchevique, somavam de 3 a 4 milhões de membros. Também se organizavam em uma entidade pan-russa, uma espécie de Federação Russa do Trabalho, que tinha o seu Comitê Executivo Central na capital.

3. *Comitês de fábrica*. Organismos espontâneos criados nas fábricas pelos trabalhadores na tentativa de assumir o controle da indústria após o desmantelamento de sua administração com a revolução. Sua função era, por meio da ação revolucionária, assumir e manter o funcionamento das fábricas. Os comitês de fábrica também tinham sua organização pan-russa, com um Comitê Central em Petrogrado, que atuava em cooperação com os sindicatos.

4. *Dumas*. O termo *duma* significa, de modo geral, “corpo deliberativo”. A velha Duma imperial, que, sob uma forma

democratizada, sobreviveu à revolução por seis meses, conheceu sua morte natural em setembro de 1917. A Duma Municipal mencionada neste livro era o Conselho Municipal reorganizado, em geral chamado de “Governo Municipal Autônomo”. Era eleito por voto direto e secreto, e a única razão pela qual não conseguiu manter o controle sobre as massas durante a Revolução Bolchevique foi o declínio da influência de toda representação puramente *política* diante do poder crescente das organizações provenientes das estruturas *econômicas*.

5. *Zemstvos*. A palavra pode ser traduzida, em termos gerais, por “conselhos rurais”. Sob o tsarismo, foram organizações meio políticas e meio sociais com limitado poder administrativo, criadas e dirigidas sobretudo por intelectuais liberais das classes de proprietários de terras. Sua função mais importante era prestar serviços sociais e educacionais entre os camponeses. Durante a Guerra, os zemstvos foram aos poucos assumindo todo o abastecimento de alimentos e roupas para o exército russo, assim como as compras no exterior; seu trabalho com os soldados assemelhava-se ao que era feito no front pela Associação Cristã de Moços dos Estados Unidos. Depois da revolução de março, os zemstvos foram democratizados, com vistas a se tornarem os órgãos do governo local nos distritos rurais. Mas, assim como as Dumas municipais, eles não conseguiam rivalizar com os soviets.

6. *Cooperativas*. Antes da Revolução, as Cooperativas de Consumo de Operários e Camponeses contavam com vários milhões de membros em toda a Rússia. Fundado por liberais e socialistas “moderados”, o movimento cooperativista não contava com o apoio dos grupos socialistas revolucionários por ser um substituto da transferência completa dos meios de produção e distribuição para as

mãos da classe trabalhadora. Após a revolução de março, as cooperativas se espalharam rapidamente, sendo controladas pelos socialistas populistas, mencheviques e socialistas revolucionários e atuando como uma força política conservadora até o advento da Revolução Bolchevique. Foram as cooperativas, no entanto, que alimentaram a Rússia quando a antiga estrutura de comércio e transportes se desmantelou.

7. *Comitês do Exército.* Os Comitês do Exército foram constituídos pelos soldados no front a fim de combater a influência reacionária dos oficiais ligados ao antigo regime. Cada companhia, regimento, brigada, divisão ou batalhão tinha seu próprio comitê; acima de todos eles era eleito o Comitê do Exército. O Comitê Central do Exército atuava em cooperação com o Estado-Maior. O esfacelamento administrativo que se deu no exército com a revolução transferiu para os comitês do exército a maior parte do trabalho que era feito pela intendência, e, em alguns casos, até mesmo o comando de tropas.

8. *Comitês da Marinha.* Organizações similares formadas na Marinha.

COMITÊS CENTRAIS

Na primavera e no verão de 1917, realizaram-se em Petrogrado todos os congressos das diversas organizações pan-russas. Foram os congressos nacionais dos comitês de operários, soldados e camponeses, de sindicatos, de comitês de fábricas, do Exército e da Marinha — além dos ramos específicos de serviços militar e naval,

cooperativas, nacionalidades etc. Cada uma dessas convenções elegia um Comitê Central, ou um Comitê Central Executivo, encarregado de defender seus interesses específicos dentro do governo. Com o enfraquecimento do Governo Provisório, esses comitês centrais viram-se forçados a assumir poderes administrativos cada vez maiores.

Os comitês centrais mais importantes mencionados neste livro são os seguintes:

União de Associações. Durante a revolução de 1905, o professor Miliukov e outros liberais criaram associações de profissionais — médicos, advogados etc. Todas elas se reuniam na União de Associações. Em 1905, a União de Associações aderiu à revolução democrática; em 1917, porém, opôs-se ao levante bolchevique e uniu-se aos funcionários públicos que entraram em greve contra o poder dos soviets.

Tsik. Comitê Executivo Central Pan-Russo dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados. Levava esse nome por causa de suas iniciais.

Tsentroflot. Comitê Central da Marinha.

Vikzhel. Comitê Central Pan-Russo do Sindicato dos Ferroviários. Assim chamado por causa das iniciais de seu nome.

OUTRAS ORGANIZAÇÕES

Guardas Vermelhos. Eram os operários armados da Rússia. Os Guardas Vermelhos foram formados inicialmente durante a revolução de 1905, ressurgindo nas jornadas de março de 1917, quando se tornou necessária uma força para manter a ordem na cidade. Nesse período, os Guardas Vermelhos estavam armados, e todos os esforços do Governo Provisório para desarmá-los foram mais ou menos

malsucedidos. A cada crise importante na revolução, os Guardas Vermelhos saíam às ruas, sem treinamento ou disciplina, mas cheios de fervor revolucionário.

Guardas Brancos. Voluntários burgueses surgidos nas etapas finais da Revolução para defender a propriedade privada contra as tentativas bolcheviques de aboli-la. Grande parte deles era de estudantes universitários.

Tekhintsi. A chamada “Divisão Selvagem” do Exército, formada por membros de tribos muçulmanas da Ásia Central e pessoalmente fiéis ao general Kornilov. Os Tekhintsi se destacavam por sua obediência cega e sua crueldade selvagem nas operações militares.

Batalhões da Morte ou *Batalhões de Choque.* O mundo inteiro conhece o Batalhão da Morte como sendo o Batalhão das Mulheres, mas havia muitos Batalhões da Morte compostos por homens também. Eles foram formados no verão de 1917 por Kerenski com a finalidade de reforçar, com seu heroico exemplo, a disciplina e o ardor combativo dentro do Exército. Os Batalhões da Morte eram compostos, em sua maioria, por jovens patriotas radicais. Eram recrutados, sobretudo, entre os filhos da burguesia.

União de Oficiais. Organização formada por oficiais reacionários do Exército para combater politicamente o crescente poder dos Comitês do Exército.

Cavaleiros de São Jorge. A Cruz de São Jorge era outorgada pela distinção na batalha. Seu titular se tornava automaticamente um Cavaleiro de São Jorge. A influência predominante na organização era de cunho militarista.

União Camponesa. Em 1905, a União Camponesa era uma organização revolucionária de camponeses. Em 1917, porém, passou a expressar as posições políticas dos camponeses ricos em oposição ao

crescente poder e aos anseios revolucionários dos Sovietes de Deputados Camponeses.

CRONOLOGIA E ORTOGRAFIA

Adotei neste livro o calendário ocidental, em lugar do antigo calendário russo, que vigorava com treze dias de atraso em relação ao nosso.

Na ortografia de palavras e nomes russos, não procurei seguir nenhuma regra científica de transliteração, buscando apenas escrevê-los de modo a dar ao leitor de língua inglesa uma noção mais simples e precisa de sua pronúncia.*

FONTES

A maior parte do material utilizado neste livro é resultado de minhas próprias anotações. Utilizei-me também, no entanto, de uma variada coleção de centenas de jornais russos, abrangendo quase todos os dias do período aqui descrito; a coleção do jornal de língua inglesa *Russian Daily News*, e os dois jornais franceses *Journal de Russie* e *Entente*. Bem mais valioso do que esses todos foi o *Bulletin de La Presse*, editado diariamente em Petrogrado pela Agência Francesa de Informação e que reportava todos os acontecimentos importantes, discursos e os comentários da imprensa russa. Desse boletim, guardo comigo a coleção quase completa desde a primavera de 1917 até o fim de janeiro de 1918.

Além disso, possuo quase todas as proclamações, decretos e comunicados afixados nos muros de Petrogrado desde meados de

setembro de 1917 até o fim de janeiro de 1918, bem como a publicação oficial de todos os decretos e ordens do governo e a publicação oficial do governo dos tratados secretos e outros documentos descobertos no Ministério das Relações Exteriores quando os bolcheviques dele se apoderaram.

* A ortografia de John Reed foi ligeiramente alterada (de acordo com a prática da atualidade), seguindo o mesmo princípio do autor. (Nota da edição Penguin, 1966.) [Para esta edição brasileira, foram adotados os mesmos princípios de adaptação ortográfica. (N. T.)

1. O pano de fundo

No final de setembro de 1917, um professor de sociologia estrangeiro em visita à Rússia encontrou-se comigo em Petrogrado. Ele ouvira dizer, de homens de negócios e de intelectuais, que a revolução estava diminuindo o ritmo. O professor escreveu um artigo sobre isso e depois percorreu o país, visitando cidades industriais e comunidades rurais — onde, para seu espanto, a revolução parecia se acelerar. Entre os trabalhadores assalariados e do campo, era comum ouvir-se falar em “toda a terra para os camponeses, todas as fábricas para os operários”. Se o professor tivesse visitado o front, teria ouvido o exército inteiro falando na paz.

O professor ficou perplexo, mas não era o caso: as duas observações estavam corretas. As classes proprietárias tornavam-se mais conservadoras, e as massas populares, mais radicais.

Havia um sentimento geral, entre os homens de negócios e a *intelligentsia*, de que a Revolução já tinha ido longe demais e que já durava muito; que era tempo de as coisas se estabilizarem. Tal sentimento era compartilhado pelos grupos socialistas “moderados” mais importantes, os *oborontsi*^{1a} mencheviques e socialistas revolucionários, que apoiavam o Governo Provisório de Kerenski.

Em 14 de outubro, o órgão oficial dos socialistas “moderados” afirmava:

O drama da Revolução tem dois atos: a destruição do regime antigo e a criação do novo regime. O primeiro ato já durou tempo demais. Chegou a hora de partir para o segundo, e encená-lo o

mais rapidamente possível. Como disse um grande revolucionário, “Apressemos-nos, amigos, para concluir a Revolução. Aquele que a faz durar tempo demais não colherá seus frutos”.

Entre as massas de operários, soldados e camponeses, porém, havia um forte sentimento de que o “primeiro ato” ainda não havia terminado. No front, os comitês do Exército ainda tinham de enfrentar oficiais que não conseguiam se acostumar a tratar seus homens como seres humanos; na retaguarda, os membros dos comitês rurais eleitos pelos camponeses eram presos por tentarem aplicar as determinações do governo referentes ao campo; e os operários² nas fábricas enfrentavam listas negras e locautes. Além disso, refugiados políticos que voltavam para casa eram expulsos do país como cidadãos “indesejados”; em alguns casos, homens que voltavam do exterior para suas aldeias eram perseguidos e encarcerados por atos revolucionários cometidos em 1905.

Para as diversas manifestações de descontentamento por parte do povo, os socialistas “moderados” tinham uma mesma resposta: aguardemos a Assembleia Constituinte, que se reunirá em dezembro. Mas as massas não estavam satisfeitas com isso. Nada tinham contra a Assembleia Constituinte, mas algumas coisas pelas quais a Revolução Russa tinha sido feita e pelas quais os mártires revolucionários jaziam em valas comuns no Campo de Marte precisavam ser efetivadas, com ou sem a Constituinte: paz, terra e o controle das fábricas pelos operários. A Assembleia Constituinte já havia sido adiada várias vezes — e provavelmente seria de novo adiada, até que o povo se acalmasse —, talvez justamente para que se arrefecessem suas demandas! De uma forma ou de outra, a Revolução já completava oito meses e tinha pouca coisa para mostrar...

Enquanto isso, os soldados começavam a resolver a questão da paz por conta própria, simplesmente desertando; os camponeses incendiavam propriedades rurais e ocupavam latifúndios; os operários sabotavam e faziam greves... É lógico, como seria natural, que os industriais, os proprietários de terras e os oficiais do Exército procuravam exercer toda sua influência para combater qualquer compromisso democrático.

A política do Governo Provisório oscilava entre reformas pouco efetivas e medidas repressivas severas. Um comunicado do ministro socialista do Trabalho determinava que os comitês de fábrica só poderiam ser reunidos, a partir de então, após o horário de trabalho. Nas tropas do front, “agitadores” de partidos políticos da oposição eram detidos, proibiam-se a circulação de jornais radicais e retomava-se a aplicação da pena capital para os propagadores das ideias revolucionárias. Tentava-se desarmar a Guarda Vermelha. Cossacos eram enviados para manter a ordem no interior do país...

Tais medidas foram apoiadas pelos socialistas “moderados” e seus dirigentes membros do governo, que achavam necessário cooperar com as classes proprietárias. O povo logo os abandonou, passando para o lado dos bolcheviques, que defendiam a paz, a terra e o controle das fábricas pelos operários, assim como um governo da classe trabalhadora. A crise eclodiu em setembro de 1917. Contra o sentimento predominante no país, Kerenski e os socialistas “moderados” conseguiram formar um Governo de Coalizão com a burguesia; e o resultado foi que mencheviques e socialistas revolucionários perderam para sempre a confiança do povo.

Um artigo intitulado “Os ministros socialistas”, publicado em meados de outubro no jornal *Rabochi Put* (Via Operária), expressava

os sentimentos das massas populares em relação aos socialistas “moderados”:

A seguir, a relação dos serviços por eles prestados.³

Tseretelli: desarmou os trabalhadores com a ajuda do general Polovtsev, encurralou os soldados revolucionários e aprovou a aplicação da pena capital no exército.

Skobeliev: começou prometendo aplicar uma taxa de 100% sobre os lucros dos capitalistas e acabou... acabou tentando dissolver os comitês de trabalhadores no comércio e na indústria.

Avksentiev: levou à prisão várias centenas de camponeses, membros dos comitês rurais e fechou inúmeros jornais de trabalhadores e soldados.

Tchernov: subscreveu o manifesto “Imperial” que determinou a dissolução da Dieta da Finlândia.

Savinkov: selou uma aliança declarada com o general Kornilov. Só não entregou Petrogrado a esse “salvador da pátria” por motivos que fugiam de seu controle.

Zarudny: sob a bênção de Alexinski e de Kerenski, pôs na prisão alguns dos melhores operários, soldados e marinheiros da Revolução.

Nikitin: atuou contra os ferroviários como um policial vulgar.

Kerenski: é melhor não dizer nada sobre ele. A lista dos serviços prestados é longa demais...

Um congresso de delegados dos marinheiros do Báltico, realizado em Helsinque, aprovou uma resolução que começa da seguinte forma:

Exigimos o imediato afastamento das fileiras do Governo Provisório do “socialista” e aventureiro político Kerenski, que, com

sua chantagem política desavergonhada em prol da burguesia, vem desmoralizando e arruinando a grande Revolução, e, com isso, as massas revolucionárias...

A consequência direta de tudo isso era o crescimento dos bolcheviques...

A partir de março de 1917, quando as ruidosas multidões de trabalhadores e soldados, cercando o Palácio Tauride, obrigaram a hesitante Duma Imperial a assumir o poder na Rússia, foram as massas populares, operários, soldados e camponeses que forçaram todas as mudanças em curso na Revolução. Foram eles que derrubaram o governo de Miliukov; foi seu soviete que expôs ao mundo os termos da paz proposta pela Rússia — “Sem anexações, sem indenizações, com direito de autodeterminação pelos povos” —; e, novamente, em julho, foi a mobilização espontânea e desorganizada do proletariado que mais uma vez abalou o Palácio Tauride, exigindo que os sovietes assumissem o governo da Rússia.

Os bolcheviques, até então uma pequena seita política, puseram-se à frente do movimento. Diante do fiasco desastroso da sublevação, a opinião pública voltou-se contra eles, e as multidões que os seguiam, privadas de suas lideranças, refluíram para o bairro de Viborg, que é o Faubourg Saint-Antoine de Petrogrado. Houve, então, uma caça selvagem aos bolcheviques; centenas foram encarcerados, entre eles Trótski, a sra. Kollontai e Kamenev; Lênin e Zinoviev tiveram de se esconder, como fugitivos da Justiça; os jornais bolcheviques foram proibidos. Provocadores e reacionários proclamavam que os bolcheviques eram agentes da Alemanha, até que o mundo inteiro passou a acreditar nisso.

Mas o Governo Provisório se mostrou incapaz de sustentar suas acusações; revelou-se que os documentos que comprovariam uma suposta conspiração em favor da Alemanha haviam sido forjados;^b os bolcheviques foram sendo soltos, um após outro, sem julgamento ou sob alguma fiança simbólica, ou até sem fiança alguma — apenas seis permaneceram presos. A impotência e a indefinição do oscilante Governo Provisório eram um argumento que ninguém podia refutar. Mais uma vez os bolcheviques lançaram a palavra de ordem, tão cara para as massas, “Todo o poder aos soviets!” — e, nisso, não faziam nenhuma pregação em favor próprio, já que, à época, a maioria dos soviets era controlada pelos socialistas “moderados”, seus inimigos mortais.

Em atitude ainda mais forte, os bolcheviques definiram seu programa mínimo a partir das aspirações básicas e simples dos operários, soldados e camponeses. Dessa forma, enquanto os *oborontsi* mencheviques e os socialistas revolucionários se envolviam em compromissos com a burguesia, os bolcheviques conquistavam rapidamente as massas. Em julho, eles haviam sido perseguidos e desprezados; em setembro, os trabalhadores das cidades, os marinheiros do Báltico e os soldados já haviam sido ganhos quase que integralmente para sua causa. As eleições municipais de setembro nas grandes cidades⁴ foram significativas: os mencheviques e os socialistas revolucionários obtiveram somente 18% dos votos, ante 70% em junho...

Um fenômeno intrigava os observadores estrangeiros: o fato de que o Comitê Central Executivo dos Sovietes, os Comitês Centrais do Exército e da Marinha^c e os comitês centrais de alguns sindicatos — em especial os dos correios e telégrafos e os dos ferroviários — se opunham ferrenhamente aos bolcheviques. Todos esses comitês

centrais tinham sido eleitos no verão, ou até mesmo antes, momento em que os mencheviques e os socialistas revolucionários ainda gozavam de grande popularidade; e eles adiavam ou simplesmente impediam novas eleições. Assim, pelos estatutos dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados, por exemplo, *deveria ser convocado para setembro* o Congresso Pan-Russo; os *Tsik*, no entanto, não se dispunham a convocar o encontro, alegando que faltavam apenas dois meses para a reunião da Assembleia Constituinte, quando então, insinuavam eles, os soviets abdicariam do poder. Enquanto isso, os bolcheviques iam conquistando o controle dos soviets locais, um após o outro, em todo o país, bem como dos sindicatos profissionais e entre os marinheiros e os soldados. Os soviets de camponeses ainda se mantinham conservadores, pois, nos distritos rurais mais atrasados, a consciência política avançava muito lentamente e o partido dos socialistas revolucionários fora, durante toda uma geração, aquele que mais atuara junto aos camponeses... Mas, mesmo entre os camponeses, começava a se formar uma ala revolucionária. Isso ficou claro em outubro, quando a ala esquerda dos socialistas revolucionários operou uma cisão, formando uma nova facção política, os Socialistas Revolucionários de Esquerda.

Surgiam ao mesmo tempo diversos sinais, por toda parte, de que as forças da reação estavam ganhando autoconfiança.⁵ No Teatro da Farce Tróitski, em Petrogrado, por exemplo, a apresentação da opereta *Os pecados do tsar* foi interrompida por um grupo de monarquistas que ameaçou linchar os atores por “insulto ao imperador”. Alguns jornais começaram a ventilar a necessidade de um “Napoleão russo”. No meio da *intelligentsia* burguesa, tornou-se comum se referir aos Sovietes de Deputados Operários (*Rabochikh Deputatov*) como *Sabachikh Deputatove* — Sovietes de Deputados Caninos.

Em 15 de outubro, tive uma conversa com um grande capitalista russo, Stepan Georgevich Lianozov, conhecido como o “Rockfeller russo” — politicamente, um *Cadete*.

A revolução — disse ele — é uma doença. Cedo ou tarde as forças estrangeiras terão de intervir aqui, como qualquer um interviria para curar a doença de uma criança e ensiná-la a andar direito. Claro que isso seria um tanto impróprio, mas os demais países precisam entender o perigo que o bolchevismo representa para eles próprios, com essas ideias contagiantes como “ditadura do proletariado” e “revolução social internacional”... Pode ser que essa intervenção não seja necessária. Os transportes estão caóticos, as fábricas estão sendo fechadas, e os alemães avançam. Talvez a fome e a derrota tragam o povo russo à razão.

O sr. Lianozov foi bastante enfático ao opinar que, o que quer que acontecesse, seria impossível, para os grandes comerciantes e industriais, permitir a existência dos comitês de empresas ou dar aos trabalhadores qualquer participação na gestão da indústria.

Quanto aos bolcheviques, podemos nos livrar deles por dois caminhos. O governo pode evacuar Petrogrado e declarar estado de sítio, e a partir disso o comando militar poderá cuidar desses senhores sem necessidade de formalidades legais... *ou então, por exemplo, se a Assembleia Constituinte expressar qualquer tendência utópica, ela poderia ser dissolvida pela força das armas...*

Aproximava-se o inverno — o terrível inverno russo. Ouvi vários homens do mundo dos negócios dizendo: “O inverno sempre foi o

melhor amigo da Rússia. Quem sabe ele agora nos presenteie com o fim da revolução”. Nos congelantes fronts, soldados miseráveis continuavam a passar fome e a morrer, sem nenhum entusiasmo. As estradas de ferro iam de mal a pior, faltava comida, fábricas eram fechadas. As massas, desesperadas, acusavam a burguesia de sabotagem contra a vida da população e de provocar derrotas no front. A cidade de Riga se rendeu pouco depois de o general Kornilov dizer publicamente: devemos sacrificar Riga se for para o país recobrar o seu senso de dever?^d

Para os norte-americanos, é inacreditável que a luta de classes possa atingir esse nível de radicalização. Mas estive pessoalmente com oficiais da frente norte que, sinceramente, preferiam um desastre militar a cooperar com os comitês do Exército. O secretário da seção de Petrogrado do partido *Cadete* disse a mim que o desmantelamento da vida econômica do país fazia parte de uma campanha para desmoralizar a Revolução. Um diplomata aliado, cujo nome me comprometi a não divulgar, confirmou-o a partir de observação direta. Sei de algumas minas de carvão das proximidades de Kharkov que foram incendiadas e inundadas por seus proprietários, assim como de indústrias têxteis de Moscou cujos engenheiros inutilizaram as máquinas antes de partir, de funcionários ferroviários flagrados por trabalhadores sabotando locomotivas...

Grande parte das classes proprietárias prefere os alemães à Revolução — até mesmo ao Governo Provisório — e não hesitaria em dizê-lo abertamente. Na casa da família russa onde eu me hospedava, o assunto na mesa de jantar era quase sempre a chegada dos alemães, trazendo “lei e ordem”... Certa noite, estive na casa de um comerciante de Moscou; na hora do chá, perguntamos às onze pessoas

que estavam à mesa se elas preferiam “Guilherme ou os bolcheviques”. A votação foi dez a um a favor de Guilherme...

Os especuladores aproveitavam a desordem generalizada para fazer fortuna e gastá-la em orgias extraordinárias ou corrompendo gente do governo. Comida e combustível eram estocados ou enviados em segredo para a Suécia. Nos primeiros quatro meses da Revolução, por exemplo, os gêneros alimentícios armazenados eram pilhados quase abertamente, aos olhos de todos, dos grandes entrepostos municipais de Petrogrado, até que a provisão de grãos para dois anos caiu para menos do que o necessário para alimentar a cidade por um mês... Segundo relatório oficial do último ministro de Suprimentos do Governo Provisório, o café era comprado no atacado em Vladivostok por dois rublos a libra, mas o consumidor em Petrogrado pagava treze. Os estabelecimentos comerciais das grandes cidades estavam abarrotados de comida e vestimentas, porém só os ricos conseguiam comprá-las.

Conheci em uma cidade do interior uma família de comerciantes que se tornaram especuladores — *maradior* (bandido, de espírito maléfico), como dizem os russos. Os três filhos escaparam do serviço militar à custa de corrupção. Um deles especulava com produtos alimentícios. O outro vendia ouro obtido ilegalmente das minas de Lena para clientes misteriosos da Finlândia. O terceiro tinha participação no controle de uma fábrica de chocolates que supria as cooperativas locais — à condição de que essas cooperativas lhe fornecessem tudo de que precisasse. Assim, enquanto as massas populares obtinham um quarto de libra de pão preto por dia com seu cupom de racionamento, ele recebia pão branco em abundância, assim como açúcar, chá, doces, bolos e manteiga... No entanto, quando os soldados no front já não conseguiam combater de tanto frio, tanta

fome e exaustão, os membros dessa família, indignados, os chamavam de “Covardes!” — diziam-se “envergonhados” por “serem russos”... Quando finalmente os bolcheviques descobriram e requisitaram os enormes estoques de alimentos que eles escondiam, eles, os bolcheviques, foram chamados de “saqueadores”.

Sob essa podridão aparente, moviam-se as velhas forças ocultas, ainda secretas e extremamente ativas, inalteradas desde a queda de Nicolau II. Os agentes do célebre Okhrana ainda atuavam, a favor ou contra o tsar, a favor ou contra Kerenski — conforme quem lhes pagasse... Organizações clandestinas de todo tipo, como os Centúrias Negras, agitavam à sombra na tentativa de erguer a reação de uma forma ou de outra.

Nesse clima de corrupção, de monstruosas meias-verdades, uma nota límpida soava dia após dia, o profundo refrão bolchevique: “Todo o poder aos soviets! Todo o poder para os representantes diretos de milhões e milhões de trabalhadores comuns, soldados, camponeses. Terra, pão, o fim da guerra insensata, o fim da diplomacia secreta, da especulação, da traição... A Revolução está em perigo e, com ela, a causa dos povos do mundo inteiro!”.

A luta entre o proletariado e a classe média, entre os soviets e o governo, que se iniciara nos primeiros dias de março, estava prestes a atingir o ápice. Depois de saltar direto da Idade Média para o século XX, a Rússia oferecia a um mundo perplexo o espetáculo de duas revoluções — uma social e outra política — a travarem entre si um combate mortal.

Que demonstração de vitalidade proporcionava a Revolução Russa depois de tantos meses de penúria e desilusões! A burguesia deveria ter conhecido melhor a sua Rússia. A “doença” da revolução não teria ido tão longe...

Vista retrospectivamente, a Rússia anterior à insurreição de novembro parece pertencer a uma outra era, inacreditavelmente conservadora. Muito rápido, nós mesmos tivemos de nos adaptar a uma vida nova e de ritmo acelerado. A política russa virou-se em peso para a esquerda, de tal forma que os partidários do *Cadete* foram postos fora da lei como “inimigos do povo”; Kerenski se transformou em um “contrarrevolucionário”; os líderes socialistas “centristas”, como Tseretelli, Dan, Lieber, Gotz e Avksentiev, se tornaram reacionários demais para seus próprios seguidores, e homens como Victor Tchernov, ou até mesmo Maksim Górkki, passaram a ser vistos como direitistas...

Em meados de dezembro de 1917, um grupo de dirigentes dos socialistas revolucionários fez uma visita privada ao embaixador da Grã-Bretanha, sir George Buchanan, e pediu-lhe, depois, para não divulgar o fato, pois eles eram considerados “à direita demais”.

“E pensar”, disse sir George, “que há um ano meu governo me orientou a não receber Miliukov por se tratar de um perigoso esquerdista!”

Setembro e outubro são os piores meses na Rússia — sobretudo em Petrogrado. Sob um céu inteiramente nublado e cinza, com dias cada vez mais curtos, a chuva, penetrante, cai sem parar. A lama se acumulava, escorregadia, pegajosa, marcada em toda parte por botas pesadas, naquele ano em situação ainda pior devido ao quase completo esboroamento dos serviços públicos. Soprava vindo do Golfo da Finlândia um vento cortante e úmido, e uma gélida neblina percorria todas as ruas. À noite, por economia mas também por medo dos zepelins, poucos postes eram iluminados, e, ainda assim, a intervalos bastante longos. Nas casas e prédios, só havia eletricidade das seis da noite à meia-noite, com as velas custando quarenta

centavos a unidade e uma forte escassez de óleo. Reinava a escuridão das três da tarde até as dez da manhã do dia seguinte. Aumentavam os assaltos e os furtos nas residências. Nos prédios, os homens se revezavam à noite na vigilância, armados com espingardas. Tudo isso, sob o Governo Provisório.

A comida tornava-se mais escassa a cada semana. A ração diária de pão caiu de uma libra e meia para apenas uma libra, depois para três quartos, meia libra e um quarto de libra. Ao final, deu-se uma semana em que simplesmente não houve pão. O açúcar chegou a ser limitado a duas libras por mês — isso, se a pessoa conseguisse encontrá-lo, o que nem sempre ocorria. Uma barra de chocolate ou uma libra de caramelo insosso custava, em qualquer lugar, de sete a dez rublos — ou seja, pelo menos um dólar. Havia leite suficiente para apenas metade dos bebês da cidade; a maioria dos hotéis e das residências particulares ficava meses sem tê-lo. Na estação das frutas, maçãs e peras eram vendidas nas barracas por quase um rublo a unidade...

Para conseguir leite, pão, açúcar e tabaco era preciso permanecer horas em uma fila debaixo de uma chuva gelada. Voltando para casa depois de uma reunião que durara a noite toda, observei uma *kvost* (fila) que se formava desde a madrugada, em sua maioria mulheres, algumas com bebês no colo... Em seu livro *A Revolução Francesa*, Carlyle diz que os franceses se distinguem dos outros povos pela sua capacidade de ficar em filas. A Rússia também se habituara a essa prática, inaugurada sob o reinado de Nicolau, o Santo, a partir de 1915 e que se manteve de forma intermitente até o verão de 1917, quando então se tornou algo comum e rotineiro. Imagine as pessoas parcamente vestidas, de pé durante dias inteiros nas ruas cobertas de neve de Petrogrado durante o inverno russo! Ouvi várias pessoas nas filas do pão registrando de vez em quando, em meio à miraculosa

bonomia do povo russo, amargas e ácidas expressões de descontentamento...

Os teatros, evidentemente, continuavam a apresentar seus espetáculos todas as noites, inclusive aos domingos. Karsavina apresentou seu novo balé no Marinski, recebendo a presença do público amante da dança vindo de toda a Rússia. Chaliapin cantava. No teatro Alexandrinski, reapresentava-se a montagem de *A morte de Ivan, o Terrível*, de Tolstói, sob direção de Meyerhold; numa das sessões, lembro de ter observado um estudante da Escola Imperial de Escudeiros, que, nos intervalos, erguia-se galante com seu uniforme oficial e se postava de frente para o camarote imperial, vazio e com suas águias arrancadas... O Krivoie Zarkalo exibia uma suntuosa versão da peça *Ronda*, de Schnitzler.

Embora a Ermitage e outras galerias de arte tivessem se mudado para Moscou, havia exposições de pintura todas as semanas. Uma grande quantidade de mulheres da *intelligentsia* frequentava palestras sobre arte, literatura e filosofia para iniciantes. Era um período particularmente ativo para a teosofia. O Exército da Salvação, admitido na Rússia pela primeira vez na história, cobria os muros com cartazes chamando para reuniões evangélicas, que divertiam e surpreendiam o público russo...

Como sempre acontece em momentos como esse, a vida comum na cidade mantinha seu curso, ignorando a Revolução, na medida do possível. Poetas compunham versos — mas não sobre a Revolução. Pintores realistas produziam quadros com cenas da história medieval russa — qualquer coisa, menos a Revolução. Jovens senhoras vinham do interior para a capital para estudar francês e canto, e belos jovens oficiais desfilavam nos saguões dos hotéis com seus *bashliki* carmesins bordados a ouro e sofisticados sabres caucasianos. As esposas dos

burocratas de segundo escalão saboreavam o chá da tarde, cada uma levando seu próprio açucareiro de ouro, de prata ou ornado com pedras preciosas, e um pedaço de pão embrulhado em seu regalo, desejosas de que o tsar voltasse ou de que os alemães viessem, ou de qualquer coisa que resolvesse o problema da falta de empregados domésticos... A filha de um amigo meu chegou em casa histérica certa tarde porque a cobradora do bonde lhe chamara de “camarada!”.

À sua volta, a grande Rússia se agitava, trabalhando na construção de um novo mundo. Os empregados domésticos, até então tratados como animais e extremamente mal pagos, tornavam-se independentes. Com um par de calçados custando mais de cem rublos e uma remuneração mensal média de 35 rublos, as empregadas se recusavam a permanecer nas filas e, assim, gastar seus sapatos. Mas havia muito mais do que isso. Na nova Rússia, todos os homens e todas as mulheres podiam votar; havia jornais da classe operária trazendo coisas novas e surpreendentes; havia os sovietes; e havia os sindicatos. Os *izvozchiki* (cocheiros) tinham um sindicato e eram até mesmo representados no Soviete de Petrogrado. Os garçons e funcionários dos hotéis estavam organizados e recusavam gorjetas. Nas paredes dos restaurantes, fixavam-se cartazes em que se podia ler: “Não se aceitam gorjetas” ou “Não é porque um homem tem de levar a vida servindo mesas que se pode insultá-lo dando gorjetas!”.

No front, os soldados enfrentavam os oficiais e, com seus comitês, aprendiam a se autogovernar. Nas indústrias, os comitês de fábrica,^e organizações russas únicas em seu gênero, ganhavam experiência e força e, combatendo a velha ordem estabelecida, tomavam consciência de sua missão histórica. Toda a Rússia estava aprendendo a ler, e *lia* — sobre política, economia, história —, pois o povo queria *saber*... Em todas as grandes cidades, na maior parte das pequenas, assim como no

front, cada grupo político tinha o próprio jornal, às vezes vários jornais. Centenas de milhares de panfletos, distribuídos por milhares de organizações, inundavam as tropas, os vilarejos, as fábricas, as ruas. A sede de saber, por tanto tempo reprimida, manifestava-se freneticamente com a Revolução. Só do Instituto Smolny, nos primeiros seis meses, saíam a cada dia toneladas, vagões, trens inteiros de literatura, o bastante para saturar todo o país. A Rússia absorvia a leitura como a areia quente absorve a água, de forma insaciável. E não se tratava de contos de fadas, história falsificada, religião diluída ou ficção barata e nociva, mas, sim, de teoria social e econômica, filosofia, obras de Tolstói, Gógol e Górkí...

E havia o imenso fluxo de conversação entre as pessoas, ao lado do qual a “torrente de loquacidade francesa” de que falava Carlyle parecia um tímido fio d’água. Conferências, debates, discursos — nos teatros, nos circos, nas escolas, nos clubes, nas salas de reunião dos soviets, nas sedes de sindicatos, nas casernas... Reuniões nas trincheiras do front, nas praças dos vilarejos, nas fábricas... Que espetáculo maravilhoso era ver Putilovski Zavod (a fábrica Putilov) liberando seus 40 mil operários para ouvirem os social-democratas, os socialistas revolucionários, anarquistas, qualquer um, pouco importava o que tivessem a dizer e por quanto tempo! Durante meses, em Petrogrado e em toda a Rússia, cada esquina se transformou em palanque. Nos vagões de trem, nos bondes, sempre surgiam debates espontâneos, em toda parte...

E as Conferências e os Congressos Pan-Russos, reunindo gente de dois continentes — congressos de soviets, de cooperativas, de zemstvos,^f de nacionalidades, do clero, de camponeses, partidos políticos; a Conferência Democrática, a Conferência de Moscou, o Conselho da República Russa. Havia sempre três ou quatro eventos

desse tipo acontecendo simultaneamente em Petrogrado. Tentativas de limitar o tempo dos discursos eram derrubadas em todas as reuniões, e todos se sentiam livres para expressar seus pensamentos...

Visitei com alguns amigos a frente de batalha do 12º Exército, depois de Riga, onde homens extenuados e descalços apodreciam desesperados na lama das trincheiras. Quando nos viram chegar, vieram até nós, com seus rostos atormentados e os corpos azulados de frio sob as roupas rasgadas, perguntando avidamente: “Trouxeram alguma coisa para a gente *ler?*”.

Apesar dos inúmeros sinais de mudança, apesar de a estátua de Catarina, a Grande, em frente ao teatro Alexandrinski, levar em sua mão uma pequena bandeira vermelha, apesar das outras bandeiras — levemente desbotadas — que balançavam em todos os prédios públicos, apesar de os escudos e as águias imperiais estarem todos encobertos ou rasgados, apesar de a patrulha das ruas ser feita por uma milícia popular educada e sem armas, em lugar da cruel *gorodovoye* (polícia metropolitana) — apesar de tudo isso, ainda havia curiosos anacronismos.

Ainda vigorava, por exemplo, a *Tabel o Rangov*, a Tábua Hierárquica imposta a mão de ferro por Pedro, o Grande. Quase todos, a começar pelos estudantes, usavam seus uniformes regulamentares com a insígnia do imperador nos botões ou nas ombreiras. Por volta das cinco da tarde, as ruas se enchiam de velhos senhores humildes uniformizados caminhando com suas pastas para casa depois de uma jornada de trabalho em algum dos enormes edifícios, parecidos com casernas, das instituições ministeriais ou do governo, calculando talvez o ritmo da mortalidade entre seus superiores de modo a saberem quando eles próprios acederiam ao cobiçado *chin* (grau hierárquico) de assessor colegiado ou conselheiro

particular, na perspectiva de uma aposentadoria com pensão confortável e, quem sabe, a Cruz de Sant'Ana...

Conta-se o caso do senador Sokolov, que, em plena maré montante da Revolução, chegou um dia para uma sessão do Senado em roupas civis e teve sua entrada bloqueada por não trajar a farda prescrita pelo serviço do tsar!

Foi com esse pano de fundo, de um país inteiro em plena efervescência e desagregação, que se desenvolveu o espetáculo da revolta das massas populares russas...

a Referências assim numeradas remetem ao apêndice, página 383.

b Faziam parte dos famosos "Documentos Sisson".

c Ver Notas e esclarecimentos do Autor.

d Ver *Kornilov to Brest-Litovsk*, de John Reed, Boni and Liveright, Nova York, 1919.

e Ver Notas e esclarecimentos do Autor.

f Ver Notas e esclarecimentos do Autor.

2. A tempestade se aproxima

Em setembro, o general Kornilov marchou sobre Petrogrado a fim de se fazer o ditador militar da Rússia. Por trás dele revelou-se, de repente, o punho armado da burguesia, que procurava, de forma ousada, esmagar a Revolução. Alguns dos ministros socialistas estavam envolvidos; até mesmo Kerenski foi tido como suspeito.⁶ Savinkov, chamado a dar explicações perante o Comitê Central de seu partido, os socialistas revolucionários, negou-se a fazê-lo e foi expulso. Kornilov foi preso pelos comitês de soldados. Generais foram destituídos, ministros foram afastados de suas funções, e o gabinete governamental caiu.

Kerenski tentou formar um novo governo, incluindo o *Cadete*, partido da burguesia. Seu partido, o Socialista Revolucionário, determinou que ele excluísse o *Cadete*. Kerenski se negou a seguir a decisão e ameaçou deixar o gabinete caso os socialistas insistissem nisso. No entanto, a mobilização popular era tão intensa, que ele, naquele momento, não ousou opor-se a ela. Formou-se, assim, um Diretório Provisório composto por cinco dos antigos ministros, com Kerenski à frente, que assumiu o poder até que a questão pudesse ser resolvida.

O episódio de Kornilov provocou uma aproximação entre os grupos socialistas — “moderados” e revolucionários — unidos por um instinto de autodefesa. Não podia haver novos Kornilovs. Era preciso criar um novo governo, responsável perante os partidários da Revolução. Com base nisso, o *Tsik* chamou as organizações populares

a enviarem delegados para uma Conferência Democrática, que deveria se reunir em Petrogrado em setembro.

Três tendências logo surgiram no *Tsik*. Os bolcheviques defendiam que fosse realizado o Congresso Pan-Russo dos Sovietes e que estes assumissem o poder. Os socialistas revolucionário de “centro”, liderados por Tchernov, juntaram-se aos Socialistas Revolucionários de Esquerda, liderados por Kamkov e Spiridonova, os Mencheviques Internacionalistas de Martov e o “centro” menchevique,^a representado por Bogdanov e Skobeliev, em defesa de um governo formado apenas por socialistas. Tseretelly, Dan e Lieber, à frente da ala direita dos mencheviques, e os Socialistas Revolucionários de Direita, sob a liderança de Avksentiev e Gotz, insistiam na necessidade de as classes proprietárias estarem representadas no novo governo.

Os bolcheviques logo se tornaram majoritários no Soviete de Petrogrado e, em seguida, nos Sovietes de Moscou, Liev, Odessa e outras cidades.

Alarmados, os mencheviques e socialistas revolucionários, que controlavam o *Tsik*, chegaram à conclusão de que, em última instância, temiam menos o perigo representado por Kornilov do que aquele representado por Lênin. Fizeram uma revisão do sistema de representação na Conferência Democrática⁷ de modo a admitir mais delegados das cooperativas e outras entidades conservadoras. Mesmo essa assembleia, assim manipulada, acabou votando inicialmente a favor de um Governo de Coalizão sem o *Cadete*. No entanto, quando Kerenski ameaçou renunciar, os gritos de alarme dos socialistas “moderados” afirmando que “a República está em perigo” convenceram a Conferência, por uma pequena maioria, a se declarar a favor do princípio de uma coalizão com a burguesia e sancionar a instauração de uma espécie de Parlamento consultivo, sem poderes

legislativos, denominado Conselho Provisório da República Russa. O novo ministério ficou, na prática, sob controle da burguesia, que também obteve um número desproporcional de cadeiras no Conselho Provisório da República Russa.

O fato é que o *Tsik*, que já não representava a massa de delegados dos sovietes, negou-se, de forma ilegal, a convocar um novo Congresso Pan-Russo dos Sovietes, previsto para setembro. Não tinha nenhuma intenção de fazê-lo ou de permitir que essa convocação fosse realizada de alguma outra forma. Seu órgão oficial, o *Izvestia* (Notícias), passou a sugerir que a missão dos sovietes já se aproximava de seu final⁸ e que logo eles seriam dissolvidos... No mesmo período, o novo governo anunciou, como parte de sua política, o fim das “organizações irresponsáveis” — isto é, os sovietes.

Os bolcheviques reagiram convocando os Sovietes Pan-Russos a se reunirem em Petrogrado no dia 2 de novembro e a assumirem o governo da Rússia. Ao mesmo tempo, retiraram-se do Conselho da República Russa alegando que não participariam de um “governo de traição ao povo”.⁹

A retirada dos bolcheviques, porém, não significou a instauração da calma dentro do infeliz Conselho. As classes proprietárias, agora no poder, tornaram-se arrogantes. O *Cadete* declarou que o governo não tinha direitos legais de proclamar a Rússia uma República. Exigiram do Exército e da Marinha medidas duras para acabar com os comitês de soldados e de marinheiros e partiram para o ataque contra os sovietes. Do outro espectro da instituição, os mencheviques internacionalistas e os Socialistas Revolucionários de Esquerda defendiam uma paz imediata, terra para os camponeses e o controle das fábricas pelos operários — praticamente o programa bolchevique.

Assisti a Martov discursando em resposta ao *Cadete*. Inclinado sobre a mesa de direção dos trabalhos, com uma voz tão rouca que mal se conseguia ouvir, ele, que estava acometido de uma doença mortal, erguia o dedo em direção às fileiras da direita:

Vocês nos chamam de derrotistas, mas verdadeiros derrotistas são aqueles que esperam por um momento mais propício para se concluir a paz, insistindo em postergar a paz para mais adiante, até que nada mais reste das tropas russas, até que a Rússia se torne objeto de barganha entre os diversos grupos imperialistas... Vocês estão tentando impor ao povo russo uma política ditada pelos interesses da burguesia. A questão da paz tem de ser resolvida sem mais demora... Verão, aí, que não foi em vão o trabalho daqueles que vocês chamam de agentes da Alemanha, daqueles Zimmerwaldistas,^b que prepararam, em todos os países, o despertar da consciência das massas democráticas...

Entre esses dois grupos, os mencheviques e os socialistas revolucionários oscilavam, levados forçosamente mais para a esquerda pela pressão da crescente insatisfação das massas. Uma profunda hostilidade dividia a câmara em grupos irreconciliáveis.

Era essa a situação quando o tão esperado anúncio da Conferência dos Aliados em Paris colocou a candente questão da política externa...

Em tese, todos os partidos socialistas da Rússia eram favoráveis ao estabelecimento da paz, em termos democráticos, o mais rápido possível. Em maio de 1917, o Soviete de Petrogrado, então sob o controle dos mencheviques e dos socialistas revolucionários, já havia proclamado as célebres condições para a paz. Uma de suas reivindicações era que os Aliados realizassem uma conferência para discutir os objetivos da guerra. Essa conferência foi prometida para

agosto, depois adiada para setembro, depois para outubro, e agora estava marcada para 10 de novembro.

O Governo Provisório sugeriu o envio de dois representantes: o general Alexeiev, um militar reacionário, e Tereshchenko, ministro das Relações Exteriores. Os soviets designaram Skobeliev para falar em seu nome e redigiram um manifesto, o famoso *nakaz*¹⁰ — que resumia suas intenções. O Governo Provisório se opôs tanto a Skobeliev quanto ao *nakaz*; os embaixadores aliados protestaram e, por fim, em resposta a uma pergunta, Bonar Law afirmou friamente, na Câmara dos Comuns britânica, que, “até onde sei, a Conferência de Paris não discutirá nada em relação aos objetivos da guerra, mas apenas em relação a como conduzi-la...”.

A imprensa conservadora russa comemorou, e os bolcheviques exclamaram: “Vejam aonde as táticas conciliadoras dos mencheviques e dos socialistas revolucionários os levaram!”.

Em todo o front, de mais de 1500 quilômetros, os milhões de membros das tropas russas se agitavam como uma maré montante, enviando à capital centenas e centenas de delegações, exigindo: “Paz! Paz!”.

Atravessei o rio para presenciar, no Circo Moderno, uma das grandes assembleias que se realizavam por toda a cidade, com uma participação que aumentava a cada noite. O anfiteatro, despojado e escuro, iluminado apenas por cinco lâmpadas fraquinhas penduradas em um fio frágil, estava totalmente tomado por soldados, marinheiros, operários e mulheres — do chão ao teto, passando pelas fileiras de bancos imundos —, todos de ouvidos atentos, como se suas vidas dependessem daquilo. Estava com a palavra um soldado da 548ª Divisão, que ninguém sabia o que era nem onde ficava:

Camaradas — ele gritou, e seu semblante extenuado e seus gestos desesperados denotavam uma grande angústia —, os homens lá de cima estão sempre nos pedindo mais sacrifícios, mais sacrifícios, enquanto aqueles que têm tudo permanecem intocados.

Estamos em guerra com a Alemanha. Convidaríamos os generais alemães a integrar o nosso Estado-Maior? Pois bem, estamos em guerra também contra os capitalistas, e, no entanto, os convidamos a integrar nosso governo...

O soldado diz: “Mostre-me o motivo pelo qual estou lutando. É por Constantinopla ou por uma Rússia livre? É pela democracia ou pela pilhagem capitalista? Se vocês conseguirem me provar que estou defendendo a Revolução, então eu saio daqui e vou para a luta sem necessidade de nenhuma pena capital para me forçar a isso”.

Quando a terra pertencer aos camponeses, e as fábricas aos operários, e o poder aos soviets, aí sim saberemos que temos algo pelo que lutar, e iremos lutar por isso!

Nas casernas, nas fábricas, nas esquinas, uma quantidade infindável de soldados discursava, sempre exigindo o fim da guerra e declarando que, se o governo não adotasse um esforço enérgico pela paz, as tropas abandonariam as fronteiras e voltariam para casa.

Eis o que disse o porta-voz do 8º Exército:

Estamos fragilizados, temos apenas poucos homens em cada companhia. É preciso que nos deem comida e botas, além de reforços, caso contrário as trincheiras estarão todas vazias. Ou paz ou suprimentos! Ou o governo põe fim à guerra ou sustenta o Exército...

E o do 46º Regimento de Artilharia da Sibéria:

Os oficiais não colaboram com nossos comitês, eles nos entregam ao inimigo, aplicam a pena de morte contra nossos agitadores, e o governo contrarrevolucionário os apoia. Acreditávamos que a Revolução traria a paz. Mas agora o governo até mesmo nos proíbe de falar no assunto, e ao mesmo tempo não nos fornece comida suficiente para viver, nem mesmo munição suficiente para lutar...

Corriam rumores, vindos da Europa, de uma paz que se realizaria em detrimento da Rússia...¹¹

Notícias sobre o tratamento recebido pelas tropas russas na França faziam aumentar o descontentamento. A 1ª Brigada tentara substituir seus oficiais por Comitês de Soldados, como haviam feito seus camaradas na Rússia, e refutara a ordem de ir para Salonika, pedindo para voltar para casa. Foram cercados e deixados sem comida, atacados por artilharia, muitos deles sendo mortos...¹²

Em 29 de outubro, estive no saguão de mármore branco e pintado de carmesim do Marinski Palace, sede do Conselho da República, para ouvir a declaração de Tereshchenko sobre a política externa do governo, que o país, extenuado e ávido pela paz, aguardava com grande ansiedade.

Um jovem alto, impecavelmente vestido, com um semblante limpo e maçãs do rosto pronunciadas, lia suavemente seu cauteloso e descomprometido discurso.¹³ Nada... Apenas os mesmos lugares-comuns sobre o esmagamento do militarismo alemão com a ajuda dos Aliados, sobre os “interesses de Estado” da Rússia, sobre os “embaraços” causados pelo *nakaz* de Skobeliev. Encerrou com a seguinte diretriz:

A Rússia é uma grande potência. Aconteça o que acontecer, a Rússia continuará a ser uma grande potência. Todos nós temos de defendê-la. Devemos mostrar que somos defensores de um grande ideal, filhos de uma grande potência.

Ninguém ficou satisfeito. Os reacionários queriam uma política imperialista “forte”; os partidos democráticos queriam uma garantia de que o governo pressionaria em favor da paz... Reproduzo a seguir um editorial publicado em *Rabochi i Soldat* (Operário e Soldado), órgão do Soviete de Petrogrado:

A RESPOSTA DO GOVERNO PARA AS TRINCHEIRAS

O mais taciturno de nossos ministros, sr. Tereshchenko, declarou às trincheiras, no fundo, o seguinte:

1. Estamos fortemente unidos aos nossos Aliados. (Não com seus povos, mas com seus governos.)

2. Não faz sentido, para a democracia, discutir a possibilidade ou impossibilidade de uma campanha no inverno. A decisão dependerá dos governos de nossos Aliados.

3. A ofensiva de 1º de julho representou um episódio positivo e favorável. (Ele não fez nenhuma menção às suas consequências.)

4. Não é verdade que os nossos Aliados não se preocupam conosco. O ministro tem em mãos declarações muito importantes a esse respeito. (Declarações? Mas e os atos? E o comportamento da Marinha britânica?¹⁴ E as conversas do rei da Inglaterra com o general Gurko, contrarrevolucionário exilado? O ministro não fez nenhuma menção a nada disso.)

5. O *nakaz* de Skobeliev é ruim; os Aliados não gostam dele, assim como os diplomatas russos. Todos nós temos de “falar uma mesma língua” na Conferência dos Aliados.

Só isso? Sim, só isso. Qual é a saída? A solução é ter fé em Tereshchenko e nos Aliados. Quando virá a paz? Quando os Aliados deixarem.

É assim que o governo responde às trincheiras sobre a questão da paz!

No pano de fundo da política russa, começa então a se forjar vagamente uma nova força sinistra — os cossacos. O jornal de Górkí, *Novaya Zhizn* (Vida Nova), chamou a atenção para suas atividades:

No começo da Revolução, os cossacos se recusaram a atirar sobre o povo. Quando Kornilov avançou sobre Petrogrado, eles se recusaram a segui-lo. Da lealdade passiva à Revolução, os cossacos passaram, porém, para uma ofensiva política ativa (contra ela). De repente, eles saíram do pano de fundo para a frente do palco da Revolução...

Kaledin, o atamã dos cossacos no [rio] Don, fora destituído do Governo Provisório devido a sua cumplicidade no episódio Kornilov. Recusou-se claramente, porém, a deixar o governo e, cercado por três enormes tropas de cossacos, perfilou-se diante de Novocherkask, fazendo complôs e ameaças. Seu poder era tão grande, que o Governo Provisório foi obrigado a ignorar tal insubordinação. Mais do que isso, foi forçado formalmente a reconhecer o Conselho da União dos Exércitos Cossacos e declarar ilegal a recém-constituída Seção Cossaca dos Sovietes...

Na primeira quinzena de outubro, uma delegação de cossacos se dirigiu a Kerenski, exigindo de forma arrogante que fossem retiradas

as acusações contra Kaledin e criticando o presidente do Conselho por ceder aos soviets. Kerenski concordou em deixar Kaledin sossegado e teria afirmado, segundo se disse, que “aos olhos dos dirigentes dos soviets eu sou um déspota e um tirano... Já o Governo Provisório não só não depende dos soviets como considera lamentável a existência deles”.

Ao mesmo tempo, uma outra delegação de cossacos se dirigiu ao embaixador britânico, dialogando com ele expressamente em nome do “povo cossaco livre”.

Algo como uma República Cossaca fora instituída no rio Don. A região do Kuban se declarou Estado cossaco independente. Os soviets de Rostov, no Don, e de Yekaterinburg foram dissolvidos por cossacos armados, e a sede do Sindicato dos Mineiros de Carvão de Kharkov foi pilhada. Em todas essas manifestações, o movimento cossaco se mostrava antissocialista e militarista. Seus líderes eram de origem nobre ou grandes proprietários de terras, como Kaledin, Kornilov, os generais Dutov, Karaulov e Bardizhe, e o movimento era financiado pelos grandes comerciantes e banqueiros de Moscou...

A velha Rússia se desagregava rápido. Na Ucrânia, Finlândia, Polônia, Bielorrússia, os movimentos nacionalistas se fortaleciam e avançavam. Os governos locais, controlados pelas classes proprietárias, reivindicavam autonomia, recusando-se a obedecer às ordens vindas de Petrogrado. Em Helsinque, o Senado finlandês se recusou a fazer um empréstimo de dinheiro para o Governo Provisório, proclamou a autonomia da Finlândia e exigiu a retirada das tropas russas. A burguesa Rada^c de Kiev estendeu as fronteiras da Ucrânia até incorporar as terras mais férteis do Sul da Rússia, chegando aos montes Urais, ao leste, e começou a formar um exército nacional. Seu premiê, Vinnichenko, sinalizava a realização de uma paz

em separado com a Alemanha — e o Governo Provisório nada podia fazer a respeito. A Sibéria e o Cáucaso reivindicavam Assembleias Constituintes próprias. Em todas essas regiões, iniciava-se um conflito amargo entre as autoridades e os sovietes locais de Deputados Operários e Soldados...

A situação ficava a cada dia mais caótica. Centenas de milhares de soldados desertavam do front, passando a vagar em multidões perdidas e desesperadas pelo país. Os camponeses das províncias de Tambov e Tver, cansados de esperar por terra, exasperados diante das medidas repressivas do governo, incendiavam casas e massacravam proprietários de terras. Greves e locautes de grandes proporções agitavam Moscou, Odessa e as minas de carvão do Don. O transporte estava paralisado; as tropas passavam fome; faltava pão nas grandes cidades.

O governo, dividido entre as facções democrática e reacionária, nada podia fazer. Quando se via forçado a agir, fazia-o sempre conforme o interesse das classes proprietárias. Cossacos foram enviados para restabelecer a ordem entre os camponeses e acabar com as greves. Na província de Tashkent, as autoridades dissolveram o soviete. Em Petrogrado, o Conselho Econômico, formado para reconstruir a vida econômica devastada do país, chegara a um impasse diante do confronto entre as forças do capital e do trabalho, e acabou sendo dissolvido por Kerenski. Apoiados pelo *Cadete*, os militares do velho regime exigiam medidas severas que pudessem restaurar a disciplina no Exército e na Marinha. Sem êxito, o marechal Verderevski, respeitado ministro da Marinha, e o general Verkhovski, ministro da Guerra, insistiam em que somente uma nova forma de disciplina, voluntária e democrática, baseada na cooperação com os

comitês de soldados e de marinheiros, poderia salvar o Exército e a Marinha. Suas recomendações, porém, eram simplesmente ignoradas.

Os reacionários pareciam decididos a provocar a ira popular. O julgamento de Kornilov se aproximava. A imprensa burguesa saía em sua defesa cada vez mais abertamente, referindo-se a ele como “O grande patriota russo”. O jornal de Burtzev, *Obschchee Dielo* (Causa Comum), pedia a instauração de uma ditadura liderada por Kornilov, Kaledin e Kerenski!

Um dia, na sala de imprensa do Conselho da República, conversei com Burtzev, um homem de pequena estatura, corpo curvado, o rosto bastante enrugado, olhos quase ocultos por trás das lentes grossas, cabelos desalinhados e barba grisalha.

“Escreva o que estou lhe dizendo, meu jovem! A Rússia precisa é de um homem forte. Temos de parar de nos preocupar com a Revolução e pensar mais nos alemães. Que estupidez enorme foi derrotar Kornilov; e por trás dessa estupidez estão os agentes alemães. Kornilov deveria ter vencido...”

Na extrema-direita, os jornais dos semicamuflados monarquistas, o *Narodny Tribun* (Tribuna do Povo), de Purishkevich, o *Novaya Rus* (Nova Rússia) e o *Zhivoye Slovo* (Palavra Viva) pregavam abertamente o fim da democracia revolucionária...

Em 23 de outubro, deu-se a batalha naval com o esquadrão alemão no Golfo de Riga. Sob a alegação de que Petrogrado estava em risco, o Governo Provisório estabeleceu planos de evacuação da capital. Em primeiro lugar, as fábricas de munições deveriam sair dali e se espalhar, a grandes distâncias, por toda a Rússia; em seguida, o próprio governo se mudaria para Moscou. Imediatamente, os bolcheviques começaram a divulgar que o governo estava abandonando a Capital Vermelha a fim de enfraquecer a Revolução.

Riga fora vendida aos alemães; agora, era a vez de Petrogrado sofrer a traição!

A imprensa burguesa exultava. “Em Moscou”, escreveu o jornal *Ryech* (Discurso), do *Cadete*, “o governo poderá levar adiante seu trabalho em clima de tranquilidade, sem a interferência dos anarquistas.” Rodzianko, líder da ala direita do Partido *Cadete*, declarou em *Utro Rossii* (A Manhã da Rússia) que a tomada de Petrogrado pelos alemães seria uma bênção, pois acabaria com os sovietes e livraria a todos, também, da frota revolucionária do Báltico:

Petrogrado está em perigo [escreveu ele]. Pois penso comigo mesmo: “Que fique com Deus”. Eles temem que, se perdermos Petrogrado, as principais organizações revolucionárias serão aniquiladas. Quanto a isso, respondo que eu ficaria muito feliz se essas organizações fossem aniquiladas; pois elas não poderão trazer para a Rússia nada além de um desastre...

Com a tomada de Petrogrado, a Frota do Báltico também será destruída... Mas não haverá nada para lamentar; a maior parte dos navios de guerra já está completamente desmoralizada...

Diante da tempestade de indignação popular, o plano de evacuação foi, no entanto, rechaçado.

Enquanto isso, a sombra do Congresso dos Sovietes pesava sobre toda a Rússia como uma nuvem carregada, atravessada por relâmpagos incessantes. Contra ele se erguia não só o governo, mas também todos os socialistas “moderados”. Os Comitês Centrais do Exército e da Marinha, os comitês centrais de alguns sindicatos, os sovietes de camponeses e, acima de tudo, o próprio *Tsik* não poupavam esforços para evitar a realização do encontro. O *Izvestia* e o *Golos Soldata* (A Voz do Soldado) atacavam-no ferreamente, assim

como toda artilharia representada pela imprensa do Partido Socialista Revolucionário, como o *Dielo Naroda* (A Causa do Povo) e *Volia Naroda* (A Vontade do Povo).

Delegados eram enviados para todos os cantos do país, telegramas eram mandados para os comitês responsáveis pelos sovietes locais e para os Comitês do Exército com instruções para que suspendessem ou adiassem as eleições para o Congresso. Resoluções públicas formais contra o Congresso, declarações de que seria antidemocrática sua realização tão próximo da Assembleia Constituinte, representantes do front, da União dos Zemstvos, a União de Camponeses, a União dos Exércitos Cossacos, a União dos Oficiais, os Cavaleiros de São Jorge, os Batalhões da Morte, ^d todos protestavam... O Conselho da República Russa expressou em coro sua desaprovação. Todo o aparato erguido pela revolução de março estava sendo acionado, agora, para conter a realização do Congresso dos Sovietes...

Do outro lado havia a vontade aguda do proletariado — operários, soldados comuns e camponeses pobres. Muitos sovietes locais já estavam sob controle bolchevique; havia, também, as organizações dos trabalhadores da indústria, os Frabrichno-Zavodskiye Comitieti — os Comitês de Fábrica; além das organizações insurgentes no Exército e na Marinha. Em algumas localidades, a população, impedida de realizar as eleições normais de seus delegados para os sovietes, improvisava reuniões e elegia representantes para irem a Petrogrado. Em outras, derrubavam os comitês obstrucionistas antigos e constituíam outros em seu lugar. O fogo da revolta crescia e rompia a crosta de terra que aos poucos vinha enrijecendo a superfície da lava revolucionária imóvel por todos aqueles meses. Somente um movimento de massas espontâneo poderia garantir o Congresso Pan-Russo dos Sovietes...

Dia após dia, os oradores bolcheviques circulavam pelas casernas e fábricas, denunciando com violência “o governo da guerra civil”. Um domingo, embarquei em um pesado bonde a vapor que se arrastava em meio a oceanos inteiros de lama, passando por fábricas desoladas e igrejas imensas, rumo à Obukhovski Zavod, uma indústria de munições do governo, na avenida Schlüsselburg.

A reunião se realizava entre os muros de tijolo cru de um enorme edifício inacabado. Atentos e exaltados, 10 mil homens e mulheres com roupas escuras se amontoavam em torno de um andaime decorado com um pano vermelho, equilibrando-se sobre pilhas de tábuas ou tijolos, empoleirando-se sobre vigas, à sombra. Aqui e ali, um raio de sol atravessava o céu carregado, projetando-se, através das janelas sem vidro, sobre os rostos simples das pessoas, voltados para nós.

Lunatcharski, com seu corpo franzino, uma figura de estudante com rosto sensível de artista, explicava por que os soviets precisavam tomar o poder. Era a única coisa capaz de assegurar a continuidade da Revolução contra seus inimigos, que estavam arruinando o país deliberadamente, arruinando o Exército, e criando as condições para o surgimento de um novo Kornilov.

Um soldado do front romeno, magro, dramático e rude, gritava: “Camaradas, estamos passando fome no front, estamos enrijecidos de tanto frio. Estamos morrendo em nome de nada. Peço aos camaradas norte-americanos que divulguem em seu país que os russos jamais desistirão da Revolução, até a morte. Manteremos nossas posições com todas as nossas forças até que os povos do mundo inteiro se levantem e venham em nosso auxílio! Digam aos trabalhadores norte-americanos que eles precisam se erguer e lutar pela revolução social!”.

Veio, em seguida, Petrovski, franzino, falando pausadamente, implacável:

“É hora de ação, não de palavras. A situação econômica é péssima, mas temos de lidar com isso. Eles tentam nos matar de fome e nos deixar congelados. Querem nos provocar. Mas vamos mostrar a eles que estão indo longe demais; que, se ousarem colocar as mãos sobre as organizações do proletariado, iremos varrê-los da face da terra feito lixo!”

De repente, a imprensa bolchevique se ampliou enormemente. Além dos dois jornais do partido, *Rabochi Put* e *Soldat* (Soldado), um novo jornal para os camponeses apareceu, o *Derevenskaya Byednota* (O Campesinato Pobre), com meio milhão de exemplares por dia; em 17 de outubro, foi lançado o *Rabochi i Soldat*, com um editorial que resumia o ponto de vista dos bolcheviques:

Um quarto ano de guerra significará a aniquilação do Exército e do país... A segurança de Petrogrado está em perigo. Os contrarrevolucionários se rejubilam diante das desgraças do povo... Os camponeses, levados ao desespero, revoltam-se abertamente; os proprietários de terras e o governo os massacram com operações punitivas; fábricas e minas estão sendo fechadas, operários estão ameaçados de passar fome... A burguesia e seus generais querem restabelecer uma disciplina cega no Exército... Apoiados pela burguesia, os kornilovistas preparam-se abertamente para torpedear a Assembleia Constituinte...

O governo de Kerenski está contra o povo. Ele irá destruir o país... Este jornal é feito para o povo e pelo povo — as classes desfavorecidas, os operários, soldados e camponeses. Somente

levando a cabo a Revolução é que o povo poderá ser salvo... e, para isso, todo o poder tem de estar nas mãos dos sovietses...

Esse jornal defendia o seguinte:

Todo poder aos sovietses — tanto na capital como nas províncias.

Armistício imediato em todos os fronts. Uma paz justa entre os povos.

A terra dos latifundiários — sem indenizações — para os camponeses.

Controle operário da produção industrial.

Uma Assembleia Constituinte eleita de forma leal e honesta.

É interessante reproduzir, aqui, o seguinte trecho do mesmo jornal — órgão daqueles bolcheviques tão conhecidos, pelo mundo todo, como agentes alemães:

O kaiser alemão, banhando pelo sangue de milhões de mortos, quer avançar suas tropas sobre Petrogrado. Chamemos os operários, soldados e camponeses alemães, que querem a paz tanto quanto nós, a... se erguerem contra essa guerra maldita!

Isso só pode ser feito por um governo revolucionário, que se dirija realmente aos operários, soldados e camponeses da Rússia e que se dirigiria diretamente, por cima das cabeças dos diplomatas, às tropas alemãs, inundando suas trincheiras com declarações traduzidas para sua própria língua... Nossos aviadores espalhariam essas declarações por toda a Alemanha...

Aprofundava-se a cada dia o abismo entre os dois lados opostos no Conselho da República.

“As classes proprietárias”, exclamou Karelin, em nome dos Socialistas Revolucionários de Esquerda, “deseja usar o aparelho revolucionário do Estado para atrelar a Rússia ao carro de guerra dos Aliados! Os partidos revolucionários são totalmente contra essa política...”

Representando os Socialistas Populistas, o velho Nicholas Tchaikovski discursou contra a transferência de terras aos camponeses, assumindo a posição do *Cadete*:

Precisamos que a disciplina vigore imediatamente no exército... Desde o início da guerra venho insistindo de forma ininterrupta em que promover reformas econômicas e sociais em tempos de guerra é algo criminoso. Estamos cometendo esse crime, ainda que eu não seja contra tais reformas, já que sou socialista.

Gritos vindos da esquerda, “Não acreditamos em você!”. Fortes aplausos à direita...

Adzhemov, discursando pelo *Cadete*, afirmou que não havia necessidade de dizer ao exército o motivo pelo qual ele estava lutando, já que todo soldado deveria saber que sua primeira tarefa era expulsar o inimigo do território russo.

Kerenski interveio duas vezes, para defender de forma apaixonada a unidade nacional, chegando, numa dessas ocasiões, a cair em lágrimas ao final do discurso. O público ouviu-o friamente, interrompendo-o com observações irônicas.

O Instituto Smolny, sede do *Tsik* e do Soviete de Petrogrado, fica nos arredores da cidade, à beira do grande Neva. Para ir até lá, eu pegava o bonde, que avançava gemendo, na velocidade de uma lesma,

por ruas pavimentadas com pedras e cheias de lama, lotadas de gente. No ponto final, alçavam-se as belas e graciosas cúpulas azul esfumadas do convento Smolny, circundadas por uma linha dourada, e atrás delas a enorme fachada, semelhante a uma caserna, do Instituto Smolny, com cerca de duzentos metros de largura e três amplos pavimentos, tendo ainda, na entrada principal, o brasão imperial, insolente, gravado em pedra...

Famoso colégio interno para as filhas da nobreza durante o antigo regime, sob patrocínio da própria tsarina, o Instituto fora ocupado pelas organizações de operários e soldados. Em seu interior, mais de cem cômodos amplos, brancos e vazios, ainda com placas esmaltadas nas portas para informar ao visitante que ali dentro era a “Sala de aula para senhoras número 4” ou “Sala dos professores”; sobre essas placas, porém, haviam sido afixadas outras, com escrita grosseira, evidenciando a vitalidade da nova ordem: “Comitê Central do Soviete de Petrogrado”, “*Tsik*” e “Gabinete de Relações Exteriores”; “União dos Soldados Socialistas”, “Comitê Central dos Sindicatos Pan-Russos”, “Comitês de Fábrica”; “Comitê Central do Exército”; e os escritórios-sede e salas de reunião dos partidos políticos...

Os longos e abobadados corredores, iluminados por algumas poucas lâmpadas elétricas, transbordavam de espectros apressados de soldados e operários, alguns curvados sob o peso de enormes pilhas de jornais, declarações ou propaganda impressa de todo tipo. O som de suas botas pesadas sobre o piso de madeira produzia um ruído grave e incessante... Havia cartazes por todo lado: “Camaradas! Para o bem de sua própria saúde, mantenham a limpeza!”. Panfletos e publicações dos diversos partidos eram expostos e vendidos em longas mesas dispostas nos lances das escadarias ou ao final de cada uma delas, em todos os andares.

O velho refeitório amplo e de pé-direito baixo, no térreo, ainda mantinha a mesma função. Paguei dois rublos por um tíquete que me dava direito a um jantar e entrei em uma fila junto com outras mil pessoas, aguardando para chegar aos balcões onde vinte homens e mulheres retiravam sopa de legumes de enormes caldeirões, pedaços de carne, porções de *kasha* e fatias de pão preto. Com cinco copeques, podia-se comprar chá, servido numa caneca de lata. Para se servir, você tinha de pegar uma colher de pau engordurada de uma cesta... Os bancos ao longo das mesas de madeira estavam repletos de proletários que devoravam sua comida, contavam histórias e piadas sujas em todo o salão...

Havia outra cantina, no andar de cima, reservada para o *Tsik* — embora todo mundo entrasse ali. Havia pão com bastante manteiga e xícaras de chá à vontade...

Na ala sul do segundo andar ficava a grande sala de reuniões — antigo salão de baile do Instituto. Amplo, claro, era iluminado por lustres brancos vitrificados que sustentavam centenas de elegantes lâmpadas elétricas e dividido por duas fileiras de colunas maciças; em uma das extremidades, um tablado com duas luminárias, uma de cada lado, altas e de vários braços; ao fundo, uma moldura dourada, de onde fora retirado o retrato do imperador. Ali, nas ocasiões festivas, reuniam-se as grã-duquesas, cercadas de reluzentes uniformes militares e eclesiásticos...

Em frente a essa grande sala ficava o setor de credenciamento do Congresso dos Sovietes. Permaneci ali observando a chegada dos delegados — soldados corpulentos e com barba, operários vestidos de preto, alguns camponeses com cabelos longos. A moça encarregada da tarefa — membro da *Yedinstvo* de Plekhanov^e — sorria com desprezo. “É gente muito diferente dos delegados do primeiro *Siezd*

(Congresso)”, observava ela. “Veja como são grosseiros e atrasados! Gente ignorante...” E era verdade: a Rússia profunda tinha sido remexida, e agora era a base lá das profundezas que aparecia na superfície. O Comitê de Credenciamento, designado pelo velho *Tsik*, refutava delegado após delegado, sob o argumento de que tinham sido eleitos de forma irregular. Karakhan, integrante do Comitê Central Bolchevique, apenas sorria. “Não liguem para isso”, dizia ele; “na hora certa vamos ver se vocês terão ou não seus lugares.”

O *Rabochi i Soldat* afirmava:

Chamamos a atenção dos delegados do novo Congresso Pan-Russo para as tentativas de alguns membros do Comitê de Organização de frustrar o Congresso dizendo que ele não será realizado e que os delegados fariam melhor se fossem embora de Petrogrado... Não deem atenção a essas mentiras... Grandes dias estão próximos...

Diante da evidência de que o quórum necessário não seria obtido em 2 de novembro, adiou-se a abertura do Congresso para o dia 7. Mas o país inteiro se encontrava em ebulição; percebendo que haviam sido derrotados, os mencheviques e os socialistas revolucionários de repente mudaram de tática e começaram a se comunicar freneticamente com suas organizações no interior para que elessem o máximo possível de socialistas “moderados” para o encontro. Ao mesmo tempo, o Comitê Executivo dos Sovietes de Camponeses convocou de emergência um Congresso de Camponeses para o dia 13 de dezembro, a fim de se contrapor a qualquer decisão que os operários e soldados pudessem tomar...

O que faziam os bolcheviques? Na cidade, circulavam rumores de que haveria uma “manifestação” armada, uma *vystuplenie* — uma “apresentação pública” dos operários e soldados. A imprensa

burguesa e reacionária profetizava que haveria uma insurreição e exigia do governo que prendesse o Soviete de Petrogrado ou que pelo menos impedisse a realização do Congresso. Órgãos como o *Novaia Rus* defendiam um massacre total dos bolcheviques.

O jornal de Gorki, *Novaya Zhizn*, concordava com os bolcheviques em que os reacionários estavam tentando destruir a Revolução, e que, se fosse necessário, caberia adotar uma resistência armada; mas que todos os partidos da democracia revolucionária deveriam formar uma frente única.

Enquanto a democracia não tiver organizado suas principais forças, enquanto sua influência ainda encontrar uma forte resistência, não haverá nenhum ganho em se passar para a ofensiva. Mas, se os elementos hostis apelarem para o uso da força, nesse caso a democracia revolucionária deverá entrar na batalha pela tomada do poder, e ela terá o apoio das camadas mais profundas do povo...

Górki afirmava que tanto os jornais governistas quanto os reacionários estavam incitando os bolcheviques à violência. Uma insurreição, no entanto, abriria o caminho para um novo Kornilov. Ele pedia, assim, aos bolcheviques, que negassem aqueles rumores. No jornal menchevique *Dien* (Dia), Potressov publicou uma matéria sensacionalista, ilustrada com um mapa, que supostamente revelava o plano secreto de ataque dos bolcheviques.

Como num passe de mágica, os muros foram cobertos de avisos,¹⁵ declarações e chamamentos vindos dos comitês centrais das facções “moderadas” e dos conservadores, atacando qualquer “manifestação”, implorando aos operários e soldados que não dessem ouvidos aos

agitadores. Um texto da Seção Militar do Partido Socialista Revolucionário afirmava, por exemplo, o seguinte:

Mais uma vez se espalham pela cidade rumores da preparação de uma *vystuplenie*. Qual é a fonte desses rumores? Qual organização autorizou esses agitadores a pregar a insurreição? Questionados a esse respeito no *Tsik*, os bolcheviques negaram qualquer relação com isso... Mas esses rumores carregam em si um enorme perigo. Não seria difícil acontecer de algumas cabeças ensandecidas, sem levar em consideração o estado de espírito da maioria dos operários, soldados e camponeses, convocarem parcelas dos trabalhadores e dos soldados para saírem às ruas, incitando-os a se insurgir... No atual momento temeroso por que passa a Rússia revolucionária, qualquer insurreição pode facilmente se transformar em guerra civil, e desta poderia resultar a destruição de todas as organizações do proletariado, construídas com tanto esforço... O plano dos contrarrevolucionários é aproveitar a insurreição para destruir a Revolução, abrindo o caminho para Guilherme, e acabar com a Assembleia Constituinte... Permaneçam firmes em seus postos! Nada de manifestações!

Em 28 de outubro, nos corredores do Smolny, conversei com Kameniev, um homem pequenino com uma barba ruiva pontuda e gestos expressivos. Ele não estava nem um pouco convencido de que haveria delegados suficientes. “Se *houver* Congresso”, disse ele, “ele expressará o sentimento amplo do povo. Se a maioria for bolchevique, como acredito que será, exigiremos que todo o poder seja transferido para os soviets e que o Governo Provisório renuncie...”

Volodarski, um jovem alto e pálido, de óculos e aspecto doentio, foi mais incisivo. “Os ‘Lieber-Dans’ e outros conciliadores estão

sabotando o Congresso. Se forem bem-sucedidos e impedirem sua realização — bem, nesse caso, somos realistas o bastante para não dependermos *disso!*” Datados de 29 de outubro, encontro registrados em meu caderno de anotações os seguintes pontos, tirados dos jornais daquele dia:

Moguilev (quartel-general do Estado-Maior). Estão concentrados ali os Regimentos da Guarda que continuam fiéis, a Divisão Selvagem, Cossacos e os Batalhões da Morte.

Os *yunkers* das Escolas de Oficiais de Pavlovski, Tsarskoye Selo [Vila do Tsar] e Peterhof receberam instruções para estar a postos para avançar sobre Petrogrado. Chegam à cidade os *yunkers* de Oranienbaum.

Parte da divisão de carros blindados da guarnição de Petrogrado está estacionada no Palácio de Inverno.

Com base em uma ordem assinada por Trótski, vários milhares de fuzis foram distribuídos aos delegados dos operários de Petrogrado pela fábrica de armamentos do governo em Sestroretzk.

Reunião da milícia municipal do bairro do Baixo-Liteiny aprovou uma resolução que exige todo poder aos soviets.

Essa é apenas uma amostra dos confusos acontecimentos daqueles dias febris, quando todos sabiam que alguma coisa estava para acontecer, mas ninguém sabia o quê.

Em uma reunião do Soviete de Petrogrado no Smolny, na noite de 30 de outubro, Trótski classificou as afirmações da imprensa burguesa, de que o soviets preparava uma insurreição armada, como “uma tentativa dos reacionários de desacreditar e esfacelar o Congresso dos Sovietes”... “O Soviete de Petrogrado”, declarou ele, “não ordenou nenhuma *vystuplenie*. Se for necessário, porém, faremos isso, e

contaremos com o apoio da guarnição de Petrogrado... Eles (o governo) preparam a contrarrevolução; e a ela nós devemos responder com uma ofensiva que será implacável e decisiva.”

O Soviete de Petrogrado, de fato, não ordenara nenhuma manifestação, mas o Comitê Central do partido bolchevique avaliava a questão da insurreição. Ele esteve reunido a noite toda do dia 23. Estavam presentes todos os intelectuais do partido, os dirigentes — além de delegados dos operários e da guarnição.^f Dentre os intelectuais, os únicos que votaram a favor da insurreição foram Lênin e Trótski. Até mesmo os militares foram contra. Houve uma votação. A insurreição foi rechaçada!

Levantou-se então um operário simples, com o rosto contraído de tanta ira. “Falo aqui em nome do proletariado de Petrogrado”, disse ele, rudemente. “Somos favoráveis a uma insurreição. Façam como acharem melhor, mas eu lhes digo que, se vocês permitirem que os sovietes sejam destruídos, nós acabaremos com vocês!” Alguns soldados o apoiaram... Em seguida, houve uma nova votação — e a insurreição foi aprovada...

A ala direita dos bolcheviques, liderada por Riazanov, Kameniev e Zinoviev, manteve, porém, a campanha contra um levante armado. Na manhã de 31 de outubro, foi publicado em *Rabochi i Soldat* o primeiro trecho da “Carta aos camaradas” de Lênin,¹⁶ uma das peças de propaganda política mais audaciosas que o mundo já havia visto. Nela, partindo das objeções levantadas por Kameniev e Rizanov, Lênin apresentava sérios argumentos em favor da insurreição.

“Ou renunciamos à nossa palavra de ordem, ‘Todo poder aos sovietes’”, escrevia ele, “ou fazemos uma insurreição. Não há meio-termo...”

Na mesma tarde, Paul Miliukov, dirigente do *Cadete*, pronunciou um brilhante e severo discurso¹⁷ no Conselho da República, classificando o *nakaz* de Skobeliev como pró-alemão, afirmando que a “democracia revolucionária” estava destruindo a Rússia, ironizando Tereshchenko e declarando, abertamente, que ele preferia a diplomacia alemã à russa... Ao longo de sua intervenção, clamores surgiam das bancadas da esquerda.

O governo, de seu lado, não podia ignorar o que o êxito da propaganda bolchevique significava. No dia 29, uma comissão mista do governo e do Conselho da República redigiu às pressas duas leis, uma que transferia temporariamente terras para os camponeses e outra que determinava a necessidade de dar prosseguimento a uma política externa pela paz. No dia seguinte, Kerenski suspendeu a aplicação da pena de morte no Exército. Na mesma tarde, foi aberta, com uma cerimônia cheia de pompa, a primeira sessão da nova “Comissão pelo Fortalecimento do Regime Republicano e pela Luta contra a Anarquia e a Contrarrevolução” — que depois desapareceu completamente da história... Na manhã seguinte, com outros dois correspondentes, entrevistei Kerenski¹⁸ — foi a última vez em que ele recebeu jornalistas.

“O povo russo”, disse ele em tom amargo, “está sofrendo com o esgotamento da economia e com a desilusão em relação aos Aliados! O mundo pensa que a Revolução Russa está acabando. Não se enganem. A Revolução Russa está apenas começando...” Palavras mais proféticas, talvez, do que ele mesmo poderia imaginar.

Estive presente na tempestuosa reunião do Soviete de Petrogrado de 30 de outubro, que durou a noite inteira. Os intelectuais socialistas “moderados”, os oficiais e integrantes dos Comitês do Exército e o

Tsik estavam ali com todas as suas forças. Contra eles, erguiam-se trabalhadores, camponeses e soldados simples e exaltados.

Um camponês falou sobre os distúrbios ocorridos em Tver, que, segundo ele, foram provocados pela prisão dos Comitês Rurais. “Esse Kerenski não passa de um escudo dos *pomieshchiki* (proprietários rurais)”, exclamou. “Eles sabem que a Assembleia Constituinte lhes tirará as terras de qualquer maneira, então, procuram destruir a Assembleia Constituinte!”

Um mecânico da fábrica Putilov contou como os chefes estavam fechando as seções, uma a uma, alegando falta de combustível ou de matéria-prima. Mas o Comitê de Fábrica — ele afirmou — descobriu grande quantidade de suprimentos escondidos.

“É uma *provocatzia*”, disse ele. “Eles querem nos fazer passar fome, ou nos forçar à violência!”

Um dos soldados disse: “Camaradas! Trago as saudações de um lugar onde homens cavam as próprias tumbas, que são chamadas de trincheiras!”.

Ergueu-se então um jovem soldado alto e macilento, com olhos faiscantes, que foi recebido com enorme ovação. Era Tchudnovski, que fora tido como morto nos combates de julho e que agora ressuscitava.

“As massas de soldados não confiam mais em seus oficiais. Até mesmo os Comitês do Exército, que se recusaram a convocar uma reunião do nosso soviete, nos traiu... As massas dos soldados querem que a Assembleia Constituinte se realize exatamente na data para a qual foi convocada, e aqueles que tentarem adiá-la serão amaldiçoados — e não se trata de maldições platônicas, pois o Exército tem muitas armas também...”

Relatou, então, a campanha eleitoral que se realizava animadamente no 5º Exército. “Os oficiais, e sobretudo os

mencheviques e os socialistas revolucionários, tentam deliberadamente paralisar os bolcheviques. Nossos jornais são proibidos de circular nas trincheiras. Nossos oradores são presos.”

“Por que você não fala da falta de pão?”, gritou outro soldado.

“Um homem não vive apenas de pão”, respondeu Tchudnovski, gravemente...

Depois dele falou um oficial, delegado do Soviete de Vitebsk, menchevique convicto. “Não se trata de saber quem tem o poder. O problema não é o governo, mas a guerra... e a guerra precisa ser ganha antes de qualquer mudança” — vaias e exclamações irônicas. “Esses agitadores bolcheviques são todos demagogos!” A sala inteira cai na gargalhada. “Esqueçamos por um momento a luta de classes...” Mas ele não consegue continuar. Uma voz exclama: “Nem pense que faríamos isso!”.

Petrogrado apresentava naqueles dias um curioso espetáculo. Nas fábricas, as salas dos comitês estavam repletas de pilhas de fuzis, mensageiros iam para lá e para cá, a Guarda Vermelha⁸ se exercitava... Havia reuniões nas casernas todas as noites, e discussões duras ao longo de todo o dia. Nas ruas, em meio ao triste cair da tarde, as multidões se arrastavam, em seu fluxo vagaroso, para cima e para baixo na avenida Nevski, disputando os jornais do dia... O índice de assaltos atingira um nível tão elevado, que era perigoso andar pelas ruas laterais... Certa tarde, na Sadovaya, testemunhei o linchamento de um soldado pego roubando em flagrante... Indivíduos suspeitos circulavam em torno das mulheres que, tiritando de frio, aguardavam em longas filas por pão e leite, e espalhavam que os judeus tinham se apropriado dos estoques de comida — e que,

enquanto o povo passava fome, os membros do soviete viviam no luxo.

No Smolny, as portas e os portões eram estritamente controlados por guardas, que exigiam de todos alguma credencial para permitir a passagem. As salas dos comitês viviam atulhadas e barulhentas, dia e noite; centenas de soldados e trabalhadores dormiam no chão, onde quer que encontrassem algum espaço. No andar superior, na grande sala de reuniões, cerca de mil pessoas lotavam as tumultuosas sessões do Soviete de Petrogrado...

Os cassinos funcionavam febrilmente, do crepúsculo à aurora, com champanhe à vontade e apostas de até 20 mil rublos. No centro da cidade, à noite, prostitutas com joias e peles caras andavam para cima e para baixo; os cafés ficavam lotados...

Complôs monarquistas, espiões alemães, contrabandistas buscando esquemas...

Sob a chuva, debaixo de um frio cortante e um céu cinzento, a grande cidade, vibrante, avançava cada vez mais rápido... — para onde?

a Ver Notas e esclarecimentos do Autor.

b Membros da ala revolucionária internacionalista dos socialistas da Europa, assim chamados devido à sua participação na Conferência Internacional realizada em Zimmerwald, Suíça, em 1915.

c A Rada Central Ucraniana era uma organização nacionalista contrarrevolucionária que pretendia criar um Estado burguês ucraniano.

d Ver Notas e esclarecimentos do Autor.

e Ver Notas e esclarecimentos do Autor.

f Falta precisão na descrição dos fatos por John Reed neste caso. O Comitê Central decidiu em princípio pela insurreição por uma ampla maioria (dez a dois), sem nenhuma participação de delegados de fora. (N. E.)

g Ver Notas e esclarecimentos do Autor.

3. A véspera

Chega um momento na relação entre um governo fraco e um povo rebelde em que qualquer ato das autoridades exacerba ainda mais os ânimos das massas e em que cada recusa em agir faz aumentar o desprezo que elas nutrem...

A ideia de abandonar Petrogrado provocara uma verdadeira tempestade; o desmentido público de Kerenski, afirmando que o governo jamais tivera essa intenção, foi recebido por vaias escarnekedoras.

Acosado pela pressão da Revolução [proclamava o *Rabochi Put*], o governo dos burgueses “provisórios” tenta se livrar dando garantias mentirosas de que jamais pensou em abandonar Petrogrado e que não intencionava entregar a capital...

Em Karkov, 30 mil mineiros de carvão se organizaram, adotando para si o preâmbulo dos estatutos da IWW [Industrial Workers of the World]: “A classe operária e a classe patronal não têm nada em comum”. Dispersados pelos cossacos, alguns foram demitidos, e o restante declarou uma greve geral. O ministro do Comércio e Indústria, Konovalov, designou seu assistente, Orlov, com plenos poderes, para restabelecer a ordem. Os mineiros odiavam Orlov, mas o *Tsik* não só apoiou suas iniciativas como se recusou a pedir que os cossacos se retirassem da bacia do Don.

A esses episódios, seguiu-se a dissolução do Soviete de Kaluga. Tendo conquistado a maioria desse soviete, os bolcheviques colocaram

alguns presos políticos em liberdade. Com o aval do comissário do governo, a Duma Municipal chamou tropas de Minsk, que atacaram com artilharia a sede do soviete. Os bolcheviques se renderam, mas, ao saírem do prédio, foram atacados pelos cossacos, que gritavam: “É isso que nós vamos fazer com todos os outros sovietes bolcheviques, inclusive os de Moscou e Petrogrado!”. Esse incidente despertou uma onda de pânico e de cólera que atravessou o país.

Chegava à sua fase final, em Petrogrado, um congresso regional dos sovietes do Norte, sob a presidência do bolchevique Krylenko. Por esmagadora maioria ficou resolvido que o poder deveria ser assumido pelo Congresso Pan-Russo; no encerramento, aprovaram também uma saudação aos bolcheviques presos e um apelo que se rejubilhassem, pois a hora de sua libertação estava próxima. Ao mesmo tempo, a primeira Conferência Pan-Russa dos Comitês de Fábrica¹⁹ se declarou enfaticamente a favor dos sovietes e proclamou, de modo bastante significativo, o seguinte:

Depois de se livrar politicamente do tsarismo, a classe operária almeja ver o triunfo do regime democrático na esfera de sua atividade produtiva. A melhor tradução disso está no controle operário sobre a produção industrial, que surge naturalmente do clima de deterioração econômica instituído pela política criminosa da classe dominante...

O Sindicato dos Ferroviários exigia a renúncia de Liverovski, ministro da Viação e das Comunicações...

Em nome do *Tsik*, Skobeliev insistia na necessidade de o *nakaz* ser apresentado na Conferência dos Aliados e protestou formalmente contra o envio de Tereshchenko a Paris. Tereshchenko pediu demissão...

Incapaz de efetivar sua reorganização no exército, era raro o general Verkhovski comparecer às reuniões do Gabinete...

Em 3 de novembro, o *Obschchee Dielo*, de Burtzev, estampou em letras garrafais:

Cidadãos! Salvemos a Rússia!

Acabo de ser informado de que ontem, na reunião da Comissão de Defesa Nacional, o ministro da Guerra, general Verkhovski, um dos principais responsáveis pela derrota de Kornilov, propôs a assinatura de uma paz em separado, independentemente dos Aliados.

É uma traição à Rússia!

Tereshchenko afirmou que o Governo Provisório ainda não avaliou a proposta.

“Parece que estamos numa casa de loucos”, disse Tereshchenko.

Os integrantes da Comissão ficaram horrorizados com as palavras do general.

O general Alexeiev chorou.

Não, isso não é loucura! É pior: uma traição aberta à Rússia!

Kerenski, Tereshchenko e Nekrassov nos devem uma resposta imediata em relação às palavras de Verkhovski.

Alerta, cidadãos!

A Rússia está sendo vendida!

Vamos salvá-la!

O que Verkhovski de fato dissera era que os Aliados deveriam ser pressionados a fazer uma proposta de paz, pois o exército russo já não aguentava mais lutar...

Esse artigo teve um enorme impacto, tanto na Rússia como no exterior. Verkhovski foi posto sob “licença médica por prazo

indeterminado” e deixou o governo. O *Obsheee Dielo* foi proibido de circular.

O domingo 4 de novembro foi definido como o dia do Soviete de Petrogrado, em que se realizariam grandes comícios por toda a cidade, organizados abertamente para arrecadar fundos para a instituição e suas publicações; na verdade, tratava-se de uma demonstração de força. De um dia para o outro, foi anunciado que no mesmo domingo os cossacos realizariam uma *Krestni Khod* — Procissão da Cruz —, em homenagem ao Ícone de 1612, cuja intervenção miraculosa teria sido responsável pela derrota de Napoleão em Moscou. O clima estava carregado de eletricidade; uma simples faísca poderia detonar a guerra civil. O Soviete de Petrogrado divulgou um manifesto intitulado “Irmãos cossacos!”:

Cossacos, vocês estão sendo incitados a se opor a nós, operários e soldados. Esse plano de Caim está sendo aplicado pelos nossos inimigos comuns, os opressores, as classes privilegiadas — generais, banqueiros, proprietários rurais, ex-oficiais, ex-funcionários do tsar... Somos odiados pelos usurários, pelos ricos, príncipes, nobres, generais, inclusive pelos seus generais cossacos. Eles estão dispostos a destruir a qualquer momento o Soviete de Petrogrado e esmagar a Revolução...

Alguém está organizando para 4 de novembro uma procissão religiosa de cossacos. Participar ou não dessa procissão é uma questão que diz respeito à livre consciência de cada um. Não interferimos nessa matéria, assim como não queremos criar dificuldades para ninguém... No entanto, queremos alertá-los, cossacos! Prestem atenção e vejam se, a pretexto da *Krestni Khod*,

seus Kaledins não estão, na verdade, instigando-os contra os operários, contra os soldados...

A procissão foi logo suspensa.

Nas casernas e nos bairros operários da cidade, os bolcheviques pregavam “Todo poder aos soviets!” enquanto agentes das Forças Ocultas instigavam as pessoas a se revoltarem e a atacarem os judeus, os comerciantes, os líderes socialistas...

De um lado a imprensa monarquista clamava por uma repressão sangrenta; do outro, a voz poderosa de Lênin rugia: “Insurreição!... Não podemos esperar mais!”.

Até mesmo a imprensa burguesa se agitava.²⁰ A *Birzhevya Viedomosti* (Gazeta da Bolsa) classificou a propaganda bolchevique como um ataque “aos princípios mais elementares da sociedade — a segurança pessoal e o respeito à propriedade privada”.

Os mais hostis, porém, eram os jornais dos socialistas “moderados”.²¹ “Os bolcheviques são os inimigos mais perigosos da Revolução”, afirmou o *Dielo Naroda*. Já para o menchevique *Dien*, “o governo tem de defender a si mesmo e a nós”. O jornal de Plekhanov, *Yedinstvo* (Unidade),²² chamava a atenção do governo para o fato de os operários de Petrogrado estarem sendo armados e cobrava medidas severas contra os bolcheviques.

A cada dia, o governo parecia mais impotente. Até mesmo a administração municipal se esboroava. As páginas dos matutinos estavam lotadas de notícias sobre assaltos e assassinatos os mais audaciosos, e os criminosos permaneciam impunes.

Por outro lado, operários armados patrulhavam as ruas à noite, enfrentando saqueadores e requisitando armas onde quer que as encontrassem.

Em 1º de novembro, o coronel Polkovnikov, comandante militar de Petrogrado, divulgou a seguinte determinação:

Apesar dos dias difíceis por que o país está passando, ainda se espalham em Petrogrado apelos por demonstrações armadas e massacres; cresce a cada dia o número de roubos e distúrbios.

Este estado de coisas tem perturbado a vida dos cidadãos e atrapalhado o trabalho sistemático do governo e das instituições municipais.

Consciente de minhas responsabilidades e de meus deveres para com o país, determino que:

1. Todas as unidades militares, conforme instruções específicas e dentro do território de sua guarnição, prestem toda assistência à municipalidade, aos comissários e à milícia, na proteção das instituições governamentais.

2. Seja efetivada a organização de patrulhas, em colaboração com o Comando Distrital e os representantes da milícia metropolitana, bem como a adoção de medidas que assegurem a prisão dos criminosos e desertores.

3. Sejam presas todas as pessoas que entrarem nas casernas e incitarem à realização de demonstrações armadas ou massacres, com sua posterior transferência para o quartel do Segundo Comando da cidade.

4. Serão reprimidos em sua raiz, com o apoio de todas as forças armadas disponíveis, quaisquer manifestações armadas ou levantes.

5. Seja prestada assistência aos comissários para impedir buscas residenciais arbitrárias e prisões arbitrárias.

6. Que seja reportado imediatamente tudo aquilo que ocorre nos distritos sob responsabilidade do Estado-Maior do Distrito

Militar de Petrogrado.

Conclamo todos os comitês do exército e organizações a auxiliarem os comandantes no cumprimento dos deveres de que estão encarregados.

No Conselho da República, Kerenski declarou que o governo estava totalmente a par dos preparativos dos bolcheviques e tinha força suficiente para enfrentar qualquer manifestação.²³ Acusou o *Novaya Rus* e o *Rabochi Put* de fazerem o mesmo trabalho subversivo. “Mas, devido à liberdade total de imprensa”, acrescentou, “o governo não tem como combater as mentiras impressas...”^{*} Afirmando haver dois lados de uma mesma propaganda que objetivava preparar a contrarrevolução tão ardentemente desejada pelas Forças Ocultas, ele prosseguiu:

“Sou um homem condenado, não importa o que venha a acontecer comigo, e tenho a ousadia de dizer que a outra parte enigmática é a inacreditável provocação que os bolcheviques criaram na cidade!”

Em 2 de novembro, apenas quinze delegados para o Congresso dos Sovietes haviam chegado. No dia seguinte, eram cem, e, na manhã seguinte, 172, sendo 103 deles bolcheviques... O quórum mínimo era de quatrocentos delegados, e faltavam apenas três dias...

Eu passava bastante tempo no Smolny. Já não era fácil entrar ali. Uma fileira dupla de sentinelas protegia os portões externos, e, uma vez passado esse portão, formava-se uma longa fila de pessoas que aguardavam para entrar, quatro por vez, todas sendo interrogadas quanto à sua identidade e ao assunto que as trazia ali. Distribuía-se um passe, e o sistema mudava várias vezes ao dia, pois os espões viviam tentando entrar lá...

Certo dia, ao me aproximar do portão, vi Trótski e sua esposa, bem de frente, a poucos passos de mim. Tinham sido retidos por um

soldado. Trótski procurava seu passe nos bolsos, mas não o encontrava.

“Não tem problema”, disse ele, por fim, “você sabe quem eu sou. Meu nome é Trótski.”

“O senhor não tem passe para entrar”, retrucou o soldado obstinado. “Não poderá entrar. Nomes não significam nada para mim.”

“Mas eu sou o presidente do Soviete de Petrogrado.”

“Bem”, replicou o soldado, “se o senhor é uma figura assim tão importante, deve ter pelo menos um papelzinho.”

Trótski se mostrou bastante paciente. “Deixe-me falar com o comandante”, disse. O soldado hesitou, murmurando algo a respeito de não querer incomodar o comandante a cada chato que aparecesse. Dirigiu-se, porém, ao soldado que comandava a guarda naquele momento. Trótski lhe explicou o problema. “Meu nome é Trótski”, repetiu.

“Trótski?”, questionou-se o outro soldado, balançando a cabeça. “Já ouvi esse nome em algum lugar”, disse ele, sem pressa. “Acho que não há problema. Pode entrar, camarada...”

No corredor, encontrei Karakhan, membro do Comitê Central Bolchevique, que me explicou como seria o novo governo.

“Uma organização flexível, sensível aos anseios populares tal como se manifestam nos sovietes, permitindo a atuação plena das forças locais. No atual momento, o Governo Provisório obstrui o exercício da vontade democrática local, como fazia o governo tsarista. A iniciativa, na nova sociedade, deve vir de baixo... O formato do governo será definido a partir dos estatutos do Partido Social-Democrata Trabalhista da Rússia. O novo *Tsik*, responsável perante o Congresso Pan-Russo dos Sovietes, será o parlamento; os diversos

ministérios serão dirigidos por *collegia* — comitês —, não por ministros, e responderão diretamente aos soviets...”

Em 30 de outubro, subi até uma pequena e despojada sala no andar superior do Smolny, onde tinha agendado uma entrevista com Trótski. Ele estava sentado numa cadeira simples, no meio da sala, atrás de uma mesa vazia. Não precisei fazer muitas perguntas; ele falou por mais de uma hora, aceleradamente. Reproduzo aqui o essencial, com suas próprias palavras:

O Governo Provisório está absolutamente impotente. A burguesia controla tudo, mas esse controle está camuflado por uma coalizão fictícia com os partidos *oborontsi*. Durante toda a Revolução, temos visto os camponeses se rebelarem, cansados de esperar pelas terras que lhes foram prometidas; esse mesmo desgosto é evidente entre as classes trabalhadoras no país inteiro. A burguesia não tem como manter o poder a não ser recorrendo à guerra civil. O método de Kornilov é o único que permite à burguesia exercer o controle. Mas ela não dispõe dessa força. O Exército está do nosso lado. Os conciliadores e pacifistas, socialistas revolucionários e mencheviques perderam toda a autoridade, porque o conflito entre camponeses e proprietários rurais, entre os empregados e seus empregadores, entre soldados e oficiais tornou-se mais encarniçado, mais irreconciliável do que nunca. Somente por meio de uma ação combinada das massas populares, somente com a vitória da ditadura do proletariado, é que a Revolução poderá ser levada a bom termo, e o povo, salvo...

Os soviets constituem a mais perfeita representação do povo — perfeita em sua experiência revolucionária, em suas ideias e objetivos. Baseados diretamente nos soldados das trincheiras, nos

operários das fábricas e nos camponeses, eles formam a espinha dorsal da Revolução.

Houve uma tentativa de criação de um poder sem a presença dos soviets — e tudo o que se conseguiu foi uma ausência de poder. Todos os tipos de estratégias contrarrevolucionárias são hoje urdidos nos corredores do Conselho da República Russa. O partido *Cadete* representa a contrarrevolução militante. Do outro lado, os soviets representam a causa do povo. Entre esses dois campos, não existe nenhum grupo com alguma real importância... É a *lutte finale*. A contrarrevolução burguesa mobiliza todas as suas forças e aguarda o momento certo para nos atacar. Nossa resposta será decisiva. Completaremos o trabalho que mal se iniciou em março e que conheceu um avanço no episódio Kornilov...

Começou a falar, então, sobre a política externa do novo governo:

Nosso primeiro ato será conclamar um armistício imediato em todos os fronts e a realização de uma conferência dos povos para discutir os termos de uma paz democrática. O alcance da democracia que obteremos no tratado de paz será tanto maior quanto maior for a resposta revolucionária na Europa. A criação de um poder soviético aqui constituirá um fator poderoso para o estabelecimento imediato da paz na Europa; pois esse governo se dirigirá direta e imediatamente a todos os povos, por sobre seus governos, propondo um armistício. No momento de conclusão da paz, a Revolução Russa encaminhará uma paz “sem anexações nem indenizações, com direito de autodeterminação para os povos”, e uma *República Federativa da Europa*...

Vejo, ao final desta guerra, uma Europa reconstruída, não por diplomatas, mas pelo proletariado. Uma República Federativa da Europa — os Estados Unidos da Europa —, é assim que deve ser. Já não basta a autonomia nacional. A evolução da economia exige a abolição das fronteiras nacionais. Se a Europa permanecer dividida entre grupos nacionais, o imperialismo reiniciará seu trabalho. Somente uma República Federativa da Europa poderá trazer paz para o mundo. [Ele sorriu — com aquele seu sorriso aberto, levemente irônico.] Mas esses objetivos não podem ser atingidos sem a ação das massas populares europeias — ao menos não agora...

Enquanto todos esperavam que numa bela manhã os bolcheviques apareceriam nas ruas e começariam a atirar em todas as pessoas de colarinho branco, a verdadeira insurreição abria seu caminho de um modo totalmente natural e à luz do dia.

O Governo Provisório planejava enviar sua guarnição para o front.

A guarnição de Petrogrado contava com cerca de 60 mil homens, que haviam ocupado lugar de destaque na Revolução. Eles é que tinham feito a balança mudar de lado durante as grandes jornadas de março, tinham criado o Soviete de Deputados Soldados e feito Kornilov dar meia-volta às portas de Petrogrado.

Grande parte deles, agora, era bolchevique. Quando o Governo Provisório falou em evacuar a cidade, foi a guarnição de Petrogrado que retrucou: “Se vocês não são capazes de defender a capital, assinem a paz; se são incapazes de fazer a paz, deem o fora e abram espaço para um Governo do Povo que seja capaz de fazer as duas coisas...”.

Era óbvio que qualquer tentativa de insurreição dependia da atitude da guarnição de Petrogrado. O plano do governo era substituir os regimentos da guarnição por tropas “de confiança” — como os

cossacos e os Batalhões da Morte. O Comitê do Exército, os socialistas “moderados” e o *Tsik* apoiavam o governo. Tanto no front quanto em Petrogrado, fizeram uma ampla campanha com base no fato de que a guarnição de Petrogrado tinha passado oito meses levando uma vida tranquila nas casernas da capital enquanto seus companheiros, exasperados, passavam fome e morriam nas trincheiras.

Havia, naturalmente, certa verdade na acusação de que os regimentos dessa guarnição relutavam em trocar seu relativo conforto pelos rigores de uma campanha no inverno. Mas havia outros motivos pelos quais eles se recusavam a partir. O Soviete de Petrogrado temia pelas intenções do governo e, ao mesmo tempo, centenas de delegados vindos do front, eleitos por soldados comuns, chegavam exclamando: “É verdade que precisamos de reforços, mas mais importante do que isso é sabermos que Petrogrado e a Revolução estão em segurança... Cuidem da retaguarda, camaradas, que nós cuidamos do front!”.

Em 25 de outubro, o Comitê Central do Soviete de Petrogrado discutiu, a portas fechadas, a criação de um Comitê Militar especial encarregado de decidir a questão como um todo. No dia seguinte, uma reunião da seção de soldados do Soviete de Petrogrado elegeu um Comitê que imediatamente proclamou um boicote aos jornais burgueses e atacou o *Tsik* por se opor ao Congresso dos Sovietes. No dia 29, em uma sessão aberta do Soviete de Petrogrado, Trótski propôs que o soviete sancionasse formalmente a criação do Comitê Militar Revolucionário. “Precisamos criar”, afirmou, “nossa organização própria para avançar rumo ao combate e, se preciso for, para morrer...” Decidiu-se, então, enviar duas delegações ao front, uma do soviete e outra da guarnição, a fim de estabelecer contato com os comitês de soldados e o Estado-Maior.

Os delegados do soviete foram recebidos em Pskov pelo general Tcheremissov, comandante do front norte, que simplesmente lhes declarou que havia ordenado a transferência da guarnição de Petrogrado para as trincheiras, e nada mais. Já a delegação da guarnição não teve sequer autorização para deixar Petrogrado...

Uma delegação da seção de soldados do Soviete de Petrogrado reivindicou que um representante seu passasse a integrar o Estado-Maior do Distrito de Petrogrado. Pedido negado. O Soviete de Petrogrado exigiu que nenhuma ordem fosse emitida sem a aprovação de sua seção de soldados. Exigência negada. E com uma resposta brutal: “Reconhecemos somente o *Tsik*. Não reconhecemos vocês; se desacatarem qualquer lei, serão presos”.

No dia 30, uma reunião de representantes de todos os regimentos de Petrogrado aprovou a seguinte resolução: “A guarnição de Petrogrado não mais reconhece o Governo Provisório. Nosso governo é o Soviete de Petrogrado. Seguiremos apenas as ordens do Soviete de Petrogrado, por intermédio do Comitê Militar Revolucionário”. As unidades militares locais receberam ordens de aguardar instruções da seção de soldados do Soviete de Petrogrado.

No dia seguinte, o *Tsik* convocou sua própria reunião, com a presença, em grande parte, de oficiais, e criou um comitê encarregado de colaborar com o Estado-Maior, além de enviar comissários para todos os bairros da cidade.

No dia 3, uma ampla reunião de soldados, no Smolny, aprovou a seguinte resolução:

A guarnição de Petrogrado saúda a formação do Comitê Militar Revolucionário e se compromete a apoiá-lo em todas as suas ações

destinadas a reforçar a aproximação entre o front e a retaguarda em benefício da Revolução.

A guarnição, ademais, declara que, em colaboração com o proletariado, manterá a ordem revolucionária em Petrogrado. Qualquer tentativa de provocação por parte dos kornilovistas ou da burguesia encontrará uma impiedosa resistência.

Consciente de seu poder, o Comitê Militar Revolucionário instou de forma incisiva o Estado-Maior de Petrogrado a se submeter a seu controle. Ordenou a todas as gráficas que nenhuma convocatória ou declaração fosse impressa sem a autorização prévia do comitê. Comissários armados compareceram ao arsenal de Kronversk e confiscaram quantidades consideráveis de armas e munição, retendo o embarque de 10 mil baionetas que estavam sendo enviadas para Novocherkask, quartel-general de Kaledin.

Ao se dar conta, subitamente, do perigo que corria, o governo ofereceu total imunidade ao comitê caso este se dissolvesse. Já era tarde demais. À meia-noite, em 5 de novembro, o próprio Kerenski enviou Malevski para propor ao Soviete de Petrogrado uma representação no Estado-Maior. O Comitê Militar Revolucionário aceitou. Uma hora mais tarde, o general Manikhovski, ministro interino da Guerra, anulou a proposição.

Na terça-feira de manhã, 6 de novembro, a cidade se agitou inteira diante do aparecimento de um cartaz assinado pelo “Comitê Militar Revolucionário do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado” que dizia:

À população de Petrogrado

Cidadãos!

A contrarrevolução pôs para fora sua cabeça criminosa. Os kornilovistas mobilizam suas forças a fim de esmagar o Congresso Pan-Russo dos Sovietes e evitar a Assembleia Constituinte. Ao mesmo tempo, os pogromistas podem tentar incitar o povo de Petrogrado a promover distúrbios e o derramamento de sangue. O Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado assume a manutenção da ordem revolucionária na cidade contra as ameaças contrarrevolucionárias e as tentativas de realização de *pogroms*.

A guarnição de Petrogrado não admitirá nenhuma violência ou desordem. A população está convidada a prender os desordeiros e os agitadores das Centúrias Negras e conduzi-los aos comissários do soviete nas casernas mais próximas. À primeira tentativa das Forças Ocultas de provocarem perturbações nas ruas de Petrogrado, sejam atos de banditismo ou de agressão física, os criminosos serão varridos da face da terra!

Cidadãos! Pedimos que mantenham a calma e o autocontrole. A defesa da ordem e da Revolução está em mãos firmes.

Relação de regimentos onde se encontram os comissários do Comitê Militar Revolucionário...

No dia 3, os dirigentes bolcheviques haviam realizado uma nova reunião a portas fechadas. Alertado por Zalkind, aguardei do lado de fora, no corredor; quando saiu, Volodarski contou-me o que se passava.

Lênin dissera: “O 6 de novembro será cedo demais. Precisamos de um apoio de toda a Rússia para o levante; até o dia 6 não terão chagado todos os delegados do Congresso... Por outro lado, 8 de novembro será tarde demais. Nesse momento o Congresso estará em pleno andamento, e é difícil um grupo grande de pessoas assumir uma

ação rápida e decisiva. Temos de agir no dia 7, dia de abertura do Congresso, de modo que assim poderemos dizer aos delegados: ‘Aqui está o poder! O que vocês farão com ele?’”.

Numa sala do andar de cima estava uma figura de rosto magro e cabelos longos, ex-oficial das forças militares do tsar, depois revolucionário e exilado, um certo Avssenko, chamado de Antonov, matemático e jogador de xadrez; ali, ele esboçava planos detalhados e cautelosos para a tomada da capital.

O governo, por sua vez, também se preparava. Discretamente, alguns dos regimentos mais leais a ele, selecionados em divisões distantes umas das outras, haviam recebido ordens para ocupar Petrogrado. A artilharia dos *yunkers* se concentrou no Palácio de Inverno. Nas ruas, patrulhas de cossacos caminhavam ostensivamente pela primeira vez desde as jornadas de julho. Polkovnikov editava ordens do dia ameaçando reprimir qualquer insubordinação com “máxima energia”. Kishkin, ministro da Instrução Pública e um dos mais odiados membros do Gabinete, foi nomeado comissário especial para a manutenção da ordem em Petrogrado; como assistentes, ele nomeou dois homens não menos impopulares, Rutenberg e Palchinski. O estado de sítio foi decretado em Petrogrado, em Kronstadt e na Finlândia. A esse respeito, o jornal burguês *Novoye Vremya* (Novos Tempos) observou com ironia:

Por que o estado de sítio? O governo já não é mais um poder. Não tem autoridade moral e não possui o aparato necessário para fazer uso da força... Na melhor das hipóteses, ele poderá apenas negociar com quem quer que admita dialogar com ele. Sua autoridade não vai além disso...

Na segunda-feira de manhã, 5 de novembro, compareci ao Marinski Palace para ver o que estava acontecendo no Conselho da República Russa. Havia um debate encarniçado a respeito da política externa de Tereshchenko. Ecos do caso Burtzev-Verkhovski. Todos os diplomatas estrangeiros estavam presentes, com exceção do embaixador da Itália, que, segundo diziam, estava completamente abatido por causa do desastre de Carso...

No momento em que entrei, Karelin, um socialista revolucionário de esquerda, lia em voz alta um editorial do *Times* de Londres que dizia que “o remédio contra os bolcheviques são as balas!”. Voltando-se para os partidários do *Cadete*, ele disse: “É isso o que vocês acham também!”.

Vozes da direita: “Isso mesmo! É isso mesmo!”.

“Sim, eu sei que é isso o que vocês pensam”, replicou Karelin, inflamado. “Mas não têm coragem de tentar fazê-lo!”

Em seguida, parecendo um astro de espetáculos vespertinos com sua barba loira macia e seus cabelos longos e ondulados, Skobeliev pôs-se a defender, quase que se desculpando, o *nakaz* do soviete. Depois falou Tereshchenko, que, em meio a gritos de “Renúncia! Renúncia!”, insistia que os delegados do governo e os do *Tsik* para a reunião de Paris deveriam defender um mesmo ponto de vista — que era o seu. Algumas poucas palavras sobre a restauração da disciplina no exército, sobre a guerra até a vitória... Tumulto, e, apesar da oposição truculenta da esquerda, o Conselho da República Russa passou para a pauta do dia.

Ali se estendiam também as fileiras com as cadeiras dos bolcheviques — totalmente vazias desde o dia em que haviam deixado o Conselho, levando consigo toda a vida desse organismo. Ao descer as escadarias, tive a sensação de que, apesar dos debates encarniçados,

nenhuma voz real vinda do difícil mundo exterior conseguia penetrar naquela sala alta e fria, e de que o Governo Provisório naufragara — no mesmo rochedo de Guerra e Paz em que se afundara o ministério Miliukov... Ao me ajudar a vestir o sobretudo, o porteiro murmurou: “Não sei o que vai ser da pobre Rússia. Todos esses bolcheviques, mencheviques, trudoviques... Essa Ucrânia, essa Finlândia e os imperialistas alemães e ingleses. Tenho 45 anos, e nunca ouvi, em toda a minha vida, tantas palavras quanto aqui...”.

No corredor, deparei com o professor Shatski, um sujeito com cara de rato vestindo uma garbosa sobrecasaca, muito influente nos círculos dos dirigentes do partido *Cadete*. Perguntei-lhe o que ele achava da *vystuplenie* bolchevique, de que tanto se falava. Ele encolheu os ombros, com desdém.

“São uma ralé, uma *canaille*”, respondeu. “Não ousarão, e, se ousarem, serão rapidamente postos para fora. Do nosso ponto de vista, não seria nada mal, pois dessa forma eles conseguiriam acabar consigo mesmos e ficariam sem poder na Assembleia Constituinte...”

“Mas, caro senhor, permita-me expor-lhe a minha ideia em relação à forma de governo a ser submetida à Assembleia Constituinte. Veja bem, eu sou presidente de uma comissão formada por este organismo para, junto com o Governo Provisório, preparar um projeto de constituição... Teremos um poder legislativo com duas câmaras, como vocês têm nos Estados Unidos. Na câmara inferior, estarão os representantes regionais eleitos; na de cima, os representantes dos profissionais liberais, *zemstvos*, cooperativas... e sindicatos...”

Na rua, soprava do oeste um vento gelado e úmido, e o barro frio penetrava em meus sapatos. Dois batalhões de *yunkers* subiam a avenida Morskaya com passo marcado e longos sobretudos, entoando um refrão antigo, como costumavam fazer os soldados sob o

tsarismo... No primeiro cruzamento, observei os guardas metropolitanos a cavalo, armados com revólveres novos de coldres reluzentes; um pequeno grupo de pessoas os observava em silêncio. Na esquina da Nevski, comprei um folheto de Lênin, *Conseguirão os bolcheviques se manter no poder?*, pagando-o com um selo que na época valia como moeda de pouca monta. Os bondes passavam lotados, com civis e militares pendurados do lado de fora, em poses que fariam Theodore P. Shonts morrer de inveja... Ao longo da calçada, desertores uniformizados vendiam cigarros e sementes de girassol...

No crepúsculo amargo, verdadeiras multidões disputavam os últimos jornais na avenida Nevski, e pequenos grupos se amontoavam tentando decifrar a enorme quantidade de apelos e proclamações²⁴ colados onde quer que houvesse alguma superfície plana; eles provinham do *Tsik*, do Soviete de Camponeses, dos partidos socialistas “moderados”, dos Comitês do Exército — ameaçavam, difamavam e instavam os operários e soldados a ficarem em casa e a apoiarem o governo...

Um automóvel blindado se movia para cima e para baixo tocando uma forte sirene. Em todas as esquinas, em todos os espaços abertos, formavam-se pequenas aglomerações: eram soldados e estudantes em discussão aberta. A noite chegou de repente, as luzes dos postes, bastante espaçados uns dos outros, acendiam-se vacilantes, uma maré infinita de gente se movia... É sempre assim em Petrogrado às vésperas de confusão...

A cidade estava nervosa, sobressaltando-se a cada ruído mais agudo. Mas ainda não havia nenhum sinal dos bolcheviques; os soldados permaneciam nas casernas; os operários, nas fábricas... Fomos ver um filme numa sala perto da catedral de Kazan — um filme

italiano, cheio de paixões, intrigas e muito sangue. Sentados algumas fileiras adiante, soldados e marinheiros, olhando para a tela com um assombro infantil, não conseguiam entender o sentido de tanta violência, de tantos assassinatos...

Saindo dali, corri para o Smolny. Na sala 10, no andar superior, realizava-se a sessão permanente do Comitê Militar Revolucionário, sob o comando de um rapaz de dezoito anos, com cabelos desgrenhados, chamado Lazimir. Ao passar por mim, parou e cumprimentou-me timidamente com um aperto de mão.

“A Fortaleza de Pedro e Paulo acaba de ser tomada por nós”, disse ele com um sorriso de satisfação. “Fomos informados, há pouco, por um regimento que tinha recebido ordens do governo de vir para Petrogrado. Estavam desconfiados. Então pararam o trem em Gatchina e enviaram uma delegação até nós. ‘O que está havendo?’, eles perguntaram. ‘O que vocês estão dizendo? Acabamos de aprovar uma resolução, Todo o Poder aos Sovietes.’ O Comitê Militar Revolucionário enviou-lhes de volta uma mensagem. ‘Irmãos! Parabenizamos a todos vocês em nome da Revolução. Permaneçam onde estão até segunda ordem!’.”

Contou-me que todas as linhas telefônicas tinham sido cortadas, mas que o contato com as fábricas e as casernas continuava a ser feito com equipamentos de comunicação telefônica do Exército...

Mensageiros e comissários iam e vinham num fluxo ininterrupto. Do lado de fora, uma dúzia de voluntários aguardava, pronta para levar mensagens para os lugares mais distantes da cidade. Um deles, com rosto de cigano e vestindo um uniforme de tenente, disse-me em francês: “Está tudo pronto para acontecer, ao simples aperto de um botão...”.

Vi passarem Podvoiski, o cidadão magro e barbudo cujo cérebro concebera a estratégia da insurreição; Antonov, a barba por fazer, o colarinho engordurado, bêbado de tanta falta de sono; Krylenko, o soldado atarracado, sempre sorridente, com seus gestos violentos e sua fala confusa; e Dybenko, o enorme marinheiro de barba com seu rosto plácido. Eram os homens do momento — e dos momentos que estavam por vir.

No andar de baixo, na sala dos comitês de fábrica, Seratov assinava autorizações para a retirada de armas no arsenal do governo — 150 fuzis para cada fábrica... Cerca de quarenta delegados aguardavam em fila...

No saguão, encontrei alguns dirigentes bolcheviques de menor expressão. Um deles me mostrou um revólver. “O jogo já começou”, disse ele, o rosto pálido. “Quer ajamos ou não, o outro lado já sabe que ou acabam com a gente ou acabaremos com eles...”

O Soviete de Petrogrado se reunia dia e noite. Quando entrei no salão, Trótski estava acabando de se pronunciar.

“Perguntam-nos”, disse ele, “se pretendemos fazer uma *vystuplenie*. A essa questão, posso dar uma resposta clara. O Soviete de Petrogrado considera que finalmente chegou o momento de o poder ser transferido para as mãos dos soviets. Essa transferência de governo será efetivada pelo Congresso Pan-Russo. Quanto a saber se será ou não necessária uma ação armada, isso depende... daqueles que querem perturbar os trabalhos do Congresso Pan-Russo...”

“Avaliamos que nosso governo, representado pelas pessoas do Gabinete Provisório, é um governo miserável e impotente, que está apenas esperando para ser varrido da história para dar lugar a um governo verdadeiramente popular. Mas, neste exato momento, hoje, estamos tentando evitar um conflito. Temos a esperança de que o

Congresso Pan-Russo tomará... em suas mãos o poder e a autoridade que se baseiam na liberdade organizada do povo. Se, no entanto, o governo preferir utilizar o curto período de tempo que ainda tem de vida — 24, 48 ou 72 horas — para nos atacar, nesse caso reagiremos com contra-ataques, golpe a golpe, a ferro e fogo!”

Entre aplausos, ele anunciou, então, que os Socialistas Revolucionários de Esquerda haviam concordado em mandar representantes para integrar o Comitê Militar Revolucionário...

À saída do Smolny, por volta das três da manhã, notei que duas metralhadoras haviam sido montadas, uma de cada lado da porta, e que patrulhas reforçadas de soldados guardavam os portões e as esquinas mais próximas. Bill Shatov** aproximou-se subindo os degraus de quatro em quatro. “Pronto!”, exclamou, “agora a coisa começou. Kerenski enviou os *yunkers* para acabar com os nossos jornais, o *Soldat* e o *Rabochi Put*. Mas nossas tropas foram até lá e rasgaram os lacres do governo, e agora estamos mandando alguns destacamentos para ocupar as sedes dos jornais burgueses!” Exultante, ele deu um tapinha em minhas costas e saiu em disparada...

Na manhã do dia 6, eu tinha um encontro com o censor, cujo escritório ficava no Ministério das Relações Exteriores. Por toda parte, em todos os muros, espalhavam-se apelos histéricos para que a população mantivesse a “calma”. Polkovnikov emitia *prikaz* atrás de *prikaz*:

Ordeno que todas as unidades e destacamentos militares permaneçam nas casernas até novas ordens do Estado-Maior do Distrito Militar... Todo oficial que agir sem ordens de seus superiores passará por corte marcial acusado de motim. Os

soldados estão terminantemente proibidos de executar ordens de outras organizações...

Os jornais matutinos noticiaram que o governo havia fechado os jornais *Novaya Rus*, *Zhivoye Slovo*, *Rabochi Put* e *Soldat*, e decretara a prisão dos dirigentes do Soviete de Petrogrado e dos integrantes do Comitê Militar Revolucionário...

Quando eu estava cruzando a praça do Palácio, várias baterias de artilharia dos *yunkers* chegavam em uma marcha ruidosa pelo Arco Vermelho e se perfilavam diante do palácio. O enorme edifício vermelho do Estado-Maior exibia uma agitação incomum, vários automóveis blindados se amontoavam à frente da porta e veículos carregados de oficiais iam e vinham para todos os lados... O censor estava bastante excitado, como uma criança no circo. Kerenski, disse ele, acabara de se dirigir ao Conselho da República para apresentar sua renúncia. Saí correndo para o Palácio Marinski; cheguei ao final do apaixonado e quase incoerente discurso de Kerenski, repleto de autojustificativas e ácidos ataques contra seus inimigos.

Citarei aqui o trecho mais característico de toda uma série de artigos publicados em *Rabochi Put* por Uliânov-Lênin, um criminoso que está escondido e que estamos tentando localizar... Esse criminoso chamou o proletariado e a guarnição de Petrogrado a reproduzir a experiência de 16-18 de julho, e insiste na necessidade urgente de um levante armado... Mais do que isso, outros dirigentes bolcheviques tomaram a palavra em uma série de comícios, também conclamando a uma insurreição imediata. Cabe destacar, particularmente, a ação do atual presidente do Soviete de Petrogrado, Bronstein-Trótski...

Devo assinalar-lhes... que os termos e o estilo de toda uma série de artigos publicados no *Rabochi Put* e no *Soldat* assemelham-se totalmente aos do *Novaya Rus*... Não devemos nos preocupar tanto com o movimento deste ou daquele partido político, mas sobretudo com o modo como exploram a ignorância política e os instintos criminosos de uma parcela da população, numa espécie de organização cujo objetivo é provocar na Rússia, custe o que custar, um movimento inconsciente de destruição e pilhagem; pois, no atual estado de espírito das massas, qualquer movimento em Petrogrado será seguido dos mais terríveis massacres, que envergonharão para sempre o nome da Rússia...

... Como admite o próprio Uliânov-Lênin, a situação é bastante favorável para a ala esquerda dos Social-Democratas na Rússia. Kerenski fez, então, a seguinte citação do artigo de Lênin:

Reflitam bem!... Os camaradas alemães dispõem apenas de um Liebknecht, não têm jornais, não têm liberdade de reunião, não têm um soviete... Contra eles, opõem-se com uma terrível hostilidade todas as classes sociais... Mesmo assim, os camaradas alemães tentam agir. Nós, que contamos com vários jornais, liberdade de reunião, que temos maioria nos sovietes, nós, os proletários internacionalistas em melhor situação no mundo inteiro, podemos nos recusar a apoiar as organizações revolucionárias e insurrecionais da Alemanha?...

Kerenski prosseguiu:

Os organizadores da rebelião reconhecem, assim, implicitamente, a existência das mais perfeitas condições para a livre atuação de partidos políticos na Rússia, que é administrada por um Governo

Provisório, à frente do qual se encontra, aos olhos desse partido, “um usurpador, um homem que se vendeu para a burguesia, o ministro-presidente Kerenski...”.

... Os organizadores da insurreição não agem em apoio ao proletariado alemão, mas sim às classes governantes da Alemanha, e abrem o front russo para o pulso de ferro de Guilherme e seus amigos... Pouco importam, para o Governo Provisório, os motivos dessa gente, pouco importa se eles agem conscientemente ou não; em qualquer caso, daqui desta tribuna, com toda a consciência de minhas responsabilidades, classifico os atos desse partido político russo como atos de traição à Rússia!

... Assumo o ponto de vista da direita e proponho a realização imediata de uma investigação e das prisões que forem necessárias. [Alvorocos na esquerda.] Ouçam bem! [gritou ele], no momento em que o Estado está em perigo, por causa de uma traição consciente ou inconsciente, o Governo Provisório e eu próprio, entre outros, preferimos ser assassinados a trair a vida, a honra e a independência da Rússia...

Nesse momento, Kerenski recebeu um papel.

“Acabo de receber a declaração que eles estão distribuindo aos regimentos. Eis o seu conteúdo.” Ele, então, leu:

“O Soviete de Deputados Operários e Soldados está sob ameaça. Ordenamos aos regimentos que se ponham em estado de alerta e que aguardem novas instruções. Qualquer atraso ou não cumprimento desta ordem será considerado um ato de traição à Revolução. Comitê Militar Revolucionário. Pelo presidente: Podvoiski. Secretário: Antonov.”

Trata-se, na verdade, de uma tentativa de sublevar o populacho contra o atual estado de coisas, acabar com a Constituinte e abrir o front para os regimentos da mão de ferro de Guilherme...

Quando digo “populacho” não é por acaso, pois os democratas conscientes e seu *Tsik*, todas as organizações do Exército, tudo aquilo de que a Rússia livre se orgulha, o bom-senso, a honra e a consciência da grande democracia russa, protestam contra esse tipo de coisas...

Não estou aqui para implorar nada, mas para declarar a minha firme convicção de que o Governo Provisório, que neste momento defende nossa nova liberdade — de que o novo Estado russo, destinado a um futuro brilhante, encontrará o apoio unânime, exceto entre aqueles que nunca ousarem encarar a verdade...

... O Governo Provisório nunca violou as liberdades dos cidadãos de utilizarem seus direitos políticos... Mas agora o Governo Provisório... declara: neste momento, esses elementos da nação russa, esses grupos e partidos que ousaram erguer as mãos contra o livre anseio do povo russo, ameaçando ao mesmo tempo abrir o front para a Alemanha, precisam ser eliminados com firmeza!...

Que a população de Petrogrado saiba que terá a sua frente um poder firme, e que talvez, no último momento, o bom-senso, a consciência e a honra triunfem nos corações daqueles que ainda possuem algo dessas qualidades...

Durante todo o discurso, a sala ecoava um clamor ensurdecedor. Depois que o ministro-presidente desceu da tribuna, o rosto pálido, todo molhado de suor, e se retirou com sua escolta de oficiais, oradores da esquerda e do centro se sucederam atacando em tom

elevado a direita. Nessa linha foram até mesmo os socialistas revolucionários, representados por Gotz, que disse:

A política dos bolcheviques é demagógica e criminosa ao explorar o descontentamento popular. Mas há toda uma série de demandas populares que não foram satisfeitas até agora... Os problemas da paz, da terra e da democratização do Exército devem ser tratados de tal forma que nenhum soldado, camponês ou operário tenha a menor dúvida de que o nosso governo está tentando, firme e incessantemente, resolvê-los...

Nós, mencheviques, não queremos provocar uma crise de gabinete e estamos a postos para defender o Governo Provisório com todas as nossas forças, até a última gota de sangue — desde que o Governo Provisório se pronuncie sobre essas questões candentes de forma clara e precisa, como o povo impacientemente aguarda...

Seguiu-se então Martov, em tom furioso:

As palavras do ministro-presidente, que permitiu a si mesmo falar em “populacho” quando neste momento se trata, na verdade, de importantes setores do proletariado e do Exército — mesmo que estes avancem na direção equivocada —, não são outra coisa senão um incitamento à guerra civil.

Aprovou-se então a ordem do dia proposta pela esquerda, o que significou, na prática, um voto de desconfiança:

1. A ação armada que vem sendo preparada há alguns dias tem como objetivo um *coup d'état*, ameaçando provocar uma guerra

civil, criando as condições favoráveis para os *pogroms* e a contrarrevolução, a mobilização das forças contrarrevolucionárias, como os Centúrias Negras, que levarão inevitavelmente à impossibilidade de convocação da Constituinte, causarão uma catástrofe militar, a morte da Revolução, paralisando a vida econômica do país e destruindo a Rússia.

2. As condições favoráveis para toda essa agitação foram criadas pelo atraso na adoção de medidas urgentes, assim como pelas condições objetivas derivadas da guerra e da desorganização geral. Antes de qualquer coisa, é preciso promulgar de imediato um decreto transferindo as terras para os comitês de camponeses e adotar uma linha de ação externa enérgica propondo aos Aliados que exponham os termos da paz que pretendem, dando início às conversações de paz.

3. Enfrentar as manifestações monarquistas e os movimentos pogromistas, para o que se torna indispensável a adoção de medidas imediatas que acabem com esses movimentos, criando-se, para isso, em Petrogrado, um Comitê de Salvação Pública, composto por representantes da municipalidade e dos órgãos da democracia revolucionária, que atue em cooperação com o Governo Provisório...

É interessante observar que todos os mencheviques e os socialistas revolucionários apoiaram essa resolução... Quando Kerenski soube disso, porém, convocou Avksentiev ao Palácio de Inverno para lhe dar explicações. Se aquela moção significava um voto de desconfiança no Governo Provisório, ele pedia, então, a Avksentiev que formasse um novo gabinete. Dan, Gotz e Avksentiev, os líderes dos “conciliadores”,

empreenderam o derradeiro esforço de conciliação: explicaram a Kerenski que aquilo não significava uma crítica ao governo!

Na esquina da Morskaya com a Nevski, patrulhas de soldados, com baionetas fixas, paravam todos os automóveis particulares, mandavam os passageiros sair e se dirigir ao Palácio de Inverno. Uma grande multidão se formara para observá-los. Ninguém sabia se aqueles soldados eram do governo ou do Comitê Militar Revolucionário. O mesmo acontecia mais adiante em frente à catedral Kazan, onde os veículos eram mandados de volta para a Nevski. Cinco ou seis marinheiros armados de fuzis se aproximaram, rindo com bastante animação, e começaram a conversar com dois dos soldados. Na faixa dos quepes dos marinheiros lia-se *Avrora* e *Zaria Svobody* — nomes dos principais cruzadores do Báltico sob controle bolchevique. Um deles disse: “Kronstadt está chegando!”... Era como se, em 1792, nas ruas de Paris, alguém dissesse “Os marseheses estão chegando!”. Pois em Kronstadt havia 25 mil marinheiros, bolcheviques convictos e sem nenhum medo da morte.

O *Rabochi i Soldat* tinha acabado de sair, trazendo na primeira página uma longa declaração:

SOLDADOS! OPERÁRIOS! CIDADÃOS!

Nessa noite, os inimigos do povo passaram à ofensiva. Os kornilovistas do Estado-Maior estão tentando trazer para Petrogrado os *yunkers* e os batalhões de choque estacionados nos subúrbios. Os *yunkers* de Oranienbaum e as tropas de choque de Tsarskoye Selo se recusaram a vir. Prepara-se um ataque de alta traição contra o Soviete de Petrogrado... A campanha dos contrarrevolucionários é dirigida contra o Congresso Pan-Russo

dos Sovietes às vésperas de sua abertura, contra a Assembleia Constituinte, contra o povo. O Soviete de Petrogrado garante a Revolução. O Comitê Militar Revolucionário está comandando a reação contra os ataques dos conspiradores. Toda a guarnição e o proletariado de Petrogrado estão prontos para aplicar contra o inimigo do povo um golpe arrasador.

O Comitê Militar Revolucionário decreta:

1. Todos os comitês de regimento, divisão ou navio, junto com os comissários do soviete, e todas as organizações revolucionárias devem permanecer em sessões contínuas, reunindo toda e qualquer informação sobre os planos dos conspiradores.

2. Nenhum soldado deve deixar sua divisão sem autorização do comitê.

3. Que sejam enviados imediatamente ao Smolny pelo menos dois delegados de cada unidade militar e cinco de cada soviete distrital.

4. Todos os membros do Soviete de Petrogrado e todos os delegados ao Congresso Pan-Russo de Sovietes estão convocados a comparecer imediatamente ao Smolny para uma reunião extraordinária.

A contrarrevolução pôs para fora sua cabeça criminosa.

Um grande perigo ameaça todas as conquistas e esperanças dos soldados e operários.

Mas as forças revolucionárias superam de longe as forças inimigas.

A causa do povo está em mãos firmes. Os conspiradores serão liquidados.

Nada de hesitações ou dúvidas! Firmeza, tenacidade, disciplina, determinação!

Longa vida à Revolução!

COMITÊ MILITAR REVOLUCIONÁRIO

O Soviete de Petrogrado se mantinha em sessão permanente no Smolny, o coração da tempestade. Delegados descansavam no próprio chão para depois se levantar e retomar a participação nos debates. Trótski, Kamenev e Volodarski discursavam seis, oito, doze horas por dia...

Estive na sala 18, no térreo, onde os delegados bolcheviques faziam uma reunião. Uma voz enérgica de alguém que estava oculto no meio de todos eles dizia com firmeza: “Os conciliadores dizem que estamos isolados. Não deem atenção a eles. Quando tudo começar, eles serão obrigados a se alinhar conosco, ou então perderão seus próprios seguidores...”.

Nesse momento, ele ergueu um pedaço de papel: “Eles já se juntam a nós! Acaba de chegar uma mensagem dos mencheviques e dos socialistas revolucionários! Dizem condenar as nossas ações, mas que, se o governo nos atacar, eles não se oporão à causa do proletariado!”. Gritos de exaltação.

Quando veio a noite, a grande sala estava repleta de soldados e operários, uma massa compacta e acinzentada que se agitava em meio a uma nuvem azulada de fumaça. O velho *Tsik* resolvera finalmente receber os delegados para aquele congresso que acabaria por significar sua própria ruína — ou, talvez, a ruína da ordem revolucionária que ele havia construído. Naquele encontro, porém, apenas os membros do *Tsik* teriam direito a voto...

Já havia passado da meia-noite quando Gotz assumiu a direção dos trabalhos e Dan começou a discursar, em meio a um silêncio cheio de tensão que, para mim, parecia ameaçador:

O momento que estamos vivendo adquiriu um aspecto dos mais trágicos [disse ele]. O inimigo está às portas de Petrogrado, as forças da democracia tentam se organizar para a resistência e, ao mesmo tempo, vislumbramos um derramamento de sangue nas ruas da capital e a fome ameaça destruir não só nosso governo homogêneo, mas a Revolução como um todo...

As massas estão enfermas e fatigadas. Não têm interesse na Revolução. Se os bolcheviques resolverem fazer alguma coisa, será o fim da Revolução... [Gritos de “É mentira!”.] A contrarrevolução está esperando apenas pelos bolcheviques para promover levantes e massacres... Se houver qualquer *vystuplenie*, não existirá Assembleia Constituinte... [Gritos de “Mentira! É uma vergonha!”.]

É inadmissível que a guarnição de Petrogrado localizada na zona de operações militares não se submeta às ordens do Estado-Maior... Vocês devem obedecer às ordens do Estado-Maior e do *Tsik*, eleito por vocês mesmos. Todo o poder aos soviets — isso significa morte! Assaltantes e ladrões apenas esperam a hora certa para começar a saquear e a incendiar... Quando vocês ouvirem palavras de ordem como “Entrem nas casas, peguem os sapatos e as roupas da burguesia”... [Tumulto, gritos, “Essa palavra de ordem não existe! É uma mentira! É uma mentira!”.] Bem, pode não começar bem assim, mas acabará desse jeito!

O *Tsik* tem todos os poderes para agir, e deve se obedecer a ele... Não temos medo de baionetas... O *Tsik* defenderá a

Revolução com seu próprio corpo... [Gritos de “Já faz tempo que ele não passa de um cadáver!”.]

Um grande tumulto se inicia, em meio ao qual podia-se ouvir a voz do orador, que martelava na mesa ao falar: “Os que insistem nisso estão cometendo um crime!”.

Uma voz: “Vocês já cometeram um crime faz muito tempo, quando assumiram o poder e o transferiram para a burguesia!”.

Balançando com força a sineta, Gotz exclamou: “Silêncio, ou vou expulsá-lo da sala!”.

A voz: “Tente fazer isso!”. (Aplausos e assobios.)

Bem, agora, no que diz respeito à nossa posição sobre o problema da paz. [Risos.] Infelizmente a Rússia não tem condições de suportar a continuação da guerra. Avança-se para a paz, mas não para uma paz duradoura — não uma paz democrática... Hoje, no Conselho da República, com o objetivo de evitar um derramamento de sangue, aprovamos uma ordem do dia que determina a transferência das terras para os comitês rurais e a abertura imediata das negociações de paz... [Risos e gritos, “Tarde demais!”.]

Trótski subiu à tribuna, então, em nome dos bolcheviques, empurrado por uma poderosa onda de aplausos, com a sala inteira de pé a ovacioná-lo estrondosamente. Seu rosto magro e pontudo, com a expressão de uma ironia maliciosa, mostrava-se nitidamente mefistofélico:

“A tática de Dan prova que as massas — as grandes massas, obtusas e indiferentes — estão totalmente do lado dele!” (Hilaridade gigantesca.) Trótski se vira então para o presidente dos trabalhos, num gesto dramático:

Quando nós falamos em transferir as terras para os camponeses, vocês foram contra. Dissemos, então, aos camponeses: “Se eles não lhes dão terra, tomem-na vocês mesmos!”, e os camponeses seguiram nosso conselho. E agora vocês defendem aquilo que fizemos seis meses atrás...

Não creio que a ordem de Kerenski de suspender a aplicação da pena de morte no Exército tenha sido ditada por seus ideais. Creio que Kerenski foi persuadido pela guarnição de Petrogrado, que se recusou a lhe obedecer...

Dan é acusado hoje de ter feito um discurso no Conselho da República que mostraria ser ele um bolchevique infiltrado... Ainda chegará o dia em que Dan dirá que a fina flor da Revolução participou do levante de 16 e 18 de julho... A resolução de Dan aprovada hoje no Conselho da República não faz nenhuma menção à necessidade de reforçar a disciplina no Exército, embora a propaganda de seu partido insista sobre isso...

Não. A história dos últimos sete meses mostra que as massas se afastaram dos mencheviques. Os mencheviques e os socialistas revolucionários derrotaram os partidários do *Cadete* e, uma vez no poder, passaram-no para as mãos do próprio *Cadete*...

Dan afirma que vocês não têm o direito de fazer uma insurreição. A insurreição é um direito de todos os revolucionários! Quando as massas oprimidas se revoltam, estão no seu direito...

Em seguida, com sua cabeça longilínea e a língua afiada, falou Lieber, recebido com murmúrios e risos.

Engels e Marx diziam que o proletariado não tem o direito de tomar o poder até que ele esteja pronto para isso. Numa revolução burguesa como esta... a tomada de poder pelas massas significa o

fim trágico da Revolução... O próprio Trótski, como teórico social-democrata, se opunha ao que hoje defende aqui... [Gritos, “Basta! Caia fora!”.]

Veio a vez de Martov, constantemente interrompido: “Os Internacionalistas não se opõem a que o poder seja transferido para a democracia, mas desaprovam os métodos dos bolcheviques. Não é o momento de tomar o poder...”.

Dan reassume a palavra, atacando violentamente o Comitê Militar Revolucionário, que enviara um comissário para ocupar a sede do *Izvestia* e censurar o jornal. Seguiu-se o mais ruidoso tumulto. Martov tentou falar, mas não conseguia ser ouvido. Delegados do Exército e da frota do Báltico se espalhavam, de pé, por toda a sala, gritando que o governo *deles* era o soviete...

Em meio à ruidosa confusão, Ehrlich propôs uma resolução, conclamando os operários e os soldados a permanecerem calmos e não cederem a provocações que os levassem a se manifestar, reconhecendo a necessidade de se criar de imediato um comitê que aprovasse decretos de transferência da terra para os camponeses e o início das conversações de paz...

Ergueu-se então Volodarski, bradando com estridência que o *Tsik*, às vésperas do Congresso, não tinha o direito de assumir as funções do próprio Congresso. O *Tsik* estava praticamente morto, disse ele, e essa resolução não passava de um artifício para tentar reanimar suas energias agonizantes...

“Nós, bolcheviques, não votaremos essa resolução!” Todos os bolcheviques deixaram a sala, e a resolução foi, em seguida, aprovada...

Por volta das quatro horas da manhã, na antessala, encontrei Zorin, que trazia um fuzil a tiracolo.

“A coisa já começou!”,²⁵ disse ele, calmamente, mas com satisfação. “Pegamos o ministro-assistente da Justiça e o ministro das Religiões. Estão agora na cave. Um regimento está em marcha para tomar a companhia telefônica, outro está indo para a agência telegráfica e outro para o banco do Estado. A Guarda Vermelha está do lado de fora...”

Na escadaria do Smolny, em meio à noite fria, vi pela primeira vez a Guarda Vermelha — um pequeno grupo de jovens com roupas de operários, carregando baionetas no canhão, conversando nervosamente.

Ao longe, a oeste, por cima dos telhados imóveis ouvia-se o som de tiros esparsos de fuzis. Eram os *yunkers*, que tentavam manter abertas as pontes sobre o Neva de modo a impossibilitar que os operários de fábricas e os soldados do bairro de Viborg atravessassem o rio e se juntassem às forças soviéticas no centro da cidade; os marinheiros de Kronstadt, contra essa ação, tornavam a fechá-las.

Às nossas costas estava o grande Smolny, todo iluminado, fervilhando como uma colmeia gigante.

* Não foram palavras totalmente sinceras. O Governo Provisório havia proibido os jornais bolcheviques, em julho, e planejava fazer o mesmo agora.

** Muito conhecido pelo movimento operário norte-americano.

4. A queda do Governo Provisório

Na quarta-feira, 7 de novembro, acordei tarde. Soava o canhão do meio-dia na Fortaleza de Pedro e Paulo quando eu descia pela avenida Nevski. Era um dia frio e úmido. Na frente do Banco do Estado, alguns soldados, com baionetas fixas, guardavam os portões fechados do edifício.

“De qual lado vocês são?”, perguntei. “Do governo?”

“Não existe mais governo”, respondeu um deles, com um sorriso. “*Slava Bogu!* Graças a Deus!” Foi tudo o que consegui tirar dele...

Os bondes corriam normalmente pela Nevski, com homens, mulheres e garotos que se penduravam em cada saliência. As lojas estavam abertas, e a multidão nas ruas parecia até menos inquieta do que no dia anterior. Uma nova leva de apelos contra a insurreição tinha brotado no meio da noite ocupando os muros — dirigiam-se aos camponeses, aos soldados do front e aos operários de Petrogrado. Um deles dizia:

DA DUMA MUNICIPAL DE PETROGRADO

A Duma Municipal informa aos cidadãos que, em reunião extraordinária realizada em 6 de novembro, a Duma constituiu um Comitê de Salvação Pública, composto por membros das Dumas Central e distritais, além de representantes das seguintes organizações revolucionárias: o *Tsik*, o Comitê Pan-Russo de Deputados Camponeses, as organizações do Exército, o

Tsentroflot, o Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado (!), o Conselho de Sindicatos, entre outras.

Os membros do Comitê de Salvação Pública estarão sediados no edifício da Duma Municipal. Telefones números 15-40, 223-7, 138-36.

7 de novembro de 1917.

Embora eu não tivesse então uma noção exata disso, tratava-se de uma declaração de guerra da Duma contra os bolcheviques.

Comprei um exemplar do *Rabochi Put*, o único jornal que parecia estar à venda, e pouco mais tarde paguei cinco copeques a um soldado por um exemplar de segunda mão do *Dien*. O jornal bolchevique, impresso em grande formato nas oficinas então ocupadas do *Russkaya Volia*, trazia em letras garrafais: “TODO O PODER AOS SOVIETES DE OPERÁRIOS, SOLDADOS E CAMPONESES! PAZ! PÃO! TERRA!”. O editorial trazia a assinatura “Zinoviev” — companheiro de esconderijo de Lênin. O texto começava assim:

Todo soldado, todo operário, todo autêntico socialista, todo democrata honesto compreende que há apenas duas alternativas para a atual situação.

Ou o poder permanece nas mãos da quadrilha de burgueses e proprietários rurais, e isso significará todo tipo de repressão contra os operários, soldados e camponeses, a continuação da guerra, a inevitável fome e a morte...

Ou o poder se transfere para as mãos dos operários, soldados e camponeses revolucionários; neste caso, isso significará a abolição total da tirania dos grandes proprietários rurais, o enfrentamento imediato com os capitalistas e a imediata proposição de uma paz

justa. Nesse caso, a terra estará nas mãos dos camponeses, o controle das fábricas ficará com os operários, o pão será garantido para vencer a fome, e essa guerra absurda chegará ao fim!...

O *Dien* trazia notícias fragmentadas sobre aquela noite agitada. A ocupação bolchevique da companhia telefônica, da estação do Báltico, da agência de telégrafos; a impossibilidade de os *yunkers* de Peterhof chegarem a Petrogrado; a hesitação dos cossacos; a prisão de alguns ministros; o assassinato de Meyer, o chefe da Milícia Municipal; prisões, contraprisionas, escaramuças entre patrulhas de soldados, *yunkers* e Guardas Vermelhos.²⁶

Na esquina da Morskaya, deparei com o capitão Gomberg, um menchevique *oboronets*, secretário da seção militar de seu partido. Quando lhe perguntei se a insurreição tinha realmente ocorrido, ele encolheu os ombros em um gesto de cansaço e respondeu: “*Chort znayet!* Só o diabo sabe! Bem, os bolcheviques podem até tomar o poder, mas não saberão mantê-lo por mais do que três dias. Eles não têm quadros para tocar um governo. Talvez seja bom deixá-los tentar — o que acabará com eles...”.

O Hotel Militar, num dos cantos da praça Santo Isaac, estava cercado por marinheiros armados. No seu lobby, oficiais jovens e inteligentes caminhavam de um lado para outro ou conversavam em voz baixa; os marinheiros não os deixavam sair dali...

De súbito, ouviu-se o detonar de um fuzil na rua, seguido de outros vários tiros dispersos. Corri para lá. Algo incomum acontecia em torno do Palácio Marinski, onde se reunia o Conselho da República. Marinheiros se perfilavam cruzando na diagonal a grande praça, os fuzis a postos, dirigidos para o telhado do hotel.

“*Provocatzia!* Estão atirando em nós”, exclamou um deles, enquanto outro saía correndo em direção à porta de entrada.

No ângulo oeste do palácio se vê um grande automóvel blindado com uma bandeira, recém-pintada, em vermelho, com as letras: “SRSD” (*Soviet Rabochikh Soldatskikh Deputatov*); todas as armas se concentravam na Santo Isaac. Uma barricada fora erguida no começo da Novaya Ulitsa — caixas, barris, um colchão velho, uma carroça. Uma pilha de móveis velhos de madeira atravancava a passagem ao final do cais de Moika. Achas de lenha de um depósito da vizinhança eram usadas para construir um parapeito de proteção ao longo da fachada do prédio...

“Haverá algum combate?”, perguntei.

“Logo, logo”, respondeu um soldado, nervosamente. “Saia daqui, camarada, você acabará ferido. Eles virão daquela direção”, completou, apontando para o Almirantado.

“Eles quem?”

“Isso eu não saberia lhe dizer, meu irmão”, respondeu, cuspiendo em seguida no chão.

Uma multidão de soldados e marinheiros se formava à frente do palácio. Um marinheiro relatava como se dera o fim do Conselho da República Russa. “Entramos lá”, dizia ele, “e bloqueamos todas as portas com nossos camaradas. Avancei até o kornilovista que dirigia os trabalhos. ‘O Conselho acabou’, eu disse, ‘e volte logo para sua casa!’.”

Alguns riram. Exibindo uma série de documentos pessoais, consegui chegar à entrada da galeria de imprensa. Ali, fui retido por um enorme marinheiro que, depois de eu exibir minha credencial, disse sorridente: “Nem que você fosse são Miguel, camarada, não poderia entrar aqui!”. Através do vidro da porta, reconheci o rosto distorcido e os braços agitados de um correspondente francês, preso ali dentro.

Diante da entrada, um grupo de soldados cercava um sujeito baixo de bigode grisalho com uniforme de general. Ele estava com o rosto bastante corado.

“Sou o general Alexeiev”, gritou. “Como oficial superior e membro do Conselho da República, exijo que me seja dada licença para passar!” O guarda coçou a cabeça, fitou ao redor com um olhar embaraçado; fez um sinal para um oficial que se aproximava; este, ao ver de quem se tratava, ficou um tanto agitado e bateu-lhe continência antes mesmo de saber o que estava acontecendo.

“*Vashe Vuisokoprevoskhoditelstvo* [Vossa Excelência]” — balbuciou ele, à maneira do antigo regime. “O acesso ao palácio está terminantemente proibido... não tenho o direito...”

Passou um veículo, e dentro dele avistei Gotz rindo e aparentemente se divertindo bastante. Poucos minutos mais tarde, outro veículo apareceu, com soldados armados no banco dianteiro e cheio de membros do Governo Provisório presos. Peters, um letão integrante do Comitê Militar Revolucionário, surgiu correndo da praça.

“Pensei que vocês tivessem detido esses senhores todos na noite passada”, eu disse, designando o veículo.

“Oh”, respondeu ele, com uma expressão de garoto decepcionado. “Aqueles idiotas os soltaram enquanto decidíamos o que fazer com eles...”

Na avenida Voskressenski, alinhava-se uma grande massa de marinheiros, e, atrás deles, aproximavam-se soldados marchando, em quantidade a perder de vista.

Fomos em direção ao Palácio de Inverno passando pelo bulevar Admiralteiski. Todas as entradas da praça do palácio estavam tomadas por sentinelas, e um cordão de tropas se estendia até a extremidade

oeste, cercado por uma multidão agitada de civis. O silêncio era total, à exceção do ruído produzido por alguns soldados que, mais distantes, pareciam carregar madeira do pátio do palácio para empilhá-la do lado de fora em frente ao portão principal.

Não havia como saber se os sentinelas eram pró-governo ou pró-soviète. Como os documentos emitidos pelo Smolny não valiam mais nada, fomos até outra parte da fila e, fazendo ar de importância, exibimos nossos passaportes norte-americanos dizendo “Missão oficial!” e avançamos. Na porta do palácio, os mesmos *shveitzari* de antigamente, com seus uniformes azuis com botões de cobre e colarinhos vermelhos e dourados, ocuparam-se educadamente de nossos sobretudos e chapéus, e então subimos a escadaria. No corredor sombrio e depressivo, já sem as antigas tapeçarias, perambulavam alguns velhos servidores, e, em frente à porta de Kerenski, um jovem oficial andava para lá e para cá remexendo no bigode. Perguntamos se seria possível entrevistar o ministro-presidente. Ele se inclinou e bateu os calcanhares.

“Sinto muito, mas não será possível”, respondeu em francês. “Alexander Feodorovitch está muito ocupado neste momento...” Fitou-me por alguns instantes. “Na verdade, ele não está aqui...”

“Onde ele está?”

“Foi para o front.²⁷ E, sabe, seu automóvel estava sem combustível suficiente. Tivemos de pegar um pouco no Hospital Inglês.”

“Os ministros estão?”

“Estão reunidos em alguma sala, não sei onde.”

“Os bolcheviques estão chegando?”

“É claro. Certamente estão chegando. Aguardo por um telefonema a qualquer momento anunciando que estão chegando. Mas estamos a postos. Temos *yunkers* na frente do palácio. Atrás daquela porta.”

“Podemos ir lá?”

“Não, claro que não. É proibido.” Deu-nos um aperto de mão e partiu abruptamente. Aproximamo-nos da porta proibida, que fora instalada numa parede provisória que dividia a sala em duas e estava trancada pelo nosso lado. Ouviam-se vozes do outro lado, e alguém estava rindo. À exceção disso, os amplos espaços do velho palácio estavam tomados por um silêncio sepulcral. Um velho *shveitzar* surgiu correndo. “Não, *barin*, os senhores não devem entrar aí.”

“Por que a porta está trancada?”

“Para que os soldados fiquem aí”, respondeu. Depois de alguns minutos, disse alguma coisa a respeito de ir pegar um copo de chá e se afastou. Abrimos a porta.

Ali dentro, uma dupla de soldados estava de guarda, mas nada disseram. Ao final do corredor, havia um aposento amplo decorado com cornijas douradas e lustres enormes de cristal, e, para além dele, outros cômodos com paredes de lambri escuro. Em ambos os lados, sobre o piso de madeira estendiam-se fileiras inteiras de colchões e roupas de cama sujos, onde estavam deitados alguns soldados. Por toda parte havia bitucas de cigarros espalhadas no chão, migalhas de pão, roupas e garrafas vazias com rótulos franceses bastante caros. Enquanto avançávamos, aumentava o número de soldados com as ombreiras vermelhas das escolas dos *yunkers*, movendo-se por ali, em um ambiente quase irrespirável, com cheiro de fumaça de tabaco e corpos havia tempos sem saber o que era um banho. Um deles levava uma garrafa de vinho branco Burgundy, evidentemente surrupiada das caves do palácio. Olhavam-nos assombrados enquanto passávamos, sala após sala, até chegarmos por fim a uma sequência de salões de recepção, com suas janelas grandes e sujas dando para a praça. As paredes estavam cobertas com grandes pinturas a óleo com molduras

douradas — cenas de batalhas históricas... “12 de outubro de 1812”, “6 de novembro de 1812”, “16/28 de agosto de 1813”... Uma das telas exibia um corte no canto superior direito.

O local parecia uma grande caserna, e, a julgar pelo estado do piso e das paredes, assim vinha sendo tratado havia várias semanas. Metralhadoras se acumulavam nos peitoris das janelas, fuzis se empilhavam no chão entre os colchões.

No momento em que observávamos os quadros, senti um bafo de álcool bem na minha orelha esquerda, com uma voz dizendo, em um francês tosco porém fluente: “Pela maneira como admiram as pinturas, vejo que são estrangeiros”. Era um homem baixo e gordo, cuja careca se mostrou por inteiro quando ele tirou o quepe.

“Americanos? Muito prazer. Sou o segundo capitão Vladímir Artzibashev, inteiramente ao seu dispor.” Parecia não ver nada de excepcional no fato de quatro estrangeiros, dentre eles uma mulher, estarem ali, perambulando em meio ao aparato de defesa de um exército ameaçado de ataque. Começou, então, a se queixar da situação da Rússia.

“Não são apenas os bolcheviques”, disse ele, “mas também a destruição das mais belas tradições do exército russo. Olhem ao redor. São todos estudantes de escolas de oficiais. Mas são eles cavalheiros? Kerenski abriu as escolas de oficiais para os soldados de base, para qualquer soldado que passasse em um exame. Naturalmente, muitos, muitos deles estão contaminados pela Revolução...”

Mudou em seguida de assunto, sem nenhuma coerência. “Estou ansioso para deixar a Rússia. Quero entrar para o exército norte-americano. Poderiam falar com seu cônsul para acertar as coisas? Vou lhes dar o meu endereço.” Apesar de nossa negativa, ele o escreveu em um pedaço de papel, e de repente parecia se sentir melhor. Ainda

guardo esse papel comigo: “Oranienbaumskaya Shkola Praporshchikov 2, Staraya Peterhof”.

“Tivemos uma revista hoje pela manhã bem cedo”, continuou, enquanto nos conduzia pelas salas, dando explicações. “O batalhão das mulheres decidiu permanecer leal ao governo.”

“As mulheres soldados estão no palácio?”

“Sim, nas salas mais ao fundo, onde não correm o risco de se ferir caso aconteça alguma coisa.” Ele indicou os locais. “É uma grande responsabilidade”, afirmou.

Permanecemos por algum tempo junto à janela observando a praça em frente ao palácio, onde se perfilavam três batalhões armados de *yunkers* uniformizados com longos sobretudos, recebendo instruções de um oficial alto de expressão enérgica em quem reconheci o comissário militar principal do Governo Provisório, Stankievich. Passados alguns minutos, dois dos batalhões ergueram suas armas com estridência, emitiram três fortes gritos e partiram em ritmo de marcha atravessando a praça até desaparecerem pelo Arco Vermelho na cidade silenciosa.

“Eles vão tomar a companhia telefônica”, disse alguém. Três alunos de oficialato se aproximaram de nós, e começamos a conversar. Diziam ter ingressado em suas escolas a partir das fileiras do Exército, e declinaram seus nomes: Robert Olev, Alexei Vasilienko e Erni Sachs, um estoniano. Mas agora não queriam mais se tornar oficiais, pois estes eram bastante impopulares. Na verdade, não sabiam muito bem o que fazer, e ficava claro que estavam infelizes ali.

Subitamente, porém, começaram a fanfarronar. “Se os bolcheviques vierem, vamos lhes mostrar como se luta. Eles não se atrevem a combater. São covardes. Mas, se formos vencidos, bem, para esse caso cada um de nós guarda uma bala para si...”

Nesse momento, ouviu-se uma rajada de tiros nas proximidades. Na praça, as pessoas começaram a correr ou a se jogar de bruços no chão. Os *izvozchiki* [cocheiros] que faziam ponto nas esquinas desembestaram para todos os lados. Dentro do palácio, foi um tumulto. Soldados corriam para lá e para cá, empunhando fuzis e cartucheiras e gritando “Eles estão vindo! Eles estão vindo!”... Em poucos minutos, porém, reinava de novo o silêncio. Os *izvozchiki* voltaram a seus lugares, as pessoas que estavam deitadas se levantaram. Através do Arco Vermelho, surgiram os *yunkers*, marchando desconjuntados, um deles andando apoiado em dois colegas.

A tarde chegava ao fim quando deixamos o palácio. Na praça, os sentinelas tinham desaparecido. O enorme semicírculo formado pelos edifícios governamentais parecia deserto. Fomos jantar no Hotel France e, quando tomávamos uma sopa, o garçom, lívido, apareceu e pediu que mudássemos para a sala de jantar principal da casa, pois eles iriam apagar as luzes da cafeteria. “Haverá muitos tiros”, disse ele.

A escuridão era quase completa quando tornamos a sair para a Morskaya, salvo por um poste na esquina com a Nevski. Sob sua luz vacilante estava parado um tanque blindado, com o motor ligado, envolto pela fumaça de óleo que escapava dele. Trepado numa de suas laterais, um menino espiava dentro do cano da metralhadora. Soldados e marinheiros se aglomeravam ao redor, evidentemente no aguardo de alguma coisa. Caminhamos de volta em direção ao Arco Vermelho, onde se reunia um grupo de soldados que, conversando em voz alta, observavam o Palácio de Inverno todo iluminado.

“Não, camaradas”, dizia um deles, “como podemos atirar neles? O Batalhão de Mulheres está lá. Dirão que atiramos contra as mulheres

russas.”

Quando pegamos de novo a Nevski, outro tanque blindado surgiu na esquina, e um homem pôs a cabeça para fora da bolha do veículo.

“Vamos!”, gritou. “Vamos abrir caminho e atacar!”

O condutor do outro carro armado apareceu e gritou com muita força, para poder ser ouvido em meio ao barulho estrondoso do motor. “O Comitê está mandando esperar! Eles estão com artilharia por trás das barricadas de madeira...”

Ali, os bondes estavam parados, eram poucos os transeuntes, não havia luzes; mas alguns quarteirões adiante podíamos ver os bondes, a multidão, as vitrines das lojas iluminadas e os cartazes de cinema com lâmpadas elétricas — a vida seguia sua rotina. Tínhamos ingressos para assistir ao balé no Teatro Marinski — todos os teatros estavam funcionando —, mas do lado de fora as coisas também se mostravam agitadas.

No meio da escuridão, tropecei nas pilhas de madeira que barravam o acesso à Ponte da Polícia; em frente ao Palácio Stroganov, alguns soldados posicionavam um canhão de campanha de três polegadas. Homens com diferentes uniformes iam e vinham sem destino definido, falando sem parar.

Parecia que toda a população deixara suas casas para passear na Nevski. Em todas as esquinas, formavam-se multidões imensas, animadas por fortes discussões. Grupos de uma dúzia de soldados com baionetas fixas se postavam nos cruzamentos; senhores de faces rosadas e ricos casacos de pele os ameaçavam exibindo os punhos cerrados, mulheres elegantes lhes dirigiam insultos; os soldados retrucavam sem energia e sorriam amarelo... Tanques blindados subiam e desciam a rua, com os nomes dos primeiros tsares — Oleg, Rurik, Svietoslav —, e, pintadas em vermelho, as letras RSDRP

(*Rossiskaya Sotsial-Democrateecheskaya Rabochaya Partia*).^{*} Na esquina da Mikhailovski, surgiu um homem carregado de jornais. Ele foi de imediato cercado por pessoas absolutamente excitadas que lhe ofereciam um rublo, cinco rublos, dez rublos, empurrando umas às outras feito animais. Era o *Rabochi i Soldat*, anunciando a vitória da Revolução Proletária, a soltura dos bolcheviques ainda presos, pedindo apoio do exército no front e na retaguarda... um folheto efervescente de apenas quatro páginas, impresso em letras garrafais, sem nenhuma novidade.

Cerca de 2 mil cidadãos estavam aglomerados na esquina da Sadovaya, com os olhos voltados para o telhado de um edifício alto, onde uma minúscula centelha vermelha brilhava e depois desaparecia.

“Vejam!”, disse um camponês alto, apontando para ela. “É um provocador. Daqui a pouco ele começará a atirar nas pessoas...” Aparentemente, ninguém se preocupou em investigar para saber do que se tratava.

A imponente fachada do Smolny estava toda cheia de luzes quando chegamos, e de todas as ruas convergiam para ali correntes inteiras de corpos que mal podiam se distinguir na penumbra. Automóveis e motocicletas chegavam e partiam; um enorme tanque blindado cor cinza-elefante, com duas bandeiras vermelhas na bolha, passou pesadamente com a sirene ligada. Fazia frio, e os Guardas Vermelhos acenderam uma fogueira perto do portão externo para se aquecer. No portão interno havia outro fogo, e era à luz dele que as sentinelas examinavam nossas credenciais e nos esquadriavam de alto a baixo. As capas de lona foram rapidamente tiradas das quatro metralhadoras fixas distribuídas dos dois lados do portão, com as cartucheiras penduradas feito cobras nas culatras. Um conjunto escuro de tanques

blindados estava estacionado sob as árvores no pátio, com os motores ligados. Nas longas salas nuas e mal iluminadas, ressoavam os passos, os chamamentos, os gritos... Havia, ali, certa irresponsabilidade no ar. Uma multidão descia as escadarias. Operários com camisas pretas e gorros pretos de pele, muitos deles com armas a tiracolo, soldados com capotes enormes e sujos com as cabeças cobertas com *shapki* cinzas achatados, alguns líderes — Lunatcharski, Kamenev — andando apressados no centro de um grupo em que todos falavam ao mesmo tempo, com expressão de cansaço e ansiedade nos rostos, carregando pastas debaixo dos braços. Tinha acabado de se realizar a reunião extraordinária do Soviete de Petrogrado. Detive Kamenev por alguns instantes — um homenzinho acelerado, com um rosto grande e animado enfiado entre os ombros. Sem grandes preliminares, ele improvisou em francês a tradução da resolução que tinha acabado de ser aprovada:

O Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado, saudando a vitoriosa Revolução do proletariado e da guarnição de Petrogrado, destaca particularmente a unidade, organização, disciplina e absoluta cooperação demonstrada pelas massas nesse levante; raramente se viu uma insurreição com tão pouco sangue derramado e tão bem-sucedida.

O soviete expressa sua firme convicção de que o Governo dos Operários e Camponeses, que, como governo dos sovietes, será criado pela Revolução, e que garantirá o apoio da massa de camponeses pobres ao proletariado industrial, avançará firmemente rumo ao socialismo, como o único meio pelo qual o país poderá se livrar da miséria e dos inauditos horrores da guerra.

O novo Governo dos Operários e Camponeses proporá de imediato, a todos os países beligerantes, uma paz justa e democrática.

Abolirá imediatamente todas as grandes propriedades, transferindo a terra para os camponeses. Estabelecerá o controle operário da produção e distribuição dos produtos manufaturados e instituirá um controle geral sobre os bancos, que se tornarão monopólio do Estado.

O Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado chama os operários e camponeses da Rússia a apoiar com todas as suas forças e sua devoção a Revolução Proletária. O soviete expressa sua convicção de que os operários das cidades, aliados aos camponeses pobres, saberão manter a rigorosa ordem revolucionária, indispensável para a vitória do socialismo. O soviete está convencido de que o proletariado dos países da Europa Ocidental irão nos ajudar a levar adiante a causa do socialismo rumo a uma vitória real e duradoura.

“O senhor avalia que o jogo está ganho, então?”

Ele encolheu os ombros. “Há muita coisa a fazer. Uma enormidade de coisas. Isso tudo é apenas o começo...”

No térreo, encontrei Riazanov, vice-presidente dos sindicatos, que trazia um olhar sombrio e coçava a barba grisalha. “É insano! Insano!”, gritava ele. “A classe operária da Europa não vai se mexer! Toda a Rússia...” Agitou os braços num gesto de desconsolo e partiu. Riazanov e Kamenev tinham sido contrários à insurreição** e haviam sentido os golpes da língua afiada de Lênin...

Fora uma sessão solene. Em nome do Comitê Militar Revolucionário, Trótski havia decretado que o Governo Provisório já não mais existia.

“É típico dos governos burgueses”, disse ele, “decepcionar o povo. Nós, os Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses, iniciaremos uma experiência única na história; instituiremos um poder que não terá outro objetivo que não seja a satisfação das necessidades dos soldados, operários e camponeses.”

Lênin também aparecera, recebido com uma grandiosa ovação, profetizando a revolução social internacional... Depois Zinoviev, gritando: “Neste dia pagamos a nossa dívida para com o proletariado internacional e acertamos um gope terrível contra a guerra, um grande golpe contra todos os imperialistas e, particularmente, contra Guilherme, o Carrasco...”.

Veio, então, Trótski, informando que telegramas haviam sido enviados ao front para anunciar a insurreição vitoriosa, mas que eles não receberam resposta. Dizia que havia tropas avançando sobre Petrogrado — era preciso constituir uma delegação para relatar-lhes a verdade sobre o que estava acontecendo.

Gritos: “Vocês estão se antecipando à vontade do Congresso Pan-Russo de Sovietes!”.

Friamente, Trótski retrucou: “A vontade do Congresso Pan-Russo de Sovietes foi antecipada pelo levante dos operários e soldados de Petrogrado!”.

Forçando passagem em meio ao aglomerado de gente que se formara na porta, conseguimos entrar na grande sala de reuniões. Sob enormes lustres brancos, lotando as cadeiras enfileiradas, os corredores e as alas laterais, os peitoris das janelas e até mesmo a beirada da tribuna onde ficava a mesa de direção dos trabalhos, representantes dos operários e dos soldados da Rússia inteira aguardavam — alguns com uma ansiedade silenciosa, outros freneticamente exultantes — o badalar da sineta do presidente da

sessão. O ambiente era aquecido pelo calor dos próprios corpos, visivelmente carentes de banho. Uma nuvem fétida azulada de fumaça de cigarro subia daquela massa, deixando o ar denso e sufocante. De tempos em tempos, um dos organizadores subia na tribuna e pedia aos camaradas que não fumassem; então todos, fumantes ou não, se punham a gritar “Não fumem, camaradas!” — e continuava-se fumando. Petrovski, um anarquista, delegado da fábrica Obukhov, conseguiu uma cadeira para mim ao lado dele. Com a barba por fazer e todo engordurado, ele vinha de três noites em branco trabalhando no Comitê Militar Revolucionário...

Na tribuna estavam os líderes do velho *Tsik* — que dirigiam pela última vez os turbulentos soviets, por eles governados nos seus primeiros dias e contra quem agora se voltavam. Era o fim da primeira fase da Revolução Russa, que esses homens haviam tentado conduzir de forma cuidadosa... Os três mais importantes dentre eles não estavam ali: Kerenski, que fugia para o front passando por cidades provincianas onde a agitação já fermentava; Tchkhidze, a velha águia, que se retirara insolentemente para suas montanhas georgianas, onde apanharia uma tuberculose; e o sempre magnânimo Tsereteli, também mortalmente adoecido mas que, apesar disso, voltaria mais tarde para despejar sua bela eloquência em prol de uma causa perdida. Ali estavam Gotz, Dan, Lieber, Bogdanov, Broido e Phillipovski — todos eles lívidos, de olhos fundos, indignados. A seus pés, fervilhava e se agitava em verdadeiros turbilhões o segundo *siezd* [congresso] Pan-Russo de Sovietes, e sobre suas cabeças agia fervorosamente o Comitê Militar Revolucionário, controlando as rédeas da insurreição e proferindo golpes certos... Eram 22h40.

Dan, um homem calvo e de traços delicados com um uniforme amassado de cirurgião militar, fez soar a sineta. O silêncio se impôs

subitamente, quebrado apenas pelo tumulto formado pelas pessoas que estavam na porta...

“Temos o poder em nossas mãos”, começou ele, tristemente. Parou por um momento e prosseguiu em voz baixa a uma movimentação incessante. “Camaradas! O Congresso dos Sovietes está reunido em circunstâncias tão ímpares e em um momento tão extraordinário que vocês todos entenderão por que o *Tsik* considera desnecessário recebê-los com um discurso político. Isso ficará mais claro para vocês se considerarem que sou membro do *Tsik* e que, neste exato instante, nossos camaradas de partido estão no Palácio de Inverno sob bombardeio, sacrificando-se para exercer o dever a eles atribuído pelo *Tsik*.” (Tumulto confuso.)

“Declaro aberta a primeira sessão do II Congresso dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados!”

A eleição da mesa se deu em meio a um vaivém contínuo. Avanssov anunciou que, com base em um acordo entre os bolcheviques, os Socialistas Revolucionários de Esquerda e os mencheviques internacionalistas, a mesa seria formada proporcionalmente. Vários mencheviques se sobressaltaram em protesto. Um soldado de barba gritou para eles: “Lembrem-se do que vocês fizeram conosco quando nós, os bolcheviques, éramos minoria!”. Resultado: catorze bolcheviques, sete socialistas revolucionários, três mencheviques e um internacionalista (do grupo de Górkki). Em nome da direita e do centro dos socialistas revolucionários, Hendelmann informou que essas alas se recusavam a integrar a mesa; o mesmo fez Khinchuk, pelos mencheviques; já os Mencheviques Internacionalistas afirmaram que não podiam fazer parte da mesa até que se elucidassem algumas circunstâncias. Alguns aplausos e vaias. Uma voz: “Renegados! E ainda se dizem

socialistas!”. Um representante dos delegados ucranianos exigiu, e conseguiu, um lugar na mesa. Assim, o velho *Tsik* deixou a mesa e em seu lugar apareceram Trótski, Kamenev, Lunatcharski, a sra. Kollontai, Nogin... A sala, com todos de pé, exultava. Como tinham ido longe, aqueles bolcheviques, de uma facção desprezada e perseguida menos de quatro meses atrás, para aquele posto supremo, a direção da grande Rússia em plena maré revolucionária!

A ordem do dia, exposta por Kamenev, era: primeiro, a Organização do Poder; em segundo lugar, a guerra e a paz; e, em terceiro, a Assembleia Constituinte. Lozovski se levantou e disse que, com base em um acordo entre as direções de todas as facções, ficara decidido que, antes de se passar à ordem do dia, seria lido e discutido o relatório do Soviete de Petrogrado e que depois seria dada a palavra a membros do *Tsik* e de cada partido.

Subitamente, porém, um som diferente se fez ouvir, mais forte que o burburinho dos presentes, persistente, angustiante — o som surdo de canhões. Pessoas olhavam ansiosamente pelas janelas embaçadas, sendo logo tomadas por uma espécie de movimento febril. Martov pediu a palavra e anunciou com voz grave: “A guerra civil está começando, camaradas! O primeiro ponto deveria ser a busca de uma saída pacífica para a crise. Por razões de princípio e por motivos políticos, precisamos discutir urgentemente os meios de evitar uma guerra civil. Estão atirando contra nossos irmãos nas ruas! Neste exato instante, antes mesmo da abertura do Congresso dos Sovietes, a questão do poder está sendo resolvida por meio de um complô militar organizado por um dos partidos revolucionários...” — por um momento, não conseguiu mais se fazer ouvir em meio ao tumulto. “Todos os partidos revolucionários devem encarar a realidade!

“A primeira *vopros* (questão) colocada para o Congresso é a questão do poder, e essa questão já está sendo resolvida nas ruas pela força das armas!... Temos de constituir um poder que seja reconhecido por toda a democracia. Se o Congresso almeja ser o porta-voz da democracia revolucionária, não pode ficar sentado de braços cruzados diante do desencadeamento da guerra civil, cuja consequência pode ser um perigoso impulso para a contrarrevolução... A possibilidade de um desenlace pacífico está na formação de um poder democrático unido... Devemos eleger uma comissão para negociar com os outros partidos socialistas e organizações...”

Continuavam a soar, através das janelas, os golpes abafados e regulares dos canhões... Os delegados trocavam insultos. E assim, no meio da noite, sob uma explosão de artilharia, em plena escuridão, com medo, rancor e uma ousadia irresponsável, ia se forjando a nova Rússia.

Os Socialistas Revolucionários de Esquerda e os Social-Democratas Unificados apoiaram a proposta de Martov. E ela foi aceita. Um soldado anunciou que os Sovietes Pan-Russos de Camponeses se recusara a mandar delegados ao Congresso e propôs que fosse enviada a eles uma delegação para convidá-los oficialmente. “Alguns desses delegados estão presentes aqui”, disse ele. “Proponho que tenham direito a voto.” Aprovado.

Kharash, portando suas dragonas de capitão, pediu a palavra agressivamente. “Os hipócritas políticos que controlam este congresso”, gritou, “disseram-nos que iríamos discutir a questão do poder — mas ela está sendo resolvida pelas nossas costas, antes mesmo da abertura do Congresso! O Palácio de Inverno está sendo atacado, e é com esses ataques que estão sendo enfiados os pregos no

caixão do partido político que ousou lançar essa aventura!” Tumulto. Em seguida falou Gharra: “Enquanto estamos aqui discutindo propostas para a paz, ocorre uma verdadeira batalha nas ruas... Os socialistas revolucionários e os mencheviques negam qualquer envolvimento com o que está acontecendo e chamam todas as forças públicas a resistir a essa tentativa de tomada do poder...”. Veio então Kuchin, delegado do 12º Exército e representante dos trudoviques: “Vim aqui apenas com a missão de ter informações, e estou voltando imediatamente para o front, onde todos os Comitês do Exército avaliam que a tomada do poder pelos soviets, a apenas três semanas da Assembleia Constituinte, é uma punhalada nas costas do Exército e um crime contra o povo!”. Gritos: “Mentira! Você está mentindo!”... Quando conseguiu de novo se fazer ouvir, disse: “Vamos acabar com esta aventura em Petrogrado! Convido todos os delegados a se retirarem desta sala, a fim de salvar o país e a Revolução!”. Ao descer da tribuna, em meio a um tumulto ensurdecedor, pessoas se puseram em seu caminho fazendo ameaças... Nesse momento, um oficial, com seu longo cavanhaque castanho, assumiu a palavra falando de modo suave e persuasivo: “Falo em nome dos delegados do front. O Exército está mal representado neste Congresso, e, mais do que isso, o Exército não considera o Congresso dos Sovietes necessário neste momento, a apenas três semanas da abertura dos trabalhos da Assembleia Constituinte...”. Gritos e batidas de pés, cada vez mais violentas. “O Exército não considera que o Congresso dos Sovietes possua a autoridade necessária...” Soldados começaram a se levantar em toda a sala.

“Em nome de quem você está falando? O que você representa?”, gritavam.

“O Comitê Executivo Central do Soviete do Quinto Exército, o Segundo Regimento de F..., o Primeiro Regimento de N..., o Terceiro Batalhão de Artilharia de S...”

“Quando foi eleito? Você representa os oficiais, não os soldados! O que dizem os soldados sobre isso?” Zombaria, vaias.

“Nós, o grupo do front, não assumimos nenhuma responsabilidade pelo que aconteceu e está acontecendo, e achamos necessário mobilizar todas as forças revolucionárias conscientes pela salvação da revolução! O grupo do front irá se retirar do Congresso... A luta se dá nas ruas, não aqui!”

Clamor imenso. “Você fala pelo Estado-Maior, não pelo Exército!”

“Convoco todos os soldados sensatos a se retirarem deste Congresso!”

“Kornilovista! Contrarrevolucionário! Provocador!”, eram os gritos lançados contra ele.

Em nome dos mencheviques, Khinchuk anunciou, então, que a única possibilidade de uma solução pacífica passava pela abertura de negociações com o Governo Provisório para a formação de um novo Gabinete, que teria o apoio de todos os estratos da sociedade. Ele não conseguiu continuar falando por vários minutos. Elevando a voz a ponto de gritar, leu a declaração dos mencheviques:

Considerando que os bolcheviques urdiram uma conspiração militar com a ajuda do Soviete de Petrogrado, sem consultar as demais facções e partidos, avaliamos ser impossível permanecer no Congresso, e, por isso, nos retiramos dele, convidando os outros grupos a nos seguir e a fazer uma reunião para discutir a situação!

“Desertor!” Nos intervalos de um tumulto quase permanente, Hendelman, falando pelos socialistas revolucionários, pôde ser ouvido

protestando contra o bombardeio ao Palácio de Inverno... “Somos contra esse tipo de anarquia...”

Assim que ele desceu da tribuna, saltou em direção a ela um jovem soldado de rosto magro com olhos cintilantes, que ergueu uma das mãos em um gesto dramático:

“Camaradas!”, gritou ele, e um silêncio se apoderou da sala. “Meu nome de *familia* é Peterson. Falo aqui em nome do 2º Batalhão de Artilharia Letão. Vocês ouviram as intervenções de dois representantes dos comitês do Exército; essas intervenções teriam algum valor *se seus autores fossem representantes do Exército...*” Fortes aplausos. “*Mas eles não representam os soldados!*” Brandiu o punho. “O 12º Exército vem insistindo de há muito na necessidade de uma nova eleição no Grande Soviete e no Comitê do Exército, mas, assim como o seu *Tsik*, nosso Comitê se recusava a convocar uma reunião dos representantes das massas até o fim de setembro, por isso os reacionários puderam eleger seus próprios falsos delegados para este congresso. Digo-lhes, agora, o que os soldados letões já disseram várias vezes: ‘Basta de resoluções! Basta de conversas! Queremos atos. O poder tem de estar em nossas mãos!’. Deixem que esses delegados impostores se retirem do Congresso! O Exército não está com eles!”

A sala estremeceu com os aplausos. Nos primeiros momentos da sessão, perplexos diante da rapidez dos acontecimentos, assustados com o som dos canhões, os delegados se mostravam hesitantes. Durante uma hora, os oradores se sucederam martelando coisas em suas cabeças, unindo-os mas ao mesmo tempo os esmagando. Estariam isolados? Estaria a Rússia se levantando contra eles? Era verdade que o Exército marchava sobre Petrogrado? Então aquele soldado de olhos claros começara a falar, e subitamente eles tomaram consciência da realidade... Aquela, sim, era a voz dos soldados — os

milhões de operários e camponeses uniformizados e em efervescência eram homens como eles, e seus pensamentos e sentimentos eram os mesmos...

Mais soldados... Gzhelshakh, em nome dos delegados do front, anunciou que eles haviam decidido se retirar do Congresso por uma maioria muito pequena e que *seus membros bolcheviques nem sequer tinham participado da votação*, pois achavam que a questão deveria ser decidida pelos delegados em seus respectivos partidos políticos, e não em grupos. “Centenas de delegados do front”, disse ele, “foram eleitos sem a participação dos soldados, porque os Comitês do Exército já não são os verdadeiros representantes das fileiras de base...” Lukianov afirmou, gritando, que oficiais como Kharash e Khinchuk não podiam representar o Exército no Congresso, mas apenas seu alto-comando. “Os verdadeiros ocupantes das trincheiras desejam, de todo o coração, a transferência do poder para as mãos do Soviete, e esperam muito disso!”... Os ventos estavam virando.

Apareceu, então, Abramovich, do *Bund*, órgão dos Social-Democratas Judeus. Seus olhos cintilavam por trás dos óculos de lentes espessas. Tremendo de raiva, ele disse:

“O que está acontecendo neste momento em Petrogrado é uma calamidade monstruosa! O grupo do *Bund* apoia a declaração dos mencheviques e socialistas revolucionários, e se retirará do Congresso!” Ergueu a voz e levantou um dos braços. “Nossos deveres para com o proletariado russo não nos autorizam a permanecer aqui e sermos responsáveis por esses crimes. Dada a continuação dos ataques contra o Palácio de Inverno, a Duma Municipal, juntamente com os mencheviques e os socialistas revolucionários, bem como o Comitê Executivo do Soviete de Camponeses, decidiu sucumbir com o Governo Provisório, e nós vamos nos unir a eles! Sem armas,

encararemos de peito aberto as metralhadoras dos terroristas... Convidamos todos os delegados a este Congresso...” — O que veio a seguir foi uma tempestade de vaias, ameaças e xingamentos que atingiu o paroxismo quando cinquenta delegados se levantaram e se retiraram do recinto...

Kamenev agitou a sineta, gritando: “Fiquem em seus lugares, vamos seguir com nossos trabalhos!”. Trótski, de pé, com o rosto pálido e cruel, fez todos ouvirem sua voz poderosa dizendo, com frio desprezo: “Esses conciliadores ditos socialistas, esses mencheviques e socialistas revolucionários apavorados, o *Bund*, deixem que eles saiam! Todos eles não passam de refugo que será varrido para o lixo da história!”.

Falando em nome dos bolcheviques, Riazanov informou que, a pedido da Duma Municipal, o Comitê Militar Revolucionário enviara uma delegação ao Palácio de Inverno para propor negociações. “Nesse sentido, fizemos todo o possível para evitar um derramamento de sangue...”

Deixamos o lugar, fazendo antes uma parada momentânea na sala onde o Comitê Militar Revolucionário estava trabalhando a um ritmo atroz, recebendo e despachando mensageiros ofegantes, enviando comissários armados com poderes de vida e de morte para todos os cantos da cidade, tudo isso em meio a um zumbido incessante de campainhas telefônicas. Quando a porta se abriu, um sopro de ar parado e cheio de fumaça de cigarro saiu, e nesse instante pudemos ver, sob a luz ofuscante de um abajur com lâmpada elétrica, um grupo de homens descabelados debruçados sobre um mapa... O camarada Josephov-Dukhvinski, um jovem sorridente de cabeleira loira emaranhada, deu-nos as credenciais.

Quando saímos para a noite fria, havia na frente do Smolny uma intensa movimentação de automóveis, partindo e chegando, e por cima do barulho que faziam era possível ouvir, ao longe, as lentas batidas do canhão. Havia também um grande caminhão, que chacoalhava ao rugido de seu motor. Homens lançavam pacotes para dentro dele, onde estes eram pegos no ar por outros, que ali estavam com armas ao seu lado.

“Aonde vocês vão?”, gritei.

“Vamos para o centro, para todos os lugares, para qualquer lugar”, respondeu um operário pequeno, com um gesto largo e exultante.

Mostramos nossas credenciais. “Venham conosco!”, convidaram. “Mas provavelmente haverá tiros.” Subimos no caminhão: o motorista engatou a marcha, e o veículo enorme se precipitou para a frente, lançando-nos para trás, por cima dos que ainda estavam subindo nele. Passamos pela grande fogueira junto ao portão, depois a outra fogueira acesa perto do portão externo, que avermelhava os rostos dos operários armados de fuzis que se acocoravam a seu redor, e saímos aos trancos e barrancos em alta velocidade pela avenida Suvorovski, balançando de um lado para o outro... Um dos homens rasgou o embrulho de um dos pacotes e começou a atirar para fora maços inteiros de panfletos. Fizemos igual, deixando atrás de nós, ao longo da rua escura, uma cauda de folhas brancas que flutuavam e se agitavam no ar. Passantes notívagos se detinham para pegá-las; as patrulhas reunidas em torno de fogueiras nas esquinas corriam atrás, de braços erguidos, para apanhá-las. Vez por outra alguns homens armados apareciam à nossa frente gritando “*Stoi!*” [Alto!] e apontando armas, mas nosso motorista gritava-lhes alguma coisa ininteligível e íamos adiante, veloz e ruidosamente...

Peguei uma das folhas e, sob a luz fugidia dos lampiões de rua, pude ler:

AOS CIDADÃOS DA RÚSSIA

O Governo Provisório foi deposto. O poder do Estado foi transferido para as mãos do Comitê Militar Revolucionário, órgão do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado, que se encontra à frente do proletariado e da guarnição de Petrogrado.

Os objetivos pelos quais o povo vem lutando — imediata proposição de uma paz democrática, abolição dos direitos de propriedade dos grandes proprietários de terras, controle operário da produção, formação de um governo dos sovietes —, esses objetivos foram atingidos.

VIVA A REVOLUÇÃO DOS OPERÁRIOS, SOLDADOS E CAMPONESES!

COMITÊ MILITAR REVOLUCIONÁRIO
SOVIETE DE DEPUTADOS OPERÁRIOS E SOLDADOS
DE PETROGRADO

Sentado a meu lado, um homem de olhos oblíquos e traços mongóis, com um capote caucasiano de pele de cabra, gritou: “Cuidado! Por aqui há sempre uns provocadores que atiram do alto das janelas!”. Viramos no sentido da praça Znamenski, escura e quase deserta, contornamos a horrível estátua de Trubetskói e entramos na larga Nevski. Três homens ficavam sempre de pé nas janelas, com seus fuzis a postos. Às nossas costas, a rua se enchia de gente, que corria ou

se agachava. Já não conseguíamos ouvir o canhão, e, quanto mais nos aproximávamos do Palácio de Inverno, nos limites da cidade, mais silenciosas e desertas estavam as ruas. A Duma Municipal estava toda iluminada. Depois dela, notamos uma massa escura de gente e uma fila de marinheiros, que gritavam furiosamente em nossa direção para pararmos. O veículo diminui a velocidade, e nós descemos.

Era uma cena espantosa. Na esquina do canal Ekaterina, sob um arco iluminado, um cordão de marinheiros armados se formara impedindo que uma multidão, dividida em quatro grandes grupos, passasse pela avenida Nevski. Havia entre trezentas e quatrocentas pessoas — homens de sobrecasacas, mulheres elegantes, oficiais —, gente de todo tipo e de diferentes condições. Entre elas pudemos reconhecer vários delegados do Congresso, dirigentes dos mencheviques e dos socialistas revolucionários: Aksentiev, magro, de barba ruiva, presidente do Soviete de Camponeses; Sarokin, porta-voz de Kerenski; Kintchuk; Abramovitch; na primeira fila, o velho Schreider, de barba branca, prefeito de Petrogrado; e Prokopovitch, ministro de Suprimentos do Governo Provisório, que havia sido preso e depois libertado naquela mesma manhã. Vi trambém Malkin, repórter do *Daily Russian News*. “Vamos morrer no Palácio de Inverno!”, gritou em tom de brincadeira. O cortejo não se movia, mas era possível ouvir o som de uma discussão bastante animada que se desenrolava na parte da frente. Schreider e Prokopovitch gritavam para o marinheiro avantajado que parecia estar no comando.

“Exigimos que nos deixe passar!”, bramiam eles. “Veja bem, esses camaradas todos estão vindo do Congresso dos Sovietes! Veja as credenciais deles. Estamos indo para o Palácio de Inverno!”

O marinheiro estava nitidamente confuso. Esfregava o rosto com sua mão enorme e erguia as sobrancelhas. “Tenho ordens do comitê de

não permitir que ninguém se dirija ao Palácio de Inverno”, murmurou. “Mas vou mandar um camarada telefonar para o Smolny...”

“Insistimos em passar! Estamos desarmados. Vamos avançar, com ou sem sua autorização!”, gritou o velho Schreider, bastante agitado.

“Estou obedecendo a ordens”, repetiu o marinheiro, sisudamente.

“Pois atire contra nós, se quiser! Nós passaremos! Avante!”, ouvia-se de todos os lados. “Estamos dispostos a morrer, se você tiver a coragem de atirar contra russos e camaradas seus! Expomos nosso peito a suas balas!”

“Não”, disse o marinheiro, inflexível. “Não posso deixá-los passar.”

“O que fará se avançarmos? Vai atirar?”

“Não, não vou atirar em pessoas que estão sem armas. Não vamos atirar em russos desarmados...”

“Nós vamos avançar! O que vocês podem fazer?”

“Faremos alguma coisa!”, respondeu o marinheiro, evidentemente perdido. “Não podemos deixá-los passar. Vamos fazer alguma coisa.”

“O que vocês farão? O que vocês farão?”

Aproximou-se outro marinheiro, bastante irritado. “Vamos bater em vocês!”, gritou energicamente. “E, se for preciso, atiraremos também. Voltem para suas casas e deixem-nos em paz!”

Essa reação foi recebida com um clamor de raiva e indignação. Prokopovitch montou numa espécie de caixote e, brandindo o guarda-chuva, fez um discurso:

“Camaradas e cidadãos!”, disse ele. “Usam a força contra nós! Não podemos deixar que nosso sangue escorra nas mãos desses ignorantes! Não é digno de nós sermos mortos aqui, na rua, por estes agulheiros...” (Nunca entendi o que ele quis dizer com “agulheiros”.)

“Voltemos à Duma para discutir a melhor maneira de salvar o país e a Revolução!”

Então, em um silêncio cheio de dignidade, o cortejo deu meia-volta e retornou pela Nevski, ainda em fileiras de quatro. Aproveitando que as atenções estavam voltadas para aquilo, passamos pelos guardas e avançamos para o Palácio de Inverno.

A escuridão era absoluta. Nada se movia a não ser algumas patrulhas de soldados e Guardas Vermelhos fortemente concentrados. Em frente à catedral de Kazan, no meio da rua, via-se um canhão de campanha de três polegadas, inclinado por causa do coice do último tiro que havia sido dado por cima dos telhados. Soldados se espalhavam por todas as entradas conversando em voz baixa, olhando atentos na direção da Ponte da Polícia. Ouvi uma voz dizer: “Pode ser que tenhamos nos enganado...”. Todos os passantes eram contidos pelas patrulhas — e essas patrulhas tinham uma composição interessante, pois contavam sempre com um Guarda Vermelho no comando de soldados do exército regular... Os tiros haviam cessado.

Quando chegamos à Morskaya, ouvimos um grito: “Os *yunkers* mandaram uma mensagem dizendo que querem que os tiremos de lá!”. Vozes começaram a emitir ordens, e, em meio à densa escuridão, pudemos ver uma massa sombria a se mover adiante, calada, ao som apenas das passadas e do tilintar das armas. Enfiamo-nos nas primeiras fileiras.

Como um rio negro, preenchendo toda a rua, sem nenhuma canção ou saudação especial, avançamos sob o Arco Vermelho, onde um homem que estava bem à minha frente disse em voz baixa: “Cuidado, camaradas! Não confiem neles. Certamente atirarão!”. Na praça, nos pusemos a correr em pequenos grupos, os corpos arqueados, reunindo-nos de novo atrás do pedestal da Coluna de Alexandre.

“Quantos de vocês eles mataram?”, perguntei.

“Não sei. Cerca de dez...”

Depois de permanecer amontoada ali por alguns minutos, a tropa — formada por algumas centenas de homens — parecia ter retomado a confiança e tornou a avançar sem que nenhuma ordem tivesse sido dada para isso. Nesse instante, com a ajuda da luminosidade que provinha das janelas do Palácio de Inverno, pude ver que os primeiros duzentos ou trezentos homens eram Guardas Vermelhos, com apenas alguns poucos soldados isolados entre eles. Depois de passarmos por cima de uma barricada feita de lenha, emitimos gritos de vitória ao depararmos com uma enorme pilha de fuzis abandonados pelos *yunkers* que haviam estado ali. Em ambos os lados da entrada principal as portas estavam escancaradas, com luz saindo delas, e nenhum som provinha do imenso edifício.

Levados pela impaciente onda humana, avançamos através da entrada da direita, que desembocava em um grande cômodo vazio e abobadado, a cave da ala leste, de onde partia um labirinto de corredores e escadarias. Uma grande quantidade de caixas de estocagem havia ali, e os soldados as abriam violentamente com a ponta de seus fuzis, retirando tapetes, cortinas, roupas de cama, objetos de porcelana, baixelas, cristais... Um homem começou a circular exibindo um relógio de bronze sobre os ombros; outro encontrou um penacho com plumas de avestruz que enfiou no seu chapéu. O saque estava apenas começando, quando alguém gritou “Camaradas! Não peguem nada. Tudo isso é propriedade do povo!”. Imediatamente, mais de vinte vozes se fizeram ouvir, dizendo “Parem! Devolvam tudo! Não peguem nada! É tudo propriedade do povo!”. Muitos passaram a tirar as coisas dos saqueadores. Tecidos e tapeçarias foram arrancados dos braços daqueles que os haviam

levado; dois homens pegaram de volta o relógio de bronze. Com grande rapidez, de forma rude, os objetos eram colocados de volta nas caixas, e sentinelas voluntários começaram a vigiá-las. Tudo isso com absoluta espontaneidade. Ao longo dos corredores e das escadarias, ouviam-se os gritos de “Disciplina revolucionária! Propriedade do povo...”, que aos poucos diminuía.

Retornamos para a entrada da esquerda, na ala oeste. Ali a ordem também fora restabelecida. “Esvaziem o palácio!”, gritou um Guarda Vermelho, deixando entrever sua cabeça por uma porta interna. “Vamos, camaradas, vamos mostrar que não somos ladrões nem bandidos. Todos para fora do palácio, à exceção dos comissários, até que tenhamos distribuído os sentinelas.”

Dois Guardas Vermelhos, sendo um soldado e um oficial, mantinham-se com revólveres em punho. Um outro soldado sentou-se a uma mesa, atrás deles, com uma caneta e papel. Gritos de “Todos para fora! Todos para fora” foram ouvidos bem perto e também ao longe, e a tropa começou então a se dirigir de volta para a porta, aos solavancos, queixando-se, discutindo. Um por um, todos eram revistados em seus bolsos e tinham de tirar os capotes para que o comitê de segurança que se formara espontaneamente visse se estavam levando alguma coisa. Aquilo que não fosse claramente de sua propriedade era confiscado, e o homem que estava sentado anotava objeto por objeto, os quais eram levados para uma pequena sala. Itens os mais incríveis foram dessa forma resgatados: estatuetas, frascos de tinta, colchas com o brasão imperial bordado, velas, um pequeno quadro a óleo, mata-borrões, espadas com empunhadura de ouro, barras de sabão, roupas de todos os tipos, cobertores. Um Guarda Vermelho levava três fuzis, dois deles até então pertencentes a *yunkers*; outro carregava sob os braços quatro pastas contendo documentos

manuscritos. Alguns dos derrotados se deixavam levar com expressão taciturna, enquanto outros suplicavam como crianças. Falando todos ao mesmo tempo, os membros do comitê explicavam que roubar não era algo digno dos heróis do povo; em vários casos, aqueles que eram pegos em flagrante mudavam de postura e começavam a ajudar a revistar os demais camaradas.²⁸

Os *yunkers* apareciam em grupos de três ou quatro. O comitê os abordava com cautela redobrada, acompanhando a revista com observações como “Ah, provocadores! Kornilovistas! Contrarrevolucionários! Assassinos do povo!”. Mas não havia violência física, o que não impedia os *yunkers* de se sentirem aterrorizados. Eles também traziam pequenas bugigangas nos bolsos. Tudo era cuidadosamente registrado pelo escrivão e empilhado na pequena sala... Os *yunkers* foram, assim, desarmados. “E agora? Você tornará a pegar em armas contra o povo?”, perguntavam várias vozes agressivas.

“Não”, respondiam os *yunkers*, um de cada vez. E assim iam sendo liberados.

Pedimos permissão para entrar. O comitê hesitou, mas o Guarda Vermelho enorme que estava por ali respondeu com firmeza que era proibido. “Aliás, quem vocês são?”, perguntou ele. “Como posso saber se não estão todos do lado de Kerenski?” (Éramos cinco, sendo duas mulheres.)

“*Pazhal'st', tovarishchi!* Abram caminho, camaradas!” Um soldado e um Guarda Vermelho apareceram na porta, abrindo espaço entre a multidão, seguidos de outros guardas com baionetas fixas. Depois deles vinha em fila indiana meia dúzia de homens em trajes civis — eram membros do Governo Provisório. Primeiro apareceu Kishkin, pálido, com expressão cansada; depois veio Rutenberg, olhando para

o chão de modo carrancudo; Tereshchenko o seguia, olhando com firmeza ao redor; chegou a fixar os olhos em nós com frieza... Passaram todos em silêncio; os insurrectos, vitoriosos, amontoaram-se para vê-los, mas se ouviam apenas grunhidos de raiva, em baixo volume. Só depois ficamos sabendo que o povo, nas ruas, quisera linchá-los e que tiros tinham sido disparados — mas os marinheiros os conduziram, sãos e salvos, à Fortaleza de Pedro e Paulo.

Enquanto isso, penetramos no palácio, sem maiores dificuldades. Havia ainda bastante movimentação — gente explorando aposentos do amplo edifício que ainda não tinham sido vistos, pessoas procurando grupos de *yunkers* escondidos, que não existiam. Subimos para os andares superiores e olhamos sala por sala. Aquela ala do palácio tinha sido invadida também por outros destacamentos vindos pelo lado do Neva. Os quadros, as estátuas, as tapeçarias e os tapetes das grandes salas estavam intocados; nos escritórios, porém, todas as mesas e arquivos tinham sido remexidos, com a papelada espalhada pelo chão; nos quartos as camas estavam sem os lençóis, e os guarda-roupas tinham todos as portas escancaradas. A disputa maior era por roupas, de que a população trabalhadora tinha necessidade. Em um cômodo que servia de guarda-móveis, vimos dois soldados arrancando a forração de couro espanhol das cadeiras. Disseram que queriam usá-las para fazer botas...

Com seus uniformes azuis, vermelhos e dourados, os velhos funcionários do palácio mostravam-se nervosos, repetindo, pela força do hábito, “Vocês não podem entrar aí, *barin!* É proibido...”. Por fim adentramos o salão de ouro e malaquita com cortinas de brocado carmesim onde os ministros tinham se reunido dias e noites até que os *shveitzari* os entregassem aos Guardas Vermelhos. A longa mesa coberta com um tecido verde estava tal como eles tinham deixado

quando foram presos. Diante de cada cadeira, havia uma caneta, tinteiro e papel; as folhas traziam rascunhos iniciais de planos de ação, esboços de proclamações e manifestos. A maior parte estava rasurada, evidenciando sua inutilidade, e os outros pedaços das folhas continham desenhos geométricos traçados ao léu enquanto seus autores ouviam com desalento os planos quiméricos expostos pelos ministros. Peguei uma dessas folhas, e nela, com a letra de Konovalov, podia-se ler: “O Governo Provisório chama todas as classes a apoiarem o Governo Provisório...”.

Durante todo esse tempo, é bom lembrar, enquanto o Palácio de Inverno estava cercado, o governo mantinha comunicação permanente com o front e com a Rússia interiorana. Os bolcheviques tinham ocupado o Ministério da Guerra logo de manhã cedo, mas não sabiam do equipamento telegráfico militar existente no sótão nem da linha telefônica privada que se conectava diretamente com o Palácio de Inverno. Naquele sótão, um jovem oficial permaneceu o dia inteiro emitindo para todo o país, sem parar, apelos e proclamações; ao saber que o palácio tinha caído, vestiu seu chapéu e deixou o edifício calmamente...

Estávamos tão envolvidos pela situação, que por um bom tempo não notamos a mudança que se operava na atitude dos soldados e dos Guardas Vermelhos à nossa volta. Enquanto avançávamos de cômodo em cômodo, um pequeno grupo nos seguia. Ao chegarmos à grande galeria de pinturas onde tínhamos passado a tarde com os *yunkers*, havia mais ou menos cem homens cercando nosso caminho. Um soldado enorme se postou diante de nós, com uma expressão sisuda de forte desconfiança:

“Quem são vocês?”, grunhiu ele. “O que fazem aqui?” Os demais foram se aglomerando, nos observando, e começavam a murmurar.

“*Provocatori!*”, ouvi alguém dizer; “Saqueadores!”. Mostrei nossas credenciais do Comitê Militar Revolucionário. O soldado pegou-as cautelosamente, virou-as de todos os lados, com o olhar perdido. Evidentemente, não sabia ler. Devolveu-me os documentos e cuspiu no chão. “*Bumagi!* Papelada!”, disse com desdém. A massa começou a se aproximar cada vez mais, como um tropel selvagem a cercar um vaqueiro a pé. Notei, por cima de suas cabeças, a presença de um oficial que parecia mais isolado e gritei para ele. Ele abriu caminho entre os demais e chegou até onde estávamos.

“Sou o comissário”, disse-me ele. “Quem são vocês? O que está havendo?” Os demais se afastaram um pouco, aguardando. Mostrei-lhe os documentos.

“São estrangeiros?”, perguntou rapidamente, em francês. “É muito perigoso...” Virou-se então para a massa de soldados, exibindo nossos documentos. “Camaradas!”, gritou. “São camaradas estrangeiros, dos Estados Unidos. Estão aqui para poder contar a seus compatriotas sobre a bravura e a disciplina revolucionária do exército do proletariado!”

“Como você sabe disso?”, replicou o soldado grande. “São provocadores! Dizem que estão aqui para observar a disciplina revolucionária do exército do proletariado, mas estiveram zanzando livremente pelo palácio, e como podemos saber se não estão com os bolsos carregados de coisas?”

“*Pravilno!*”, rosnavam os outros, pressionando para a frente.

“Camaradas! Camaradas!”, gritou o oficial, com a testa toda molhada de suor. “Sou comissário do Comitê Militar Revolucionário. Vocês não confiam em mim? Pois bem, eu lhes digo que essas credenciais trazem as mesmas assinaturas que a minha própria credencial!”

Conduziu-nos, então, pelo palácio, levando-nos para fora por uma porta que dava para o cais do Neva, diante da qual estava o comitê, já por nós conhecido, que revistava os bolsos de todas as pessoas... “Vocês escaparam por pouco”, disse ele baixinho, enxugando o rosto.

“O que aconteceu com o batalhão feminino?”, perguntamos.

“Oh, as mulheres!”, disse ele, dando uma risada. “Estavam todas reunidas num mesmo cômodo, nos fundos. Levamos bastante tempo para decidir o que fazer com elas — muitas estavam histéricas etc. Por fim, nós as despachamos para a Estação Finlândia e as pusemos em um trem para Levashovo, onde elas têm um acampamento...”²⁹

Sáimos para a noite fria e agitada, com o burburinho de tropas sombrias em movimento, eletrizada pelas patrulhas em ação. Do outro lado do rio, onde assomava a massa escura e imprecisa da Fortaleza de Pedro e Paulo, vinha um grito gutural... Sob nossos pés, na calçada, espalhavam-se cacos de estuque, da cornija do palácio, que fora atingida por dois obuses atirados do cruzador *Aurora*, único estrago produzido pelos bombardeios.

Passava das três da madrugada. Na Nevski, todas as luzes dos postes estavam novamente acesas. O canhão se fora, e o único sinal de batalha eram os Guardas Vermelhos e os soldados agachados em torno das fogueiras. A cidade estava silenciosa — talvez mais silenciosa do que nunca em toda sua história. Naquela noite não houve nenhum crime, nem um mero assalto.

Mas o prédio da Duma Municipal estava todo iluminado. Entramos e subimos até o salão-galeria Alexandre, de paredes tomadas por grandes retratos imperiais de molduras douradas cobertos com panos vermelhos. Cerca de cem pessoas se reuniam em torno da tribuna, onde Skobeliev discursava. Ele insistia na necessidade de ampliação do Comitê de Salvação Pública, de modo a

reunir todas as forças antibolcheviques em uma única grande organização, que se chamaria Comitê de Salvação do País e da Revolução. Então, diante de nossos olhos, formou-se o Comitê de Salvação — um comitê que se tornaria o mais poderoso inimigo dos bolcheviques e que, na semana seguinte, se manifestaria ora usando seu nome de cunho partidário, ora com o nome apartidário de Comitê de Salvação Pública...

Estavam ali Dan, Gotz e Avksentiev, além de alguns delegados dissidentes do soviete, membros do Comitê Executivo dos Sovietes de Camponeses, o velho Prokopovitch e até mesmo integrantes do Conselho da República, entre eles Vinaver e outros do *Cadete*. Lieber defendia que a convenção dos sovietes era ilegal e que o velho *Tsik* ainda atuava... Preparava-se um apelo à nação.

Chamamos um tílburí. “Para onde?” Quando dissemos “Smolny”, o *izvozchik* balançou a cabeça negativamente. “*Niet!*”, disse ele, “ali estão os demônios...” Só depois de andarmos por um bom tempo foi que conseguimos encontrar um condutor disposto a nos levar — e, mesmo assim, ele cobrou trinta rublos e parou duas quadras antes.

As janelas do Smolny ainda brilhavam na escuridão, veículos entravam e saíam, e as sentinelas, agrupadas em torno de fogueiras remanescentes, abordavam todas as pessoas, em busca de novidades. Os corredores estavam tomados por homens apressados, cheios de olheiras, imundos. Em algumas salas de comitês, pessoas dormiam no chão, com as armas ao lado do corpo. Apesar da retirada dos delegados dissidentes, a sala de reuniões estava repleta, com uma multidão que murmurava como o mar. No momento em que entramos ali, Kamenev estava lendo a relação de ministros presos. O nome de Tereshchenko foi recebido com fortes aplausos, gritos de satisfação, risadas; o de Rutenberg, um pouco menos; à menção do nome de

Palchinski sobreveio uma tempestade de vaias, gritos irados e aclamações... Anunciou-se também que Tchudnovski fora designado como comissário do Palácio de Inverno.

Nesse momento, ocorreu uma dramática interrupção. Um camponês enorme, com o rosto barbudo em plena convulsão de tanta raiva, subiu na tribuna e bateu com o punho sobre a mesa dos trabalhos.

“Nós, socialistas revolucionários, exigimos a imediata libertação dos ministros socialistas presos no Palácio de Inverno! Camaradas! Vocês sabiam que quatro camaradas que arriscaram a vida e a própria liberdade na luta contra a tirania do tsarismo foram levados para a prisão de Pedro e Paulo — o túmulo histórico da liberdade?” Em meio ao tumulto geral, ele batia na mesa e gritava. Um outro delegado subiu à tribuna com ele e dirigiu-se, com o dedo em riste, à mesa.

“Ficarão os representantes das massas revolucionárias aí sentados enquanto a *Okhrana**** dos bolcheviques tortura seus líderes?”

Trótski gesticulava pedindo silêncio. “Esses ‘camaradas’ que foram agora flagrados fazendo complô para liquidar os soviets junto com o aventureiro Kerenski — há algum motivo para que os tratemos com luvas de pelica? Desde 16 e 18 de julho, eles não têm nos tratado com muita cerimônia!” Em tom triunfal, ele gritou: “Agora que os *oborontsi* e os covardes se foram, e que repousa sobre nossos ombros toda a tarefa de defender e preservar a Revolução, é particularmente necessário partirmos para o trabalho, trabalho, trabalho! Preferimos morrer a desistir!”

Falou depois dele um comissário de Tsarkoye Selo, ofegante e todo sujo de lama. “O destacamento de Tsarkoye Selo está de prontidão nas entradas de Petrogrado, a postos para defender os soviets e o Comitê Militar Revolucionário!” Ovação enlouquecida. “A unidade de

ciclistas enviada do front chegou a Tsarkoye, e os soldados agora estão conosco; ele reconhecem o poder dos soviets, a necessidade de transferência imediata das terras para os camponeses e o controle operário das indústrias. O 5º Batalhão de Ciclistas, estacionado em Tsarkoye, está do nosso lado...”

Apareceu, então, o delegado do 3º Batalhão de Ciclistas. Em meio ao entusiasmo delirante da sala, ele relatou que seu batalhão de ciclistas fora enviado do front sudoeste *três dias antes*, para “defender Petrogrado”. Mas suspeitaram do sentido daquela ordem; e, na estação de Peredolsk, cruzaram com representantes do 5º Batalhão, de Tsarkoye. Realizou-se uma assembleia conjunta e descobriu-se que “não havia um único homem entre os ciclistas disposto a derramar o sangue de seus pais ou a apoiar um governo de burgueses e proprietários rurais!”.

Falando em nome dos Mencheviques Internacionalistas, Kapelinski propôs que se elegeisse uma comissão especial encarregada de encontrar uma saída pacífica para a guerra civil. “Não há saída pacífica!”, gritava a multidão. “A única saída é a vitória!” A maioria esmagadora votou contra, e os Mencheviques Internacionalistas deixaram o Congresso em meio a um turbilhão de injúrias jocosas. Já não havia nenhum sinal de medo... Do alto da tribuna, dirigindo-se aos que se retiravam, Kamenev gritava: “Os Mencheviques Internacionalistas defendem a ‘urgência’ de uma ‘saída pacífica’, mas sempre votaram a favor da suspensão da ordem do dia para aprovar declarações de facções que queriam deixar o Congresso. É evidente”, concluía Kamenev, “que a retirada de todos esses renegados já estava decidida bem antes!”.

A assembleia decidiu ignorar a retirada das facções e foi adiante, aprovando um manifesto dirigido aos operários, soldados e

camponeses de toda a Rússia.

AOS OPERÁRIOS, SOLDADOS E CAMPONESES

O II Congresso Pan-Russo de Sovietes de Deputados Operários e Soldados se reuniu. Ele representa a grande maioria dos soviets. Há também vários delegados camponeses. Com base nos anseios da grande maioria dos operários, soldados e camponeses, com base no levante vitorioso dos trabalhadores e soldados de Petrogrado, o Congresso assume o poder.

O Governo Provisório foi deposto. A maior parte dos integrantes do Governo Provisório está presa.

O novo poder soviético irá propor imediatamente, a todas as nações, uma paz democrática e uma trégua imediata nas frentes de guerra. Ele irá garantir a transferência sem indenização, para as mãos dos comitês rurais, das terras dos grandes proprietários, da coroa e dos mosteiros; defender os direitos dos soldados, operando uma democratização total do Exército; instituir o controle operário da produção; assegurar a convocação da Assembleia Constituinte na data prevista; adotar os meios necessários para garantir o abastecimento de pão nas cidades e gêneros de primeira necessidade nos vilarejos; e assegurar o direito de autodeterminação a todas as diferentes nacionalidades existentes na Rússia.

O Congresso decide: todo o poder local será transferido para os Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses, que deverão manter a ordem revolucionária.

O Congresso conclama os soldados nas trincheiras a se manter vigilantes e firmes. O Congresso dos Sovietes está convencido de que o Exército revolucionário saberá defender a Revolução contra todos os ataques do Imperialismo enquanto o novo governo avança na conclusão de uma paz democrática que ele mesmo proporá diretamente a todas as nações. O novo governo dará todos os passos necessários para atender às necessidades do Exército revolucionário, por meio de uma firme política de expropriações e taxaço das classes proprietárias, bem como assistirá as famílias dos soldados.

Os kornilovistas — Kerenski, Kaledin e outros — tentam jogar tropas contra Petrogrado. Vários regimentos, enganados por Kerenski, puseram-se do lado do povo insurgente.

Soldados! Resistam ativamente aos kornilovistas — Kerenski!
Fiquem alertas!

Ferrováriários! Detenham todos os trens com tropas enviadas por Kerenski contra Petrogrado!

Soldados, operários, funcionários do clero! O destino da Revolução e de uma paz democrática está em suas mãos!

Viva a Revolução!

CONGRESSO PAN-RUSSO DE SOVIETES
DE DEPUTADOS OPERÁRIOS E SOLDADOS.

DELEGADOS DOS SOVIETES CAMPONESES.

Eram exatamente 5h17, quando Krylenko, atordado pelo cansaço, subiu à tribuna com um telegrama na mão.

“Camaradas! Da Frente do Norte. O 12º Exército saúda o Congresso de Sovietes e anuncia a formação de um Comitê Militar Revolucionário que assumiu o comando da Frente do Norte!” Tumulto generalizado, homens chorando, abraçando uns aos outros. “O general Chermissov reconheceu o Comitê — o comissário do Governo Provisório Voitinski renunciou!”

Dessa forma, então, Lênin e os operários de Petrogrado haviam decidido pela insurreição, e o Soviete de Petrogrado derrubara o Governo Provisório e fizera passar o *coup d'état* no Congresso dos Sovietes. Agora havia a Rússia inteira a conquistar — e, depois, o mundo! Seguiria a Rússia o exemplo e se levantaria também? E o restante do mundo, o que faria? Atenderiam todos os povos a esse apelo, erguendo-se numa maré vermelha internacional?

Embora já fossem seis da manhã, a noite ainda se fazia fortemente presente e gelada. Apenas uma leve e espectral luminosidade se estendia pelas ruas silenciosas, fazendo arrefecer o brilho das fogueiras das sentinelas, prefigurando a terrível manhã que se erguia, cinzenta, sobre toda a Rússia...

* Partido Trabalhista Social-Democrata Russo.

** A afirmação de John Reed não é totalmente correta. Kamenev não era contra a insurreição, mas sim opunha-se a que ela fosse efetuada naquele momento. Para mais detalhes, ver *The errors of Trótskism*, publicado pelo Partido Comunista da Grã-Bretanha.

*** *Okhrannoye otdeleniye*, polícia secreta do regime tsarista russo, criada em 1881.

5. Seguindo em frente

Quinta-feira, 8 de novembro. O dia amanheceu sobre uma cidade tomada pela agitação e pela confusão as mais desenfreadas. Uma nação inteira se levantava como as grandes ondas sibilantes de uma tempestade. Aparentemente, tudo estava calmo; centenas de milhares de pessoas dormiam em horário normal, acordavam cedo e iam para o trabalho. Em Petrogrado, os bondes circulavam, as lojas e os restaurantes estavam abertos, os teatros funcionavam, um cartaz chamava para uma exposição de pinturas... Toda a complexa rotina da vida comum — monótona mesmo em tempos de guerra — prosseguia normalmente. Nada surpreende tanto quanto a vitalidade do organismo social — a maneira como ele persiste, alimentando a si mesmo, vestindo a si mesmo, divertindo a si mesmo, tudo isso diante das piores calamidades...

Corriam inúmeros rumores sobre Kerenski, de quem se dizia que teria sublevado o front e que encabeçava um grande exército que avançava para a capital. O *Volia Naroda* publicou um *prikaz* divulgado por Kerenski em Pskov:

As desordens causadas pela ação insana dos bolcheviques colocam o país à beira do precipício e exigem todos os esforços, a coragem e a dedicação de cada um de nós para que seja superada a terrível prova pela qual passa a nossa pátria...

Até que seja anunciada a composição do novo governo — se é que ele será constituído —, todos devem permanecer em seus

lugares e cumprir seu dever para com a Rússia martirizada. Cabe lembrar que a menor interferência nas atuais organizações do Exército pode acarretar tragédias irreparáveis na medida em que abram o front para o inimigo. Por isso, é indispensável preservar a qualquer custo o moral das tropas, assegurando a total disciplina e a preservação do Exército contra novos choques e mantendo a absoluta confiança recíproca entre os oficiais e seus subordinados. Ordeno a todos os chefes e comissários, em nome da segurança do país, que se mantenham em seus postos, ao mesmo tempo que continuo como comandante em chefe, até que o Governo Provisório da República manifeste sua vontade...

Em resposta, fora afixado, em todos os muros, o seguinte cartaz:

DO CONGRESSO PAN-RUSSO DE SOVIETES

Os ex-ministros Konovalov, Kishkin, Tereshchenko, Maliantovitch, Nikitin e outros foram presos pelo Comitê Militar Revolucionário. Kerenski fugiu. Todas as organizações do Exército receberam ordens para adotar as medidas necessárias para prender Kerenski imediatamente e trazê-lo para Petrogrado.

Qualquer apoio prestado a Kerenski será punido como um crime grave contra o Estado.

Desenfreado, o Comitê Militar Revolucionário mobilizava-se à toda, emitindo ordens, apelos e decretos como numa descarga elétrica...³⁰ Ordens determinavam que Kornilov fosse trazido a Petrogrado. Membros dos Comitês Rurais que tinham sido presos pelo Governo Provisório foram libertados. Aboliu-se a pena capital no Exército. Os funcionários do governo receberam ordens para

continuarem seu trabalho, sob ameaça de punição severa em caso de recusa. Qualquer saque, desordem ou especulação estavam proibidos e seriam punidos com a pena de morte. Comissários interinos foram designados para vários ministérios: Relações Exteriores, Uritski e Trótski; Interior e Justiça, Rykov; Trabalho, Shliapnikov; Finanças, Menzhinski; Assistência Pública, sra. Kollontai; Comércio, Estradas e Comunicações, Riazanov; Marinha, o marinheiro Korbir; Correios e Telégrafos, Spiro; Teatros, Muraviov; Imprensa Oficial, Gherbychev; para a cidade de Petrogrado, tenente Nesterov; para a Frente do Norte, Pozern.

Para o Exército, fez-se um chamamento para serem criados Comitês Militares Revolucionários. Para os ferroviários, que mantivessem a ordem, especialmente no sentido de não permitirem atraso no transporte de comida para as cidades e para o front... Em troca, prometia-se a eles uma representação no Ministério das Estradas e Comunicações.

Irmãos cossacos! [dizia um manifesto]. Tentam fazê-los avançar sobre Petrogrado. Querem forçá-los a combater os operários e soldados revolucionários da capital. Não acreditem em uma única palavra daquilo que nossos inimigos comuns, os grandes proprietários de terras e os capitalistas, lhes dizem.

Estão representadas em nosso Congresso todas as organizações conscientes de operários, soldados e camponeses da Rússia. O Congresso também pretende acolher os cossacos trabalhadores. Os generais reacionários, agentes dos latifundiários, de Nicolau, o Cruel, são nossos inimigos.

Eles dizem a vocês que os soviets querem confiscar as terras dos cossacos. É mentira. É apenas dos grandes proprietários

cossacos que a Revolução irá confiscar as terras, a fim de distribuí-las para o povo.

Organizem Sovietes de Deputados Cossacos! Juntem-se aos Sovietes de Deputados Operários e Soldados!

Mostrem aos reacionários que vocês não são traidores do povo e que não querem ser execrados por toda a Rússia revolucionária...

Irmãos cossacos, não cumpram ordens dos inimigos do povo. Enviem delegados a Petrogrado para dialogar conosco... Os cossacos do destacamento de Petrogrado, honrosamente, não atenderam às expectativas dos inimigos do povo...

Irmãos cossacos! O Congresso Pan-Russo de Sovietes estende-lhes a mão, fraternalmente. Viva a fraternidade entre os cossacos, os soldados, operários e camponeses de toda a Rússia!

Vindo do outro lado, havia um turbilhão de declarações afixadas nos muros e panfletos distribuídos por toda parte; jornais com sua grita, execrando e profetizando o caos. Crescia agora a batalha pela via da imprensa, pois todas as outras armas estavam sob o controle dos soviets.

Para começar, o apelo do Comitê de Salvação do País e da Revolução, difundido na Rússia e na Europa:

AOS CIDADÃOS DA REPÚBLICA RUSSA

Contrariando os anseios das massas revolucionárias, no dia 7 de novembro os bolcheviques de Petrogrado prenderam, criminosamente, parte do Governo Provisório, dispersaram o Conselho da República e proclamaram um poder ilegal. Essa violência cometida contra o governo da Rússia revolucionária no

momento em que se vive o maior perigo externo constitui um crime indescritível contra a pátria.

A insurreição dos bolcheviques desferiu um golpe mortal contra a causa da defesa nacional e força a um adiamento da paz que todos almejam tão fortemente.

A guerra civil, iniciada pelos bolcheviques, ameaça mergulhar o país nos horrores da anarquia e da contrarrevolução e leva ao fracasso da Assembleia Constituinte, que deve reafirmar o regime republicano e transmitir ao povo, para sempre, seu direito sobre a terra.

Assegurando a continuidade do único poder governamental legalmente constituído, o Comitê de Salvação do País e da Revolução, formado na noite do dia 7 de novembro, toma a iniciativa de estabelecer um novo Governo Provisório, que, baseado nas forças da democracia, conduzirá o país até a Assembleia Constituinte e o salvará da anarquia e da contrarrevolução. O Comitê de Salvação conclama todos os cidadãos a negarem reconhecimento ao poder da violência. Não obedçam às suas ordens!

Ergam-se em defesa do país e da Revolução!

Apoiem o Comitê de Salvação!

Assinado pelo Conselho da República Russa, Duma Municipal de Petrogrado, *Tsik* (I Congresso), Comitê Executivo dos Sovietes de Camponeses; e, de dentro do próprio Congresso, pelo grupo do front, pelas facções dos Socialistas Revolucionários, Mencheviques, Socialistas Populistas, Social-Democratas Unificados e o grupo *Yedinstvo*.

Cartazes do Partido Socialista Revolucionário, dos mencheviques *oborontsi*, do Soviete de Camponeses, do Comitê Central do Exército, do *Tsentroflot*...

... Petrogrado será arrasada pela fome! [exclamavam]. As tropas alemãs pisotearão a nossa liberdade. Os *pogroms* dos Centúrias Negras se espalharão por toda a Rússia, se nós — os operários, soldados e cidadãos conscientes — não nos unirmos...

Não acreditem nas promessas dos bolcheviques! A promessa de uma paz imediata é uma mentira. A promessa de pão para todos, um embuste! A promessa de terra, um conto de fadas...
Todos iam nessa mesma direção.

Camaradas! Vocês foram desprezados e cruelmente enganados! A tomada do poder foi feita pelos bolcheviques sozinhos... Eles esconderam seus planos dos outros partidos socialistas que compõem o soviete...

Prometeram-lhes terra e liberdade, mas a contrarrevolução se aproveitará da anarquia gerada pelos bolcheviques e irá tirar-lhes a terra e a liberdade...

Os jornais eram igualmente agressivos.

É nosso dever [dizia o *Dielo Naroda*] desmascarar esses traidores da classe trabalhadora. É nosso dever mobilizar todas as nossas forças e montar guarda para defender a causa da Revolução!...

O *Izvestia*, falando pela última vez em nome do *Tsik*, ameaçou com uma terrível represália:

No que se refere ao Congresso de Sovietes, afirmamos que não houve Congresso de Sovietes algum! Afirmamos que aquilo foi apenas uma reunião fechada da facção bolchevique! E, nesse sentido, eles não têm nenhum direito de abolir os poderes do *Tsik...*

Ao mesmo tempo que apregoava a necessidade de um novo governo que unisse os partidos socialistas, o *Novaya Zhizn* criticava severamente o gesto dos socialistas revolucionários e dos mencheviques de deixarem o Congresso e destacava que a insurreição bolchevique tinha um significado muito claro: que todas as ilusões em relação a uma aliança com a burguesia tinham se provado vãs...

O *Rabochi Put* saiu com o nome de *Pravda*, o jornal de Lênin que havia sido fechado em julho. Ele proclamava, em tom desafiador:

Operários, soldados, camponeses! Em março, vocês puseram abaixo a tirania de uma clique de nobres. Ontem, puseram abaixo a tirania do bando de burgueses...

A primeira tarefa é vigiar as entradas de Petrogrado.

A segunda é desarmar de uma vez por todas os elementos contrarrevolucionários de Petrogrado.

A terceira é, sem dúvida, organizar o poder revolucionário e garantir a realização do programa popular...

Os poucos órgãos do *Cadete* que ainda saíram, assim como a burguesia, assumiram, de forma geral, uma atitude distanciada e irônica em relação à questão, uma espécie de “Eu não disse?” em tom de desprezo dirigido aos demais partidos. Membros influentes do *Cadete* podiam ser vistos circundando a Duma Municipal ou em torno do Comitê de Salvação. A burguesia, de sua parte, recolheu-se,

esperando sua hora, que não poderia estar muito distante. Ninguém jamais imaginara que os bolcheviques conseguissem ficar mais do que três dias no poder — a não ser, talvez, Lênin, Trótski, os operários de Petrogrado e os soldados mais ingênuos...

Naquela tarde, na sala Nikolai, que é um anfiteatro alto, acompanhei a reunião permanente da Duma, tempestuosa, congregando em torno de si todas as forças da oposição. O velho prefeito, Schreider, majestoso com os cabelos e a barba brancos, relatava sua visita ao Smolny na noite anterior para protestar em nome do governo municipal autônomo. “Como único governo legalmente instituído na cidade, eleito pelo sufrágio universal, direto e secreto, a Duma não reconheceria o novo poder”, dissera ele a Trótski. E este respondera: “Há um remédio constitucional para isso. A Duma pode ser dissolvida e eleita novamente...”. Diante desse relato, ergueram-se protestos furiosos.

“Se alguém quer reconhecer um governo surgido da força das baionetas”, prosseguia o velho dirigindo-se à Duma, “bem, nós temos um aí; mas eu só considero legítimo um governo que seja reconhecido pelo povo, por maioria, e não um governo criado por meio da usurpação dessa maioria por uma minoria!” Fortes aplausos em todas as fileiras, menos nas ocupadas pelos bolcheviques. Em meio a um tumulto renovado, o prefeito anunciou que os bolcheviques estavam violando a autonomia municipal ao indicar comissários para vários departamentos.

Um orador bolchevique pôs-se a gritar, na tentativa de ser ouvido, dizendo que a decisão do Congresso de Sovietes significava que a Rússia inteira apoiava a ação de seu partido.

“Vocês!”, gritava ele, “vocês não são os verdadeiros representantes do povo de Petrogrado!” Exclamações: “Isso é um insulto! Um

insulto!”. O velho prefeito, com dignidade, lembrou-lhe que a Duma havia sido eleita pelo voto popular da forma mais livre possível. “Sim”, respondeu ele, “mas isso foi há muito tempo — como o *Tsik* —, como o Comitê do Exército.”

“Não houve nenhum novo Congresso dos Sovietes!”, gritaram em sua direção.

“A facção bolchevique se recusa a continuar neste ninho da contrarrevolução...” — Tumulto. “... e exige uma nova eleição para a Duma...” Imediatamente, os bolcheviques se retiraram da sala, seguidos de gritos de “Agentes da Alemanha! Abaixo os traidores!”.

Shingariov, do *Cadete*, propôs, então, que todos os funcionários municipais que tinham aceitado ser comissários do Comitê Militar Revolucionário fossem demitidos e processados. Schreider falou em seguida propondo uma moção segundo a qual a Duma protestava contra a ameaça dos bolcheviques de dissolvê-la e, como representante legal da população, se recusava a abandonar sua posição.

Do lado de fora, a sala Alexander estava lotada para a reunião do Comitê de Salvação, e Skobeliev discursava mais uma vez. “Nunca antes”, dizia ele, “o destino da nação esteve tão ameaçado, nunca antes a questão da existência do Estado russo provocou tanta ansiedade, nunca antes a história colocou a questão de forma tão forte e categórica: a Rússia deve ser ou não ser? Chegou o grande momento de salvar a Revolução, e é com absoluta consciência disso que observamos a estreita união das forças vivas da democracia revolucionária, cuja vontade organizada já criou um centro pela salvação do país e da Revolução...” E várias outras palavras vieram depois no mesmo sentido. “Devemos antes morrer do que entregar os nossos postos!”

Em meio a fortes aplausos, anunciou-se que o Sindicato dos Ferroviários se juntara ao Comitê de Salvação. Poucos minutos depois, chegaram os funcionários dos correios e telégrafos; alguns Mencheviques Internacionalistas entraram então na sala e foram saudados. O representante dos ferroviários afirmou que sua categoria não reconhecia os bolcheviques e que assumira diretamente o controle de todos os equipamentos das estradas de ferro, recusando-se a atrelá-los a qualquer poder usurpador. O delegado dos Telégrafos declarou que os operadores se recusavam categoricamente a fazer funcionar seus equipamentos enquanto o comissário bolchevique se mantivesse no escritório. Os carteiros não entregariam nem receberiam nenhuma correspondência dirigida ao Smolny... Todos os telefones do Smolny estavam cortados. Com muita alegria, relatou-se como Uritski fora ao Ministério das Relações Exteriores para pedir os textos dos tratados secretos e como fora posto para fora do prédio por Neratov. Os funcionários do governo estavam todos paralisando o trabalho...

Era a guerra. Uma guerra deliberadamente preparada, à maneira russa: uma guerra feita de greves e sabotagem. Em nossa presença, o presidente dos trabalhos leu uma relação de nomes e tarefas; fulano faria o circuito dos ministérios; sicrano visitaria os bancos; outros dez ou doze iriam às casernas para tentar convencer os soldados a permanecerem neutros. “Soldados russos, não derramem o sangue de seus próprios irmãos!”; uma comissão se dirigiria a Kerenski; outros ainda foram despachados para cidades do interior para formar ramificações do Comitê de Salvação e aglutinar os elementos antibolcheviques.

A multidão se mostrava encorajada. “Esses bolcheviques *querem* ditar a lei para a *intelligentsia*? Nós vamos lhes mostrar uma coisa!”... Nada podia ser mais chocante do que o contraste entre essa

assembleia e o Congresso dos Sovietes. Neste havia grandes massas de soldados esfarrapados, operários imundos, camponeses — homens pobres, curvados, com a pele marcada pela luta brutal pela sobrevivência; na outra sala, os líderes dos mencheviques e dos socialistas revolucionários — os Avksentievs, os Dans, os Liebers —, os ex-ministros socialistas — os Skobelievs, os Tchernovs —, lado a lado com o *Cadete* como o todo gorduroso Shatski, o escorregadio Vinaver; além de jornalistas, estudantes e intelectuais de todas as matizes. A multidão presente na Duma era formada por gente bem-alimentada e bem-vestida; não vi mais que três proletários ali no meio...

Chegavam novas notícias. Os fiéis Tekhintsi* de Kornilov tinham massacrado seus guardas em Bykhov, e ele havia fugido. Kaledin avançava para o norte... O Soviete de Moscou constituíra um Comitê Militar Revolucionário e estava negociando com o comando da cidade a posse do arsenal, a fim de poder armar os operários.

A esses fatos misturavam-se um amontoado espantoso de rumores, distorções e mentiras deslavadas. Um jovem e inteligente *Cadete*, ex-secretário particular de Miliukov, por exemplo, puxou-nos de lado e falou sobre a ocupação do Palácio de Inverno.

“Os bolcheviques foram dirigidos por oficiais alemães e austríacos”, disse ele.

“Tem certeza?”, perguntamos, educadamente. “Como você sabe?”

“Um amigo meu estava lá e viu.”

“Como ele sabe que eram oficiais alemães?”

“Ora, porque usavam uniformes alemães!”

Havia centenas de histórias absurdas como essa, e elas não só eram publicadas solenemente pela imprensa antibolchevique como também contavam, entre quem acreditasse nelas, com as pessoas mais

improváveis — socialistas revolucionários e mencheviques que sempre tinham sido marcados por seu sóbrio atrelamento aos fatos...

Mais sérias, porém, eram as histórias sobre a violência e o terrorismo bolchevique. Por exemplo, dizia-se e publicara-se que os Guardas Vermelhos tinham não só saqueado o Palácio de Inverno de alto a baixo, como também haviam massacrado os *yunkers* depois de os terem desarmado; que tinham matado alguns ministros à queima-roupa; e, quanto às mulheres soldados, que a maioria delas fora violentada e muitas haviam cometido suicídio devido às torturas sofridas... Todas essas histórias eram enfiadas goela abaixo da multidão presente na Duma. Pior ainda, as mães e os pais dos estudantes e das mulheres liam esses detalhes pavorosos (frequentemente acompanhados de listas de nomes); ao final da tarde, a Duma estava cercada de cidadãos enlouquecidos com a situação....

Caso típico foi o do príncipe Tumanov, cujo corpo, segundo informaram vários jornais, fora encontrado flutuando no canal Moika. Poucas horas mais tarde, isso foi negado pela família do príncipe, que acrescentou que ele estava preso, e então a imprensa identificou o corpo como sendo do general Denissov. Depois que o general também apareceu em público, e vivo, investigamos o caso e não conseguimos localizar nenhum traço de qualquer corpo que estivesse flutuando em algum lugar...

Quando deixamos o prédio da Duma, dois jovens soldados distribuíam panfletos³¹ para a enorme multidão que ocupava a Nevski em frente ao portão — uma multidão formada quase totalmente por homens de negócios, comerciantes, *chinovniki*, trabalhadores de escritório. Dizia o seguinte:

DA DUMA MUNICIPAL

Em sua reunião do dia 26 de outubro, a Duma Municipal, tendo em vista os recentes acontecimentos, decretou a inviolabilidade das moradias particulares. Ela chama os habitantes da cidade de Petrogrado, por intermédio dos Comitês de Residência, a se oporem de modo decisivo a qualquer tentativa de invasão de apartamentos privados, recorrendo se preciso ao uso de armas, em favor da autodefesa dos cidadãos.

Na esquina da Liteiny, cinco ou seis Guardas Vermelhos e uma dupla de marinheiros cercavam um jornaleiro e exigiam que ele lhes entregasse os exemplares que trazia do jornal menchevique *Rabochaya Gazeta* (Gazeta dos Trabalhadores). Irado, ele gritava com eles, erguendo o punho, até que um dos marinheiros pegou os jornais de sua banca. Uma multidão hostil se agrupara em torno da cena, dirigindo ofensas aos militares. Obstinado, um operário de pequena estatura explicava às pessoas e ao jornaleiro, repetidamente: “Estão publicando um pronunciamento de Kerenski. Ele diz que estamos matando gente do nosso próprio povo. Isso vai provocar um derramamento de sangue...”.

Uma tensão inaudita, como se isso ainda fosse possível, tomava conta do Smolny. Os mesmos homens de sempre andando velozes pelos corredores escuros, grupos de operários com fuzis, dirigentes com suas pastas gordas cercados de amigos e ajudantes, andando apressados, argumentando, explicando, distribuindo ordens. Homens completamente fora de si, milagres vivos depois de tanta insônia e trabalho — homens com a barba por fazer, sujos, os olhos pegando fogo, que avançavam em alta velocidade, levados pela exaltação, em busca de seus objetivos. Quanta coisa tinham a fazer! tocar o governo, organizar a cidade, manter a guarnição de seu lado, enfrentar

a Duma e o Comitê de Salvação, conter os alemães, preparar o enfrentamento com Kerenski, informar às províncias o que havia acontecido, fazer propaganda de Archangel até Vladivostok... Funcionários do governo e do município se recusando a obedecer a seus comissários, empregados dos correios e dos telégrafos negando-se a executar as comunicações, ferroviários ignorando inflexivelmente os pedidos de trens, Kerenski se aproximando, a guarnição não totalmente ganha, os cossacos se preparando para um ataque... Contra eles havia não apenas a burguesia organizada, mas todos os outros partidos socialistas, à exceção dos Socialistas Revolucionários de Esquerda, alguns Mencheviques Internacionalistas e os Social-Democratas Internacionalistas, e mesmo esses hesitavam em permanecer ao lado deles. Com eles, é bem verdade, estavam as massas de operários e soldados — os camponeses numa proporção indefinida —, mas, no fim das contas, os bolcheviques eram uma facção política que não contava com grande quantidade de pessoas preparadas e cultivadas.

Rizanov subia a escadaria frontal dizendo, com uma espécie de pânico bem-humorado, que ele, agora comissário do Comércio, nada entendia de negócios. Na cafeteria, no andar de cima, um homem estava sentado a um canto, sozinho, com um gorro de pele de cabra e a roupa como se tivesse dormido com ela — mas, é claro, ele nem sequer dormira — e uma barba de três dias. Mordia o lápis ansiosamente, enquanto parecia estudar algo que havia sobre um envelope todo sujo. Era Menzhinski, comissário das Finanças, cujas qualificações se limitavam ao fato de ter sido, em algum momento de sua vida, funcionário de um banco francês... E havia também outros quatro homens que desciam correndo para o saguão vindos da sala do Comitê Militar Revolucionário, rabiscando coisas em pedaços de

papel — eram os comissários enviados para os quatro cantos da Rússia para levar as novidades, dar explicações ou mesmo combater, com quaisquer argumentos ou armas que tivessem em mãos...

O Congresso deveria se reunir à uma da tarde. A sala de reuniões Jam estava lotada fazia muito tempo, mas, às sete da noite, não havia nem sinais da chegada dos integrantes da mesa dos trabalhos... Os bolcheviques e os Socialistas Revolucionários de Esquerda estavam reunidos em suas próprias salas. Lênin e Trótski tinham passado a tarde inteira enfrentando os partidários de alguma conciliação. Uma parcela considerável dos bolcheviques era favorável a que se abrisse o caminho à formação de um governo que reunisse todos os socialistas. “Não podemos continuar assim!”, diziam. “Há muitos obstáculos contra nós. Não temos gente suficiente. Ficaremos isolados e tudo irá desmoronar.” Assim pensavam Kamenev, Riazanov e outros.

Mas Lênin, com Trótski a seu lado, manteve-se firme como uma rocha.** “Façam os conciliadores aceitarem nosso programa, e aí podemos trazê-los! Não recuaremos um único centímetro. Se existem aqui alguns camaradas que não têm a coragem e a vontade de ousar como temos de ousar, deixem que saiam com os outros covardes e conciliadores! Seguiremos em frente, com o apoio dos operários e dos soldados.”

Às sete e cinco, chegou uma mensagem dos Socialistas Revolucionários de Esquerda informando que eles permaneceriam no Comitê Militar Revolucionário.

“Vejam!”, disse Lênin. “Eles estão conosco!”

Pouco depois, quando estávamos à mesa da imprensa colocada no saguão, um anarquista que estava escrevendo para os jornais burgueses me propôs acompanhá-lo para saber o que ocorrera com os integrantes da mesa dos trabalhos do Congresso. Não havia ninguém

na sala do *Tsik*, tampouco na do Soviete de Petrogrado. Procuramos de sala em sala, em todo o amplo edifício do Smolny. Ninguém parecia ter a menor ideia de onde estava o corpo central que dirigia o Congresso. Enquanto caminhávamos, meu companheiro me contava suas velhas atividades revolucionárias, sobre seu longo e agradável exílio na França... Quanto aos bolcheviques, ele me disse reservadamente que se tratava de pessoas comuns, rudes, sem nenhuma sensibilidade estética. Ele era um típico exemplar da *intelligentsia* russa... Chegamos finalmente à sala 17, onde ficava o Comitê Militar Revolucionário, e ali permanecemos em meio ao tumultuoso movimento de gente que ia e vinha. A porta se abriu e dela apareceu um homem atarracado, com uniforme sem nenhuma insígnia, um rosto simplório e que parecia sorrir — sorriso que, como se pôde ver depois, era na verdade uma careta permanente denotando um extremo cansaço. Era Krylenko.

Meu companheiro, que era um jovem elegante, de aspecto refinado, deu um grito de prazer e saltou para a frente.

“Nikolai Vasilievitch!”, disse, estendendo a mão. “Não se lembra de mim, camarada? Estivemos juntos na prisão.”

Krylenko fez um esforço, concentrando-se e olhando-o fixamente. “Ah, sim”, respondeu afinal, olhando para o outro de alto a baixo com uma expressão bastante amistosa. “Você é S. *Zdra’stvuitye!*” Beijaram-se. “O que você está fazendo no meio disso tudo?” E fez um gesto circular.

“Oh, estou apenas observando... Parece que vocês foram muito bem-sucedidos.”

“Sim”, respondeu Krylenko, com uma espécie de obstinação, “a revolução proletária é um grande sucesso.” Riu. “Talvez, talvez, quem sabe, nos veremos na prisão novamente!”

Quando saímos de volta para o corredor, meu companheiro continuou com suas explicações. “Sabe, sou seguidor de Kropotkin. Para nós, a Revolução é um grande fracasso; ela não despertou o patriotismo nas massas. Isso só prova, é claro, que o povo não está pronto para a Revolução...”

Eram oito e quarenta quando uma tempestade de aclamações anunciou a chegada dos integrantes da mesa, com Lênin — o grande Lênin — no meio deles. Uma figura pequena, atarracada, com uma cabeça enorme enfiada entre os ombros, calva e abaulada. Olhos pequeninos, um nariz achatado, uma boca de lábios grandes e queixo pronunciado; estava inteiramente barbeado, mas já deixando entrever sinais da barba que sempre fora e continuaria a ser uma característica sua. Roupas surradas, a calça comprida demais para suas pernas. Não muito impressionante para o ídolo de toda uma multidão, amado e reverenciado como talvez poucos líderes tenham sido em toda a história. Um líder popular estranho, um líder formado puramente pelas virtudes de seu intelecto; sem nenhum colorido especial, sem humor, intransigente, distante, sem idiossincrasias pitorescas, mas com grande poder de explicar ideias profundas usando palavras simples e de analisar uma situação concreta. Ao lado da sagacidade, possuía grande audácia intelectual.

Kamenev lia o relatório das atividades do Comitê Militar Revolucionário; abolição da pena capital no Exército, restauração do direito de livre propaganda, soltura dos oficiais e soldados presos por crimes políticos, ordens de prisão para Kerenski e confisco de produtos alimentícios dos armazéns privados... Aplausos tumultuosos.

Mais uma vez falou o representante do *Bund*. A atitude intransigente dos bolcheviques levaria a Revolução à ruína; a partir daquele momento, os integrantes do *Bund* se recusavam a participar

do Congresso. Gritos da plateia, “Pensamos que já tivessem saído ontem à noite! Quantas vezes mais vocês irão se retirar?”.

Falou em seguida o representante dos Mencheviques Internacionalistas. Gritos de “O quê? Vocês ainda estão aqui?”. O orador explicou que apenas uma parcela dos Mencheviques Internacionalistas havia deixado o Congresso; o restante ficaria.

“Consideramos perigoso e talvez até mesmo mortal, para a Revolução, a transferência do poder para os soviets” — interrupções —, “mas acreditamos ser nosso dever permanecer no Congresso e votar aqui mesmo contra essa transferência!”

Seguiram-se outros oradores, aparentemente sem nenhuma ordem definida. Um delegado dos mineiros de carvão da bacia do Don propôs que o Congresso adotasse medidas contra Kaledin, que ameaçava cortar o abastecimento de carvão e de gêneros alimentícios da capital. Vários soldados recém-chegados do front transmitiram as entusiasmadas saudações de seus regimentos... Lênin, de pé, segurando-se na beirada do púlpito, fazendo seus pequeninos olhos brilhantes passearem por todos os presentes enquanto aguardava, parecendo desatento para a demorada e ruidosa ovação que o acolhia, e que durou vários minutos. Quando ela terminou, ele disse, simplesmente: “Neste momento, passamos à construção da ordem socialista!”. Mais uma vez, uma vibração ensurdecadora.

“A primeira coisa a fazer é adotarmos medidas concretas para estabelecer a paz... Proporemos a paz aos povos de todos os países beligerantes nos termos definidos pelo soviets — sem anexações, sem indenizações, com o direito de todos os povos à sua autodeterminação. Ao mesmo tempo, conforme prometemos, vamos divulgar e repudiar os tratados secretos... A questão da guerra e da paz está tão clara que acredito que posso, sem mais preâmbulos,

passar a ler o projeto de Declaração aos Povos de Todos os Países beligerantes...”

Sua boca enorme, parecendo sorrir, abria-se muito quando ele falava; a voz era rouca — não a ponto de ser desagradável, mas como se tivesse se enrijecido após longos anos de discursos — e avançava monotonamente, dando a sensação de que poderia nunca mais parar... Para destacar determinada passagem, inclinava-se um pouco para a frente. Nenhum gesto. Diante dele, milhares de rostos simples olhando para cima com uma intensa adoração.

DECLARAÇÃO AOS POVOS E AOS GOVERNOS DE TODAS AS NAÇÕES BELIGERANTES

O Governo dos Operários e Camponeses, instituído pela revolução de 6 e 7 de novembro e baseado no Soviete de Deputados Operários, Soldados e Camponeses, propõe a todos os povos em conflito e a seus governos que se iniciem imediatamente as negociações por uma paz justa e democrática.

Por justa e democrática, o governo entende a paz almejada pela maioria dos operários e das classes trabalhadoras, extenuadas e exauridas pela guerra — a paz que os operários e camponeses russos, depois de derrubar a monarquia tsarista, vêm exigindo categoricamente —, uma paz imediata, sem anexações (o que significa sem a conquista de territórios estrangeiros, sem anexações forçadas de outras nacionalidades) e sem indenizações.

O governo da Rússia propõe a todos os povos em conflito a imediata conclusão de uma paz como essa, com esses mesmos povos demonstrando seu desejo de dar passos decisivos em direção

a negociações que levem a essa paz, de imediato, sem mais demora, antes da ratificação definitiva de todas as condições dessa paz pelas assembleias de representantes dos povos de todos os países e de todas as nacionalidades.

Por anexação ou conquista de território estrangeiro o governo quer dizer — de acordo com a concepção dos direitos democráticos em geral e os direitos da classe operária em particular — toda junção de um Estado menor ou de uma nacionalidade mais fraca a um grande e poderoso Estado sem uma expressão voluntária, clara e precisa de seu consentimento ou desejo, seja qual for o momento em que tal anexação pela força tenha se efetuado, qualquer que seja o grau de civilização da nação anexada pela força ou mantida fora das fronteiras de outro Estado, não importando se essa nação se encontra na Europa ou nos países distantes, do outro lado do oceano.

Se qualquer nação é mantida pela força dentro dos limites de outro Estado; se, apesar do desejo por ela expresso (pouco importando se esse desejo foi expresso pela imprensa, por comícios populares, decisões de partidos políticos ou por distúrbios e levantes contra a opressão nacional), essa nação não tem o direito de decidir pelo voto livre — sem nenhuma pressão, após uma total retirada das tropas da nação ocupante ou que deseja anexá-la ou que seja poderosa de modo geral —, a forma como quer se organizar nacional e politicamente, então essa junção constitui uma anexação, ou seja, uma conquista e um ato de violência.

A continuação da guerra de modo a permitir que as nações fortes e ricas dividam entre elas aquelas mais fracas e já conquistadas é considerada pelo governo o maior crime possível contra a humanidade, e [o governo] expressa solenemente sua

decisão de assinar um tratado de paz que coloque um fim à guerra sob as condições acima mencionadas, igualmente justas para todas as nacionalidades, sem exceção.

O governo aboliu a diplomacia secreta, expressando perante todo o país sua firme decisão de conduzir todas negociações à luz do dia, diante do povo, e procederá imediatamente à publicação integral de todos os tratados secretos firmados ou concluídos pelo governo dos grandes donos de terras e capitalistas entre o mês de março e o dia 7 de novembro de 1917. Todas as cláusulas dos tratados secretos que, como se dá na maioria dos casos, têm como objetivo proporcionar vantagens e privilégios para os imperialistas russos são desde já, e sem discussão, denunciadas pelo governo.

Ao propor a todos os governos e a todos os povos o início de negociações públicas pela paz, o governo se declara pronto a levar adiante essas negociações por meios telegráficos, pelo correio ou por conversações diretas entre os diferentes países ou em uma conferência de seus representantes. Para facilitar essas conversações, o governo indicará seus representantes autorizados nos países neutros.

O governo propõe a todos os países e a todos os povos de todos os países beligerantes a conclusão de um imediato armistício, sugerindo, ao mesmo tempo, que esse armistício tenha uma duração de três meses, durante os quais é perfeitamente possível não só realizar as conversações necessárias entre os representantes de todas as nações e nacionalidades, sem exceção, envolvidas na guerra ou forçadas a tomar parte dela, como também convocar assembleias de representantes dos povos em todos os países para a aprovação definitiva das condições de paz.

Ao fazer essa proposta de paz aos governos e aos povos de todos os países beligerantes, o Governo Provisório de Operários e Camponeses da Rússia se dirige igualmente, e em particular, aos operários conscientes das três nações de maior devoção à humanidade e que estão entre as mais importantes envolvidas na atual guerra — Inglaterra, França e Alemanha. Os operários desses países prestaram os maiores serviços à causa do progresso e do socialismo. Os maravilhosos exemplos da luta do movimento cartista na Inglaterra, a série de revoluções de significado histórico mundial empreendidas pelo proletariado francês, e, por fim, na Alemanha, a histórica luta contra as Leis de Exceção, exemplo para os operários de todo o mundo de uma ação prolongada e consistente, e a criação de formidáveis organizações proletárias — todos esses modelos de heroísmo proletário, esses monumentos erguidos à história, são para nós uma garantia de que os operários desses países entenderão o dever que ora se impõe a eles de livrar a humanidade dos horrores e das consequências da guerra; e de que esses operários, por meio de uma ação decidida, enérgica e contínua, nos ajudarão a levar a causa da paz a um desenlace exitoso — e, ao mesmo tempo, também a causa da libertação das massas trabalhadoras exploradas de toda forma de escravidão e exploração.

Ao final de uma solene tempestade de aplausos, Lênin retomou a palavra:

Propomos ao Congresso que ratifique essa declaração. Temos de nos dirigir aos governos e aos povos, pois uma declaração que se dirigisse apenas aos povos dos países beligerantes poderia atrasar a conclusão da paz. As condições de paz, a serem detalhadas durante

o armistício, serão ratificadas pela Assembleia Constituinte. Ao fixar em três meses a duração desse armistício, nosso desejo é dar aos diferentes povos o maior prazo possível de descanso após esse extermínio sanguinário e um tempo suficiente para que elejam seus representantes. Essa proposta de paz encontrará resistência por parte dos governos imperialistas — não tenhamos nenhuma ilusão quanto a isso. Mas nossa esperança é de que a revolução logo eclodirá em todos os países beligerantes; e é por isso que nos dirigimos diretamente aos trabalhadores da França, Inglaterra e Alemanha...

A revolução de 6 e 7 de novembro — concluiu — inaugurou a era da Revolução Social... O movimento operário, em nome da paz e do socialismo, vencerá e cumprirá o seu destino...

Havia algo tranquilo e poderoso em tudo aquilo, que mexia com a alma das pessoas. Dava para entender por que elas acreditavam no que Lênin dizia.

Em uma votação rápida, de mãos levantadas, decidiu-se que apenas os representantes das facções políticas teriam direito à palavra para falar sobre a moção e que cada um deles teria no máximo quinze minutos.

Primeiro falou Kalenin, pelos Socialistas Revolucionários de Esquerda. “Nossa facção não teve oportunidade de propor emendas ao texto dessa declaração; é um documento exclusivo dos bolcheviques. Mas votaremos a favor, por concordarmos com seu espírito geral...”

Pelos Social-Democratas Internacionalistas interveio Kramarov, um homem alto, míope, de ombros caídos — que mais adiante adquiriria certa notoriedade como o Palhaço da Oposição. Somente um governo

composto por todos os partidos socialistas, disse ele, poderia ter autoridade suficiente para adotar uma política como essa. Se fosse formada uma coalizão socialista, sua facção apoiaria todo o programa; caso contrário, apenas uma parte dele. Quanto à declaração, os Internacionalistas estavam de acordo com seus pontos principais...

Vieram depois, em meio a um entusiasmo crescente, um após o outro: Social-Democracia Ucraniana, a favor; Social-Democracia Lituana, a favor; Socialistas Populistas, a favor; Social-Democracia Polonesa, a favor; Socialistas Poloneses, a favor — embora preferindo uma coalizão socialista —; Social-Democracia da Letônia, a favor... Alguma coisa se acendera dentro de todos. Um deles falou da “Revolução mundial que está a caminho e da qual somos a vanguarda”; outro comentou “A nova era de fraternidade, quando todos os povos se tornarão uma grande família...”. Falando em seu próprio nome, da plateia, um delegado afirmou: “Há uma contradição aqui”, disse ele; “primeiro vocês propõem uma paz sem anexações nem indenizações, depois dizem que analisarão todas as outras propostas. Analisar significa aceitar...”.

Lênin se levantou. “Queremos uma paz justa, mas não temos medo de uma guerra revolucionária... Provavelmente os governos imperialistas nem sequer responderão ao nosso chamado — mas não devemos lançar um ultimato, ao qual seria fácil dizer não... Se o proletariado alemão perceber que estamos dispostos a estudar todas as propostas de paz, isso poderá representar a gota d’água— e a revolução estourará na Alemanha...”

“Admitimos examinar todas as condições de paz, porém isso não significa que iremos aceitá-las... Lutaremos até o fim por algumas de

nossas condições, mas há outras pelas quais não vale a pena continuar a guerra... Queremos, acima de tudo, acabar com a guerra...”

Eram exatamente 10h35 quando Kamenev pediu que quem estivesse a favor da moção levantasse suas credenciais. Um dos delegados ousou erguer o braço contra, mas a violenta reação à sua volta o forçou a abaixá-lo rápido... Unanimidade.

De repente, levados por um mesmo impulso, estávamos todos de pé, inicialmente murmurando, para aos poucos entoarmos juntos, num crescendo, a melodia da *Internacional*. Um velho soldado de cabelos grisalhos começou a chorar como uma criança. Alexandra Kollontai mal conseguia conter as lágrimas. O canto imenso tomou conta da sala, atravessou portas e janelas e subiu pelo céu tranquilo. “A guerra acabou! A guerra acabou!”, disse um jovem operário que estava perto de mim, com os olhos brilhando. Quando terminamos, enquanto ainda permanecíamos ali numa espécie de silêncio embaraçoso, alguém gritou do fundo da sala: “Camaradas, lembremo-nos daqueles que morreram pela liberdade!”. E começamos, então, a entoar a Marcha Fúnebre,^{***} aquele canto vagaroso, melancólico e no entanto triunfante, tão tipicamente russo e tão emocionante. A *Internacional* é uma canção estrangeira, afinal. A Marcha Fúnebre parecia conter a verdadeira alma daquelas massas acabrunhadas cujos delegados, reunidos naquela sala, construía, a partir de suas visões confusas, uma nova Rússia — e talvez até mais do que isso.

Vocês tombaram na luta fatal,
Pela liberdade do povo, pela honra do povo.
Deram por ele suas vidas e tudo o que tinham,
Por sua vida, sua honra e sua liberdade.

Às vezes sofrem em calabouços úmidos
Os juízes carrascos de há muito pronunciaram
Seu veredito implacável
E vocês partiram ao exílio fazendo soar suas correntes

Vocês carregam seus ferros em silêncio,
Vocês sofrem por ter amado demais,
Porque não podiam ficar indiferentes
Quando seu irmão sucumbia sob o peso da miséria.

A fé secreta refulge no seu coração.
Vocês sabem que a verdade é mais forte que a espada,
Que o dia virá, e que o sangue por vocês derramado
Será apreciado por seu justo valor.

A tirania desmoronará, e o povo se erguerá,
Grande, poderoso, livre,
Adeus, irmãos, vocês percorreram honestamente
Seu caminho nobre e glorioso.

Numerosos combatentes os seguem,
Prontos para as ações e os sacrifícios.
Adeus, irmãos, vocês percorreram honestamente
Seu caminho nobre e glorioso.

Para chegar a isso é que eles hoje repousam ali, os mártires de março, em sua fria sepultura no Campo de Marte; para chegar a isso é que milhares e dezenas de milhares morreram nas prisões, no exílio ou nas minas da Sibéria. As coisas não aconteceram como eles esperavam,

tampouco como gostaria a *intelligentsia*; mas o dia chegará — brutal, forte, impacientemente, desdenhando todo sentimentalismo; *real...*

Lênin lia o Decreto sobre a Terra:

(1) Fica abolida neste ato, sem indenizações, a propriedade privada da terra.

(2) Todas as grandes propriedades, bem como as terras pertencentes à Coroa, aos monastérios e à igreja, com todos os seus estoques, vivos ou não, edificações e pertences são colocados à disposição dos Comitês Agrários Comuns e dos Sovietes Distritais de Deputados Camponeses até a reunião da Assembleia Constituinte.

(3) Qualquer dano cometido contra as propriedades ora confiscadas e portanto pertencentes ao povo será considerado crime grave, a ser punido pelos tribunais revolucionários. Os Sovietes Distritais de Deputados Camponeses tomarão todas as medidas necessárias para a manutenção da mais estrita ordem durante o confisco das terras, para determinar as dimensões dos lotes de terra e quais estarão sujeitos ao confisco, para a realização de um inventário de conjunto em todas as propriedades confiscadas e para proteger com o maior rigor revolucionário todos os terrenos produtivos, com suas edificações, utensílios, animais, abastecimento etc., ora transferidos para as mãos do povo.

(4) Como orientação para o processo de realização das grandes reformas agrárias, até que sua resolução final seja aprovada pela Assembleia Constituinte, será adotado o *nakaz* (instrução)³² camponês que se segue, elaborado a partir de 242 *nakazi* locais pela equipe editorial do “*Izvestia* do Soviete Pan-Russo de

Deputados Camponeses” e publicado na edição de número 88 do mencionado “*Izvestia*” (Petrogrado, n. 88, 29 de agosto de 1917).

As terras dos camponeses e dos cossacos de serviço no Exército não serão confiscadas.

“Este não é”, explicou Lênin, “o projeto do ex-ministro Tchernov, que falava em ‘construir um andaime’ e procurava realizar uma reforma a partir do alto. As questões relacionadas à repartição das terras serão resolvidas embaixo, em cada local. A quantidade de terra a ser recebida por cada camponês variará conforme a localidade...

“Sob o Governo Provisório, os *pomieshchiki* recusavam-se terminantemente a obedecer às determinações dos comitês agrários — comitês idealizados por Lvov, criados por Shiagariov e administrados por Kerenski!”

Antes que o debate se iniciasse, um homem abriu caminho à força no meio da multidão que se aglomerava no corredor entre as cadeiras e alçou-se à tribuna. Era Pianikh, membro do Comitê Executivo dos Sovietes de Camponeses, nitidamente tomado pela raiva.

“O Comitê Executivo do Soviete Pan-Russo de Deputados Camponeses protesta contra a prisão de nossos camaradas, os ministros Salazkin e Mazlov!”, exclamou rudemente, dirigindo-se à multidão. “Exigimos sua imediata libertação! Eles estão agora na Fortaleza de Pedro e Paulo. Queremos uma ação imediata! Não há um único minuto a perder!”

Depois dele falou um soldado com uma barba desordenada e olhos flamejantes. “Vocês vêm aqui e falam sobre a transferência de terras para os camponeses, mas cometem um ato digno dos tiranos e usurpadores contra os representantes eleitos pelos camponeses! Eu lhes digo” — e, nesse momento, brandia o punho — “que, se um só fio

de cabelos deles for tocado, vocês terão de enfrentar uma revolta!” Rumores confusos na multidão.

Então, acolhido com forte clamor, Trótski se levantou, sereno e venenoso, consciente de seu poder. “Ontem, o Comitê Militar Revolucionário, por uma questão de princípio, decidiu libertar os ministros socialistas revolucionários e mencheviques Mazlov, Salazkin, Gvozdoz e Maliantovitch. Se eles ainda estão na Fortaleza Pedro e Paulo é apenas porque tínhamos coisas demais para fazer... No entanto, ficarão em prisão domiciliar até que se investigue a cumplicidade deles nos atos de traição cometidos por Kerenski durante o caso Kornilov!”

“Jamais!”, gritou Pianikh. “Nunca, em revolução alguma, se viu uma coisa dessas!”

“Você está enganado”, retrucou Trótski. “Esse tipo de coisa já foi visto inclusive nesta própria revolução. Centenas de camaradas nossos foram presos durante as jornadas de julho... Quando a camarada Kollontai foi solta da prisão por ordens médicas, Avksentiev colocou na frente da porta da casa dela dois ex-agentes da polícia secreta do tsar!” Os camponeses se retiraram, resmungando, seguidos por apupos irônicos.

Pronunciou-se então, agora em relação ao Decreto sobre a Terra, o representante dos Socialistas Revolucionários de Esquerda. Embora, em princípio, estivesse de acordo, sua facção não poderia votar até que a discussão fosse encerrada. Seria preciso consultar os sovietes de camponeses...

Os Mencheviques Internacionalistas, no mesmo sentido, insistiam na necessidade de realizar antes uma reunião de seu partido.

Falou, em seguida, o líder dos maximalistas, a ala anarquista dos camponeses. “Devemos louvar um partido político que aplica uma

decisão como essa logo no primeiro dia, sem mais delongas!”

Subiu também à tribuna um camponês típico — cabelos longos, botas e capa de pele de carneiro —, dirigindo-se a todos os cantos da sala. “Saúdo-os, cidadãos e camaradas”, disse ele. “Há alguns militantes do *Cadete* circulando aí do lado de fora. Vocês prenderam os nossos camponeses socialistas... por que não prendem eles também?”

Foi o sinal para a eclosão de um debate agitado entre os camponeses. Exatamente como o debate ocorrido entre os soldados na noite anterior. Ali estavam os verdadeiros proletários da terra...

“Esses integrantes do nosso Comitê Executivo, Avksentiev e os outros, que alguém disse serem defensores dos camponeses, não passam de *Cadetes* também! Prendam-nos! Prendam-nos!”

Outro disse: “Quem são esses Pianikhs, esses Akvsentievs? Não têm nada de camponeses! Só sabem falar!”.

A multidão aclamou os dois, vendo-os como irmãos!

Os Socialistas Revolucionários de Esquerda propuseram suspender a sessão por meia hora. Quando os delegados se moviam rumo à saída, Lênin se levantou.

“Não podemos perder tempo, camaradas! Notícias como estas, tão importantes para a Rússia, terão de estar nos jornais amanhã pela manhã. Sem atraso!”

Em meio às discussões agitadas, aos comentários polêmicos e ao barulho de passos, pôde ser ouvida a voz de um emissário do Comitê Militar Revolucionário gritando: “Precisamos de quinze agitadores imediatamente na sala 17! Para irem ao front!”.

Quase duas horas e meia tinham se passado quando os delegados foram voltando, aos poucos, a seus lugares e a mesa dos trabalhos se recompôs na tribuna. A sessão foi então reiniciada com a leitura de

telegramas enviados por regimentos que anunciavam adesão ao Comitê Militar Revolucionário.

Lentamente, a reunião tornava a se agitar. Um delegado das tropas russas no front da Macedônia expôs amargamente a sua situação. “Lá nós sofremos mais com a amizade dos ‘aliados’ do que por causa do inimigo”, disse. Representantes do 10º e do 12º exércitos, que acabavam de chegar esbaforidos, anunciaram: “Apoiamos vocês com todas as nossas forças!”. Um soldado camponês protestou contra a libertação dos “traidores socialistas Mazlov e Salazkin”; quanto ao Comitê Executivo dos Sovietes de Camponeses, deveria ser preso, todo ele, de uma vez! Eram palavras realmente revolucionárias... Um deputado do Exército russo na Pérsia afirmou que tinha mandato para defender que todo o poder fosse para os soviets. Um oficial ucraniano, expressando-se em sua língua natal, afirmou: “Não existe nada de nacionalismo nesta crise... *Da zdavstvuyet* a ditadura do proletariado em todos os países!”. E assim se produzia uma avalanche de intervenções com ideias nobres e contundentes, e a Rússia jamais voltaria a se calar!

Kamenev chamou a atenção para o fato de que as forças antibolcheviques estavam tentando provocar distúrbios por toda parte, e leu um chamado do Congresso a ser dirigido a todos os soviets da Rússia:

O Congresso Pan-Russo dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados, com a participação de alguns deputados camponeses, chama todos os soviets locais a adotar medidas enérgicas e imediatas para prevenir atos contrarrevolucionários e antijudaicos, assim como todo tipo de *pogrom*. Em defesa da honra da

Revolução dos Operários, dos Soldados e dos Camponeses, nenhum *pogrom* deve ser tolerado.

A Guarda Vermelha de Petrogrado, a guarnição revolucionária e os marinheiros têm mantido a capital em absoluta ordem.

Operários, soldados e camponeses, sigam, em todos os lugares, o exemplo dos operários e soldados de Petrogrado.

Camaradas soldados e cossacos, sobre nós recai o dever de garantir a ordem revolucionária.

Toda a Rússia revolucionária e o mundo inteiro estão com os olhos voltados para nós...

Às duas horas, o Decreto sobre a Terra foi aprovado com apenas um voto contrário. Os delegados camponeses comemoraram em júbilo. E assim os bolcheviques avançavam, irresistivelmente, superando as hesitações e os obstáculos — eram os únicos, na Rússia, a ter um programa de ação definido, enquanto os demais tinham passado oito meses discursando.

Subiu à tribuna um soldado macilento, maltrapilho, eloquente, para protestar contra uma cláusula do *nakaz* que retirava dos desertores militares o direito a um lote durante a distribuição de terras no campo. Recebido de início com vaias e gritos, seu discurso simples e comovente acabou por impor silêncio à sala. “Levados contra a sua vontade para a carnificina das trincheiras da guerra”, disse ele, “a qual vocês mesmos, no decreto sobre a paz, consideram insensata e horrível, esse soldado saudou a chegada da revolução como a esperança de paz e liberdade. Paz? O governo de Kerenski obrigou-o a ir novamente para a Galícia para massacrar e ser massacrado; em resposta a seu desejo de paz, Tereshchenko simplesmente riu... Liberdade? Sob o governo de Kerenski, ele viu seus comitês serem

fechados, seus jornais serem proibidos, os oradores de seu partido sendo presos... Em casa, em sua aldeia, os grandes proprietários atacavam os comitês agrários, aprisionavam seus camaradas... Em Petrogrado, a burguesia, em aliança com os alemães, sabotava a comida e a munição para o Exército... Esse soldado ficou sem botas e sem roupa... Quem o forçou a desertar? Foi o governo de Kerenski, que vocês acabam de derrubar!” Ao final, saiu aplaudido.

Outro soldado, no entanto, protestou de modo bastante acalorado: “O governo de Kerenski não pode servir como um biombo para que se escondam, por trás dele, ações indecentes como é a deserção! Desertores são canalhas que fugiram para casa deixando seus camaradas morrerem sozinhos nas trincheiras! Todo desertor é um traidor e merece ser punido...”. Tumulto, gritos de “*Do volno! Teeshe!*”. Kamenev imediatamente propôs que se deixasse essa questão para ser dirimida pelo governo.³³

Às duas e meia, havia um silêncio tenso na sala. Kamenev lia o decreto sobre a formação do governo:

Será constituído, enquanto a Assembleia Constituinte não se reúne, um Governo Operário e Camponês provisório, que será denominado Conselho dos Comissários do Povo.³⁴

A administração dos diversos ramos de atividades do Estado ficará a cargo de comissões, cuja composição será definida de modo a garantir a execução do programa aprovado pelo Congresso, em estreita colaboração com as organizações de massa dos trabalhadores, trabalhadoras, marinheiros, soldados, camponeses e funcionários. O poder governamental estará centralizado em um colegiado constituído pelos presidentes dessas comissões, ou seja, o Conselho dos Comissários do Povo.

Caberão ao Congresso Pan-Russo dos Sovietes de Deputados Operários, Camponeses e Soldados, por meio de seu Comitê Central, o controle da atividade dos Comissários do Povo e o direito de substituí-los.

O silêncio permanecia. Ao ler a relação dos comissários, aplausos eclodiram a cada nome, especialmente nos casos de Lênin e Trótski.

Presidente do Conselho: Vladímir Uliânov (Lênin).

Interior: A. I. Rykov.

Agricultura: V. P. Milyutin.

Trabalho: A. G. Shliapnikov.

Assuntos Militares e da Marinha: um comitê composto por V. A. Avseenko (Antonov), N. V. Krylenko e F. M. Dybenko.

Comércio e Indústria: V. P. Nogin.

Educação Popular: A. V. Lunatcharski.

Finanças: I. I. Skvortsov (Stepanov).

Relações Exteriores: L. D. Bronstein (Trótski).

Justiça: G. E. Oppokov (Lomov).

Abastecimento: E. A. Teodorovitch.

Correios e Telégrafos: N. P. Avilov (Glielov).

Presidente para Questões de Nacionalidades: I. V. Djugashvili (Stalin).

Estradas de Ferro: a ser nomeado.

Havia baionetas em toda a volta da sala, e mais baionetas despontando no meio dos delegados. O Comitê Militar Revolucionário armava todo mundo, o bolchevismo se armava para a batalha decisiva com Kerenski, cujas trombetas tinham seu som trazido até ali pelo vento sudoeste... Enquanto isso, ninguém voltava para casa; ao contrário, centenas de recém-chegados tentavam se

acomodar na sala enorme, lotada de soldados e operários com expressão grave nos rostos, ali presentes durante horas e horas, incansavelmente atentos. O ar estava pesado, de tanta fumaça de cigarro e da respiração das pessoas, com cheiro de roupas sujas e suor.

Avilov, membro da redação do *Novaya Zhizn*, discursava em nome dos Social-Democratas Internacionalistas e dos Mencheviques Internacionalistas remanescentes no Congresso. Tinha um rosto jovem e inteligente, e, com sua bela sobrecasaca, parecia deslocado naquele ambiente.

“Precisamos perguntar a nós mesmos para onde estamos caminhando... A facilidade com que o Governo de Coalização foi derrubado não pode ser explicada pela força da ala esquerda da democracia, mas apenas pela incapacidade do próprio governo de proporcionar paz e pão para o povo. E a ala esquerda não conseguirá se manter no poder se não conseguir resolver essas questões...”

“Ela tem condições de propiciar pão para o povo? Há falta de trigo. A maioria dos camponeses não estará do lado de vocês, pois vocês não podem dar a eles os equipamentos de que precisam. Combustível e outros gêneros de primeira necessidade são quase impossíveis de encontrar...”

“Quanto à paz, será ainda mais difícil. Os Aliados se recusam a dialogar com Skobeliev. Jamais aceitarão a proposta de uma conferência de paz vinda de vocês. Vocês tampouco serão reconhecidos por Londres, Paris ou Berlim...”

“Vocês não podem contar com uma ajuda efetiva do proletariado dos países aliados porque na maioria dos países a luta revolucionária ainda está muito distante; lembrem-se de que a democracia aliada não conseguiu nem convocar a Conferência de Estocolmo. Quanto aos Social-Democratas alemães, falei recentemente com o camarada

Goldenberg, um dos nossos delegados em Estocolmo; ele ouviu dos representantes da extrema esquerda que a revolução na Alemanha seria impossível durante a guerra...” Começavam a surgir interrupções a seu discurso, cada vez mais intensas. Mas Avilov prosseguiu:

“O isolamento da Rússia levará fatalmente ou à derrota do Exército russo pelos alemães e à preparação do caminho para uma paz entre a coalizão austro-germânica e a coalizão franco-britânica em detrimento da Rússia, ou a uma paz em separado com a Alemanha.

“Ouvi dizer que os embaixadores aliados estão se preparando para deixar o país, e que Comitês de Salvação do País e da Revolução estão sendo criados em todas as cidades da Rússia...”

“Nenhum partido tem condições de superar sozinho tais obstáculos. Só a maioria do povo, apoiando um governo de coalizão dos socialistas, pode levar a cabo a Revolução...”

Passou a ler, então, a moção redigida pelas duas facções:

Considerando que a preservação das conquistas da Revolução exige que se constitua imediatamente um governo com base no Soviete de Deputados Operários, Soldados e Camponeses; considerando, além disso, que a tarefa desse governo é realizar o mais rapidamente possível a paz, a transferência de terras para as mãos dos Comitês Rurais, a organização do controle sobre a produção industrial e a convocação da Assembleia Constituinte na data prevista, o Congresso designa um comitê executivo para formar esse governo após acordo com os grupos da democracia que participa do Congresso.

Apesar da exaltação revolucionária da multidão triunfante, as colocações frias e tolerantes de Avilov acabaram por abalá-la. Os

gritos e as vaias foram arrefecendo, e, ao final de seu discurso, houve até mesmo alguns aplausos.

Karelin falou em seguida — também muito jovem, destemido, com uma sinceridade inquestionável —, em nome dos Socialistas Revolucionários de Esquerda, o partido de Marie Spiridonova, o partido que se alinhara quase que isoladamente aos bolcheviques e que representava os camponeses revolucionários.

“Nosso partido se negou a integrar o Conselho dos Comissários do Povo porque não queremos nos separar definitivamente da parcela do exército revolucionário que deixou o Congresso, separação que tornaria impossível, para nós, exercermos o papel de intermediários entre os bolcheviques e os demais grupos da democracia... E esse é nosso principal dever neste momento. Não podemos apoiar nenhum governo que não um governo de coalizão socialista...”

“Além disso, protestamos contra a conduta tirânica dos bolcheviques. Nossos comissários foram expulsos de seus postos. Nosso único órgão, *Znamia Truda* (Bandeira do Trabalho), foi proibido de circular ontem...”

“A Duma Central está constituindo um poderoso Comitê pela Salvação do País e da Revolução para lutar contra vocês. Vocês já estão isolados, e seu governo não tem o apoio de nenhum outro grupo do campo democrático...”

Trótski então ocupou a tribuna, confiante e impositivo, com aquela expressão sarcástica na boca, que beirava o escárnio. Falou com uma voz vibrante, e toda a multidão se voltou para ele embevecida:

“Essas considerações sobre o perigo de isolamento do nosso partido não são novidade. À véspera da insurreição, também anunciavam nossa derrota inevitável. Todos estavam contra nós; apenas uma facção dos Socialistas Revolucionários de Esquerda

colaborava conosco no Comitê Militar Revolucionário. Como foi possível, então, que tenhamos conseguido derrubar o governo praticamente sem nenhum derramamento de sangue?... Essa é a prova mais irrefutável de que *não estávamos isolados*. Na verdade, o Governo Provisório é que estava isolado; os partidos democráticos que avançaram contra nós estavam isolados, estão isolados e estarão para sempre rompidos com o proletariado!

“Eles falam da necessidade de uma coalizão. Só há uma coalizão possível: a coalizão dos operários, soldados e camponeses mais pobres; e é uma honra para nosso partido ter promovido tal coalizão... Que tipo de coalizão Avilov tem em mente? Uma coalizão com aqueles que apoiaram o Governo de Traição do Povo? Nem sempre uma coalizão significa mais força. Por exemplo, poderíamos ter realizado a insurreição com Dan e Aksentiev ao nosso lado?” Explosão de risos.

“Aksentiev não tinha muito pão para dar. Mas uma coalizão com os *oborontsi* daria muito mais? Entre os camponeses e Aksentiev, que mandava prender os comitês rurais, ficamos com os camponeses! Nossa revolução permanecerá como a revolução clássica da história...

“Acusam-nos de recusar qualquer acordo com os demais partidos democráticos. Mas somos nós os culpados? Ou deveríamos, como propõe Karelin, atribuir isso a um ‘mal-entendido’? Não, camaradas. Quando um partido, em meio à maré revolucionária, um partido ainda envolto em fumaça de pólvora vem até você e diz ‘Aqui está o poder, assumo-o!’ e você se volta para o inimigo, não, aí não existe nenhum mal-entendido... trata-se de uma declaração de guerra impiedosa. E não fomos nós que declaramos a guerra...

“Avilov lança contra nós a ameaça do fracasso de nossos esforços pela paz, se nos mantivermos ‘isolados’. Eu repito: não vejo como uma coalizão com Skobeliev, ou até mesmo com Tereshchenko, poderia nos

ajudar a conseguir a paz! Avilov tenta nos amedrontar com a ameaça de uma paz à nossa custa. Pois eu respondo que, de qualquer forma que seja, se a Europa continuar a ser dirigida pela burguesia imperialista, a Rússia revolucionária estará inevitavelmente perdida...

“Há apenas duas alternativas: ou a Revolução Russa gera um movimento revolucionário na Europa, ou as forças europeias destruirão a Revolução Russa!”

Saudaram-no entusiasmados, com uma imensa ovação, inflamados por toda aquela ousadia, imbuídos da ideia de estar lutando por toda a humanidade. A partir de então, em todos os atos das massas insurgidas se fez presente, e para sempre, essa consciência e firmeza.

Mas, do outro lado, o conflito também ganhava corpo. Kamenev passou a palavra a um delegado do Sindicato dos Ferroviários, um homem atarracado, com traços duros, numa atitude de grande hostilidade. Seu pronunciamento caiu como uma bomba:

“Em nome da mais poderosa das organizações da Rússia, eu exijo o direito de falar, e digo-lhes o seguinte: o *Vikzhel* encarregou-me de informar-lhes a decisão tomada pelo sindicato no que se refere à formação do governo. O Comitê Central recusa-se categoricamente a apoiar os bolcheviques caso eles insistam em se isolar do conjunto das forças democráticas da Rússia!” Grande tumulto por toda a sala.

“Em 1905, e durante os ataques de Kornilov, os ferroviários sempre foram os melhores defensores da Revolução. Mas vocês não nos convidaram para o seu Congresso.” Gritos na sala: “Foi o *Tsik* que não os convidou!”. O orador não deu atenção. “Não reconhecemos a legalidade deste Congresso; desde a retirada dos mencheviques e dos socialistas revolucionários não há um quórum legal... O sindicato apoia o velho *Tsik* e declara que o Congresso não tem o direito de eleger um novo comitê...”

“O governo tem de ser um governo socialista e revolucionário, responsável diante dos órgãos autorizados de toda a democracia revolucionária. Até a formação desse governo, o Sindicato dos Ferroviários, que se nega a transportar as tropas contrarrevolucionárias para Petrogrado, proíbe ao mesmo tempo a execução de qualquer ordem que seja sem a autorização do *Vikzhel*. O *Vikzhel* também assume o controle total da administração das estradas de ferro da Rússia.”

Ao final de seu discurso, já não conseguia quase ser ouvido, tamanha a onda de injúrias que se abateu sobre ele. O golpe assestado, porém, foi forte — e isso podia ser visto na expressão de preocupação presente nos rostos dos membros da mesa. Kamenev, no entanto, limitou-se a responder que não poderia haver nenhuma dúvida quanto à regularidade do Congresso, pois o quórum definido antes pelo velho *Tsik* havia sido até mesmo superado — apesar do racha dos mencheviques e dos socialistas revolucionários...

Procedeu-se então à votação da formação do governo, sendo o Conselho de Comissários do Povo referendado em suas funções por uma enorme maioria.

A eleição do novo *Tsik*, novo Parlamento da República Russa, não levou mais do que quinze minutos. Sua composição foi anunciada por Trótski: cem membros, setenta dos quais bolcheviques... Quanto aos camponeses e às facções dissidentes, reservaram-se lugares para eles. “Todos os partidos e grupos que adotarem nosso programa serão bem-vindos ao governo”, finalizou Trótski.

E assim se encerrou o II Congresso Pan-Russo de Sovietes, e seus delegados puderam retornar rapidamente a suas casas, nos quatro cantos da Rússia, e contar a todos os grandes acontecimentos...

Eram quase sete horas quando acordamos os cobradores e condutores de bondes que o Sindicato dos Motorneiros tinha mantido de prontidão no Smolny para levar os delegados do soviete de volta para suas casas. Senti que nos bondes lotados havia uma alegria menos esfuziante do que na noite anterior. Muitos pareciam ansiosos; talvez pensassem consigo mesmos: “Agora nós é que mandamos, como faremos para que se realize a nossa vontade?”.

À entrada do nosso edifício, deparamos no escuro com uma patrulha de cidadãos armados e fomos cuidadosamente revistados. A declaração da Duma surtia efeito...

A anfitriã ouviu nossa chegada e, vestindo um penhoar de seda cor-de-rosa, veio a nosso encontro:

“O Comitê Residencial pediu novamente que vocês façam parte do rodízio da guarda, como os outros”, disse ela.

“Por que essa guarda?”

“Para proteger a casa, as mulheres e as crianças.”

“Proteger de quem?”

“Ladrões e assassinos.”

“E se aparecer um comissário do Comitê Militar Revolucionário em busca de armas?”

“Oh, todos eles dizem que são... Além disso, que diferença isso pode fazer?”

Afirmei de forma solene que o consulado havia proibido qualquer cidadão norte-americano de portar armas — especialmente nos locais onde vivia a *intelligentsia* russa...

* Ver Notas e esclarecimentos do Autor.

** Lênin não estava contra um governo que reunisse todos os socialistas, desde que respondesse aos sovietes e aceitasse o programa mínimo dos bolcheviques. Ver *The*

errors of Trotskism [Os erros do trotskismo.

*** O texto original de John Reed não cita a íntegra da letra da canção da Marcha Fúnebre. Optou-se, aqui, por traduzi-la do francês conforme registrada, integralmente, na edição francesa publicada pela Éditions du Seuil em 1996, pp. 183-4. (N. T.)

6. O Comitê de Salvação

Sexta-feira, 9 de novembro...

Novocherkask, 8 de novembro

Tendo em vista a rebelião dos bolcheviques e sua tentativa de depor o Governo Provisório e assumir o poder em Petrogrado... O Governo Cossaco declara considerar tais atos criminosos e absolutamente inadmissíveis. Em consequência, os cossacos darão seu total apoio ao Governo Provisório, que é um governo de coalizão. Em função dessas circunstâncias, e até que o Governo Provisório retorne ao poder, com a restauração da ordem na Rússia, assumo, a começar em 7 de novembro, todos os poderes no que se refere à região do Don.

Assinado: Atamã Kaledin, presidente do Governo das Tropas Cossacas.

Prikaz de Kerenski, presidente do Conselho, escrito de Gatchina:

Eu, presidente do Governo Provisório, e comandante em chefe das Forças Armadas da República Russa, declaro estar à frente dos regimentos do front que se mantiveram fiéis à pátria.

Determino a todas as tropas do Distrito Militar de Petrogrado, que por ignorância ou insensatez tenham atendido ao chamado dos traidores do nosso país e da Revolução, que reassumam suas tarefas imediatamente.

Esta determinação será lida em todos os regimentos, companhias e batalhões.

Assinado: Presidente do Governo Provisório e Comandante em chefe A. F. Kerenski

Telegrama de Kerenski para o general responsável pela Frente Norte:

A cidade de Gatchina foi ocupada pelos regimentos leais, sem derramamento de sangue. Destacamentos dos marinheiros de Kronstadt e dos regimentos de Semionovski e Ismailovski entregaram suas armas sem resistência e se juntaram às tropas governamentais.

Determino que todas as unidades designadas avancem o mais rapidamente possível. O Comitê Militar Revolucionário mandou suas tropas recuarem...

Gatchina, situada a cerca de trinta quilômetros a sudoeste, caíra durante a noite. Enquanto circulavam sem direção pelas cercanias da cidade, alguns destacamentos dos dois regimentos mencionados — não os marinheiros — tinham sido realmente cercados pelos cossacos e entregaram suas armas; mas não era verdade que tivessem se aliado às tropas do governo. Naquele mesmo instante, muitos deles, desamparados e envergonhados, estavam no Smolny tentando explicar o ocorrido. Não achavam que os cossacos estivessem tão próximos... Tentaram argumentar com os cossacos...

Aparentava ser enorme a confusão no front revolucionário. Todas as guarnições das pequenas cidades ao sul de Petrogrado estavam divididas fortemente, definitivamente, em duas, ou até três facções: o alto-comando ao lado de Kerenski, na ausência de outra força maior;

a maioria das fileiras se colocava a favor dos soviets; e o restante oscilava miseravelmente.

Para comandar a defesa de Petrogrado, o Comitê Militar Revolucionário logo designou um ambicioso oficial de carreira do Exército, o capitão Muraviov — o mesmo Muraviov que organizara os Batalhões da Morte durante o verão e que certa vez fora ouvido aconselhando o governo, dizendo que ele, o governo, estava sendo “leniente demais com os bolcheviques; eles precisam ser liquidados”. Um homem com uma cabeça militar, que tinha admiração pelo poder e pela ousadia, talvez até sinceramente...

De manhã, ao sair, logo vi, afixadas no muro, duas novas determinações do Comitê Militar Revolucionário, ordenando que lojas e magazines deveriam ser abertos normalmente e que todos os apartamentos e cômodos vazios deveriam ser colocados à disposição do comitê...

Fazia 36 horas que os bolcheviques estavam isolados do interior da Rússia e do próprio mundo. Os ferroviários e os telegrafistas se recusavam a transmitir os despachos, os carteiros não transportavam a correspondência. Apenas o posto governamental de Tsarkoye Selo produzia boletins e manifestos, a cada meia hora, dirigidos aos quatro cantos do mundo; os comissários do Smolny disputavam espaço nos trens com os comissários da Duma Municipal; e dois aviões voavam alto levando propaganda para o front...

Os ecos da insurreição, porém, se espalhavam por toda a Rússia a uma velocidade que nenhuma invenção humana conseguiria reproduzir. O Soviete de Helsinque aprovou moções de apoio; os bolcheviques de Kiev se apossaram do arsenal local e ocuparam a central de telégrafos, sendo depois expulsos pelos delegados do

Congresso dos Cossacos, que estava reunido justamente naquela cidade; em Kazan, um Comitê Militar Revolucionário prendeu o comando de uma guarnição local e o comissário do Governo Provisório; da distante Krasnoyarsk, na Sibéria, chegava a notícia de que os soviets haviam assumido o controle das instituições municipais; em Moscou, onde a situação se agravava devido, por um lado, a uma grande greve dos trabalhadores das indústrias do couro e, por outro lado, à ameaça de locaute, os soviets aprovaram por ampla maioria o apoio às ações dos bolcheviques de Petrogrado... Ali já funcionava, também, um Comitê Militar Revolucionário.

O mesmo acontecia em toda parte. A grande maioria dos soldados simples e dos operários fabris apoiava os soviets; os oficiais, *yunkers* e a classe média, de modo geral, estavam do lado do governo — assim como o *Cadete*, a burguesia, e os partidos socialistas “moderados”. Em todas essas cidades, floresciam Comitês de Salvação do País e da Revolução, armando-se para uma guerra civil...

A grande Rússia se encontrava em estado de dissolução, em um processo que começara, na verdade, muitos anos antes, em 1905. A revolução de março apenas o havia acelerado, mas, criando uma espécie de esboço do que seria o novo mundo, terminara simplesmente perpetuando a estrutura vazia do velho regime. Agora, no entanto, os bolcheviques, em uma única noite, haviam dissipado toda ela, como fumaça quando o vento sopra. A velha Rússia não existia mais; a sociedade humana se fundia como sob o efeito de um calor primordial, e do fervente mar de lavas emergia a luta de classes, inflexível e impiedosa, bem como as crostas ainda frágeis, esfriando-se lentamente, de novas formações...

Em Petrogrado, dezesseis ministérios estavam em greve, liderados pelos ministérios do Trabalho e do Abastecimento — os únicos que

havam sido criados pelo Governo de Coalizão dos Socialistas em agosto.

Se alguém um dia já esteve absolutamente isolado, esse alguém era o “punhado de bolcheviques” naquela manhã fria e cinzenta, com todas as tempestades possíveis se formando sobre suas cabeças.³⁵ Acossado, o Comitê Militar Revolucionário reagia, em nome de sua própria sobrevivência. “*De l’audace, encore de l’audace, et toujours de l’audace...*” Às cinco da manhã, os Guardas Vermelhos ocuparam a gráfica do Governo Municipal, confiscando milhares de cópias do Protesto-Apelo da Duma e apreendendo o jornal oficial — *Viestnik Gorodskovo Samoupravleniya* (Boletim do Governo Municipal Autônomo). Todos os jornais burgueses tiveram sua impressão suspensa, inclusive o *Golos Soldata*, jornal do antigo *Tsik* — o qual, no entanto, apareceu depois com outro nome, *Soldatski Golos*, em uma edição de algumas centenas de exemplares, exprimindo muita raiva e lançando um claro desafio:

Esses sujeitos que aplicaram seu golpe de traição na calada da noite, que suspenderam os jornais, não conseguirão manter o país na treva da ignorância por muito tempo. O país conhecerá a verdade! Ele lhes dará o que vocês merecem, senhores bolcheviques! Veremos!...

Ao avançarmos pela Nevski, pouco depois do meio-dia, a rua, na frente do edifício da Duma, estava tomada de gente. Havia alguns Guardas Vermelhos e marinheiros espalhados, com baionetas, cada um deles cercado por uma centena de homens e mulheres — funcionários, estudantes, comerciantes, *chinovniki* — que erguiam o pulso bradando insultos e ameaças. Na escadaria, escoteiros e oficiais distribuíam exemplares de *Soldatski Golos*. Ao pé da escadaria, um

operário com uma faixa vermelha em volta do braço e um revólver na mão exigia, tremendo de raiva e nervosismo, que lhe entregassem os jornais... Nada parecido com isso, pensei, jamais aconteceu na História. De um lado, um punhado de operários e soldados simples, armados, representando uma insurreição vitoriosa — e absolutamente impotentes —; do outro lado, uma multidão frenética formada pelo tipo de gente que lota as calçadas da Quinta Avenida na hora do almoço, escarnecendo, xingando, gritando, “Traidores! Provocadores! *Oprichniki!*”.*

As portas eram guardadas por estudantes e oficiais com braçadeiras brancas e, em vermelho, os dizeres “Milícia do Comitê de Salvação Pública”. Meia dúzia de escoteiros andava para lá e para cá. No primeiro andar, o tumulto se generalizava. O capitão Gomberg descia as escadas. “Estão querendo dissolver a Duma”, disse ele. “O comissário dos bolcheviques está agora com o prefeito.” Quando chegamos ali, vimos Riazanov de andar apressado. Ele fora enviado para exigir que a Duma reconhecesse o Conselho dos Comissários do Povo, e o prefeito lhe respondera com um “não” categórico.

Os escritórios estavam ocupados por uma multidão alvoroçada que se movia apressada, gritando, gesticulando — eram funcionários do governo, intelectuais, jornalistas, correspondentes estrangeiros, representantes franceses e britânicos... O engenheiro da Prefeitura apontava para eles triunfante. “As embaixadas reconhecem a Duma como o único poder neste momento”, explicava. “Para esses bolcheviques assassinos e ladrões é só uma questão de horas. A Rússia inteira está do nosso lado...”

Na sala Alexander, o Comitê de Salvação realizava um grande ato público. Phillipovski dirigia os trabalhos e Skobeliev ocupava a tribuna mais uma vez, para reportar, sob fortes aplausos, as novas adesões ao

comitê: o Comitê Executivo dos Sovietes de Camponeses, o antigo *Tsik*, o Comitê Central do Exército, a *Tsentroflot*, delegados dos partidos Menchevique e Socialista Revolucionário e do Grupo do Front ao Congresso dos Sovietes, Comitês Centrais dos partidos Menchevique, Socialista Revolucionário e Socialista Populista, o grupo *Yedinstvo*, a União Camponesa, Cooperativas, *Zemstvos*, municipalidades, sindicatos dos Correios e Telégrafos, o *Vikzhel*, o Conselho da República Russa, a União das Uniões,** a Associação do Comércio e Indústria...

“... O poder dos soviets não é um poder democrático, mas sim uma ditadura — e não uma ditadura do proletariado, mas *contra* o proletariado. Todos aqueles que sentiram ou que ainda sentem o ímpeto revolucionário devem se unir agora em defesa da Revolução...

“O grande problema, hoje, não é apenas desarmar os demagogos irresponsáveis, mas também enfrentar a contrarrevolução... Se forem verdadeiros os rumores de que alguns generais nas províncias estão procurando se aproveitar dos acontecimentos para avançar sobre Petrogrado com outros objetivos, isso é apenas mais uma prova de que devemos estabelecer um governo democrático em bases sólidas. De outra forma, aos problemas com a esquerda se somarão problemas com a direita...

“A guarnição de Petrogrado não pode ficar indiferente quando cidadãos que compram o *Golos Soldata* e jornaleiros que vendem a *Rabochaya Gazeta* são presos nas ruas...

“Acabou o tempo das moções... Que se retirem aqueles que já não têm fé na Revolução... Para instituir um poder unificado, é preciso mais uma vez restaurar o prestígio da Revolução...

“Juremos que a Revolução será salva, ou então pereceremos todos juntos!”

A sala inteira se ergue, aplaudindo, os olhos cheios de brilho. Nenhum único proletário podia ser visto ali...

Weinstein tomou a palavra:

“Devemos manter a calma, e não agir até que a opinião pública esteja firmemente fechada em apoio ao Comitê de Salvação — aí, sim, poderemos passar da defensiva para a ação!”

O representante do *Vikzhel* anunciou que sua organização estava tomando a iniciativa de formar um novo governo e que seus delegados discutiam o assunto no Smolny naquele momento... Seguiu-se um duro debate: seriam os bolcheviques admitidos no novo governo? Martov defendeu a admissão deles; apesar de tudo, disse, os bolcheviques representam um partido político importante. As opiniões se mostravam bastante divididas em relação ao assunto, com a ala direita dos mencheviques e dos socialistas revolucionários, bem como os socialistas populistas, as cooperativas e os elementos burgueses frontalmente contra...

“Eles traíram a Revolução”, disse um orador. “Iniciaram a guerra civil e abriram o front para os alemães. Os bolcheviques têm de ser eliminados sem dó...”

Skobeliev era favorável a que ficassem de fora tanto os bolcheviques quanto os partidários do *Cadete*.

Conversamos com um jovem socialista revolucionário, que deixara a Conferência Democrática junto com os bolcheviques naquela noite em que Tseretelly e os “conciliadores” haviam imposto às forças democráticas russas uma política de coalizão.

“Você por aqui?”, perguntei.

Seus olhos faiscavam. “Sim!”, exclamou. “Deixei o Congresso junto com meu partido na quarta-feira à noite. Não arrisquei a vida durante mais de vinte anos para agora me submeter à tirania de gente

despreparada. Os métodos deles são inaceitáveis. Mas eles se esquecem dos camponeses... Quando os camponeses começarem a agir, o fim deles será uma questão de minutos.”

“Mas os camponeses irão agir? O Decreto sobre a Terra já não foi suficiente para eles? O que mais eles querem?”

“Ah, o Decreto sobre a Terra! É o nosso decreto — é o programa dos socialistas revolucionários inteirinho! Foi o meu partido que formulou essa política, depois de reunir cuidadosamente os anseios dos próprios camponeses. É um ultraje...”

“Mas, se é a política de vocês, por que estão contra? Se ele expressa os anseios dos camponeses, por que seu pessoal se opõe a ele?”

“Você não entende! Não vê que os camponeses logo perceberão que tudo não passa de um truque, que esses usurpadores roubaram o programa dos socialistas revolucionários?”

Perguntei se era verdade que Kaledin estava em marcha para o norte.

Moveu a cabeça e esfregou as mãos com uma espécie de amarga satisfação. “Sim. Agora vocês vão ver o que esses bolcheviques fizeram. Eles insuflaram a contrarrevolução contra nós. A Revolução está perdida. A Revolução está perdida.”

“Mas vocês não irão defender a Revolução?”

“É claro que sim — até a última gota de sangue. Mas jamais colaboraremos com os bolcheviques...”

“Mas, se Kaledin avançar sobre Petrogrado, e os bolcheviques defenderem a cidade, vocês não se juntarão a eles?”

“É claro que não. Também defenderemos a cidade, mas não apoiaremos os bolcheviques. Kaledin é inimigo da Revolução, mas os bolcheviques, da mesma forma, também são inimigos da Revolução.”

“Quem vocês preferem? Kaledin ou os bolcheviques?”

“Isso não está em questão!”, exclamou com impaciência. “Estou lhe dizendo que a Revolução está perdida. E a culpa é dos bolcheviques. Mas, ouça bem — por que estamos falando dessas coisas? Kerenski está chegando... Depois de amanhã passaremos à ofensiva... O Smolny já mandou alguns enviados para nos convidar a integrar um novo governo. Mas eles agora estão nas nossas mãos, estão totalmente impotentes... Não cooperaremos...”

Ouviu-se um tiro do lado de fora. Corremos para as janelas. Um Guarda Vermelho, empurrado e assustado com a multidão, disparara contra ela, ferindo uma menina no braço. Pudemos vê-la sendo carregada para dentro de um táxi, cercada por uma turba agitada, cujo clamor chegava até nossos ouvidos. Enquanto observávamos a cena, um blindado apareceu na esquina da Mikhailovski, com suas metralhadoras girando para todos os lados. A multidão saiu imediatamente em disparada, como fazem sempre as multidões em Petrogrado. Muitos deitaram no chão e ficaram imóveis nas ruas, amontoados nas sarjetas; outros se escondiam atrás dos postes telefônicos. O veículo se aproximou da escadaria da Duma e um homem colocou o corpo para fora da bolha do blindado exigindo que lhe entregassem os exemplares do *Soldatski Golos*. Os escoteiros saíram correndo para dentro do edifício. Depois de alguns instantes, o blindado, hesitante, deu meia-volta e partiu pela avenida Nevski, enquanto algumas centenas de homens e mulheres se reerguiam e começavam a tirar a poeira das roupas.

Dentro da Duma, pessoas corriam para todos os lados com exemplares do *Soldatski Golos* debaixo dos braços, procurando lugares para escondê-los...

Um jornalista entrou na sala correndo e agitando uma folha de papel.

“É uma declaração de Krasnov!”, disse. Todos se amontoaram à sua volta. “Vamos imprimir-la, vamos imprimir-la logo e distribuí-la nas casernas!”

Por determinação do comandante em chefe, fui designado para dirigir as tropas concentradas sobre Petrogrado.

Cidadãos, soldados, valorosos cossacos do Don, de Kuban e de Transbaikal, de Amur, de Yenissei, dirijo-me a todos vocês que permaneceram fiéis a seu juramento; a vocês que juraram preservar inviolável o juramento de cossacos — conclamo-os a salvarem Petrogrado da anarquia, da fome, da tirania, e a salvarem a Rússia da vergonha indelével pela qual um punhado de ignorantes, pagos pelo ouro de Guilherme, tenta fazê-la passar.

O Governo Provisório, ao qual vocês todos juraram fidelidade nas grandes jornadas de março, não foi derrubado, mas apenas, pela violência, expulso do edifício onde realizava suas reuniões. Entretanto, o governo, com a ajuda das forças do front, fiéis a seu dever, com o apoio do Conselho dos Cossacos, que unificou sob seu comando todos os cossacos e que, fortalecido com o moral que reina em suas fileiras, e agindo em conformidade com os anseios do povo russo, jurou servir o país como seus antepassados serviram nos tempos turbulentos de 1612, quando os cossacos do Don libertaram Moscou, que estava ameaçada pelos suecos, poloneses e lituanos. Seu governo ainda vive...

As forças ativas do Exército veem esses criminosos com horror e desprezo. Seus atos de vandalismo e de pilhagem, seus crimes, a mentalidade germânica com que julgam a Rússia — abalada mas não entregue — os isolaram de todo o povo.

Cidadãos, soldados, valorosos cossacos da guarnição de Petrogrado, enviem-me seus representantes, de modo que poderei saber, assim, quem são e quem não são os traidores de sua pátria, com o que poderemos poupar o derramamento de sangue inocente...

Quase ao mesmo tempo, começou a circular entre os grupos que o edifício estava cercado por Guardas Vermelhas. Um oficial com uma braçadeira vermelha entrou e pediu para falar com o prefeito. Poucos minutos mais tarde, retirou-se, e o velho Schneider saiu de sua sala, com o rosto se alternando entre o lívido e o vermelho de raiva.

“A Duma se reunirá em sessão extraordinária!”, exclamou. “Imediatamente.”

Na grande sala, todas as atividades se interromperam. “Todo os membros da Duma, para a sessão extraordinária!”

“O que está acontecendo?”

“Não sei... Vão nos prender... Estão querendo dissolver a Duma... Prendendo as pessoas na saída...” — eram os comentários que corriam na sala.

Na sala Nikolai, quase não se achava lugar para ficar. O prefeito anunciou que havia tropas estacionadas em todas as saídas, proibindo qualquer pessoa de entrar ou sair, e que um comissário ameaçara prender todos e dissolver a Duma Municipal. Seguiu-se um fluxo de discursos apaixonados de vários membros, e até mesmo nas galerias. O Governo Municipal livremente eleito não pode ser dissolvido por nenhum outro poder; as pessoas do prefeito e de todos os seus membros são invioláveis; os tiranos, os provocadores, os agentes alemães jamais serão reconhecidos; quanto a essas ameaças de nos dissolver, eles que tentem fazê-lo — só por cima dos nossos cadáveres

é que ocuparão esta sala, onde, como os senadores da velha Roma, aguardaremos com dignidade a chegada dos godos...

Resolução: informar por telégrafo a todas as Dumas e *zemstvos* da Rússia. Resolução: o prefeito e o presidente da Duma não podem manter nenhum tipo de contato com representantes do Comitê Militar Revolucionário nem do autodenominado Conselho de Comissários do Povo. Resolução: dirigir um novo apelo à população de Petrogrado para que se mantenha firme na defesa do governo eleito da cidade. Resolução: manter-se em sessão permanente...

Enquanto isso, chegou um membro da Duma com a informação de que tinha telefonado para o Smolny e que o Comitê Militar Revolucionário dissera que não havia ordem alguma para que a Duma fosse cercada, e que as tropas seriam retiradas dali...

Quando descíamos a escadaria, vimos Riazanov na porta de entrada em altos brados, muito agitado.

“Vocês vão dissolver a Duma?”, perguntei-lhe.

“Meu Deus, é claro que não!”, respondeu. “Trata-se de um engano. Eu disse ao prefeito esta manhã que deixaríamos a Duma em paz...”

Do lado de fora, na avenida Nevski, em plena escuridão, aproximava-se uma longa fila dupla de ciclistas, com fuzis a tiracolo. Pararam, e a multidão os envolveu, cobrindo-os de perguntas.

“Quem são vocês? De onde estão vindo?”, perguntou um senhor gordo com um charuto na boca.

“Décimo segundo Exército. Estamos chegando do front. Viemos para apoiar os soviets contra a maldita burguesia!”

“Ah!”, ouviram-se gritos furiosos. “São policiais bolcheviques! Cossacos bolcheviques!”

Um oficial pequeno desceu as escadas correndo. “A guarnição está virando!”, murmurou a meu ouvido. “É o começo do fim dos

bolcheviques. Quer assistir à virada da maré? Venha comigo.” Saiu correndo em direção à Mikhailovski, e nós fomos atrás dele.

“Que regimento é esse?”

“Os Bronneviki...” Realmente, era algo sério. Os Bronneviki eram as tropas de carros blindados, um elemento central na situação; quem controlasse os Bronneviki controlaria a cidade. “Comissários do Comitê de Salvação e da Duma conversaram com eles. Estão reunidos para tomar uma decisão...”

“Decisão sobre o quê? Sobre de qual lado lutarão?”

“Oh, não. Não é por aí. Eles jamais lutariam contra os bolcheviques. Irão decidir por ficarem neutros — e assim os *yunkers* e os cossacos...”

A grande entrada da escola de equitação Mikhailovski estava escancarada na escuridão. Duas sentinelas tentaram nos deter, mas passamos correndo sem dar atenção a suas advertências. Dentro, uma lâmpada em arco solitária, pendurada no teto, iluminava fracamente o enorme salão, cujas quarenta pilastras e fileiras de janelas desapareciam na penumbra. Ao redor espalhavam-se as silhuetas dos blindados. Um deles estava isolado no centro sob a lâmpada, e em torno dele se aglomeravam cerca de 2 mil soldados de uniformes escuros, quase perdidos dentro da imensidão do edifício imperial. Uma dúzia de homens, oficiais, presidentes dos comitês de soldados e oradores estavam sobre o carro, e um soldado, em cima da pequena bolha do blindado, usava da palavra. Era Khanjunov, que presidira o último Congresso Pan-Russo dos Bronneviki, realizado no verão. Figura bela e graciosa com sua capa de couro com as tiras de tenente nas ombreiras, defendia, eloquentemente, a neutralidade.

“É uma coisa terrível para os russos”, disse ele, “matar seus próprios irmãos russos. Não deve haver uma guerra civil entre soldados que estiveram ombro a ombro, juntos, contra o tsar, e que venceram os inimigos em batalhas que entrarão para a história! O que nós, soldados, devemos fazer em meio a essas disputas entre os partidos políticos? Não lhes direi que o Governo Provisório era um governo democrático; não queremos uma coalizão com a burguesia, não. Mas precisamos de um governo de união da democracia, caso contrário a Rússia estará perdida! Com um governo assim, não haverá necessidade de guerra civil e da matança de irmãos perpetrada por seus próprios irmãos!”

Parecia algo bastante razoável. Aplausos e aclamações ecoavam na grande sala.

Um soldado subiu no tanque, o rosto pálido e contraído. “Camaradas!”, exclamou, “venho da frente romena, a fim de insistir junto a todos vocês: precisamos da paz! Uma paz imediata! Quem quer que nos traga a paz, sejam bolcheviques ou este novo governo, nós seguiremos. Paz! Nós que estamos no front não temos condições de continuar lutando. Não podemos enfrentar nem os alemães nem os russos.” Pulou de volta ao chão, e uma espécie de gemido surdo emanou daquela massa agitada, logo transformado em algo muito próximo da ira quando o orador seguinte, um menchevique *oboronets*, passou a defender que a guerra tinha de continuar até a vitória final dos Aliados.

“Você fala como Kerenski!”, gritou uma voz rudemente.

Um delegado da Duma defendeu a neutralidade. Ouviram-no entre murmúrios, incomodados, com a sensação de que não se tratava de um deles. Eu nunca vi homens fazendo tanto esforço para entender, para decidir. Permaneciam ali imóveis, de pé, olhando com uma

terrível intensidade para o orador, os cenhos franzidos no esforço de raciocinar, o suor escorrendo pela testa; gigantes com olhos inocentes e límpidos de criança e rostos de guerreiros épicos...

Falava agora um bolchevique, pertencente a suas fileiras, expressando-se com agressividade, furiosamente. Não os agradou mais do que o orador precedente. Não estavam no mesmo clima em que ele se encontrava. Naquele instante, estavam distantes do curso normal dos pensamentos banais, pensando mais na Rússia, no socialismo, no mundo, como se deles dependesse a sobrevivência da Revolução...

Oradores se sucediam uns aos outros, debatendo em meio a um silêncio tenso, com algumas exclamações de aprovação ou de repúdio. Devemos nos abster ou agir? Khanjunov voltou a falar, persuasivo e envolvente. Mas, mesmo que falasse de paz, não era ele um oficial e um *oboronets*? Seguiu-o então um operário de Vasili Ostrov, que, no entanto, foi recebido com perguntas do tipo “Mas você, por acaso, poderá nos dar a paz, senhor operário?”. Perto de nós, alguns homens, vários deles oficiais, formavam uma espécie de claqué que aplaudia todos os defensores da neutralidade. Gritavam o tempo todo “Khanjunov! Khanjunov!”, e assobiavam e insultavam quando os bolcheviques tentavam fazer uso da palavra.

Subitamente, os membros do comitê e os oficiais que estavam em cima do blindado começaram a discutir algo entre eles, acaloradamente e com muitas gesticulações. O público gritou perguntando qual era o problema; a multidão, agitada, murmurava. Um soldado, que um dos oficiais tentava conter, escapou dele e ergueu o braço.

“Camaradas!”, exclamou. “O camarada Krilenko está aqui presente e quer falar para nós.” Choveram aplausos, assobios e gritos de “*Prosim! Prosim! Dolo!* Vamos em frente! Vamos em frente!

Tirem-no daí!”. Em meio a isso, o comissário do Povo para Assuntos Militares subiu na lateral do blindado, ajudado e empurrado para cima por vários braços. Permaneceu parado ali por algum tempo, andou até o radiador, apoiou as mãos na cintura e olhou ao redor, sorrindo. Uma figura atarracada, de pernas curtas, calva, sem nenhuma insígnia em seu uniforme..

A claque que estava próxima de mim começou a gritar “Khanjunov! Queremos Khanjunov! Tirem-no daí! Cale a boca! Botem o traidor para fora!”. O público, fervilhante, gritava. Passou então a se mover, como uma avalanche, em nossa direção. Homenzarrões de grossas sobrancelhas negras forçando o caminho para nosso lado.

“Quem está sabotando nossa assembleia?”, começaram a gritar. “Quem está assobiando?” A claque, violentamente dispersada, desapareceu e não voltou mais a se reunir.

“Camaradas soldados!”, começou Krylenko, com voz rouca de tanto cansaço. “Não estou conseguindo falar muito, peço desculpas, mas faz quatro noites que não durmo...”

“Não preciso lhes dizer que também sou soldado. Não preciso lhes dizer o quanto eu mesmo quero a paz. O que, sim, eu preciso lhes dizer é que o Partido Bolchevique, que conduziu a Revolução dos Operários e Soldados, com a ajuda de vocês e de todos os demais corajosos camaradas que derrubaram para sempre o poder da burguesia sanguinária, prometeu propor a paz a todos os outros povos, e que isso já foi feito — hoje!” Aplausos tumultuosos.

“Estão pedindo a vocês que mantenham a neutralidade — que mantenham a neutralidade enquanto os *yunkers* e os Batalhões da Morte, que nunca são neutros, atiram sobre nós nas ruas e trazem Kerenski de volta a Petrogrado — ou talvez algum outro membro da

gangue. Kaledin está avançando a partir do Don. Kerenski está vindo do front. Kornilov subleva os Tekhintsi a fim de repetir a tentativa de golpe feita em agosto. Todos esses mencheviques e socialistas revolucionários que agora se dirigem a vocês dizendo que é preciso evitar a guerra civil — eu pergunto: como foi que eles se mantiveram no poder senão justamente pelos instrumentos de uma guerra civil, uma guerra civil que perdurou desde julho e na qual eles sempre estiveram do lado da burguesia, como fazem agora?

“Como posso fazer para convencer vocês, se vocês já estão decididos? A questão é muito clara. De um lado estão Kerenski, Kaledin, Kornilov, os mencheviques, os socialistas revolucionários, o *Cadete* e os membros da Duma, os oficiais... Eles nos dizem que suas intenções são boas. Do outro lado estão os operários, os soldados e os marinheiros, os camponeses pobres. O governo está nas mãos de vocês. Vocês são os senhores. A Grande Rússia pertence a vocês. Irão dá-la de volta para os antigos senhores?”

Enquanto falava, mantinha-se de pé com dificuldade, e um profundo sentimento de sinceridade se fazia exprimir por sua voz cansada. Ao final, cambaleou, quase caindo; dezenas de mãos surgiram para ajudá-lo a descer, e os amplos espaços escuros da sala trouxeram de volta o som de uma forte ovação.

Khanjunov tentou falar de novo, mas todos gritavam “Votação! Votação! Votação!”. Ele acabou cedendo e passou, então, a ler a resolução: os Bronneviki decidem retirar seu representante do Comitê Militar Revolucionário e declaram neutralidade no interior da atual guerra civil. Todos os que estivessem a favor deveriam se colocar à direita; os que estavam contra, à esquerda. Houve um momento de hesitação, uma espera silenciosa. Logo depois, a multidão começou a se mover, cada vez mais rapidamente, uns se chocando com os outros,

para a esquerda; centenas de soldados enormes se deslocando, em uma massa compacta, sobre o piso sujo e sob a iluminação fraca. Perto de nós, sobraram cinquenta homens, firmemente favoráveis à resolução; enquanto os gritos vitoriosos faziam tremer o edifício quase até o teto, eles deram meia-volta e se retiraram correndo do prédio — e alguns deles, da própria Revolução...

No Smolny, o novo Conselho de Comissários do Povo não descansava nem um minuto sequer. O primeiro decreto já estava sendo impresso, para circular aos milhares pelas ruas da cidade naquela noite e embarcar em caixas nos trens de partida para o sul e para o leste:

Em nome do Governo da República Russa, eleito pelo Congresso Pan-Russo dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados, com a participação de deputados camponeses, o Conselho dos Comissários do Povo decreta:

1. Que as eleições para a Assembleia Constituinte serão realizadas na data previamente determinada — 12 de novembro.

2. Todos os comitês eleitorais, órgão das administrações municipais locais, Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses e organizações de soldados do front deverão envidar todos os esforços para garantir a realização de eleições livres e regulamentares na data prevista.

Em nome do Governo da República Russa

Presidente do Conselho de Comissários do Povo,

VLADÍMIR ULIÂNNOV — LÊNIN.

No edifício da Duma, a sessão corria à toda. Quando chegamos ali, estava com a palavra um membro do Conselho da República. O conselho, disse ele, não se considera de modo algum dissolvido, mas apenas impedido de se reunir para dar continuidade a seus trabalhos enquanto busca um novo local. Nesse entretanto, seu Comitê de Decanos determinou a entrada *en masse* no Comitê de Salvação... Observo, de passagem, que esta é a última vez que a história menciona o Conselho da República Russa...

Seguiram-se, então, os delegados de sempre dos ministérios, o *Vikzhel*, o Sindicato dos Correios e Telégrafos, reiterando pela centésima vez sua determinação de não trabalhar para os usurpadores bolcheviques. Um *yunker* que estivera no Palácio de Inverno fez um relato bastante exagerado sobre o heroísmo de seus camaradas e dele próprio e da conduta vergonhosa dos Guardas Vermelhos — tudo isso sendo ouvido credulamente por todos os presentes. Alguém em seguida leu um artigo do jornal dos socialistas revolucionários, o *Narod*, informando que o custo dos estragos feitos no Palácio de Inverno remontavam a 500 milhões de rublos e descrevendo em detalhes minuciosos a pilhagem e o vandalismo.

De vez em quando, mensageiros apareciam trazendo as novidades recolhidas por telefone. Os quatro ministros socialistas tinham sido soltos da prisão. Krylenko se dirigira à Fortaleza de Pedro e Paulo para informar ao almirante Verderevski que o Ministério da Marinha fora abandonado por seu titular e pedir-lhe, em nome da Rússia, que ele assumisse a função sob a autoridade do Conselho de Comissários do Povo, pedido aceito pelo velho homem do mar... Kerenski avançava no norte vindo de Gatchina, e as guarnições bolcheviques se rendiam a ele. O Smolny emitira um novo decreto, estendendo os

poderes da Duma Municipal para cuidar também do abastecimento alimentar.

Essa última atitude insolente provocou uma onda de fúria. Ele, Lênin, o usurpador, o tirano, cujos comissários haviam ocupado a garagem municipal, invadido os armazéns municipais, agora se imiscuía nas questões dos Comitês de Abastecimento e na distribuição de alimentos — esse homem queria definir os limites do Governo Municipal autônomo, independente e livre! Um dos membros, erguendo o punho, propôs que se cortassem o abastecimento de comida para a cidade se os bolcheviques ousassem interferir nos Comitês de Abastecimento... Outro, representando o Comitê Especial de Abastecimento, reportou que a situação era muito grave e pediu que emissários fossem mandados para acelerar a liberação de trens com alimento.

Diedonenko anunciou, dramaticamente, que a guarnição hesitava. O regimento de Semionovski já havia decidido se submeter às orientações do Partido Socialista Revolucionário; os tripulantes dos navios torpedeiros ancorados no Neva oscilavam. Imediatamente, sete pessoas foram designadas para ampliar a propaganda...

Subiu à tribuna, então, o velho prefeito: “Camaradas e cidadãos! Acabo de saber que os prisioneiros da Pedro e Paulo estão em perigo. Catorze *yunkers* da escola Pavlovski foram despídos e torturados pelos guardas bolcheviques. Um deles enlouqueceu. Estão ameaçando, agora, torturar os ministros!”. Tais notícias causaram uma tempestade de indignação e horror, que ficou ainda mais violenta quando uma mulher baixinha e atarracada vestida de cinza pediu a palavra e soltou a voz, forte e metálica. Era Vera Slutskaya, uma velha revolucionária, membro bolchevique da Duma.

“Trata-se de uma mentira e de uma provocação!”, disse ela, sem se deixar incomodar pela onda de insultos. “O Governo dos Operários e Camponeses, que aboliu a pena de morte, não poderia tolerar atos como esses. Exigimos que essa informação seja investigada, de uma vez por todas; se houver alguma verdade nisso, o governo adotará medidas enérgicas a respeito!”

Designou-se de imediato uma comissão, composta por membros de todos os partidos, que foi enviada à Fortaleza de Pedro e Paulo, juntamente com o prefeito, para fazer a verificação. Quando saímos atrás deles, a Duma estava constituindo uma outra comissão para falar com Kerenski, a fim de tentar evitar derramamento de sangue quando ele chegasse à capital...

Era meia-noite quando conseguimos burlar a vigilância dos guardas e passamos pelos portões da fortaleza. Seguimos em frente, sob a fraca iluminação de algumas poucas lâmpadas elétricas, pela lateral da basílica, onde ficam as sepulturas dos tsares sob a fina agulha de ouro e o carrilhão que por meses continuou a entoar, todos os dias, ao meio-dia, o *Bozhe Tsaria Khrani****... O local estava deserto; na maioria das janelas não havia luz. De vez em quando, topávamos com alguma silhueta circulando perdida na escuridão e que respondia às nossas perguntas com o habitual “*Ya nié znayu*”.

À nossa esquerda divisava-se a edificação baixa e escura do bastião de Trubetskoi, esse verdadeiro túmulo para seres vivos onde tantos mártires da luta pela liberdade perderam a vida ou a razão nos tempos dos tsares, onde o Governo Provisório, por sua vez, trancafiara os ministros do tsar e onde os bolcheviques prendiam, agora, os ministros do Governo Provisório.

Um marinheiro nos conduziu, amistosamente, ao gabinete do comandante, localizado em uma casinha perto da Casa da Moeda.

Meia dúzia de Guardas Vermelhos, marinheiros e soldados se acomodava, sentada, dentro de uma sala bem aquecida e cheia de fumaça, onde um samovar fervia alegremente soltando muito vapor. Receberam-nos com muita cordialidade, oferecendo-nos chá. O comandante não se encontrava ali; naquele momento, acompanhava a comissão de “*sabotazhniki*” (sabotadores) da Duma Municipal, que insistiam em dizer que os *yunkers* estavam sendo todos assassinados. Isso parecia diverti-los bastante. Num dos lados do cômodo estava sentado um homem baixo e careca, de aspecto dissoluto, vestido de fraque e uma bela capa de pele, mexendo no bigode e observando ao redor como um rato acuado. Acabara de ser preso. Lançando para ele um olhar negligente, um dos homens disse que se tratava de um ministro ou coisa parecida... O homenzinho parecia não ter escutado isso; estava evidentemente aterrorizado, embora os ocupantes da sala não demonstrassem nenhuma animosidade para com ele.

Aproximei-me dele falando em francês. “Conde Tolstói”, ele respondeu, cumprimentando-me secamente. “Não sei por que fui preso. Estava atravessando a ponte Tróitski a caminho de casa quando dois desses... dessas pessoas me prenderam. Eu era comissário do Governo Provisório adido ao Estado-Maior, mas nunca fiz parte do governo...”

“Deixem-no partir”, disse um marinheiro. “É inofensivo...”

“Não”, retrucou o soldado que trouxera o prisioneiro. “Precisamos consultar o comandante.”

“Oh, o comandante!”, ironizou o marinheiro. “Para que você fez a Revolução? Para continuar seguindo ordens de oficiais?”

Um *praporshchik* do regimento de Pavlovski contava-nos como a insurreição havia começado. “O *polk* (regimento) estava de serviço no quartel-general na noite do dia 6. Eu e alguns camaradas montávamos

guarda. Ivan Pavlovich e mais um outro — não me lembro agora o seu nome —, bem, eles se esconderam atrás das cortinas da janela na sala onde o Comando estava reunido e ouviram muitas coisas. Por exemplo, ouviram as ordens que estavam sendo dadas para que os *yunkers* de Gatchina avançassem sobre Petrogrado à noite, e outra ordem para que os cossacos estivessem prontos para avançar de manhã... Os principais pontos da cidade deveriam ser ocupados antes da madrugada. Falou-se depois da questão da abertura das pontes. Mas, quando eles começaram a falar de cercar o Smolny, Pavlovitch não conseguiu se segurar mais. Naquele instante, começou um movimento de vaivém, e ele então aproveitou para escapulir e desceu até a sala da guarda, deixando o outro camarada lá para registrar o máximo de coisas que pudesse.

“Eu já suspeitava de que alguma coisa estava por acontecer. Carros lotados de oficiais não paravam de chegar, e todos os ministros estavam ali. Ivan Pavlovich contou-me o que tinha ouvido. Eram duas e meia da manhã. O secretário do Comitê do Regimento estava lá. Contamos tudo para ele e perguntamos o que fazer.

“Prendam todo mundo que entrar e sair!”, ele disse. Começamos então a fazer isso. Em uma hora, já estávamos com alguns oficiais e dois ministros, que foram imediatamente levados ao Smolny. Mas o Comitê Militar Revolucionário não estava preparado para isso; não sabiam o que fazer; e logo veio uma ordem para deixar todos partirem e não prender mais ninguém. Bem, corremos logo para o Smolny, e acho que ficamos conversando por cerca de uma hora até que eles finalmente perceberam que a guerra estava em curso. Eram cinco da manhã quando retornamos ao quartel-general. Àquela altura muitos deles já tinham ido embora. Seguramos alguns, e a guarnição inteira se pôs em marcha...”

Um Guarda Vermelho de Vasili Ostrov descreveu em detalhes o que acontecera no seu bairro no grande dia do levante. “Não havia metralhadoras lá”, disse ele, rindo, “e não tínhamos como fazê-las chegar do Smolny. O camarada Zalkind, que era membro do Uprava (Birô Central) da Duma Distrital, lembrou-nos que na sala de reuniões do Uprava havia uma metralhadora que tinha sido capturada dos alemães. Então, ele, eu e mais um camarada fomos até lá. Os mencheviques e os socialistas revolucionários estavam em reunião. Bem, abrimos a porta e avançamos na direção deles, que estavam sentados em torno de uma mesa — eram doze ou quinze deles, e nós três. Quando nos viram, pararam de falar e apenas nos observavam fixamente. Cruzamos a sala, desmontamos a metralhadora, o camarada Zalkind pegou uma parte, eu a outra, pusemos as duas sobre os nossos ombros e saímos — e ninguém disse uma única palavra!”

“Sabem vocês como foi ocupado o Palácio de Inverno?”, perguntou um terceiro homem, um marinheiro. “Eram cerca de onze da noite quando percebemos que não havia mais nenhum *yunker* no lado do Neva. Abrimos então as portas e fomos entrando aos poucos, subindo as escadarias um de cada vez ou em pequenos grupos. Quando chegamos ao alto, fomos detidos pelos *yunkers*, que nos tiraram as armas. Nossos companheiros, no entanto, continuaram vindo, aos pouquinhos, e ao final estávamos em maioria. Nos viramos e, então, tiramos as armas dos *yunkers*...”

Nesse momento, chegou o comandante — um suboficial de aspecto jovial com um dos braços suspenso por uma tipoia e com profundas olheiras. De imediato, seus olhos se dirigiram para o prisioneiro, que se pôs a falar.

“Oh, sim, sim”, interrompeu o outro. “Você foi um dos membros do comitê que se recusaram a nos entregar o Estado-Maior. Mesmo assim, não precisamos de você, cidadão. Desculpe-nos.” Abriu então a porta e fez um gesto para que o conde Tolstói se retirasse. Houve protestos por parte de alguns, sobretudo dos Guardas Vermelhos, enquanto o marinheiro observava, triunfante: “*Vot!* Viram? Eu não disse?”.

O comandante dirigiu a atenção para outros dois soldados. Eles formavam uma comissão eleita pela guarnição da fortaleza para lhe encaminhar um protesto. Os prisioneiros, dissera, estão recebendo a mesma comida que os guardas, sendo que não há o suficiente nem mesmo para matar a fome de um único homem. “Por que os contrarrevolucionários têm de ser tratados tão bem?”

“Somos revolucionários, camaradas. Não bandidos”, respondeu o comandante, virando-se, em seguida, para nós. Contamos que corriam rumores de que os *yunkers* estavam sendo torturados e de que a vida dos ministros estava sob ameaça. “Será que poderíamos ver os prisioneiros, de forma a relatar a verdade para o mundo?”

“Não”, disse o jovem soldado, irritado. “Não vou tornar a incomodar os presos. Fui obrigado a acordá-los agora há pouco — eles tinham certeza de que seriam assassinados... De todo modo, a maioria dos *yunkers* já foi solta, e o resto vai sair amanhã”, concluiu, e virou-se abruptamente.

“Podemos, então, falar com a comissão da Duma?”

O comandante, que nesse momento servia-se de um chá, aquiesceu. “Eles ainda estão ali no saguão”, afirmou negligentemente.

Com efeito, eles estavam ali, diante da porta, sob a luz frágil de uma lamparina a óleo, agrupados em torno do prefeito e falando com muita excitação.

“Senhor prefeito”, eu chamei, “somos correspondentes norte-americanos. O senhor poderia nos relatar a conclusão oficial de suas apurações?”

Virou em nossa direção o rosto, marcado por uma venerável dignidade.

“Os relatos não correspondem à verdade”, disse ele, pausadamente. “Com exceção dos incidentes registrados quando os ministros estavam sendo trazidos para cá, todos foram tratados com respeito. Quanto aos *yunkers*, nenhum deles foi vítima de nenhuma agressão...”

Na Nevski, na escuridão da meia-noite passada, uma coluna interminável de soldados avançava em silêncio — pronta para enfrentar Kerenski. Nas sombrias ruelas laterais, veículos iam e vinham com os faróis apagados. Percebia-se alguma atividade em curso no número 6 da Fontanka, quartel-general do Soviete de Camponeses (algo semelhante a um apartamento de um enorme edifício na Nevski), e na Inzhenierny Zamok (Escola de Engenharia); a Duma estava toda iluminada...

No Instituto Smolny, o Comitê Militar Revolucionário se agitava como um gerador em sobrecarga, soltando fogo para todos os lados...

* Capangas rudes de Ivã, o Terrível, no século XVII.

** Ver Notas e esclarecimentos do Autor.

*** "Deus proteja o tsar".

7. O front revolucionário

Sábado, 10 de novembro...

Cidadãos!

O Comitê Militar Revolucionário declara que não tolerará nenhuma violação à ordem revolucionária.

Furtos, roubos, assaltos à mão armada e tentativas de *pogroms* serão punidos severamente...

Seguindo o exemplo da Comuna de Paris, o comitê acabará, sem misericórdia, com qualquer saqueador ou provocador de distúrbios...

A calma reinava na capital. Nenhuma briga, nenhum roubo, nem mesmo uma rixa entre bêbados. À noite, patrulhas armadas se moviam pelas ruas silenciosas; nas esquinas, soldados e Guardas Vermelhos se reuniam em torno de pequenas fogueiras, rindo e cantando. Durante o dia, grandes multidões se aglomeravam nas calçadas em meio a discussões intermináveis entre estudantes e soldados, homens de negócio e operários.

As pessoas paravam umas as outras na rua.

“Os cossacos estão vindo para cá?”

“Não...”

“Quais são as últimas novidades?”

“Não sei de nada. Onde Kerenski está?”

“Dizem que está a apenas oito verstas* de Petrogrado... É verdade que os bolcheviques se refugiaram a bordo do cruzador *Aurora*?”

“É o que dizem...”

Apenas os muros e os poucos jornais “gritavam” a plenos pulmões, com denúncias, apelos, decretos...

Um enorme cartaz exibia um manifesto histórico do Comitê Executivo do Soviete de Camponeses:

... Eles (os bolcheviques) se atrevem a dizer que contam com o apoio dos deputados do Soviete de Camponeses e que falam em nome dos deputados camponeses...

Toda a classe operária da Rússia deve saber que se trata de uma MENTIRA E QUE TODOS OS TRABALHADORES DO CAMPO — por intermédio do COMITÊ EXECUTIVO DOS SOVIETES PAN-RUSSOS DE DEPUTADOS CAMPONESES — rejeitam com indignação qualquer participação do campesinato organizado nessa violação dos anseios da classe operária...

Do setor de soldados do Partido Socialista Revolucionário:

A tentativa insana dos bolcheviques está à beira de seu colapso. A guarnição está dividida... Os ministérios estão em greve e o pão começa a escassear. Todas as facções, exceto alguns poucos bolcheviques, abandonaram o Congresso. Os bolcheviques estão isolados...

Chamamos todas as pessoas sensatas a se reunirem em torno do Comitê de Salvação do País e da Revolução e a estarem prontas para atender ao primeiro chamado do Comitê Central...

Em um panfleto, o Conselho da República listava suas queixas:

Pressionado pela força das baionetas, o Conselho da República foi obrigado a se dissipar e a interromper temporariamente suas sessões.

Os usurpadores, que falam em “Liberdade e Socialismo”, estabeleceram um estado de arbitrariedade e violência. Prenderam os integrantes do Governo Provisório, fecharam jornais, ocuparam gráficas... Esse governo deve ser visto como inimigo do povo e da Revolução; é preciso combatê-lo e derrubá-lo...

O Conselho da República, no aguardo da retomada de seus trabalhos, conclama os cidadãos da República Russa a se reunirem em torno dos... Comitês de Salvação do País e da Revolução locais, que estão organizando a derrubada dos bolcheviques e a instalação de um governo capaz de conduzir o país até a Assembleia Constituinte.

O *Dielo Naroda* dizia:

Uma revolução é o levante de um povo inteiro... E o que nós temos aqui? Nada mais do que um punhado de loucos ludibriados por Lênin e Trótski... Seus decretos e apelos acabarão no museu de curiosidades históricas...

E o *Narodnoye Slovo* (Palavra do Povo — dos socialistas populistas):

“Governo operário e camponês?” Não passa de um castelo de cartas; ninguém, seja na Rússia, seja nos países aliados, reconhecerá este “governo” — nem mesmo os países inimigos...

A imprensa burguesa tinha desaparecido temporariamente...

O *Pravda* registrava a primeira reunião do novo *Tsik*, agora o parlamento da República Soviética Russa. Milyutin, comissário da Agricultura, observava que o Comitê Executivo de Camponeses havia convocado um Congresso Camponês Pan-Russo para o dia 13 de dezembro.

“Mas não podemos esperar”, dizia ele. “Precisamos do apoio dos camponeses. Proponho que nós convoquemos, e imediatamente, o Congresso dos Camponeses...” Os Socialistas Revolucionários de Esquerda concordaram. Um apelo aos camponeses da Rússia foi rapidamente rascunhado, e uma comissão de cinco membros foi eleita para cuidar do assunto.

As questões do detalhamento dos planos de distribuição de terras e do Controle Operário da Indústria foram adiadas até que os especialistas que trabalhavam nelas apresentassem um relatório.

Três decretos³⁶ foram lidos e aprovados: o primeiro, sobre “Regras Gerais para a Imprensa”, apresentado por Lênin, determinando a extinção de todo jornal que viesse a incitar a resistência ou a desobediência ao novo governo, ações criminosas ou que deturpassem deliberadamente as informações; o decreto que impunha a moratória dos aluguéis; e um terceiro, instituindo a milícia operária. Aprovaram-se também algumas instruções: uma delas outorgava à Duma Municipal o poder de requisitar casas e apartamentos vazios, outra determinava o descarregamento dos vagões com mercadorias nos terminais ferroviários a fim de acelerar a distribuição de gêneros e liberar o material circulante, que fazia muita falta...

Duas horas depois, o Comitê Executivo dos Sovietes Camponeses distribuía para toda a Rússia o seguinte telegrama:

Uma organização irregular dos bolcheviques autodenominada “Agência de Organização do Congresso Nacional de Camponeses” está convidando todos os soviets camponeses a enviarem delegados ao Congresso em Petrogrado...

O Comitê Executivo dos Sovietes de Deputados Camponeses declara considerar, hoje tanto quanto antes, que seria perigoso tirar das províncias neste momento as forças necessárias para preparar as eleições para a Assembleia Constituinte, que representa a única salvação para a classe operária e para o país. Reafirmamos a data do Congresso dos Camponeses: 13 de dezembro.

Na Duma, a agitação era enorme, com oficiais entrando e saindo, e o prefeito em reunião com os líderes do Comitê de Salvação. Um conselheiro municipal interrompeu a reunião; trazia uma cópia de uma declaração de Kerenski atirada às centenas de um pequeno avião que voara baixinho sobre a avenida Nevski, ameaçando aplicar uma terrível vingança contra todos aqueles que não obedecessem e ordenando aos soldados que depusessem as armas e se dirigissem imediatamente ao Campo de Marte.

Contaram-nos que o ministro-presidente havia ocupado Tsarskoye Selo e já estava próximo de Petrogrado, a apenas oito quilômetros. Invadiria a cidade no dia seguinte, dali a poucas horas. Dizia-se que as tropas soviéticas que haviam entrado em contato com os cossacos tinham passado para o lado do Governo Provisório. Tchernov estava em algum lugar tentando organizar com as tropas “neutras” uma força capaz de evitar a guerra civil.

Na cidade, os regimentos da guarnição estavam abandonando os bolcheviques, diziam. O Smolny estava quase totalmente vazio... Toda a máquina do governo tinha parado. Os funcionários do Banco do

Estado se recusavam a trabalhar sob o comando dos comissários do Smolny, bem como a emitir moeda para eles. Todos os bancos privados estavam fechados. Os ministérios, em greve. Naquele exato instante, uma comissão da Duma circulava pelas empresas coletando fundos³⁷ para pagar o salário dos grevistas...

Trótski se dirigira ao Ministério das Relações Exteriores e mandara traduzir o Decreto de Paz para outras línguas: seiscentos funcionários atiraram em sua cara o pedido de demissão... Shliapnikov, comissário do Trabalho, conclamara todos os funcionários do ministério a retornarem a seus postos em 24 horas, caso contrário seriam demitidos e perderiam os direitos de pensão, mas apenas os porteiros atenderam ao chamado... Algumas unidades do Comitê Especial de Abastecimento de Alimentos preferiram suspender o trabalho a se submeter aos bolcheviques... Apesar das generosas promessas de aumento de vencimentos e melhora das condições de trabalho, os operadores da companhia telefônica boicotavam as comunicações no quartel-general dos sovietses...

O Partido Socialista Revolucionário decidira expulsar todos os seus membros que haviam permanecido no Congresso dos Sovietses, bem como os que estavam participando da insurreição...

Notícias das províncias. Moghilev se declarara contra os bolcheviques. Em Kiev, os cossacos depuseram os sovietses e prenderam todos os líderes da insurreição. O Soviete e a guarnição de Luga, com 30 mil homens, afirmara sua lealdade ao Governo Provisório e lançara um apelo a toda a Rússia para que todos se unissem em torno dele. Kaledin desmantelara os sovietses e sindicatos no Don, e suas forças avançavam para o norte...

Um representante dos ferroviários disse: “Despachamos ontem um telegrama para toda a Rússia apelando para que cessem as disputas

entre os partidos políticos e insistindo na necessidade da formação de um governo socialista de coalizão. Caso isso não aconteça, entraremos em greve amanhã à noite... Haverá amanhã de manhã uma reunião de todas as facções para avaliar a questão. Os bolcheviques parecem ansiosos por um acordo...”.

“Se é que eles durarão até lá!”, brincou o engenheiro municipal, um homem forte e de rosto corado.

Quando chegamos ao Smolny — que não estava abandonado, e sim movimentado como sempre, lotado de operários e soldados se movendo para todos os lados e uma quantidade dobrada de guardas —, encontramos os repórteres dos jornais da burguesia e dos socialistas “moderados”.

“Puseram-nos para fora!”, exclamou um deles, do *Volia Naroda*. “Bonch-Bruevitch desceu até a sala de imprensa e mandou que nos retirássemos! Disse que somos espiões!” Todos começaram a falar ao mesmo tempo. “É um insulto! Um ultraje! Liberdade de imprensa!”

No saguão principal, mesas enormes desapareciam sob pilhas imensas de impressos, com apelos, declarações e instruções do Comitê Militar Revolucionário. Soldados e operários passavam carregando-os com dificuldade para os veículos que os aguardavam do lado de fora...

Um dos impressos começava assim:

AO PELOURINHO!

Neste momento trágico por que passam as massas na Rússia, os mencheviques e seus seguidores e os Socialistas Revolucionários de Direita cometeram uma traição à classe operária. Puseram-se do lado de Kornilov, Kerenski e Savinkov...

Neste momento, imprimem instruções do traidor Kerenski e provocam o pânico na capital espalhando rumores ridículos sobre vitórias mentirosas que teriam sido obtidas por aquele renegado...

Cidadãos! Não acreditem nesses falsos rumores. Nenhum poder conseguirá derrotar a Revolução do Povo... O premiê Kerenski e seus seguidores terão o rápido e merecido castigo...

Vamos colocá-los no pelourinho. Iremos expô-los ao desdém dos operários, soldados, marinheiros e camponeses, aos quais pretendem prender mais uma vez às velhas correntes. Jamais conseguirão tirar de seus corpos a mancha que neles será deixada pelo ódio e pelo desprezo do povo...

Que a vergonha e a maldição recaiam sobre os traidores do povo...

O Comitê Militar Revolucionário tinha se mudado para um local mais amplo, a sala 17, no andar superior. Guardas Vermelhos bloqueavam a porta. Lá dentro, o espaço estreito delimitado por uma barreira estava tomado por uma multidão de pessoas muito bem-vestidas, de aparência respeitosa mas internamente cheias de um rancor assassino — eram burgueses que exigiam licença para seus automóveis ou passaportes para deixar a capital, dentre eles vários estrangeiros... Bill Shatov e Peters estavam de serviço. Suspenderam todos os seus outros afazeres para ler para nós os últimos boletins.

O 179º regimento de reserva anunciava seu apoio integral. Cinco mil estivadores da Poutilov saudavam o novo governo. Comitê Central dos Sindicatos — apoio entusiasmado. A guarnição e o batalhão de Reval elegeram comitês militares para cooperar e enviaram tropas. Comitês Militares Revolucionários assumiam o poder em Pskov e em Minsk. Saudações dos soviets de Tsaritzin, Rovno do Don,

Chernigovsk, Sebastopol... A Divisão da Finlândia, os recém-criados Comitês do 5º e do 12º exércitos se colocavam à disposição...

As notícias vindas de Moscou são ambíguas. Tropas do Comitê Militar Revolucionário ocupam pontos estratégicos da cidade; duas companhias de serviço no Kremlin passaram para o lado dos soviets, mas o arsenal está nas mãos do coronel Diabtsev e seus *yunkers*. O Comitê Militar Revolucionário exigiu armas para os operários, e até esta manhã Diabtsev ainda negociava com eles quando, subitamente, enviou um ultimato ao comitê, ordenando às tropas soviéticas que se entregassem e que o comitê fosse dissolvido. A luta, então, começava.

Em Petrogrado, o Estado-Maior imediatamente se submeteu às determinações dos comissários do Smolny. O *Tsentroflot*, resistindo, foi ocupado por Dybenko e por uma companhia de marinheiros de Kronstadt, que montaram um novo *Tsentroflot*, com apoio dos cruzadores do Báltico e do mar Negro...

Mas por trás de todos esses vivos apoios escondia-se uma sensação de mal-estar, um pressentimento sombrio. Os cossacos de Kerenski avançavam rápido; possuíam uma forte artilharia. Skripnik, secretário dos Comitês de Fábrica, com seu rosto contraído e amarelado, garantiu-me que eles reuniam um exército inteiro, acrescentando, em seguida, com veemência: “Eles não nos levarão vivos!”. Petrovski deu uma gargalhada. “Talvez amanhã possamos dormir — e dormir bastante...” Lozovski, com seu rosto emaciado de uma barba ruiva, disse: “Que chances temos nós? Sozinhos... Um grupo de pessoas contra soldados treinados!”.

No Sul e do Sudoeste, os soviets haviam fugido antes da chegada de Kerenski, e as guarnições de Gatchina, Pavlovski e Tsarskoye Selo estavam divididas — metade a favor da neutralidade, e o restante, sem apoio de oficiais, retornando para a capital em absoluta desordem.

Boletins estavam afixados nas paredes:

DE KRASNOYE SELO, 10 DE NOVEMBRO, 8 HORAS

A ser transmitido a todos os comandantes de Estado-Maior, comandantes em chefe, comandantes, em todos os lugares e para todos, todos, todos.

O ex-ministro Kerenski enviou para todos, em todos os lugares, um telegrama deliberadamente mentiroso dizendo que a tropas da Petrogrado revolucionárias haviam entregue suas armas voluntariamente e se alinhado às tropas do antigo governo, o Governo da Traição, e que os soldados haviam recebido ordens do Comitê Militar Revolucionário de recuar. As tropas de um povo livre não recuam, tampouco se rendem.

Nossas tropas deixaram Gatchina para evitar um derramamento de sangue entre nós e nossos equivocados irmãos cossacos e a fim de se estabelecer em melhores condições, as quais são neste momento tão fortes, que mesmo que Kerenski e seus aliados armados decuplicassem suas forças, não causariam motivo para ansiedade. O moral de nossas tropas é excelente.

Petrogrado está tranquila.

Chefe da Defesa de Petrogrado e do Distrito de Petrogrado,

TENENTE-CORONEL MURAVIOV.

Quando deixamos o Comitê Militar Revolucionário, Antonov estava chegando, com um papel na mão, parecendo um morto-vivo.

“Despachem isto”, disse ele.

AOS SOVIETES DE DEPUTADOS OPERÁRIOS
E AOS COMITÊS DE FÁBRICA DE TODOS OS DISTRITOS

Instrução

Os bandos kornilovistas de Kerenski ameaçam aproximar-se da capital. Todas as orientações necessárias já foram dadas no sentido de que qualquer tentativa contrarrevolucionária contra o povo e suas conquistas seja esmagada impiedosamente.

O Exército e a Guarda Vermelha da Revolução precisam do imediato apoio dos trabalhadores.

ORDENAMOS AOS SOVIETES DISTRITAIS
E AOS COMITÊS DE FÁBRICA QUE:

1. Encaminhem o maior número possível de operários para cavarem trincheiras, erguerem barricadas e reforçarem as redes de arame farpado.
2. Interrompam imediatamente o trabalho, onde isso for necessário, para a execução destas instruções.
3. Reúnam todo o estoque disponível de arame farpado e todo tipo de ferramenta para a abertura de trincheiras e a construção de barricadas.
4. Todas as armas disponíveis devem ser levadas.

5. A MAIS ESTRITA DISCIPLINA DEVE SER OBSERVADA E TODOS DEVEM ESTAR PRONTOS PARA APOIAR O EXÉRCITO REVOLUCIONÁRIO POR TODOS OS MEIOS.

Presidente do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado, comissário do Povo

LEV TRÓTSKI

Presidente do Comitê Militar Revolucionário, comandante em chefe

PODVOISKI

Quando saímos, já estava escuro, e em todo o horizonte cinzento ouviam-se as sirenes das fábricas, um som grave e nervoso, carregado de presságios. Às dezenas de milhares, os operários saíam, homens e mulheres; às dezenas de milhares, os bairros agitados vomitavam para ali suas hordas miseráveis. A Petrogrado vermelha estava em perigo! Cossacos! Homens, mulheres e crianças, portando fuzis, picaretas, pás, rolos de arame, cintos com cartucheiras sobre as roupas de trabalho, todos avançavam para o sul ou o sudoeste por ruas sujas em direção à Porta de Moscou... Jamais se viu uma mobilização tão imensa e espontânea de uma cidade como essa! Avançavam em torrentes, com batalhões de soldados caminhando a seu lado, canhões, caminhões, carros — o proletariado revolucionário saía para defender com sua própria força a capital da República dos Operários e Camponeses!

Um automóvel estava estacionado na frente do Smolny. Um homem magro, com óculos de lentes grossas que ampliavam seus olhos avermelhados, apoiado numa das laterais e com as mãos

enfiadas nos bolsos de um sobretudo surrado, falava com enorme dificuldade. Diante dele, um marinheiro corpulento de barba, com o brilho da juventude nos olhos, andava de um lado para o outro incessantemente, brincando com ar distraído com um revólver de aço azulado que mantinha sempre na mão. Eram Antonov e Dybenko.

Alguns soldados tentavam afixar duas bicicletas militares na lateral do carro. O motorista protestava agressivamente; a pintura ficaria arranhada, dizia ele. Era verdade que ele era bolchevique, e que o veículo fora expropriado de um burguês; também era verdade que as bicicletas seriam usadas por ordenanças. Mas o brio profissional do motorista estava revoltado... As bicicletas, então, foram deixadas de lado...

Os Comissários do Povo para a Guerra e a Marinha dirigiam-se para inspecionar o front revolucionário — que ninguém sabia exatamente onde era. Poderíamos ir com eles? É claro que não. Só cabiam cinco no automóvel — os dois comissários, dois ordenanças e o motorista. No entanto um russo conhecido meu, que aqui chamarei de Trusishka, dirigiu-se calmamente ao veículo e se acomodou nele, e nenhum argumento conseguiu fazer com que saísse dali.

Não vejo nenhum motivo para duvidar do relato que Trusishka me fez sobre o que então aconteceu. Quando desciam pela avenida Suvorovski, alguém lembrou a questão da comida. Eles poderiam ficar fora por três ou quatro dias, andando por um país cujo abastecimento era muito irregular. Pararam então o carro. Dinheiro? O comissário da Guerra remexeu nos bolsos. Não tinha nenhum tostão. O comissário da Marinha estava completamente duro. Assim como o motorista. Trusishka então comprou o necessário...

Assim que voltaram a andar pela avenida, um dos pneus estourou.

“O que vamos fazer?”, perguntou Antonov.

“Vamos pedir um outro carro”, sugeriu Dybenko, agitando seu revólver. Antonov ficou parado no meio da avenida e fez sinal para um veículo que passava, com um soldado à direção.

“Preciso desse carro”, disse Antonov.

“Pois não o terá”, respondeu o soldado.

“Você sabe quem eu sou?”, perguntou Antonov, apresentando-lhe um documento no qual estava escrito que ele tinha sido designado comandante em chefe de todos os exércitos da República Russa e que todos deveriam obedecer às suas ordens sem questionamentos.

“Não me interessa, mesmo que você fosse o diabo em pessoa”, disse o soldado agressivamente. “Este carro pertence ao Primeiro Regimento de Metralhadoras e é usado para transportar munição, e você não poderá usá-lo...”

O impasse foi solucionado, no entanto, com o aparecimento de um velho e amassado táxi que carregava uma bandeira da Itália. (Nos períodos mais problemáticos, os veículos particulares eram registrados em nome de consulados de outros países, para ficarem a salvo de expropriações.) Expulsaram de dentro dele, então, um cidadão gordo que vestia uma capa de pele bastante cara, e a expedição seguiu seu caminho.

Ao chegarem a Narvskaya Zastava, a cerca de quinze quilômetros, Antonov pediu para falar com o comandante da Guarda Vermelha. Ele estava nos limites da cidade, onde algumas centenas de operários cavavam trincheiras à espera dos cossacos.

“Aqui está tudo bem, camarada?”, perguntou Antonov.

“Tudo perfeito, camarada”, respondeu o comandante. “As tropas estão com um moral excelente... Apenas um problema: não temos munição...”

“Há dois milhões de cartuchos no Smolny”, informou-lhe Antonov. “Vou lhe dar uma autorização.” Remexeu então nos bolsos. “Alguém tem um pedaço de papel?”

Dybenko não tinha nenhum, tampouco os ordenanças. Trusishka teve de emprestar seu bloco de anotações...

“Droga! Estou sem lápis!”, exclamou Antonov. “Alguém tem um lápis?” Nem é preciso dizer, o único que tinha um lápis ali era Trusishka...

Nós, que tínhamos ficado para trás, fomos então à estação de Tsarskoye Selo. Na Nevski, quando passamos por ali, Guardas Vermelhos marchavam, todos armados, alguns com baionetas, outros sem. O crepúsculo precoce do inverno já se fazia presente. De cabeça erguida, em colunas irregulares de quatro, sem música, sem tambores, eles caminhavam sobre a lama gelada. Uma bandeira vermelha, com dizeres grosseiramente bordados em dourado pedindo “Paz! Terra!”, tremulava sobre eles. Eram muito jovens. A expressão em seus rostos era de homens que sabiam que iriam morrer... Um tanto temerosa, um tanto indiferente, a multidão os espiava da calçada, vendo-os passar, em um silêncio odioso...

Na estação, ninguém sabia exatamente onde Kerenski se encontrava, nem onde estava o front. Os trens, porém, não podiam avançar para além de Tsarskoye.

Nosso vagão estava cheio de moradores dos subúrbios e de pessoas do interior voltando para casa, carregando pacotes ou jornais vespertinos. Só se falava no levante bolchevique. Afora isso, nada indicava que a guerra civil dividia a poderosa Rússia em duas e que o trem estava avançando em direção ao campo de batalha. Através da janela, pudemos ver, em meio à escuridão que se adensava rapidamente, massas inteiras de soldados seguindo ao longo da

estrada e discutindo com as armas em punho. Um trem de carga, lotado de tropas e iluminado por algumas fogueiras, estava estacionado em uma garagem. Era tudo o que conseguíamos ver. Atrás, no horizonte plano, o brilho das luzes da cidade desaparecia na escuridão da noite. Ao longe, um bonde lotado subia por uma ruazinha de subúrbio...

A estação de Tsarskoye Selo estava em silêncio, mas grupos de soldados podiam ser vistos aqui e ali conversando baixinho e observando ansiosamente o trilho vazio que avançava na direção de Gatchina. Perguntei a alguns deles de que lado estavam. “Bem”, disse um soldado, “não sabemos exatamente como estão as coisas... Não há dúvida de que Kerenski é um provocador, mas não achamos correto que russos atirem contra russos.”

A sala do comandante da estação era ocupada por um soldado comum, jovem, de barba, portando a braçadeira vermelha de algum comitê de regimento. Nossas credenciais, expedidas pelo Smolny, impuseram-lhe respeito imediato. Partidário dos soviets, sentia-se, porém, desorientado.

“Os Guardas Vermelhos estavam aqui até duas horas atrás, mas todos eles partiram. Um comissário esteve aqui de manhã, mas voltou para Petrogrado quando os cossacos chegaram.”

“Os cossacos, então, estão por aqui?”

Ele aquiesceu com um aspecto sombrio. “Houve uma batalha. Os cossacos chegaram de manhã bem cedo. Capturaram duzentos ou trezentos dos nossos e mataram uns vinte e cinco.”

“Onde estão os cossacos?”

“Bem, eles não vieram até aqui. Não sei exatamente onde estão. Em algum lugar para lá...”, disse ele, fazendo um gesto vago sinalizando para o oeste.

Jantamos no restaurante da estação, uma comida excelente, melhor e mais barata do que se podia conseguir em Petrogrado. Perto de nós sentou-se um oficial francês que acabara de chegar, a pé, de Gatchina. Tudo estava tranquilo ali, disse ele. Kerenski controlava a cidade. “Ah, esses russos”, continuou. “Eles são mesmo diferentes! Que guerra civil! Tudo menos o confronto direto!”

Saímos para andar pela cidade. Na porta da estação havia dois soldados com fuzis e baionetas fixas. Estavam cercados por uma centena de homens de negócio, funcionários do governo e estudantes, que se dirigiam a eles agressivamente, discutindo e lançando-lhes injúrias. Os soldados pareciam desconfortáveis e feridos, como crianças encurraladas injustamente.

Um jovem alto com expressão de desdém, vestido com uniforme de estudante, comandava os ataques.

“Vocês não percebem”, dizia ele insolentemente, “que, erguendo armas contra seus próprios irmãos, estão servindo de instrumento para os assassinos e traidores?”

“Escute, meu caro”, respondeu o soldado falando com franqueza, “você não entende. Há duas classes, percebe? O proletariado e a burguesia. Nós...”

“Ah, conheço essa conversa”, interrompeu o estudante, com grosseria. “Um bando de camponeses ignorantes como vocês ouve alguém latindo algumas palavras de ordem, mas não entendem o que elas querem dizer. Apenas as repetem como papagaios.” A multidão ria. “Eu estudo marxismo e lhes digo que não é pelo socialismo que vocês estão lutando, mas assim por uma anarquia claramente pró-alemães!”

“Ah, sim, eu sei”, retrucou o soldado, com o suor escorrendo-lhe pela testa. “Você é uma pessoa estudada, isso é fácil perceber,

enquanto eu sou um homem simples. Mas parece-me...”

“Você acredita mesmo...”, interrompeu-o o outro com desdém, “que Lênin é realmente um amigo do proletariado?”

“Sim, acredito”, respondeu o soldado, atormentado.

“Pois bem, meu amigo, você sabia que Lênin foi mandado pelos alemães em um vagão blindado? Sabia que Lênin recebeu dinheiro dos alemães?”

“Bem, não sei muita coisa sobre isso”, respondeu obstinadamente o soldado, “mas sinto que o que ele diz é o que eu quero ouvir, assim como todas as pessoas simples como eu. Existem duas classes, a burguesia e o proletariado...”

“Você é um estúpido! Saiba, meu amigo, que passei dois anos em atividades revolucionárias em Schlüsselburg enquanto você atirava contra os revolucionários e cantava ‘Deus proteja o tsar’! Chamo-me Vasili Georgevich Panyin. Nunca ouvir falar em mim?”

“Sinto dizer que nunca ouvi falar em você”, respondeu o soldado, humildemente. “Mas eu não sou um homem estudado. Você é, provavelmente, um grande herói.”

“Eu sou”, disse o estudante, convicto. “E sou contra os bolcheviques, que estão destruindo a nossa Rússia, a nossa Revolução livre. Como vocês explicam isso?”

O soldado coçou a cabeça. “Não tenho explicação nenhuma”, disse ele, fazendo uma careta no esforço de raciocinar. “Para mim, parece muito simples, mas, mais uma vez, eu não sou uma pessoa bem formada. Parece que existem duas classes, o proletariado e a burguesia...”

“Lá vem você de novo com essa fórmula idiota!”, exclamou o estudante.

“... apenas duas classes”, prosseguiu o soldado, obstinado. “E quem não está de um lado está do outro...”

Avançamos pela rua, onde a iluminação era muito fraca e havia poucos passantes. Um silêncio ameaçador pairava sobre a praça — como um purgatório entre o céu e o inferno, uma terra de ninguém em termos políticos. Apenas a barbearia estava iluminada e cheia de gente, e uma fila se formava diante das portas de um banheiro público; era sábado à noite, quando os russos se lavam e fazem a higiene pessoal. Eu não tinha a menor dúvida de que soldados soviéticos e cossacos se misturavam, ali, no cumprimento daquela espécie de ritual.

Quanto mais nos aproximávamos do Parque Imperial, mais vazias ficavam as ruas. Um padre assustado indicou-nos onde era o quartel-general do soviete, e logo saiu correndo. Era numa das alas de um palácio dos Grandes Duques, de frente para o parque. As janelas estavam às escuras, e a porta, trancada. Um soldado que andava por ali com as mãos na cintura olhou-nos de alto a baixo, profundamente desconfiado. “O soviete saiu daqui há dois dias”, disse ele. “Para onde?” Deu de ombros. “*Nié znayu*. Eu não sei.”

Um pouco mais adiante havia um longo edifício, todo iluminado. De dentro dele vinha um som de marteladas. Enquanto hesitávamos na calçada, apareceram um soldado e um marinheiro, de mãos dadas. Mostrei-lhes minha credencial do Smolny. “Vocês estão do lado dos sovietes?”, perguntei. Eles não responderam, mas trocaram olhares assustados.

“O que está acontecendo aí?”, perguntou o marinheiro, apontando para o edifício.

“Eu não sei.”

Timidamente, o soldado abriu a porta um pouquinho. Lá dentro, vimos uma grande sala decorada com bandeiras e plantas verdes, fileiras de cadeiras e várias pessoas construindo um palco.

Uma mulher corpulenta se aproximou de nós, com um martelo na mão e pregos de tapeçaria presos entre os lábios. “O que vocês querem?”, perguntou.

“Haverá alguma apresentação esta noite?”, perguntou o marinheiro, nervoso.

“Haverá uma apresentação fechada de teatro no domingo à noite”, respondeu ela, rudemente. “Deem o fora.”

Tentamos conversar com o marinheiro e o soldado, mas eles pareciam assustados e insatisfeitos, e desapareceram na escuridão.

Avançamos na direção dos Palácios Imperiais margeando os grandes e escuros jardins, com seus fantásticos pavilhões e suas pontes decorativas mal se distinguindo na noite, com águas saindo suavemente das fontes. Em um ponto, onde um ridículo cisne de ferro expelia um jato de água contínuo no fundo de uma gruta artificial, tive subitamente a sensação de que estávamos sendo observados e olhei para a frente, deparando com o olhar taciturno e desconfiado de meia dúzia de soldados enormes, armados, que nos observava soturnamente de um terraço cheio de plantas. Olhei na direção deles. “Quem são vocês?”, perguntei.

“Estamos de guarda”, respondeu um deles. Todos eles pareciam exaustos, e certamente estavam, após semanas seguidas de discussões e debates dia e noite.

“Vocês são tropas de Kerenski ou dos soviets?”

Instalou-se um silêncio por alguns instantes; eles trocaram olhares, embaraçados, até que um deles afirmou: “Somos neutros”.

Passamos sob o arco do enorme Palácio de Catarina, avançando para o pátio do palácio propriamente dito, perguntando pelo posto de comando. Uma sentinela, ao lado de uma porta numa ala branca e encurvada do edifício, informou que ele ficava ali dentro.

Numa sala elegante e branca, de estilo George III, dividida em partes de dimensões distintas por uma lareira dupla, havia um grupo de oficiais conversando ansiosamente. Estavam pálidos e agitados, e era evidente que não tinham dormido nada. Mostramos nossas credenciais bolcheviques a um homem mais velho, de barba branca, com uniforme todo agalado, que nos foi apresentado como sendo o coronel.

Ele pareceu surpreso. “Como conseguiram chegar vivos até aqui?”, perguntou educadamente. “Está muito perigoso andar pelas ruas. As paixões políticas estão muito exacerbadas neste momento aqui em Tsarskoye Selo. Houve uma batalha nesta manhã, e amanhã cedo haverá outra. Kerenski deve entrar na cidade às oito horas.”

“Onde estão os cossacos?”

“A cerca de um quilômetro e meio para lá”, disse, fazendo um gesto com o braço.

“E vocês defenderão a cidade contra eles?”

“Oh, meu caro, nada disso!”, sorriu. “Estamos guardando a cidade para Kerenski.” Nossos corações dispararam, pois nossas credenciais mostravam claramente que estávamos do lado revolucionário. O coronel pigarreou. “Com essas credenciais”, prosseguiu, “suas vidas estão em risco se forem presos. Por isso, se querem ver a batalha, darei a vocês autorização para ocuparem quartos no hotel dos oficiais, e, se voltarem para cá às sete da manhã, darei outras credenciais.”

“Então vocês estão a favor de Kerenski?”

“Bem, não exatamente *a favor* de Kerenski.” O coronel hesitou. “Vejam bem, a maioria dos soldados da guarnição é formada por bolcheviques, e hoje, depois da batalha, todos eles partiram em direção a Petrogrado, levando a artilharia com eles. Pode-se dizer que nenhum dos soldados é a favor de Kerenski, mas alguns deles não querem lutar de jeito nenhum. Os oficiais, quase todos, se aliaram às forças de Kerenski, ou simplesmente deram o fora. Como vocês podem ver, nós aqui... bem... estamos em uma situação muito difícil...”

Ele não acreditava que haveria batalhas...

O coronel, cortesmente, mandou que um de seus ordenanças nos acompanhasse até a estação de trem. Era do Sul, nascido de pais imigrantes franceses na Bessarábia. “Ah”, disse ele, “o que me preocupa não é o perigo ou as privações, mas sim o fato de já estar longe de minha mãe há três anos...”

Olhando pela janela do trem enquanto avançávamos velozmente pela escuridão da noite rumo a Petrogrado, vi grupos de soldados gesticulando em torno de fogueiras e grupos de blindados estacionados nas encruzilhadas, com seus condutores com o corpo para fora das pequenas bolhas, vociferando uns contra os outros.

Ao longo de toda essa turbulenta noite, grupos de soldados e de Guardas Vermelhos desprovidos de comando circulavam pela planície em meio a discussões e confusão, e os comissários do Comitê Militar Revolucionário corriam de um grupo para outro, tentando organizar a defesa...

De volta à cidade, uma maré humana se movia para cima e para baixo na avenida Nevski. Havia alguma coisa no ar. Tiros de canhão podiam ser ouvidos, vindos da direção da estação de ferro para Varsóvia. Nas escolas dos *yunkers*, a atividade era febril. Membros da

Duma circulavam entre as casernas, discutindo e fazendo discursos, contando histórias amedrontadoras sobre a violência dos bolcheviques — massacre de *yunkers* no Palácio de Inverno, estupro de mulheres de soldados, a bala acertada numa menina na frente da Duma, o assassinato do príncipe Tumanov... Na sala Alexandre do prédio da Duma, o Comitê de Salvação realizava uma sessão extraordinária; comissários saíam e entravam correndo... Todos os jornalistas expulsos do Smolny estavam ali, e bastante animados. Não acreditaram no que nós lhes contamos sobre a situação em Tsarstoye Selo. Como seria possível, se todos sabiam que Tsarskoye já estava nas mãos de Kerenski e que os cossacos estavam agora em Pulkovo? Uma comissão estava sendo eleita naquele instante para se encontrar com Kerenski na estação ferroviária na manhã seguinte...

Um deles me confidenciou, muito reservadamente, que a contrarrevolução teria início à meia-noite. Mostrou-me duas declarações, uma assinada por Gotz e por Polkolnikov, determinando que as escolas de *yunkers*, os soldados convalescentes nos hospitais e os Cavaleiros de São Jorge se colocassem a postos para a guerra à espera das ordens do Comitê de Salvação; a outra era do próprio Comitê de Salvação e dizia o seguinte:

À população de Petrogrado!

Camaradas, operários, soldados e cidadãos da Petrogrado revolucionária!

Os bolcheviques, ao mesmo tempo que pedem a paz no front, incitam a guerra civil na retaguarda.

Não cedam a seus apelos provocadores!

Não cavem trincheiras!

Acabem com as barricadas dos traidores!

Entreguem suas armas!

Soldados, retornem aos quartéis!

A guerra começou em Petrogrado — é a morte da Revolução!

Em nome da liberdade, da terra e da paz, unam-se ao Comitê de Salvação do País e da Revolução!

Quando deixamos a Duma, um batalhão de Guardas Vermelhos, os rostos rijos e assustados, surgiu marchando pela rua escura e deserta com uma dúzia de prisioneiros — membros do comitê local do Conselho de Cossacos, flagrados quando preparavam complôs contrarrevolucionários em suas casernas...

Um soldado, acompanhado de um menino com um balde de cola, afixava nos muros notícias alarmantes:

Em virtude da situação, a cidade de Petrogrado e seus subúrbios são declarados em estado de sítio. Todas as assembleias ou reuniões nas ruas, ou ao ar livre de modo geral, estão proibidas até segunda ordem.

N. PODVOISKI,
presidente do Comitê Militar Revolucionário

Quando voltamos para casa, sons confusos tomavam conta da atmosfera — buzinas de automóveis, gritos, tiros ao longe. A capital se agitava freneticamente, a pleno vapor.

Nas primeiras horas da manhã, uma companhia de *yunkers*, disfarçados de soldados do regimento de Semionovski, postou-se diante da central telefônica justo na hora da troca de guarda. Tinham a senha dos bolcheviques e assumiram o serviço sem despertar nenhuma suspeita. Poucos minutos mais tarde, Antonov apareceu, fazendo a ronda para inspecionar o local. Prenderam-no e o trancaram

em uma pequena sala. Ao chegar, o socorro foi recebido com uma salva de tiros de fuzis, e muitos foram mortos.

A contrarrevolução acabava de começar...

* Antiga medida russa para distâncias. Equivale a 1,067 km.

8. A contrarrevolução

Na manhã seguinte, domingo, dia 11, os cossacos entraram em Tsarskoye Selo, com o próprio Kerenski³⁸ montando um cavalo branco e os sinos das igrejas a tocar. Do alto de uma pequena colina nas cercanias da cidade, era possível ver as flechas douradas e as várias abóbadas de diversas cores, com a imensidão acinzentada da capital esparramando-se pela planície sombria, e depois dela as águas metálicas do Golfo da Finlândia.

Não houve nenhuma batalha. Mas Kerenski cometeu um erro fatal. Às sete da manhã, ele emitiu uma ordem ao 2º Regimento de Artilharia de Tsarskoye Selo para que seus integrantes depusessem as armas. Os soldados responderam que permaneceriam neutros, mas que não se desarmariam. Kerenski deu-lhes então dez minutos para obedecerem à ordem. Essa atitude irritou os soldados: fazia oito meses que agiam por conta própria, sob a orientação de seus comitês, e aquilo cheirava ao velho regime... Poucos minutos mais tarde, a artilharia dos cossacos abriu fogo contra as casernas, matando oito homens. A partir desse momento, não houve mais nenhum soldado “neutro” em Tsarskoye...

Petrogrado acordou ao som de tiros de fuzil e dos passos tonitruantes das marchas de soldados. Sob um céu alto e escuro, soprava um vento gelado com cheiro de neve. Ao amanhecer, o Hotel Militar e a Agência de Telégrafos haviam sido ocupados por forças numerosas de *yunkers*, e depois recapturados em conflitos sangrentos. A Central Telefônica estava cercada por marinheiros protegidos atrás de barricadas feitas com barris, caixas e panos cruzando a Morskaya,

ou que se abrigavam na esquina da Gorokhovaya com a praça Santo Isaac, atirando contra qualquer coisa que se movesse. De vez em quando, passava um automóvel, para cima ou para baixo, levando a bandeira da Cruz Vermelha. Os marinheiros os deixavam passar...

Albert Rhys Williams estava na Central Telefônica. Saiu dali em um desses carros da Cruz Vermelha, que levava vários feridos. Depois de circular pela cidade, o carro se dirigiu por ruas tortuosas à escola *yunker* Mikhailovski, quartel-general da contrarrevolução. No pátio, um oficial francês parecia estar no comando... Dessa forma é que a Central Telefônica era abastecida com munição e alimento. Muitas dessas supostas ambulâncias eram usadas no transporte de mensagens e de munição para os *yunkers*.

Cinco ou seis blindados, pertencentes à Divisão Britânica de Tanques Blindados, que se dispersara, estavam sob seu comando. Quando Louise Bryant caminhava ao longo da praça Santo Isaac, um deles surgiu vindo do almirantado em direção à Central Telefônica. Bem na frente dela, na esquina da Gógolia, a máquina parou. Alguns marinheiros que estavam escondidos atrás de pilhas de madeira começaram a atirar. A metralhadora sobre a pequena bolha do veículo começou a girar e a atirar indiscriminadamente na direção das pilhas de madeira e das pessoas. Na arcada onde se encontrava a srta. Bryant, sete pessoas foram atingidas mortalmente, entre elas dois meninos. De repente, ao som de um grito, os marinheiros se ergueram e saíram correndo em direção ao turbilhão que se formara; aproximando-se do monstro, enfiaram suas baionetas nos morteiros, várias vezes, enquanto gritavam... O condutor fingiu estar ferido, e deixaram-no partir — para correr, na verdade, até a Duma e enriquecer ainda mais a lenda das atrocidades bolcheviques. Entre os mortos havia um oficial britânico...

Os jornais depois informaram sobre um outro oficial francês preso em um blindado dos *yunkers* e mandado para a Fortaleza de Pedro e Paulo. A embaixada francesa logo desmentiu a notícia, mas um dos membros do Conselho da cidade contou-me que ele próprio agira para tirar o oficial da prisão...

Independentemente do posicionamento oficial das embaixadas dos Aliados, o fato é que oficiais franceses e britânicos estavam muito ativos naqueles dias, inclusive dando sugestões nas sessões executivas do Comitê de Salvação.

Durante todo o dia, em todos os cantos da cidade, deram-se escaramuças entre *yunkers* e Guardas Vermelhos e enfrentamentos entre blindados... ouviam-se, de diferentes distâncias, rajadas de tiros, detonações isoladas e a crepitação marcante das metralhadoras. As portas de ferro das lojas passaram o dia fechadas, mas dentro delas as vendas continuavam. Até mesmo as salas de cinema, embora com as luzes das fachadas apagadas, exibiam filmes em salas lotadas. Os bondes circulavam. Os telefones funcionavam; quando se ligava para a central, era possível ouvir pelo fio, nitidamente, o som de tiros... O Smolny estava sem comunicação, mas a Duma e o Comitê de Salvação estavam em contato permanente com todas as escolas *yunkers* e com Kerenski em Tsarskoye.

Às sete da manhã, a escola *yunker* Vladimir foi visitada por uma patrulha de soldados, marinheiros e Guardas Vermelhos, que deram aos *yunkers* vinte minutos para entregarem as armas. O ultimato foi rejeitado. Uma hora mais tarde, os *yunkers* estavam prontos para marchar, mas foram mandados de volta por uma violenta salva de tiros proveniente da esquina da Grebetskaya com a avenida Bolshói. Tropas soviéticas haviam cercado o edifício e abriram fogo, enquanto dois blindados se moviam diante deles com suas metralhadoras

disparando sem cessar em sua direção. Os *yunkers* pediram auxílio por telefone. Os cossacos responderam que não tinham como ir até lá, pois um grande destacamento de marinheiros com dois canhões impediam que deixassem suas casernas. A escola Pavlovski estava cercada. A maior parte dos *yunkers* da Mikhailov estava nas ruas lutando...

Às onze e meia, chegaram três peças de artilharia de campanha. Uma nova oferta de rendição foi recebida pelos *yunkers* com rajadas de metralhadoras, que levaram à morte dois dos delegados enviados pelo soviete com bandeiras brancas. Nesse momento, começou de fato o bombardeio. Grandes buracos foram abertos nos muros da escola. Os *yunkers* começaram a se defender desesperadamente; grupos inteiros de Guardas Vermelhos que avançavam ao assalto do edifício caíam atingidos pelas metralhadoras... Kerenski telefonou de Tsarskoye informando que rejeitava qualquer diálogo com o Comitê Militar Revolucionário.

Exasperados com a derrota e a quantidade de mortes, as tropas soviéticas abriram fogo com todas as forças, investindo contra o edifício já atingido. Nem mesmos seus próprios oficiais conseguiam controlar o terrível bombardeio. Um comissário do Smolny de nome Kirilov tentou contê-lo e acabou sendo ameaçado de linchamento. O sangue dos Guardas Vermelhos fervilhava.

Às duas e meia, os *yunkers* ergueram a bandeira branca; eles se entregariam mediante garantias de que teriam proteção, o que lhes foi prometido. Milhares de soldados avançaram aos gritos empurrando uns aos outros pelas janelas, portas e buracos abertos nas paredes. Cinco *yunkers* foram atingidos e feridos de morte antes que o movimento pudesse ser contido. Os outros, cerca de duzentos, foram levados sob escolta para a Fortaleza de Pedro e Paulo, em pequenos

grupos, para não chamar atenção. No trajeto, uma multidão cercou um dos grupos, matando mais oito *yunkers*... Mais de cem Guardas Vermelhos e soldados tinham tombado em conflitos...

Duas horas mais tarde, a Duma recebeu uma mensagem por telefone segundo a qual os vitoriosos estavam marchando na direção da Injinierny Zamok — escola de engenharia. Imediatamente, doze de seus membros começaram a distribuir maços inteiros com a mais recente declaração do Comitê de Salvação. Vários deles não retornaram... Todas as demais escolas se renderam sem resistência, e os *yunkers* foram todos mandados, sem armas, para a Pedro e Paulo e para Kronstadt...

A Central Telefônica resistiu até a tarde, quando um tanque blindado bolchevique apareceu e os marinheiros tomaram de assalto o edifício. Aterrorizadas, as telefonistas corriam para todos os lados com gritos agudos. Os *yunkers* arrancavam de seus uniformes todos os sinais distintivos; um deles chegou a oferecer a Williams *qualquer coisa* em troca de lhe emprestar o sobretudo, para poder se disfarçar com ele... “Eles vão nos massacrar! Eles vão nos massacrar!”, gritavam, pois muitos deles tinham dado a palavra, no Palácio de Inverno, de que não mais usariam armas contra o povo. Williams se ofereceu para atuar como mediador, com a condição de que Antonov fosse libertado, o que aconteceu imediatamente; Antonov e Williams discursaram para os marinheiros vitoriosos, inflamados pelas várias mortes sofridas — e mais uma vez os *yunkers* puderam sair livremente... com exceção de alguns que, apavorados, tentaram fugir pelos telhados ou se esconder nos forros e foram depois encontrados e trazidos de volta para a rua.

Exaustos, sangrando, triunfantes, os marinheiros e operários se dirigiram para ocupar a sala de operações; ao deparar ali com tantas

moças bonitas, recuaram e permaneceram por perto zanzando desajeitados. Nenhuma das telefonistas sofreu agressão ou foi insultada. Assustadas, aglomeraram-se nos cantos, e então, sentindo-se mais seguras, deram vazão ao que pensavam. “Ugh! Que gente suja e ignorante! Imbecis!”... Os marinheiros e Guardas Vermelhos estavam embaraçados. “Brutos! Porcos!”, gritavam as moças, indignadas, vestindo seus sobretudos e chapéus. Havia tido uma aventura romântica ao passar cartuchos para os *yunkers* e fazendo curativos nos ferimentos de seus brilhantes e jovens defensores, muitos dos quais descendiam de famílias nobres e lutavam para devolver ao trono seu bem-amado tsar. Agora, elas tinham diante de si apenas trabalhadores simples, camponeses, pessoas incultas.

O comissário do Comitê Militar Revolucionário, Vishniak, pequenino de estatura, tentou convencer as moças a permanecerem ali. Foi ostensivamente educado. “Vocês têm sido maltratadas”, disse. “O sistema telefônico é controlado pela Duma Municipal. Vocês recebem seis rublos por mês e têm de trabalhar dez horas ou mais... A partir de agora, tudo isso vai mudar. O governo pretende colocar os telefones sob o controle do Ministério dos Correios e Telégrafos. A remuneração de vocês irá aumentar imediatamente para cento e cinquenta rublos, com redução nas horas trabalhadas. Como parte da classe operária, vocês deveriam ficar felizes com isso...”

Parte da *classe operária*? O que é isso? Será que ele quer dizer que existe alguma coisa em comum entre esses... esses animais e nós? Continuar? Nem que oferecessem mil rublos!... Assim, altivas e iradas, as telefonistas deixaram o local...

Os funcionários do edifício, tal como os instaladores de linha e auxiliares, ficaram ali. Mas as mesas de operação precisavam ser ativadas — o telefone era algo vital... Apenas uma meia dúzia de

operadoras treinadas estava disponível. Chamados a ajudar, cerca de cem voluntários atenderam, entre marinheiros, soldados, operários. As seis moças andavam de um lado para o outro, orientando, ajudando, corrigindo... Assim, vacilantes, com interrupções, mas *seguindo em frente*, as linhas foram pouco a pouco retomadas. A primeira tarefa era conectar o Smolny com as casernas e as fábricas; a segunda, interromper a comunicação da Duma e das escolas dos *yunkers*... No final da tarde, esse fato se espalhou pela cidade, e centenas de burgueses ligaram em protesto dizendo “Imbecis! Demônios! Quanto tempo vocês acham que irão durar? Aguardem até os cossacos aparecerem!”.

Chegava o crepúsculo. Na quase deserta Nevski, varrida por um vento gelado, uma multidão se concentrava na frente da catedral de Kazan, prosseguindo em suas discussões intermináveis; eram alguns poucos operários, soldados, comerciantes, funcionários e outros.

“Mas Lênin não pode forçar a Alemanha a fazer a paz!”, exclamou um deles.

Um soldado jovem e agressivo retrucou: “E quem conseguiria isso? O seu maldito Kerenski, seu burguês sujo! Que Kerenski vá para o inferno! Não queremos saber dele! Queremos Lênin...”.

Em frente à Duma, um oficial com uma braçadeira branca arrancava cartazes dos muros, exclamando em altos brados. Em um desses cartazes, podia-se ler o seguinte:

À população de Petrogrado!

Nesta hora de perigo, em que a Duma Municipal deveria usar de todos os meios para tranquilizar a população e garantir o fornecimento de pão e outros produtos de primeira necessidade, os Socialistas Revolucionários de Direita e o *Cadete*, abandonando

seu dever, transformaram a Duma em uma assembleia contrarrevolucionária, procurando jogar uma parte da população contra a outra, de modo a facilitar a vitória de Kornilov-Kerenski. Em vez de cumprir com seu dever, os Socialistas Revolucionários de Direita e o *Cadete* transformaram a Duma em um palco de ataques políticos contra os Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses, contra o governo revolucionário da paz, do pão e da liberdade.

Cidadãos de Petrogrado, nós, os vereadores bolcheviques eleitos por vocês, queremos que todos saibam que os Socialistas Revolucionários de Direita e o *Cadete* estão engajados na ação contrarrevolucionária, deixando seus deveres para trás, abandonando a população à fome e à guerra civil. Nós, eleitos com 183 mil votos, consideramos nosso dever chamar a atenção de nossos eleitores para aquilo que está acontecendo na Duma e declaramos que não podemos nos responsabilizar por suas terríveis e inevitáveis consequências...

De tempos em tempos, ouviam-se ainda alguns tiros, mas a cidade estava em silêncio, fria, como que extenuada após os violentos espasmos de que fora acometida.

Na sala Nicolai da Duma, a sessão caminhava para o final. Até mesmo a truculenta Duma parecia um tanto desamparada. Os comissários seguiam-se uns aos outros nos relatos do dia — a perda da Central Telefônica, os conflitos de rua, a tomada da escola Vladimir... “A Duma”, disse Trupp, “está do lado da democracia em sua luta contra a violência arbitrária; mas em qualquer caso, qualquer que seja o lado vitorioso, a Duma sempre será contrária aos linchamentos e à tortura...”

Konovsky, um *Cadete*, homem alto e velho com um rosto cruel: “Quando as tropas do governo legal chegarem a Petrogrado, fuzilarão esses insurgentes, e assim não haverá nenhum linchamento!”. Protestos em toda a sala, vindos inclusive de seu próprio partido.

Pairavam no ar a dúvida e o desânimo. A contrarrevolução estava sendo derrotada. O Comitê Central do Partido Socialista Revolucionário aprovou uma moção de desconfiança em relação a seus dirigentes; a ala esquerda assumira o controle; Aksentiev renunciara. Um mensageiro informou que o Comitê de Recepção enviado para receber Kerenski na estação de trem tinha sido preso. Nas ruas, podia-se ouvir, vindo do sul e do sudoeste, o som surdo de tiros de canhão. E Kerenski não chegava...

Apenas três jornais saíram — o *Pravda*, o *Dielo Naroda* e o *Novaya Zhizn*. Todos eles dedicavam grande espaço ao novo governo de “coalizão”. O jornal dos socialistas revolucionários pregava um gabinete sem membros do *Cadete* nem bolcheviques. Górkki se mostrava esperançoso; o Smolny fizera algumas concessões. Um governo socialista puro tomava forma — com todos juntos, menos a burguesia. Já o *Pravda* escarnecia:

É ridícula essa coalizão com partidos políticos cujos membros mais proeminentes são jornalistas insignificantes de reputação duvidosa; nossa “coalizão” é a do proletariado e do Exército revolucionário com os camponeses pobres...

Nos muros, lia-se a altiva declaração do *Vikzhel*, ameaçando fazer greve caso os dois lados não chegassem a algum acordo:

Os grandes vencedores desses levantes, os redentores da devastação de nosso país, não serão os bolcheviques nem o Comitê de

Salvação, tampouco as tropas de Kerenski — mas sim nós, o Sindicato dos Ferroviários...

Os Guardas Vermelhos são incompetentes para levar adiante um negócio tão complicado como as estradas de ferro; quanto ao Governo Provisório, este já mostrou ser incompetente para administrar o poder...

Recusamo-nos a prestar nossos serviços a qualquer partido que não esteja atuando sob a autoridade de... um governo baseado na confiança de toda a democracia...

O Smolny vibrava com a incansável vitalidade de um número incontável de homens em ação.

Na sede do sindicato, Lozovski me apresentou um delegado dos ferroviários da linha Nicolai, que contou que seus companheiros estavam organizando grandes assembleias para repudiar a atitude de seus dirigentes.

“Todo poder aos soviets!”, exclamou ele, dando um soco na mesa. “Os *oborontsi* do Comitê Central estão fazendo o jogo de Kornilov. Eles tentaram enviar uma comissão ao Estado-Maior, mas nós a detivemos em Minsk... Nosso setor pediu a realização de uma convenção nacional russa, mas eles se recusaram a convocá-la...”

Era a mesma situação nos soviets e nos comitês do Exército. Uma após as outras, as diversas organizações democráticas, em toda a Rússia, dividiam-se e passavam por modificações. As cooperativas sofriam com lutas internas; as reuniões do Comitê Executivo dos Soviets Camponeses acabavam em disputas tempestuosas; mesmo entre os cossacos havia dificuldades...

No andar superior, o Comitê Militar Revolucionário avançava a pleno vapor, atirando para todos os lados. Homens chegavam ali a

todo instante, bem-dispostos e vigorosos; dia após dia, noite após noite, introduziam-se naquela máquina terrível, dali saindo quebrados, extenuados, sem voz e imundos, apenas para cair e adormecer no próprio chão... O Comitê de Salvação foi considerado fora da lei. Pilhas enormes de papéis com novas proclamações³⁹ cobriam o chão:

Os conspiradores, que não contam com nenhum apoio na guarnição nem entre os operários, apostavam unicamente na surpresa de seu ataque. O plano foi desvendado a tempo pelo subtenente Blagonravov, graças à vigilância revolucionária de um soldado da Guarda Vermelha, cujo nome deveria se tornar conhecido. O coração do complô era o Comitê de Salvação. No comando de suas forças estava o coronel Polkovnikov, e as ordens eram assinadas por Gotz, ex-membro do Governo Provisório, libertado depois de dar sua palavra de honra...

Ao mesmo tempo que comunica esses fatos à população de Petrogrado, o Comitê Militar Revolucionário ordena a prisão de todos os envolvidos na conspiração, os quais passarão pelo Tribunal Revolucionário...

Chegava de Moscou a notícia de que os *yunkers* e os cossacos cercavam o Kremlin e que tinham dado ordem às tropas soviéticas para que entregassem suas armas. As forças soviéticas concordaram e, quando deixavam o Kremlin, foram atacadas mortalmente. Pequenos grupos bolcheviques que ocupavam os escritórios das centrais telefônica e de telégrafos foram desalojados; os *yunkers* agora controlavam o centro da cidade... Mas em torno deles agrupavam-se as tropas soviéticas. Pouco a pouco, aumentavam os conflitos de rua; todas as tentativas de acordo tinham fracassado... Do lado dos soviets, 10 mil soldados da guarnição e alguns Guardas Vermelhos;

do lado do governo, 6 mil *yunkers*, 2500 cossacos e 2 mil Guardas Brancos.

O Soviete de Petrogrado estava em sessão; na sala vizinha, o novo *Tsik* examinava decretos e mandatos⁴⁰ que chegavam diretamente, em fluxo contínuo, do Conselho dos Comissários do Povo, reunido no andar de cima. Regulamentação sobre a aprovação e publicação de leis, estabelecimento de jornada de oito horas para os trabalhadores, e as “Bases para um Sistema de Educação Popular”, de Lunatcharski. Poucas centenas de pessoas, a maioria delas armada, estavam presentes nas duas reuniões. O Smolny estava quase vazio, com exceção dos guardas que, perto das janelas do saguão, montavam as metralhadoras para a proteção das laterais do edifício.

No *Tsik*, usava da palavra um delegado do *Vikzhel*:

“Recusamo-nos a transportar tropas dos dois lados em conflito... Mandamos uma comissão até Kerenski para informá-lo de que, caso ele continue avançando em direção a Petrogrado, cortaremos suas linhas de comunicação...”

Em seguida, fez a mesma pregação de sempre, em defesa de uma conferência de todos os partidos socialistas para a formação de um novo governo...

Kamenev respondeu-lhe circunspecto. Os bolcheviques teriam muito prazer em participar de tal conferência. A questão central, porém, não estaria na composição desse governo, mas na aceitação, por parte dele, do programa aprovado pelo Congresso dos Sovietes... O *Tsik* havia debatido a declaração proposta pelos Socialistas Revolucionários de Esquerda e pelos Social-Democratas Internacionalistas e aprovara a ideia de uma representação proporcional na conferência, incluindo até mesmo delegados dos Comitês do Exército e dos Sovietes de Camponeses...

Na grande sala, Trótski repassava os acontecimentos do dia.

“Oferecemos aos *yunkers* da [escola] Vladímir a oportunidade de se entregarem”, disse. “Queríamos resolver os problemas sem derramamento de sangue. Mas, agora que o sangue já foi derramado, só resta um caminho: a luta impiedosa. Seria infantilidade achar que podemos vencer por outros meios... Trata-se de um momento decisivo. Todos devem cooperar com o Comitê Militar Revolucionário, informando onde existem estoques de arames farpados, combustível, armas... Nós conquistamos o poder, agora precisamos mantê-lo!”

O menchevique Yoffe tentou ler a moção de seu partido, mas Trótski se recusou a abrir um “debate sobre princípios”.

“Nossos debates, agora, estão acontecendo nas ruas”, exclamou. “O passo decisivo já foi dado. Todos nós, e eu em particular, assumimos a responsabilidade pelo que está acontecendo...”

Soldados do front e de Gatchina relataram suas histórias. Disse o representante do Batalhão da Morte do 481º Regimento da Artilharia: “Quando os homens nas trincheiras souberem o que está acontecendo, eles gritarão ‘Este é o *nosso* governo!’”. Um *yunker* de Peterhof disse que ele e outros dois tinham se recusado a marchar contra os soviets; e, quando seus companheiros voltaram após a queda do Palácio de Inverno, elegeram-no como comissário para ir ao Smolny e oferecer os seus préstimos à *verdadeira* Revolução...

Trótski retomou então a palavra, exultante, incansável, dando orientações, respondendo a perguntas.

“A burguesia infame, visando derrotar os operários, soldados e camponeses, faria um pacto com o próprio demônio!”, afirmou. Vários casos de embriaguez tinham sido verificados nos últimos dois dias. “Não devemos beber, camaradas! Ninguém deve ficar nas ruas

depois das oito da noite, a não ser os guardas regulares. Todos os lugares suspeitos de guardar bebida alcoólica serão investigados e terão seus estoques destruídos.⁴¹ Nenhuma piedade para com os vendedores de bebidas alcoólicas...”

O Comitê Militar Revolucionário convocou uma delegação da seção de Viborg e, depois, representantes da Putilov. Todos apareceram ruidosa e rapidamente.

“Para cada revolucionário morto”, disse Trótski, “mataremos cinco contrarrevolucionários!”

De volta ao centro. A Duma estava toda iluminada, com uma enorme multidão amontoadada em seu interior. No saguão térreo, lamentos e gritos de dor; a turba andava para lá e para cá diante do quadro de avisos, onde fora afixada a relação de *yunkers* assassinados nos conflitos do dia — ou supostamente assassinados, pois a maioria desses nomes depois apareceu sã e salva... No andar de cima, na sala Alexandre, o Comitê de Salvação continuava atuante. Podiam-se ver as ombreiras douradas e vermelhas dos oficiais, os rostos conhecidos dos intelectuais mencheviques e socialistas revolucionários, os olhos duros e a pompa dos banqueiros e diplomatas, oficiais do velho regime e mulheres elegantes...

As moças da Central Telefônica estavam dando seu depoimento, sucedendo-se na tribuna. Mocinhas com roupas inapropriadas para a ocasião, imitando a moda, com os rostos contraídos e sapatos com sola furada. Uma após a outra, ficavam prazerosamente coradas diante dos aplausos das pessoas de “bem” de Petrogrado, dos oficiais, dos ricos, dos grandes nomes da política — umas após as outras, narrando seus sofrimentos nas mãos do proletariado, proclamando sua lealdade a tudo que fosse antigo, estabelecido e poderoso...

A Duma estava mais uma vez reunida na sala Nicolai. Otimista, o prefeito afirmou que os regimentos de Petrogrado estavam envergonhados de seus atos; a propaganda gerava frutos.

Mensageiros iam e vinham trazendo notícias dos feitos horríveis dos bolcheviques, intercedendo para salvar *yunkers*, recolhendo informações...

“Os bolcheviques”, disse Trupp, “serão conquistados pela força moral, não com o uso de baionetas...”

Enquanto isso, nem tudo andava bem no front revolucionário. O inimigo trouxera trens blindados carregados de canhões. As forças soviéticas, em sua maioria Guardas Vermelhos inexperientes, estavam carentes de comando e sem planos de ação definidos. Somente 5 mil soldados regulares tinham se juntado a eles; o restante da guarnição estava ou ocupado reprimindo a revolta dos *yunkers*, patrulhando a cidade, ou então indeciso em relação ao que fazer. Às dez horas da noite, Lênin tomou a palavra em uma assembleia de delegados dos regimentos da capital, que votaram maciçamente a favor da luta. Uma comissão com cinco soldados foi eleita para funcionar como Estado-Maior, e nas primeiras horas da madrugada, depois de acertarem seus planos, os regimentos deixaram as casernas... Ao voltar para casa, vi-os passarem, com a marcha cadenciada de velhos combatentes, os fuzis perfeitamente alinhados, avançando pelas ruas desertas da cidade conquistada...

Ao mesmo tempo, na sede do *Vikzhel*, na Sadovaya, realizava-se a conferência de todos os partidos socialistas para formar um novo governo. Abramovitch, falando pelos mencheviques de centro, dizia que não deveria haver nem vencedores nem vencidos, que o que passou passou... Todas as alas de esquerda dos partidos concordavam com isso. Em nome dos mencheviques de direita, Dan propôs uma

trégua aos bolcheviques, com as seguintes condições: desarmamento da Guarda Vermelha e colocação da guarnição de Petrogrado sob o comando da Duma; as tropas de Kerenski não darão nem um tiro sequer, nem prenderão ninguém; formação de um gabinete com todos os partidos socialistas, com exceção dos bolcheviques. Em nome do Smolny, Riazanov e Kamenev declararam que seria admissível um ministério de coalizão com todos os partidos, mas protestaram contra a proposta de Dan. Os socialistas revolucionários ficaram divididos; mas o Comitê Executivo dos Sovietes de Camponeses e os socialistas populistas rechaçavam claramente qualquer participação dos bolcheviques... Depois de uma dura discussão, elegeu-se uma comissão para elaborar uma proposta que fosse aceitável...

Essa comissão discutiu arduamente a noite toda, o dia inteiro seguinte e mais uma noite. Um esforço de conciliação semelhante já tinha sido realizado no dia 9 de novembro sob a liderança de Martov e Górkí; mas, diante da aproximação de Kerenski e das ações do Comitê de Salvação, a ala direita dos mencheviques, os socialistas revolucionários e os socialistas populistas subitamente se afastaram da negociação. Agora, mostravam-se aterrorizados diante do esmagamento da rebelião *yunker*...

A segunda-feira, 12, foi um dia de incertezas. Todos os olhos da Rússia se voltavam para a extensão acinzentada que se espalhava por trás das portas de Petrogrado, onde toda a força ainda existente da velha ordem enfrentava o poder desorganizado do novo, do desconhecido. Em Moscou, uma trégua havia sido declarada; os dois lados dialogavam, aguardando os resultados da capital. Os delegados do Congresso dos Sovietes, que antes viajavam em trens velozes para os rincões mais distantes da Ásia, voltavam para casa, levando sua

mensagem. A notícia do milagre se espalhava por círculos cada vez mais amplos em todo o país, agitando, à sua passagem, cidades, vilarejos e aldeias, os sovietes e Comitês Militares Revolucionários contra Dumas, zemstvos e comissários do governo — Guardas Vermelhas contra Guardas Brancos —, com conflitos de rua e discussões inflamadas... O resultado dependia das notícias que chegariam de Petrogrado...

O Smolny estava quase deserto, mas a Duma, lotada, se encontrava em plena agitação. O velho prefeito, com seu modo digno de se comportar, protestava contra o apelo lançado pelos vereadores bolcheviques.

“A Duma não é um centro da contrarrevolução”, dizia ele, acaloradamente. “A Duma não toma partido na atual luta travada entre os partidos. No entanto, numa situação em que não exista nenhum poder legal estabelecido, o único poder regular é o Governo Municipal Autônomo. A população pacífica reconhece esse fato; as embaixadas estrangeiras só reconhecem os documentos assinados pelo prefeito da cidade. A mente de um europeu não admite nenhum outro tipo de situação, visto que o Governo Municipal Autônomo é o único órgão capaz de proteger os interesses dos cidadãos. A cidade tem o dever de oferecer hospitalidade a todas as organizações que desejem usufruir essa hospitalidade, razão pela qual a Duma não pode proibir a distribuição de nenhum jornal em sua sede. A esfera de nossa ação está se ampliando e precisamos ter liberdade total de atuação, nossos direitos devem ser respeitados por ambos os partidos...”

“Somos absolutamente neutros. Quando a Central Telefônica foi ocupada pelos *yunkers*, o coronel Polkovnikov mandou que as linhas do Smolny fossem totalmente cortadas, mas eu protestei, e os telefones continuaram a funcionar...”

Nesse momento, surgiram risadas irônicas do lado dos bolcheviques e protestos da direita.

“Ainda assim”, prosseguiu Schneider, “acusam-nos de contrarrevolucionários e nos denunciam à população. Privam-nos de meios de transporte ao se apropriarem de nossos últimos veículos. Não será culpa nossa se a fome se espalhar por Petrogrado. Protestos são inúteis...”

Kobozev, membro bolchevique da Duma, questionou que o Comitê Militar Revolucionário tivesse requisitado os veículos da câmara. Mesmo que assim fosse, a medida provavelmente teria sido executada por algum indivíduo desautorizado em situação de emergência.

“O prefeito”, continuou, “diz que não devemos transformar a Duma em uma arena política. Mas tudo o que os mencheviques e os socialistas falam aqui não passa de propaganda partidária, e além disso distribuem na porta seus jornais clandestinos, *Iskri* (Centelha), *Soldatski Golos* e *Rabochaya Gazeta*, incitando a insurreição. E se nós, bolcheviques, também distribuíssemos nossos jornais aqui? Mas isso não acontecerá, pois respeitamos a Duma. Não atacamos até agora o Governo Municipal Autônomo, e não vamos fazê-lo. Mas vocês lançaram um apelo à população, e nós temos o direito de fazer o mesmo...”

Pronunciou-se em seguida Shingariov, do *Cadete*, dizendo que era impossível falar a mesma língua de quem tivera merecidamente de passar pelas mãos do procurador-geral e que teria de ser julgado de traição. Mais uma vez, propôs que os bolcheviques fossem expulsos da Duma. A moção foi, porém, rejeitada, pois não havia nenhuma acusação pessoal contra eles, que, além disso, eram membros ativos da administração municipal.

Falaram em seguida dois mencheviques internacionalistas, declarando que o apelo proposto pelos vereadores bolcheviques era um incitamento direto ao massacre. “Se tudo que for contra os bolcheviques é contrarrevolucionário”, disse Pinkevich, “então não sei qual é a diferença entre revolução e anarquia... Os bolcheviques se apoiam nas paixões das massas sublevadas; nós temos apenas nossa força moral. Repudiaremos quaisquer massacres ou agressões de ambas as partes, pois nossa tarefa é encontrar uma saída pacífica para a situação.”

“O manifesto distribuído nas ruas sob o título ‘Ao pelourinho!’, que conclama o povo a acabar com os mencheviques e os socialistas revolucionários”, afirmou Nazarev, “é um crime do qual vocês, bolcheviques, nunca poderão se livrar. Os horrores de ontem são apenas um anúncio do que virá por causa dessa declaração... Sempre tenho procurado estabelecer uma conciliação entre vocês e os demais partidos, mas agora tudo o que sinto por vocês é desprezo!”

Os vereadores bolcheviques estavam de pé, gritando, irados, cercados de vozes roucas, furiosas e braços agitados.

Do lado de fora, encontrei o engenheiro municipal, Gomberg, menchevique, com mais três ou quatro repórteres. Estavam todos de excelente humor.

“Está vendo?”, disseram. “Os covardes estão com medo de nós. Não têm coragem de prender a Duma! O Comitê Militar Revolucionário deles não se atreve a mandar um representante para cá. Há pouco, vi na Sadovaya um Guarda Vermelho tentando impedir um garoto de vender o *Soldatski Golos*... O menino simplesmente riu na cara dele, e uma multidão queria linchar o bandido. É uma questão de horas. Mesmo que Kerenski não chegue, eles já não têm homens

para tocar um governo. É um absurdo! Ouvi dizer que estão brigando internamente no próprio Smolny!”

Um socialista revolucionário amigo meu puxou-me de lado. “Sei onde o Comitê de Salvação está escondido”, disse ele. “Quer ir lá e falar com eles?”

Era hora do crepúsculo. A cidade retomara a normalidade — as portas de ferro das lojas estavam abertas, as luzes acesas, multidões iam e vinham pelas ruas lentamente, discutindo.

No número 86 da Nevski, penetramos por uma passagem que dava para um pátio cercado por prédios residenciais. Meu amigo bateu, de um modo muito particular, na porta do apartamento 229. Ouvi sons de passos se arrastando, de uma porta interna batendo, até que a porta externa se entreabriu e um rosto de mulher apareceu. Depois de nos examinar por alguns instantes, nos deixou entrar. Tinha um olhar plácido, de mulher de meia-idade, e de repente gritou: “Kyril, está tudo bem!”. Na sala de jantar, onde um samovar ocupava o centro da mesa e havia alguns pratos com pães e peixe defumado, um homem uniformizado surgiu de trás da cortina de uma janela, e um outro, com traje de operário, saiu de um cubículo. Estavam felizes por encontrar um repórter norte-americano. Ambos disseram, não sem um tom de satisfação, que seriam certamente mortos se os bolcheviques os pegassem. Não me diriam seus nomes, mas os dois eram socialistas revolucionários...

Perguntei-lhes: “Por que vocês publicam essas inverdades em seus jornais?”.

Sem se mostrar ofendido, o oficial respondeu: “Sim, eu sei disso, mas o que é que nós podemos fazer?”. Deu de ombros. “Você há de admitir que é preciso criar certo tipo de estado de espírito no povo...”

O outro o interrompeu. “Tudo isso não passa de uma aventura dos bolcheviques. Eles não têm cabeças pensantes... Os ministérios ficarão paralisados... A Rússia não é uma cidade, mas um país inteiro... Percebendo que só conseguirão segurar o poder por alguns poucos dias, decidimos dar apoio à força mais poderosa de oposição — Kerenski — e ajudar a restabelecer a ordem.”

“Perfeito”, eu disse, “mas por que estão se aliando ao *Cadete*?”

O pseudo-operário sorriu abertamente. “Para lhe dizer a verdade, neste momento as massas populares estão com os bolcheviques. Nós, agora, não temos seguidores. Não conseguiríamos mobilizar nem meia dúzia de soldados. Não há armas... Em certa medida, os bolcheviques têm razão; neste momento, só existem dois partidos com alguma força: os bolcheviques e os reacionários, que se abrigam sob o guarda-chuva do *Cadete*. Depois de acabarmos com os bolcheviques, aí sim enfrentaremos o *Cadete*...”

“Os bolcheviques serão admitidos no novo governo?”

Ele coçou a cabeça. “Bem, esse é um problema”, admitiu. “Claro que, se não forem incluídos, farão tudo isso de novo. De qualquer maneira, eles terão a possibilidade de virar a balança do poder na Constituinte — isso, se *houver* uma Constituinte.”

“Isso leva também”, disse o oficial, “a nos perguntarmos se os membros do *Cadete* seriam admitidos no novo governo — pelas mesmas razões. Você sabe que, na verdade, o *Cadete* não quer a Assembleia Constituinte, sobretudo se os bolcheviques puderem ser destruídos de imediato.” Ele balançou a cabeça. “A política não é uma coisa fácil para nós, os russos. Vocês, norte-americanos, já nasceram dentro da política; vivenciaram a política a vida inteira. Mas nós...”

“O que acham de Kerenski?”, perguntei.

“Oh, Kerenski é o grande responsável por todos os pecados cometidos pelo Governo Provisório”, respondeu o outro. “Foi o próprio Kerenski quem nos forçou a aceitar a coalizão com a burguesia. Se tivesse renunciado, como chegou a ameaçar fazer, criaria uma nova crise de gabinete a apenas quatro meses da Assembleia Constituinte, e nós queríamos evitar isso.”

“Mas as coisas não acabaram levando a isso de qualquer maneira?”

“Sim, mas como poderíamos saber? Eles, os Kerenskis e Avksentievs, nos enganaram. Gotz é um pouco mais à esquerda. De minha parte, estou com Tchernov, que é um verdadeiro revolucionário... Só hoje Lênin fez saber que não se oporia à entrada de Tchernov no governo.

“Também queríamos nos livrar do governo de Kerenski, mas achávamos melhor aguardar a Constituinte... No começo de tudo eu estava com os bolcheviques, mas o comitê central do meu partido votou por unanimidade contra isso, e o que eu podia fazer? Era uma questão de disciplina partidária...”

“Daqui a uma semana o governo bolchevique estará desmantelado; se os socialistas revolucionários conseguissem se manter quietos, de lado, o governo então cairia naturalmente em nossas mãos. O problema é que em uma semana o país estará tão desorganizado, que os imperialistas alemães é que sairão vitoriosos. Foi por isso que iniciamos nosso levante com apenas dois regimentos de soldados nos prometendo apoio — e eles ainda se viraram contra nós... Sobraram, então, apenas os *yunkers*...”

“E os cossacos?”

O oficial suspirou. “Eles não se mexeram. Inicialmente, haviam dito que se juntariam a nós se tivessem algum apoio na infantaria.

Disseram, além disso, que tinham homens deles com Kerenski e que estavam fazendo a parte deles. Depois, disseram também que os cossacos sempre tinham sido acusados de ser inimigos históricos da democracia... E, por fim, que ‘os bolcheviques prometeram não tocar nas nossas terras e que não correremos risco. Resolvemos ficar neutros’.”

Durante nossa conversação, pessoas entravam e saíam a todo momento, a maioria delas oficiais com as ombreiras retiradas. Podíamos vê-los e ouvir o sussurro animado de suas vozes no vestíbulo. De vez em quando, por uma brecha numa cortina, era possível enxergar uma porta que dava para um banheiro, onde um oficial corpulento com uniforme de coronel estava sentado sobre o vaso sanitário escrevendo alguma coisa em um caderno que apoiava nos joelhos. Reconheci o coronel Polkovnikov, ex-comandante de Petrogrado, por cuja prisão o Comitê Militar Revolucionário pagaria uma fortuna.

“Nosso programa?”, disse o oficial. “É o seguinte. A terra deve ser devolvida aos Comitês Rurais. Os operários devem ser representados plenamente no controle das fábricas. Um programa firme de paz, mas não um ultimato internacional como fizeram os bolcheviques. Os bolcheviques não têm como cumprir as promessas que fizeram às massas, nem mesmo dentro do país. Nós os impediremos... Eles roubaram nosso programa para a terra para obter o apoio dos camponeses. Isso é desonesto. Se tivessem esperado pela Assembleia Constituinte...”

“A questão não é a Assembleia Constituinte!”, interrompeu o outro. “Se os bolcheviques pretendem instituir aqui um Estado socialista, não podemos trabalhar com eles em nenhum terreno! Kerenski cometeu o erro maior. Permitiu que os bolcheviques

soubessem o que ele iria fazer ao anunciar no Conselho da República que mandaria prendê-los...”

“O que vocês pretendem fazer agora?”, perguntei.

Os dois se entreolharam. “Em alguns dias você verá. Se houver tropas suficientes do front do nosso lado, não transigiremos com os bolcheviques. Caso contrário, seremos forçados a...”

De volta à Nevski, saltamos para o degrau de apoio de um bonde lotado de gente, com a plataforma pendendo para um lado de tanto peso, quase raspando no chão e avançando numa lentidão agônica ao longo dos vários quilômetros até o Smolny.

Meshkovski, um homenzinho delicado e de aspecto asseado, andava com ar preocupado pelo saguão. As greves nos ministérios, contou-nos, começavam a surtir efeito. O Conselho de Comissários do Povo, por exemplo, prometera divulgar os tratados secretos, mas Neratov, o funcionário encarregado disso, desaparecera levando consigo os documentos. Supunha-se que estivessem escondidos na embaixada britânica.

A pior de todas, porém, era a greve nos bancos. “Sem dinheiro”, dizia Menzhinski, “ficamos impotentes. Os salários dos ferroviários e dos funcionários dos telégrafos precisam ser pagos... Os bancos estão fechados; e o ponto central, o Banco do Estado, também está fechado. Todos os funcionários dos bancos públicos foram subornados para paralisar o trabalho...”

“Mas Lênin expediu uma ordem para dinamitar o subsolo do Banco do Estado, e acaba de sair um decreto que obriga os bancos privados a abrirem amanhã, e, caso não o façam, nós mesmos os abriremos!”

O Soviete de Petrogrado vivia uma enorme agitação, lotado de homens armados. Trótski relatava:

“O cossacos estão recuando de Krasnoye Selo” (aclamações fortes e exultantes). “Mas a batalha está apenas começando. Conflitos pesados se desenrolam em Pulkovo. Todas as forças disponíveis devem se dirigir rapidamente para lá...”

“Más notícias de Moscou. O Kremlin está nas mãos dos *yunkers*, e os operários contam com pouco armamento. O resultado depende de Petrogrado.

“No front, os Decretos sobre a Paz e sobre a Terra provocam grande entusiasmo. Kerenski está percorrendo as trincheiras contando mentiras sobre Petrogrado estar coberta de fogo e sangue, de mulheres e crianças massacradas pelos bolcheviques. Mas ninguém acredita nele...”

“Os cruzadores *Oleg*, *Avrora* e *Respublika* estão ancorados no Neva, com seus canhões apontados para a cidade.”

“Por que você não está lá junto com os Guardas Vermelhos?”, perguntou uma voz rouca.

“Estou indo agora”, respondeu Trótski, deixando a tribuna. Com o rosto ligeiramente mais pálido do que de costume, avançou pela lateral da sala, cercado por aliados apressados, em direção a um automóvel que o aguardava.

Falava, agora, Kamenev, descrevendo o andamento da conferência de conciliação. As condições do armistício proposto pelos mencheviques, disse ele, foram rejeitadas com desprezo. Até mesmo os setores ligados ao Sindicato dos Ferroviários votaram contra...

“Agora que conquistamos o poder e que contamos com o apoio do país inteiro”, declarou ele, “tudo o que eles nos pedem são apenas três coisas: 1) deixar o poder; 2) fazer com que os soldados continuem a guerra; 3) fazer com que os camponeses esqueçam a questão da terra...”

Lênin apareceu por um momento, a fim de rebater as acusações dos socialistas revolucionários:

“Eles nos acusam de termos roubado o programa deles para a terra... Se foi isso mesmo, devemos agradecer-lhes. Pois o programa é muito bom para nós...”

E assim avançava a reunião, em tom elevado, com os dirigentes se sucedendo na tribuna, explicando, exortando, discutindo, e soldados sucedendo a soldados, operários a operários, todos de pé para expressar o que se passava em seus corações e suas mentes... O auditório era móvel, mudando e se renovando continuamente. De tempos em tempos, alguns homens apareciam, chamando pelos membros desse ou daquele destacamento, para se dirigirem ao front; outros, liberados, feridos, ou que vinham ao Smolny em busca de armas e equipamentos, passavam pela sala.

Eram quase três da manhã quando, ao deixarmos o saguão, vimos se aproximar correndo, com o rosto transfigurado, Holtzman, membro do Comitê Militar Revolucionário.

“Está tudo bem!”, gritava ele, apertando minha mão. “Chegou um telegrama do front. Kerenski foi esmagado. Veja isso!”

Ele nos estendeu a folha de papel, ocupada por umas garatujas feitas a lápis apressadamente, e então, vendo que não conseguíamos ler aquilo, declamou em voz alta:

Pulkovo, Estado-Maior, 2h10.

A noite de 30 para 31 de outubro* entrará para a história. A tentativa de Kerenski de lançar as tropas contrarrevolucionárias contra a capital da Revolução foi definitivamente reprimida. Kerenski está recuando, e nós estamos avançando. Os soldados, marinheiros e operários de Petrogrado mostraram do que são

capazes e que, com armas nas mãos, vão impor os anseios e a autoridade da democracia. A burguesia procura isolar o exército revolucionário. Kerenski tentou derrotá-lo com a ajuda dos cossacos. Os dois planos foram impiedosamente derrotados.

A grande ideia da dominação da democracia operária e camponesa aglutinou as fileiras do exército e fortaleceu a sua vontade. A partir de agora, todo o país se convencerá de que o poder dos soviets não é algo efêmero, mas um fato irreversível... A derrota de Kerenski é a derrota dos grandes latifundiários, da burguesia e dos kornilovistas em geral. A derrota de Kerenski é a confirmação do direito do povo de ter uma vida pacífica e livre, de ter terra, pão e poder. O destacamento de Pulkovo, ao atestar seu valoroso golpe, reforçou a causa da Revolução operária e camponesa. Não haverá retorno ao passado. Diante de nós, temos ainda muitas lutas, obstáculos e sacrifícios, mas o caminho foi aberto, e a vitória é certa.

A Rússia revolucionária e o poder soviético podem se sentir orgulhosos de seu destacamento de Pulkovo, sob o comando do coronel Walden. Memória eterna àqueles que caíram! Glória aos combatentes da Revolução, soldados e oficiais que se mantiveram fiéis ao povo!

Viva a Rússia revolucionária, popular e socialista!

Em nome do Conselho,

L. TRÓTSKI,
comissário do Povo...

Ao voltarmos para casa, passando pela praça Znamenski, deparamos com uma multidão inabitual em frente à estação

ferroviária de Nikolai. Milhares de marinheiros se aglomeravam ali, armados com fuzis.

Do alto da escadaria, um membro do *Vikzhel* se dirigia a eles:

“Camaradas, não podemos levá-los a Moscou. Somos neutros. Não transportamos tropas de nenhum dos lados. Não podemos levá-los até Moscou, onde ainda se desenrola uma terrível guerra civil...”

A praça inteira, lotada, respondeu com um murmúrio; os marinheiros começaram a avançar. Subitamente, uma outra porta se abriu e diante dela se postavam dois ou três guarda-freios, mecânicos ou algo assim.

“Por aqui, camaradas!”, gritou um deles. “Nós os levaremos a Moscou, ou a Vladivostok, se quiserem. Viva a Revolução!”

* Essas datas seguem o antigo calendário, que tem treze dias de atraso em relação ao calendário ocidental, introduzido posteriormente. A data, pelo nosso calendário, era 12-13 de novembro. Mais à frente, como se poderá ver, uma Ordem do Dia já aparece datada com o novo critério.

9. A vitória

Ordem do dia Número 1

Às tropas do Destacamento de Pulkovo

13 de novembro de 1917, 9h38

Após uma luta cruel, as tropas dos destacamento de Pulkovo impuseram uma clara derrota às forças contrarrevolucionárias, que se retiraram de suas posições desordenadamente e para trás de Tsarskoye Selo voltando para Pavlovski II e Gatchina.

Nossas unidades avançadas ocuparam a extremidade nordeste de Tsarskoye Selo e a estação Alexandrovskaya. O destacamento de Colpinno acompanhou-nos pela esquerda, e o destacamento de Krasnoye Selo pela direita.

Ordeno às forças de Pulkovo que ocupem Tsarskoye Selo, que reforcem sua presença, especialmente para o lado de Gatchina.

Em seguida, que avancem e ocupem Pavlovskoye, fortificando a defesa no seu lado sul, e controlem a estrada de ferro até Dno.

As tropas devem adotar as medidas necessárias para fortificar as posições por elas ocupadas, construindo trincheiras e outros recursos defensivos.

Deverão estabelecer uma ligação estreita com os destacamentos de Colpinno e de Krasnoye Selo, assim como com o Estado-Maior do comandante em chefe para a defesa de Petrogrado.

Comandante em chefe de todas as forças
contra as tropas contrarrevolucionárias de Kerenski,

TENENTE-CORONEL MURAVIOV

Manhã de terça-feira. Como é possível? Não mais do que dois dias atrás, os arredores de Petrogrado estavam cheios de grupos vagando perdidos, errando sem liderança, sem comida, sem armas, sem nenhum plano a cumprir. O que terá sido capaz de aglutinar e transformar essa massa desorganizada de Guardas Vermelhos indisciplinados e soldados sem chefes em um exército obediente ao seu alto-comando autonomamente eleito, solidificado a ponto de resistir aos canhões e derrotar o ataque da cavalaria dos cossacos?⁴²

Um povo revoltado sempre encontra sua própria forma de desafiar as regras do jogo militar. Os exércitos de esfarrapados da Revolução Francesa, de Valmy e de Weissembourg, não foram esquecidos. Contra as forças soviéticas se agrupavam os *yunkers*, os cossacos, os grandes proprietários de terras, a nobreza, os Centúrias Negras, e por trás disso tudo o retorno do tsarismo, a Okhrana e as prisões da Sibéria; a enorme e terrível ameaça dos alemães... A vitória significaria, nas palavras de Carlyle, “a Apoteose e a Idade do Ouro para todo o sempre!”.

No domingo à noite, enquanto os comissários do Comitê Militar Revolucionário retornavam desesperados do campo de batalha, a guarnição de Petrogrado elegia seu Comitê dos Cinco, o Estado-Maior da batalha, com três soldados e dois oficiais, todos eles avaliados minuciosamente para se ter certeza de que não abraçavam nenhuma tendência contrarrevolucionária. O comando coube ao coronel Muraviov, velho patriota, homem competente, mas que devia ser sempre observado de perto. Em Colpinno, Obukhovo, Pulkovo e Krasnoye Selo, foram constituídos destacamentos provisórios, aumentados em seus efetivos com a chegada de homens que

perambulavam à solta por diversas partes do país: uma mistura de soldados, marinheiros, Guardas Vermelhos, partes de regimentos, de infantaria, cavalaria e artilharia, todos eles juntos, além de alguns veículos blindados.

Ao amanhecer do dia, os cossacos de Kerenski se fizeram presentes. Tiros intermitentes, intimações de rendição. O som da batalha se espalhou por toda a planície fria e silenciosa, chegando aos ouvidos dos bandos errantes que se reuniam em torno de suas pequenas fogueiras, à espera de alguma coisa... Então havia começado! Moveram-se na direção do combate; e aceleravam o passo ao lado das multidões operárias que avançavam ao longo das estradas retilíneas... Assim, enxames humanos inteiros, cheios de fúria, surgiam e convergiam espontaneamente ao encontro dos comissários, que lhes indicavam as posições a ocupar ou alguma tarefa a executar. Aquela era a batalha *deles*, pelo mundo *deles*; os comandantes haviam sido eleitos por *eles*. Naquele momento, todas as vontades múltiplas e incoerentes se tornavam uma única vontade.

Participantes dos combates contaram-me como os marinheiros se lançaram ao assalto depois de lutar até o último cartucho; como os operários sem nenhum treinamento investiram contra os bem equipados cossacos e os arrancaram de seus cavalos; como as hordas anônimas do povo, avançando no escuro em torno da batalha, cresciam tal qual uma maré e submergiam o inimigo... Antes da meia-noite de segunda-feira, os cossacos já haviam cedido, fugindo, deixando para trás as suas armas, e o exército do proletariado, como um batalhão andrajoso, avançava em direção a Tsarskoye, antes que o inimigo tivesse a oportunidade de destruir a grande estação de rádio do governo, de onde, agora, os comissários do Smolny emitiam para todo o mundo os cantos de vitória...

A TODOS OS SOVIETES DE DEPUTADOS OPERÁRIOS E SOLDADOS

No dia 12 de novembro, em uma batalha sangrenta perto de Tsarskoye Selo, o exército revolucionário derrotou as tropas contrarrevolucionárias de Kerenski e Kornilov. Em nome do Governo Revolucionário, determino que todos os regimentos empreendam uma ofensiva contra os inimigos da democracia revolucionária e tomem todas as medidas necessárias para prender Kerenski e igualmente para conter qualquer aventura que possa ameaçar as conquistas da Revolução e a vitória do proletariado.

Viva o exército revolucionário!

MURAVIOV

Notícias das províncias...

Em Sebastopol, o soviete local assumira o poder; em uma grande assembleia, os marinheiros dos navios de guerra obrigaram seus oficiais a se alinhar e a jurar fidelidade ao novo governo. Em Nizhni Novgorod, o soviete estava no poder. De Kazan, vinham relatos de conflitos de rua, os *yunkers* e uma brigada de artilharia contra a guarnição bolchevique local...

Conflitos encarniçados voltavam a surgir em Moscou. Os *yunkers* e os Guardas Brancos ocupavam o Kremlin e o centro da cidade, cercados por todos os lados pelas tropas do Comitê Militar Revolucionário. A artilharia soviética estava estacionada na praça Skobeliev, bombardeando o edifício da Duma Municipal, a prefeitura e o Hotel Metrópole. Os paralelepípedos da Tverskaya e da Nikitskaya tinham sido retirados para a construção de trincheiras e

barricadas. Uma salva de tiros de metralhadora se espalhava pelos quarteirões dos grandes bancos e magazines comerciais. Não havia luz, nem telefone; os habitantes burgueses se abrigavam nos subsolos... O último boletim informava que o Comitê Militar Revolucionário emitira um ultimato ao Comitê de Salvação Pública exigindo a imediata rendição do Kremlin, caso contrário este seria bombardeado.

“Bombardear o Kremlin?”, exclamava o cidadão comum nas ruas. “Eles não ousariam!”

De Vologda a Chita, na distante Sibéria, de Pskov a Sebastopol, no mar Negro, nas grandes cidades ou nos pequenos vilarejos, a guerra civil ganhava corpo. Mensagens de congratulações e apoio ao Governo do Povo chegavam a Petrogrado vindas de milhares de fábricas, comunas rurais, regimentos e exércitos, navios em águas distantes.

O governo cossaco de Novochoerkask telegrafou a Kerenski: “O governo das tropas cossacas convida o Governo Provisório e os membros do Conselho da República a virem, se possível, a Novochoerkask, onde poderemos organizar conjuntamente a luta contra os bolcheviques”.

As coisas começavam também a se movimentar na Finlândia. O Soviete de Helsinque e o Tsentro-balt (Comitê Central das Frotas do Báltico) proclamaram em conjunto o estado de sítio e declararam que qualquer tentativa de oposição às forças bolcheviques e qualquer resistência a suas determinações seriam punidas com severidade. Ao mesmo tempo, o sindicato dos ferroviários chamou uma greve geral em todo o território para obter a aplicação das leis aprovadas pela Dieta Socialista de junho de 1917, dissolvida por Kerenski.

De manhã cedinho, fui ao Smolny. Avançando pela calçada de madeira que levava do portão externo à entrada, vi os primeiros leves e hesitantes flocos de neve caindo do céu cinzento, sem vento. “Neve!”, gritou o soldado que estava à porta, com um sorriso de encantamento. “É ótimo para a saúde!” Dentro, os longos corredores e as salas frias pareciam desertos. Nada se mexia no enorme edifício. Um som grave e inquietante chegou aos meus ouvidos. Olhando em volta, percebi por todos os lados, no chão, ao longo das paredes, homens dormindo. Homens rudes, sujos, operários e soldados, salpicados e grudentos com uma crosta de lama, espalhados ou em grupos, na posição relaxada da morte. Alguns portavam bandagens rudimentares manchadas de sangue. Cartucheiras e armas estavam jogadas ao lado deles... O vitorioso exército proletário!

No andar de cima, na cantina, eram tantos, que ficava até mesmo difícil caminhar. O ar estava irrespirável. Uma luz pálida atravessava pelas janelas embaçadas. Um samovar antigo, frio, reinava sobre o balcão, e havia vários copos ainda com restos de chá. Ao lado deles, uma cópia do último boletim do Comitê Militar Revolucionário, com algo registrado em letras rudes no verso. Era uma última homenagem escrita por algum soldado a seus camaradas tombados na luta contra Kerenski, tal como ele havia deixado antes de deitar no chão para dormir. As palavras estavam borradas, como se lágrimas tivessem pingado sobre elas...

Alexei Vinogradov

D. Maskvin

A. Voskressenski

D. Leonski

S. Stolbikov

D. Preobrazhenski

V. Laidanski

M. Berchikov

Todos esses homens tinham-se incorporado ao Exército em 15 de novembro de 1916. Deles, restaram apenas três.

Mikhail Berchikov.

Alexei Voskressenski.

Dmitri Leonski.

Durmam, águias guerreiras, durmam com a alma em paz.

Vocês merecem a felicidade que é a nossa

E a paz eterna. Sob a terra de sua sepultura

Vocês serraram fileiras. Durmam, cidadãos!

Apenas o Comitê Militar Revolucionário continuava em funcionamento, em total vigília. Skripnik, saindo da sala do fundo, disse que Gotz tinha sido preso e que negava veementemente ter assinado a declaração do Comitê de Salvação, assim como fizera

Avkesentiev; e o próprio Comitê de Salvação havia repudiado o chamamento dirigido à guarnição. Ainda havia desavenças entre os regimentos da cidade, disse Skripnik; o regimento Volhynski se recusara a lutar contra Kerenski.

Vários destacamentos de tropas “neutras”, encabeçados por Tchernov, estavam em Gatchina, tentando convencer Kerenski a suspender o ataque a Petrogrado.

Skripnik sorriu. “Agora não é possível haver ‘neutralidade’”, disse. “Nós ganhamos!” Seu rosto fino e barbado cintilava numa exaltação quase religiosa. “Mais de sessenta delegados chegaram do front trazendo moções de apoio de todos os exércitos, à exceção das tropas do front romeno, das quais não se tinha notícia. Os Comitês do Exército interceptavam as notícias de Petrogrado, mas nós agora temos um sistema permanente de mensageiros...”

Embaixo, no saguão de entrada, Kamenev acabava de chegar, extenuado, devido à noite toda que durara a reunião da Conferência para a Formação de um Novo Governo, mas satisfeito. “Os socialistas revolucionários já tendem a admitir nossa participação no novo governo”, contou ele. “Os grupos da ala direita estão assustados por causa dos Tribunais Revolucionários; em pânico, eles exigem que esses tribunais sejam dissolvidos para prosseguirem as conversações... Aceitamos a proposta do *Vikzhel* de formar um ministério socialista homogêneo, e agora eles estão trabalhando nisso. Veja só, tudo isso surgiu como resultado da nossa vitória. Quando estávamos por baixo, eles não nos queriam de modo algum; agora todos são favoráveis a algum tipo de acordo com os soviets... O que nós precisamos é de uma vitória definitiva. Kerenski quer um armistício, mas antes ele terá de se entregar...”⁴³

Esse era o estado de espírito reinante entre os dirigentes bolcheviques. A um jornalista estrangeiro que lhe perguntou qual declaração ele gostaria de dar ao mundo, Trótski respondeu: “Neste momento, a única declaração possível é aquela que estamos dando através das bocas de nossos canhões!”.

Sob a maré da vitória, porém, corria uma ansiedade bastante palpável. A questão das finanças, por exemplo. Em vez de abrir os bancos, como determinara o Comitê Militar Revolucionário, o Sindicato dos Bancários realizara uma assembleia e decidira entrar em greve. O Smolny havia requisitado 35 milhões de rublos do Banco do Estado, mas o responsável trancou os cofres e só liberava dinheiro para representantes do Governo Provisório. Os reacionários usavam o Banco do Estado como arma política. Quando o *Vikzhel* pediu dinheiro para pagar os salários dos funcionários das estradas de ferro estatais, mandaram-no falar com o Smolny...

Fui até o Banco do Estado para falar com o novo comissário, um bolchevique ucraniano ruivo de nome Petrovitch. Ele estava tentando pôr alguma ordem no caos em que os negócios se encontravam por causa da greve dos funcionários. Em todas as salas do grande edifício, molhados de tanto suor, operários, soldados e marinheiros voluntários, com as línguas de fora dada a intensidade de seus esforços, debruçavam-se sobre a documentação, completamente aturdidos.

O edifício da Duma estava apinhado. Ainda havia alguns casos isolados de questionamento ao novo governo, mas eram raros. O Comitê Central da Terra lançara um apelo aos camponeses para que não reconhecessem o Decreto sobre a Terra aprovado pelo Congresso dos Sovietes, pois isso causaria muita confusão e levaria à guerra civil. O prefeito Schneider anunciou que, por causa do levante bolchevique,

a eleição para a Assembleia Constituinte teria de ser postergada indefinidamente.

Duas questões pareciam ganhar prioridade nas mentes de todos, chocados que estavam diante da ferocidade da guerra civil. Primeiro, uma trégua no derramamento de sangue;⁴⁴ segundo, a criação de um novo governo. Ninguém mais falava em “destruir os bolcheviques” — e muito pouco sobre excluí-los do governo, exceto entre os Socialistas Populistas e os Sovietes de Camponeses. O próprio Comitê Central do Exército, de Stavka, o inimigo mais determinado do Smolny, deu um telefonema, por intermédio de Moghilev, dizendo: “Se, para se formar um novo governo, for necessário chegar a um entendimento com os bolcheviques, concordamos em admiti-los *minoritariamente* no Ministério”.

Chamando ironicamente a atenção para os “sentimentos humanitários” de Kerenski, o *Pravda* publicou o despacho enviado por ele ao Comitê de Salvação:

Conforme proposto pelo Comitê de Salvação e pelas organizações democráticas agrupadas em torno dele, suspendi toda ação militar contra os rebeldes. Um delegado do Comitê foi enviado para abrir negociações. Tudo deve ser feito para acabar com o inútil derramamento de sangue.

O *Vikzhel* distribuiu um telegrama por toda a Rússia:

A Conferência do Sindicato dos Trabalhadores das Estradas de Ferro, com a presença de representantes de ambas as partes em conflito, que admitem a necessidade de um acordo, protesta energicamente contra o uso do terrorismo político na guerra civil, em especial quando esta se realiza entre facções do campo

revolucionário democrático, e declara que o terrorismo político, sob qualquer forma que seja, é contraditório com qualquer ideia de negociação para a formação de um novo governo...

Delegações da Conferência foram enviadas ao front, em Gatchina. Na Conferência, tudo parecia avançar para uma declaração final. Fora decidido, até mesmo, eleger-se um Conselho Provisório do Povo, composto por cerca de quatrocentos membros — 75 representando o Smolny, 75 o antigo *Tsik*, e o restante dividido entre as Dumas municipais, os sindicatos, comitês rurais e partidos políticos. O nome de Tchernov chegou a ser mencionado como o novo primeiro-ministro. Lênin e Trótski, segundo os rumores, estariam excluídos...

Por volta do meio-dia, eu estava novamente no Smolny, conversando com o motorista de uma ambulância que estava de partida para o front revolucionário. Poderia ir com ele? Claro que sim. Tratava-se de um voluntário, estudante universitário, e, enquanto avançávamos pelas ruas, ele me lançava frases em um alemão péssimo: “*Also, gut! Wir mach die Kasernen zu essen gehen!*”. Entendi que haveria algo para almoçarmos em alguma caserna.

Na rua Kirochnaya, entramos em um imenso pátio cercado de prédios militares e subimos uma escadaria escura que dava em uma sala de teto baixo iluminada por uma janela. Cerca de vinte soldados se distribuía em uma mesa comprida de madeira servindo-se com colheres de pau, comendo *shchi* (sopa de repolho) de uma enorme bacia de estanho, falando alto e rindo muito.

“Bem-vindo ao Comitê do Sexto Batalhão de Engenheiros da Reserva!”, exclamou meu amigo, apresentando-me aos demais como um norte-americano socialista. Todos então se levantaram para me cumprimentar, e um soldado mais velho chegou a me abraçar e me dar

um beijo caloroso. Ofereceram-me uma colher de pau e eu então sentei à mesa. Uma outra bacia, cheia de *kasha*, foi trazida, junto com um pão preto enorme e, é claro, as inevitáveis chaleiras. Todos começaram então a me fazer perguntas sobre os Estados Unidos: é verdade que as pessoas, em um país livre, vendem o voto por *dinheiro*? Se é assim, como elas fazem para conquistar o que querem? E o que é esse tal de “Tammany”? É verdade que, em um país livre, um pequeno grupo de pessoas pode controlar uma cidade inteira e explorá-la em benefício de seus próprios interesses? Por que as pessoas aceitam isso? Mesmo sob o tsarismo, esse tipo de coisa não seria admitido na Rússia; é verdade que, aqui, sempre houve corrupção, mas comprar uma cidade inteira cheia de gente! E isso em um país livre! As pessoas não têm sentimentos revolucionários? Tentei explicar que, no meu país, as pessoas procuram mudar as coisas através das leis.

“É claro”, aquiesceu um jovem sargento, chamado Baklanov, que falava francês. “Mas vocês não têm uma classe capitalista altamente desenvolvida? E não é essa classe que controla o Legislativo e o Judiciário? Como pode o povo, então, mudar as coisas? Quero ser convencido, pois não conheço bem seu país, mas me parece inverossímil...”

Eu disse que estava indo para Tsarstoye Selo. “Eu também”, disse Baklanov, subitamente. “Eu também... eu também...” Todos os presentes decidiram de repente ir para Tsarskoye Selo.

Nesse momento, alguém bateu à porta. Ela se abriu, e surgiu então a figura do coronel. Ninguém se levantou, mas todos o cumprimentaram. “Posso entrar?”, perguntou o coronel. “*Prosim! Prosim!*”, responderam, cordialmente. Ele entrou, sorrindo. Era uma figura alta e distinta com uma capa de pele de cabra bordada a ouro.

“Acho que ouvi vocês dizerem que estão partindo para Tsarskoye Selo, camaradas”, disse ele. “Posso ir com vocês?”

Baklanov refletiu. “Acho que não há nada para fazer aqui hoje”, respondeu. “Sim, camarada, será um prazer tê-lo conosco.” O coronel agradeceu e sentou-se, servindo-se de uma xícara de chá.

Em voz baixa, para não ferir o orgulho do coronel, Baklanov me explicou: “Está vendo, eu sou o presidente do comitê. Nós controlamos o batalhão integralmente, com exceção das ações, quando o coronel recebe então nossa delegação para comandar. Nas ações, as ordens dele têm de ser seguidas, mas ele responde a nós. Nas casernas, ele tem de obter nossa autorização antes de tomar qualquer atitude... Você poderia chamá-lo de nosso oficial executivo...”.

Recebemos armas (revólveres e fuzis) — “podemos cruzar com alguns cossacos, sabe” — e nos amontoamos todos na ambulância, junto com três grandes pacotes de jornais para o front. Avançamos pela Liteiny com o veículo fazendo um barulho de ferragens, e depois pela avenida Zagorodny. Perto de mim estava sentado um jovem com ombreiras de tenente, que parecia falar todas as línguas europeias com a mesma fluência. Era membro do Comitê do Batalhão.

“Não sou bolchevique”, afirmou enfaticamente. “Venho de uma família antiga e nobre. Eu sou aquilo que se poderia chamar de um ‘*Cadete*’...”

“Mas como...?”, balbuciei, perplexo.

“Isso mesmo, sou membro do comitê. Não escondo de ninguém minhas convicções políticas, mas os outros não se incomodam, pois sabem que não sou do tipo que se opõe aos anseios da maioria... Recusei-me a tomar qualquer atitude na atual guerra civil, pois não admito pegar em armas contra meus próprios irmãos russos...”

“Provocador! Kornilovista!”, gritaram os demais em direção a ele em tom de brincadeira, dando-lhe tapinhas nos ombros...

Depois de passar pelo grande arco de pedra cinzenta da Porta de Moscou, toda coberta com hieróglifos dourados, pesadas águias imperiais e os nomes de tsares, a ambulância pegou a ampla estrada retilínea, acinzentada pela queda da primeira neve. Ela estava repleta de Guardas Vermelhos, alguns avançando a pé em direção ao front revolucionário, gritando e cantando, e outros fazendo o caminho de volta, sujos, cobertos de lama. A maioria deles parecia ser de meninos. Mulheres com pás, algumas com fuzis e cartucheiras, outras com braçadeiras da Cruz Vermelha — mulheres humildes, arqueadas, de andar quase rastejante. Esquadrões de soldados marchavam fora de compasso, lançando dizeres jocosos e afetuosos aos Guardas Vermelhos; marinheiros, de aspecto severo; crianças carregando cestos de comida para seus pais; isso tudo, indo e vindo, arrastando-se sobre a lama esbranquiçada e espessa que cobria o chão da estrada. Passamos por grupos de artilharia que transportavam caixas de munição, com um ruído metálico, em direção ao sul; caminhões corriam para todos os lados, cheios de homens armados; ambulâncias repletas de feridos vindo dos campos de batalha, e uma carroça rural lenta e ruidosa, dentro da qual estava um menino de rosto pálido curvado, gritando em tom monocórdio. Nos campos, em ambos os lados, mulheres e homens idosos cavavam trincheiras e construía cercas de arame farpado.

Às nossas costas, para o lado norte, as nuvens se abriram como num teatro, e o sol tímido se fez presente. Petrogrado cintilava na planície pantanosa. À direita, abóbadas e pináculos brancos, dourados ou coloridos; à esquerda, chaminés enormes, algumas expelindo uma fumaça preta; e atrás, o céu pesado e baixo sobre a Finlândia. Dos

dois lados havia igrejas e mosteiros... De vez em quando podíamos ver algum monge a observar silencioso a palpitação do pulso do exército proletário na estrada.

Em Pulkovo, a estrada se bifurcava. Paramos ali no meio de uma multidão, à qual afluíam pessoas de três direções, com amigos se encontrando animados, congratulando-se, descrevendo uns aos outros as batalhas. Uma fileira de casas que davam para a encruzilhada tinha suas fachadas marcadas por balas, e o chão, em um diâmetro de quase um quilômetro, parecia um lamaçal. A luta tinha sido encarniçada ali... Não muito longe, cavalos de cossacos, sem seus cavaleiros, circulavam famintos, pois a vegetação da planície de há muito havia desaparecido. Bem à nossa frente, um Guarda Vermelho desajeitado tentava montar um deles, caindo sucessivas vezes, para o deleite infantil de centenas de homens rudes.

A estrada à esquerda, por onde os cossacos haviam fugido, levava a uma aldeia na encosta de um pequeno monte, de onde se tinha uma esplêndida vista da imensa planície, cinza como um mar estagnado, com nuvens tumultuosas pairando acima, e a cidade imperial desovando suas multidões por todas as ruas. Ao longe, do lado esquerdo, ficava a pequena colina de Krasnoye Selo, o campo de desfile da Guarda Imperial no verão e a fábrica de laticínios imperial. Um pouco mais perto, a monotonia da paisagem era quebrada apenas por alguns raros mosteiros e conventos murados, algumas fábricas isoladas e vários edifícios compridos com terrenos malcuidados que funcionavam como asilos e orfanatos...

“Aqui”, disse o motorista quando passamos por uma colina desocupada, “aqui foi que morreu Vera Slutskaya. Isso mesmo, a integrante bolchevique da Duma. Foi hoje de manhã bem cedo. Ela estava em um automóvel com Zalkind e um outro homem. Fora

acordada uma trégua, e eles começariam pelas trincheiras da primeira linha. Estavam conversando e rindo, quando, de repente, do trem blindado onde o próprio Kerenski viajava, alguém viu o veículo e disparou um canhão. A bala atingiu Vera Slutskaya, matando-a na hora...”

Finalmente chegamos a Tsarskoye, toda agitada, saudando os heróis das massas proletárias. O palácio onde o soviete se reunia estava tomado. Guardas Vermelhos e marinheiros lotavam o pátio, sentinelas guardavam as portas, e um fluxo de mensageiros e comissários se formava, entrando e saindo. Na sala do soviete, instalara-se um samovar, e mais de cinquenta operários, soldados, marinheiros e oficiais se agrupavam ao seu redor, bebendo chá e conversando em altos brados. Em um dos cantos, dois trabalhadores, atabalhoadamente, tentavam fazer uma máquina de cópias funcionar. Na mesa central, o grande Dybenko se debruçava sobre um mapa, assinalando com canetas vermelhas e azuis as localizações das tropas. Na outra mão, como de costume, o enorme revólver de aço azulado. De repente, sentou-se na frente de uma máquina de escrever e começou a usá-la com apenas um dedo; a cada pausa, pegava a arma e fazia girar carinhosamente seu tambor.

Um colchão estava estendido ao longo de uma parede, e nele havia um jovem operário deitado. Dois Guardas Vermelhos se debruçavam sobre ele, mas o restante de sua companhia não lhe dava nenhuma atenção. Havia um buraco em seu peito; a cada batida do coração, o sangue emergia através da roupa. Seus olhos estavam fechados, seu rosto jovem e barbado estava esverdeado. Ainda respirava, suave e pausadamente, e, a cada suspiro, sussurrava: “*Mir boudit! Mir boudit!* (A paz está próxima! A paz está próxima!)”.

Quando entramos, Dybenko virou-se para nós. “Ah”, disse ele a Baklanov. “Camaradas, vocês irão à sede do comando para assumir sua direção? Esperem, vou redigir suas credenciais.” Dirigiu-se então à máquina de escrever e fez as cartas vagarosamente.

Acompanhei o novo comandante de Tsarskoye Selo até o Palácio Catarina. Baklanov estava muito agitado e cheio de si. Na sala elegante e branca, que eu já conhecia, alguns Guardas Vermelhos vagavam a admirá-la com curiosidade, enquanto meu velho amigo, o coronel, permanecia de pé junto à janela mexendo no bigode. Cumprimentou-me como se fosse a um irmão que fizesse muito tempo que não via. A uma mesa perto da porta de entrada, estava sentado o francês da Bessarábia. Os bolcheviques tinham mandado que ficasse ali e continuasse o trabalho.

“O que eu podia fazer?”, resmungou. “Pessoas como eu não podem lutar de nenhum lado numa guerra como essa, mesmo que repudie instintivamente a ditadura da massa... Lamento apenas estar longe demais de minha mãe, na Bessarábia!”

O comandante agora transferia formalmente a sala para Baklanov. “Aqui estão as chaves da escrivania”, disse.

Um Guarda Vermelho o interrompeu. “Onde está o dinheiro?”, perguntou rudemente. O coronel pareceu surpreso. “Dinheiro? Dinheiro? Ah, você diz o baú. Ele está aqui”, disse o coronel, “igual a como o encontrei quando tomei posse três dias atrás. Chaves?”, perguntou, encolhendo os ombros. “Não tenho chave nenhuma.”

O Guarda Vermelho emendou com sarcasmo e astúcia: “Muito conveniente!”.

“Vamos abrir o baú”, disse Baklanov. “Tragam-me um machado. Temos aqui um camarada norte-americano. Vamos deixar que ele arrombe o baú e escreva o que encontrar dentro.”

Peguei o machado. O baú de madeira estava vazio.

“Vamos prendê-lo”, disse o Guarda Vermelho, maldosamente. “É um homem de Kerenski. Roubou o dinheiro e deu-o para Kerenski.”

Baklanov não queria isso. “Oh, não”, disse. “Foi o kornilovista que estava aqui antes dele. Ele não tem culpa.”

“Ao diabo!”, gritou o Guarda Vermelho. “Ele é um homem de Kerenski, estou dizendo. Se você não quer prendê-lo, bem, nós o levaremos para Petrogrado e o deixaremos na Fortaleza Pedro e Paulo, que é onde ele deveria estar!” Nesse momento, os outros Guardas Vermelhos resmungaram em apoio. O coronel foi então levado, não sem lançar na nossa direção um olhar comovente.

Em frente ao palácio do soviete, um caminhão se preparava para partir para o front. Meia dúzia de Guardas Vermelhos, alguns marinheiros e um ou dois soldados, sob o comando de um operário corpulento, embarcaram e me chamaram para que fosse junto. Alguns Guardas Vermelhos saíam do posto de comando curvados, carregando nos próprios braços bombas de metal enrugado cheias de *grubit* — que, segundo dizem, é dez vezes mais forte e cinco vezes mais sensível que a dinamite; a carga foi colocada no caminhão. Um canhão de três polegadas foi carregado e depois amarrado na traseira do caminhão com pedaços de corda e arame.

Partimos emitindo um grito, e em alta velocidade, é claro; o caminhão, pesado, balançava de um lado para o outro. O canhão oscilava, ora sobre uma roda, ora sobre a outra, e as bombas de *grubit* iam rolando para a frente e para trás sob nossos pés, batendo estrondosamente nas paredes do veículo.

Um Guarda Vermelho grandalhão chamado Vladímir Nicolaievitch encheu-me de perguntas sobre os Estados Unidos. “Por que os Estados Unidos entraram na guerra? Os operários norte-americanos estão

dispostos a derrubar os capitalistas? Como anda o caso Mooney? Berkman será extraditado para São Francisco?”, entre outras perguntas difíceis de responder, todas elas lançadas aos gritos em meio à barulheira do caminhão, enquanto, segurando uns nos outros, dançávamos entre as bombas que rolavam pelo chão.

De vez em quando, uma patrulha tentava nos parar. Soldados se posicionavam na estrada à nossa frente, gritavam “*Stoi!*” e apontavam seus fuzis.

Não lhes dávamos atenção. “O diabo que os carregue!”, gritavam os Guardas Vermelhos. “Não paramos para ninguém! Somos Guardas Vermelhos!” E assim avançávamos sem resistência, enquanto Vladímir Nicolaievitch falava-me ao ouvido sobre a internacionalização do Canal do Panamá e coisas assim...

Passados cerca de oito quilômetros, avistamos um destacamento de marinheiros marchando em sentido contrário e reduzimos a velocidade. “Onde se encontra agora o front, irmãos?”

O marinheiro que ia à frente do grupo parou e coçou a cabeça. “Hoje de manhã”, disse, “ele estava a cerca de meio quilômetro por essa estrada. O problema é que não está mais ali. Andamos, andamos, andamos, e não conseguimos encontrá-lo.”

Eles pularam para dentro do caminhão, e fomos em frente. Cerca de um quilômetro e meio adiante, Vladímir Nicolaievitch apurou as orelhas e em seguida gritou para o motorista parar.

“Tiros!”, disse ele. “Estão ouvindo?” Por um momento, houve um silêncio de morte, e então, um pouco mais adiante, à esquerda, ouviram-se mais três tiros, um atrás do outro. Naquele trecho, uma mata espessa ladeava a estrada. Bastante agitados, falávamos sussurrando, e avançamos bem devagar, até o caminhão parar bem

perto de onde tinham vindo os tiros. Descemos do veículo, cada um com um fuzil, e penetramos silenciosamente floresta adentro.

Enquanto isso, dois camaradas pegaram o canhão e o montaram de modo a nos dar retaguarda.

A floresta estava quieta. As folhas já tinham caído e os troncos das árvores, sob o sol oblíquo do outono, adquiriam uma coloração pálida. Nada se movia, exceto a camada de gelo das pequenas poças de água, que se mexiam sob nossos passos. Seria uma emboscada?

Avançamos sem nada encontrar, até que as árvores começaram a rarear, e então paramos. Ali, em uma pequena clareira, havia três soldados sentados em torno de uma pequena fogueira, absolutamente despreocupados.

Vladimir Nicolaievitch foi até eles. “*Zra‘zvuitye*, camaradas!”, disse, saudando-os. Atrás dele, um canhão, vinte fuzis e um carregamento de bombas de *grubit*, isso tudo à espera apenas de um sinal. Os soldados se ergueram com dificuldade.

“Que tiros foram esses?”

Um dos soldados respondeu, parecendo aliviado: “Estávamos apenas atirando em uns coelhos, camarada...”.

O caminhão tornou a partir, em direção a Romanov. O dia estava claro, e a região, vazia. Na primeira encruzilhada, dois soldados se colocaram na frente do veículo, erguendo seus fuzis. Reduzimos a velocidade e paramos.

“Documentos, camaradas!”

Os Guardas Vermelhos saíram aos brados. “Somos Guardas Vermelhos. Não precisamos de documento algum... Vamos em frente. Não deem bola para eles!”

Um marinheiro, porém, objetou. “Isso é errado, camaradas. Devemos manter a disciplina revolucionária. Imaginem um grupo de

contrarrevolucionários chegando em um caminhão e dizendo: ‘Não precisamos de documento algum’. Esses camaradas não nos conhecem.”

Deu-se uma discussão. Aos poucos, porém, todos os marinheiros e soldados se puseram de acordo com o primeiro. Resmungando, cada Guarda Vermelho apresentou então seu *bumaga* (documento), completamente sujo. Eram todos parecidos, com exceção do meu, que fora emitido no Smolny pelo Comando Revolucionário. Os sentinelas então disseram que eu deveria acompanhá-los. Os Guardas Vermelhos protestaram energicamente, mas o marinheiro que tinha falado de início insistiu. “Sabemos que se trata de um camarada de verdade”, disse, “mas existem ordens do comitê, e essas ordens têm de ser cumpridas. É a disciplina revolucionária...”

Para não criar problemas, desci do caminhão e fiquei a observá-lo avançando oscilante pela estrada, com todos os soldados fazendo gestos de despedida com as mãos. Os soldados conversaram entre si em voz baixa e depois me conduziram até um muro, onde me fizeram ficar parado. De repente, veio-me à cabeça a ideia de que eles iam me fuzilar!

Não havia mais ninguém por perto. O único sinal de vida era a fumaça da chaminé de uma *datcha*, uma construção de madeira irregular, a algumas centenas de metros por uma trilha transversal à estrada. Os dois soldados avançavam rumo à estrada. Desesperado, corri atrás deles.

“Mas, camaradas! Vejam, aqui está o carimbo do Comitê Militar Revolucionário!”

Examinaram um tanto estupidificados a minha credencial e trocaram olhares entre si.

“É diferente das outras”, disse um deles, mal-humorado. “Não sabemos ler, irmão.”

Segurei-os pelos braços. “Venham aqui!”, eu disse. “Vamos até aquela casa. Alguém ali certamente sabe ler.” Hesitaram. “Não”, disse um deles. O outro me olhou de cima a baixo. “Por que não?”, balbuciou. “Afinal, é um crime muito sério matar um homem inocente.”

Caminhamos até a porta principal da casa e batemos. Uma mulher baixa e corpulenta abriu e recuou assustada, balbuciando palavras ininteligíveis. “Não sei nada sobre eles! Não sei nada sobre eles!” Um dos meus guardas estendeu-lhe o documento. Ela deu um grito. “É só para ler, camarada.” Hesitante, ela pegou o papel e o leu em voz alta, aceleradamente:

O portador desta credencial, John Reed, é representante da Social-Democracia Norte-Americana, um internacionalista...

De volta à estrada, os dois soldados voltaram a confabular. “Precisamos levá-lo ao Comitê do Regimento”, disseram. Em pleno crepúsculo, que chegava rápido, avançamos pelo caminho todo enlameado. De vez em quando cruzávamos com alguns grupos de soldados, que se detinham e me observavam com olhares ameaçadores, pegando minha credencial e discutindo entre eles, fervorosamente, para definir se eu deveria ser morto ou não...

Já estava escuro quando chegamos às casernas do Segundo Batalhão de Artilharia de Tsarskoye Selo, edificações baixas e compridas que se distribuía aleatoriamente ao longo da lateral da estrada. Vários soldados que estavam flanando na entrada encheram-nos de perguntas. Um espião? Um provocador? Subimos por uma escada em espiral e saímos em uma sala grande sem mobília, apenas

com um enorme fogão ao centro e fileiras de macas no chão, onde perto de mil soldados jogavam carta, conversavam, cantavam ou dormiam. No telhado, um grande buraco produzido por um canhão de Kerenski...

Fiquei parado na porta, e um súbito silêncio tomou conta dos grupos, que se viraram e voltaram todos os olhares para mim. Também de repente, começaram a se mover, de início devagar e depois mais rápido, ruidosos, com os rostos cheios de fúria. “Camaradas! Camaradas!”, gritou um dos meus guardas. “Comitê! Comitê!” Todos se detiveram, à minha volta, murmurando. Do meio deles saiu um jovem magro, com uma braçadeira vermelha.

“Quem é esse sujeito?”, perguntou grosseiramente. Os guardas explicaram. “Deixe-me ver o documento!” Leu-o com cuidado, olhando-me de relance de modo penetrante. Em seguida, sorriu e me devolveu a credencial. “Camaradas, trata-se de um camarada norte-americano. Sou presidente do comitê, e dou-lhe as boas-vindas ao nosso regimento...” Subitamente, um murmúrio coletivo foi crescendo até virar uma saudação, e todos vieram me cumprimentar.

“Você ainda não jantou? Aqui nós já fizemos nosso jantar. Você poderia ir ao Clube dos Oficiais, onde há gente que sabe falar sua língua...”

Conduziu-me, então, pelo pátio, até a porta de uma outra edificação. Um jovem de aspecto aristocrático, com as ombreiras de tenente, estava entrando ali. O presidente apresentou-me a ele e, com um aperto de mão, despediu-se de mim.

“Sou Stepan Georgevitch Morovski, ao seu dispor”, disse o tenente, em um francês perfeito. No elegante saguão de entrada, uma escadaria imponente, iluminada por lustres cintilantes, levava para o andar superior. No segundo pavimento havia salas de bilhar, salões

para carteado e uma biblioteca que dava para o hall. Entramos na sala de jantar, onde, em uma longa mesa central, distribuía-se cerca de vinte oficiais uniformizados, com espadas douradas e prateadas, medalhas e cruzes de condecorações imperiais. Todos se levantaram educadamente quando entrei, e um lugar foi aberto para mim ao lado do coronel, um homem de estatura privilegiada e imponente, com uma barba grisalha. O jantar era servido com elegância por alguns ordenanças. O clima lembrava o de toda reunião de oficiais na Europa. Onde estava a Revolução?

“Vocês não são bolcheviques?”, perguntei a Morovski.

Risos se espalharam pela mesa, e percebi um ou outro olhando de modo furtivo para um ordenança.

“Não”, respondeu meu amigo. “Temos apenas um oficial bolchevique neste regimento. E esta noite ele está em Petrogrado. O coronel é menchevique. O capitão Kherlov, aquele ali, é do *Cadete*. Eu sou socialista revolucionário, da ala direita... Devo lhe dizer que a maior parte dos oficiais do Exército não é de bolcheviques, mas, como eu, acreditam na democracia; acreditam que têm de acompanhar a massa dos soldados...”

Encerrado o jantar, foram trazidos alguns mapas, e o coronel os abriu sobre a mesa. Os demais se juntaram em volta para enxergar.

“Aqui estão nossas posições esta manhã”, disse o coronel, indicando alguns pontos marcados a lápis. “Vladimir Kyrilovitch, onde está sua companhia?”

O capitão Kherlov indicou com o dedo. “Conforme a ordem recebida, ocupamos uma posição ao longo desta estrada. Karsavin me rendeu às cinco da manhã.”

Nesse instante, a porta da sala se abriu, e o presidente do comitê entrou acompanhado de um outro soldado. Juntaram-se ao grupo em

torno do coronel, de olho no mapa.

“Muito bom”, disse o coronel. “No nosso setor, os cossacos recuaram dez quilômetros. Não acho necessário ocupar posições mais avançadas. Senhores, nesta noite vamos manter as atuais linhas, ampliando as posições por...”

“Com sua licença”, interrompeu o presidente do comitê do regimento. “As ordens são de avançarmos com toda velocidade e preparar o cerco aos cossacos no norte de Gatchina de manhã. É preciso impor uma derrota esmagadora. Queiram adotar as medidas necessárias para isso.”

Houve um breve silêncio. O coronel se voltou para o mapa mais uma vez. “Muito bem”, disse ele, com uma voz diferente. “Stepan Georgevitch, você, por favor...” Rapidamente, traçando linhas no mapa com um lápis azul, deu as instruções, enquanto um sargento fazia anotações à mão. O sargento então se retirou, e dez minutos depois voltou com as instruções batidas à máquina, com uma cópia em papel-carbono. O presidente do comitê pegou a cópia e se pôs a estudar o mapa.

“Perfeito”, disse ele, erguendo o corpo. Em seguida, dobrou a cópia e guardou-a no bolso, assinou o original, marcado com um carimbo redondo tirado do bolso, e entregou-o ao coronel...

Aí estava a Revolução!

Voltei para o palácio do soviete em Tsarskoye em um automóvel do Estado-Maior. A multidão de operários, soldados e marinheiros continuava ali, circulando, bem como o movimento intenso de caminhões, blindados, o canhão à porta, a gritaria e a alegria de uma vitória inesperada. Meia dúzia de Guardas Vermelhos forçava passagem, junto com um religioso. Era o padre Ivan, disseram, que

abençoara os cossacos quando estes entraram na cidade. Ouvi, depois, que ele tinha sido fuzilado...⁴⁵

Dybenko, que vinha saindo nesse momento, distribuía ordens à esquerda e à direita, com seu revólver em punho. Um automóvel o aguardava no meio-fio, com o motor ligado. Ele entrou sozinho no carro, no banco de trás, e partiu — partiu de Gatchina para enfrentar Kerenski.

Quando caía a noite, ele chegou aos limites da cidade e prosseguiu o caminho a pé. O que Dybenko disse aos cossacos, ninguém sabe, mas o fato é que o general Krasnov e seu comando e alguns milhares de cossacos se renderam, e aconselharam Kerenski a fazer o mesmo.⁴⁶

Quanto a Kerenski, reproduzo a seguir o depoimento dado pelo general Krasnov na manhã de 14 de novembro:

Gatchina, 14 de novembro de 1917. Hoje, por volta das três horas (da manhã), fui convocado pelo comandante superior (Kerenski). Ele estava muito agitado e muito nervoso.

“General”, disse-me ele, “você me traiu. Seus cossacos estão dizendo categoricamente que irão me prender e me entregar aos marinheiros.”

“Sim”, respondi, “fala-se nisso, e sei que o senhor não goza de simpatia em nenhum lugar.”

“Mas os oficiais dizem a mesma coisa.”

“Sim, mas na verdade são sobretudo os oficiais que estão descontentes com você.”

“O que devo fazer? Só me resta cometer suicídio!”

“Se o senhor for um homem honrado, deve ir imediatamente a Petrogrado com uma bandeira branca, apresentar-se ao Comitê

Militar Revolucionário e abrir negociações como chefe do Governo Provisório.”

“Perfeito. Vou fazer isso mesmo, general.”

“Providenciarei uma escolta para acompanhá-lo e pedir que um marinheiro vá junto.”

“Não, não, um marinheiro não. Você sabe se é verdade que Dybenko está por aqui?”

“Não sei quem é Dybenko.”

“É meu inimigo.”

“Não podemos fazer nada. Quando se entra em um jogo grande, é preciso saber correr todos os riscos.”

“Está certo. Parto esta noite!”

“Por quê? Isso significaria uma fuga. Parta tranquila e abertamente. Assim, todos saberão que não está simplesmente fugindo.”

“Está bem. Mas você precisa pôr à minha disposição uma escolta de confiança.”

“Entendido.”

Saí, chamei pelo cossaco Russkov, do 10º Regimento do Don, e mandei que convocasse dez cossacos para acompanharem o comandante superior. Meia hora depois, os cossacos vieram me dizer que Kerenski não estava no alojamento, que ele tinha fugido.

“Dei o alarme e ordenei que ele fosse procurado, supondo que ele poderia não ter saído de Gatchina, mas não foi possível encontrá-lo...”

Kerenski, então, tinha fugido, sozinho, “disfarçado com um uniforme de marinheiro”, perdendo assim o pouco de popularidade que ele ainda mantinha entre as massas russas...

Voltei para Petrogrado no banco dianteiro de um caminhão dirigido por um operário e carregado de Guardas Vermelhos. Como não tínhamos querosene, nossos faróis seguiam desligados. A estrada estava ocupada pelo exército de proletários que retornavam para casa e de outros que chegavam para rendê-los. Caminhões imensos como o nosso, colunas de artilharia e carroças se enfileiravam na escuridão, sem lanternas, como nós. Avançávamos agressivamente, desviando para a esquerda e para a direita a fim de evitar colisões que pareciam inevitáveis, arranhando as rodas, xingados pelos pedestres que ficavam para trás.

Então surgiram no horizonte, como uma represa formada por pedras preciosas na planície nua, as luzes brilhantes da capital, muito mais esplendorosa à noite do que durante o dia.

O velho operário que conduzia segurou o volante com apenas uma das mãos, fazendo com a outra um gesto exultante em direção à cidade que cintilava ao longe.

“Minha!”, gritou ele, o rosto todo iluminado. “Agora você é toda minha! Minha Petrogrado!”

10. Moscou

Com ardorosa intensidade, o Comitê Militar Revolucionário dava sequência a sua vitória:

14 de novembro

A todos os Comitês de Exército, batalhão, divisão e regimento, a todos os Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses, para o conhecimento de todos.

Conforme acordo selado entre os cossacos, *yunkers*, soldados, marinheiros e operários, decidiu-se denunciar Alexander Feodorovitch Kerenski perante um tribunal popular. Determinamos que Kerenski seja detido e que lhe seja transmitida a ordem, em nome das organizações acima mencionadas, de viajar imediatamente a Petrogrado para se apresentar diretamente ao tribunal.

Assinado,

Cossacos da Primeira Divisão de Cavalaria de Ussur; Comitê de Yunkers do Destacamento de Franco- -Atiradores de Petrogrado; delegado do 5º Exército.

Comissário do Povo,
DYBENKO

O Comitê de Salvação, a Duma e o Comitê Central do Partido Socialista Revolucionário — que se orgulhava de ter Kerenski como membro — protestaram vigorosamente, afirmando que Kerenski só poderia responder perante a Assembleia Constituinte.

Na noite de 16 de novembro, assisti a 2 mil Guardas Vermelhos desfilando atrás de uma banda ao som da *Marseillaise* — e como ela soava bem naquele momento — com bandeiras vermelhas flutuando sobre fileiras escuras de operários, para receber seus irmãos que voltavam para casa depois de defenderem a “Petrogrado Vermelha”. Homens e mulheres marchavam na escuridão pela via escorregadia, coberta de lama, os fuzis erguidos, passando por multidões de burgueses silenciosos, que ao mesmo tempo os desprezavam e temiam...

Todos — negociantes, especuladores, investidores, proprietários rurais, oficiais do exército, políticos, professores, estudantes, profissionais liberais, comerciantes, funcionários e representantes —, todos estavam contra eles. Os outros partidos socialistas dirigiam aos bolcheviques um ódio implacável. Do lado dos soviets, se reuniam os operários, marinheiros, todos os soldados de moral elevado, os camponeses sem terra e alguns — pouquíssimos — intelectuais...

Assim que a notícia da prisão de Kerenski se espalhou, chegavam dos rincões mais distantes da grande Rússia, onde conflitos de rua encarniçados se produziam como uma onda, os ecos do gigantesco estrondo da vitória do proletariado. Assim foi em Kazan, Saratov, Novgorod e Vinnitza, onde as ruas estavam manchadas de sangue; ou em Moscou, onde os bolcheviques haviam dirigido sua artilharia contra o último bastião da burguesia, o Kremlin.

“Estão bombardeando o Kremlin!” A notícia corria de boca em boca pelas ruas de Petrogrado, com um sentimento próximo do terror.

Viajantes vindos da “mãezinha Moscou de pedras brancas” faziam relatos cheios de pavor. Milhares de mortos; a Tverskaya e a Kuznetski Most em chamas; a igreja de São Basílio, o Bem-Aventurado, reduzida a ruínas cobertas de fumaça; a catedral Usspenski desmoronando; a Porta de Spasskaya do Kremlin a ponto de ruir; a Duma incendiada de alto a baixo.⁴⁷

Nada que os bolcheviques tinham feito até então podia ser comparado a essas blasfêmias aterrorizantes cometidas no coração da Sagrada Rússia. Reverberava nos ouvidos dos crentes o som dos tiros explodindo diante da Igreja Ortodoxa Sagrada, transformando em pó o santuário da nação russa...

Em 15 de novembro, Lunatcharski, comissário para a Educação, foi às lágrimas durante a sessão do Conselho dos Comissários do Povo, e deixou a sala aos prantos. “Não aguento isso! Não consigo suportar essa destruição monstruosa de tanta beleza e tradição...”

Naquela tarde, os jornais publicaram sua carta de renúncia:

Acabo de ser informado, por pessoas vindas de Moscou, a respeito do que está acontecendo ali.

As catedrais de São Basílio, o Bem-Aventurado, e da Assunção estão sendo bombardeadas. O Kremlin, onde se abrigam hoje os mais importantes tesouros artísticos de Petrogrado e de Moscou, está sob fogo de artilharia. Há milhares de vítimas.

Os terríveis conflitos atingiram ali os níveis de uma ferocidade bestial.

O que sobrou? O que mais pode acontecer?

Não posso suportar isso tudo. Atingi meu limite. Não tenho capacidade para aguentar esses horrores. É impossível trabalhar sob a pressão de pensamentos que me tiram a razão!

É por isso que estou deixando o Conselho de Comissários do Povo.

Tenho plena consciência da gravidade desta decisão. Mas não suporto mais...⁴⁸

No mesmo dia, os Guardas Brancos e os *yunkers* que estavam no Kremlin se renderam e lhes foi permitido que deixassem o local em marcha, desarmados. O acordo de paz previa o seguinte:

1. É extinto o Comitê de Salvação.

2. A Guarda Branca entrega suas armas e se dissolve. Os oficiais permanecem com suas espadas e armas regulamentares. Nas Escolas Militares, ficarão apenas as armas necessárias para o ensino; todas as demais serão entregues pelos *yunkers*. O Comitê Militar Revolucionário garante a liberdade e a imunidade pessoal.

3. Para regulamentar a questão do desarmamento prevista no item 2, designa-se uma comissão constituída por representantes de todas as organizações participantes da negociação de paz.

4. A partir da assinatura do presente tratado de paz, ambas as partes determinarão o imediato cessar-fogo e o encerramento de todas as operações militares, adotando as medidas necessárias para a execução dessa ordem.

5. No ato de assinatura do presente tratado, todos os prisioneiros, de ambas as partes, serão libertados...

Fazia dois dias que a capital estava sob controle bolchevique. Os moradores, assustados, saíam pouco a pouco de seus subterrâneos para procurar os mortos; as barricadas, nas ruas, começavam a ser retiradas. Em vez de diminuírem, porém, as histórias sobre a destruição de Moscou continuavam a crescer... E foi a partir desses relatos que resolvemos ir até lá.

Afinal, embora tenha sido a sede do governo ao longo de todo um século, Petrogrado ainda é uma capital artificial. Moscou é a verdadeira Rússia, a Rússia tal como era antes e como será no futuro; em Moscou, seria possível captar os reais sentimentos do povo russo em relação à Revolução. A vida, ali, era mais intensa.

Em uma semana, o Comitê Militar Revolucionário de Petrogrado, com o apoio dos ferroviários, assumiu o controle da Estrada de Ferro Nicolai e despachou para o sudoeste vagões atrás de vagões lotados de marinheiros e Guardas Vermelhos... Tínhamos credenciais do Smolny, sem as quais ninguém podia deixar a capital... Quando o trem chegou à estação, uma multidão de soldados maltrapilhos, todos carregando grandes sacos de mantimentos, aglomerou-se nas portas, abriu as janelas e encheu todos os compartimentos, lotando os corredores e até mesmo subindo no teto. Três de nós conseguimos abrir caminho e entrar em um compartimento, mas esse foi também logo ocupado por mais uns vinte soldados... Era uma cabine para apenas quatro pessoas; argumentamos, protestamos, tivemos até mesmo o apoio do cobrador, mas os soldados simplesmente riam. Iriam por acaso se preocupar com o conforto de um grupinho de *boorzhui* (burgueses)? Quando exibimos nossas credenciais do Smolny, os soldados mudaram de atitude imediatamente.

“Venham aqui, camaradas”, gritou um deles. “São *tovarishtchi* norte-americanos. Atravessaram uma distância de trinta mil verstas para ver nossa Revolução, e naturalmente estão muito cansados...”

Pedindo desculpas educada e amigavelmente, os soldados começaram a sair. Logo depois, os ouvimos invadindo um compartimento ocupado por dois russos corpulentos e bem-vestidos, que tinham subornado o cobrador e mantinham a porta trancada...

Partimos por volta da sete horas da noite. Era um trem muito comprido, puxado por uma locomotiva frágil e pequena que, queimando madeira, avançava lentamente, com várias paradas. No teto dos vagões, soldados batiam os pés entoando chorosas canções camponesas; nos corredores, era tanta a confusão, que mal se conseguia caminhar; discussões políticas encarniçadas se sucediam noite adentro. De vez em quando, por força do hábito, o cobrador passava perguntando por bilhetes. Com exceção de nosso pequeno grupo, quase ninguém tinha bilhete. Depois de meia hora de solicitações infrutíferas, ele ergueu os braços desconsolado e partiu. O ar era sufocante, cheio de fumaça e fétido; não fossem as janelas quebradas, certamente acabaríamos desmaiando durante a noite.

Horas depois, de manhã, deparamos com uma paisagem coberta de neve. Fazia um frio cortante. Por volta do meio-dia, entrou no trem uma camponesa trazendo uma grande cesta de pães e uma enorme jarra de um líquido morno que fazia as vezes de café. Até anoitecer, nada a registrar, a não ser o comboio lotado, avançando aos solavancos, fazendo várias paradas; em algumas estações, multidões vorazes avançavam sobre bufês pobremente servidos, esvaziando-os completamente... Em uma dessas paradas, encontrei Nogin e Rykov, comissários dissidentes que voltavam a Moscou para expor suas lamúrias para seu próprio soviete;* um pouco mais à frente estava Bukarin, um homenzinho de barba ruiva e olhos de fanático — “Mais à esquerda do que Lênin”, diziam a seu respeito...

Ao terceiro toque do sino, corremos de volta para o trem, abrindo caminho por um corredor completamente tomado e barulhento... Uma multidão bem-comportada, que suportava todo aquele desconforto com bom humor e paciência, discutindo incansavelmente sobre tudo, da situação de Petrogrado à estrutura sindical britânica,

batendo boca em altos brados com os poucos *boorzhu* que se encontravam a bordo. Até chegarmos a Moscou, quase todos os vagões já tinham organizado um comitê para obter e distribuir mantimentos, comitês que se dividiam em facções políticas, que divergiam sobre questões de princípio...

A estação em Moscou estava deserta. Fomos à sala do comissário para providenciar nossos bilhetes de volta. Era um jovem taciturno com ombreiras de tenente; quando lhe apresentamos os documentos, emitidos pelo Smolny, inflamou-se e declarou que não era bolchevique e que representava o Comitê de Salvação Pública... Era algo típico: em meio ao turbilhão da conquista da cidade, os vitoriosos simplesmente haviam esquecido o chefe da estação de trem.

Nenhum táxi à vista. Andamos algumas quadras e acordamos um *izvozchik* que se cobria grotescamente com um acolchoado e que dormia sentado dentro de seu pequeno trenó. “Quanto custa uma corrida até o centro da cidade?”

Ele coçou a cabeça. “Os *barini* não conseguirão encontrar vaga em nenhum hotel”, disse. “Mas posso levá-los por cem rublos...” Antes da Revolução, a corrida custava *dois!* Protestamos, mas ele simplesmente deu de ombros. “É preciso muita coragem para circular com um trenó nos dias de hoje”, prosseguiu ele. Não conseguimos fazê-lo baixar para menos de cinquenta... Enquanto avançávamos pelas ruas silenciosas, cheias de neve e mal iluminadas, ele contava as aventuras vividas durante aqueles seis dias de conflito. “Estando em movimento ou aguardando parado alguma corrida na esquina”, disse ele, “de repente boom!, explodia uma bala de canhão aqui, e boom!, uma bala de canhão ali, e ratatata, uma metralhadora... Eu corria a galope, e aqueles tiros do demônio se ouviam por todo lado. Entrava em uma

rua isolada, silenciosa, e parava, fazia um dinheirinho, e boom!, outra bala de canhão, ratatata... Diabos! Diabos! Diabos! Brrrrr!”

No centro da cidade, as ruas quietas, cobertas de neve, exibiam a imobilidade da convalescença. Apenas algumas luminárias de arco brilhavam, alguns transeuntes passavam apressados pelas calçadas. Um vento gelado soprava da grande planície, penetrando até os ossos. No primeiro hotel em que entramos, a recepção estava iluminada por duas velas.

“Sim, temos alguns quartos muito confortáveis, mas os vidros das janelas estão todos quebrados. Se os *gospodin* não se importarem em dormir com um pouco de ar fresco...”

Na Tverskaya, as vitrines das lojas estavam quebradas; na rua, viam-se enormes buracos abertos por bombardeios e paralelepípedos retirados. Passamos de hotel em hotel, todos lotados, ou então seus proprietários, de tão assustados que ainda estavam, diziam “Não, não, não temos nenhum quarto! Não temos quarto!”. Nas ruas centrais, onde ficavam os grandes bancos e as grandes casas comerciais, a artilharia bolchevique fora indiscriminadamente eficiente. Como me disse um oficial do soviete, “Não sabíamos exatamente onde estavam os *yunkers* e os Guardas Brancos, por isso bombardeamos suas fontes de dinheiro...”.

Finalmente nos aceitaram no grande Hotel National, pois éramos estrangeiros e o Comitê Militar Revolucionário prometera preservar os locais que abrigavam estrangeiros... O gerente nos levou ao último andar e nos mostrou diversas janelas estilhaçadas pelos tiroteios. “Animais!”, exclamou, erguendo o punho contra algum bolchevique imaginário. “Mas eles não perdem por esperar! A hora deles chegará; dentro de poucos dias seu ridículo governo cairá, e então nós os faremos sofrer!”

Jantamos em um restaurante vegetariano com o encantador nome de “Eu não como ninguém” e um vistoso retrato de Tolstói na parede, e depois saímos a andar pelas ruas.

A sede do Soviete de Moscou ficava no palácio do antigo governador-geral, um edifício imponente voltado para a praça Skobeliev. Guardas Vermelhos faziam sentinela no portão. No topo da grande e solene escadaria, as paredes estavam cobertas de avisos de reuniões de comitês e endereços de partidos políticos. Atravessamos uma série de antessalas amplas, de paredes repletas de retratos com molduras douradas cobertos com panos vermelhos, em direção ao maravilhoso salão oficial, com seus magníficos lustres de cristal e cornijas douradas. Um zunido de vozes, em baixo volume, acompanhado do som de um conjunto de máquinas de costura em atividade, preenchia o recinto. Rolos enormes de tecido de algodão vermelho e preto eram abertos, serpenteando pelo piso de madeira e por cima das mesas, onde cerca de cinquenta mulheres cortavam e costuravam flâmulas e faixas para o Funeral dos Mortos da Revolução. Os rostos dessas mulheres eram marcados pela dureza, por aquilo que a vida tem de mais difícil; trabalhavam concentradas, muitas delas com os olhos vermelhos de chorar... As perdas do Exército Vermelho tinham sido pesadas.

Numa mesa em um canto do salão estava Rogov, um homem inteligente, de barba e óculos, vestido com uma camisa preta de operário. Ele nos convidou a caminhar junto com o Comitê Executivo Central na procissão do funeral, na manhã seguinte...

“Os socialistas revolucionários e os mencheviques não conseguem entender nada!”, exclamou ele. “São conciliadores simplesmente por força do hábito. Imaginem só! Propuseram que fizéssemos um funeral conjunto com os *yunkers!*”

Atravessando o salão chegou um homem com um sobretudo de soldado todo esfarrapado e uma *shapka* na cabeça. O rosto dele me era familiar. Reconheci Melnichanski, a quem eu havia conhecido, sob o nome de George Melcher, relojoeiro, em Bayonne, New Jersey, durante a grande greve da Standard Oil. Ele era agora secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de Moscou e, durante os combates, atuara como comissário do Comitê Militar Revolucionário...

“Olhe para mim!”, exclamou, exibindo os trapos com que se vestia. “Eu estava no Kremlin com os meninos quando os *yunkers* apareceram pela primeira vez. Trancaram-me numa cave, surrupiaram meu sobretudo, levaram meu dinheiro, o relógio e até meu anel. Isto aqui foi tudo o que me sobrou para vestir!”

Contou-me, então, vários detalhes da batalha de seis dias que dividira Moscou ao meio. Diferentemente de Petrogrado, em Moscou a Duma Municipal comandava os *yunkers* e os Guardas Brancos. Rudnev, o prefeito, e Minor, presidente da Duma, tinham dirigido todas as ações do Comitê de Salvação Pública e suas tropas. Riabtsev, comandante local, homem de instinto democrático, hesitou em enfrentar o Comitê Militar Revolucionário, mas a Duma obrigou-o a fazê-lo... Foi o prefeito quem determinou a ocupação do Kremlin; “Eles jamais se atreveriam a lançar fogo contra vocês ali”, disse ele...

Um dos regimentos da guarnição, profundamente desmoralizado devido ao longo período de inatividade por que passara, fora abordado pelos dois lados. Realizou então uma assembleia para decidir o que fazer. Decidiu-se que o regimento se manteria neutro e continuaria executando suas atividades normais — que consistiam em vender borracha e sementes de girassol nas ruas!

“O pior de tudo”, disse Melnichanski, “foi que tivemos de nos organizar em plena batalha. O outro lado sabia muito bem o que

queria, mas aqui os soldados tinham seu soviete, e os operários tinham o deles... Houve uma disputa terrível para definir quem seria o comandante em chefe; alguns regimentos levaram dias para tomar uma decisão, e, quando os oficiais de repente nos deixaram, não tínhamos nenhum Estado-Maior para nos dar ordens...”

Contou-me pequenos episódios cheios de vida. Em um dia frio e cinzento, ele estava parado em uma esquina da Nikitskaya, que estava sendo fortemente atingida por balas de metralhadoras. Um grupo de meninos se reunira ali, crianças abandonadas que costumavam trabalhar como jornaleiros. Em altos brados, bastante agitados, como se tivessem descoberto um novo jogo, esperavam os tiros diminuir um pouco para tentar atravessar para o outro lado da rua... Vários deles foram mortos, enquanto os sobreviventes continuavam cruzando a rua de um lado para o outro, rindo, desafiando uns aos outros.

No fim da noite, dirigi-me ao Dvorianskoye Sobranie — o Clube da Nobreza —, onde os bolcheviques de Moscou estavam reunidos avaliando o relatório de Nogin, Rykov e outros que haviam deixado o Conselho dos Comissários do Povo.

A reunião se realizava em um teatro no qual, sob o antigo regime, companhias amadoras apresentavam, para plateias formadas por oficiais e mulheres elegantes, as mais recentes comédias francesas.

Inicialmente, a sala registrava a presença apenas de intelectuais — aqueles que moravam perto do centro da cidade. Nogin tomou a palavra, e a maior parte do auditório compartilhava suas ideias. Já era bem tarde quando chegaram os operários, pois os bairros da classe trabalhadora ficavam na periferia da cidade e os trens não estavam funcionando. Cerca de meia-noite, eles começaram a subir as escadarias, em grupos de dez ou vinte pessoas — homens fortes e rústicos, trajando roupas simples, recém-saídos das frentes de batalha,

onde haviam lutado como diabos durante uma semana, vendo camaradas seus tombarem a sua volta.

Mal havia sido oficialmente aberta a reunião, Nogin foi alvo de uma tempestade de vaias e gritos irados. Em vão, tentou argumentar, explicar-se; não queriam saber de ouvi-lo. Ele tinha abandonado o Conselho dos Comissários do Povo; tinha desertado de seu posto no momento em que a batalha estava mais encarniçada. Quanto à imprensa burguesa, ela não existia mais em Moscou; e até mesmo a Duma Municipal havia desaparecido.⁴⁹ Bukharin se levantou, rude, racional, assestando um golpe após o outro. Ouviam-no com os olhos brilhando. Aprovou-se, por esmagadora maioria, uma moção de apoio à atividade do Conselho dos Comissários do Povo. Assim Moscou se pronunciava...

Tarde da noite, caminhamos pelas ruas desertas, passando sob a Porta da Ibéria, em direção à Praça Vermelha, defronte ao Kremlin. A igreja de São Basílio, o Bem-Aventurado, erguia-se na escuridão com sua silhueta fantástica, as cúpulas brilhantes, coloridas, curvas e vistosas. Não havia nenhum sinal de que tivesse sido atingida... Ao longo do outro lado da praça estavam os muros e as torres escuras do Kremlin. Uma luz avermelhada de labaredas ocultas oscilava sobre os muros mais elevados; vozes chegavam até nós cruzando a imensa praça, assim como o som de picaretas e escavadeiras. Avançamos na direção delas.

Montes de terra e de pedras se acumulavam perto da base do muro. Passando por cima deles, pudemos ver duas enormes fossas, com dez a quinze pés de profundidade e uma largura de cerca de cinquenta metros, onde centenas de soldados e operários cavoucavam com ajuda de uma iluminação gerada por imensas fogueiras.

Um jovem estudante falou conosco em alemão. “O Túmulo Fraternal”, explicou ele. “Amanhã enterraremos aqui quinhentos proletários que deram suas vidas pela Revolução.”

Levou-nos, então, para dentro de uma das fossas. Picaretas e escavadeiras se moviam freneticamente, enquanto aumentavam sem parar os montes de terra. Ninguém falava nada. Sobre nossas cabeças, a noite estava repleta de estrelas, e o velho muro do Kremlin dos tsares subia ao infinito.

“Aqui neste local sagrado”, disse o estudante, “o local mais sagrado de toda a Rússia, enterraremos aquilo que temos de mais sagrado. Aqui, onde se encontram as tumbas dos tsares, o nosso tsar — o Povo — dormirá para sempre...” Uma tipoia sustentava um de seus braços, ferido por uma bala durante os combates. Ele olhou para ela. “Vocês, estrangeiros”, disse ele, “têm desprezo por nós, russos, por termos tolerado por tanto tempo uma monarquia medieval”, disse. “Mas sabemos que o tsar não era o único tirano do mundo; o capitalismo era ainda pior, e em todos os países do mundo era ele o imperador... as táticas revolucionárias russas são as melhores...”

Quando nos afastamos, os trabalhadores que estavam na fossa, extenuados e ensopados de suor apesar do frio, começaram a subir, saindo dali com dificuldade. Um grupo de homens cruzava velozmente a Praça Vermelha. Entraram nas fossas, pegaram as ferramentas e começaram a cavar, cavar, sem dizer nenhuma palavra...

Assim, ao longo de toda a noite, populares se revezavam, voluntariamente, sem jamais perder o ritmo. Quando a fria luz da aurora iluminou fracamente a grande praça toda branca de neve, os buracos marrons e escancarados do Túmulo Fraternal estavam quase terminados.

Acordamos antes do nascer do sol e nos dirigimos pelas ruas escuras até a praça Skobeliev. Não se via viva alma em toda a grande cidade; mas havia no ar o leve som de uma vibração, ao longe, mas também de perto, como um vento que se aproximasse. Na tímida claridade do amanhecer, em frente à sede do soviete se reunia um grupo de homens e mulheres carregando um conjunto de bandeiras vermelhas com letras douradas: Comitê Central Executivo dos Sovietes de Moscou. A claridade aumentava. Ao longe, aquele som vago crescia, tornando-se mais grave, mais forte, um ruído constante e poderoso. Era a cidade que despertava. Descemos a Tverskaya, com as bandeiras batendo ao vento acima de nossas cabeças. Os pequenos quiosques de rua por que passávamos estavam às escuras e trancados, assim como a capela da Virgem da Ibéria, que os novos tsares costumavam visitar a caminho da coroação no Kremlin e que estava sempre lotada, dia e noite, iluminada pelas velas dos fiéis que cintilavam no reflexo do ouro, da prata e da pedraria dos ícones. Agora as velas estavam apagadas, segundo diziam, pela primeira vez desde que Napoleão passara por Moscou.

A Santa Igreja Ortodoxa se recusara a dar sua bênção a Moscou, ninho de víboras sacrílegas que haviam bombardeado o Kremlin. As igrejas estavam às escuras, frias, silenciosas; os padres tinham desaparecido. Não havia nenhum sacerdote para officiar o Funeral Vermelho, os mortos não tinham recebido a extrema-unção, nenhuma oração especial seria feita diante da sepultura dos blasfemadores. Logo mais, Tikhon, o prelado metropolitano de Moscou, acabaria por excomungar os sovietes...

Todas as lojas estavam fechadas, e as classes proprietárias permaneciam em suas casas, mas por outras razões. Aquele era o Dia

do Povo, cujo rumor crescia e se aproximava tempestuoso como uma ressaca...

Um rio de gente já desfilava sob a Porta da Ibéria, e a ampla Praça Vermelha se cobria de pequeninos pontos pretos, milhares deles. Observei que, quando a multidão passava pela Capela da Ibéria, onde antes fazia o sinal da cruz, agora parecia nem sequer notar sua presença.

Abrimos caminho em meio à densa massa amontoada nas proximidades do muro do Kremlin e nos pusemos sobre um dos montes de terra. Já havia muitos homens por ali, entre eles Muranov, o soldado eleito comandante de Moscou — um homem de barba, alto, de aspecto discreto e rosto suave.

Milhares e milhares de pessoas, a fisionomia marcada pela miséria e pelo trabalho, afluíam pelas ruas rumo à Praça Vermelha. Uma banda militar surgiu tocando a *Internacional* — e a canção se espalhou espontaneamente, como as ondas que o vento produz no mar, lenta e solenemente. Do alto do muro do Kremlin pendiam até o chão bandeiras gigantescas, vermelhas, com grandes letras douradas e brancas dizendo: “Aos Mártires do Despertar da Revolução Social Mundial” e “Viva a Fraternidade dos Operários do Mundo”.

Um vento cortante soprava sobre a praça, agitando as bandeiras. Operários fabris começavam a chegar dos bairros distantes, trazendo seus mortos. Podiam ser vistos passando sob a Porta, o agitar de seus estandartes e o vermelho — como sangue — dos caixões que carregavam. Eram caixotes rudimentares, construídos com madeira não tratada e pintados grosseiramente de carmesim, erguidos sobre os ombros de homens simples que caminhavam com lágrimas escorrendo pela face, seguidos por mulheres que soluçavam e gritavam ou caminhavam rijas, lívidas, com traços mórbidos. Alguns caixões

estavam abertos, com a tampa sendo levada atrás; outros estavam cobertos com panos dourados ou prateados, ou traziam apenas um quepe de soldado como ornamento. Havia várias coroas horríveis de flores artificiais.

Seguindo um caminho irregular, que se abria e depois tornava a se fechar, a procissão avançava lentamente em nossa direção. Passava sob a Porta, agora, um fluxo interminável de estandartes com todos os tons de vermelho e inscrições em letras douradas ou prateadas, laços de crepe pendurados no alto — e algumas bandeiras anarquistas, pretas com dizeres em branco. A banda tocava a Marcha Fúnebre Revolucionária, e, por cima do canto das massas, destacavam-se as vozes do cortejo, graves, entrecortadas por soluços...

Em meio aos operários das fábricas surgiam também batalhões de soldados carregando seus caixões, esquadrões de cavalaria avançando a passo lento e grupos da artilharia, com canhões cobertos de vermelho e preto — ao que parecia, para sempre. Seus estandartes diziam: “Viva a Terceira Internacional!”, ou “Queremos uma paz justa, ampla e democrática!”.

O cortejo, com seus caixões, se aproximava lento da entrada da sepultura. Os que os carregavam avançavam por cima da terra solta com seu fardo e desciam para a fossa. Muitas dessas pessoas eram mulheres — proletárias fortes e corpulentas. Atrás do morto vinham outras mulheres — jovens arrasadas ou idosas cobertas de rugas, emitindo sons que lembravam os de animais feridos e tentando acompanhar seus maridos ou filhos até o Túmulo Fraternal, gritando quando mãos compassivas procuravam detê-las. Como os pobres amam uns aos outros!

A procissão fúnebre continuou ao longo de todo o dia, passando pela Porta da Ibéria e deixando a praça pela Nikolskaya, um

verdadeiro rio de bandeiras exibindo palavras de esperança e de fraternidade e profecias grandiosas, um cortejo que desfilava diante de 50 mil pessoas, sob o olhar dos trabalhadores do mundo inteiro e de seus descendentes para todo o sempre.

Um a um, os quinhentos caixões eram deixados na cova. Veio o crepúsculo, e os estandartes e as bandeiras continuavam a se agitar, a banda tocava a Marcha Fúnebre, a multidão cantava. Nos galhos das árvores desfolhadas, em torno da fossa, viam-se as coroas de flores penduradas, como estranhos e multicoloridos botões. Cerca de duzentos homens começaram a cobrir a vala com terra, que caía sobre os caixões produzindo um som seco, audível em meio ao canto...

As luzes dos postes se acenderam. As últimas bandeiras se afastavam, com as últimas mulheres gemendo, olhando para trás com uma terrível intensidade. Aos poucos, refluía a maré proletária, deixando deserta a Praça Vermelha...

Subitamente, dei-me conta de que o fiel povo russo não precisava mais de padres para abrir-lhe as portas do paraíso. Estava construindo, na terra, um reino com mais esplendor do que qualquer paraíso poderia proporcionar, e pelo qual morrer era uma glória...

* Ver capítulo 11.

11. A conquista do poder⁵⁰

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DOS POVOS DA RÚSSIA⁵¹

... O I Congresso dos Sovietes, em junho deste ano, proclamou o direito dos povos da Rússia à autodeterminação.

O II Congresso dos Sovietes, em novembro passado, ratificou esse direito inalienável dos povos da Rússia de modo mais enfático e definitivo.

Cumprindo com o desejo de ambos os congressos, o Conselho dos Comissários do Povo decidiu estabelecer, como base para sua atuação no que se refere à questão das nacionalidades, os seguintes princípios:

1. Igualdade e soberania dos povos da Rússia.
2. Direito dos povos da Rússia à autodeterminação, até mesmo considerando uma separação e a formação de um Estado independente.
3. Abolição de todos e quaisquer privilégios e restrições de caráter religioso ou nacional.
4. O livre desenvolvimento das minorias nacionais e dos grupos etnográficos que habitam o território russo.

Decretos serão preparados imediatamente após a constituição de uma Comissão das Nacionalidades.

Em nome da República Russa,

Comissário do Povo para as Nacionalidades
YUSSOV DJUGASHVILI-STALIN

Presidente do Conselho de Comissários do Povo
V. ULIÂNNOV (LÊNIN)

A Rada Central de Kiev imediatamente declarou a Ucrânia uma república independente, assim como o fez governo da Finlândia, por intermédio do Senado em Helsinque. “Governos” independentes surgiram também na Sibéria e no Cáucaso. Prontamente, o Comitê Militar Supremo da Polônia agrupou as tropas polonesas do Exército russo, extinguiu seus comitês e instituiu uma disciplina de ferro...

Todos esses “governos” e “movimentos” tinham duas características em comum: eram controlados pela burguesia e detestavam, assim como temiam, o bolchevismo...

Em meio ao caos de mudanças tão dramáticas, o Conselho dos Comissários do Povo tratou de fincar os pilares da nova ordem socialista. Decreto sobre seguridade social, sobre controle operário, regulamentação de comitês agrários distritais, abolição de hierarquias e títulos, extinção das Cortes e criação dos Tribunais do Povo...⁵²

Exércitos e frotas, uns após os outros, enviavam delegações, “para saudar alegremente o novo Governo do Povo”.

Na frente do Smolny, um dia, assisti à chegada de um regimento todo esfarrapado vindo das trincheiras. O soldados se perfilaram diante das enormes portas, esqueléticos e com os rostos acinzentados, olhando para o alto, em direção ao edifício, como se Deus estivesse ali dentro. Alguns apontavam para as águias imperiais que havia sobre a porta e riam... Guardas Vermelhos surgiram para montar a guarda. Todos os soldados se viraram para assistir, curiosos, como se já tivessem ouvido falar muito deles mas nunca os tivessem visto.

Sorriram amigavelmente e se desalinham para dar tapinhas nas costas dos Guardas Vermelhos, com comentários meio brincalhões, meio de admiração...

O Governo Provisório não existia mais. Em 15 de novembro, em todas as igrejas da capital, os padres pararam de rezar por ele. Mas, como o próprio Lênin dissera ao *Tsik*, aquilo era “apenas o começo da conquista do poder”. Sem armas, a oposição, que ainda controlava a vida econômica do país, passou a organizar a desorganização, adotando toda a tradicional habilidade russa para as ações coletivas a fim de estorvar, fragilizar e desacreditar os soviets.

A greve dos funcionários do governo fora muito bem organizada, financiada pelos bancos e pelos estabelecimentos comerciais. Todo e qualquer movimento realizado pelos bolcheviques para se apoderar do aparato governamental encontrava resistência.

Trótski foi ao Ministério das Relações Exteriores. Os funcionários, recusando-se a reconhecer a autoridade dele, trancavam-se em suas salas e, quando as portas eram abertas à força, se demitiam. Trótski solicitou as chaves dos arquivos, mas elas só foram entregues quando ele trouxe alguns operários para arrombá-los. Descobriu-se, então, que Neratov, ex-secretário do Ministério, desaparecera com os tratados secretos...

Shliapnikov tentou tomar posse do Ministério do Trabalho. Fazia um frio cortante, e não havia ninguém para acender as lareiras. Nenhuma das centenas de funcionários aceitou mostrar a ele onde ficava o gabinete do ministro...

Alexandra Kollontai, nomeada no dia 13 de novembro comissária para a Assistência Social — o departamento encarregado das instituições públicas de caridade —, foi recebida no ministério com uma greve, da qual apenas quarenta funcionários não participaram.

Os indigentes das cidades e os moradores dos albergues logo deixaram de receber o mínimo necessário; delegações de inválidos esfomeados, de órfãos, com rostos pálidos e debilitados, cercavam o edifício. Com lágrimas escorrendo pela face, Kollontai mandou prender os grevistas até que eles entregassem as chaves de sua sala e do cofre; quando, porém, ela recebeu as chaves, verificou-se que o ministro anterior, a condessa Panina, levava todos os fundos, os quais se recusava a devolver a não ser que houvesse uma determinação da Assembleia Constituinte nesse sentido.⁵³

Incidentes semelhantes a esses aconteciam no Ministério da Agricultura, no Ministério do Abastecimento e no Ministério das Finanças. E os funcionários, quando instados a retornarem a seus postos sob pena de perderem o emprego e suas pensões, ou simplesmente não voltavam, ou voltavam e promoviam sabotagem no trabalho... Como quase toda a *intelligentsia* era antibolchevique, não havia novos quadros para o governo soviético poder contratar...

Os bancos privados permaneciam obstinadamente fechados, apenas com as portas dos fundos abertas para os investidores. Quando os comissários bolcheviques ali entravam, os funcionários se retiravam, escondendo os livros de registros e levando consigo os fundos. Todos os funcionários do Banco do Estado estavam em greve, à exceção dos encarregados das caixas-fortes e da Casa da Moeda, que se recusavam a atender a qualquer pedido proveniente do Smolny e, por fora, desviavam somas enormes de dinheiro para o Comitê de Salvação e para a Duma Municipal.

Um comissário compareceu ao local duas vezes, acompanhado por um batalhão de Guardas Vermelhos, insistindo na necessidade de liberação de somas relevantes para as despesas de governo. Da primeira vez, membros da Duma Municipal e dirigentes dos

mencheviques e do Partido Socialista Revolucionário estavam presentes em peso, e expuseram com tal gravidade as consequências de tudo aquilo, que o comissário ficou assustado. Da segunda vez, ele apareceu com um mandado oficial e se pôs a lê-lo em voz alta, formalmente; alguém o alertou, no entanto, que o documento não trazia nem data nem carimbo, e o tradicional respeito dos russos para com “documentos” de maneira geral levou-o a se retirar mais uma vez...

Os responsáveis pelo setor de crédito destruíram seus livros, e todos os registros referentes às relações financeiras da Rússia com outros países se perderam.

Os Comitês de Abastecimento, as administrações das empresas municipais de serviços públicos ou estavam completamente parados ou então eram sabotados internamente. Quando os bolcheviques, levados a isso pelas prementes necessidades da população da capital, tentaram auxiliar ou assumir o controle do serviço público, todos os funcionários entraram em greve imediatamente, e a Duma inundou o país inteiro com telegramas acusando os bolcheviques de “violação da autonomia municipal”.

Nos quartéis e nas sedes dos ministérios da Guerra e da Marinha, onde os antigos oficiais haviam consentido em trabalhar, os Comitês do Exército e o alto-comando criaram todos os obstáculos possíveis para os soviets, mesmo que isso tivesse forte repercussão entre as tropas no front. O *Vikzhel* se mostrava hostil, recusando-se a transportar tropas soviéticas; todos os trens militares que deixavam Petrogrado só conseguiam fazê-lo pela força, e os responsáveis pela estrada de ferro acabavam sendo presos, quando então o *Vikzhel* voltava à carga, ameaçando com uma greve geral caso eles não fossem libertos...

O Smolny se mostrava absolutamente impotente. Os jornais afirmavam que todas as fábricas de Petrogrado paralisariam suas atividades em três semanas por falta de combustível; o *Vikzhel* anunciou que todos os trens iriam interromper suas viagens a partir de 1º de dezembro; em Petrogrado, só havia comida suficiente para três dias, sem previsão de novos estoques; no front, o Exército passava fome... O Comitê de Salvação e os diversos comitês centrais enviaram mensagens a todas as regiões do país exortando a população a ignorar os decretos do governo. As embaixadas dos países aliados se comportavam ora com indiferença, ora com declarada hostilidade...

Os jornais oposicionistas, que eram suspensos num dia e apareciam com outros nomes no dia seguinte, tratavam o novo regime com forte sarcasmo.⁵⁴ Até mesmo o *Novaya Zhizn* o caracterizou como “um misto de demagogia e impotência”.

O Governo dos Comissários do Povo [dizia o jornal] afunda-se cada dia mais no atoleiro criado por seu próprio açodamento. Depois de terem conquistado o poder com facilidade... os bolcheviques não têm como fazer uso dele.

Impotentes para conduzir a máquina governamental já existente, são ao mesmo tempo incapazes de criar uma nova, que opere com agilidade e autonomia em conformidade com as teorias de seus experimentalistas sociais.

Até muito pouco tempo atrás, os bolcheviques não dispunham de quadros suficientes para conduzir o próprio partido em crescimento — um trabalho, acima de tudo, de oradores e redatores. Onde, então, encontrarão homens preparados para executar as várias e complexas tarefas relacionadas às funções de governo?

O novo governo age e faz ameaças, inunda o país com decretos, um mais radical e mais “socialista” do que o outro. Mas, nessa autêntica exibição de Socialismo de Papel — provavelmente destinada apenas a provocar a estupefação de nossos descendentes —, não transparece nem o desejo nem a capacidade de solucionar os problemas imediatos do dia a dia!

Enquanto isso, permanecia reunida a Conferência para a Formação do Novo Governo realizada pelo *Vikzhel*. Os dois lados haviam chegado a um acordo de princípio quanto à base do governo; discutia-se a composição do Conselho do Povo. O gabinete já estava esboçado, tendo Tchernov como primeiro-ministro; os bolcheviques eram admitidos, em franca minoria, mas estavam vetados os nomes de Lênin e Trótski. Os Comitês Centrais dos partidos Menchevique e Socialista Revolucionário, assim como o Comitê Executivo dos Sovietes de Camponeses, decidiram, “para interromper o derramamento fratricida de sangue”, e apesar de manterem sua oposição aos “crimes políticos” cometidos pelos bolcheviques, não se opor à entrada destes no Conselho do Povo.

A fuga de Kerenski e o êxito estrondoso alcançado pelos soviets em todo o país mudaram, no entanto, a situação. No dia 16, em uma reunião do *Tsik*, os Socialistas Revolucionários de Esquerda defenderam que os bolcheviques deveriam constituir um governo de coalizão com os demais partidos socialistas; se isso não ocorresse, eles se retirariam do Comitê Militar Revolucionário e do *Tsik*. Malkin afirmou: “As notícias vindas de Moscou, onde camaradas nossos estão morrendo dos dois lados das barricadas, obriga-nos a colocar mais uma vez a questão da formação do governo, e isso não é um direito, mas sim um dever que temos... Conquistamos o direito de estar aqui ao lado dos bolcheviques, dentro dos muros do Instituto Smolny, e de

falar a partir desta tribuna. Depois de uma encarniçada discussão interna em nosso partido, seremos obrigados, caso vocês se neguem a uma coalizão, a travar a batalha abertamente, do lado de fora... Devemos propor à democracia os termos de um compromisso que sejam aceitáveis...”.

Após um recesso para avaliar esse ultimato, os bolcheviques retornaram à sessão com a seguinte resolução, lida por Kamenev:

O *Tsik* considera necessário que integrem o governo representantes de *todos os partidos socialistas participantes dos Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses que reconhecem as conquistas da Revolução de 7 de novembro* — isso significa a *instituição de um Governo dos Sovietes, os decretos sobre a paz, a terra, o controle operário das fábricas e o armamento da classe operária*. Assim, o *Tsik* decide propor a abertura de negociações para a formação do governo a todos os partidos *do Soviete*, com base nas seguintes condições:

O Governo responderá perante o *Tsik*. O *Tsik* deve ser ampliado para 150 membros. A esses 150 delegados dos Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses, serão somados 75 delegados dos Sovietes Provinciais de Deputados Camponeses, oitenta das organizações do Exército e da Marinha no front, quarenta dos sindicatos (25 de diversos sindicatos nacionais, proporcionalmente à sua relevância, dez do *Vikzhel* e cinco dos trabalhadores dos Correios e Telégrafos), e cinquenta delegados dos grupos socialistas da Duma Municipal. No ministério, ao menos metade das pastas caberá aos bolcheviques. Os ministérios do Trabalho, do Interior e das Relações Exteriores serão ocupados pelos bolcheviques. O comando das guarnições de Petrogrado e de

Moscou deverão ficar nas mãos dos delegados dos sovietes de Petrogrado e de Moscú.

O governo assumirá como tarefa o armamento dos operários de toda a Rússia.

Decide-se, igualmente, insistir na candidatura dos camaradas Lênin e Trótski.

Kamenev comentou: “O assim chamado ‘Conselho do Povo’, proposto pela Conferência, seria formado por 420 membros, 150 dos quais seriam bolcheviques. Além disso, haveria delegados do velho *Tsik* contrarrevolucionário, com membros indicados pelas Dumas municipais — todos eles kornilovistas —, com delegados dos Sovietes de Camponeses — escolhidos por Aksentiev —, mais oitenta dos antigos Comitês do Exército, que já não representam a massa dos soldados.

“Recusamo-nos a admitir o antigo *Tsik*, assim como os representantes das Dumas municipais. Os delegados dos Sovietes de Camponeses serão eleitos pelo Congresso de Camponeses, por nós já convocado e que elegerá, ao mesmo tempo, um novo Comitê Executivo. A proposta de excluir Lênin e Trótski é uma proposta de decapitação de nosso partido, e não podemos aceitá-la. E, por fim, não vemos necessidade, de todo modo, de haver um ‘Conselho do Povo’; os sovietes estão abertos a todos os partidos socialistas, e o *Tsik* os representa, em sua real proporcionalidade, perante as massas...”

Falando em nome dos Socialistas Revolucionários de Esquerda, Karelin declarou que seu partido votaria a favor da resolução dos bolcheviques, reservando-se o direito de alterar alguns detalhes, como a representação dos camponeses, e exigindo que o Ministério da Agricultura fosse reservado para os Socialistas Revolucionários de Esquerda. Quanto a isso houve acordo...

Mais tarde, em uma assembleia do Soviete de Petrogrado, Trótski respondeu a uma pergunta sobre a formação do novo governo dizendo: “Não sei de nada. Não estou participando das negociações... De todo modo, não acho que elas tenham muita importância...”.

Nessa noite, a conferência foi marcada por um grande mal-estar. Os delegados da Duma Municipal se retiraram...

Mas no próprio Smolny, entre as fileiras do partido bolchevique, ganhava força uma forte oposição à política de Lênin. Na noite de 17 de novembro, a grande sala estava lotada para a reunião do *Tsik*, e havia no ar um clima funesto.

Larin, bolchevique, afirmou que se aproximava o momento das eleições para a Assembleia Constituinte e que já era tempo de deixar de lado o “terrorismo político”.

“As medidas adotadas contra a liberdade de imprensa precisam ser modificadas. Elas faziam sentido nas circunstâncias do conflito, mas agora não se justificam mais. A imprensa precisa ser livre, exceto se conchamar a levantes e insurreições.”

Sob uma tempestade de vaias e assobios de seu próprio partido, Larin propôs a seguinte resolução:

Fica revogado o decreto do Conselho dos Comissários do Povo relativo à imprensa.

Medidas de repressão política só poderão ser tomadas com autorização de um tribunal especial eleito pelo *Tsik* em proporção que obedeça à força de cada partido nele representado; esse tribunal terá o direito, também, de reavaliar medidas repressivas adotadas anteriormente.

A proposta foi recebida com uma torrente de aplausos, não apenas pelos Socialistas Revolucionários de Esquerda, mas também por uma

parcela dos bolcheviques.

Falando em nome dos leninistas, Avanessov imediatamente propôs que a questão da imprensa fosse adiada até que se chegasse a algum acordo entre os partidos socialistas. Sua sugestão foi rejeitada por uma maioria esmagadora.

“A revolução que vem sendo realizada”, continuou Avanessov, “não hesitou em atacar a propriedade privada; e é como propriedade privada que devemos examinar a questão da imprensa...”

Em seguida, passou a ler a resolução proposta oficialmente pelo partido bolchevique:

A extinção da imprensa burguesa não foi ditada apenas por necessidades de ordem puramente militar no curso da insurreição e para conter a ação contrarrevolucionária, mas se faz necessária igualmente como uma medida de transição rumo à instituição de um novo regime referente à imprensa — um regime sob o qual os capitalistas proprietários das empresas gráficas e do papel não mais poderão ser os produtores exclusivos e todo-poderosos da opinião pública.

Será preciso efetuar o confisco das gráficas privadas e dos estoques de papel, que se tornarão propriedade dos soviets, tanto na capital como no interior do país, de modo a que os partidos e grupos políticos possam fazer uso de suas instalações na mesma proporção da força das ideias que representam — em outras palavras, proporcionalmente à quantidade de filiados.

O restabelecimento da chamada “liberdade de imprensa”, a mera devolução das gráficas e do papel aos capitalistas — que envenenam a mente do povo —, significariam uma rendição inadmissível diante dos desejos do capital, abrindo mão de uma

das mais importantes conquistas da Revolução; em outras palavras, seria uma medida de caráter incontestavelmente contrarrevolucionário.

Conforme o afirmado acima, o *Tsik* rejeita categoricamente toda e qualquer proposta que preveja o restabelecimento do velho regime em matéria de imprensa, e apoia inequivocamente o ponto de vista adotado sobre esta questão pelo Conselho dos Comissários do Povo contra as pretensões e os ultimatos ditados pelos preconceitos pequeno-burgueses ou por uma evidente capitulação aos interesses da burguesia contrarrevolucionária.

A leitura dessa resolução foi interrompida por gritos irônicos dos Socialistas Revolucionários de Esquerda e por exclamações indignadas de bolcheviques dissidentes. Karelin, de pé, protestava. “Três semanas atrás os bolcheviques eram os defensores mais ardorosos da liberdade de imprensa... Os argumentos expostos nessa resolução lembram sobretudo o ponto de vista dos antigos Centúrias Negras e dos censores do regime tsarista — pois também eles falavam daqueles que envenenavam a mente do povo.”

Trótski discursou longamente em defesa da resolução. Fez uma distinção entre a imprensa no decorrer da guerra civil e a imprensa após a vitória. “Durante a guerra civil, o direito de usar a violência pertence apenas aos oprimidos...” (Gritos de “Quem é o oprimido agora? Canibal!”)

“A vitória sobre nossos adversários ainda não foi consolidada, e os jornais são uma arma nas mãos deles. Nessas condições, o fechamento de jornais é uma medida legítima de autodefesa...” Passando para a questão da imprensa após a vitória, Trótski prosseguiu:

“A atitude dos socialistas em relação à liberdade de imprensa deveria ser a mesma por eles adotada quanto à liberdade de

empreendimento... As regras da democracia que estamos instituindo na Rússia exigem a abolição da propriedade privada da imprensa, tal como o domínio da indústria pela propriedade privada... O governo dos soviets deveria confiscar todas as gráficas.” (Gritos de “Confisque as máquinas do *Pravda!*”)

“O monopólio da imprensa pela burguesia tem de ser abolido. Do contrário, não fará sentido termos assumido o poder! Todo e qualquer grupo de cidadãos deve ter acesso às gráficas e ao papel... As impressoras e o papel pertencem, em primeiro lugar, aos operários e camponeses, e só depois deles aos partidos burgueses, que são minoria... A passagem do poder para as mãos dos soviets trará uma mudança radical nas condições básicas de vida, e essa mudança será necessariamente evidente na imprensa... Se vamos nacionalizar os bancos, faz sentido tolerarmos a existência dos jornais que são dos bancos? O velho regime precisa acabar, e isso tem de ser entendido de uma vez por todas...” Aplausos e gritos furiosos.

Karelin afirmou que o *Tsik* não tinha o direito de decidir sobre essa importante questão e que uma comissão especial deveria ser constituída para isso. Mais uma vez, de forma apaixonada, defendeu a liberdade de imprensa.

Veio à tribuna, então, Lênin, calmo, sem demonstrar nenhuma emoção, a testa franzida enquanto falava lentamente, escolhendo as palavras, com cada frase saindo como uma martelada. “A guerra civil ainda não terminou; o inimigo ainda está diante de nós; conseqüentemente, é impossível revogar as medidas repressivas adotadas contra a imprensa.

“Nós, bolcheviques, sempre dissemos que, quando atingíssemos uma posição de poder, fecharíamos a imprensa burguesa. Tolerar a existência dos jornais burgueses significaria deixar de ser socialista.

Quando se faz uma revolução, não se pode perder tempo; é preciso avançar sempre — ou recuar. Quem fala hoje em ‘liberdade de imprensa’ está recuando, emperrando o avanço rumo ao socialismo.

“Nós nos libertamos do jugo do capitalismo, da mesma forma como a primeira revolução nos libertou do jugo do tsarismo. *Se a primeira revolução teve o direito de fechar os jornais monarquistas*, nós também temos o direito de fechar a imprensa burguesa. É impossível separar a questão da liberdade de imprensa das outras questões da luta de classes. Nós prometemos fechar esses jornais, e vamos fazê-lo. A grande maioria do povo está conosco!

“Agora que a insurreição terminou, não temos a menor intenção de fechar os jornais dos outros partidos socialistas, a não ser que venham a pregar uma insurreição armada ou a desobediência ao governo soviético. Mas não permitiremos que eles obtenham, a pretexto da liberdade para a imprensa socialista, por meio do apoio secreto da burguesia, o monopólio das máquinas impressoras, da tinta e do papel... Esses elementos devem ser propriedade do governo soviético e ser distribuídos, em primeiro lugar, aos partidos socialistas, seguindo estritamente a proporção de sua força eleitoral...”

Passou-se à votação. A resolução proposta por Larin e pelos Socialistas Revolucionários de Esquerda foi derrotada por 31 a 22; a moção de Lênin foi aprovada por 34 a 24 votos. Entre os minoritários estavam os bolcheviques Riazanov e Lozovski, que declararam ser impossível, para eles, votar a favor de qualquer restrição à liberdade de imprensa.

Em seguida, os Socialistas Revolucionários de Esquerda declararam que não podiam mais se responsabilizar pelo que seria feito e se retiraram do Comitê Militar Revolucionário e de todos os demais postos que implicavam responsabilidades executivas.

Cinco membros — Nogin, Rykov, Miliutin, Teodorovitch e Shliapnikov — se demitiram do Conselho de Comissários do Povo, fazendo a seguinte declaração:

Somos favoráveis a um Governo Socialista composto por todos os partidos que estão nos sovietes. Consideramos que só a formação de um governo como esse é capaz, possivelmente, de preservar os resultados obtidos pela luta heroica da classe operária e do exército revolucionário. Fora disso, resta apenas um caminho: a formação de um governo puramente bolchevique por meio do terrorismo político. Essa foi a via escolhida pelo Conselho de Comissários do Povo. Não podemos e não vamos seguir esse caminho. Ele leva diretamente ao afastamento de várias organizações proletárias da vida política, à instauração de um regime irresponsável e à destruição da revolução e do país. Não podemos assumir nenhuma responsabilidade por essa política e, diante do *Tsik*, anunciamos nossa renúncia como comissários do Povo.

Outros comissários, mesmo não renunciando, assinaram conjuntamente essa declaração: Riazanov; Derbychev, do Departamento de Imprensa; Arbuzov, da Gráfica Oficial; Yureniev, da Guarda Vermelha; Feodorov, do Comissariado do Trabalho; e Larin, secretário da Seção de Redação de Decretos.

Ao mesmo tempo, Kamenev, Rykov, Miliutin, Zinoviev e Nogin renunciaram ao Comitê Central do Partido Bolchevique, tornando públicas as suas razões:

A formação desse governo (composto por todos os partidos do soviete) é indispensável para evitar um novo banho de sangue, a

fome que se avizinha, a destruição da Revolução pelos kaledinistas, para garantir a convocação da Assembleia Constituinte na data prevista e para aplicar efetivamente o programa aprovado pelo Congresso dos Sovietes...

Não podemos assumir nenhuma responsabilidade pela política desastrosa do Comitê Central, aplicada contra os anseios da grande maioria do proletariado e dos soldados, que estão ansiosos para ver logo encerrada a matança entre os diversos partidos políticos do campo democrático... Renunciamos aos nossos títulos de membros do Comitê Central, de modo a podermos dizer abertamente às massas de operários e soldados aquilo que pensamos...

Deixamos o Comitê Central no momento da vitória; não podemos ficar observando inertes enquanto a política dos que mandam no Comitê Central conduz à perda dos frutos dessa vitória e ao esmagamento do proletariado...

As massas operárias e os soldados da guarnição se agitavam febrilmente, enviando delegações ao Smolny, para a Conferência para a Formação do Novo Governo, em que o racha interno dos bolcheviques gerou um vivo contentamento.

Mas a resposta dos leninistas foi rápida e implacável. Shliapnikov e Teodorovitch se submeteram à disciplina partidária e retomaram seus postos. Kamenev foi destituído de seus poderes como presidente do *Tsik* e Sverdlov foi eleito para ocupar o lugar. Zinoviev foi deposto como presidente do Soviete de Petrogrado. Na manhã do dia 20, o *Pravda* trazia um violento manifesto ao povo russo, redigido por Lênin, que foi impresso com centenas de milhares de cópias, afixado em todos os muros e distribuído em toda a Rússia:

O II Congresso Pan-Russo de Sovietes deu maioria ao Partido Bolchevique. Apenas um governo formado por esse partido pode, assim, ser considerado um governo soviético. E é sabido por todos que o Comitê Central do Partido Bolchevique, poucas horas antes da formação do novo governo e antes de propor a lista de seus membros ao Congresso Pan-Russo de Sovietes, convidou para sua reunião três dos mais proeminentes membros do grupo Socialista Revolucionário de Esquerda, os camaradas Kamkov, Spiro e Karelin, e CONVIDOU-OS a participar do novo governo. Lamentamos imensamente a recusa expressa por esses camaradas; consideramos que ela é inadmissível em revolucionários e combatentes da classe operária; estamos abertos a qualquer momento para incluir os Socialistas Revolucionários de Esquerda no governo; mas declaramos que, como partido majoritário do II Congresso Pan-Russo de Sovietes, temos o direito e o dever, perante o povo, de formar um governo...

Camaradas! Vários membros do Comitê Central de nosso partido e do Conselho dos Comissários do Povo, Kamenev, Zinoviev, Nogin, Rykov, Miliutin e mais alguns poucos deixaram ontem, 17 de novembro, o Comitê Central do nosso partido, e os últimos três, o Conselho dos Comissários do Povo...

Esses camaradas agiram como desertores, uma vez que não apenas abandonaram os postos a eles confiados, como também descumpriram as ordens dadas pelo Comitê Central do nosso partido, pois deveriam ter aguardado as decisões que seriam tomadas pelas instâncias do partido em Petrogrado e em Moscou antes de se retirarem. Repudiamos enfaticamente essa deserção. Estamos firmemente convencidos de que todos os operários,

soldados e camponeses conscientes, de nosso partido ou dele simpatizantes, também desaprovam o comportamento dos desertores...

Lembrem-se, camaradas, de que dois desses desertores, Kamenev e Zinoviev, antes mesmo do levante em Petrogrado, já haviam agido como desertores e fura-greves ao votar na reunião decisiva do Comitê Central, em 23 de outubro de 1917, contra a insurreição; e que, mesmo DEPOIS de aprovada a resolução pelo Comitê Central, continuaram sua campanha em um encontro com os operários do partido... Mas o enorme ânimo das massas, o grande heroísmo de milhões de operários, soldados e camponeses em Moscou, em Petrogrado, no front, nas trincheiras, nos vilarejos, pôs de lado os desertores, como um trem que, ao passar, varre a poeira da estrada...

Que a vergonha recaia sobre esses homens de pouca fé, que hesitam, que vacilam, que se deixam assustar pela burguesia ou que sucumbem diante dos gritos de seus cúmplices diretos ou indiretos! Não há uma única sombra de hesitação da parte das massas de Petrogrado, de Moscou e do restante da Rússia...

Não nos submeteremos a nenhum ultimato de pequenos grupos de intelectuais que não são seguidos pelas massas, que são apoiados NA PRÁTICA apenas pelos kornilovistas, savinkovistas, *yunkers* e assim por diante...

A reação, em todo o país, foi como uma rajada de vento anunciando uma forte tempestade. Os dissidentes não tiveram nenhuma chance de “expor abertamente a sua opinião às massas operárias e de soldados”. Ao *Tsik* chegava, como ondas, a feroz condenação popular dos “desertores”. Durante vários dias, o Smolny ficou lotado, recebendo delegações e comissões do front, de Volga, das

fábricas de Petrogrado. “Como eles ousaram deixar o governo? Foram pagos pela burguesia para destruir a Revolução? Eles deveriam voltar e se submeter às decisões do Comitê Central!”

Apenas na guarnição de Petrogrado ainda se via alguma incerteza. Uma grande assembleia de soldados foi realizada no dia 24 de novembro, com a presença de representantes de todos os partidos. A política de Lênin recebeu o apoio da grande maioria, e os Socialistas Revolucionários de Esquerda foram instados a entrar no governo...⁵⁵

Os mencheviques divulgaram um ultimato final, exigindo a libertação de todos os ministros e *yunkers*, liberdade total para os jornais, desarmamento da Guarda Vermelha e a guarnição submetida ao comando da Duma. A resposta do Smolny foi de que todos os ministros socialistas e todos (e poucos) *yunkers* já tinham sido soltos, que todos os jornais, com exceção dos burgueses, estavam liberados e que as forças armadas permaneceriam sob o comando do Soviete... No dia 19, desfez-se a Conferência para a Formação de um Novo Governo, e os opositores se dirigiram, um a um, para Moguilev, onde, sob as asas do Estado-Maior, continuaram a formar governos após governos, até o fim...

Enquanto isso, os bolcheviques cuidavam de neutralizar o poder do *Vikzhel*. Um apelo dirigido pelo Soviete de Petrogrado aos ferroviários chamou-os a exigirem do *Vikzhel* que este abrisse mão de seus poderes. No dia 15, o *Tsik*, usando a mesma tática adotada em relação aos camponeses, convocou para 1º de dezembro um Congresso Pan-Russo de Ferroviários; imediatamente, o *Vikzhel* convocou seu próprio congresso, para duas semanas depois. Em 16 de novembro, os membros do *Vikzhel* assumiram suas cadeiras no *Tsik*. Na noite de 2 de dezembro, na abertura do Congresso Pan-Russo de Ferroviários, o

Tsik ofereceu formalmente ao *Vikzhel* — que o aceitou — o posto de Comissário das Estradas e Comunicações...

Resolvida a questão do governo, os bolcheviques voltaram suas atenções para os problemas práticos da administração. Em primeiro lugar, era preciso garantir o abastecimento de alimentos para a capital, para o interior e para o Exército. Grupos de marinheiros e Guardas Vermelhos vasculharam os armazéns, os terminais ferroviários e até mesmo as embarcações ancoradas nos canais, descobrindo e confiscando milhares de *puds** de comida escondidos pelos especuladores. Emissários foram mandados para as províncias, onde, com a ajuda dos comitês agrários, ocuparam os armazéns dos grandes comerciantes de grãos. Organizaram-se expedições de marinheiros fortemente armadas, cada uma com 5 mil homens, que se dirigiram ao sul e à Sibéria com a missão de se apoderar no caminho das cidades que ainda estivessem sob controle de Guardas Brancos, estabelecer a ordem e encontrar comida. O tráfego de passageiros na Ferrovia Transiberiana foi suspenso por duas semanas, enquanto treze trens, carregados de cestos de roupas e barras de ferro reunidas pelos comitês de fábrica, eram enviados para o leste, cada um sob o comando de um comissário, para trocar essas mercadorias por grãos e batatas com os camponeses da Sibéria...

Com as minas de carvão do Don sob controle de Kaledin, a questão do combustível tornava-se urgente. O Smolny cortou a iluminação elétrica de teatros, lojas e restaurantes, reduziu o número de bondes nas ruas e confiscou os estoques mantidos pelos comerciantes de lenha... Quando as indústrias de Petrogrado já estavam à beira de fechar suas portas por falta de carvão, os marinheiros da Frota do Báltico deslocaram para os operários 200 mil *puds* retirados dos porões dos navios de guerra...

No final de novembro, vieram os “*pogroms* de vinho”⁵⁶ — a pilhagem das caves de vinho —, iniciados com os subterrâneos do Palácio de Inverno. Durante vários dias, soldados embriagados eram vistos pelas ruas... Era evidente, nisso tudo, a mão dos contrarrevolucionários, que distribuía plantas entre os regimentos mostrando os locais onde havia estoques de bebida. Os comissários do Smolny procuraram discutir e argumentar, mas isso não bastou para deter a crescente confusão; conflitos abertos ocorriam entre soldados e Guardas Vermelhos... Ao final, o Comitê Militar Revolucionário enviou destacamentos de marinheiros armados com metralhadoras, que atiravam com furor sobre os manifestantes, matando muitos deles; obedecendo a ordens expressas, comitês invadiram as caves de vinho e destruíram as garrafas a marteladas — ou fizeram-nas voar pelos ares com dinamite...⁵⁷

Companhias de Guardas Vermelhos, disciplinados e bem remunerados, montavam guarda dia e noite nas sedes dos sovietes locais, substituindo a antiga milícia. Em todos os bairros da capital, operários e soldados elegiam pequenos tribunais revolucionários para julgar delitos menores...

Guardas Vermelhos cercavam os grandes hotéis, tirando dali e levando à prisão os especuladores que continuavam a fazer bons negócios.⁵⁸

Alerta e desconfiada, a classe operária forjou uma ampla rede de espionagem, cuja base eram os empregados das casas burguesas, transmitindo todas as informações ao Comitê Militar Revolucionário, que agia com mão de ferro, permanentemente. Foi por essa via que se descobriu o complô monarquista armado por Purishkevich, ex-membro da Duma, e um grupo de nobres e oficiais, que haviam planejado uma rebelião de oficiais e redigido uma carta chamando

Kaledin a Petrogrado...⁵⁹ Também foi assim que veio à luz a conspiração do *Cadete* de Petrogrado, que enviava dinheiro e homens a Kaledin.

Neratov, assustado diante da explosão de fúria popular causada por sua fuga, voltou e entregou os tratados secretos a Trótski, que passou a divulgá-los no *Pravda*, deixando o mundo escandalizado...

As restrições impostas à imprensa foram reforçadas por um decreto⁶⁰ que proibia publicidade em outros órgãos que não fossem os jornais oficiais do governo. Imediatamente, todos os demais veículos suspenderam sua publicação, em protesto, ou desobedeceram à lei, sendo então fechados... Três semanas foram necessárias para que finalmente cedessem.

Enquanto isso, continuavam as greves nos ministérios, a sabotagem praticada pelos antigos oficiais e a suspensão da vida econômica normal. Em apoio ao Smolny havia apenas os anseios das amplas massas populares desorganizadas; e era com elas que contava o Conselho dos Comissários do Povo, que dirigia sua ação revolucionária contra os inimigos. Em proclamações eloquentes,⁶¹ redigidas com palavras simples e espalhadas por toda a Rússia, Lênin explicava a Revolução e incitava o povo a tomar o poder em suas mãos, a usar da força para quebrar a resistência da burguesia e impor as novas instituições de governo. Ordem revolucionária. Disciplina revolucionária! Contabilidade e controle rigorosos! Nada de greves! Nada de indolência!⁶²

Em 20 de novembro, o Comitê Militar Revolucionário emitiu o seguinte aviso:

As classes abastadas se opõem ao poder dos soviets — o governo dos operários, soldados e camponeses. Seus simpatizantes

suspendem o trabalho dos funcionários no governo e na Duma, incitam greves nos bancos, tentam cortar a comunicação por via férrea, por correios e por telégrafo...

Alertamos que eles estão brincando com fogo. O país e o exército estão ameaçados de fome. Para lutar contra isso, é indispensável que esses serviços estejam funcionando regularmente. O Governo dos Operários e Camponeses está adotando todas as medidas para garantir o que for necessário ao país e ao exército. A oposição a tais medidas constitui um crime contra o povo. Alertamos às classes abastadas e a seus simpatizantes que, caso não acabem com a sabotagem e a provocação de bloquear o transporte de alimentos, serão os primeiros a sofrer as consequências. Perderão o direito de receber alimentos. Todos os estoques que possuem serão expropriados. As propriedades dos principais culpados serão confiscadas.

Cumprimos com nosso dever ao alertar aqueles que estão brincando com fogo.

Estamos convencidos de que, caso essas medidas radicais se tornem necessárias, contaremos com o sólido apoio de todos os operários, soldados e camponeses.

Em 22 de novembro, os muros da cidade amanheceram cobertos com um cartaz intitulado: “COMUNICADO EXTRAORDINÁRIO”:

O Conselho dos Comissários do Povo recebeu um telegrama urgente do Estado-Maior da frente do norte...

“Impossível esperar mais; não deixem o Exército morrer de fome; há vários dias as tropas da frente do norte não recebem uma única migalha de pão, e o estoque de biscoitos — que vêm sendo

liberados de reservas de suprimentos até então intocadas — se esgota em dois ou três... Delegados de todos os setores do front já falam na necessidade de mandar parcelas do Exército de volta para a retaguarda, prevendo que em alguns dias poderá ocorrer uma grande debandada de soldados, que estão morrendo de fome, arrasados após três anos de guerra nas trincheiras, doentes, maltrapilhos, quase descalços, sendo levados à loucura por toda essa miséria sobre-humana.”

O Comitê Militar Revolucionário traz essas informações ao conhecimento da guarnição e dos operários de Petrogrado. A situação no front exige medidas as mais extremas e urgentes... Enquanto isso, os altos funcionários das instituições do governo, dos bancos, das estradas de ferro, dos correios e telégrafos fazem greve, impedindo o trabalho do governo de abastecer o front... Cada hora de atraso pode custar a vida de milhares de soldados. Os funcionários contrarrevolucionários agem como os mais desleais responsáveis pela fome e pela morte que atingem nossos irmãos do front...

O COMITÊ MILITAR REVOLUCIONÁRIO DIRIGE A ESSES CRIMINOSOS UMA ÚLTIMA ADVERTÊNCIA. Caso permaneça a resistência ou a oposição de sua parte, o rigor das medidas que serão adotadas contra eles corresponderá à gravidade de seu crime...

As massas operárias e de soldados reagiram com um furor selvagem em toda a Rússia. Na capital, os funcionários do governo e dos bancos emitiram centenas de declarações e apelos,⁶³ protestando, defendendo-se, como no exemplo seguinte:

A TODOS OS CIDADÃOS.

O BANCO DO ESTADO ESTÁ FECHADO!

POR QUÊ?

Porque a violência usada pelos bolcheviques contra o Banco do Estado impossibilita o nosso trabalho. O primeiro ato dos Comissários do Povo foi REQUISITAR 10 MILHÕES DE RUBLOS, e em 27 de novembro REQUISITARAM 25 MILHÕES, sem nenhum esclarecimento sobre para onde seria dirigido esse dinheiro.

... Nós, funcionários, não podemos compartilhar com a pilhagem de uma propriedade do povo. Paralisamos, então, o trabalho.

CIDADÃOS! O dinheiro do Banco do Estado é seu, é dinheiro do povo, adquirido com o seu trabalho, seu suor e seu sangue. CIDADÃOS! Garantam a propriedade do povo contra o roubo e protejam-nos contra a violência, e então imediatamente voltaremos ao trabalho.

Funcionários do Banco do Estado

Surgiam do Ministério do Abastecimento, do Ministério das Finanças e do Comitê Especial de Abastecimento declarações afirmando que o Comitê Militar Revolucionário tornava impossível o trabalho dos funcionários, apelos pedindo apoio da população contra o Smolny... Mas a massa de operários e soldados não acreditava neles; estava firmemente arraigada na mente do povo a ideia de que aqueles funcionários estavam sabotando o trabalho, provocando a

fome no Exército e entre a população... Nas longas filas do pão que se formavam, como antes, nas ruas geladas pelo inverno, a culpa não era atribuída ao *governo*, como acontecia na época de Kerenski, mas aos *tchinovniki*, os sabotadores; pois o governo era o governo *deles*, os sovietes *deles* — e os funcionários dos ministérios estavam contra esse governo...

No centro de toda essa oposição estava a Duma e seu braço militante, o Comitê de Salvação, protestando contra todos os decretos do Conselho dos Comissários do Povo, votando repetidamente contra o reconhecimento do governo soviético, colaborando abertamente com os novos “governos” contrarrevolucionários formados em Moghilev... Em 17 de novembro, por exemplo, o Comitê de Salvação se dirigiu a “todos os governos municipais, *zemstvos* e a todas as organizações democráticas e revolucionárias de camponeses, operários e soldados e demais cidadãos”, com as seguintes palavras:

Não reconheçam o governo dos bolcheviques, lutem contra ele.

Formem Comitês locais de Salvação do País e da Revolução, reunindo todas as forças democráticas, para ajudar o Comitê de Salvação Pan-Russo na execução de suas tarefas...

Enquanto isso, as eleições para a Assembleia Constituinte em Petrogrado⁶⁴ conferiram ampla maioria aos bolcheviques; de tal forma que os próprios mencheviques internacionalistas admitiram que deveria ser realizada uma nova eleição para a Duma, que não representava mais a composição política da população de Petrogrado... Ao mesmo tempo, as organizações operárias, unidades militares e até mesmo de camponeses de todo o país inundavam a Duma, chamando seus membros de “contrarrevolucionários, kornilovistas” e exigindo sua renúncia. Os últimos dias da Duma

foram tempestuosos, funcionários municipais exigindo salários mais dignos, ameaça de greves...

No dia 23, o Comitê Militar Revolucionário decretou oficialmente a extinção do Comitê de Salvação. No dia 29, o Conselho de Comissários do Povo determinou a dissolução e a realização de uma nova eleição para a Duma Municipal de Petrogrado:

Tendo em vista o fato de que a Duma Central de Petrogrado, eleita em 2 de setembro, perdeu definitivamente o direito de representar a população de Petrogrado, estando em total desacordo com seu estado de espírito e suas aspirações... e tendo em vista que os membros majoritários da Duma, embora tendo perdido todos os seus seguidores, continuam a fazer uso de suas prerrogativas para opor uma resistência contrarrevolucionária aos anseios dos operários, soldados e camponeses, sabotando e obstruindo o trabalho normal do governo, o Conselho dos Comissários do Povo considera seu dever chamar a população da capital a se pronunciar em relação à política adotada pelas autoridades municipais.

Com essa finalidade, o Conselho dos Comissários do Povo decide:

1. Dissolver a Duma Municipal; essa dissolução entrará em vigor no dia 30 de novembro de 1917.

2. Todos os funcionários escolhidos ou indicados pela atual Duma devem permanecer em seus postos e executar as tarefas a eles confiadas até que seus lugares sejam preenchidos pelos substitutos a serem designados pela nova Duma.

3. Todos os funcionários municipais devem continuar cumprindo suas tarefas; aqueles que abandonarem o serviço por conta própria serão considerados imediatamente dispensados.

4. A nova eleição para a Duma Municipal de Petrogrado está marcada para o dia 9 de dezembro de 1917.

5. A Duma Municipal de Petrogrado se reunirá no dia 11 de dezembro de 1917 às duas da tarde.

6. Aqueles que desobedecerem a este decreto, assim como aqueles que destruírem ou atacarem intencionalmente os bens da municipalidade, serão imediatamente detidos e submetidos aos tribunais revolucionários.

Ignorando a determinação, a Duma manteve suas sessões, aprovando resoluções nas quais falava em “defender sua posição até a última gota de sangue”, chamando desesperadamente a população a salvar o “seu governo municipal eleito”. Mas a população se mostrava indiferente, quando não hostil a esses apelos. No dia 31, o prefeito Schreider e vários membros foram presos, interrogados e depois libertados. Nesse dia e no dia seguinte, a Duma continuou reunida, sendo interrompida com frequência por Guardas Vermelhos e marinheiros, que educadamente intimavam a assembleia a se dispersar. Na sessão de 2 de dezembro, enquanto um dos membros discursava, um oficial e alguns marinheiros adentraram a Sala Nicolai e mandaram que todos se retirassem, sob a ameaça do uso da força. Os membros da Duma protestaram, mas, ao final, acabaram “cedendo à violência”.

A nova Duma, eleita dez dias mais tarde, e para a qual os socialistas “moderados” se recusaram a votar, era quase integralmente bolchevique...⁶⁵

Restavam ainda vários núcleos de oposição perigosos, como as “repúblicas” da Ucrânia e da Finlândia, que exibiam tendências abertamente antissoviéticas. Nos dois casos, em Helsinque e em Kiev, os governos reuniam tropas de confiança com o objetivo de preparar

campanhas para acabar com o bolchevismo e desarmar e expulsar as tropas russas. A Rada ucraniana assumiu o controle de todo o Sul da Rússia e fornecia reforços e alimentos a Kaledin. Tanto a Finlândia quanto a Ucrânia iniciaram negociações secretas com os alemães, sendo imediatamente reconhecidas pelos governos dos países aliados, que lhes enviavam enormes quantias de dinheiro, unindo-se à burguesia para criar centros contrarrevolucionários de ataque à Rússia soviética. Ao final, depois que os bolcheviques assumiram o poder nesses dois países, a burguesia derrotada apelou aos alemães para que a ajudassem a retomar o poder...

Mas a maior ameaça ao governo soviético era interna, em duas vias — o movimento de Kaledin e o Estado-Maior instalado em Moghilev, onde o general Dukhonin assumira o comando.

O onipresente Muraviov foi designado comandante da guerra contra os cossacos, e um Exército Vermelho foi formado com operários de fábrica. Centenas de propagandistas foram enviados ao Don. O Conselho dos Comissários do Povo publicou um manifesto dirigido aos cossacos⁶⁶ explicando o que era o governo soviético e como a burguesia, os *tchinovniki*, os grandes proprietários de terra, banqueiros e seus aliados, os príncipes cossacos, os senhores e generais tentavam destruir a Revolução e evitar o confisco de suas riquezas pelo povo.

Em 27 de novembro, uma comissão de cossacos se dirigiu ao Smolny para falar com Trótski e com Lênin. Perguntaram-lhes se era verdade que o governo soviético não pretendia dividir as terras dos cossacos entre os camponeses da Grande Rússia. “Não”, respondeu Trótski. Os cossacos se reuniram em separado por alguns instantes. “Bem”, perguntaram então, “pretende o governo soviético confiscar as propriedades dos grandes proprietários cossacos e dividi-las entre os

cossacos trabalhadores?” Lênin respondeu: “Isso cabe a vocês fazerem. Nós daremos apoio aos trabalhadores cossacos em todas as suas ações... A melhor forma de começar é constituindo sovietes cossacos; vocês terão representação no *Tsik*, e então esse governo será o governo de vocês também...”.

Os cossacos partiram, bastante pensativos. Duas semanas depois, o general Kaledin recebeu uma delegação de suas tropas. Perguntaram-lhe: “Vocês prometem dividir as terras dos grandes proprietários cossacos entre os trabalhadores cossacos?”.

“Só por cima do meu cadáver”, respondeu Kaledin. Um mês mais tarde, vendo seu exército se esvaír diante de seus próprios olhos, Kaledin estourou os miolos. E assim chegava ao fim o movimento cossaco...

Enquanto isso, em Moguilev, reuniam-se o velho *Tsik*, os líderes socialistas “moderados” — de Avksentiev a Tchernov —, os mais ativos entre os dirigentes dos antigos Comitês do Exército e os oficiais reacionários. O Estado-Maior se recusava claramente a reconhecer o Conselho dos Comissários do Povo. Em torno dessa posição, reuniu também os Batalhões da Morte, os Cavaleiros de São Jorge e os cossacos do front, além de manter relações secretas e próximas com os adidos militares, com o movimento de Kaledin e a Rada ucraniana.

Os governos dos Aliados não haviam respondido ao decreto sobre a paz de 8 de novembro, no qual o Congresso dos Sovietes propugnava um armistício geral.

Em 20 de novembro, Trótski dirigiu uma mensagem aos embaixadores dos países aliados.⁶⁷

Tenho a honra de informar-lhe, senhor embaixador, que o Congresso Pan-Russo dos Sovietes [...] constituiu em 8 de

novembro um novo governo sob a forma do Conselho dos Comissários do Povo. O presidente desse governo é Vladímir Ilitch Lênin. A condução das questões externas foi confiada a mim, como comissário do Povo para as Relações Exteriores...

Chamando sua atenção para o texto aprovado pelo Congresso Pan-Russo, que traz uma proposta de um armistício e de uma paz democrática, sem anexações ou indenizações, baseada no direito de autodeterminação dos povos, tenho a honra de lhe pedir que considere esse documento como uma proposta formal de imediato armistício em todos os fronts e de abertura imediata das negociações de paz; a mesma proposição está sendo dirigida pelo governo da República Russa a todos os povos e governos dos países beligerantes.

Queira aceitar, senhor embaixador, a profunda certeza da estima do governo soviético para com seu povo, que não deseja outra coisa que não a paz, como todos os povos esgotados e exauridos por essa carnificina sem precedentes...

Na mesma noite, o Conselho dos Comissários do Povo telegrafou ao general Dukhonin:

O Conselho dos Comissários do Povo considera indispensável dirigir imediatamente uma proposta formal de armistício a todos os governos, sejam aliados ou inimigos. Uma declaração consoante com essa decisão foi enviada pelo comissário do Povo para as Relações Exteriores aos representantes dos governos aliados em Petrogrado.

O Conselho dos Comissários do Povo o encarrega, cidadão comandante em chefe, de propor às autoridades militares inimigas

que cessem imediatamente as hostilidades e que se abram as negociações de paz. Ao encarregá-lo da condução dessas conversações preliminares, o Conselho dos Comissários do Povo orienta-o a:

1. Manter o Conselho diretamente informado sobre todos os passos das conversações com os representantes dos exércitos inimigos.

2. Não assinar o tratado de armistício até que ele seja aprovado pelo Conselho dos Comissários do Povo.

Os embaixadores aliados receberam a mensagem de Trótski com um silêncio desdenhoso, acompanhado de entrevistas anônimas dadas aos jornais, em que transpiravam rancor e desprezo. O mandato dado a Dukhonin foi por eles caracterizado, abertamente, como um ato de traição...

Já o próprio Dukhonin não deu nenhum sinal de vida. Na noite de 22 de novembro, ele foi contatado ao telefone e questionado se cumpriria ou não as ordens que lhe tinham sido encaminhadas. Dukhonin respondeu que só poderia fazê-lo se elas tivessem vindo de um “governo apoiado pelo Exército e pelo país”.

Foi então imediatamente demitido, por telégrafo, do posto de comandante supremo, e Krylenko foi designado para ocupar o cargo. Conforme sua tática de apelar às massas, Lênin enviou uma mensagem via rádio a todos os comitês de regimento, batalhão e divisão, a todos os soldados e marinheiros do Exército e da Marinha, comunicando-lhes a recusa de Dukhonin e determinando “aos regimentos do front eleger delegados para dar início às negociações com os destacamentos inimigos...”.

No dia 23, os adidos militares das nações aliadas, agindo a partir de instruções dadas por seus respectivos governos, apresentaram uma

mensagem a Dukhonin na qual o alertavam “a não violar as condições dos tratados firmados entre os governos da Entente”. A mensagem prosseguia comunicando que, caso fosse assinado um armistício com os alemães em separado, tal ato resultaria nas mais graves das consequências” para a Rússia. Esse comunicado foi distribuído imediatamente por Dukhonin a todos os comitês de soldados...

Na manhã seguinte, Trótski dirigiu um novo apelo às tropas, caracterizando o comunicado dos representantes dos aliados como uma flagrante ingerência nas questões internas da Rússia e uma tentativa declarada de “forçar, por ameaças, o Exército russo e o povo russo a prosseguir com a guerra, cumprindo com os tratados assinados pelo tsar...”.

Moções atrás de moções eram divulgadas vindas do Smolny⁶⁸ denunciando Dukhonin e os oficiais contrarrevolucionários que o cercavam; denunciando os políticos reacionários reunidos em Moghilev; sublevando, de uma ponta a outra dos 1 500 quilômetros do front, milhões de soldados furiosos e desconfiados. Ao mesmo tempo, Krylenko, acompanhado por três destacamentos de marinheiros fanaticamente devotados, partiu em direção ao Estado-Maior brandindo ameaças de vingança,⁶⁹ e foi recebido pelos soldados, em toda parte, com uma gigantesca ovação — como numa marcha triunfal. O Comitê Central do Exército divulgou uma declaração em defesa de Dukhonin; imediatamente, 10 mil soldados se deslocaram para Moghilev...

Em 2 de dezembro, a guarnição de Moghilev se rebelou e ocupou a cidade, prendendo Dukhonin e os membros do Comitê do Exército, desfilando com bandeiras vermelhas ao encontro do novo comandante em chefe. Krylenko entrou em Moghilev na manhã seguinte, onde deparou com uma multidão que vociferava junto ao vagão de trem

onde Dukhonin estava preso. Krylenko fez um discurso em que implorou aos soldados que não agredissem o general, que seria enviado a Petrogrado e julgado por um Tribunal Revolucionário. Quando Krylenko terminou, subitamente o próprio Dukhonin apareceu na janela, como se quisesse se dirigir à massa. No entanto, com um furor selvagem, as pessoas tomaram de assalto o vagão, puxaram para fora o velho general e o espancaram até a morte, na plataforma...

E assim chegava ao fim a revolta do Estado-Maior...

Extremamente fortalecido com o colapso do último bastião militar hostil que detinha alguma importância dentro da Rússia, o governo soviético deu início, confiante, à organização do Estado. Muitos dos antigos funcionários se aliaram às suas bandeiras, e muitos membros de outros partidos incorporaram-se à administração governamental. Aqueles que ambicionavam melhores rendimentos, porém, deram de encontro com o decreto sobre os salários dos funcionários do governo, que fixava o salário dos comissários do Povo — que eram os mais elevados — em quinhentos rublos (cerca de cinquenta dólares) mensais... A greve dos funcionários do governo, liderada pela União dos Sindicatos, chegou ao fim, abandonada pelos interesses financeiros e comerciais que antes a financiavam. Os funcionários dos bancos voltaram ao trabalho...

Com o Decreto de Nacionalização dos Bancos, a formação do Conselho Superior da Economia Nacional, com a aplicação prática do Decreto sobre a Terra nas aldeias, a reorganização democrática do Exército e as impetuosas mudanças efetuadas em todos os setores do governo e da vida — com todas essas realizações, que só poderiam ser efetivadas a partir do desejo das massas de operários, soldados e

camponeses, começou a se moldar, com muitos erros e dificuldades, a Rússia proletária.

Se os bolcheviques conquistaram o poder, não foi com nenhum compromisso com a burguesia ou com as outras lideranças políticas; não foi a partir de alguma conciliação com a velha máquina governamental. Tampouco foi devido à violência organizada de um pequeno grupo. Se as massas de toda a Rússia não estivessem dispostas a se insurgir, a insurreição teria fracassado. A única razão para o êxito dos bolcheviques reside no fato de que eles realizaram os amplos e simples anseios das camadas mais profundas do povo, conclamadas a romper com a velha ordem e destruí-la, e depois, em meio à fumaça de suas ruínas, a cooperar com eles na edificação das bases de um novo mundo...

* Um *puđ* equivale a 36 libras.

12. O Congresso Camponês

Em 18 de novembro, começou a nevar. Quando acordamos, de manhã, os beirais das janelas estavam cobertos de branco, e os flocos caíam com tanta densidade, que era impossível enxergar para além de dez passos. A lama desaparecera; em um piscar de olhos, a cidade escura se tornara toda branca, cintilante. Os *droshki*, com seus cocheiros agasalhados e as barbas salpicadas de branco, tinham se transformado em verdadeiros trenós, deslizando a toda velocidade, aos solavancos, pelas ruas desniveladas... Apesar da Revolução e de que a Rússia estivesse mergulhando vertiginosamente em um futuro terrível e desconhecido, a chegada da neve encheu de alegria a cidade. Todos sorriam; as pessoas saíam para as ruas, esticando os braços, sorridentes, para alcançar os flocos de neve em sua queda. Tudo o que era cinzento desaparecera; apenas as flechas e cúpulas douradas e coloridas, com seu maravilhoso esplendor potencializado, brilhavam em meio à neve branca.

Até mesmo o sol resolveu aparecer, pálido e lavado, ao meio-dia. Os resfriados e reumatismos dos meses de chuva iam embora. Alegrou-se a vida na cidade e a Revolução começou a se acelerar...

Uma noite, eu estava em um *traktir* — uma espécie de cabaré popular — em frente ao Smolny, do outro lado da rua; era um local barulhento e com pé-direito baixo, chamado “A Cabana do Pai Tomás”, frequentada principalmente por Guardas Vermelhos. Eles lotavam o lugar naquela noite, amontoados em torno de pequenas mesas com toalhas manchadas e enormes chaleiras de porcelana,

enchendo o ar de fumaça, enquanto os garçons, exaustos, corriam para todos os lados gritando “*Seichass! Seichass!* Já vou! Já vou!”.

Em um dos cantos, um homem sentado, com uniforme de capitão, se dirigia a um grupo, que o interrompia a todo instante.

“Vocês não passam de uns assassinos!”, gritava ele. “Atirando nos seus próprios irmãos russos no meio das ruas!”

“Quando foi que fizemos isso?”, perguntou um operário.

“No domingo passado, quando os *yunkers...*”

“Pois bem, e eles não atiraram em nós?” Um dos homens exibiu o braço pendurado em uma tipoia. “E eu, não tenho algo aqui para guardar de lembrança desses demônios?”

O capitão então gritou com a força máxima de sua voz. “Vocês deveriam ficar neutros! Vocês deveriam ficar neutros! Quem vocês pensam que são para derrubar o governo legal? Quem é Lênin? Um alemão...”

“Quem é você? É um contrarrevolucionário! Um provocador!”, bradaram os outros.

Quando o grupo se acalmou um pouco, o capitão se levantou. “Muito bem!”, disse ele. “Vocês dizem que são o povo russo. Mas vocês não são o povo russo. O povo russo são os camponeses. Esperem só, até que os camponeses...”

“Sim”, gritaram, “esperemos até que os camponeses se pronunciem. Nós sabemos o que eles vão dizer... Pois não são trabalhadores, como nós?”

Em resumo, tudo dependia dos camponeses. Embora politicamente atrasados, tinham suas próprias ideias e formavam mais de 80% da população russa. Os bolcheviques contavam com relativamente poucos seguidores entre os camponeses; e seria impossível durar para sempre, na Rússia, uma ditadura dos operários industriais... O

partido camponês tradicional era o Partido Revolucionário Socialista; de todos os partidos que agora apoiavam o governo soviético, os Socialistas Revolucionários de Esquerda seriam, pela lógica, os herdeiros da liderança camponesa — e os Socialistas Revolucionários de Esquerda, por sua vez, colocados à mercê do proletariado urbano organizado, precisavam desesperadamente de apoio em meio aos camponeses...

Nesse entretempo, o Smolny não negligenciara o peso dos camponeses. Depois do Decreto sobre a Terra, um dos primeiros atos do *Tsik* foi convocar um Congresso Camponês, passando por cima do Comitê Executivo dos Sovietes de Camponeses. Poucos dias depois, divulgou-se o regulamento detalhado dos Comitês Agrários de *Volost* (distritos), seguido da *Instrução aos Camponeses* de Lênin,⁷⁰ que explicava, em palavras simples, a revolução bolchevique e o novo governo; no dia 16 de novembro, Lênin e Milyutin divulgaram as *Instruções aos Emissários Provisórios*, enviados aos milhares às províncias pelo governo soviético:

1. Assim que chegar à província da qual foi encarregado, o emissário deverá convocar uma reunião conjunta de todos os Comitês Executivos dos Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses, para os quais deve fazer um relato a respeito das leis agrárias e em seguida pedir a convocação de uma reunião plenária dos sovietses...

2. Ele deve estudar os diversos aspectos da questão agrária da província.

- (a) Foram os grandes proprietários afastados? Se sim, em quais distritos?

(b) Quem administra as terras que foram confiscadas? Os antigos proprietários ou os comitês agrários?

(c) O que foi feito dos equipamentos de uso rural e dos animais das fazendas?

3. Houve aumento da área cultivada pelos camponeses?

4. Em quanto a quantidade de terra cultivada difere da quantidade média mínima determinada pelo governo?

5. O emissário deve insistir em que, depois de os camponeses receberem a terra, é imperativo que incrementem a área cultivada o mais rápido possível e que acelerem o envio de grãos para as cidades, como única forma de combater a fome.

6. Quais são as medidas previstas ou já executadas para a transferência da terra dos grandes proprietários para os comitês agrários ou organizações similares designadas pelos soviets?

7. É desejável que as propriedades rurais bem conduzidas e bem equipadas sejam administradas pelos soviets compostos pelos funcionários regulares dessas propriedades sob a supervisão de engenheiros agrônomos.

Espalhou-se por todos os vilarejos o fermento da mudança, estimulado não só pelo impacto eletrizante do Decreto sobre a Terra, mas também pela presença de milhares de camponeses soldados adeptos da Revolução que retornavam do front... Esses homens, em especial, receberam muito bem a convocação do Congresso Camponês.

Como o antigo *Tsik* fizera em relação ao segundo Congresso de Sovietes de Operários e Soldados, o Comitê Executivo tentou esvaziar o Congresso Camponês convocado pelo Smolny. E, assim como o antigo *Tsik*, verificando a inutilidade de sua resistência, o Comitê Executivo espalhou telegramas frenéticos orientando que se elessem

delegados conservadores. Divulgou-se até mesmo, entre os camponeses, que o Congresso seria realizado em Moghilev, e alguns delegados chegaram a ser mandados para lá; mas, em 23 de novembro, cerca de quatrocentos deles estavam em Petrogrado, e tiveram início as reuniões dos partidos.

A primeira sessão se realizou na sala Alexander do edifício da Duma, e a primeira votação mostrou que metade dos delegados era de Socialistas Revolucionários de Esquerda, enquanto os bolcheviques controlavam cerca de 20%, os socialistas revolucionários conservadores cerca de 25%, e o restante se unia apenas em torno da oposição ao antigo Comitê Executivo, dominado por Avksentiev, Tchaikovski e Peshekhonov...

A grande sala, abarrotada, se agitava com os clamores incessantes; um profundo e permanente amargor dividia os delegados em grupos raivosos. À direita, viam-se as ombreiras cintilantes dos oficiais e os rostos patriarcais e barbudos dos camponeses mais velhos e abastados; ao centro, alguns poucos camponeses, suboficiais e soldados; e, à esquerda, quase todos os delegados usavam uniformes de soldados comuns. Estes representavam a nova geração, que estivera servindo o Exército... As galerias estavam lotadas de operários — que, na Rússia, ainda se lembravam bem de sua origem camponesa...

Diferentemente do que fizera o antigo *Tsik*, o Comitê Executivo não reconheceu o Congresso como oficial — o Congresso oficial estava convocado para 13 de dezembro. Em meio a uma tempestade de aplausos e gritos irados, o representante do Comitê Executivo anunciou que aquele encontro era apenas uma “Conferência Extraordinária...”. A tal “Conferência Extraordinária”, porém, logo mostrou como via o Comitê Executivo, elegendo Maria Spiridonova,

líder dos Socialistas Revolucionários de Esquerda, para presidir os trabalhos.

A maior parte do primeiro dia de trabalho foi tomada por um violento debate sobre se os representantes dos sovietes distritais também seriam admitidos, ou se seriam apenas os dos sovietes das províncias. Como ocorrera no Congresso dos Operários e Soldados, a imensa maioria se declarou favorável à mais ampla representação possível, o que levou o velho Comitê Executivo a se retirar do encontro...

Em seguida, ficou evidente que a maioria dos delegados era hostil ao governo dos Comissários do Povo. Zinoviev, tentando falar em nome dos bolcheviques, foi enxotado, e, sem conseguir falar, ao deixar a tribuna em meio a muitos risos ouviu gritos de “Vejam como fugiu da raia nosso comissário do Povo!”.

“Nós, Socialistas Revolucionários de Esquerda”, disse Nazariev, um delegado das províncias, “nos recusamos a reconhecer esse autodenominado Governo Operário e Camponês enquanto os camponeses não estiverem realmente representados nele. Até o momento, ele não é outra coisa senão uma ditadura dos operários... Insistimos na necessidade da formação de um novo governo que represente a democracia como um todo!”

Os delegados reacionários estimularam habilmente essa atitude, declarando, diante dos protestos das fileiras dos bolcheviques, que o Conselho dos Comissários do Povo estava procurando ou controlar o Congresso ou então dissolvê-lo com o uso da força — afirmação que foi recebida com grande fúria pelos camponeses.

No terceiro dia, Lênin subiu de repente à tribuna. Durante dez minutos, a sala foi à loucura. “Tirem-no daí!”, gritavam. “Não

ouviremos nenhum de seus comissários do Povo! Não reconhecemos seu governo!”

Lênin permaneceu ali, calmo, segurando o púlpito com as duas mãos, pensativo, os olhos pequeninos observando o tumulto à sua frente. Finalmente, com exceção da ala direita, as manifestações cessaram por si só, quase por inteiro.

“Não estou aqui como membro do Conselho dos Comissários do Povo”, disse Lênin, e aguardou novamente que o silêncio voltasse. “Mas sim como membro da facção bolchevique, devidamente eleita para este Congresso.” E ergueu sua credencial, de modo a que todos pudessem vê-la.

“No entanto”, retomou com uma voz monocórdia, “ninguém poderá negar que o atual governo da Rússia foi formado pelo Partido Bolchevique” — teve de aguardar um momento — “o que, para todos os propósitos, dá na mesma...” Nesse instante, das fileiras da direita emanou uma barulheira ensurdecadora, mas o centro e a esquerda, que se mostravam curiosos, impuseram o silêncio.

O argumento de Lênin era simples. “Digam-me francamente, vocês, camponeses, a quem nós transferimos as terras dos *pomieshchiki*. Vocês gostariam de impedir que os operários assumissem o controle das fábricas? Trata-se de uma guerra de classes. É evidente que os *pomieshchiki* se opõem aos camponeses assim como os industriais se opõem ao operários. Vocês permitirão que as fileiras do proletariado se dividam? De que lado vocês ficarão?”

“Nós, bolcheviques, somos o partido do proletariado — tanto do proletariado camponês quanto do proletariado industrial. Nós, bolcheviques, somos defensores dos soviets, tanto dos soviets camponeses quanto dos soviets operários e de soldados. O atual governo é um governo dos soviets; não apenas convidamos os

soviets camponeses a integrar esse governo, como também convidamos representantes dos Socialistas Revolucionários de Esquerda a integrar o Conselho dos Comissários do Povo...

“Os soviets são a forma mais perfeita de representação do povo — dos operários das fábricas e das minas e dos trabalhadores do campo. Quem quer que procure destruir os soviets é culpado de ato antidemocrático e contrarrevolucionário. E devo alertá-los aqui, camaradas Socialistas Revolucionários de Direita — e também aos senhores do *Cadete* —, de que, se a Assembleia Constituinte tentar acabar com os soviets, não permitiremos, em hipótese alguma, que ela o faça!”

Na tarde de 25 de novembro, Tchernov chegou esbaforido de Moguilev, chamado pelo Comitê Executivo. Considerado apenas dois meses antes um revolucionário radical, e bastante popular entre os camponeses, fora chamado, agora, para evitar o perigoso deslocamento operado pelo Congresso para a esquerda. Assim que chegou, Tchernov foi preso e levado ao Smolny, onde, depois de uma breve conversa, foi liberado.

Seu primeiro ato foi repreender severamente os membros do Comitê Executivo pela decisão de se retirar do Congresso. Eles concordaram, então, em retornar, e Tchernov adentrou a sala, recebido com fortes aplausos pela maioria e com gritos e vaias pelos bolcheviques.

“Camaradas! Eu estava fora, participando da Conferência do 12º Exército sobre a questão da convocação de um congresso de todos os delegados dos exércitos da frente ocidental, e sei muito pouco a respeito da insurreição que ocorreu aqui...”

Zinoviev se levantou e gritou: “Sim, você estava fora... por alguns minutos!”. Um tumulto enorme, e gritos de “Abaixo o bolchevique!”.

Tchernov prosseguiu falando. “A acusação de que ajudei a conduzir um exército contra Petrogrado não tem fundamento e é absolutamente mentirosa. De onde veio essa informação? Digam-me qual é a fonte!”

Zinoviev: “Do *Izvestia* e do *Dielo Naroda* — seu próprio jornal. Daí que veio a informação!”.

O rosto de Tchernov, grande, com olhos pequeninos, cabelos ondulados e barba grisalha, ficou corado de raiva, mas ele conseguiu se controlar e seguiu em frente. “Repito que não sei quase nada sobre o que se passou aqui, e que não liderei nenhum exército, a não ser este [e indicou os delegados camponeses], por cuja presença, aqui, sou amplamente responsável!” Risos e gritos de “Bravo!”.

“Assim que cheguei, estive no Smolny. Essa acusação não foi feita a mim ali... Saí de lá depois de uma rápida conversa — e é só! Que alguém presente nesta sala tenha a ousadia de repetir tal acusação!”

Seguiu-se um tumulto generalizado, durante o qual os bolcheviques e alguns Socialistas Revolucionários de Esquerda se mantiveram de pé brandindo os punhos e gritando, enquanto o restante da assembleia tentava calá-los gritando ainda mais.

“Isto é uma vergonha, não uma reunião!”, exclamou Tchernov, deixando a sala. Devido ao tumulto e à desordem que se instalou, o encontro foi suspenso...

Enquanto isso, a questão do papel e das atribuições do Comitê Executivo ocupava todas as cabeças. Ao se chamar a reunião de “Conferência Extraordinária”, a intenção era impedir uma nova eleição para o Comitê Executivo. Tal postura, porém resultou em uma faca de dois gumes: os Socialistas Revolucionários de Esquerda decidiram que, uma vez que o Congresso não teria poderes sobre o Comitê Executivo, este, então, também não poderia ter poderes em relação ao Congresso. Em 25 de novembro, a assembleia aprovou que

os poderes do Comitê Executivo seriam assumidos pela Conferência Extraordinária, na qual apenas membros do comitê eleitos como delegados teriam direito a voto...

No dia seguinte, a despeito da forte oposição dos bolcheviques, a resolução sofreu uma emenda que dava aos membros do Comitê Executivo, eleitos delegados ou não, o direito de voz e de voto na assembleia.

No dia 27, deu-se o debate sobre a questão da terra, no qual se revelaram as diferenças entre os programas agrários dos bolcheviques e dos Socialistas Revolucionários de Esquerda.

Kolchinski, falando pelos Socialistas Revolucionários de Esquerda, traçou um panorama histórico de como a questão da terra se desenvolveu no decorrer da Revolução. O I Congresso dos Sovietes de Camponeses, disse ele, aprovara uma resolução oficial explícita a favor da imediata transferência dos domínios dos proprietários rurais para as mãos dos Comitês Agrários. Mas os dirigentes da Revolução, e os burgueses do governo, insistiram em que nada fosse decidido sobre a questão até que a Assembleia Constituinte se reunisse... O segundo período da Revolução, o período do “compromisso”, foi marcado pela entrada de Tchernov no Ministério. Os camponeses estavam convencidos, então, de que finalmente a questão da terra seria tratada; mas, apesar da decisão impositiva aprovada pelo I Congresso Camponês, os reacionários e conciliadores do Comitê Executivo impediram qualquer passo nesse sentido. Essa política provocou uma série de levantes rurais, que surgiram como uma expressão natural da impaciência e da energia reprimida dos camponeses. Estes compreenderam o claro sentido da Revolução e tentaram transformar as palavras em ações...

“Os últimos acontecimentos”, disse o orador, “não foram um simples levante ou uma ‘aventura bolchevique’, mas, ao contrário, uma verdadeira insurreição popular, recebida com simpatia em todo o país...

“Os bolcheviques, de modo geral, adotaram uma postura correta em relação à questão da terra; porém, ao recomendar que os camponeses tomassem as terras à força, cometeram um grave erro... Desde o primeiro dia, os bolcheviques declararam que os camponeses deveriam ocupar as terras ‘pela ação revolucionária das massas’. Isso não é outra coisa senão a anarquia; a terra pode ser tomada de forma organizada... Para os bolcheviques, o que importava era que os problemas da Revolução fossem resolvidos da maneira mais rápida possível — e não estavam interessados em saber como essas questões seriam resolvidas...

“O decreto do Congresso dos Sovietes sobre a terra é idêntico, em seus fundamentos, às decisões do I Congresso Camponês. Por que, então, o novo governo seguiu as táticas delineadas por aquele Congresso? Porque o Conselho dos Comissários do Povo queria acelerar a resolução da questão agrária, de modo a que a Assembleia Constituinte já não pudesse fazer mais nada a respeito...

“Mas o governo também percebeu que era preciso adotar medidas práticas. Então, sem muito refletir, adotou a Regulamentação dos Comitês Agrários, criando, com isso, uma situação estranha; pois, se o Conselho dos Comissários do Povo abolira a propriedade privada da terra, a regulamentação definida para os Comitês Agrários se baseava na propriedade privada... Isso, no entanto, não ocasionou maiores problemas, porque os Comitês Agrários não deram muita atenção aos decretos do soviete, optando por colocar em prática suas próprias

decisões — decisões baseadas nos anseios da ampla maioria dos camponeses.

“Esses Comitês Agrários não buscavam tratar da questão legislativa relacionada às terras, que deve ser vista pela Assembleia Constituinte... Mas será que a Assembleia Constituinte agirá conforme o desejo dos camponeses russos? Não podemos ter nenhuma certeza em relação a isso... Tudo o que podemos dizer é que a determinação revolucionária dos camponeses agora aflorou, e que a Constituinte se verá forçada a tratar da questão agrária da maneira como os camponeses querem que ela trate... A Assembleia Constituinte não se atreverá a se chocar com os anseios do povo...”

Lênin falou em seguida, sendo ouvido, dessa vez, com uma atenção intensa. “Neste momento, não estamos tentando resolver apenas a questão agrária, mas também a questão da Revolução Social — e não apenas aqui, na Rússia, mas em todo o mundo. A questão da terra não pode ser solucionada separadamente dos outros problemas da Revolução Social... Por exemplo, o confisco das grandes propriedades de terra provocarão resistência não apenas por parte dos grandes proprietários russos, mas também do capital externo, ao qual os grandes proprietários de terras estão vinculados por intermédio dos bancos...”

“A propriedade da terra na Rússia está na base de uma grande opressão, e o confisco da terra pelos camponeses é o passo mais importante de nossa Revolução. Mas ele não pode ser visto em separado dos outros passos, como ficou claramente demonstrado nos diferentes estágios pelos quais a Revolução teve de passar. O primeiro estágio foi aniquilar a autocracia e o poder dos capitalistas industriais e grandes proprietários rurais, cujos interesses estão estreitamente ligados entre si. O segundo estágio foi o fortalecimento dos soviets e

o compromisso político estabelecido com a burguesia. O erro dos Socialistas Revolucionários de Esquerda, naquele momento, foi não se terem oposto à política de compromisso, por defenderem a teoria de que a consciência das massas ainda não estava suficientemente desenvolvida...

“Se o socialismo só puder ser concretizado quando o desenvolvimento intelectual de todo o povo o tornar possível, então não teremos socialismo pelo menos nos próximos quinhentos anos... O partido político socialista constitui a vanguarda da classe operária; não pode frear a si mesmo por causa da ausência de educação da média das massas, e sim liderar as massas, usando os sovietes como órgãos que adotam iniciativas revolucionárias... Mas, para arrastar consigo aqueles que vacilam, os Socialistas Revolucionários de Esquerda têm de acabar com suas próprias hesitações...

“No último mês de julho, iniciou-se uma série de conflitos abertos opondo as massas populares aos ‘conciliadores’; mas mesmo agora, em novembro, os Socialistas Revolucionários de Esquerda ainda estendem suas mãos a Avksentiev, que, com o dedo mindinho, puxa o povo junto... Se a política do compromisso permanecer, é a Revolução que irá desaparecer. Nenhuma conciliação com a burguesia é possível; seu poder deve ser totalmente aniquilado...

“Nós, bolcheviques, não mudamos nosso programa agrário; não abrimos mão da abolição da propriedade privada da terra, e não pretendemos fazê-lo. Adotamos as regulamentações para os Comitês Agrários — que *não são*, de modo algum, baseadas na propriedade privada — porque queremos fazer cumprir os anseios populares da maneira como o próprio povo decidiu fazer isso, como uma forma de aproximar as forças de coalizão de todos os elementos que estão em luta pela Revolução Social.

“Convidamos os Socialistas Revolucionários de Esquerda a fazer parte desta coalizão, insistindo, no entanto, em que parem de ficar olhando para trás e rompam com os ‘conciliadores’ de seu partido...

“No que concerne à Assembleia Constituinte, é verdade, como disse o orador que me precedeu, que os trabalhos da Assembleia Constituinte dependerão da determinação revolucionária das massas. Pois eu afirmo: ‘Conte com a determinação revolucionária, mas não esqueça de levar o fuzil!’.”

Em seguida, Lênin passou a ler a proposta de resolução dos bolcheviques:

O Congresso Camponês aprova irrestritamente o Decreto sobre a Terra de 8 de novembro [...] aprovado pelo Governo Provisório de Operários e Camponeses da República Russa, instituído pelo II Congresso Pan-Russo dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados.

O Congresso Camponês [...] conclama todos os camponeses a dar apoio a esta lei e a implementá-la imediatamente, por conta própria; ao mesmo tempo, convida os camponeses a eleger para os postos e posições de responsabilidade apenas pessoas que tenham provado, não em palavras mas por meio de atos, sua absoluta devoção aos interesses dos trabalhadores explorados do campo, seu desejo e sua habilidade para defender esses interesses contra toda e qualquer resistência por parte dos grandes proprietários, dos capitalistas, seus acólitos e cúmplices.

O Congresso Camponês, ao mesmo tempo, exprime sua forte convicção de que a realização completa de todas as medidas previstas no Decreto sobre a Terra só poderá ter sucesso em conjunto com a Revolução Social dos Operários, que teve início em

7 de novembro de 1917; pois apenas a Revolução Social pode consolidar de modo definitivo, sem possibilidade de retorno, a transferência da terra para os trabalhadores do campo; o confisco das fazendas-modelo e sua entrega às comunas; o confisco das máquinas pertencentes aos grandes proprietários; a proteção dos interesses dos trabalhadores agrícolas através da abolição completa da escravidão assalariada; a distribuição regular e sistemática, para todas as regiões da Rússia, dos produtos industriais e agrícolas; e a tomada dos bancos (sem o que a tomada da terra pelo povo se tornará impossível após a abolição da propriedade privada), e [consolidar] todo tipo de apoio, por parte do Estado, aos operários...

Por essas razões, o Congresso Camponês decide apoiar integralmente a revolução de 7 de novembro [...] como uma revolução social, e expressa seu inabalável desejo de colocar em ação, com todas as modificações que se fizerem necessárias, mas sem hesitação, a transformação social da República Russa.

As condições indispensáveis para a vitória da Revolução Socialista, única capaz de assegurar o êxito duradouro e a completa aplicação do Decreto sobre a Terra, são a forte união dos trabalhadores do campo com a classe operária industrial e com o proletariado de todos os países avançados. A partir de agora, em toda a República Russa, toda a organização e a administração do Estado, de alto a baixo, deve estar baseada nessa união. Somente essa união, ao sufocar qualquer tentativa direta ou indireta, aberta ou dissimulada, de retorno à velha política de conciliação com a burguesia — conciliação já condenada pela experiência prática—, poderá garantir a vitória do socialismo no mundo inteiro.

Os reacionários do Comitê Executivo já não se atreviam a se expor abertamente. Tchernov, porém, falou várias vezes, com uma imparcialidade modesta e cativante. Foi convidado a tomar parte da mesa... Na segunda noite do Congresso, um texto anônimo chegou às mãos do presidente dos trabalhos, propondo que Tchernov fosse eleito presidente honorário. Ustinov leu a nota em voz alta. Imediatamente, Zinoviev se ergueu, gritando que se tratava de uma manobra do velho Comitê Executivo para controlar o encontro; de uma hora para outra, a sala se tornou um mar de braços em movimento e de rostos irados. Ainda assim, Tchernov manteve sua forte popularidade.

No decorrer dos acirrados debates sobre a questão agrária e a resolução de Lênin, por duas vezes os bolcheviques estiveram prestes a deixar a sala, sendo contidos por suas lideranças... Parecia-me que o Congresso se encontrava em um impasse inescapável.

Mas nenhum de nós sabia que, àquela altura, uma série de reuniões secretas já estava se realizando no Smolny entre os Socialistas Revolucionários de Esquerda e os bolcheviques. Inicialmente, os Socialistas Revolucionários de Esquerda exigiam que fosse constituído um governo composto por todos os partidos socialistas, estivessem ou não dentro dos sovietes, que responderia a um Conselho do Povo composto em igual número de delegados das organizações operárias e dos soldados, além das organizações dos camponeses, e complementado por representantes das Dumas municipais e dos *zemstvos*; Lênin e Trótski ficariam de fora, e o Comitê Militar Revolucionário, juntamente com outros órgãos repressivos, seria dissolvido.

Na quarta-feira de manhã, 28 de novembro, após uma noite inteira de fortes disputas, chegou-se a um acordo. O *Tsik*, composto por 108 membros, seria ampliado para mais 108 membros eleitos

proporcionalmente pelo Congresso Camponês; por cem delegados eleitos diretamente pelo Exército e pela Marinha; e por cinquenta representantes dos sindicatos (35 das federações nacionais, dez dos ferroviários, e cinco dos Correios e Telégrafos). As Dumas e os *zemstvos* não participariam. Lênin e Trótski permaneciam no governo, e o Comitê Militar Revolucionário continuaria a existir.

As sessões do Congresso tinham sido agora transferidas para o prédio da Faculdade Imperial de Direito, no número 6 do cais de Fontanka, sede dos soviets camponeses. Os delegados se reuniram ali, quarta-feira à tarde, na grande sala de assembleias. O antigo Comitê Executivo, que fora destituído, fazia uma reunião própria, paralela, em uma sala do mesmo edifício, com a participação de delegados dissidentes e representantes dos Comitês do Exército.

Tchernov circulava entre as duas reuniões, observando de perto o desenrolar de cada uma. Ele sabia que um acordo com os bolcheviques estava sendo discutido, mas não sabia que este já tinha sido feito.

Tomou a palavra, na reunião paralela, dizendo: “Agora que todos se colocam a favor da formação de um governo com todos os socialistas, muitos se esquecem do primeiro ministério, que não era um governo de coalizão, que tinha no seu seio apenas um socialista — Kerenski — e que foi, ao seu tempo, bastante popular. Agora as pessoas atacam Kerenski; esquecem que ele foi levado ao poder não só pelos soviets, mas também pelas massas populares...”

“Por que a opinião pública mudou em relação a Kerenski? Os selvagens inventam deuses para os quais rezam, mas também punem esses deuses caso não atendam a suas orações... É isso que está acontecendo agora... Ontem era Kerenski; hoje, Lênin e Trótski; amanhã serão outros...”

“Nós propusemos aos dois lados, Kerenski e os bolcheviques, que deixassem o poder. Kerenski aceitou — hoje mesmo ele anunciou, de seu esconderijo, a renúncia ao posto de primeiro-ministro; mas os bolcheviques querem manter o poder, sendo que não sabem o que fazer com ele...”

“Sejam ou não bem-sucedidos os bolcheviques, o destino da Rússia não vai se alterar. Os camponeses de toda a Rússia sabem perfeitamente o que querem, e estão tomando suas próprias medidas... Ao final, serão eles que nos salvarão a todos...”

Nesse entretanto, na grande sala, Ustinov anunciava o acordo selado entre o Congresso Camponês e o Smolny, que foi recebido pelos delegados com uma alegria selvagem. Subitamente, Tchernov apareceu e pediu a palavra.

“Entendo”, começou, “que um acordo está sendo concluído entre o Congresso Camponês e o Smolny. Esse acordo, porém, seria ilegal, visto que o verdadeiro Congresso dos Sovietes Camponeses só se reunirá a partir da próxima semana...”

“Mais do que isso, gostaria de alertá-los de que os bolcheviques jamais aceitarão suas exigências...”

Foi interrompido, então, por enormes gargalhadas, e, percebendo a situação, deixou a tribuna e a sala, levando junto sua popularidade...

No final da tarde de 29 de novembro, o Congresso promoveu uma sessão extraordinária. Havia no ar um clima de festa; em todos os rostos se via um sorriso... Aceleraram-se as demais questões da ordem do dia, e então o velho Nathanson, o decano de barbas brancas da ala esquerda dos socialistas revolucionários, com a voz trêmula e lágrimas nos olhos, passou a ler o relatório sobre o “casamento” dos soviets camponeses com os soviets dos operários e soldados. A cada vez que mencionava a palavra “união”, choviam aplausos de êxtase... Ao

final, Ustinov anunciou a chegada de uma delegação do Smolny, acompanhada de representantes da Guarda Vermelha, recebidos com uma enorme ovação. Um operário, um soldado e um marinheiro sucederam-se na tribuna para saudar todos os presentes.

Falou em seguida Boris Reinstein, delegado do Partido Trabalhista Socialista Norte-Americano: “O dia da união do Congresso Camponês e dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados é um dos grandes dias da Revolução. O som deste encontro ecoará em todo o mundo — em Paris, em Londres e, atravessando o oceano, em Nova York. Esta união encherá de alegria os corações de todos os trabalhadores do mundo.

“É o triunfo de uma grande obra. O Ocidente e a América esperavam do proletariado russo algo grandioso... O proletariado internacional aguarda a Revolução Russa, aguarda os grandes feitos que ela está consolidando...”

Sverdlov, presidente do *Tsik*, veio então saudar a todos. E ao grito de “Viva o fim da guerra civil! Viva a Democracia Unida!”, os camponeses foram deixando o edifício.

Já era noite, e a luz pálida da lua e das estrelas se refletia na neve branca. Ao longo do canal, marchavam enfileirados os soldados do regimento de Pavlovski, com sua banda, que tocava a *Marseillaise*. Recebidos pelos gritos roucos e profundos dos soldados, os camponeses também se enfileiravam, portando o grande estandarte vermelho do Comitê Executivo Pan-Russo dos Sovietes Camponeses, recém-bordado em dourado com os seguintes dizeres: “Viva a união das massas revolucionárias e trabalhadoras!”. Seguiam-se outros estandartes, dos soviets distritais e também da fábrica Putilov, que dizia: “Saudamos esta bandeira, garantia da fraternidade de todos os povos!”.

Tochas apareceram, tingindo a noite de uma coloração alaranjada e refletindo-se milhares de vezes, espalhando-se em nuvens de fumaça entre a multidão, enquanto esta avançava ao longo do canal Fontanka cantando em meio a espectadores que se mantinham em silêncio, perplexos.

“Longa vida ao Exército Revolucionário! Longa vida à Guarda Vermelha! Longa vida aos camponeses!”

A enorme passeata percorreu a cidade, aumentando aos poucos e empunhando mais estandartes com dizeres bordados a ouro. Dois velhos camponeses, os corpos encurvados de tanto trabalho acumulado, caminhavam de mãos dadas, os rostos iluminados por uma alegria infantil.

“Bem”, disse um deles, “agora é que eu quero ver eles tomarem de volta as nossas terras!”

Nas proximidades do Smolny, a Guarda Vermelha estava alinhada nos dois lados da rua, esfuziante de felicidade. O outro camponês idoso se dirigiu a seu camarada: “Não me sinto cansado”, disse ele, “andei o dia inteiro como se estivesse voando!”.

Na escadaria do Smolny, agrupavam-se cerca de cem deputados operários e de soldados, com seu estandarte, escuro em contraste com a luminosidade que se espalhava pelas arcadas. Como uma onda, desceram correndo para receber os camponeses com beijos e abraços; o cortejo então avançou para dentro do portão e subiu a escadaria, produzindo o som de um turbilhão...

Na imensa sala branca de reuniões, o *Tsik* aguardava, em conjunto com todo o Soviete de Petrogrado e cerca de mil espectadores, tomados pela solenidade que acompanha os grandes momentos da história quando seus protagonistas têm consciência dele.

Zinoviev anunciou o acordo selado com o Congresso Camponês, sendo saudado por uma vibração que fazia tremer as paredes e que se transformou em verdadeira tempestade de ovações quando chegou do corredor o som da banda e, atrás dela, os que encabeçavam o cortejo. Na tribuna, a mesa dos trabalhos se levantou e abriu espaço para acomodar a mesa dos camponeses, todos se abraçando uns aos outros. Atrás deles, as duas bandeiras se entrelaçavam tendo como pano de fundo a parede branca, de onde fora retirado o retrato do tsar...

Abriu-se, então, a “sessão solene”. Depois de algumas palavras de boas-vindas pronunciadas por Sverdlov, subiu à tribuna Maria Spiridonova, esquelética, pálida, com óculos enormes e os cabelos lisos sobre os ombros e um ar de professora universitária da Nova Inglaterra — era a mais amada e mais poderosa mulher de toda a Rússia.

“Abrem-se para os trabalhadores da Rússia novos horizontes, jamais vistos pela História... Todos os movimentos de trabalhadores foram derrotados no passado. Mas o atual movimento é internacional, e por isso mesmo se torna invencível. Não há força no mundo capaz de apagar o fogo da Revolução! O velho mundo desaba, o novo mundo começa...”

Veio então Trótski, altamente inflamado: “Dou-lhes as boas-vindas, camaradas camponeses! Vocês estão aqui não como visitantes, mas como senhores desta casa, que abriga o coração da Revolução Russa. Os anseios de milhões de trabalhadores estão agora concentrados nesta sala... Só existe um senhor da terra russa: a união dos operários, soldados e camponeses...”

Com um sarcasmo amargo, ele prosseguiu falando dos diplomatas dos Aliados, que até então vinham desdenhando a proposta de

armistício feita pela Rússia, proposta que fora aprovada pelas Potências Centrais.

“Uma nova humanidade nascerá desta guerra... Diante desta sala, juramos aos trabalhadores de todos os países que nos manteremos em nosso posto revolucionário. Se formos derrotados, será lutando em defesa de nossa bandeira...”

Em seguida falou Krylenko, relatando a situação no front, onde Dukhonin preparava a resistência ao Conselho dos Comissários do Povo. “Logo faremos Dukhonin e seus aliados entenderem muito bem que não trataremos com delicadeza aqueles que querem obstaculizar o caminho para a paz!”

Dybenko saudou os presentes em nome da Marinha, e Krushinski, membro do *Vikzhel*, afirmou: “A partir de agora, quando se consolida a união de todos os verdadeiros socialistas, o exército de ferroviários se coloca totalmente à disposição da democracia revolucionária!”. Falaram em seguida Lunatcharski, com lágrimas nos olhos, e Proshian, em nome dos Socialistas Revolucionários de Esquerda, e, por fim, Saharashvili, pelos Social-Democratas Internacionalistas Unidos, formados pelos grupos de Martov e de Górkki, que declarou:

“Nós nos retiramos do *Tsik* por causa da política intransigente dos bolcheviques e para forçá-los a concessões para se forjar a união de toda a democracia revolucionária. Agora que essa união se realizou, consideramos um dever sagrado de nossa parte voltar a integrar o *Tsik*... Defendemos que todos aqueles que haviam se retirado do *Tsik* devem agora retornar”.

Stachkov, um velho e venerável camponês, integrante da mesa de trabalhos do Congresso Camponês, voltou o olhar para os quatro cantos da sala. “Saúdo a todos com o batismo de uma nova vida e de uma nova liberdade na Rússia!”

Seguiram-se Gronski, em nome da Social-Democracia da Polônia; Skripnik, pelos Comitês de Fábrica; Tifonov, pelos soldados russos de Salonika; e outros, interminavelmente, falando com o coração aberto, com a alegre eloquência da esperança realizada...

Já era tarde da noite quando foi submetida, e aprovada por unanimidade, a seguinte resolução:

O *Tsik*, reunido em sessão extraordinária com o Soviete de Petrogrado e com o Congresso Camponês, reafirma os Decretos sobre a Terra e a Paz aprovados pelo II Congresso dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados, bem como o Decreto sobre Controle Operário aprovado pelo *Tsik*.

A sessão conjunta do *Tsik* e do Congresso Camponês expressa sua firme convicção de que a união dos operários, soldados e camponeses — essa fraterna união de todos os trabalhadores e de todos os explorados — consolidará o poder por ela conquistado para em seguida adotar todas as medidas revolucionárias necessárias para acelerar a transferência do poder para as mãos da classe operária em outros países e dessa maneira assegurar a consolidação duradoura de uma paz justa e a vitória do socialismo.⁷¹

Apêndices

1. O PANO DE FUNDO

1. *Oborontsi*, “defensores”. Todos os grupos socialistas “moderados” adotaram ou receberam essa denominação porque consentiram com a continuidade da guerra sob liderança dos Aliados, com o argumento de que se tratava de uma guerra em defesa nacional. Os bolcheviques, os Socialistas Revolucionários de Esquerda, os Mencheviques Internacionalistas (facção de Martov) e os Social-Democratas Internacionalistas (grupo de Górkki) eram a favor de forçar os Aliados a declarar objetivos democráticos de guerra e oferecer paz para a Alemanha nesses termos.

2. SALÁRIOS E CUSTO DE VIDA ANTES E DURANTE A REVOLUÇÃO

As seguintes tabelas de salários e custos foram compiladas, em outubro de 1917, por uma Comissão para a Câmara de Comércio de Moscou e pela seção do Ministério do Trabalho da mesma cidade, e publicadas em *Novaya Zhizn* em 26 de outubro de 1917:

Salários por dia (em rublos e copeques)

Profissão	Julho 1914	Julho 1916	Agosto 1917
Carpinteiro-marceneiro	1,60-2,0	4,0-6,0	8,50
Escavador-minerador	1,30-1,50	3,0-3,50	-
Pedreiro-estucador	1,70-2,35	4,0-6,0	8,0
Pintor-estofador	1,80-2,20	3,0-5,50	8,0
Ferreiro	1,0-2,25	4,0-5,0	8,50
Limpador de chaminé	1,50-2,0	4,0-5,50	7,50
Chaveiro	0,90-2,0	3,50-6,0	9,0
Ajudante	1,0-1,50	2,50-4,50	8,0

Mesmo com os vários casos de adiantamento de salário que se sucederam logo após a Revolução de março de 1917, essas cifras, publicadas pelo Ministério do Trabalho como sendo emblemáticas das condições em toda a Rússia, demonstram que os salários não aumentaram de imediato após a Revolução, mas de forma gradual. Em média, eles subiram pouco mais que 500%...

No entanto, o valor do rublo caiu para menos de um terço de seu antigo poder aquisitivo e os custos de vida aumentaram excessivamente.

A seguinte tabela foi compilada pela Duma Municipal de Moscou, onde o alimento era mais barato e mais abundante do que em Petrogrado:

Custo dos alimentos (em rublos e copeques)

	Agosto 1914	Agosto 1917	% de aumento
Pão preto (<i>funt</i>)	0,02	0,12	330
Pão branco (<i>funt</i>)	0,05	0,20	300
Carne vermelha (<i>funt</i>)	0,22	1,10	400
Vitela (<i>funt</i>)	0,26	2,15	727
Porco (<i>funt</i>)	0,23	2,0	770
Arenque (<i>funt</i>)	0,06	0,52	767
Queijo (<i>funt</i>)	0,40	3,50	754
Manteiga (<i>funt</i>)	0,48	3,20	557
Ovos (dúzia)	0,30	1,60	443
Leite (<i>krushka</i>)	0,07	0,40	471

Em média, o preço da comida aumentou 556%, ou 51% mais do que os salários.

Em relação às outras necessidades, o preço aumentou assombrosamente.

A seguinte tabela foi compilada pela Seção Econômica dos Soviotes Deputados Operários e ratificada pelo Ministério do Abastecimento.

Custo de outras necessidades (em rublos e copeques)

	Agosto 1914	Agosto 1917	% de aumento
Chita (<i>arshin</i>)	0,11	1,40	1173

Algodão (<i>arshin</i>)	0,15	2,0	1233
Artigos para vestuário (<i>arshin</i>)	2,0	40,0	1900
Lã (<i>arshin</i>)	6,0	80,0	1233
Sapato masculino (par)	12,0	144,0	1097
Sola de couro	20,0	400,0	1900
Galocha (par)	2,50	15,0	500
Roupa masculina (terno)	40,0	400,0-455,0	900-1109
Chá (<i>funt</i>)	4,50	18,0	300
Fósforos (pacote)	0,10	0,50	400
Sabão (<i>pud</i>)	4,50	40,0	780
Gasolina (<i>vedro</i>)	1,70	11,0	547
Velas (<i>pud</i>)	8,50	100,0	1076
Caramelo (<i>funt</i>)	0,30	4,50	1406
Lenha (feixe)	10,0	120,0	1100
Carvão	0,80	13,0	1523
Peças em metal	1,0	20,0	1900

Em média, o preço das categorias listadas acima aumentou cerca de 1109 %, mais do que o dobro do crescimento dos salários. A diferença, é claro, entrava para os bolsos dos especuladores e mercadores.

Em setembro de 1917, quando cheguei a Petrogrado, o salário diário médio de um operário especializado — por exemplo, um metalúrgico da fábrica Putilov — era de cerca de oito rublos. Ao mesmo tempo, os lucros eram imensos... Fui informado por um dos donos da Thornton Woollen Mills, empresa inglesa na periferia de Petrogrado, que, enquanto os salários nessa fábrica obtiveram aumento de 300%, seu lucro foi de 900%.

3. OS MINISTROS SOCIALISTAS

A história dos esforços dos socialistas no Governo Provisório de julho para realizar seu programa em coligação com os ministros burgueses é um exemplo elucidativo da luta de classes na política. Como explica Lênin:

Os capitalistas, [...] ao observar que a posição do governo era insustentável, recorreram ao método que desde 1848 havia sido praticado durante décadas por capitalistas para obscurecer, dividir e finalmente

dominar a classe trabalhadora. Esse método é o chamado “Ministério de Coalizão”, composto por burgueses e por renegados do campo socialista.

Nos países onde a liberdade política e a democracia têm coexistido com o movimento revolucionário dos trabalhadores — a Inglaterra e a França são um exemplo —, os capitalistas usam desse subterfúgio. Os líderes do Partido Socialista, ao adentrarem os ministérios, invariavelmente provam ser meros autômatos, servindo como escudo para os capitalistas, uma ferramenta para ludibriar os trabalhadores. Os capitalistas “democratas” e “republicanos” na Rússia iniciaram esse mesmo esquema. Os socialistas revolucionários e os mencheviques foram vitimados por ele, e no dia 1º de junho consolidou-se um Ministério de “Coalizão” com a participação de Tchernov, Tseretelli, Skobeliev, Avksentiev, Savinkov, Zarudny e Nikitin [...] (*Problemas da Revolução*).

4. ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE SETEMBRO EM MOSCOU

Na primeira semana de outubro de 1917, o *Novaya Zhizn* publicou a seguinte tabela comparativa de resultados eleitorais, assinalando que isso significava a falência da política da Coalizão com a burguesia. “Se a guerra civil ainda pode ser evitada, isso só será conquistado por uma frente unificada de toda a democracia revolucionária...”

*Eleições para a Duma Central e para as Dumas
de bairro de Moscou (em número de membros)*

	Junho 1917	Setembro 1917
Socialistas Revolucionários	58	14
<i>Cadete</i>	17	30
Mencheviques	12	4
Bolcheviques	11	47

5. A ARROGÂNCIA CRESCENTE DOS REACIONÁRIOS

18 DE SETEMBRO. Ao escrever em um jornal de Kiev, o *Cadete* Shulgin afirmou que a declaração do Governo Provisório de que a Rússia era uma república constituiu um total abuso de seus poderes. “Não podemos admitir uma República ou o presente governo republicano... e não estamos certos de que queremos uma República na Rússia...”

23 DE OUTUBRO. Em uma reunião do partido *Cadete* em Riazan, M. Dukhonin declarou: “No dia 1º de março precisamos estabelecer uma Monarquia Constitucional. Não podemos rejeitar o herdeiro legítimo do trono, Mikhail Alexandrovitch...”.

27 DE OUTUBRO. Resolução aprovada pela Conferência de Executivos em Moscou:

A Conferência [...] insiste em que o Governo Provisório tome as seguintes medidas no Exército:

1. Proibição de toda propaganda política; o Exército precisa estar fora da política.

2. A propaganda de ideias antinacionais e internacionais e teorias que negam a necessidade de exércitos e ferem a disciplina devem ser proibidas, e todos os propagandistas punidos...

3. A função dos Comitês de Exército deverá ser limitada exclusivamente a questões econômicas. Todas as decisões devem ser confirmadas por seus superiores, que detêm o direito de dissolver tais comitês a qualquer momento...

4. A saudação deve ser retomada e tornada obrigatória, bem como o total restabelecimento de poder disciplinador nas mãos dos oficiais com direito de revisão de sentença...

5. Serão expulsos do Corpo de Oficiais aqueles que o desonrarem com a participação no movimento de massas de soldados, que os ensina a desobediência... Restabelecem-se, por este motivo, os Tribunais de Honra...

6. O Governo Provisório deve tomar as medidas necessárias para que gerais e outros oficiais injustamente dispensados sob influência dos Comitês e outras organizações irresponsáveis possam retornar ao Exército...

2. A TEMPESTADE SE APROXIMA

6. A revolta de Kornilov será detalhadamente tratada em meu próximo livro, *De Kornilov a Brest-Litovsk*. A responsabilidade de Kerenski pela situação que suscitou a tentativa de Kornilov está agora claramente estabelecida. Muitos defensores de Kerenski afirmam que ele sabia dos planos de Kornilov e que

foi atraído por uma armadilha que o enredou prematuramente e acarretou sua própria ruína. Até mesmo A. J. Sack, em seu livro *O nascimento da democracia russa*, afirma:

Várias coisas [...] são praticamente dadas como certas. A primeira é que Kerenski conhecia o movimento de vários destacamentos do front rumo a Petrogrado, e é possível que, como primeiro-ministro e ministro da Guerra, ao perceber o crescente perigo bolchevista, ele os tenha convocado...

A única falha no argumento é que não havia “perigo bolchevista” naquele momento: os bolcheviques eram, ainda, uma minoria desfavorecida entre os soviets, com seus líderes presos ou vivendo na clandestinidade.

7. CONFERÊNCIA DEMOCRÁTICA

Quando foi proposta a Conferência Democrática a Kerenski, ele sugeriu uma assembleia com todos os elementos da nação — as chamadas “forças vitais” —, incluindo banqueiros, industriais, proprietários de terras e os representantes do partido *Cadete*. Os soviets recusaram e elaboraram a seguinte tabela de representação (em número de delegados), aceita por Kerenski:

100 Deputados dos Soviets Pan-Russos de Operários e Soldados
100 Deputados dos Soviets Pan-Russos de Camponeses
50 Deputados dos Soviets Provinciais de Operários e Soldados
50 Comitês Agrários Distritais
100 Sindicatos de Comércio
84 Comitês do Exército no front
150 Cooperativas de Operários e Camponeses
20 Sindicatos dos Ferroviários
10 Sindicatos dos Trabalhadores de Correios e Telégrafos
20 Escriturários de comércio
15 Profissões liberais — médicos, advogados, jornalistas etc.
50 *Zemstvos* provinciais
50 Organizações nacionalistas — polonesas, ucranianas etc.

Essa proporção foi alterada duas ou três vezes. A disposição final de delegados ficou a seguinte:

- 300 Deputados dos Sovietes Pan-Russos de Operários, Soldados e Camponeses
- 300 Sociedades Cooperativas
- 300 Municípios
- 150 Comitês do Exército no front
- 150 *Zemstvos* provinciais
- 200 Sindicatos de Comércio
- 100 Organizações nacionalistas
- 200 Diversos pequenos grupos

8. A FUNÇÃO DOS SOVIETES É ENCERRADA

Em 28 de setembro de 1917, o *Izvestia*, órgão do *Tsik*, publicou o seguinte artigo que tratava do último Governo Provisório:

Nasce enfim, com base na escolha de todas as classes do povo russo, um verdadeiro governo democrático, o primeiro esboço do futuro regime parlamentar liberal. Posteriormente acontecerá a Assembleia Constituinte, que solucionará todas as questões legislativas fundamentais e cuja composição será essencialmente democrática. A função dos soviets e de sua máquina revolucionária chegou ao fim; deixarão como legado um povo livre e vitorioso, cujas armas, agora, deverão ser as armas pacíficas da ação política.

O principal artigo do *Izvestia* de 23 de outubro intitulava-se “A crise nas organizações soviéticas”. Iniciava-se com relatos de viajantes segundo os quais era cada vez menor a atividade dos soviets locais de uma forma geral. O autor afirma:

Este movimento é natural, pois as pessoas estão se tornando cada vez mais interessadas em órgãos legislativos permanentes — as Dumas Municipais e os *Zemstvos*...

Nos centros importantes de Petrogrado e Moscou, onde havia uma melhor organização dos soviets, nem todos os elementos democráticos

foram assimilados... A maioria dos intelectuais não participou, assim como muitos trabalhadores; alguns dos trabalhadores eram politicamente retrógrados, porque suas ações orbitavam em torno de seus sindicatos... Não podemos negar que essas organizações são fortemente ligadas às massas, cujas necessidades diárias são mais bem atendidas por elas...

É de extrema importância que as administrações democráticas locais sejam energicamente organizadas. As Dumas Municipais são eleitas por sufrágio universal e em questões locais possuem maior autoridade que os soviets. Nenhum democrata verá algo de errado nisso...

[...] As eleições municipais estão sendo mais bem e mais democraticamente conduzidas que as eleições dos soviets... Todas as classes são representadas nos municípios... E, assim que os governos autônomos locais começarem a organizar a vida nos municípios, o papel dos soviets locais será naturalmente extinto...

[...] Existem dois fatores para a queda do interesse nos soviets. O primeiro pode ser atribuído à diminuição de interesse político das massas; o segundo fator é o crescente esforço dos órgãos governamentais locais e da província para organizar a construção da nova Rússia... Quanto mais a tendência avança nesse sentido último, mais rápido desaparece a relevância dos soviets...

Somos apontados como os promotores de nossa própria organização. A realidade é que somos nós mesmos que trabalhamos arduamente na construção de uma nova Rússia...

Quando a autocracia e o aparato burocrático caíram [...] estabelecemos os soviets como um quartel em que toda a burocracia se abrigava temporariamente. Agora, em vez de quartéis, estamos construindo o permanente edifício de um novo sistema, e pouco a pouco o povo irá deixar os quartéis e buscar acomodações mais confortáveis.

9. O DISCURSO DE TRÓTSKI NO CONSELHO DA REPÚBLICA RUSSA

O objetivo da Conferência Democrática, convocada pelo *Tsik*, era desfazer-se do governo pessoal e irresponsável que produziu Kornilov e estabelecer um governo responsável capaz de acabar com a guerra e assegurar a reunião da Assembleia Constituinte no prazo determinado. Entretanto, sem que a Conferência Democrática soubesse, através de fraudes e acordos entre o sr.

Kerenski, o *Cadete* e os líderes do Partido Menchevique e também do Socialista Revolucionário, chegou-se a um resultado oposto ao objetivo anunciado oficialmente. Criou-se um poder em que temos muitos Kornilovs, outrora secretos, agora protagonizando abertamente o cenário político. A irresponsabilidade do governo ficou oficialmente proclamada quando se anunciou que o Conselho da República Russa deve ser um órgão consultivo, e não um órgão legislativo. No oitavo mês da Revolução, o governo irresponsável cria uma máscara para si nesta nova edição da Duma de Bulygin.

As classes proprietárias entraram neste Conselho Provisório numa proporção que demonstra claramente, a partir das eleições em todo o país, que muitas dessas classes não têm aqui nenhum direito. Apesar disso, o partido *Cadete*, que até ontem queria que o Governo Provisório respondesse à Duma Estadual, esse mesmo partido *Cadete* garantiu a independência do governo em relação ao Conselho da República. Na Assembleia Constituinte, as classes proprietárias terão certamente uma posição menos favorável do que dispõem nesse Conselho e não poderão deixar de responder perante a Assembleia Constituinte.

Se as classes proprietárias estavam de fato se preparando para a Assembleia Constituinte que se instalaria dali a seis semanas, não haveria razão para a definição da irresponsabilidade do governo neste momento. A verdade é que a burguesia, que dirige as políticas do Governo Provisório, tem como meta desarticular a Assembleia Constituinte. Atualmente esse é o objetivo principal das classes proprietárias, que controlam toda a nossa política nacional, interna e externa. Nos setores industrial, agrário e de serviços de abastecimento, a política das classes proprietárias, em conluio com o governo, aumenta a desorganização já naturalmente causada pela guerra. Essas classes estão provocando uma guerra civil e abertamente investem na miséria, através da qual pretendem derrubar a Revolução e acabar com a Assembleia Constituinte!

Não menos criminoso é a política externa da burguesia e seu governo. Depois de quarenta meses de guerra, a capital está ameaçada por um perigo mortal. Em resposta a isso surge um plano de deslocar o governo para Moscou. A ideia de abandonar a capital não suscita a indignação da burguesia. Exatamente o oposto. Isso é aceito como algo natural da política

geral voltada para promover a conspiração contrarrevolucionária... Em vez de reconhecer que a salvação do país encontra-se em uma paz conclusiva, em vez de lançar abertamente a ideia de paz imediata a todos os povos extenuados, passando por cima de diplomatas e imperialistas, e tornando assim impossível a continuação da guerra, o Governo Provisório, por ordem do *Cadete*, dos contrarrevolucionários e dos imperialistas aliados, sem sentido, sem propósito e sem um plano, continua a arrastar a guerra assassina, condenando à morte inútil novas centenas de milhares de soldados e marinheiros, e se preparando para entregar Petrogrado e arruinar a Revolução. No momento em que soldados e marinheiros bolcheviques estão morrendo com outros soldados e marinheiros, como resultado dos erros e crimes dos outros, o chamado comandante supremo (Kerenski) continua a reprimir a imprensa bolchevique. Os principais partidos do Conselho estão acobertando deliberadamente essas políticas.

Nós, a facção bolchevique dos social-democratas, anunciamos que não temos nada em comum com este governo de traição ao povo. Não temos nada em comum com as ações desses assassinos do povo, que carregam uma bandeira oficial. Recusamo-nos, direta ou indiretamente, a acobertar, por um único dia que seja, esse trabalho. Enquanto as tropas de Guilherme ameaçam Petrogrado, o governo de Kerenski e Kornilov está se preparando para fugir de Petrogrado e transformar Moscou, por sua vez, em uma base da contrarrevolução!

Apelamos aos trabalhadores e soldados de Moscou para que estejam vigilantes. Retirando-nos deste Conselho, apelamos à coragem e à sabedoria dos operários, camponeses e soldados de toda a Rússia. Petrogrado está em perigo! A Revolução está em perigo! O governo aumentou o perigo — que as classes dominantes intensificam. Só o povo pode salvar a si mesmo e ao país.

Apelamos ao povo. Viva a paz justa, imediata e democrática! Todo o poder aos soviets! Toda a terra para o povo! Viva a Assembleia Constituinte!

10. O NAKAZ DE SKOBELIEV (resumo)

(Instruções aprovadas pelo *Tsik* e transmitidas a Skobeliev como representante da democracia revolucionária da Rússia na Conferência de Paris.)

O tratado de paz deve ser baseado no princípio de “Não anexação, não indenização, e direito de autodeterminação dos povos”.

Problemas territoriais

1. Evacuação das tropas alemãs da Rússia invadida. Pleno direito de autodeterminação para a Polônia, Lituânia e Letônia.

2. A Armênia turca terá autonomia total e, posteriormente, completa autodeterminação assim que os governos locais forem estabelecidos.

3. A questão da Alsácia-Lorena deve ser resolvida através de um plebiscito, após a retirada das tropas estrangeiras.

4. A Bélgica deve ser reconstituída. Com compensação por danos a partir de um fundo internacional.

5. Restauração da Sérvia e de Montenegro, auxiliados por um fundo de amparo internacional. A Sérvia terá uma saída para o mar Adriático. Autonomia da Bósnia e da Herzegovina.

6. Autonomia provisória das províncias em disputa nos Bálcãs, seguida de um plebiscito.

7. Restauração da Romênia, com a condição de concessão de completa autodeterminação para o Dobrudja... A Romênia deve ser forçada a executar as cláusulas do Tratado de Berlim concernente aos judeus e reconhecê-los como cidadãos romenos.

8. Autonomia provisória das províncias italianas da Áustria, seguida de um plebiscito para determinar seu pertencimento nacional.

9. As colônias alemãs devem ser devolvidas.

10. Restauração da Grécia e da Pérsia.

Liberdade dos mares

Todos os estreitos com abertura para mares interiores, bem como os canais de Suez e do Panamá, devem ser neutralizados. Toda navegação comercial deve ser livre. O direito de retenção deve ser abolido. O torpedeamento de navios comerciais deve ser proibido.

Indenizações

Todos os combatentes devem renunciar a qualquer exigência de indenizações ou encargos, direta ou indireta, como, por exemplo, para a manutenção dos presos. Subsídios e contribuições recolhidas durante a guerra deverão ser restituídos.

Termos econômicos

Os tratados comerciais não devem integrar os termos de paz. Cada país deve ser independente em suas relações comerciais e não deve ser obrigado a, ou impedido de, concluir um tratado econômico pelo Tratado de Paz. No entanto, todas as nações deverão comprometer-se, através do Tratado de Paz, a não exercer um bloqueio econômico após a guerra, nem a formar acordos tarifários distintos. O direito de ser a nação mais favorecida deve ser concedido a todos os países, sem distinção.

Garantias da paz

A paz deve ser definida na Conferência de Paz por delegados eleitos pelas instituições nacionais representativas de cada país. Os termos da paz devem ser confirmados por esses parlamentos.

A diplomacia secreta deverá ser abolida, todos os partidos devem se comprometer a não estabelecer nenhum tratado secreto. Tratados dessa ordem devem ser declarados contrários ao direito internacional e sem efeito. Todos os tratados, até serem confirmados pelos parlamentos das diversas nações, devem ser considerados nulos.

O gradual desarmamento na terra e no mar, e o estabelecimento de um sistema de vigilância. A “Liga das Nações” proposta pelo presidente Wilson pode se tornar uma ajuda valiosa para o direito internacional, desde que (a) todas as nações sejam obrigadas a participar com igualdade de direitos e (b) que a política internacional seja democratizada.

Caminhos para a paz

Os Aliados anunciarão imediatamente que estão dispostos a abrir negociações de paz, assim que as potências inimigas declararem seu consentimento em renunciar a todas as anexações forçadas.

Os Aliados devem comprometer-se a não iniciar nenhuma negociação de paz, nem celebrar a paz, exceto em uma conferência de paz geral com a participação de delegados de todos os países neutros.

Todos os obstáculos para a Conferência de Estocolmo devem ser removidos, e os passaportes devem ser dados imediatamente a todos os delegados de partidos e organizações que queiram participar.

(O Comitê Executivo dos Sovietes de Camponeses também emitiu um *nakaz*, que pouco difere do conteúdo acima.)

11. A PAZ À CUSTA DA RÚSSIA

As revelações de Ribot sobre a oferta de paz da Áustria à França; a chamada “Conferência de Paz” em Berna, na Suíça, durante o verão de 1917, em que participaram delegados de todos os países beligerantes, que representavam grandes interesses financeiros em todos esses países; bem como as tentativas de negociação de um agente inglês com um dignitário da Igreja búlgara... Tudo apontava para o fato de que havia fortes correntes, em ambos os lados, favoráveis a costurar uma paz à custa da Rússia. Em meu próximo livro, *De Kornilov a Brest-Litovsk*, pretendo tratar longamente desse assunto, publicando vários documentos secretos descobertos no Ministério dos Negócios Estrangeiros em Petrogrado.

12. SOLDADOS RUSSOS NA FRANÇA

Relatório Oficial do Governo Provisório

Desde o momento em que a notícia da Revolução Russa chegou a Paris, imediatamente começaram a aparecer jornais russos de tendência extremista, e esses jornais, bem como os indivíduos, circulavam livremente entre as massas de soldados e iniciaram a propaganda bolchevique, muitas vezes espalhando notícias falsas que figuraram nos jornais franceses. Na ausência de notícias oficiais detalhadas, essa campanha provocou descontentamento entre os soldados. O resultado foi o desejo de retornar à Rússia e um ódio contra os oficiais.

E tudo acabou por eclodir em rebelião. Em uma de suas reuniões, os soldados recusaram-se a realizar o treinamento militar, uma vez que

tinham decidido não lutar mais. Decidiu-se, então, isolar os rebeldes, e o general Zankievitch ordenou que todos os soldados leais ao Governo Provisório deixassem o campo de Courtine e levassem toda a munição. Em 25 de junho a ordem foi executada; permaneceram no acampamento apenas os soldados que se comprometeram a se submeter “com condições” ao Governo Provisório. Os soldados no campo de Courtine receberam diversas vezes a visita do comandante em chefe dos exércitos russos no estrangeiro, de Rapp, o comissário do Ministério da Guerra, e de vários ex-exilados ilustres que pretendiam influenciá-los, mas essas tentativas foram infrutíferas; finalmente, o comissário Rapp insistiu que os rebeldes depusessem suas armas e, em sinal de submissão, marchassem de bom grado até uma localidade chamada Clairvaux. A ordem foi respeitada apenas em parte; primeiro, quinhentos homens saíram, dos quais 22 foram detidos; 24 horas depois, cerca de 6 mil seguiram... Cerca de 2 mil permaneceram...

Decidiram aumentar a pressão; suas rações foram diminuídas, seus salários foram cortados, e as estradas em direção à aldeia de Courtine foram patrulhadas por soldados franceses. O general Zankievitch, tendo descoberto que uma brigada de artilharia russa estava passando pela França, decidiu formar um destacamento misto de infantaria e de artilharia para reprimir os rebeldes. Uma delegação foi enviada para encontrar-se com os rebeldes; a delegação retornou horas depois, convencida da inutilidade das negociações. Em 1º de setembro, o general Zankievitch enviou um ultimato aos rebeldes exigindo que depusessem as armas e ameaçou, em caso de recusa, abrir fogo com artilharia se a ordem não fosse seguida até as dez horas do dia 3 de setembro.

Como a ordem não foi executada, um leve ataque da artilharia se realizou no local e na hora combinados. Dezoito balas foram disparadas, e os rebeldes foram avisados de que o bombardeio se tornaria mais intenso. Na noite de 3 de setembro, 160 homens se renderam. No dia 4 de setembro, o bombardeio da artilharia recomeçou, e às onze horas, depois de 36 disparos, os rebeldes levantaram duas bandeiras brancas e deixaram o acampamento desarmados. À noite, 8300 homens se renderam. Cento e cinquenta soldados que permaneceram no campo abriram fogo com metralhadoras naquela noite. No dia 5 de setembro, para solucionar o

caso, um cerco foi montado contra o campo, e nossos soldados o ocuparam aos poucos. Os rebeldes mantiveram fogo pesado com suas metralhadoras. No dia 6 de setembro, às nove horas, o acampamento foi totalmente ocupado... Após o desarmamento dos rebeldes, foram feitas 81 prisões...

Esse foi o relatório. A partir, no entanto, de documentos secretos descobertos no Ministério de Relações Exteriores, sabemos que tal relato não é muito preciso. O primeiro problema surgiu quando os soldados tentaram formar comitês, do mesmo modo que seus companheiros russos. Eles [os soldados] exigiram ser enviados de volta para a Rússia, o que lhes foi recusado, e então passaram a ser considerados uma influência perigosa na França, sendo mandados para Salônica. Recusaram-se a ir para lá, e assim a batalha continuou... Descobriu-se que eles haviam sido deixados no campo sem presença oficial durante aproximadamente dois meses e que sofreram maus-tratos, antes de se tornarem rebeldes. Todas as tentativas para descobrir o nome da brigada de artilharia russa que tinha disparado sobre eles foram inúteis; a partir de telegramas descobertos no Ministério, inferiu-se que a artilharia francesa fora usada...

Depois de sua rendição, mais de duas centenas de rebeldes foram mortos a sangue-frio.

13. O DISCURSO DE TERESHCHENKO (resumo)

As questões de política externa estão intimamente relacionadas com as de defesa nacional... Portanto, se, ao tratar de questões de defesa nacional, considera-se necessário realizar uma sessão secreta, também em nossa política externa às vezes somos compelidos a guardar o mesmo sigilo...

A diplomacia alemã tenta influenciar a opinião pública... Por conseguinte, as declarações de diretores de grandes organizações democráticas que clamam por um congresso revolucionário e a impossibilidade de outra campanha de inverno são perigosas... Todas essas declarações acabam com vidas humanas...

Quero falar apenas da lógica governamental, sem tocar na questão da honra e da dignidade do Estado. Do ponto de vista da lógica, a política externa da Rússia deve ser baseada em uma compreensão real dos *interesses*

da Rússia... Esses interesses significam que é impossível que nosso país permaneça isolado, e o presente alinhamento das forças conosco (os Aliados) é satisfatório... Toda a humanidade anseia pela paz, mas, na Rússia, ninguém irá permitir uma paz humilhante, que viole os interesses de Estado de nossa pátria!

O orador salientou que essa paz retardaria por longos anos, talvez séculos, o triunfo dos princípios democráticos no mundo e inevitavelmente provocaria novas guerras.

Todos se lembram dos dias de maio, quando a confraternização de nosso front ameaçou acabar com a guerra por uma simples cessação das operações militares e levar o país a uma vergonhosa paz em separado [...] e dos esforços que foram necessários para fazer as massas de soldados no front entenderem que não era por um método assim que o Estado russo deveria encerrar a guerra e garantir seu interesse.

Falou dos efeitos miraculosos da ofensiva de julho, da força que essa ofensiva conferiu às palavras dos embaixadores russos no exterior e do desespero na Alemanha causado pelas vitórias russas. E também da desilusão dos países aliados que se sucedeu à derrota russa...

Assim como o governo russo, aderiu-se rigorosamente aos princípios de maio: sem anexações e sem indenizações punitivas. Consideramos que isso é essencial não apenas para proclamar a autodeterminação dos povos, mas também para se renunciar a objetivos imperialistas...

A Alemanha está continuamente tentando concretizar a paz. Na Alemanha só se fala na paz; ela sabe que não pode vencer.

Rejeito as acusações que visam o governo, que alegam que a política externa russa não fala com clareza suficiente a respeito dos propósitos da guerra...

Se vier à tona a questão dos objetivos dos Aliados, em primeiro lugar é indispensável conhecer quais metas foram acordadas pelas Potências Centrais...

Ouvimos muitas vezes o desejo de que publiquemos os detalhes dos tratados que nos vinculam aos Aliados, mas as pessoas esquecem que, até agora, não conhecemos quais são os tratados que nos vinculam às Potências Centrais...

A Alemanha, disse ele, evidentemente quer separar a Rússia do Ocidente por intermédio de uma série de fracos Estados-tampão.

Essa tendência para atacar os interesses vitais da Rússia deve ser considerada...

E a democracia russa, que tem inscritos em sua bandeira os direitos das nações de dispor de si mesmas, permitirá, sem nada fazer, a continuidade da opressão sobre os povos mais civilizados (na Áustria-Hungria)?

Aqueles que temem que os Aliados tentarão lucrar com nossa difícil situação, que nos farão suportar mais do que nosso fardo nessa guerra e que resolverão as questões de paz às nossas custas, estão completamente enganados... Nosso inimigo olha para a Rússia como um mercado para seus produtos. O fim da guerra vai nos deixar em uma frágil condição, e, com nossa fronteira aberta, o fluxo de produtos alemães pode facilmente retardar durante anos nosso desenvolvimento industrial. Devem ser tomadas medidas para nos protegermos contra isso...

Digo abertamente e com franqueza: a combinação de forças que nos une aos Aliados é *favorável aos interesses da Rússia*... Portanto, é importante que nossas perspectivas acerca das questões de guerra e paz estejam de acordo com as opiniões dos Aliados, de forma clara e precisa... Para evitar qualquer equívoco, devo dizer francamente que a Rússia deve apresentar na Conferência de Paris *um único ponto de vista*...

Ele não quis comentar sobre o *nakaz* de Skobeliev, mas se referiu ao Manifesto do Comitê Holandês escandinavo, já publicado em Estocolmo. Esse manifesto declarava-se a favor da autonomia da Lituânia e Letônia; “mas isso é claramente impossível”, afirmava Tereshchenko, “pois a Rússia deve ter portos livres no Báltico durante todo o ano...”.

Nessa questão, os problemas de política externa também estão intimamente relacionados à política interna, pois, se existia um forte sentimento de unidade em toda a Rússia, não se viam manifestações, em nenhuma parte, de um desejo popular de se separar do Governo Central... Tais separações são contrárias aos interesses da Rússia, e os delegados russos não podem levantar a questão...

14. A FROTA BRITÂNICA (etc.)

Na época da batalha naval do golfo de Riga, não apenas os bolcheviques, mas também os ministros do Governo Provisório, consideraram que a frota britânica havia deliberadamente abandonado o mar Báltico, como uma indicação da atitude tantas vezes expressa publicamente pela imprensa britânica, e semipublicamente por representantes britânicos na Rússia: “A Rússia está acabada! Não adianta se incomodar com a Rússia!”.

Veja entrevista com Kerenski (item 18 destes apêndices).

O GENERAL GURKO era um ex-chefe do Estado-Maior do Exército russo sob o tsarismo. Uma figura proeminente na corrupta Corte Imperial. Depois da Revolução, foi uma das poucas pessoas exiladas por sua história política e pessoal. A derrota naval russa no golfo de Riga coincidiu com a recepção pública, pelo rei George, em Londres, do general Gurko, um homem a quem o Governo Provisório russo considerava perigosamente pró-alemão e também reacionário!

15. APELOS CONTRA A INSURREIÇÃO

Para trabalhadores e soldados

Camaradas! Cada vez mais as forças sombrias tentam estabelecer em Petrogrado e em outras cidades DESORDENS E POGROMS. A desordem é necessária para as Forças das Trevas, pois a desordem lhes dará uma oportunidade para esmagar de forma sanguinária o movimento revolucionário. Sob o pretexto de estabelecer a ordem e de proteger os moradores, eles esperam estabelecer a dominação de Kornilov, que há pouco tempo o povo revolucionário havia conseguido suprimir. Pobre do

povo se essas esperanças se realizarem! A contrarrevolução triunfante irá destruir os soviets e os Comitês do Exército, irá dispersar a Assembleia Constituinte, irá parar a transferência de terras para os Comitês Agrários, encerrará as esperanças do povo por uma paz imediata e encherá todas as prisões com trabalhadores e soldados revolucionários.

De acordo com seus cálculos, os contrarrevolucionários e os líderes dos Centúrias Negras estão contando com o descontentamento da parte ignorante do povo com a desorganização do abastecimento alimentar, a continuação da guerra e as dificuldades gerais da vida. Eles esperam transformar em um *pogrom* cada demonstração de soldados e trabalhadores, o que irá assustar a população pacífica e jogá-la nos braços dos Restauradores da Lei e da Ordem.

Sob tais condições, todas as tentativas de organizar uma manifestação nestes dias, por mais louvável que fosse seu objetivo, seria um crime. Todos os trabalhadores e soldados conscientes que estão descontentes com a política do governo só vão trazer prejuízo para si e para a Revolução se entrarem em manifestações.

PORTANTO, O TSIK PEDE A TODOS OS TRABALHADORES QUE NÃO OBEDEÇAM A NENHUM CHAMADO PARA DEMONSTRAÇÕES.

TRABALHADORES E SOLDADOS! NÃO CEDAM A PROVOCAÇÕES! LEMBREM-SE DE SEU DEVER PARA COM SEU PAÍS E PARA COM A REVOLUÇÃO! NÃO QUEBREM A UNIDADE DO FRONT REVOLUCIONÁRIO ATRAVÉS DE MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS QUE CERTAMENTE SERÃO MALSUCEDIDAS!

*Comitê Central dos Sovietes
de Deputados Operários e Soldados (Tsik)*

Partido Trabalhista Social-Democrata Russo

O PERIGO ESTÁ PRÓXIMO!

A todos os trabalhadores e soldados

(Leia e distribua para os outros)

Camaradas Operários e Soldados!

Nosso país está em perigo. Por conta desse perigo, nossa liberdade e nossa Revolução passam por dias difíceis. O inimigo está nos portões de Petrogrado. A desorganização cresce a cada hora. Torna-se cada vez mais difícil conseguir pão para Petrogrado. Todos, do menor ao maior, devem redobrar os esforços, devem se empenhar para organizar as coisas corretamente... Precisamos salvar nosso país, salvar a liberdade... Mais armas e provisões para o Exército! Pão para as grandes cidades. Ordem e organização no país...

E, nestes terríveis dias críticos, boatos correm de que, em ALGUM LUGAR, uma manifestação está sendo preparada, que ALGUÉM está conclamando os soldados e os trabalhadores a destruir a paz e a ordem revolucionária... *Rabochi Put*, o jornal dos bolcheviques, está derramando óleo sobre o fogo: é lisonjeiro, tentando agradar o povo ignorante, corrompendo os trabalhadores e soldados, incitando-os contra o governo, prometendo-lhes montanhas de coisas boas... Os homens ignorantes e ingênuos acreditam, não raciocinam... E do outro lado boatos também são gerados — rumores de que as Forças das Trevas, os amigos do tsar, os espões alemães estão esfregando as mãos de contentamento. Eles estão prontos para se juntar aos bolcheviques e com isso estimular a desordem para gerar uma guerra civil.

Os bolcheviques, os soldados e operários ignorantes, seduzidos por eles, clamam irracionalmente: “Abaixo o governo! Todo o poder aos soviets!”. E os sombrios servos do tsar e os espões de Guilherme lhes darão corda: “Batam nos judeus, batam nos lojistas, assaltem os mercados, devastem as lojas, saqueiem as lojas de vinho! Matem, queimem, roubem!”.

E então começará uma confusão terrível, uma guerra entre uma parte do povo e a outra. Tudo ficará ainda mais desorganizado, e talvez o sangue seja novamente derramado nas ruas da capital. E então o que acontecerá?

Então, o caminho para Petrogrado será aberto a Guilherme. Então, nenhum pão chegará a Petrogrado, as crianças vão morrer de fome.

Então, o Exército permanecerá sem apoio, os nossos irmãos nas trincheiras serão entregues ao fogo do inimigo. Então, a Rússia perderá todo o prestígio de outros países, nosso dinheiro perderá seu valor, tudo se destinará a tornar a vida impossível. Então, a aguardada Assembleia Constituinte será adiada — será impossível convocá-la a tempo. E então a Morte da Revolução, a morte de nossa liberdade...

É isso que vocês querem, operários e soldados? Não! Então corram ao encontro das pessoas ignorantes seduzidas por esses traidores e contem a elas toda a verdade que já contamos a vocês!

Que todos saibam QUE CADA HOMEM QUE NESTES DIAS TERRÍVEIS SE APROXIMA DE VOCÊ PEDINDO QUE SAIA PARA A RUA CONTRA O GOVERNO, ESSE HOMEM ESTÁ A SERVIÇO SECRETO DO TSAR OU É UM PROVOCADOR, OU UM ASSISTENTE DESAVISADO DOS INIMIGOS DO POVO, OU UM ESPIÃO A SERVIÇO DE GUILHERME!

Todo trabalhador revolucionário consciente, cada camponês consciente, cada soldado revolucionário, todos os que entendem que uma manifestação pública ou a revolta contra o governo pode prejudicar as pessoas, devem se juntar e não permitir que os inimigos do povo destruam nossa liberdade.

*Comitê Eleitoral de Petrogrado
do Menchevique-oborontzi*

16. CARTA DE LÊNIN AOS CAMARADAS

Uma série de artigos publicados no *Rabochi Put* apareceu durante vários dias seguidos, no final de outubro e início de novembro de 1917. Dou aqui apenas extratos de dois deles:

1. Kamenev e Riazanov afirmam que não dispomos de maioria entre o povo e que sem ela uma insurreição é impossível.

Resposta: As pessoas capazes de falar essas coisas são falsários, pedantes ou simplesmente não querem encarar a real situação. Nas últimas eleições, recebemos em todo o país mais de 50% de todos os votos...

A coisa mais importante na Rússia, hoje, é a revolução dos camponeses. No governo Tambov houve um efetivo levante agrário, com ótimos resultados políticos... Até mesmo o *Dielo Naroda* foi obrigado a proclamar que a terra deve ser entregue aos camponeses; e não apenas os socialistas revolucionários, no seio do Conselho da República, mas também o próprio governo, foram afetados. Outro resultado importante foi que o pão que havia sido estocado pelos *pomieshtchiki* chegou às estações da estrada de ferro naquela província. O *Russkaya Volia* teve de admitir que as estações estavam cheias de pão, depois do levante dos camponeses...

2. Nós não somos suficientemente fortes para assumir o governo, e a burguesia não é suficientemente forte para impedir a Assembleia Constituinte.

Resposta: Isso não passa de timidez, expressa pelo pessimismo quanto aos trabalhadores e soldados, e pelo otimismo quanto ao fracasso da burguesia. Se *yunkers* e cossacos dizem que vão lutar, devemos acreditar neles; mas se os operários e soldados afirmam a mesma coisa é preciso duvidar. Que diferença existe entre esses questionamentos e o alinhamento político com a burguesia?

Kornilov mostrou que os soviets eram realmente uma potência. Segundo Kerenski e o Conselho da República, se a burguesia não é forte o suficiente para derrubar os soviets, não é forte o suficiente, também, para acabar com a Constituinte. Mas isso está errado. A burguesia aniquilará a Constituinte através de sabotagem, de isolamento, desistindo de Petrogrado e abrindo o front aos alemães. Isso já foi feito no caso de Riga...

3. Os soviets devem manter um revólver na cabeça do governo para forçar a convocação da Assembleia Constituinte e para reprimir qualquer tentativa posterior de Kornilov.

Resposta: Recusar a insurreição é recusar “Todo o poder aos soviets”. Desde setembro, o partido bolchevique tem discutido a questão da insurreição. Recusar o levante significa depositar nossas esperanças na fé da boa burguesia, que “prometeu” reunir a Assembleia Constituinte. Quando os soviets têm todo o poder, a convocação da Constituinte é garantida, e seu sucesso é assegurado.

A recusa da insurreição significa render-se aos “Lieber-Dans”. Ou abrimos mão do “Todo o poder aos soviets” ou promovemos uma insurreição, não há meio-termo.

4. A burguesia não pode desistir de Petrogrado, embora Rodzianko o queira, porque não é a burguesia que está lutando, e sim nossos heroicos soldados e marinheiros.

Resposta: Isso não impediu dois almirantes de fugirem da batalha de Moon sund. O Estado-Maior não mudou, é composto por kornilovistas. Se o Estado-Maior, encabeçado por Kerenski, quer entregar Petrogrado, pode fazê-lo dupla ou triplamente. Ele pode fazer acordos com os alemães ou com os ingleses; abrir os fronts. Pode sabotar o fornecimento de alimentos do Exército. Em todas essas portas o Estado-Maior tem batido.

Não temos o direito de ficar esperando que a burguesia sufoque a Revolução. Rodzianko é um homem de ação, que tem servido fiel e sinceramente à burguesia há anos... Metade dos “Lieber-Dans” é de conciliadores covardes, e a outra metade deles, meramente fatalistas...

5. Estamos nos fortalecendo a cada dia. Nós seremos capazes de entrar na Assembleia Constituinte como uma forte oposição. Então por que deveríamos apostar tudo em uma única cartada?

Resposta: Esse é o argumento de um principiante, sem experiência prática, que diz que a Assembleia Constituinte está sendo convocada e verdadeiramente aceita de maneira legal e constitucional. Mesmo a votação da Assembleia Constituinte não vai acabar com a fome ou derrotar Guilherme... A questão da fome e da abdicação de Petrogrado não pode ser decidida pela espera da Assembleia Constituinte. A fome não espera. A revolução dos camponeses não está esperando. Os almirantes que fugiram não esperaram.

Os cegos se surpreendem que pessoas que passam fome e são enganadas por almirantes e generais não tenham interesse em votar.

6. Se os kornilovistas fizerem uma investida, nós mostraremos nossa força. Mas por que deveríamos arriscar tudo, fazendo nós mesmos uma investida?

Resposta: A história não se repete. “Talvez algum dia Kornilov faça uma investida!” Que sério fundamento para uma ação proletária! Mas suponhamos que Kornilov aguarde a fome, a abertura dos fronts. O que

vai acontecer então? Essa atitude significa elaborar as táticas de um partido revolucionário a partir dos erros anteriores da burguesia.

Vamos esquecer tudo, exceto que não há saída a não ser pela ditadura do proletariado — será isso ou a ditadura de Kornilov.

Vamos esperar, camaradas, por... um milagre!

17. DISCURSO DE MILIUKOV (resumo)

Todos admitem, ao que parece, que a defesa do país é nossa tarefa principal, e que para assegurá-la temos de ter disciplina e ordem no Exército. Para isso, deve haver um poder capaz de ousar, não só pela persuasão, mas também pela força... O germe de todos os nossos males vem do ponto de vista original, verdadeiramente russo, concernente à política externa, que se traveste de um ponto de vista internacionalista.

O nobre Lênin apenas imita o nobre Keroyevski ao afirmar que a partir da Rússia emergirá o Novo Mundo que ressuscitará o velho Ocidente e que irá substituir a velha bandeira do socialismo doutrinário pela nova ação direta de massas famintas — e que irá impulsionar a humanidade e forçá-la a abrir as portas do paraíso social...

Esses homens acreditavam sinceramente que a decomposição da Rússia provocaria a decomposição de todo o regime capitalista. A partir desse ponto de vista, foram capazes de cometer a traição inconsciente, em tempo de guerra, de calmamente dizer aos soldados que abandonassem as trincheiras e que, em vez de lutar contra o inimigo externo, criassem uma guerra civil interna e atacassem os proprietários e capitalistas...

Aqui Miliukov foi interrompido por gritos furiosos da esquerda, exigindo saber que socialista havia aconselhado tal ação...

Martov diz que só a pressão revolucionária do proletariado pode condenar e conquistar a vontade nefasta dos círculos imperialistas e acabar com a ditadura dessa facção... Não por um acordo, entre os governos, de limitação de armamentos, mas pelo desarmamento desses governos e pela democratização radical do regime militar...

Ele atacou violentamente Martov e, em seguida, se voltou contra os mencheviques e os socialistas revolucionários, a quem acusou de entrar no

governo como ministros com o objetivo explícito de continuar a luta de classe!

Os socialistas da Alemanha e dos países aliados contemplaram esses senhores com desprezo dissimulado, mas eles acharam que isso era em prol da Rússia e nos enviaram alguns dos apóstolos da Conflagração Universal...

A fórmula de nossa democracia é muito simples: não à política externa, não à arte da diplomacia, por uma paz democrática imediata, uma declaração para os Aliados, “Não queremos nada, não temos nada com o que lutar!”. E então nossos adversários vão fazer a mesma declaração, e a fraternidade entre os povos será conquistada!

Miliukov rechaçou o Manifesto Zimmerwald e declarou que nem mesmo Kerenski foi capaz de escapar da influência do “infeliz documento, que será para sempre sua acusação”. Em seguida atacou Skobeliev, cuja posição em assembleias estrangeiras — onde ele se apresentaria como delegado russo, ainda em oposição à política externa de seu governo — seria tão estranha que as pessoas diriam: “O que esse cavalheiro está dizendo e sobre o que devemos falar com ele?”. Quanto ao *nakaz*, Miliukov disse que ele próprio era um pacifista, que acreditava na criação de uma Câmara de Arbitragem Internacional e na necessidade de limitação de armamento e controle parlamentar da diplomacia secreta, o que não significava a abolição da diplomacia secreta.

O mesmo valia para as ideias socialistas presentes no *nakaz*, que ele chamou de “ideias Estocolmo” — a paz sem vitória, o direito de autodeterminação dos povos e a renúncia da economia de guerra.

Os sucessos alemães são diretamente proporcionais aos êxitos daqueles que se denominam a democracia revolucionária. Não quero dizer “os êxitos da Revolução” porque acredito que as derrotas da democracia revolucionária são vitórias da Revolução...

A influência dos líderes dos soviets no estrangeiro não é desimportante. Bastava ouvir o discurso do ministro das Relações Exteriores para se convencer de que, neste salão, a influência da

democracia revolucionária na política externa é tão forte, que o ministro não se atreve a enfrentá-la no que se refere à honra e à dignidade da Rússia!

Podemos ver, no *nakaz* dos soviéticos, que as ideias do Manifesto de Estocolmo foram elaboradas em duas direções — a da utopia e a dos interesses alemães...

Interrompido por gritos raivosos da esquerda e repreendido pelo presidente, Miliukov insistiu que as propostas de paz celebradas por assembleias populares, e não por diplomatas, bem como a proposta para realizar negociações de paz assim que o inimigo renunciasse a anexações, eram pró-Alemanha. Recentemente, Kuhlman disse que uma declaração pessoal só comprometia aquele que a tivesse feito... “De qualquer modo, vamos imitar os alemães antes de imitar os Soviéticos de Deputados Operários e Soldados...”

Os trechos referentes à independência da Lituânia e da Letônia refletiam a agitação nacionalista em diferentes partes da Rússia, com o apoio, disse Miliukov, do dinheiro alemão. Em meio à confusão da esquerda, ele confrontou as cláusulas do *nakaz* sobre a Alsácia-Lorena, a Romênia e a Sérvia com as que falavam das nacionalidades na Alemanha e na Áustria. O *nakaz* rapidamente assumiu o ponto de vista alemão e austríaco, disse Miliukov, com medo de expressar o que lhe passava pela cabeça e com medo até mesmo de pensar em consonância com a grandeza da Rússia. Dardanelos deve pertencer à Rússia...

Vocês dizem sempre que o soldado não sabe por que está lutando, e que, quando souber, ele irá lutar... É verdade que o soldado não sabe por que está lutando, mas agora vocês dizem que ele não tem nenhuma razão para lutar, que não temos interesses nacionais e que lutamos por objetivos que são dos outros...

Fazendo uma homenagem aos Aliados, que, segundo ele, com o apoio dos Estados Unidos, “ainda vão salvar a causa da humanidade”, ele concluiu:

Longa vida à luz da humanidade, às democracias avançadas do Ocidente, que durante muito tempo têm desbravado o caminho que só agora começamos a adentrar, com passos inseguros e hesitantes! Longa vida a nossos bravos Aliados!

18. ENTREVISTA COM KERENSKI

O correspondente da Associated Press arriscou. “Senhor Kerenski”, começou ele, “na Inglaterra e na França as pessoas estão decepcionadas com a Revolução e...”

“Sim, eu sei”, interrompeu Kerenski, zombeteiro. “No exterior a Revolução não está mais na moda!”

“Por que o senhor acha que os russos pararam de lutar?”

“Essa é uma pergunta tola.” Kerenski ficou irritado. “De todos os Aliados, foi a Rússia quem primeiro entrou na guerra, e, durante um longo tempo suportou esse fardo. Suas perdas foram inconcebíveis, maiores que as de todos os outros países juntos. A Rússia tem agora o direito de exigir dos Aliados que enviem uma força bélica maior.” Parou por um instante e fitou seu interlocutor. “Você está perguntando por que os russos pararam de lutar, e os russos estão perguntando onde está a frota britânica — com os navios de guerra alemães no golfo de Riga?” Mais uma vez silenciou e, de repente, explodiu. “A Revolução Russa não falhou e o exército revolucionário não falhou. Não foi a Revolução que provocou a desorganização no exército — essa desorganização foi instaurada há anos, pelo antigo regime. Por que os russos não estão lutando? Vou lhe dizer. Porque as massas populares estão economicamente esgotadas — e porque estão desiludidas com os Aliados!”

A entrevista, da qual reproduzi aqui um trecho, foi telegrafada para os Estados Unidos e reenviada de volta poucos dias depois pelo Departamento de Estado com um pedido de que fosse “alterada”. Kerenski se recusou a fazê-lo. O pedido, porém, foi executado por seu secretário, dr. David Soskice — e, uma vez retiradas todas as referências ofensivas aos Aliados, a entrevista foi divulgada à imprensa do mundo...

3. A VÉSPERA

19. RESOLUÇÃO DOS COMITÊS DE FÁBRICA

Controle Operário

1. A organização do Controle Operário é uma manifestação saudável na esfera da produção industrial, assim como são as organizações partidárias na esfera da política, os sindicatos no mercado de trabalho, as cooperativas no domínio do consumo, e os clubes literários na esfera da cultura.

2. A classe operária tem mais interesse no funcionamento adequado e ininterrupto das fábricas [...] do que a classe capitalista. Nesse aspecto, o Controle Operário oferece uma segurança maior para os interesses da sociedade moderna, em que todo o povo está incluído, do que o capricho dos proprietários, que são guiados apenas pelo desejo egoísta de lucro material ou privilégios políticos. Portanto, o Controle Operário é exigido pelo proletariado, não apenas em seu próprio interesse, mas no interesse de todo o país, e deve ser apoiado pelo campesinato revolucionário, assim como pelo exército revolucionário.

3. Considerando a atitude hostil da maior parte da classe capitalista quanto à Revolução, a experiência demonstra que a distribuição apropriada de matéria-prima e combustível, bem como a gestão mais eficiente das fábricas, é impossível sem o Controle Operário.

4. Só o Controle Operário sobre as empresas capitalistas, fomentando a atitude consciente dos operários em relação ao trabalho e esclarecendo seu significado social, criará condições favoráveis para o desenvolvimento de uma firme autodisciplina no trabalho e o desenvolvimento de toda a produtividade possível do labor.

5. A iminente reconversão de uma indústria de tempos de guerra em uma de tempos de paz, a redistribuição do trabalho em todo o país, bem como entre as diferentes fábricas, só pode ser realizada, sem grandes perturbações, por meio do autogoverno democrático dos próprios operários... Por conseguinte, a realização do Controle Operário é uma condição prévia indispensável para a desmobilização da indústria.

6. Em conformidade com o slogan proclamado pelo Partido Operário Social-Democrata Russo (bolchevique), o Controle Operário em escala nacional, para dar resultado, deve se estender a todos os interesses capitalistas, e não ser organizado ao acaso, sem um sistema claro; deve ser bem planejado, e não separado da vida industrial do país como um todo.

7. A vida econômica do país — agricultura, indústria, comércio e transporte — deve ser submetida a um plano unificado, construído de modo a satisfazer as necessidades individuais e sociais das amplas massas do povo; esse plano deve ser aprovado por seus representantes eleitos e executado sob a direção desses representantes por meio de organizações locais e nacionais.

8. A parte do plano que trata do trabalho agrário deve ser cumprida sob supervisão das organizações dos camponeses e dos trabalhadores da terra; a parte relativa à indústria, comércio e transporte, operada por assalariados, por meio do Controle Operário; os órgãos naturais do Controle Operário no interior das fábricas serão os Comitês de Fábrica e assemelhados; e, no mercado de trabalho, os Sindicatos.

9. Os acordos coletivos referentes a salário obtidos pelos Sindicatos para a maioria dos trabalhadores em qualquer ramo de trabalho devem ser obrigatórios a todos os proprietários de unidades que empregam esse tipo de trabalho no respectivo distrito.

10. Agências de emprego devem ser colocadas sob o controle e a gestão dos sindicatos, como organizações de classe agindo dentro dos limites do plano industrial conjunto e de acordo com ele.

11. Os sindicatos devem ter o direito, por sua própria iniciativa, de iniciar ações legais contra todos os empregadores que violem os contratos de trabalho ou a legislação trabalhista, e também em nome de qualquer trabalhador em qualquer ramo de trabalho.

12. Em todas as questões relativas ao Controle Operário sobre a produção, a distribuição e o emprego, os sindicatos devem se reunir com os trabalhadores dos estabelecimentos individuais através de seus Comitês de Fábrica.

13. Questões de emprego e de demissão, férias, escalas salariais, a recusa do trabalho, o grau de produtividade e habilidade, as razões para revogar os acordos, os conflitos com a administração e problemas similares da vida interna da fábrica devem ser resolvidos exclusivamente de acordo com as diretrizes do Comitê de Fábrica, que tem o direito de fazer com que os membros da administração da fábrica sejam excluídos da discussão.

14. O Comitê de Fábrica constituirá uma comissão para controlar o abastecimento da fábrica com matéria-prima, combustível, encomendas, força de trabalho e suporte técnico (incluindo equipamentos), e todos os demais materiais e acordos, e também para garantir a adesão da fábrica ao plano industrial geral. A administração da fábrica é obrigada a se submeter aos órgãos de Controle Operário, para seu auxílio e informação, com todos os dados relativos à atividade econômica; para que seja possível verificar esses dados e para produzir os registros da empresa a pedido do Comitê de Fábrica.

15. Quaisquer atos ilegais por parte da administração descobertos pelos Comitês de Fábrica, ou qualquer suspeita de tais atos ilegais, que não possam ser investigados ou reparados por parte dos trabalhadores, devem ser encaminhados para a organização central distrital dos Comitês de Fábrica do ramo particular de trabalho envolvido, que deve discutir o assunto com as instituições encarregadas da execução do plano geral industrial e encontrar meios de lidar com o assunto, podendo, em última instância, chegar ao confisco da fábrica.

16. A união dos Comitês de Fábrica de diferentes empresas deve ser realizada com base em ofícios, a fim de facilitar o controle sobre todo o ramo da indústria, de maneira a participarem do plano geral industrial e de modo a criar, entre as diferentes fábricas, um plano eficaz de distribuição de encomendas, matérias-primas, combustíveis, alimentação e técnicas de trabalho e também para facilitar a cooperação com os sindicatos, que são organizados por ofícios.

17. Os conselhos centrais de Sindicatos e Comitês de Fábrica representam o proletariado em instituições provinciais e locais, formadas para elaborar e executar o plano geral industrial e organizar as relações econômicas entre as cidades e as vilas (operários e camponeses). Eles também possuem autoridade final para a gestão dos Comitês de Fábrica e dos Sindicatos; no que se refere ao Controle Operário no respectivo distrito, devem emitir regulamentações obrigatórias à disciplina operária na rotina de produção — essa regulamentação, no entanto, tem de ser aprovada em votação pelos próprios trabalhadores.

20. A IMPRENSA BURGUESA A RESPEITO DOS BOLCHEVIQUES

Russkaya Volia, 28 de outubro:

O momento decisivo se aproxima... É decisivo para os bolcheviques. Ou nos proporcionarão uma segunda edição [...] dos acontecimentos de 16 e 18 de julho, ou terão de admitir que, com seus planos e intenções, com sua política impertinente de querer se isolar de tudo o que é conscientemente nacional, foram definitivamente derrotados...

Quais são as chances de sucesso bolchevique?

É difícil responder a essa pergunta, pois sua base principal é a ignorância... das massas populares. Eles especulam sobre isso, trabalham com base nisso com uma demagogia que nada consegue deter...

O governo tem de desempenhar seu papel neste caso. Apoiando-se moralmente no Conselho da República, o governo deve tomar uma atitude clara em relação aos bolcheviques...

E, se os bolcheviques provocarem uma insurreição contra o poder legal e, assim, facilitarem a invasão alemã, devem ser tratados como rebeldes e traidores...

Birzhevya Vedomosti, 28 de outubro:

Agora que os bolcheviques se isolaram do restante da democracia, a luta contra eles torna-se muito mais simples, e não é razoável, na luta contra o bolchevismo, esperar até que eles façam uma manifestação. O governo não deve permitir de modo algum a manifestação...

O recurso dos bolcheviques à insurreição e anarquia são atos puníveis pelos tribunais criminais, e, em países mais livres, seus autores receberiam penas severas. Pois o que os bolcheviques estão executando não é uma luta política contra o governo ou mesmo em prol do poder, é uma propaganda da anarquia, dos massacres e da guerra civil. Essa propaganda deve ser extirpada pela raiz; e seria estranho esperar, a fim de iniciar uma ação contra uma agitação de *pogroms*, até que os *pogroms* ocorram de fato...

Novoye Vremya, 1º de novembro:

Por que o governo se agitou apenas com o 2 de novembro (data de abertura do Congresso dos Sovietes) e não com o 12 de setembro, ou o 3 de outubro?

Não é a primeira vez que a Rússia é arruinada e incendiada, e que a fumaça das terríveis chamas aguçam o olhar de nossos Aliados...

Desde que chegou ao poder, houve alguma única ordem emitida por esse governo com o objetivo de impedir a anarquia, ou qualquer tentativa para apagar o incêndio da Rússia?

Havia outras coisas para fazer...

O governo voltou sua atenção para um problema mais imediato. Esmagou uma insurreição (a tentativa de Kornilov), a respeito da qual todos hoje se indagam: “Essa insurreição realmente existiu?”.

21. A IMPRENSA MODERADA SOCIALISTA A RESPEITO DOS BOLCHEVIQUES

Dielo Naroda, 28 de outubro (socialistas revolucionários):

O crime mais terrível dos bolcheviques contra a Revolução é que eles atribuem exclusivamente à má intenção do governo revolucionário todas as calamidades das quais as massas sofrem tão cruelmente; quando, de fato, essas calamidades têm causas objetivas.

Eles fazem promessas miraculosas para as massas, sabendo de antemão que não poderão cumprir nenhuma delas; conduzem as massas com evidências falsas, enganando-as em relação à origem de todos os seus problemas...

Os bolcheviques são os mais perigosos inimigos da Revolução...

Dien, 30 de outubro (menchevique):

Isso é realmente “liberdade de imprensa”? Todos os dias, o *Novaya Rus* e o *Rabochi Put* incitam abertamente à insurreição. Todos os dias, essas publicações cometem verdadeiros crimes em suas colunas. Todos os dias, instigam [...] *pogroms*... É isso a “liberdade de imprensa”?...

O governo deveria se defender e nos defender. Temos o direito de insistir em que a máquina governamental não permaneça passiva,

enquanto as ameaças de motins sangrentos colocam em risco a vida de seus cidadãos...

22. YEDINSTVO

O jornal de Plekhanov, o *Yedinstvo*, suspendeu a publicação algumas semanas após os bolcheviques tomarem o poder. Ao contrário do que se diz, o *Yedinstvo* não foi suspenso pelo governo bolchevique; um anúncio, na última edição, admitia que o jornal não podia mais se manter *porque havia poucos assinantes...*

23. OS BOLCHEVIQUES ERAM CONSPIRADORES?

O jornal francês *Entente*, de Petrogrado, publicou em 15 de novembro um artigo, do qual reproduzo o seguinte trecho:

O governo de Kerenski discute e hesita. O governo de Lênin e Trótski ataca e age.

Este último é chamado de Governo de Conspiradores, mas isso é errado. Governo dos Usurpadores, sim, como todos os governos revolucionários que triunfam sobre seus adversários. Conspiradores, não!

Não! Eles não conspiraram. Pelo contrário, aberta e audaciosamente, sem papas na língua, sem dissimular suas intenções, multiplicaram a agitação, intensificando a propaganda nas fábricas, nos quartéis, no front, no país, em todos os lugares, até mesmo fixando antecipadamente a data de pegar em armas, a data da tomada do poder...

Eles — conspiradores? Nunca...

24. APELO CONTRA A INSURREIÇÃO (de autoria do Comitê Central do Exército)

Acima de tudo insistimos na execução inflexível da vontade organizada da maioria do povo, expressa pelo Governo Provisório de acordo com o Conselho da República e o *Tsik*, como órgão do poder popular...

Qualquer demonstração para depor esse poder através da violência, num momento em que uma crise do governo cria infalivelmente a desorganização, a ruína do país e a guerra civil, será considerada pelo Exército um ato contrarrevolucionário e reprimido pela força armada...

Os interesses privados de grupos e classes devem ser submetidos a um único interesse — aumentar a produção industrial e a distribuição equitativa dos gêneros básicos...

Todos aqueles que são capazes de sabotagem, desorganização ou desordem, todos os desertores, todos os preguiçosos, todos os saqueadores, deveriam ser obrigados a prestar serviço de auxílio na retaguarda do Exército...

Chamamos o Governo Provisório a formar, a partir desses violadores da vontade do povo, esses inimigos da Revolução, destacamentos de trabalho para atuar na retaguarda, no front, nas trincheiras, sob fogo inimigo...

25. EVENTOS DA NOITE DE 6 DE NOVEMBRO

Ao anoitecer, grupos de Guardas Vermelhas iniciaram a ocupação de gráficas da imprensa burguesa, onde imprimiram o *Rabochi Put*, o *Soldat* e várias proclamações em centenas de milhares de cópias. A Milícia da Cidade foi ordenada a esvaziar esses lugares, mas encontrou as oficinas cheias de barricadas e homens armados a defendê-las. Os soldados recusaram-se a atacar essas oficinas.

Por volta da meia-noite, um coronel, com uma companhia de *yunkers*, chegou ao clube “Free Mind” com um mandato de prisão para o editor do *Rabochi Put*. Imediatamente uma multidão reuniu-se na rua em frente e ameaçou linchar os *yunkers*. O coronel implorou que ele e os *yunkers* fossem presos e levados para a Fortaleza de Pedro e Paulo para ficarem seguros. Esse pedido foi concedido.

À uma hora da manhã, um destacamento de soldados e marinheiros do Smolny ocupou a Agência de Telégrafos. À 1h35, o Correio foi ocupado. Pela manhã, o Hotel Militar foi tomado, e às cinco horas foi a vez da Central Telefônica. Ao nascer do sol, o Banco do Estado foi cercado. E às dez horas um cordão de tropas cercou o Palácio de Inverno.

4. A QUEDA DO GOVERNO PROVISÓRIO

26. EVENTOS DE 7 DE NOVEMBRO

Das quatro horas da manhã até o amanhecer, Kerenski permaneceu na Sede do Estado-Maior de Petrogrado e enviou ordens para os cossacos e os *yunkers* nas Escolas de Oficiais em Petrogrado e arredores; todos responderam que não podiam se deslocar.

O coronel Polkovnikov, comandante da Cidade, corria entre o Estado-Maior e o Palácio de Inverno, sem qualquer plano. Kerenski deu ordem para abrir as pontes; três horas se passaram sem nenhuma ação, e em seguida um oficial e cinco homens saíram por iniciativa própria e puseram em fuga um piquete de Guardas Vermelhos, abrindo a ponte Nicolai. No entanto, imediatamente após a escapada, alguns marinheiros tornaram a fechá-la.

Kerenski ordenou que a gráfica do *Rabochi* fosse ocupada. Ao responsável pela execução do trabalho foi prometido um esquadrão de soldados; duas horas mais tarde, prometeram-se alguns *yunkers*; em seguida, a ordem foi esquecida.

Houve uma tentativa de recapturar a Agência de Correios e Telégrafos; alguns tiros foram disparados, e as tropas do governo anunciaram que deixariam de se opor aos soviets.

Dirigindo-se a uma delegação de *yunkers*, Kerenski disse: “Como chefe do Governo Provisório e como comandante Supremo, não sei nada. Não posso aconselhá-los. Mas, como revolucionário veterano, rogo-lhes, jovens revolucionários, que permaneçam em seus postos e defendam as Conquistas da Revolução”.

*

Ordens de Kishkin, 7 de novembro:

Por decreto do Governo Provisório [...] estou investido de poderes extraordinários para o restabelecimento da ordem em Petrogrado, no comando integral de todas as autoridades civis e militares...

Em conformidade com os poderes conferidos a mim pelo Governo Provisório, dispenso de suas funções de comandante do Distrito Militar de Petrogrado o coronel George Polkovnikov...

*

Apelo à população assinado pelo vice-premiê Konovalov, 7 de novembro:

Cidadãos! Salvem a pátria, a República e sua própria liberdade. Maníacos instigaram uma revolta contra o único poder governamental escolhido pelo povo, o Governo Provisório...

Os membros do Governo Provisório executam seus deveres, permanecem em seus postos e continuam a trabalhar para o bem da pátria, o restabelecimento da ordem e a convocação da Assembleia Constituinte, o futuro poder soberano da Rússia e de todos os povos da Rússia...

Cidadãos, vocês devem apoiar o Governo Provisório. Vocês precisam reforçar essa autoridade. Devem se opor a esses maníacos — com quem se juntam todos os inimigos da liberdade e da ordem, e os seguidores do regime tsarista, a fim de arruinar a Assembleia Constituinte, destruir as conquistas da Revolução e o futuro de nossa pátria querida...

Cidadãos! Organizem-se em torno do Governo Provisório para a defesa da sua autoridade temporária, em nome da ordem e da felicidade de todos os povos...

*

Proclamação do Governo Provisório:

O Soviete de Petrogrado [...] declarou que o Governo Provisório foi derrubado e exigiu que o poder governamental lhe fosse entregue, sob ameaça de bombardear o Palácio de Inverno com o canhão da Fortaleza de Pedro e Paulo e do cruzador *Avrora*, ancorado no rio Neva.

É apenas diante da Assembleia Constituinte que o governo pode abdicar de sua autoridade; por esse motivo, decidiu não se submeter e busca o apoio da população e do Exército. Um telegrama foi enviado para o Estado-Maior; a resposta foi de que um forte destacamento de tropas estaria sendo enviado...

Deixem que o Exército e o Povo rejeitem as tentativas irresponsáveis dos bolcheviques de criar uma revolta na retaguarda...

Por volta das nove da manhã, Kerenski partiu para o front.

Ao anoitecer, dois soldados, de bicicletas, apresentaram-se na sede do Estado-Maior, como delegados da guarnição da Fortaleza de Pedro e Paulo.

Ao entrar na sala de reuniões do Estado-Maior, onde estavam reunidos Kishkin, Rutenberg, Paltchinski, o general Bagratouni, o coronel Paradielov e o conde Tolstói, os soldados exigiram a rendição imediata do Estado-Maior; ameaçando, em caso de recusa, a bombardear a sede... Após duas conferências aterrorizantes, o Estado-Maior recuou para o Palácio de Inverno, e a sede foi ocupada por Guardas Vermelhas...

No final da tarde, vários bolcheviques em carros blindados circundaram a Praça do Palácio, e os soldados soviéticos tentaram sem sucesso negociar com os *yunkers*...

Disparos sobre o palácio se iniciaram às sete da noite...

Às dez, abriu-se um bombardeio da artilharia dos três lados, em que a maioria dos cartuchos estava vazia; apenas três pequenos estilhaços atingiram a fachada do palácio...

27. A FUGA DE KERENSKI

Na manhã de 7 de novembro, Kerenski deixou Petrogrado e chegou de automóvel a Gatchina, onde exigiu um trem especial. Ao anoitecer, estava em Ostrov, na província de Pskov. Na manhã seguinte, ocorria a sessão extraordinária do Soviete Local de Deputados Operários e Soldados, com a participação de delegados dos cossacos — havia 6 mil cossacos em Ostrov.

Kerenski falou à assembleia, solicitando ajuda contra os bolcheviques, e dirigiu-se quase exclusivamente aos cossacos. Os delegados de soldados protestaram.

“O que você veio fazer aqui?”, vociferaram. Kerenski respondeu: “Pedir o apoio dos cossacos para esmagar a insurreição bolchevique!”. Nesse momento houve protestos violentos, que aumentaram quando ele continuou: “Eu frustrei a tentativa de golpe de Kornilov e vou frustrar os bolcheviques!”. O tumulto foi tão grande que ele teve de deixar a plataforma...

Os deputados soldados e os cossacos do Ussuri decidiram prender Kerenski, mas os cossacos do Don os impediram e puseram Kerenski em um trem... Um Comitê Militar Revolucionário, criado durante o dia, tentou informar a guarnição de Pskov, mas os telefones e as linhas telegráficas tinham sido cortadas...

Kerenski não chegou a Pskov. Soldados revolucionários haviam cortado a linha férrea para impedir a passagem das tropas enviadas contra a capital. Na noite de 8 de novembro, ele chegou de automóvel a Luga, onde foi bem recebido pelos Batalhões da Morte ali posicionados.

No dia seguinte, foi de trem para o front sudoeste e visitou o Comitê do Exército no quartel-general. O 5º Exército, no entanto, estava extasiado com a notícia do sucesso bolchevique, e o Comitê do Exército não pôde prometer a Kerenski nenhum apoio.

De lá, foi para o Estado-Maior, em Moghilev, onde ordenou a dez regimentos de diferentes trechos do front que avançassem contra Petrogrado. Os soldados, quase que por unanimidade, recusaram, e os regimentos que começaram a fazê-lo pararam no caminho. Cerca de 5 mil cossacos finalmente o seguiram...

28. O SAQUE AO PALÁCIO DE INVERNO

Não posso dizer que não houve saques no Palácio de Inverno. Tanto depois quanto *antes* de o Palácio de Inverno cair, houve furtos em um nível considerável. A afirmação do jornal socialista revolucionário *Narod* e dos membros da Duma Municipal de que se chegava ao valor de 500 milhões de rublos em objetos preciosos roubados foi, no entanto, um grande exagero.

Os tesouros artísticos mais importantes do Palácio — pinturas, esculturas, tapeçarias, porcelanas raras e armaduras — haviam sido transferidos para Moscou durante o mês de setembro, estavam em bom estado no porão do Palácio Imperial, dez dias após a captura do Kremlin por tropas bolcheviques. Posso ser testemunha desses fatos...

Os indivíduos, no entanto, sobretudo o público em geral, que estava autorizado a circular livremente pelo Palácio de Inverno durante vários dias após sua captura, saqueou a prata, os relógios, as roupas de cama, os espelhos e alguns vasos de porcelana valiosos e pedras semipreciosas, no valor de cerca de 50 mil dólares.

O governo soviético criou imediatamente uma comissão especial, composta de artistas e arqueólogos, para recuperar os objetos roubados. Em 1º de novembro duas proclamações foram emitidas:

cidadãos de petrogrado!

Urgentemente pedimos a todos os cidadãos que façam o máximo de esforço para encontrar o que for possível dos objetos roubados do Palácio de Inverno na noite de 7-8 de novembro, e encaminhá-los ao comandante do Palácio de Inverno.

Receptadores de bens roubados, antiquários e todos os que comprovadamente estejam escondendo objetos dessa ordem serão legalmente responsabilizados e punidos com toda a severidade.

*Comissários para a proteção de
museus e coleções artísticas,*
G. YATMANOV, B. MANDELBAUM

aos comitês de regimento e frota

Na noite de 7 para 8 de novembro, no Palácio de Inverno, onde estava a propriedade inalienável do povo russo, valiosos objetos de arte foram roubados.

Urgentemente apelamos a todos que se esforcem para que os objetos roubados sejam devolvidos ao Palácio de Inverno.

Comissários
G. YATMANOV, B. MANDELBAUM

Cerca de metade do espólio foi recuperado, alguns itens na bagagem de estrangeiros saindo da Rússia.

A conferência de artistas e arqueólogos, realizada por sugestão do Smolny, nomeou uma comissão para fazer um inventário dos tesouros do Palácio de Inverno, comissão que ficou encarregada do palácio e de todas as coleções artísticas e museus do Estado em Petrogrado. Em 16 de novembro, o Palácio de Inverno foi fechado ao público enquanto o inventário estava sendo feito...

Durante a última semana de novembro, um decreto emitido pelo Conselho de Comissários do Povo mudou o nome do Palácio de Inverno para “Museu do Povo”, colocando-o a cargo das comissões artísticas e arqueológicas e

declarando que, doravante, quaisquer atividades governamentais em seu interior estavam proibidas...

29. ESTUPRO NO BATALHÃO FEMININO

Imediatamente após a tomada do Palácio de Inverno, publicava-se na imprensa antibolchevique e contava-se na Duma Municipal todo tipo de história sensacionalista sobre o destino do Batalhão de Mulheres que defendia o palácio. Dizia-se que algumas das soldadas foram jogadas das janelas para a rua; as demais teriam sido violentadas e várias teriam cometido suicídio em consequência dos horrores que haviam presenciado.

A Duma Municipal nomeou uma comissão para investigar o assunto. Em 16 de novembro, essa comissão voltou de Levashovo, sede do Batalhão das Mulheres. A sra. Tyrkova relatou que as moças foram inicialmente levadas para o quartel do regimento de Pavlovski, e que algumas delas sofreram maus-tratos, mas que, naquele momento, a maioria delas estava em Levashovo, e as demais estavam espalhadas pela cidade, em casas particulares. O dr. Mandelbaum, outro integrante da comissão, testemunhou secamente que nenhuma mulher foi lançada pelas janelas do Palácio de Inverno, que nenhuma estava ferida, que três haviam sido violentadas e apenas uma cometera suicídio, deixando um bilhete em que disse estar “decepcionada com seus ideais”.

Em 21 de novembro, o Comitê Revolucionário Militar oficialmente dissolveu o Batalhão de Mulheres, a pedido das próprias moças, que retornaram à vida civil.

No livro *Seis meses vermelhos na Rússia*, de Louise Bryant, há uma interessante descrição das soldadas durante esse período.

5. SEGUINDO EM FRENTE

30. RECURSOS E PROCLAMAÇÕES

Do Comitê Militar Revolucionário, 8 de novembro:

A todos os Comitês de Exército e todos os Sovietes de Deputados Soldados

A guarnição de Petrogrado derrubou o governo de Kerenski, que se levantou contra a Revolução e o Povo... Ao divulgar estas notícias para o front e para toda a pátria, o Comitê Militar Revolucionário pede que todos os soldados vigiem a conduta dos oficiais. Os oficiais que não se

declararem franca e abertamente a favor da Revolução devem ser imediatamente presos e declarados inimigos.

O Soviete de Petrogrado interpreta o programa do novo governo como: propostas imediatas de uma paz geral e democrática, a imediata transferência das terras dos latifundiários aos camponeses e a convocação adequada da Assembleia Constituinte. O Exército Revolucionário do Povo não deve permitir que tropas de moral duvidosa sejam enviadas a Petrogrado. Argumentem, procurem persuadir moralmente, mas, se isso falhar, interrompam com força implacável o avanço das tropas.

A presente ordem deve ser imediatamente lida em todas as unidades militares de todos os ramos do serviço. Aquele que retiver a divulgação desta ordem e não transmiti-la às massas de soldados [...] estará cometendo um grave crime contra a Revolução e será punido com todo o rigor da lei revolucionária.

Soldados! Paz, pão, terra e governo popular!

*

A todo o Exército no front e na retaguarda, a todos os Comitês de Batalhões, Divisões, Regimentos e Companhias e a todos os Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses.

Soldados e Oficiais Revolucionários!

O Comitê Militar Revolucionário, em acordo com a maioria dos operários, soldados e camponeses, decretou que o general Kornilov e todos os cúmplices de sua conspiração serão trazidos imediatamente para Petrogrado, para o encarceramento na Fortaleza de Pedro e Paulo, e serão formalmente acusados perante a corte marcial militar revolucionária...

Todos que resistirem à execução do presente decreto serão declarados traidores pelo comitê, e suas ordens são doravante declaradas nulas.

Comitê Militar Revolucionário ligado

*ao Soviete de Deputados
Operários e Soldados de Petrogrado*

*

A todos os Sovietes Provinciais e Distritais de Deputados Operários, Soldados e Camponeses.

Por deliberação do Congresso Pan-Russo dos Sovietes, todos os membros presos dos Comitês Agrários serão imediatamente libertados. Os comissários que os prenderam devem ser presos.

A partir deste momento todo o poder pertence aos soviets. Os comissários do Governo Provisório foram destituídos. Os presidentes de vários soviets locais são convidados a entrar em relação direta com o governo revolucionário.

Comitê Militar Revolucionário

31. PROTESTO DA DUMA MUNICIPAL

A Duma Central da Capital, eleita a partir dos princípios mais democráticos, comprometeu-se com o fardo da gestão dos assuntos municipais e do abastecimento de alimentos nestes tempos de absoluta desorganização. No presente momento, o Partido Bolchevique, três semanas antes das eleições para a Assembleia Constituinte, e apesar da ameaça do inimigo externo, tendo removido à força a única autoridade legal revolucionária, comete um atentado contra os direitos e a independência do Governo Municipal autônomo, exigindo a submissão a seus comissários e à sua autoridade ilegal.

Neste terrível e trágico período, a Duma da Cidade de Petrogrado, em face de seus constituintes e de toda a Rússia, declara, em alto e bom som, que não vai admitir nenhuma intromissão em seus direitos e sua independência, e permanecerá no posto de responsabilidade para o qual foi eleita pela vontade da população da capital.

A Duma da Cidade Central de Petrogrado chama todas as Dumas e *Zemstvos* da República Russa a se mobilizarem em defesa de uma das maiores conquistas da Revolução Russa — a independência e a inviolabilidade do governo popular autônomo.

32. DECRETO DA TERRA — O NAKAZ DOS CAMPONESES

A questão da terra só poderá ser definitivamente resolvida pela Assembleia Constituinte.

A solução mais equitativa para a questão da terra deve ser a seguinte:

1. O direito de propriedade privada da terra é abolido para sempre; a terra não pode ser vendida nem alugada, nem hipotecada, nem alienada sob qualquer forma. Todas as terras, sejam dominiais, associadas a títulos, terras pertencentes ao gabinete do imperador, aos mosteiros, igrejas, terras de posse, terras embargadas, propriedades privadas, terras comunais, terras camponesas livres de retenção, e outras, são confiscadas sem compensação e tornam-se patrimônio nacional, colocadas à disposição dos trabalhadores que as cultivam.

Os que forem prejudicados pela transformação social dos direitos de propriedade poderão dispor de uma ajuda pública durante o tempo necessário para se adaptarem às novas condições de existência.

2. Todas as riquezas subterrâneas — minérios, petróleo, carvão, sal etc. —, bem como florestas e águas de importância nacional, tornam-se propriedade exclusiva do Estado. Todos os pequenos córregos, lagos e florestas são transferidos às comunidades, sob a condição de serem geridos pelos órgãos de governo locais.

3. Todos os lotes de terra cultivados cientificamente — jardins, plantações, viveiros, lotes de sementes, estufas e outros — não devem ser divididos, e sim transformados em fazendas-modelo, e passados para as mãos do Estado ou da comunidade de acordo com seu tamanho e sua importância.

Imóveis, terras comunais e vilarejos com seus jardins privados e seus pomares permanecem nas mãos de seus proprietários atuais; as dimensões desses lotes e as taxas de impostos para sua utilização devem ser fixadas por lei.

4. Todas as fazendas de pecuária, criadouros de gado e estabelecimentos de criação de aves, privados ou governamentais, e outros são apreendidos e passam a ser propriedade nacional, transferidos ou para o Estado ou à comunidade, de acordo com seu tamanho e importância.

Todas as questões de compensação pelos quesitos acima são de competência da Assembleia Constituinte.

5. Todos os bens agrícolas inventariados, máquinas e rebanhos das terras confiscadas serão transferidos sem qualquer compensação para o Estado ou a comunidade, de acordo com sua qualidade e importância.

O confisco de tais máquinas ou rebanhos não é aplicável às pequenas propriedades dos camponeses.

6. O direito de uso da terra é concedido a todos os cidadãos, sem distinção de sexo, que quiserem trabalhar nas próprias terras com a ajuda de suas famílias ou em parceria, e apenas enquanto eles forem capazes de trabalhar. Nenhum trabalho assalariado é permitido.

Em caso de incapacidade para o trabalho de um membro da comunidade por um período de dois anos, a comuna será obrigada a prestar-lhe assistência durante esse tempo através do trabalho na terra em comum.

Os agricultores que por velhice ou doença perderam definitivamente a capacidade de trabalhar nas próprias terras devem entregar suas terras e receber uma pensão do governo.

7. O usufruto da terra deve ser equalizado — ou seja, a terra será dividida entre os trabalhadores de acordo com as condições locais, a unidade de trabalho e as necessidades do indivíduo.

O usufruto da terra será determinado individualmente em: herdades, fazendas, comunas, através de parcerias, como também será decidido pelas aldeias e assentamentos.

8. Ao ser confiscada, toda terra é doada ao Fundo Agrário Nacional. Sua distribuição entre os trabalhadores é realizada pelos órgãos locais e centrais da administração, começando com as organizações democráticas dos vilarejos e terminando com as instituições provinciais centrais, com exceção das sociedades urbanas e rurais.

O Fundo Agrário está sujeito a redistribuição periódica de acordo com o aumento da população e o desenvolvimento da produtividade e da economia rural.

Em caso de modificação dos limites dos loteamentos, o centro original do loteamento permanece intacto.

As terras das pessoas que deixarem a comunidade retornam ao Fundo, que prevê que parentes próximos das pessoas que se retiraram, ou amigos por eles designados, terão preferência na redistribuição dessas terras.

Quando as terras forem devolvidas ao Fundo, o dinheiro gasto para adubação ou melhorias da terra, que não tenham sido esgotadas, será reembolsado.

Se em algumas localidades o Fundo Agrário for insuficiente para satisfazer a população local, a população excedente deverá emigrar.

A organização da emigração, bem como os respectivos custos e despesas com o maquinário e pecuária necessários devem ser assumidos pelo Estado.

A emigração será conduzida na seguinte ordem: primeiro, os camponeses sem terra que expressam a vontade de emigrar; em seguida, os membros indesejáveis da comunidade, desertores etc.; e, finalmente, por sorteio consensual.

Tudo o que está contido neste *nakaz*, sendo expressão da vontade indiscutível da grande maioria dos camponeses conscientes da Rússia, é declarado como uma lei temporária, e, até a convocação da Assembleia Constituinte, torna-se imediatamente efetiva na medida do possível, em alguns itens de forma gradual, como será determinado pelos Sovietes Distritais de Deputados Camponeses.

33. A TERRA E OS DESERTORES

O governo não era obrigado a tomar nenhuma decisão sobre os direitos dos desertores de terra. O fim da guerra e a desmobilização do Exército automaticamente eliminavam a questão do desertor.

34. O CONSELHO DOS COMISSÁRIOS DO POVO

O Conselho dos Comissários do Povo foi composto primeira e inteiramente por bolcheviques. No entanto, isso não era responsabilidade apenas dos bolcheviques. Em 8 de novembro, eles ofereceram pastas para os membros dos Socialistas Revolucionários de Esquerda, que declinaram.

6. O COMITÊ DE SALVAÇÃO

35. APELOS E DENÚNCIAS

Apelo a todos os Cidadãos e às Organizações Militares do Partido Socialista Revolucionário.

A ação insensata dos bolcheviques está prestes a conhecer um completo fracasso. A guarnição está insatisfeita... Os ministérios estão vazios, o pão está em falta. Todas as facções, exceto um punhado de bolcheviques,

deixaram o Congresso dos Sovietes. Os bolcheviques estão sozinhos! Abusos de toda espécie, atos de vandalismo e pilhagem, o bombardeio do Palácio de Inverno, as detenções arbitrarias — todos esses crimes cometidos pelos bolcheviques despertaram contra eles o ressentimento da maioria dos marinheiros e soldados. O *Tsentroflot* recusa-se a se submeter às ordens dos bolcheviques...

Convocamos todos os indivíduos sensatos a se aglutinarem em torno do Comitê pela Salvação do País e da Revolução; a adotarem medidas sérias para estar a postos, à primeira convocação do Comitê Central do Partido, para agir em oposição aos contrarrevolucionários, que sem dúvida se aproveitarão da discórdia provocada pela aventura bolchevique, e para ver de perto o inimigo externo, que também gostaria de se aproveitar deste momento em que o front está debilitado...

*Seção Militar do Comitê Central do
Partido Socialista Revolucionário*

Do Pravda:

Quem é Kerenski?

Um usurpador, cujo lugar é a prisão de Pedro e Paulo, com Kornilov e Kishkin.

Um criminoso traidor dos operários, soldados e camponeses, que acreditaram nele.

Kerenski? Um assassino de soldados!

Kerenski? Um carrasco dos camponeses!

Kerenski? Um estrangulador dos operários!

Assim é o segundo Kornilov, que quer mutilar a Liberdade!

7. O FRONT REVOLUCIONÁRIO

36. DOIS DECRETOS

Sobre a imprensa:

No mais grave e decisivo momento da Revolução e nos dias que imediatamente o sucederam, o Comitê Revolucionário Provisório se vê

obrigado a adotar uma série de medidas, sob diversos aspectos, contra a imprensa contrarrevolucionária.

Neste momento, de todos os lados, surgem protestos dizendo que a nova autoridade socialista viola os princípios essenciais de seu próprio programa ao cometer um atentado contra a liberdade de imprensa.

O Governo dos Trabalhadores e Camponeses alerta a população para o fato de que em nosso país, por trás desse escudo liberal, está escondida a oportunidade para as classes mais ricas se refestelarem com a maior fatia do bolo da imprensa e por esse meio envenenar a mente popular, criando confusão na consciência das massas.

Todos sabem que a imprensa burguesa é uma das armas mais poderosas da burguesia. Especialmente neste momento crítico, quando a nova autoridade dos trabalhadores e dos camponeses está em processo de consolidação, é impossível deixá-la nas mãos do inimigo, em um período em que isso é tão perigoso quanto as bombas e as metralhadoras. É por isso que medidas temporárias e extraordinárias foram adotadas com a finalidade de interromper o rio de sujeira e calúnia, onde a imprensa sensacionalista e avarenta ficaria contente de afogar a jovem vitória do povo.

Logo que a nova ordem estiver consolidada, todas as medidas administrativas contra a imprensa serão suspensas; plena liberdade será oferecida dentro dos limites de responsabilidade perante a lei, em conformidade com a regulamentação mais ampla e progressista possível...

Tendo em mente, entretanto, o fato de que quaisquer restrições à liberdade de imprensa, mesmo em momentos críticos, só são admissíveis nos limites da necessidade, o Conselho dos Comissários do Povo decreta o seguinte:

1. As seguintes categorias de jornais estarão sujeitas a fechamento: (a) aquelas que promovem aberta resistência ou desobediência ao Governo dos Trabalhadores e dos Camponeses; (b) aquelas que criam confusão ao distorcer notícias óbvia e deliberadamente; (c) aquelas que incitam aos atos de caráter criminoso condenáveis pelas leis.

2. O fechamento temporário ou permanente de qualquer órgão de imprensa deve ser realizado apenas por força de uma resolução do Conselho dos Comissários do Povo.

3. O presente decreto é de natureza temporária e será revogado por um decreto especial quando as condições normais da vida pública forem restabelecidas.

*Presidente do Conselho dos
Comissários do Povo,*
VLADÍMIR ULIÂNNOV (LÊNIN)

Sobre a milícia dos trabalhadores:

1. Todos os Trabalhadores e Deputados Soldados Sovietes devem formar uma Milícia de Trabalhadores.

2. Essa Milícia de Trabalhadores estará inteiramente às ordens dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados.

3. Militares e autoridades civis devem prestar toda a assistência no sentido de armar os trabalhadores e proporcionar-lhes o equipamento técnico, até mesmo requisitando armas pertencentes ao Departamento de Guerra do Governo.

4. Este decreto será promulgado por telégrafo.

Petrogrado, 10 de novembro de 1917.

Comissário do Povo para o Interior,
A. I. RYKOV

Esse decreto incentivou a formação de batalhões de Guardas Vermelhos em toda a Rússia, os quais se tornaram o braço mais importante do governo soviético durante a guerra civil que adveio.

37. O FUNDO PARA A GREVE

O fundo para os funcionários públicos e bancários em greve foi subscrito pelos bancos e casas comerciais de Petrogrado e outras cidades, e também por empresas estrangeiras que faziam negócios em toda a Rússia. Todos os que consentiram entrar em greve contra os bolcheviques receberam salários integrais e, em alguns casos, sua remuneração sofreu acréscimos. Os contribuintes do fundo perceberam que os bolcheviques estavam

consolidados no poder e se recusaram a continuar pagando esses benefícios — foi isso que pôs fim à greve.

8. A CONTRARREVOLUÇÃO

38. O AVANÇO DE KERENSKI

Em 9 de novembro, Kerenski e seus cossacos chegaram a Gatchina, onde a guarnição, irremediavelmente dividida em duas facções, rendeu-se de imediato. Os membros do Soviete de Gatchina foram presos, inicialmente ameaçados de morte; mais tarde foram libertados por bom comportamento.

As tropas avançadas dos cossacos não encontraram oposição ao ocupar Pavlovski, Alexandrovsk e outras estações, e chegaram aos arredores de Tsarskoye Selo na manhã seguinte, 10 de novembro. Imediatamente, a guarnição se dividiu em três grupos: os oficiais, leais a Kerenski; parte dos soldados e suboficiais, que se declararam “neutros”; e a maioria dos soldados simples, favorável aos bolcheviques. Esse último grupo, que carecia de líderes e de organização, recuou em direção à capital. O soviete local retirou-se para o vilarejo de Pulkovo.

De Pulkovo, seis membros do Soviete de Tsarskoye Selo dirigiram-se a Gatchina com um automóvel carregado de proclamações para propagandear entre os cossacos. Passaram a maior parte do dia circulando por Gatchina, visitando quartéis cossacos, suplicando, argumentando e se justificando. Ao entardecer, alguns oficiais descobriram sua presença e eles foram capturados e levados ao general Krasnov, que disse: “Vocês lutaram contra Kornilov, e agora se opõem a Kerenski. Vou metralhar todos vocês!”.

Após a leitura em voz alta da ordem que o consagrava como comandante em chefe do distrito de Petrogrado, Krasnov perguntou se eles eram bolcheviques. Eles responderam de forma afirmativa, e Krasnov então partiu; pouco tempo depois, um oficial se apresentou e os libertou, afirmando que era por ordem do general Krasnov...

Nesse meio-tempo, as delegações continuavam a chegar a Petrogrado, provenientes da Duma, do Comitê de Salvação e, por último, do *Vikzhel*. O

Sindicato dos Ferroviários insistiu em que algum acordo deveria ser estabelecido para estancar a guerra civil e exigiu que Kerenski dialogasse com os bolcheviques e suspendesse o avanço sobre Petrogrado. Em caso de recusa, o *Vikzhel* ameaçou uma greve geral, à meia-noite de 11 de novembro.

Kerenski pediu que fosse permitida a discussão do assunto com os ministros socialistas e com o Comitê de Salvação. Estava claramente indeciso.

No dia 11, postos cossacos avançados atingiram Krasnoye Selo, de onde o soviete local e as forças heterogêneas do Comitê Militar Revolucionário retiraram-se precipitadamente, alguns chegando a se entregar... Naquela noite, também chegaram a Pulkovo, onde depararam com a primeira e real resistência...

Os desertores cossacos começaram a surgir pouco a pouco em Petrogrado, declarando que Kerenski havia mentido para eles, transmitindo e espalhando no front mensagens que falavam de uma Petrogrado em chamas, que os bolcheviques tinham convidado os alemães a entrar, que estavam assassinando mulheres e crianças e saqueando de forma indiscriminada...

39. PROCLAMAÇÕES DO COMITÊ MILITAR REVOLUCIONÁRIO

Para todos os Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses.

O Congresso Pan-Russo dos Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses encarrega os sovietes locais de imediatamente tomarem medidas enérgicas para se opor a todas as perturbações contrarrevolucionárias antisemitas e a todos os *pogroms* de qualquer natureza. A honra da Revolução dos operários, camponeses e soldados não pode tolerar nenhum transtorno...

A Guarda Vermelha de Petrogrado, a guarnição revolucionária e os marinheiros têm mantido completa ordem na capital.

Operários, soldados e cossacos, sobre nós recai o dever de manter a real ordem revolucionária.

Todo o mundo e a Rússia revolucionária estão de olhos voltados para vocês...

O Congresso Pan-Russo dos Sovietes decreta:

Abolição da pena capital no front, que havia sido reintroduzida por Kerenski.

A plena liberdade de propaganda será agora restabelecida no país. Todos os soldados e oficiais revolucionários que se encontram presos pelos chamados “crimes” políticos devem ser libertados.

*

O ex-premiê Kerenski, derrubado pelo povo, se recusa a se submeter ao Congresso de Sovietes e tenta lutar contra o governo legal eleito pelo Congresso Pan-Russo — o Conselho dos Comissários do Povo. O front se recusa a apoiar Kerenski. Moscou se juntou ao novo governo. Em muitas cidades (Minsk, Moghilev, Kharkov) o poder está nas mãos dos soviets. Nenhum destacamento da infantaria consente em marchar contra o Governo dos Trabalhadores e Camponeses, que, de acordo com a vontade firme do Exército e do povo, já iniciou negociações de paz e a concessão de terra aos camponeses...

Nós advertimos publicamente que, se os cossacos não pararem Kerenski, aquele que os enganou e que está a conduzi-los contra Petrogrado, as forças revolucionárias se levantarão com toda sua fúria em defesa das preciosas conquistas da Revolução — Paz e Terra.

Cidadãos de Petrogrado! Kerenski fugiu da cidade, abandonando a autoridade para Kishkin, que queria devolver a capital aos alemães; para Rutenberg, do Bando Sombrio, que sabotou o abastecimento de alimentos municipal; e para Palchinski, odiado por todo o campo democrático. Kerenski fugiu, abandonando vocês aos alemães, à fome e a massacres sangrentos. O povo revoltado prendeu os ministros de Kerenski, e vocês viram como a ordem e o abastecimento de Petrogrado imediatamente melhoraram. Kerenski, a pedido dos proprietários aristocratas, dos capitalistas, dos especuladores, marcha contra vocês com a finalidade de devolver a terra aos latifundiários e continuar esta guerra odiosa.

Cidadãos de Petrogrado! Sabemos que a grande maioria de vocês é favorável à autoridade do povo revolucionário contra os kornilovistas liderados por Kerenski. Não se deixem iludir pelas declarações mentirosas

dos impotentes conspiradores burgueses, que serão impiedosamente esmagados.

Operários, soldados e camponeses! Nós os conclamamos à devoção e à disciplina revolucionária.

Milhões de camponeses e soldados estão conosco.

A vitória da Revolução do povo está garantida!

40. ATOS DO CONSELHO DOS COMISSÁRIOS DO POVO

Neste livro, estou relatando os decretos que em minha opinião são pertinentes à conquista do poder pelos bolcheviques. O restante pertence a uma descrição detalhada da estrutura do Estado soviético, para o qual não há lugar neste trabalho. Isso será tratado plenamente em um segundo livro, em fase de elaboração: *De Kornilov a Brest-Litovsk*.

Das moradias

1. As autoridades municipais têm o direito de confiscar todas as moradias desocupadas ou desabitadas.

2. Os municípios poderão, segundo as leis e regras estabelecidas por eles, instalar, em todos os alojamentos disponíveis, cidadãos que não têm lugar para morar ou que vivem em alojamentos insalubres ou superlotados.

3. Os municípios poderão criar um serviço de inspeção dos locais de habitação, organizá-los e definir suas atribuições.

4. Os municípios poderão emitir ordens para a instituição de comissões de moradia, definir sua organização, suas competências e conferir-lhes autoridade jurídica.

5. Os municípios poderão criar Tribunais de Habitação, definir suas competências e sua autoridade.

6. Este decreto é promulgado pelo telégrafo.

Comissário do Povo para o Interior,
A. I. RYKOV

Da Previdência Social

O proletariado russo inscreveu entre suas bandeiras a promessa de uma Previdência Social total aos trabalhadores assalariados, bem como aos pobres da cidade e do campo. O governo do tsar, dos proprietários e dos capitalistas, bem como o governo de coalizão e de conciliação, não conseguiu realizar os desejos dos trabalhadores no que diz respeito à Previdência Social.

O Governo dos Trabalhadores e Camponeses, contando com o apoio do Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses, anuncia, à classe operária da Rússia e aos pobres das cidades e do campo, que irá imediatamente preparar uma legislação sobre a Previdência Social com base nas formulações propostas pelas organizações trabalhistas:

1. Seguridade para todos os trabalhadores assalariados, sem exceção, bem como para todos os pobres urbanos e rurais.

2. Seguridade para cobrir todas as categorias em caso de perda da capacidade laboral, tais como doenças, enfermidades, velhice, maternidade, viuvez, orfanandade e desemprego.

3. Todas as despesas com a seguridade serão cobradas dos empregadores.

4. Compensação de no mínimo salário integral em qualquer caso de invalidez para o trabalho ou desemprego.

5. A autonomia total dos trabalhadores em todas as instituições de Previdência.

Em nome do Governo da República Russa.

Comissário do Povo para o Trabalho,

ALEXANDER SHLIAPNIKOV

*

Da Educação Popular

Cidadãos da Rússia!

Com a insurreição de 7 de novembro, as massas trabalhadoras conquistaram pela primeira vez o real poder.

O Congresso Pan-Russo dos Sovietes transferiu temporariamente esse poder para sua Comissão Executiva e para o Conselho dos Comissários do Povo.

Pela vontade do povo revolucionário, fui designado como comissário do Povo para a Educação.

O trabalho de orientar a educação do povo em geral, no que se refere ao governo central, até que a Assembleia Constituinte se reúna, será confiado a uma Comissão para a Educação do Povo, cujo presidente e executivo é o comissário do Povo.

Sobre quais proposições fundamentais se baseará essa Comissão Estatal? Como determinar sua esfera de competência?

Linhas gerais da atividade educacional: no que diz respeito à educação, em um país onde o analfabetismo e a ignorância reinam de forma absoluta, todo o poder genuinamente democrático deve lutar contra essa escuridão. Deve-se alcançar, no menor espaço de tempo, a *alfabetização universal*, através da organização de uma rede de escolas para atender as demandas da pedagogia moderna; deve-se introduzir universalmente o ensino gratuito e obrigatório para todos e criar ao mesmo tempo uma série de institutos e seminários de professores que rapidamente irá produzir um poderoso exército de professores do povo, tão necessário para a instrução da população de nossa imensa Rússia.

Descentralização: A Comissão Estatal de Educação Popular não é de modo algum um poder central para gerir instituições de instrução e educação. Pelo contrário, todo trabalho escolar deve ser transferido aos órgãos do governo autônomo local. O trabalho independente dos operários, soldados e camponeses, de estabelecer com sua própria iniciativa organizações culturais e educacionais, deve receber plena autonomia, tanto do centro do Estado quanto dos centros municipais.

O trabalho da Comissão Estatal serve como um fio condutor e colaborativo para organizar os recursos do apoio material e moral para as instituições municipais e particulares, especialmente para aqueles com caráter de classe definido pelos trabalhadores.

O Comitê Estatal de Educação Popular: Uma série de inestimáveis projetos de lei foi elaborada, a partir do início da Revolução, pelo Comitê Estatal de Educação Popular, cuja composição era amplamente

democrática e rica em especialistas. A Comissão Estatal anseia, sinceramente, pela colaboração desse comitê.

A Comissão Estatal se dirigiu ao escritório do comitê para solicitar que seja convocada de imediato uma sessão extraordinária do comitê para o cumprimento do seguinte programa:

1. Revisão das regras de representação no comitê, no sentido de uma maior democratização.

2. Revisão dos direitos do comitê para ampliá-los e transformar o comitê em um instituto fundamental de Estado para a elaboração de projetos de lei que reconheçam a instrução e a educação públicas na Rússia com base nos princípios democráticos.

3. Uma revisão conjunta com a nova Comissão Estatal das leis já criadas pelo comitê foi requerida pelo fato de que, ao editá-las, o comitê deveria ter considerado o espírito burguês dos ministérios anteriores, que o obstruiu mesmo em sua forma limitada.

Após essa revisão, as leis se tornarão efetivas, sem nenhuma lentidão burocrática, dentro do espírito da ordem revolucionária.

Os pedagogos e os defensores da sociedade: A Comissão Estatal dá as boas-vindas aos pedagogos para o honroso e brilhante trabalho de educar os senhores do país: o povo.

Nenhuma medida no domínio da educação do povo deve ser adotada por qualquer poder sem a deliberação atenta dos pedagogos.

Por outro lado, nenhuma decisão pode ser tomada exclusivamente através da colaboração de especialistas. Isso também se refere às reformas dos institutos de educação geral.

A cooperação dos pedagogos com as forças sociais: é assim que a comissão deve trabalhar dentro de sua própria constituição, no Comitê Estatal, e em todas as suas atividades.

Como primeira tarefa, a comissão indica a melhoria do estatuto dos professores e, em primeiro lugar, daqueles que são os mais pobres e que, no entanto, são os mais importantes colaboradores para o trabalho da cultura: os professores primários. Suas justas reivindicações devem ser atendidas de uma só vez e a qualquer custo. O proletariado das escolas tem exigido sem sucesso o aumento do salário de cem rublos por mês.

Seria uma vergonha prolongar a miséria dos professores da esmagadora maioria do povo russo.

Mas a real democracia não pode se limitar a atacar apenas o analfabetismo na instrução primária universal. Deve se empenhar em organizar uma escola uniforme e secular de vários graus. O ideal seria a educação igualitária e se possível superior para todos os cidadãos. Enquanto essa ideia não se efetive para todos, a transição natural, através de todos os graus escolares, até a universidade — a transição para uma etapa superior —, deve depender totalmente da aptidão do aluno, e não dos recursos de sua família.

O problema da organização genuinamente democrática da instrução é sobretudo difícil em um país empobrecido por uma guerra longa, criminosa e imperialista; mas os trabalhadores que assumiram o poder devem lembrar que a educação irá servir a eles como o maior instrumento em sua luta por um destino melhor e pelo crescimento espiritual. No entanto, por mais necessidade que se tenha de cercear outros quesitos do orçamento popular, as despesas com a educação devem se manter altas. Um grande orçamento para a educação é o orgulho e a glória de uma nação. Os povos livres e emancipados da Rússia não vão esquecer isso.

A luta contra o analfabetismo e a ignorância não pode se restringir à educação escolar de crianças e jovens. Adultos também estão ansiosos para se livrar da posição aviltante de um homem que não sabe ler e escrever. A escola para os adultos deve ocupar um lugar de destaque no plano geral de instrução popular.

Instrução e educação: Deve-se enfatizar a diferença entre instrução e educação.

Instrução é a transmissão de conhecimento pronto pelo professor a seu aluno. A educação é um processo criativo. A personalidade do indivíduo é “educada” ao longo de toda a vida; é formada, enriquece em conteúdo, torna-se mais forte e perfeita.

As massas que labutam — operários, camponeses e soldados — estão sedentas de instrução primária e avançada. Mas também estão sedentas de educação. No entanto, nem o governo, nem os intelectuais, nem qualquer outro poder externo dará isso a elas. A escola, os livros, o teatro, os museus etc. podem, nesse caso, ser o único auxílio. [Essas massas] têm

suas próprias ideias, formadas por sua posição social, muito diferente da posição das classes dominantes e intelectuais que, até agora, criaram a cultura. [Essas massas] têm suas próprias ideias, suas próprias emoções, suas próprias maneiras de abordar os problemas da personalidade e da sociedade. O trabalhador da cidade, segundo sua própria concepção, e o trabalhador rural, de acordo com a dele, ambos construirão suas visões de mundo permeadas pela ideia de classe dos trabalhadores. Não há fenômeno mais magnífico ou belo que esse que nossos descendentes mais próximos irão testemunhar e viver: a construção, através do trabalho coletivo, de sua própria alma, universal, rica e livre.

A instrução será certamente importante, mas não um elemento decisivo. O que é mais importante aqui é o espírito crítico, a criatividade das massas; pois a ciência e a arte têm apenas em algumas de suas partes uma importância humana geral. Eles sofrem mudanças radicais com cada sublevação de classe de longo alcance.

Em toda a Rússia, sobretudo entre os trabalhadores da cidade, mas também entre os camponeses, surgiu uma poderosa onda de movimento cultural educacional; organizações desse tipo, entre operários e soldados, estão se multiplicando rapidamente. Conhecer essas organizações, apoiá-las e abrir-lhes caminho é a primeira tarefa de um governo revolucionário e popular no domínio da educação democrática.

A *Assembleia Constituinte*, sem dúvida, em breve começará seu trabalho. Só ela pode definir de modo permanente a ordem da vida nacional e social em nosso país, e ao mesmo tempo o caráter geral da organização da educação popular.

Agora, porém, com a passagem do poder aos soviets, o caráter realmente democrático da Assembleia Constituinte está assegurado. A linha seguida pela Comissão Estatal, contando com o Comitê Estatal, dificilmente sofrerá qualquer alteração sob a influência da Assembleia Constituinte. Sem predeterminar seu valor, o novo Governo do Povo considera-se no direito, nesse domínio, de adotar uma série de medidas que visam enriquecer e esclarecer o mais breve possível a vida espiritual do país.

O *ministério*: O presente trabalho deve provisoriamente prosseguir através do Ministério da Educação Popular. Todas as alterações

necessárias em sua composição e construção ficarão a cargo da Comissão Estatal, eleita pelo Comitê Executivo dos Sovietes e pelo Comitê Estatal. É claro que a ordem da autoridade do Estado no domínio da educação do povo será definida pela Assembleia Constituinte. Até lá, o ministério deve desempenhar o papel do aparelho de execução tanto para o Comitê Estatal quanto para a Comissão Estatal de Educação Popular.

O esforço enérgico do povo trabalhador e dos intelectuais honestos e esclarecidos tirará o país desta dolorosa crise, e, através da completa democracia, conduzirá ao socialismo e à fraternidade das nações.

Comissário do Povo para a Educação,
A. V. LUNACHARSKI

*

*Sobre a ordem em que as leis devem
ser ratificadas e publicadas*

1. Até a convocação da Assembleia Constituinte, a promulgação e a publicação das leis devem ser realizadas de acordo com a ordem decretada pelo presente Governo Provisório de Operários e Camponeses, eleito pelo Congresso Pan-Russo de Deputados Operários, Camponeses e Soldados.

2. Cada projeto é apresentado para a consideração do governo pelo ministério respectivo, devidamente assinado e autorizado pelo Comissário do Povo, ou é apresentado pela seção legislativa junto ao governo, assinado pelo chefe da seção.

3. Após a ratificação pelo governo, o decreto, em sua edição final, em nome da República da Rússia, é assinado pelo presidente do Conselho dos Comissários do Povo, ou em seu nome pelo Comissário do Povo que o apresentou à consideração do governo, sendo depois publicado.

4. A data de publicação no jornal *Gazeta do Governo Provisório de Operários e Camponeses* é a data em que esta lei entra em vigor.

5. No decreto poderá ser indicada uma data, diferente da data de publicação em que se tornará lei, ou pode ser promulgado pelo telégrafo; neste caso, passará a vigorar em cada localidade na data correspondente.

6. A promulgação dos atos legislativos do governo do Senado do Estado é abolida. A Seção Legislativa anexada ao Conselho de Comissários do Povo emite periodicamente um conjunto de regulamentos e ordens governamentais que possui força de lei.

7. O Comitê Executivo Central dos Sovietes de Deputados Operários, Camponeses e Soldados (*Tsik*) tem a qualquer momento o direito de cancelar, alterar ou anular qualquer um dos decretos do governo.

*Em nome da República da Rússia, o
presidente do Conselho dos Comissários do Povo,
V. ULIÂNNOV-LÊNIN*

41. O PROBLEMA DA BEBIDA ALCOÓLICA

Ordem emitida pelo Comitê Militar Revolucionário

1. A produção de bebidas alcoólicas e álcool está proibida até nova ordem.

2. Ordena-se a todos os produtores de álcool e bebidas alcoólicas que informem o local exato de suas reservas até no máximo dia 27 do corrente mês.

3. Todos os que contrariarem essa ordem serão julgados pelo Tribunal Militar Revolucionário.

Comitê Militar Revolucionário

Ordem nº 2

*Do Comitê do Regimento de Reserva
da Guarda Finlandesa para todos os Comitês
de Moradia e aos cidadãos de Vasili Ostrov*

A burguesia optou por um método muito sinistro de luta contra o proletariado: estabeleceu em várias partes da cidade enormes depósitos de vinho e distribuiu a bebida entre os soldados, tentando dessa forma semear o descontentamento nas fileiras do Exército Revolucionário.

Ordena-se a todos os Comitês de Moradia que, em até três horas após a emissão desta ordem, notifiquem pessoal e secretamente o presidente do Comitê do Regimento da Guarda Finlandesa a respeito da quantidade de vinho existente em suas instalações.

Aqueles que violarem esta ordem serão presos e julgados perante um tribunal implacável, seus bens serão confiscados e o estoque de vinho descoberto será

EXPLODIDO COM DINAMITE

duas horas após este aviso,

porque a experiência tem mostrado que medidas mais brandas não trazem os resultados desejados.

LEMBRE-SE, NÃO HAVERÁ OUTRO AVISO
ANTES DA EXPLOSÃO.

*Comitê Regimental do Regimento
da Guarda Finlandesa*

9. A VITÓRIA

42. COMITÊ REVOLUCIONÁRIO MILITAR. BOLETIM Nº 2

Em 12 de novembro, ao anoitecer, Kerenski enviou uma proposta para as tropas revolucionárias “para que depusessem as armas”. Os homens de Kerenski abriram fogo. Nossa artilharia respondeu e obrigou o inimigo a silenciar. Os cossacos assumiram a ofensiva. O fogo letal dos marinheiros, dos Guardas Vermelhos e dos soldados forçou os cossacos a recuarem. Nossos carros blindados correram entre as fileiras do inimigo. O inimigo está fugindo. Nossas tropas estão em sua perseguição. A ordem foi dada para prenderem Kerenski. Tsarskoye Selo foi tomada pelas tropas revolucionárias.

Os Fuzileiros Letões: o Comitê Militar Revolucionário recebeu informações precisas de que os valentes Fuzileiros Letões chegaram ao front e tomaram uma posição na retaguarda dos bandos de Kerenski.

Do comando do Comitê Militar Revolucionário

A tomada de Gatchina e Tsarskoye Selo pelos destacamentos de Kerenski deve ser justificada pela ausência completa de artilharia e metralhadoras nesses locais, enquanto a cavalaria de Kerenski foi municada com artilharia desde o início. Os dois últimos dias foram de trabalho forçado para nosso pessoal, para fornecer a quantidade necessária de armas, metralhadoras, telefones de campo etc. para as tropas revolucionárias. Quando esse trabalho foi realizado — com o enérgico apoio dos soviets distritais e as fábricas (Putilov, Obukhov e outras) —, a questão do esperado encontro não deixou espaço para dúvidas: do lado das tropas revolucionárias havia não apenas um excedente na quantidade, com uma base material poderosa em Petrogrado, mas também uma enorme vantagem moral. Todos os regimentos de Petrogrado saíram para suas posições com enorme entusiasmo. A Conferência da Guarnição elegeu uma Comissão de Controle de cinco soldados, garantindo assim uma unidade completa entre o comandante em chefe e a guarnição. Na Conferência da Guarnição foi unanimemente decidida a deflagração de uma ação decisiva.

O fogo da artilharia em 12 de novembro desenvolveu-se com uma força extraordinária até as três horas da tarde. Os cossacos foram completamente desmoralizados. Um parlamentar se aproximou, oriundo do pessoal do destacamento em Krasnoye Selo, e propôs o cessar-fogo, caso contrário tomaria medidas “decisivas”. Foi respondido que o cessar-fogo aconteceria quando Kerenski depusesse as armas.

No encontro em questão, todas as seções das tropas — os marinheiros, soldados e Guardas Vermelhos — demonstraram coragem ilimitada. Os marinheiros continuaram a avançar até queimarem seus últimos cartuchos. O número de vítimas não foi ainda estabelecido, mas é maior por parte das tropas contrarrevolucionárias, que sofreram grandes perdas pela ação de um de nossos carros blindados.

O pessoal de Kerenski, temendo que fossem cercados, deu a ordem de retirada, a qual assumiu rapidamente um caráter desordenado. Entre as 23 horas e meia-noite, Tsarkoye Selo, incluindo a estação de rádio, foi

totalmente ocupada pelas tropas dos soviets. Os cossacos se retiraram para Gatchina e Colpinno.

O moral das tropas está acima de qualquer elogio. Foi dada a ordem para perseguir os cossacos em retirada. Da estação de rádio de Tsarskoye Selo, um telegrama foi enviado imediatamente para o front e para todos os soviets locais em toda a Rússia. Mais detalhes serão comunicados. [...]

43. OS EVENTOS DO DIA 13 EM PETROGRADO

Três regimentos da guarnição de Petrogrado se recusaram a tomar parte na batalha contra Kerenski. Na manhã do dia 13, convocaram uma conferência conjunta de sessenta delegados do front, a fim de encontrar um meio de deter a guerra civil. Essa conferência nomeou uma comissão para convencer as tropas de Kerenski a depor as armas. Eles propuseram as seguintes perguntas aos soldados do governo: “Os soldados e cossacos de Kerenski reconhecem o *Tsik* como repositório do poder governamental, responsável perante o Congresso dos Sovietes? Os soldados e cossacos aceitam os Decretos de Terra e Paz? Concordam em cessar as hostilidades e retornar para suas unidades? Concordam com a prisão de Kerenski, Krasnov e Savinkov?”.

Na reunião do Soviete de Petrogrado, Zinoviev disse:

Seria tolice pensar que essa comissão poderia encerrar o caso. O inimigo só pode ser combatido pela força. No entanto, seria um crime não arriscar todos os meios pacíficos para trazer os cossacos para nosso lado... Precisamos é de uma vitória militar... A notícia de um armistício é prematura. Nosso pessoal estará pronto para um armistício quando o inimigo não puder fazer mais nenhum mal...

No momento, a influência de nossa vitória consiste em criar novas condições políticas... Hoje os socialistas revolucionários estão inclinados a aceitar os bolcheviques no novo governo... A vitória decisiva é indispensável, de modo que aqueles que agora hesitam não terão nenhuma hesitação...

Na Duma Municipal, toda a atenção estava concentrada na formação de um novo governo. Em muitas fábricas e quartéis já estavam operando Tribunais Revolucionários, e os bolcheviques ameaçavam criar ainda mais

tribunais e submeter a eles Gotz e Avksentiev. Dan propôs que um ultimato fosse enviado exigindo a abolição dos Tribunais Revolucionários, do contrário outros membros da Conferência imediatamente romperiam todas as negociações com os bolcheviques.

Shingariov, do *Cadete*, declarou que o município não deve tomar parte em nenhum acordo com os bolcheviques...

Qualquer acordo com esses maníacos é impossível até que deponham as armas e reconheçam a autoridade dos tribunais independentes de direito...

Yartsev, pelo grupo do *Yedinstvo*, declarou que qualquer acordo com os bolcheviques seria o equivalente a uma vitória bolchevique...

O prefeito Schreider, pelos socialistas revolucionários, afirmou que ele se opunha a qualquer acordo com os bolcheviques...

Um governo deveria surgir de um arbítrio popular, e, uma vez que a vontade popular foi manifesta nas eleições municipais, a vontade popular que pode criar um governo está de fato concentrada na Duma...

Depois de ouvir outros oradores, dos quais apenas o representante dos Internacionalistas Mencheviques era a favor de considerar a admissão dos bolcheviques no novo governo, a Duma votou em manter seus representantes na conferência do *Vikzhel*, mas insistiu no restabelecimento do Governo Provisório antes de tudo e em excluir os bolcheviques do novo governo...

44. TRÉGUA — RESPOSTA DE KRASNOV AO COMITÊ DE SALVAÇÃO

Em resposta ao telegrama propondo um armistício imediato, o comandante supremo, não desejando mais derramamento inútil de sangue, consente em negociar e estabelecer relações entre os exércitos do governo e os insurgentes. Ele propõe que o Estado-Maior Geral dos insurgentes convoque seus regimentos a Petrogrado e declare neutra a linha Ligovno-Pulkovo-Colpinno, permitindo assim o avanço da cavalaria de guardas do governo para entrar em Tsarskoye Selo a fim de se

estabelecer a ordem. A resposta a esta proposta deve estar nas mãos de nossos emissários às oito horas da manhã de amanhã.

KRASNOV

45. OS ACONTECIMENTOS DE TSARSKOYE SELO

Na noite em que as tropas de Kerenski recuaram de Tsarskoye Selo, alguns padres organizaram uma procissão pelas ruas da cidade, fazendo discursos aos cidadãos pedindo ao povo que apoiasse a autoridade legítima, o Governo Provisório. Quando os cossacos se retiraram e os primeiros Guardas Vermelhos adentraram a cidade, testemunhas relataram que os padres haviam incitado a população contra os soviets e rezado no túmulo de Rasputin, que se localiza atrás do Palácio Imperial. Um dos sacerdotes, o padre Ivan Kutchurov, foi preso e fuzilado pelos Guardas Vermelhos enfurecidos...

Enquanto os Guardas Vermelhos entravam na cidade, as luzes elétricas foram desligadas, mergulhando as ruas numa escuridão sem fim. O diretor da usina de luz elétrica, Lubovitch, foi preso pelas tropas soviéticas e interrogado acerca de sua atitude de apagar as luzes. Foi encontrado algum tempo depois, na sala onde havia sido preso, com um revólver na mão e um buraco de bala na têmpora.

Os jornais de Petrogrado antibolchevistas saíram no dia seguinte com as manchetes: “Temperatura de Plekhanov: 39 graus!”. Plekhanov vivia em Tsarskoye Selo, onde se encontrava doente na cama. Guardas Vermelhos chegaram a sua casa à procura de armas e questionaram o velho homem.

“A que classe da sociedade você pertence?”, perguntaram-lhe.

“Sou um revolucionário”, respondeu Plekhanov, “que durante quarenta anos dedicou sua vida à luta pela liberdade!”

“De qualquer forma”, disse um operário, “você agora se vendeu para a burguesia!”

Os trabalhadores já não conheciam Plekhanov, pioneiro da social-democracia russa!

46. O APELO DO GOVERNO SOVIÉTICO

Os destacamentos em Gatchina, ludibriados por Kerenski, haviam deposto as armas e decidido prender Kerenski. O chefe da campanha contrarrevolucionária então fugiu. O Exército, em sua imensa maioria, se pronunciou a favor do II Congresso Pan-Russo dos Sovietes e do governo criado por ele. Um grande número de delegados do front se deslocou às pressas para Petrogrado para assegurar ao governo soviético a fidelidade do Exército. Nenhuma distorção dos fatos, nenhuma calúnia contra os operários revolucionários, soldados e camponeses é capaz de derrotar o Povo. A Revolução dos Operários e Soldados é vitoriosa...

O *Tsik* se dirige às tropas que marcham sob a bandeira da contrarrevolução e imediatamente as conclama a depor as armas — para cessar o derramamento de sangue de seus irmãos em nome dos interesses de um punhado de latifundiários e capitalistas. A Revolução dos Operários, Soldados e Camponeses repudia aqueles que não permanecerem por um momento sequer sob a bandeira dos inimigos do Povo...

Cossacos! Venham para o lado do Povo vitorioso! Ferroviários, carteiros, telegrafistas — todos, todos apoiem o novo Governo do Povo!

10. MOSCOU

47. DANOS AO KREMLIN

Eu mesmo verifiquei os danos ao Kremlin, que visitei logo após o bombardeio. O Palácio do Pequeno Nicolai, um edifício de nenhuma importância particular, que era ocupado ocasionalmente pelas festas de uma das grã-duquesas, havia servido como quartel para os *yunkers*. Não só foi bombardeado, mas também saqueado; felizmente não havia nada ali de valor histórico digno de nota.

A catedral Usspenski tinha uma cratera em uma das cúpulas, mas, exceto por alguns pequenos danos no mosaico do teto, não sofreu maiores prejuízos. Os afrescos no vestíbulo da catedral Blagoveshchenski foram seriamente danificados por uma granada. Outra granada atingiu a esquina do Ivan Veliki. O mosteiro Tchudovski foi atingido cerca de trinta vezes, mas apenas

uma granada atravessou a janela, as outras quebraram os tijolos da moldura da janela e as cornijas.

O relógio sobre o portão Spasskaya foi destruído. O portão Tróitski foi atingido, mas nada que não pudesse ser reparado. Uma das torres mais baixas havia perdido seu pináculo de tijolos.

A igreja de São Basílio estava intacta, assim como o grande Palácio Imperial, com todos os tesouros de Moscou e Petrogrado em seu porão e as joias da coroa na Tesouraria. Esses lugares não sofreram invasões.

48. A DECLARAÇÃO DE LUNACHARSKY

Camaradas! Vocês são os novos senhores deste país e, embora agora tenham muito a fazer e a pensar, devem saber como defender também seus tesouros artísticos e científicos.

Camaradas! O que está acontecendo em Moscou é uma desgraça horrível e irreparável... O Povo, em sua luta pelo poder, está mutilando nossa gloriosa capital.

É particularmente terrível, nestes dias de luta violenta e guerra destruidora, ser o comissário da Educação Pública. Apenas a esperança de uma vitória do socialismo, fonte de uma nova e superior cultura, me reconforta. Sobre mim pesa a responsabilidade de proteger a riqueza artística do povo... E, não podendo permanecer em um posto onde não tinha influência alguma, renunciei. Meus camaradas, os outros comissários consideraram essa renúncia inadmissível. Eu, portanto, permanecerei em meu posto... E, além disso, entendo que o dano causado ao Kremlin não é tão grave como foi relatado...

Mas peço, camaradas, que me deem seu apoio... Preservem para si mesmos e para seus descendentes a beleza da nossa terra; sejam os guardiões dos bens do Povo.

Em breve, muito em breve, até mesmo o mais ignorante, que tem sido prisioneiro da ignorância durante tanto tempo, irá acordar e entender que fonte de alegria, de força e de sabedoria é a arte...

49. MEDIDA FINANCEIRA REVOLUCIONÁRIA

Ordem

Em virtude dos poderes a mim conferidos pelo Comitê Revolucionário Militar ligado ao Soviete de Deputados Operários e Soldados de Moscou, eu decreto:

1. Todos os bancos com filiais, a Caixa Econômica do Estado Central, com filiais, e as caixas econômicas localizadas nos escritórios de Correios e Telégrafos devem ser abertas a partir de 22 de novembro, das 11 horas às 13 horas, até segunda ordem.

2. Em contas-correntes e nas cadernetas de poupança, os pagamentos serão efetuados pelas instituições mencionadas acima, em valores não maiores que 150 rublos para cada depositante no decurso da próxima semana.

3. O pagamento de montantes superiores a 150 rublos por semana nas contas-correntes e nas cadernetas de poupança, como também os pagamentos de contas de todos os outros tipos serão permitidos durante os próximos três dias, 22, 23 e 24 de novembro, somente nos seguintes casos:

- a) nas contas das organizações militares para cobrir suas necessidades;
- b) para o pagamento dos salários de funcionários e os vencimentos dos trabalhadores de acordo com as tabelas e listas certificadas pelos Comitês de Fábrica e Sovietes de Empregados e comprovadas pelas assinaturas dos comissários, ou representantes do Comitê Militar Revolucionário e do Comitê Militar Revolucionário distrital.

4. Não mais que 150 rublos podem ser sacados; os demais montantes devem ser depositados em conta-corrente; os pagamentos devem ser feitos segundo o estabelecido pelo presente decreto.

5. Todas as outras operações bancárias estão proibidas durante esses três dias.

6. O recebimento de dinheiro em todas as contas é permitido para qualquer quantia.

7. Os representantes do Conselho de Finanças para a certificação das autorizações indicadas na cláusula 3 terão seu escritório no edifício da Bolsa de Valores, rua Ilyinka, das 10 horas às 14 horas.

8. Os Bancos e Caixas Econômicas devem enviar os valores totais das operações diárias às 17 horas para a sede do soviete, na praça Skobeliev, para o Comitê Militar Revolucionário, aos cuidados do Conselho de Finanças.

9. Todos os funcionários e gestores das instituições de crédito de todos os tipos que se recusarem a respeitar este decreto serão responsabilizados como inimigos da Revolução e da população perante os Tribunais Revolucionários. Seus nomes serão publicados para informação geral.

10. Para o controle das operações das filiais das caixas econômicas e dos bancos, dentro dos limites do presente decreto, o Comitê Militar Revolucionário distrital elegerá três representantes e designará seu local de trabalho.

*Comissário Plenamente Autorizado
do Comitê Revolucionário Militar,
S. SHEVERDIN-MAKSIMENKO*

11. A CONQUISTA DO PODER

50. LIMITAÇÕES DESTE CAPÍTULO

Este capítulo se estende por um período de cerca de dois meses. Ele cobre o período de negociações com os Aliados, as negociações e o armistício com os alemães e o início das negociações de paz em Brest-Litovsk, bem como o período em que foram estabelecidas as bases do Estado soviético.

No entanto, não é parte de meu objetivo neste livro descrever e interpretar esses acontecimentos históricos tão importantes, que exigem mais espaço. Reservo-os, portanto, para outro volume, *De Kornilov a Brest-Litovsk*.

Neste capítulo, limito-me às tentativas do governo soviético de consolidar internamente seu poder político e esboço suas sucessivas conquistas sobre elementos domésticos hostis — processo que foi temporariamente interrompido pela desastrosa Paz de Brest-Litovsk.

51. DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DOS POVOS DA RÚSSIA — PREÂMBULO

A Revolução de Outubro dos Operários e Camponeses começou sob a bandeira comum de Emancipação.

Os camponeses estão sendo emancipados do poder dos latifundiários, pois não há mais o direito de propriedade da terra — ele lhes foi suprimido. Os soldados e marinheiros estão sendo emancipados do poder dos generais autocráticos, pois doravante os generais serão eleitos e sujeitos à cassação. Os operários estão sendo emancipados dos caprichos e vontades arbitrarias dos capitalistas, pois doravante se estabelecerá o controle dos trabalhadores sobre as usinas e fábricas. Todos os seres vivos estão sendo emancipados do jugo odioso.

Restam apenas os povos da Rússia, que sofreram e estão sofrendo opressão e arbitrariedade, e cuja emancipação deve ser imediatamente iniciada, cuja libertação deve ser feita de forma resoluta e definitiva.

Durante o tsarismo, os povos da Rússia foram sistematicamente incitados um contra o outro. Os resultados de tal política são bem conhecidos: de um lado, massacres e *pogroms*; do outro, a escravidão dos povos.

Não pode nem deve haver nenhum retrocesso a essa política infame. Ela deve ser substituída, doravante, por uma política de voluntária e honesta união dos povos da Rússia.

No período do imperialismo, após a revolução de março, quando o poder foi transferido para as mãos da burguesia *Cadete*, a descarada política da provocação deu lugar a uma desconfiança covarde dos povos da Rússia, a uma política que buscava falhas, uma política da “liberdade” sem sentido e da “igualdade” entre os povos. Os efeitos de tal política são conhecidos: o crescimento da inimizade nacional, a diminuição da confiança recíproca.

Um fim precisa ser dado a essa política indigna de falsidade e desconfiança, de depreciação e provocação. Doravante, ela deve dar lugar imediatamente a uma política aberta e honesta, que conduza à plena confiança entre os povos da Rússia. Apenas como resultado de tal confiança haverá uma honesta e duradoura união para os povos da Rússia. Apenas com a união de todos os operários e camponeses da Rússia será possível sedimentar uma força única e revolucionária capaz de resistir a todas as invectivas da burguesia imperialista anexionista.

52. DECRETOS

Sobre a Nacionalização dos Bancos

No interesse da organização da economia nacional, da erradicação da especulação bancária e da completa emancipação dos operários, camponeses e de toda a população trabalhadora, submetidos à exploração do capital bancário, e visando à criação de um único banco nacional da República Russa, que irá servir aos reais interesses do povo e das classes mais pobres, o Comitê Executivo Central (*Tsik*) resolve:

1. Os negócios bancários são declarados monopólio do Estado.
2. Todos os bancos privados já existentes, de investimentos e de agências bancárias, serão fundidos ao Banco do Estado.
3. Os ativos e passivos dos estabelecimentos liquidados serão assumidos pelo Banco do Estado.
4. A ordem de fusão dos bancos privados ao Banco do Estado será determinada por um decreto especial.
5. A administração temporária dos negócios dos bancos privados será confiada ao conselho do Banco do Estado.
6. Os interesses dos pequenos depositantes serão salvaguardados.

*

Sobre a Igualdade de Classificação de todos os Militares

Em cumprimento da vontade do povo revolucionário sobre a abolição imediata e definitiva de todos os resquícios de desigualdade no Exército, o Conselho dos Comissários do Povo decreta:

1. Estão abolidas todas as categorias hierárquicas e de classes no Exército, desde o posto de cabo e até o posto de general. O Exército da República Russa consiste agora de cidadãos livres e iguais, com o honroso título de Soldados do Exército Revolucionário.
2. Estão abolidos todos os privilégios relacionados com as classes e categorias anteriores, bem como todos os sinais distintivos.
3. Estão abolidos todos os títulos de tratamento.

4. Estão abolidas as condecorações, ordens e outras marcas de distinção.

5. Com a abolição da patente de oficial, ficam abolidas todas as organizações de oficiais separadas.

Nota: Ordenanças serão permitidos apenas para as sedes, chancelarias, Comitês e outras organizações do Exército.

*Presidente do Conselho dos
Comissários do Povo,
V. ULIÂNNOV (LÊNIN)*

*Comissário do Povo para
Assuntos Navais e Militares,
N. KRYLENKO*

*Comissário do Povo para
Assuntos Militares,
N. PODVOISKI*

*Secretário do Conselho,
N. GORBUNOV*

*

*Sobre o Princípio Eletivo
e a Organização
da Autoridade do Exército*

1. O exército, servindo a vontade do povo trabalhador, está sujeito a seu supremo representante, o Conselho dos Comissários do Povo.

2. É conferida ao respectivo comitê de Soldados Sovietes a plena autoridade dentro dos limites das unidades e associações militares.

3. Estas fases da vida e da atividade das tropas que já estão sob a jurisdição dos comitês são agora formalmente colocadas sob o controle direto desses comitês. Para as instâncias de atividade que os comitês não podem assumir, serão constituídos Sovietes de Soldados.

4. Introduce-se a eleição dos quadros de comando e dos oficiais. Todos os comandantes, inclusive os dos regimentos, serão eleitos por sufrágio universal de esquadrões, pelotões, companhias, baterias, divisões (artilharia, duas-três baterias) e regimentos. Todos os comandantes superiores, desde o comandante do regimento até o comandante supremo, serão eleitos por congressos ou conferências dos comitês.

Nota: Por “conferência” deve-se entender uma reunião dos respectivos Comitês, juntamente com representantes das comissões de um grau inferior na hierarquia. [Tal como uma “conferência” dos Comitês Regimentais com os delegados dos Comitês de Companhia.] (Nota do Autor.)

5. Os comandantes eleitos acima do posto de comandante do regimento devem ser confirmados pelo Comitê Supremo mais próximo.

Nota: No caso de um Comitê Supremo recusar-se a confirmar um comandante eleito, mediante fundamentação de tal recusa, o comandante eleito pelo Comitê inferior deve ser confirmado uma segunda vez.

6. Os comandantes dos Exércitos são eleitos pelos congressos do Exército. Os comandantes dos fronts são eleitos pelos congressos dos respectivos fronts.

7. Para os postos de caráter técnico, que exigem conhecimentos específicos ou formação prática, como médicos, engenheiros, técnicos e operadores de telégrafo e rádio, aviadores, automobilistas etc., apenas as pessoas que possuam os conhecimentos especiais necessários poderão ser eleitas para comitês das unidades dos respectivos serviços.

8. Chefes do Estado-Maior devem ser escolhidos entre pessoas com formação militar especial para esse posto.

9. Todos os outros membros do pessoal serão nomeados pelo chefe do Estado-Maior e confirmados pelos respectivos congressos.

Nota: Todas as pessoas com formação específica devem constar de uma lista especial.

10. É garantido o direito à aposentadoria a todos os comandantes da ativa que não tenham sido eleitos pelos soldados para qualquer posto e [esses comandantes] passarão a ser classificados como cabos.

11. Todas as outras funções além daquelas relativas ao comando, com exceção dos postos nos departamentos econômicos, serão preenchidas por

nomeação dos respectivos comandantes eleitos.

12. Instruções detalhadas pertinentes às eleições do Estado-Maior serão publicadas em separado.

*Presidente do Conselho dos
Comissários do Povo,*

V. ULIÂNNOV (LÊNIN)

*Comissário do Povo para
Assuntos Navais e Militares,*

N. KRYLENKO

Comissário do Povo para Assuntos Militares,

N. PODVOISKI

Secretário do Conselho,

N. GORBUNOV

*

Sobre a Abolição das Classes e dos Títulos

1. Ficam abolidas todas as classes e divisões de classes, todos os privilégios de classe e restrições, todas as organizações de classe e instituições e categorias civis.

2. Ficam abolidas todas as classes sociais (nobres, comerciantes, pequenos burgueses etc.), todos os títulos (príncipe, conde e outros) e todas as denominações de classificação civil (conselheiro de Estado

Privado e outros), e é determinada a denominação geral de Cidadão da República Russa.

3. A propriedade e as instituições de classes de nobreza são transferidas para os *zemstvos* autônomos correspondentes.

4. A propriedade do comerciante e as organizações da burguesia são transferidas imediatamente para o Governo Municipal autônomo.

5. Todas as instituições de classe de qualquer espécie, com seus bens, suas regras de procedimento e seus arquivos, são transferidos para a administração dos municípios e *zemstvos*.

6. Ficam doravante revogados todos os artigos das leis existentes que se aplicam a estes assuntos.

7. O presente decreto entra em vigor e passa a ser aplicado pelos Sovietes de Deputados Operários e Soldados na data de sua publicação.

O presente decreto foi confirmado pelo *Tsik* na reunião do dia 23 de novembro de 1917 e assinado por:

Presidente do Tsik,
SVERDLOV

Presidente do Conselho dos
Comissários do Povo,
V. ULIÂNNOV (LÊNIN)

Executivo do Conselho dos
Comissários do Povo,
V. BONCH-BRUEVICH

Secretário do Conselho,
N. GORBUNOV

Em 3 de dezembro, o Conselho dos Comissários do Povo resolveu “reduzir os salários dos funcionários e colaboradores em todas as instituições do governo e dos estabelecimentos, gerais ou especiais, sem exceção”.

Para começar, o Conselho fixou um salário de quinhentos rublos mensais para um Comissário do Povo, com cem rublos adicionais para cada membro

adulto da família incapacitado para o trabalho...

Esse era o maior salário pago a qualquer oficial de governo...

53. A condessa Panina foi presa e levada a julgamento perante o Primeiro Supremo Tribunal Revolucionário. O julgamento está descrito no capítulo sobre “Justiça Revolucionária” em meu próximo livro, *De Kornilov a Brest-Litovsk*. A prisioneira foi condenada a “devolver o dinheiro e ser exposta ao desprezo público”. Em outras palavras, foi posta em liberdade!

54. A RIDICULARIZAÇÃO DO NOVO REGIME

Do *Drug Naroda* (menchevique), de 18 de novembro:

A história da “paz imediata” dos bolcheviques faz lembrar uma alegre comédia cinematográfica... Neratov corre, Trótski o persegue; Neratov sobe uma parede, Trótski também; Neratov mergulha na água — Trótski segue atrás; Neratov sobe para o telhado — lá vai Trótski atrás dele; Neratov esconde-se debaixo da cama — e Trótski o pega! Ele o pega! E naturalmente a paz é assinada de imediato...

Tudo está vazio e silencioso no Ministério das Relações Exteriores. Os mensageiros são respeitosos, mas suas caras revelam uma expressão cáustica...

Que tal prendermos um embaixador e assinarmos um armistício ou um tratado de paz com ele? Mas são um povo estranho, esses embaixadores. Ficam em silêncio, como se não ouvissem nada. Ei, ei, Inglaterra, França, Alemanha! Nós assinamos um armistício com vocês! Será que não sabem nada a respeito? Foi publicado em todos os jornais e afixado em todos os muros. Com base na palavra de honra dos bolcheviques, a paz foi assinada. Não estamos pedindo muito de vocês, basta escreverem duas palavras...

Os embaixadores permanecem em silêncio. Os poderes permanecem em silêncio. Tudo está vazio e silencioso no gabinete do Ministério das Relações Exteriores.

“Escute”, diz Robespierre-Trótski ao seu assistente Marat-Uritski, “corra para o embaixador britânico e diga-lhe que estamos propondo a paz!”

“Vá você”, diz Marat-Uritski. “Ele não está recebendo.”

“Telefone para ele, então.”

“Eu tentei. O telefone está fora do gancho.”

“Envie um telegrama.”

“Eu enviei.”

“E aí?”

Marat-Uritski suspira e não responde. Robespierre-Trótski cospe furiosamente no canto...

“Escute, Marat”, recomeça Trótski após um momento. “É absolutamente necessário demonstrar que estamos conduzindo uma política externa ativa. Como podemos fazer isso?”

“Publique outro decreto sobre a prisão de Neratov”, responde Uritski, com ar profundo.

“Marat, você é uma besta!”, grita Trótski. De repente ele se levanta, terrível e majestoso, assemelhando-se nesse momento a Robespierre.

“Escreva, Uritski!”, diz ele com gravidade. “Escreva uma carta para o embaixador britânico, uma carta registrada com aviso de recebimento. Escreva! Eu também vou escrever! Os povos do mundo esperam por uma paz imediata!”

No enorme e vazio Ministério das Relações Exteriores ouve-se apenas o som de duas máquinas de escrever. Com suas próprias mãos, Trótski está conduzindo uma política externa ativa...

55. SOBRE A QUESTÃO DE UM ACORDO

Anúncio afixado nos muros de Petrogrado sobre o resultado de uma reunião de representantes dos regimentos da guarnição convocados para avaliar a questão da formação de um novo governo:

Para a atenção de Todos os Operários e Todos os Soldados.

Em 11 de novembro, no clube do Regimento Preobrazhenski, realizou-se uma reunião extraordinária dos representantes de todas as unidades da guarnição de Petrogrado.

Essa reunião foi convocada por iniciativa dos regimentos de Preobrazhenski e Semionovski para discutir quais dos partidos socialistas são a favor do poder dos soviets e quais são contra, quais são a favor do povo e quais são contra, e se um acordo entre eles é possível.

Os representantes do *Tsik*, da Duma Municipal, dos Sovietes de Camponeses de Avksentiev e de todos os partidos políticos, dos bolcheviques aos socialistas populistas, foram convidados para a reunião.

Após uma longa deliberação, tendo ouvido as declarações de todos os partidos e organizações, a reunião, por uma grande maioria de votos, concordou que apenas os bolcheviques e os socialistas revolucionários de esquerda são a favor do povo e que todos os outros partidos estão apenas tentando, sob esse pretexto, buscar um acordo para destituir o povo das conquistas obtidas nos dias da grande Revolução de Operários e Camponeses em novembro.

Aqui está o texto da resolução aprovada nessa reunião da guarnição de Petrogrado, por 61 votos contra onze, e doze abstenções:

“A conferência da guarnição, convocada por iniciativa dos Regimentos Preobrazhenski e Semionovski, ao ouvir os representantes de todos os partidos socialistas e organizações populares sobre a questão de um acordo entre os diferentes partidos políticos, constata que:

“1. Os representantes do *Tsik*, os representantes do Partido Bolchevique e Socialistas Revolucionários de Esquerda declararam definitivamente que defendem um governo dos soviets, a favor dos decretos sobre a Terra e sobre a Paz e o Controle Operário da Indústria, e com base nessa plataforma estão dispostos a se unir com todos os partidos socialistas.

“2. Ao mesmo tempo, os representantes de outros partidos (mencheviques, revolucionários socialistas) ou não deram resposta alguma, ou declararam simplesmente que se opunham ao poder dos soviets e aos decretos sobre a Terra e sobre a Paz e ao Controle Operário.

“Em vista dessa reunião, resolve:

‘1. Expressar censura a todos os partidos que, sob a máscara de um acordo, na prática desejam anular as conquistas populares da Revolução de novembro.

‘2. Expressar a plena confiança no *Tsik* e no Conselho dos Comissários do Povo, e prometer-lhes total apoio.’

“Ao mesmo tempo, a reunião considera necessário que os camaradas Socialistas Revolucionários de Esquerda integrem o Governo do Povo.”

56. OS POGROMS DO VINHO

Descobriu-se, mais tarde, que havia uma organização regular, mantida pelo *Cadete*, criada para provocar tumultos entre os soldados. Mensagens de telefone para diferentes quartéis anunciavam que o vinho estava sendo distribuído em tais e tais endereços e que, quando os soldados chegavam ao local, um indivíduo indicava a localização de uma adega...

O Conselho dos Comissários do Povo nomeou um comissário para a Luta Contra a Embriaguez, que, além de combater impiedosamente os tumultos por causa do vinho, ordenou a destruição de centenas de milhares de garrafas de bebida. As adegas do Palácio de Inverno, com safras raras avaliadas em mais de 5 milhões de dólares, foram as primeiras a serem inundadas, e em seguida a bebida foi removida para Kronstadt e destruída.

Nessa tarefa, os marinheiros de Kronstadt, “a flor e o orgulho das forças revolucionárias”, como Trótski os chamou, se redimiram com uma autodisciplina ferrenha...

57. PORTARIA OBRIGATÓRIA

1. A cidade de Petrogrado é declarada em estado de sítio.

2. Todas as assembleias, reuniões e comícios nas ruas e nas praças estão proibidos.

3. Tentativas de saquear adegas, galpões, fábricas, lojas, residências etc. etc. serão coibidas *por metralhadoras, sem aviso prévio*.

4. Comitês de Moradia, porteiros, faxineiros e milícia estão incumbidos da tarefa de manter a ordem em todas as casas e nas ruas. Portas e portões devem permanecer trancados das 21 às 7 horas. Depois das 21 horas, apenas os ocupantes podem deixar a casa, sob o rígido controle dos Comitês de Moradia.

5. Os responsáveis pela distribuição, venda ou compra de qualquer tipo de bebida alcoólica e aqueles que violarem as seções 2 e 4 serão imediatamente presos e sujeitos à mais severa punição.

Petrogrado, 6 de dezembro, 3 horas da manhã.

*Comitê da Luta Contra os Pogroms,
vinculado ao Comitê Executivo dos
Sovietes de Deputados Operários e Soldados*

58. OS ESPECULADORES

Duas ordens referentes a eles:

*Conselho dos Comissários do Povo
Para o Comitê Militar Revolucionário*

A desorganização do abastecimento de alimentos criada pela guerra e a falta de um sistema tornou-se, em última instância, um problema agudo, por conta dos especuladores, saqueadores e seus comparsas nas estradas de ferro, nos escritórios dos navios a vapor, nos serviços de encomendas etc.

Aproveitando-se do maior infortúnio da nação, esses criminosos espoliadores, em seu próprio benefício, estão brincando com a saúde e a vida de milhões de soldados e trabalhadores.

Tal situação não pode ser tolerada por mais nem um único dia.

O Conselho dos Comissários do Povo propõe ao Comitê Militar Revolucionário que assuma medidas as mais firmes para a erradicação da especulação, da sabotagem, do ocultamento de suprimentos, da retenção fraudulenta de cargas etc.

Todos os culpados de tais ações serão sujeitos, por ordem especial do Comitê Militar Revolucionário, à prisão imediata e ao confinamento em prisões de Kronstadt, no aguardo de sua acusação perante o Tribunal Revolucionário.

Todas as organizações populares são convidadas a cooperar na luta contra o espoliadores de alimentos.

*Presidente do Conselho
das Comissões do Povo,
V. ULIÂNNOV (LÊNIN)*

Aprovado para a execução,

*Comitê Militar Revolucionário
anexado ao CEC [Comitê Executivo
Central] dos Sovietes de Deputados
O. [Operários] e S. [Soldados]*

Petrogrado, 23 novembro de 1917.

*

Para todos os cidadãos honestos

O Comitê Militar Revolucionário decreta:

Espoliadores, saqueadores e especuladores são declarados inimigos do povo...

O Comitê Militar Revolucionário pede a todas as organizações públicas, a todos os cidadãos honestos que informem o Comitê Militar Revolucionário imediatamente de todos os casos de roubo, pilhagem, especulação de que tiverem conhecimento.

A luta contra esse mal é tarefa de todas as pessoas honestas. O Comitê Militar Revolucionário espera o apoio de todos aqueles para quem são caros os interesses do povo.

O Comitê Militar Revolucionário será implacável na perseguição de especuladores e saqueadores.

O Comitê Militar Revolucionário

Petrogrado, 2 de dezembro de 1917.

59. CARTA DE PURISHKEVICH A KALIEDIN

A situação em Petrogrado é desesperadora. A cidade está isolada do resto do mundo, inteiramente sob o poder dos bolcheviques... Pessoas são detidas nas ruas, jogadas no rio Neva, afogadas e presas sem qualquer acusação. Mesmo Burtzev está trancafiado na Fortaleza de Pedro e Paulo, sob guarda rigorosa.

A organização por mim encabeçada trabalha sem descanso para unir todos os oficiais e o que resta das escolas de *yunkers*, e armá-los. A situação não pode ser salva a não ser pela criação de regimentos de oficiais e *yunkers*. Enfocando esses regimentos, e tendo conquistado um

primeiro sucesso, poderíamos até obter o apoio das tropas da guarnição, mas sem esse primeiro sucesso será impossível contar com um único soldado, porque milhares deles estão divididos e aterrorizados pela escória que existe em cada regimento. A maioria dos cossacos se deixa influenciar pela propaganda bolchevista, graças à estranha política do general Dutov, que deixou passar o momento em que, com uma ação decisiva, algo poderia ter sido obtido. A política de negociações e concessões tem produzido seus frutos; tudo aquilo que é respeitável é perseguido, e é a plebe e os criminosos que dominam — e nada resta a fazer senão metralhá-los e enforcá-los.

Aguardamo-lo aqui, general, e, após sua chegada, iremos avançar com todas as forças que temos à disposição. No entanto, para isso temos de estabelecer alguma comunicação com o senhor e, antes de mais nada, esclarecer os seguintes pontos:

1. Sabia que, em seu nome, todos os agentes que poderiam participar do combate estão sendo convidados a deixar Petrogrado, sob o pretexto de juntar-se ao senhor?

2. Quando podemos contar com sua chegada a Petrogrado? Gostaríamos de saber isso a fim de coordenar nossas ações.

Apesar de termos aqui a omissão criminosa de pessoas conscientes, o que permitiu que o jugo do bolchevismo caísse sobre nós — apesar da extraordinária teimosia da maioria dos oficiais, tão difíceis de organizar —, acreditamos, apesar de tudo isso, que a Verdade está do nosso lado e que dominaremos as forças viciosas e criminosas que dizem estar agindo em nome do amor à pátria e a fim de salvá-la. Aconteça o que acontecer, não podemos nos deixar abater, e permaneceremos firmes até o fim.

Purishkevich, depois de levado a julgamento perante o Tribunal Revolucionário, recebeu uma pena mínima de prisão...

60. O DECRETO SOBRE O MONOPÓLIO DA PUBLICIDADE

1. A impressão de anúncios, em jornais, livros, outdoors, quiosques, escritórios e outros estabelecimentos é declarada um monopólio do Estado.

2. Propagandas só podem ser publicadas nos órgãos do Governo Provisório dos Operários e Camponeses e nos órgãos dos sovietes locais.

3. Os proprietários dos jornais e dos escritórios de publicidade, bem como todos os empregados desses estabelecimentos, devem permanecer em seus cargos até a transferência dos negócios publicitários para o governo [...] supervisionar a continuidade do trabalho de seus estabelecimentos e entregar aos sovietes toda a publicidade privada e os respectivos montantes recebidos, bem como todas as contas e cópias.

4. Todos os gerentes de publicações e negócios concernentes à publicidade paga, bem como seus empregados e trabalhadores, devem concordar em realizar um Congresso da Cidade e juntar-se, em primeiro lugar, aos Sindicatos do Comércio da Cidade e, em seguida, aos Sindicatos Pan-Russos, organizar profundamente e de forma justa os negócios da publicidade nas publicações soviéticas, bem como preparar melhores regras para a utilidade pública da publicidade.

5. Todas as pessoas acusadas de ocultar documentos ou dinheiro, ou de terem sabotado os regulamentos indicados nos parágrafos 3 e 4, serão punidas com uma pena de até três anos, e todos os seus bens serão confiscados.

6. A inserção de anúncios pagos [...] em publicações privadas, ou sob a forma subliminar, também será severamente penalizada.

7. Escritórios de publicidade estão confiscados pelo governo; seus donos têm direito a indenização em caso de necessidade. Pequenos proprietários, depositantes e os titulares de ações dos estabelecimentos confiscados serão reembolsados por todos os fundos detidos que lhes disserem respeito.

8. Todos os edifícios, escritórios, balcões e todos os estabelecimentos em geral que estiverem fazendo negócios publicitários devem imediatamente informar seu endereço ao Soviete de Deputados Operários e Soldados e proceder à transferência de seus negócios, sob pena da punição indicada no parágrafo 5.

*Presidente do Conselho
dos Comissários do Povo,
V. ULIÂNNOV (LÊNIN)*

*Comissário do Povo
para a Instrução Pública,
A. V. LUNACHARSKI*

*Secretário do Conselho,
N. GORBUNOV*

61. DUAS PROCLAMAÇÕES

Lênin, ao Povo da Rússia:

Camaradas operários, soldados, camponeses, todos os trabalhadores!

A Revolução Operária e Camponesa é vitoriosa em Petrogrado, em Moscou [...] Do front e dos vilarejos chegam todos os dias, a cada hora, saudações ao novo governo [...] A vitória da Revolução [...] está assegurada, já que é sustentada pela maioria do povo.

É totalmente compreensível que os proprietários e os capitalistas, os empregados e funcionários intimamente ligados à burguesia, em suma, todos os ricos e aqueles que lhes dão as mãos encarem com hostilidade a nova Revolução, se oponham a seu sucesso, ameacem parar a atividade dos bancos e sabotar ou obstruir o trabalho dos outros estabelecimentos... Todo trabalhador consciente sabe perfeitamente que não podemos evitar essa hostilidade, porque os oficiais de alto escalão se colocam contra o povo e não desejam abandonar seus postos sem resistência. A maioria do povo está do nosso lado. Do nosso lado está a maioria dos operários e os oprimidos do mundo inteiro. Nós temos a justiça do nosso lado. Nossa vitória é certa.

A resistência dos capitalistas e oficiais de alto escalão será quebrada. Ninguém será privado de sua propriedade sem uma lei especial sobre a nacionalização dos bancos e sindicatos financeiros. Essa lei está sendo elaborada. Nenhum trabalhador perderá um único copeque; pelo contrário, o trabalhador será apoiado. Sem estabelecer novas taxas neste momento, o novo governo considera uma de suas funções elementares tornar severos a contabilidade e o controle sobre o recebimento dos impostos decretados pelo antigo regime...

Camaradas, operários! Lembrem-se de que são vocês próprios que dirigem o governo. Ninguém irá ajudá-los a menos que vocês se

organizem e tomem em suas próprias mãos os assuntos do Estado. Seus sovietes são agora os órgãos do poder público [...] Fortaleçam esses órgãos, estabeleçam um controle revolucionário severo, esmaguem impiedosamente as tentativas de anarquia por parte de bêbados, bandidos, *yunkers* contrarrevolucionários e kornilovistas.

Estabeleçam um rigoroso controle da produção e da contabilidade para os produtos. Prendam e entreguem ao Tribunal Revolucionário do Povo todos aqueles que ferirem a propriedade do povo, pela sabotagem da produção, por ocultar reservas de grãos e reservas de outros produtos, por retardar o carregamento de grãos, trazendo confusão para as ferrovias, os correios e os telégrafos, ou por se opor de modo geral à grande obra de trazer a Paz e transferir a Terra para os camponeses...

Camaradas, operários, soldados, camponeses — todos os que labutam!

Tomem imediatamente em suas mãos o poder local... Pouco a pouco, com o consentimento da maioria dos camponeses, vamos marchar firmemente e sem hesitação em direção à vitória do Socialismo, que irá fortalecer os principais representantes da classe trabalhadora dos países mais civilizados, dar aos povos uma paz duradoura e libertá-los da escravidão e da exploração.

62.

A todos os operários de Petrogrado!

Camaradas! A Revolução está vencendo — a revolução venceu. Todo o poder passou para os nossos sovietes. As primeiras semanas são as mais difíceis. A reação desorganizada deve finalmente ser pulverizada, um triunfo pleno sucederá como garantia a nossos esforços. A classe operária deve — precisa — manter A MAIOR FIRMEZA E A MAIOR RESISTÊNCIA nestes dias, a fim de facilitar a execução de todos os objetivos do novo Governo do Povo dos Sovietes. Nos próximos dias, serão emitidos decretos sobre a questão do trabalho e, entre os primeiros, o decreto quanto ao Controle Operário sobre a produção e a regulação da indústria.

GREVES E MANIFESTAÇÕES DAS MASSAS OPERÁRIAS EM PETROGRADO NESTE MOMENTO SÓ PODEM SER PREJUDICIAIS.

Pedimos que vocês encerrem imediatamente todas as greves econômicas e políticas, que retomem o trabalho, e o façam na mais perfeita ordem. O trabalho nas fábricas e nas indústrias é necessário para o novo Governo dos Sovietes porque qualquer interrupção desse trabalho apenas criará novas dificuldades para nós, e já as temos em quantidade suficiente. Todos aos seus postos.

A melhor forma de apoiar o novo Governo dos Sovietes estes dias é... fazendo seu trabalho.

VIVA A FIRMEZA FERRENHA DO PROLETARIADO! VIVA A REVOLUÇÃO!

*Soviete de Deputados Operários
e Soldados de Petrogrado*

*Conselho de Sindicatos de
Comércio de Petrogrado*

*Conselho de Comitês de Lojas
de Fábrica de Petrogrado*

63. APELOS E CONTRA-APELOS

*Dos Funcionários do Estado e dos Bancos Privados Para a População de
Petrogrado*

Camaradas, operários, soldados e cidadãos!

O Comitê Militar Revolucionário, em “nota extraordinária”, acusa os trabalhadores do Estado, dos bancos privados e de outras instituições de “impedir o trabalho do governo, orientado para garantir o front com provisões”.

Camaradas e cidadãos, não acreditem nessa calúnia contra nós, que somos parte do exército geral do trabalho.

Por mais difícil que seja trabalharmos sob a ameaça constante de atos de violência em nossa vida de trabalho duro, por mais deprimente que seja saber que nosso país e a Revolução estão à beira da ruína, no entanto, todos nós, do mais alto ao mais baixo funcionário, *artelshchiki*,

contadores, operários, mensageiros etc., continuamos a cumprir nossas tarefas que estão relacionadas à garantia de abastecimento de provisões e munições para o front e o país.

Contando com a falta de informação de vocês, camaradas, trabalhadores e soldados, em questões financeiras e bancárias, vocês estão sendo incitados a agir contra os trabalhadores iguais a vocês, porque é conveniente desviar a responsabilidade em relação aos irmãos-soldados moribundos e famintos no front das pessoas culpadas e jogar essa responsabilidade sobre os trabalhadores inocentes que estão cumprindo sua obrigação sob o fardo da pobreza e da desorganização geral.

LEMBREM-SE, OPERÁRIOS E SOLDADOS! OS FUNCIONÁRIOS TÊM SEMPRE DEFENDIDO A TODOS E SEMPRE DEFENDERÃO OS INTERESSES DO POVO QUE LABUTA, SENDO ELES TAMBÉM INTEGRANTES DESSA PARCELA, E NUNCA FOI DETIDO UM ÚNICO COPEQUE SEQUER QUE FOSSE NECESSÁRIO PARA O FRONT E PARA OS OPERÁRIOS.

Do dia 6 de novembro até o dia 23 de novembro, ou seja, durante dezessete dias, 500 milhões de rublos foram enviados para o front, e 120 milhões de rublos a Moscou, além das quantias enviadas para outras cidades.

Mantendo a guarda sobre a riqueza do povo, que só pode ser controlada pela Assembleia Constituinte, que representa a nação como um todo, os funcionários se recusam a dar dinheiro para fins por eles desconhecidos.

NÃO ACREDITEM NOS CALUNIADORES QUE APREGOAM QUE VOCÊS DEVEM TOMAR A LEI NAS SUAS PRÓPRIAS MÃOS!

*Conselho Central da União Pan-Russa
de Funcionários do Banco do Estado*

*Conselho Central do Sindicato Pan-Russo
de Trabalhadores das Instituições de Crédito*

*

À população de Petrogrado

CIDADÃOS: Não acreditem na mentira que as pessoas irresponsáveis estão tentando inculcar em vocês, ao espalhar terríveis calúnias contra os funcionários do Ministério de Abastecimento e contra trabalhadores em outras organizações de suprimentos que estão lutando nestes dias sombrios pela salvação da Rússia. Cidadãos! Em cartazes, vocês são conclamados a nos linchar, falsamente acusados que somos de sabotagem e greves, culpados por todas as aflições e infortúnios que as pessoas estão sofrendo, mesmo que tenhamos nos esforçado incansavelmente e sem cessar e ainda estejamos nos empenhando para salvar o povo russo dos horrores da fome. Apesar de tudo o que estamos suportando, como cidadãos de uma Rússia infeliz, não abandonaremos, por nem sequer uma hora, nosso trabalho árduo e responsável de abastecer com provisões o Exército e a população.

A imagem do Exército, passando frio e esfomeado, salvando nossa própria existência através de seu sangue e de torturas sofridas, não nos deixa por um único instante.

Cidadãos! Se temos sobrevivido aos dias mais sombrios da vida e da história de nosso povo, se temos conseguido impedir a fome em Petrogrado e dar, ao sôfrego exército, pão e provisões por meio de esforços enormes e quase que sobre-humanos, é porque nós honestamente continuamos e ainda continuaremos a fazer nosso trabalho...

À “última advertência” dos usurpadores do poder, nós respondemos: Não são vocês, que estão levando o país à ruína, que podem nos ameaçar, a nós que fazemos de tudo para impedir que o país venha a perecer. Não temos medo de ameaças: diante de nós está a sagrada imagem de uma Rússia torturada. Vamos continuar nosso trabalho de abastecer o Exército e o povo com pão até quando pudermos, e vocês não nos impedirão de cumprir nosso dever para com nosso país. Caso contrário, o Exército e o povo ficarão face a face com os horrores da fome, e a responsabilidade disso pertence aos perpetradores da violência.

*Comitê Executivo dos Empregados
do Ministério das Provisões*

*

Para os tchinovniki (oficiais do governo)

É aqui notificado que todos os oficiais e pessoas que desistiram do serviço no governo e em instituições públicas ou que tenham sido demitidos por sabotagem ou por terem falhado em se apresentar ao trabalho no dia afixado, e que, no entanto, receberam seus salários pagos com antecedência pelo tempo que não tenham servido, são obrigados a devolver os salários até no mais tardar dia 27 de novembro de 1917, para as instituições em que prestavam serviço.

Se isso não for efetivado, tais pessoas responderão pelo crime de roubo da propriedade do Tesouro e serão julgadas pelo Tribunal Militar Revolucionário.

Comitê Militar Revolucionário

7 de dezembro de 1917.

Para o Conselho Especial de Abastecimento

cidadãos!

As condições de nosso trabalho para o abastecimento de Petrogrado estão ficando a cada dia mais difíceis.

A interferência em nosso trabalho — que é tão desastrosa para nossas atividades — por parte de comissários do Comitê Militar Revolucionário ainda continua.

Esses ATOS ARBITRÁRIOS, a anulação de nossas ordens, PODEM LEVAR A UMA CATÁSTROFE.

Foram colocados lacres em um dos frigoríficos onde a carne e a manteiga destinadas à população são mantidas, e não podemos regular a temperatura PARA QUE OS PRODUTOS NÃO ESTRAGUEM.

Um carregamento de batatas e um carregamento de repolhos foram apreendidos e levados não se sabe para onde.

Cargas que não são passíveis de requisição (*khalva*) são requisitadas pelos comissários, e, como foi o caso um dia, cinco caixas de *khalva* foram apreendidas pelo comissário para seu próprio uso.

NÃO TEMOS ACESSO A NOSSOS ARMAZÉNS, pois comissários assim autodenominados não permitem que as cargas sejam retiradas e aterrorizam nossos funcionários, ameaçando-os com prisão.

TUDO O QUE ESTÁ ACONTECENDO EM PETROGRADO É CONHECIDO NAS PROVÍNCIAS, E DO DON, DA SIBÉRIA, DE VORONEZH E OUTROS LUGARES, PESSOAS ESTÃO SE RECUSANDO A MANDAR FARINHA E PÃO.

ISTO NÃO PODE CONTINUAR POR MUITO MAIS TEMPO.

O trabalho está praticamente fora de nossas mãos.

NOSSO DEVER é permitir que a população saiba disso.

Até a última possibilidade, vamos permanecer na guarda dos interesses da população.

FAREMOS TUDO PARA EVITAR A FOME IMINENTE, MAS, SE SOB ESTAS DIFÍCEIS CONDIÇÕES, NOSSO TRABALHO FOR COMPELIDO A PARAR, QUE O POVO SAIBA QUE NÃO É NOSSA CULPA...

64. ELEIÇÕES À ASSEMBLEIA CONSTITUINTE EM PETROGRADO

Havia dezenove candidatos em Petrogrado. Os resultados, publicados em 30 de novembro, são os seguintes:

Partido	Votos
Populistas Socialistas	19.109
<i>Cadete</i>	245.006
Democratas Cristãos	3.707
Bolcheviques	424.027
Socialista Internacionalista	158
Trabalhadores Judeus e Ucrânianos S.D e S.R	4.219
Da Liga dos Direitos da Mulher	5.310
Socialistas Revolucionários (<i>Oborontsi</i>)	4.696
Socialistas Revolucionários de Esquerda	152.230
Liga do Desenvolvimento do Povo	385
Radical-Democratas	413
Paróquias Ortodoxas	24.139
Liga Feminina de Salvação do País	318
Liga Independente dos Trabalhadores	4.942
Solados de Camponeses	
Democratas Cristãos (Católicos)	14.382

Social-Democratas Unificados	11.740
Mencheviques	17.427
Grupo <i>Yedinstvo</i>	1.823
Liga das Tropas dos Cossacos	6.712

65. DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO PÚBLICA LIGADA À DUMA CENTRAL DA CAPITAL

Camaradas, Trabalhadores e Trabalhadoras!

Poucos dias antes das férias, uma greve foi declarada pelos professores das escolas públicas. Os professores se aliaram à burguesia contra o Governo de Trabalhadores e Camponeses.

Camaradas, organizem comitês de pais e aprovem moções contra a greve dos professores. Proponham aos Sovietes Tutelares de Deputados Operários e Soldados, aos Sindicatos de Comércio, às Lojas de Fábrica e Comitês do Partido, que organizem reuniões de protesto. Adquiram com seus próprios recursos árvores de Natal e entretenimentos para as crianças, e exijam a abertura das escolas, após as férias, na data que será fixada pela Duma.

Camaradas, fortaleçam sua posição em assuntos de educação pública, insistam no controle das organizações do proletariado sobre as escolas.

*Comissão de Instrução Pública
anexa à Duma Central da Cidade*

66. DO CONSELHO DOS COMISSÁRIOS DO POVO AOS COSSACOS TRABALHADORES

Irmãos cossacos

Vocês estão sendo enganados. Vocês estão sendo incitados contra o Povo. Dizem a vocês que os Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses são seus inimigos, e que querem tirar sua terra e sua liberdade de cossacos. Não acreditem, cossacos... Seus próprios generais e os latifundiários estão a enganá-los, a fim de mantê-los na escuridão e na escravidão. Nós, do Conselho dos Comissários do Povo, nos dirigimos a vocês, cossacos, com estas palavras. Leiam-nas atentamente e julguem o

que é a verdade e o que é mentira cruel. A vida e o serviço de um cossaco sempre foram marcados pela escravidão e pela servidão. À primeira chamada das autoridades, um cossaco sempre teve de selar seu cavalo e cavalgar rumo a uma nova campanha. Um cossaco sempre teve de providenciar todo o seu equipamento militar com seus próprios fundos adquiridos a duras penas. Quando um cossaco está a serviço, sua fazenda sofre a mais completa ruína. É justa essa condição? Não, ela deve ser transformada para sempre. OS COSSACOS DEVEM SE LIBERTAR DA SERVIDÃO. O novo poder popular soviético está disposto a auxiliar os cossacos trabalhadores. É necessário apenas que os próprios cossacos resolvam abolir a velha ordem e que recusem submissão aos oficiais, latifundiários e ricos escravagistas, que atirem para longe o jugo maldito de seus pescoços. Ergam-se, cossacos! Unam-se! O Conselho dos Comissários do Povo lhes pede que adentrem uma vida nova, diferente e mais feliz.

Em novembro e dezembro, em Petrogrado, houve os Congressos Pan-Russos dos Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses. Esses congressos conferiram toda a autoridade aos diversos soviets locais, ou seja, às mãos de homens eleitos pelo povo. De agora em diante, não deve haver na Rússia governantes ou funcionários que comandem o Povo de cima para baixo. O próprio Povo cria sua autoridade. Um general não tem mais direitos que um soldado. Todos são iguais. Os cossacos acham isso certo ou errado? Estamos chamando vocês, cossacos, a se juntarem a esta nova ordem e a criar seus próprios Sovietes dos Deputados Cossacos. Todos o poder, nas diversas localidades, deve pertencer a esses soviets. O poder não deve estar na mão de hetmãs com a patente de general, mas na mão dos representantes eleitos dos cossacos que trabalham, ou seja, de seus homens de confiança.

Os Congressos Pan-Russos dos Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses aprovaram uma resolução que transfere toda a terra dos latifundiários para as mãos do povo trabalhador. Isso não é justo, cossacos? Os Kornilovs, Kaledins, Dutovs, Karaulovs, Bardizhes, todos defendem, com toda a sua alma, os interesses dos homens ricos, e eles estão dispostos a mergulhar a Rússia em sangue, apenas para que as terras permaneçam nas mãos dos latifundiários. Mas vocês, os cossacos

que labutam, não sofrem com a miséria, opressão e falta de terra? Existem quantos cossacos com mais de quatro ou cinco *dessiatins per capita*? Mas os proprietários, que têm milhares de *dessiatins* de sua própria terra, desejam também as terras do Exército cossaco. Segundo a nova legislação soviética, as terras de latifundiários cossacos devem passar sem indenizações para as mãos dos trabalhadores cossacos, os cossacos mais pobres. Estão dizendo a vocês que os sovietses querem tirar suas terras. Quem está assustando vocês? Os cossacos ricos, que sabem que a autoridade soviética quer transferir as terras dos latifundiários para vocês. Cossacos, escolham quem vocês irão defender: os Kornilovs e Kaledins, os generais e os homens ricos, ou os Sovietes de Deputados de Soldados, Camponeses, Operários e Cossacos.

O CONSELHO DE COMISSÁRIOS DO POVO eleito pelo Congresso Pan-Russo PROPÔS A TODAS AS NAÇÕES UM ARMISTÍCIO IMEDIATO E UMA PAZ HONORÁVEL E DEMOCRÁTICA, SEM PERDA E QUE NÃO SEJA EM DETRIMENTO DE NENHUMA NAÇÃO. Todos os capitalistas, latifundiários, os generais kornilovistas levantaram-se contra a política pacífica dos sovietses. A guerra estava trazendo lucros, poder e distinções. E para você, cossaco? Você está perecendo sem razão, sem propósito, como seus irmãos soldados e marinheiros. Em breve, esta guerra maldita completará três anos e meio; uma guerra planejada pelos capitalistas e latifundiários de todos os países para seu próprio benefício e para seus roubos internacionais. Para os cossacos que trabalham, a guerra só trouxe ruína e morte. A guerra tem drenado todos os recursos da vida do fazendeiro cossaco. A única salvação para todo o nosso país, e para os cossacos em particular, é uma paz imediata e justa. O Conselho dos Comissários do Povo declarou a todos os governos e povos: Nós não queremos a propriedade de outras pessoas, nós não queremos entregar a nossa. Paz sem anexações e sem indenizações. Cada nação deve decidir seu próprio destino. Não deve haver opressão de uma nação pela outra. Essa é a paz justa e democrática que o Conselho dos Comissários do Povo está propondo a todos os governos, a todos os povos, aliados e inimigos. E os resultados são visíveis: NO FRONT RUSSO UM ARMISTÍCIO FOI CONCLUÍDO.

O sangue dos soldados e dos cossacos não é mais derramado. Agora, cossacos, decidam: vocês querem continuar com esta carnificina criminoso e disparatada? Aqueles que apoiam o *Cadete*, os inimigos do povo, apoiam Tchernov, Tseretelly, Skobeliev, que levaram vocês para a ofensiva de 1º de julho; apoiam Kornilov, que introduziu a pena de morte para os soldados e cossacos no front. MAS, SE VOCÊ DESEJA UMA PAZ IMEDIATA E JUSTA, ENTÃO ENTRE NAS FILEIRAS DOS SOVIETES E APOIE O CONSELHO DOS COMISSÁRIOS DO POVO.

O destino de vocês, cossacos, está em suas próprias mãos. Nossos inimigos comuns, os latifundiários, os capitalistas, os oficiais kornilovistas, os jornais burgueses estão enganando vocês e os encaminhando para a ruína. Em Orenburg, Dutov prendeu os soviets e desarmou a guarnição. Kaledin está ameaçando os soviets na província do Don. Ele declarou que a província se encontra em estado de guerra e está reunindo suas tropas. Karaulov está atirando nas tribos locais na região do Cáucaso. A burguesia *Cadete* está abastecendo-o com seus milhões. O objetivo comum é suprimir os Soviets do Povo, para esmagar os operários e camponeses, reintroduzir no Exército a disciplina do chicote, eternizando a escravidão dos cossacos que trabalham.

Nossas tropas revolucionárias estão se movendo para o Don e os montes Urais, com o objetivo de acabar com essa revolta criminoso contra o povo. Os comandantes das tropas revolucionárias têm recebido ordens para não entrar em nenhuma negociação com os generais amotinados, a agir com determinação e sem piedade.

Cossacos! O derramamento do sangue de seus irmãos depende agora de vocês. Estamos estendendo nossas mãos. Juntem-se a todo o povo contra seus inimigos. Declarem Kaledin, Kornilov, Dutov, Karaulov e todos os seus cúmplices e ajudantes como inimigos do povo, traidores. Prendam-os com suas próprias forças e os entreguem nas mãos das autoridades soviéticas, que iremos julgá-los no Tribunal Revolucionário aberto e público. Cossacos! Formem Soviets de Deputados Cossacos. Tomem em suas mãos calejadas a gestão de todos os assuntos dos cossacos. Tomem as terras de seus ricos latifundiários. Tomem posse de seus grãos, de seus bens inventariados e de seus rebanhos, para o cultivo das terras pelos cossacos trabalhadores, arruinados pela guerra.

Avante, cossacos, à luta pela causa comum do povo!
Longa vida aos cossacos trabalhadores!
Longa vida à união dos cossacos, soldados, camponeses e operários!
Longa vida ao poder dos Sovietes de Deputados Cossacos, Soldados,
Operários e Camponeses.
Abaixo a guerra! Abaixo os latifundiários e os generais kornilovistas!
Viva a Paz e a Fraternidade dos Povos!

Conselho dos Comissários do Povo

67. CORRESPONDÊNCIA DIPLOMÁTICA DO GOVERNO SOVIÉTICO

Os comunicados emitidos por Trótski para os Aliados e as potências neutras, assim como o comunicado dos adidos militares aliados ao general Dukhonin, são demasiadamente volumosos para tratarmos aqui. Além disso, pertencem à outra fase da história da República Soviética, com a qual este livro nada tem a ver — as relações externas do governo soviético. Trato extensivamente disso em meu próximo livro, *De Kornilov a Brest-Litovsk*.

68. APELOS AO FRONT CONTRA DUKHONIN

A luta pela paz encontrou a resistência da burguesia e dos generais contrarrevolucionários... Segundo os relatos dos jornais, no quartel-general do ex-comandante supremo Dukhonin estão se reunindo os agentes e os aliados da burguesia, Verkhovski, Avksentiev, Tchernov, Gotz, Tseretelly etc. Parece até que querem formar uma nova força contra o soviets.

Camaradas, soldados! Todas as pessoas que mencionamos já foram ministros. Elas agiram de acordo com Kerenski e a burguesia. São responsáveis pela ofensiva de 1º de julho e pelo prolongamento da guerra. Prometeram terra aos camponeses e, em seguida, sabotaram os Comitês Agrários. Restabeleceram a pena de morte para os soldados. Obedecem a ordens dos franceses, ingleses e financistas norte-americanos...

O general Dukhonin, por ter se recusado a obedecer às ordens do Conselho de Comissários do Povo, foi demitido do cargo de comandante supremo... Em reação a isso, ele está fazendo circular entre as tropas a

nota dos adidos militares das Potências Aliadas Imperialistas, tentando incitar uma contrarrevolução...

Não obedecam a Dukhonin! Não deem atenção a suas provocações! Observem-no, bem como a seu grupo de generais contrarrevolucionários, com todo cuidado...

69. DE KRYLENKO

Ordem nº 2

O ex-comandante supremo, general Dukhonin, por ter apresentado resistência à execução de ordens, por ação criminosa suscetível de provocar uma nova guerra civil, é declarado inimigo do Povo. Todas as pessoas que apoiam Dukhonin serão presas, independentemente de sua posição política, social ou de seu passado. Pessoas munidas de um mandado especial executarão essas detenções. Encarrego o general Manikhovski da execução das disposições acima referidas...

12. O CONGRESSO CAMPONÊS

70. INSTRUÇÃO AOS CAMPONESES

Em resposta aos numerosos apelos dos camponeses, explica-se por esta via que o poder do país, a partir de agora, se encontra em posse dos Sovietes dos Deputados Operários, Soldados e Camponeses. A Revolução dos Operários, após a conquista em Petrogrado e em Moscou, propaga-se agora a outros centros da Rússia. O Governo dos Operários e Camponeses protege os interesses das massas e dos operários contra os latifundiários e contra os capitalistas.

Assim, os Sovietes de Deputados Camponeses e, acima de todos, os soviets distritais, e, subsequentemente, os das províncias são, a partir de agora e até que a Assembleia Constituinte se reúna, órgãos de Estado com autoridade plena em suas localidades. Todos os títulos de proprietários de terra foram cancelados pelo II Congresso Pan-Russo dos Sovietes. Um decreto sobre a questão agrária foi emitido pelo atual Governo Provisório dos Operários e Camponeses. Com base no decreto acima, toda a terra até

então pertencente a latifundiários passará completa e totalmente para as mãos dos Sovietes de Deputados Camponeses. Os Comitês Agrários dos *Volost* (um grupo de várias aldeias constitui um *volost*) devem assumir de imediato toda a terra dos respectivos latifundiários, bem como manter um rigoroso zelo sobre ela, observando que a ordem e a proteção sejam mantidas, tendo em vista que a partir de agora todas as propriedades privadas tornam-se públicas e devem ser protegidas pelo próprio povo.

Todas as ordens emitidas pelos Comitês Agrários dos *Volost*, aprovadas com parecer favorável do Soviete Distrital de Deputados Camponeses, no cumprimento dos decretos emitidos pelo poder revolucionário, são absolutamente legais, devem ser irrefutáveis e imediatamente postas em execução.

O Governo dos Operários e Camponeses, designado pelo II Congresso Pan-Russo dos Sovietes, foi nomeado como Conselho dos Comissários do Povo.

O Conselho dos Comissários do Povo convoca os camponeses a conquistarem o pleno poder em cada localidade.

Os trabalhadores apoiam absoluta e inteiramente os camponeses, e assim organizarão tudo o que seja relacionado a máquinas e ferramentas, e em troca solicitarão que os camponeses ajudem com o transporte de grãos.

*Presidente do Conselho
dos Comissários do Povo,
V. ULIÂNNOV (LÊNIN)*

Petrogrado, 18 de novembro de 1917.

71. O Congresso de Sovietes Camponeses reuniu-se cerca de uma semana depois, e essa reunião durou várias semanas. Sua história é apenas uma versão ampliada da história da “Conferência Extraordinária”. No início, a grande maioria dos delegados era hostil ao governo soviético, apoiando, portanto, a ala hostil. Vários dias depois, a assembleia estava apoiando os moderados, com Tchernov. Após mais alguns dias, a grande maioria do Congresso estava votando a favor da facção de Maria Spiridonova e enviando seus representantes para o *Tsik*, no Smolny... A ala direita retirou-se do Congresso

convocando um congresso próprio, que, apesar de ter se reunido, foi se esvaziando, cada dia mais, até se dissolver por completo...

Cronologia

Revolução Russa: cronologia dos acontecimentos de 1917

(As datas da primeira coluna estão de acordo com o antigo calendário russo; na segunda coluna, segue-se o novo calendário.)

22-26 FEV | 7-11 MAR

Greves e manifestações em Petrogrado.

27 FEV | 12 MAR

Queda do regime tsarista em Petrogrado; forma-se o Comitê de Estado da Duma; forma-se o Soviete de Deputados Operários de Petrogrado.

1º MAR | 14 MAR

O soviete de Petrogrado emite o Decreto Número 1. Primeiro Governo Provisório com o príncipe Lvov. Nicolau II abdica do trono em favor de seu irmão Michael.

3 MAR | 16 MAR

Michael abdica do trono.

14 MAR | 27 MAR

O Soviete de Petrogrado divulga manifesto pelo fim da guerra.

3 ABR | 16 ABR

Lênin chega a Petrogrado.

7 ABR | 20 ABR

Lênin publica as “Teses de Abril”.

18 ABR | 1º MAIO

Miliukov, ministro das Relações Exteriores do Governo Provisório, divulga comunicado reafirmando a lealdade da Rússia a seus aliados e seu compromisso de não estabelecer uma paz em separado.

20-22 ABR | 3-5 MAIO

Manifestações de protesto contra o comunicado de Miliukov.

27 ABR | 10 MAIO

O príncipe Lvov convida representantes do Soviete de Petrogrado a participar do Governo Provisório.

2 MAIO | 15 MAIO

Anunciam-se oficialmente as renúncias de Miliukov e de Gucov, ministro da Guerra.

4 MAIO | 17 MAIO

Trótski chega à Rússia.

5 MAIO | 18 MAIO

Forma-se o Governo Provisório de Coalizão, encabeçado pelo príncipe Lvov; alguns mencheviques e socialistas revolucionários o integram; Kerenski é ministro da Guerra.

3-24 JUN | 16 JUN-7 JUL

I Congresso dos Sovietes.

18 JUN | 1º JUL

Iniciada ofensiva na guerra, sob ordens de Kerenski; manifestações em Petrogrado; as palavras de ordem bolcheviques predominam.

2 JUL | 15 JUL

Os Democratas Constitucionais (*Cadete*) deixam o Governo Provisório de Coalizão.

3-5 JUL | 16-18 JUL

Manifestações em Petrogrado, reforçadas em 4 de julho (17 de julho no novo calendário) pelo Comitê Central bolchevique; reprimidas em 5 de julho (18 de julho) com auxílio de tropas. Adotam-se medidas contra os bolcheviques: Lênin, Zinoviev e outros se escondem.

8 JUL | 21 JUL

Kerenski se torna primeiro-ministro.

19 JUL | 1º AGO

Kerenski designa o general Kornilov como comandante em chefe.

24 JUL | 6 AGO

Segundo Governo Provisório de Coalizão, encabeçado por Kerenski; inclui os Democratas Constitucionais (*Cadete*). Trótski e Lunatcharski são presos.

26 JUL-3 AGO | 8-16 AGO

VI Congresso do Partido Bolchevique.

O grupo de Trótski adere ao Partido Bolchevique.

12-14 AGO | 25-27 AGO

O Governo Provisório convoca Conferência de Estado em Moscou.

25 AGO | 7 SET

O general Kornilov começa a deslocar tropas para avançar sobre Petrogrado.

28 AGO | 10 SET

Fracassa a ação de Kornilov.

31 AGO | 13 SET

O Soviete de Petrogrado aprova resolução dos bolcheviques.

1º SET | 14 SET

Kerenski organiza o Diretório, substituindo temporariamente o gabinete.

4 SET | 17 SET

Kerenski ordena a dissolução dos comitês formados para enfrentar Kornilov.

Trótski sai da prisão.

6 SET | 19 SET

O Soviete de Moscou conhece pela primeira vez uma votação em que os bolcheviques são majoritários.

23 SET | 6 OUT

Trótski é eleito presidente do Soviete de Petrogrado.

25 SET | 8 OUT

Novo Governo Provisório de Coalizão.

7 OUT | 20 OUT

Reúne-se o Pré-Parlamento.

10 OUT | 23 OUT

O Comitê Central bolchevique, na presença de Lênin, decide organizar a insurreição armada. Kamenev e Zinoviev votam contra.

12 OUT | 25 OUT

O Soviete de Petrogrado forma o Comitê Militar Revolucionário.

24 OUT | 6 NOV

Os bolcheviques concluem os preparativos para a insurreição. O Governo Provisório se mobiliza; lacra a imprensa dos bolcheviques. Lênin chega ao Instituto Smolny.

25 OUT | 7 NOV

Começa o II Congresso dos Sovietes, com maioria bolchevique. Kerenski deixa Petrogrado para organizar a resistência. Cai o Governo Provisório em Petrogrado.

26 OUT | 8 NOV

O governo soviético prepara os Decretos sobre a Paz e sobre a Terra.

Outras leituras

Eu vi um mundo novo nascer, de John Reed (Boitempo, 2001).

A guerra dos Bálcãs, de John Reed (Conrad, 2002).

México insurgente, de John Reed (Boitempo, 2010).

Rumo à estação Finlândia [bolso], de Edmund Wilson (Companhia das Letras, 2006).



DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO

JOHN SILAS REED nasceu em Portland, no estado de Oregon (Estados Unidos), em 22 de outubro de 1887. Ingressa no jornalismo depois de se formar na Universidade de Harvard e torna-se o mais bem pago jornalista da imprensa americana. Em 1913, engaja-se no movimento trabalhista ajudando na organização da greve dos trabalhadores têxteis de Paterson, no estado de Nova Jersey. Nesse ano, é enviado pela revista *Metropolitan* e pelo jornal *New York World* para cobrir a revolução mexicana. Dessa cobertura surge um dos livros clássicos do jornalismo, *México insurgente*, publicado em 1914. “Jack” Reed, durante a Primeira Guerra Mundial, viaja como correspondente ao Leste Europeu (os relatos estão no livro *Guerra dos Bálcãs*) e, em setembro de 1917, está no epicentro da Revolução Russa, em Petrogrado, cobrindo os acontecimentos. O relato desses fatos decisivos para a história da humanidade aparecem no seu livro mais importante, *Dez dias que abalaram o mundo*, publicado em 1919. Nesse ano, ele ajuda a fundar o Partido Comunista Operário americano, como dissidência do Partido Socialista. John Reed retorna à Rússia, onde contrai tifo e morre em 19 de outubro de 1920. Foi velado como herói na Praça Vermelha, e uma placa em sua homenagem foi colocada nos muros do Kremlin. O cineasta russo Sergei Eisenstein (1898-1948) realizou dois clássicos do cinema baseados nas obras de Reed: *Outubro* (1927) e *Que viva México!* (1931). Em 1981, Warren Beatty lançou *Reds*, uma biografia-romance da relação de John Reed com Louise Bryant.

BERNARDO AJZENBERG nasceu em São Paulo, em 1959. É escritor, tradutor e jornalista. Como ficcionista, publicou os romances *Olhos secos* (Rocco, 2009), *Variações Goldman* (Rocco, 1998) e *Goldstein & Camargo* (Imago, 1994), entre outros. Recebeu em 2003 o prêmio de Ficção do Ano da Academia Brasileira de

Letras pelo romance *A gaiola de Faraday* (Rocco, 2002). O volume de contos *Homens com mulheres* (Rocco, 2005) foi finalista do prêmio Jabuti.

Formado em Jornalismo pela Fundação Cásper Líbero em 1983, trabalhou em publicações como *Veja*, *Gazeta Mercantil* e *Folha de S.Paulo*. Foi ombudsman da *Folha*, entre 2001 e 2004, e coordenador executivo do Instituto Moreira Salles de 2004 a 2008. É proprietário do Sebo Avalovara, em São Paulo.

Autodidata, começou a traduzir de maneira informal na década de 1990 e intensificou esse trabalho, profissionalmente, a partir de 2004. Traduz do francês, do espanhol e do inglês, línguas que aprendeu na escola, em leituras intensivas e nas constantes viagens, com permanências prolongadas no exterior.

Seu primeiro livro traduzido saiu em 1995: *Diários completos do capitão Dreyfus* (Imago), volume organizado pelo jornalista Alberto Dines. Desde então traduziu mais de trinta livros. Entre os títulos que verteu para o português destacam-se *O ventre da baleia* (Francis, 2006), de Javier Cercas, *O ditador e a rede* (Rocco, 2005), de Daniel Pennac, e *O despenhadeiro* (Alfaguara, 2008), de Fernando Vallejo. Para a Companhia das Letras, traduziu *A vida conjugal* (2008), de Sérgio Pitol, *Estrela distante* (2009), de Roberto Bolaño, e *Purgatório* (2009), de Tomás Eloy Martínez, pelo qual recebeu o prêmio Jabuti de Tradução de Obra Literária Espanhol-Português de 2010.

ALAN JOHN PERCIVALE TAYLOR (1906-90), autor de cerca de trinta de livros, foi um dos mais populares e influentes historiadores britânicos do século XX. Além da destacada produção acadêmica, foi colaborador assíduo de jornais e, não raro, era visto na televisão. Taylor teve uma pequena passagem pelo Partido Comunista da Grã-Bretanha entre 1924 e 1926, mas foi pelo resto da vida um apoiador do Partido Trabalhista. Visitou a União Soviética em 1925 e 1934 e, embora fosse anti-stalinista, defendeu alguns pontos da política externa da URSS. Entre 1930 e 1938, Taylor lecionou História Moderna na Universidade de Manchester, indo depois para Oxford, onde ficou até 1964; suas aulas eram tão prestigiadas que ele as iniciava mais cedo, para evitar que as salas ficassem superlotadas. Entre seus livros estão os clássicos *As origens da Segunda Guerra Mundial*, *Bismarck: o homem e o estadista*, *Ensaio sobre a história da Inglaterra* e *A dinastia dos Habsburgos (1809-1918)*. Em seu obituário, o jornal *The Times* disse que A. J. P. Taylor era provavelmente o mais controverso e o mais conhecido historiador do mundo da língua inglesa.

Copyright da introdução © 1977 by A. J. P. Taylor
Copyright da cronologia © 1966 by Penguin Group
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.
Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Ten Days that Shook the World

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA

Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO

Eliane de Abreu Santoro

REVISÃO

Carmen S. da Costa

Ana Maria Barbosa

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br